



# *O Evangelho* **Redivivo**

 **LIVRO VI** 

**ESTUDO INTERPRETATIVO DE  
ATOS DOS APOSTOLOS**



# O EVANGELHO **REDIVIVO**

LIVRO VI  
ESTUDO INTERPRETATIVO DOS  
ATOS DOS APÓSTOLOS

Organização-Coordenação  
Marta Antunes Moura

# O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO VI  
ESTUDO INTERPRETATIVO DOS  
ATOS DOS APÓSTOLOS



Copyright © 2024 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB  
1ª edição – 2ª impressão – 1 mil exemplares – 1/2025

ISBN 978-65-5570-641-3

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB  
SGAN 603 – Conjunto F – Avenida L2 Norte  
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil  
www.febeditora.com.br  
editorial@febnet.org.br  
+55 61 2101 6161

Pedidos de livros à FEB  
Comercial  
Tel.: (61) 2101 6161 – comercial@febnet.org.br

Adquirindo esta obra, você está colaborando com as ações de assistência e promoção social da FEB e com o Movimento Espírita na divulgação do Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

---

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

O evangelho redivivo: estudo interpretativo de Atos dos Apóstolos / organização de Marta Antunes de Oliveira de Moura. – 1. ed. – 2. imp. – Brasília: FEB, 2025.

V. 6; 504 p.; 25cm

Inclui referências

ISBN 978-65-5570-641-3

1. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9  
CDU 133.7  
CDE 60.07.01

---

# SUMÁRIO

|                     |    |
|---------------------|----|
| Agradecimentos..... | 9  |
| Para o alvo .....   | 10 |

## LIVRO VI

### **Estudo Interpretativo dos Atos dos Apóstolos ..... 13**

|                                                                                                   |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| TEMA 1 – OS ATOS DOS APÓSTOLOS (1 A 28): CONSIDERAÇÕES GERAIS.<br>ROTEIRO DE ESTUDO .....         | 14 |
| TEMA 2 – PRÓLOGO. A ASCENSÃO. O GRUPO DOS APÓSTOLOS.<br>SUBSTITUIÇÃO DE JUDAS (AT 1:1 A 26) ..... | 24 |

## PARTE I

### **A Igreja de Jerusalém ..... 39**

|                                                                                                                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| TEMA 3 – PENTECOSTES. DISCURSO DE PEDRO À MULTIDÃO (AT 2:1 A 36) ...                                                                                             | 40 |
| TEMA 4 – PRIMEIRAS CONVERSÕES. A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ<br>(AT 2:37 a 47) .....                                                                              | 52 |
| TEMA 5 – CURA DE UM ALEIJADO. DISCURSO DE PEDRO AO POVO<br>(AT 3:1 A 26) .....                                                                                   | 63 |
| TEMA 6 – PEDRO E JOÃO DIANTE DO SINÉDRIO. ORAÇÃO DOS<br>APÓSTOLOS NA PERSEGUIÇÃO. A PRIMEIRA COMUNIDADE<br>CRISTÃ. A GENEROSIDADE DE BARNABÉ (AT 4:1 a 37) ..... | 73 |
| TEMA 7 – A FRAUDE DE ANANIAS E DE SAFIRA. QUADRO DE CONJUNTO.<br>PRISÃO E LIBERTAÇÃO MIRACULOSA DOS APÓSTOLOS<br>(AT 5:1 a 21) .....                             | 84 |
| TEMA 8 – COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO. INTERVENÇÃO DE<br>GAMALIEL (AT 5:21 a 42) .....                                                                      | 97 |

## PARTE II

### **As primeiras missões..... 107**

|                                                                                            |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 9 – INSTITUIÇÃO DOS SETE. PRISÃO DE ESTÊVÃO (AT 6:1 a 15) .....                       | 108 |
| TEMA 10 – DISCURSO DE ESTÊVÃO – 1ª PARTE (AT 7:1 a 34) .....                               | 123 |
| TEMA 11 – DISCURSO DE ESTÊVÃO – 2ª PARTE. APEDREJAMENTO DE<br>ESTÊVÃO (AT 7:35 a 60) ..... | 135 |
| TEMA 12 – SAULO PERSEGUIDOR – 1ª PARTE (AT 8:1 A 3) .....                                  | 147 |
| TEMA 13 – SAULO PERSEGUIDOR – 2ª PARTE. FILIPE NA SAMARIA (AT 8:4 a 8) ....                | 156 |
| TEMA 14 – SIMÃO, O MAGO. FILIPE BATIZA UM EUNUCO (AT 8:9 A 40) .....                       | 168 |

|                                                                                                                                                                                       |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 15 – REVOLTA DE SAULO CONTRA O CRISTO. VOCAÇÃO DE SAULO. PREGAÇÃO DE SAULO EM DAMASCO (AT 9:1 a 25).....                                                                         | 181 |
| TEMA 16 – SAULO DE TARSO, O CRISTÃO. VISITA DE SAULO A JERUSALÉM. PERÍODO DE TRANQUILIDADE. PEDRO CURA UM PARALÍTICO EM LIDA. PEDRO RESSUSCITA UMA MULHER EM JOPE (AT 9:26 a 43)..... | 194 |
| TEMA 17 – PEDRO VAI À CASA DE UM CENTURIÃO ROMANO. DISCURSO DE PEDRO EM CASA DE CORNÉLIO. BATISMO DOS PRIMEIROS GENTIOS (AT 10:1 a 48).....                                           | 204 |
| TEMA 18 – EM JERUSALÉM, PEDRO JUSTIFICA A SUA CONDUTA. FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ANTIOQUIA. BARNABÉ E SAULO ENVIADOS A JERUSALÉM (AT 11:1 a 30).....                                      | 214 |
| TEMA 19 – PRISÃO DE PEDRO E SUA LIBERTAÇÃO MIRACULOSA. A MORTE DO PERSEGUIDOR. BARNABÉ E SAULO VOLTAM A ANTIOQUIA (AT 12:1 A 25).....                                                 | 225 |

### PARTE III

#### **Missão de Barnabé e de Paulo. O Concílio de Jerusalém..... 237**

|                                                                                                                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 20 – O ENVIO EM MISSÃO. EM CHIPRE – O MAGO ELIMAS. EM PAFOS, SAULO SE TRANSFORMA EM PAULO. CHEGADA A ANTIOQUIA DE PSÍDIA (AT 13:1 A 16) .....                   | 238 |
| TEMA 21 – PREGAÇÃO DE PAULO DIANTE DOS JUDEUS. PAULO E BARNABÉ DIRIGEM-SE AOS GENTIOS (AT 13:16 A 52).....                                                           | 252 |
| TEMA 22 – EVANGELIZAÇÃO EM ICÔNIO. CURA DE UM ALEIJADO. FIM DA MISSÃO (AT 14:1 A 28) .....                                                                           | 261 |
| TEMA 23 – CONTROVÉRSIA EM ANTIOQUIA. CONTROVÉRSIA EM JERUSALÉM. DISCURSO DE PEDRO. DISCURSO DE TIAGO (AT 15:1 A 21) .....                                            | 277 |
| TEMA 24 – A CARTA APOSTÓLICA. A DELEGAÇÃO A ANTIOQUIA. PAULO SEPARA-SE DE BARNABÉ E ESCOLHE SILAS. NA LICAÔNIA PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 1ª PARTE (AT 15:22 A 41)..... | 287 |

### PARTE IV

#### **As missões de Paulo..... 295**

|                                                                                                                                                          |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 25 – NA LICAÔNIA, PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 2ª PARTE. TRAVESSIA DA ÁSIA MENOR. CHEGADA A FILIPOS (AT 16:1 A 15).....                                  | 296 |
| TEMA 26 – PRISÃO DE PAULO E SILAS. LIBERTAÇÃO MARAVILHOSA DOS MISSIONÁRIOS (AT 16:16 A 40) .....                                                         | 310 |
| TEMA 27 – EM TESSALÔNICA – DIFICULDADES COM OS JUDEUS. NOVAS DIFICULDADES EM BEREIA. PAULO EM ATENAS. DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO (AT 17:1 A 34) ..... | 320 |

|                                                                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 28 – FUNDAÇÃO DA IGREJA DE CORINTO. PAULO ENTREGUE À JUSTIÇA PELOS JUDEUS. VOLTA A ANTIOQUIA E PARTIDA PARA A TERCEIRA VIAGEM. APOLO (AT 18:1 A 28)..... | 332 |
| TEMA 29 – DISCÍPULOS DE JESUS EM ÉFESO. FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ÉFESO. OS EXORCISTAS JUDEUS (AT 19:1 A 20).....                                                 | 346 |
| TEMA 30 – PROJETOS DE PAULO. EM ÉFESO – O MOTIM DOS OURIVES (AT 19:21 A 40) .....                                                                             | 356 |

## PARTE V

### **Fim das missões: o prisioneiro do Cristo..... 365**

|                                                                                                                                                                                                                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| TEMA 31 – PAULO DEIXA ÉFESO. EM TRÔADE, PAULO RESSUSCITA UM MORTO. DE TRÔADE A MILETO. ADEUS AOS ANCIÃOS DE ÉFESO (AT 20:1 A 38) .....                                                                                                                                  | 366 |
| TEMA 32 – SUBIDA A JERUSALÉM. CHEGADA DE PAULO A JERUSALÉM. PRISÃO DE PAULO (AT 21:1 A 40).....                                                                                                                                                                         | 378 |
| TEMA 33 – DISCURSO DE PAULO AOS JUDEUS DE JERUSALÉM. PAULO, CIDADÃO ROMANO. COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 1ª PARTE (AT 22:1 A 30).....                                                                                                                            | 393 |
| TEMA 34 – COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 2ª PARTE. CONJURAÇÃO DOS JUDEUS CONTRA PAULO. TRANSFERÊNCIA DE PAULO PARA CESAREIA (AT 23:1 A 35) .....                                                                                                                   | 404 |
| TEMA 35 – PROCESSO DIANTE DE FÉLIX. DISCURSO DE PAULO PERANTE O GOVERNADOR ROMANO. DETENÇÃO DE PAULO EM CESAREIA (AT 24:1 A 27).....                                                                                                                                    | 417 |
| TEMA 36 – PAULO APELA PARA CÉSAR. PAULO COMPARECE PERANTE O REI AGRIPA (AT 25:1 A 27).....                                                                                                                                                                              | 427 |
| TEMA 37 – DISCURSO DE PAULO PERANTE O REI AGRIPA. REAÇÕES DO AUDITÓRIO (AT 26:1 A 32).....                                                                                                                                                                              | 435 |
| TEMA 38 – PARTIDA PARA ROMA. A TEMPESTADE E O NAUFRÁGIO (AT 27:1 A 44) .....                                                                                                                                                                                            | 442 |
| TEMA 39 – PERMANÊNCIA EM MALTA. DE MALTA A ROMA. TOMADA DE CONTATO COM OS JUDEUS DE ROMA. DECLARAÇÃO DE PAULO AOS JUDEUS DE ROMA. EPÍLOGO (AT 28:1 A 31).....                                                                                                           | 457 |
| APÊNDICE AO LIVRO ATOS DOS APÓSTOLOS .....                                                                                                                                                                                                                              | 473 |
| TEMA 40 – A ABSOLVIÇÃO DE PAULO. O ENCONTRO COM SIMÃO PEDRO E JOÃO. A VIAGEM DE PAULO À ESPANHA. A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS E A PRISÃO DE JOÃO. O INCÊNDIO EM ROMA E O MARTÍRIO DOS CRISTÃOS. A MORTE DE PEDRO E DE PAULO. O RETORNO DE PAULO AO PLANO ESPIRITUAL ..... | 474 |





## AGRADECIMENTOS

Manifestamos nossa irrestrita gratidão à equipe que realizou a revisão gramatical dos textos e a conferência das Referências do sexto livro da Série O Evangelho Redivivo, intitulado *Estudo Interpretativo dos Atos dos Apóstolos*: Dalva Silva Souza, Janice Luzia Oliveira Schultz Barbosa, Jorge Leite de Oliveira, Manoel de Medeiros Rodrigues Craveiro, Nilva Polônio Craveiro e Wagna Carvalho.

Agradecemos igualmente a valorosa contribuição do confrade Severino Celestino da Silva pela elaboração do tema introdutório desta obra, que apresenta um estudo panorâmico de *Atos dos apóstolos*, escrito pelo Evangelista Lucas. Da mesma forma, endereçamos ao Carlos Roberto Campetti nossa gratidão pelo trabalho de tradução da obra para a língua espanhola e organização de turmas de estudo de O Evangelho Redivivo, no Brasil e fora do país, pelo Sistema de Ensino a Distância (EaD).

Somos imensamente gratas aos facilitadores de O Evangelho Redivivo pela persistência na divulgação do Evangelho estudado à luz da Doutrina Espírita, assim como pela remessa de contribuições doutrinárias enriquecedoras do assunto.

Acima de tudo, somos profunda e permanentemente agradecidos: a Deus, Pai e Criador; a Jesus, o amado Senhor, Guia e Modelo da humanidade terrestre, e a Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, orientador do Programa O Evangelho Redivivo, que, do Plano Espiritual, coordena a equipe de devotos benfeitores espirituais incumbidos de levar a mensagem do Cristo aos habitantes do planeta. Sem o permanente auxílio desses benfeitores espirituais, que agem em nome do Mestre Nazareno, absolutamente nada poderíamos realizar.

Brasília (DF), 15 de setembro de 2023.

MARTA ANTUNES DE O. DE MOURA  
(Organizadora e coordenadora)

## PARA O ALVO<sup>1</sup>

*Prossigo para o alvo. PAULO (Filipenses, 3:14.)*

Quando Paulo escreveu aos filipenses, já possuía vasta experiência de apostolado.

Doutor da Lei em Jerusalém, abandonara as vaidades de raça e de família, rendendo-se ao Mestre em santificadora humildade.

Após dominar pela força física, pela cultura intelectual e pela inteligência nobre, voltou-se para o tear obscuro, conquistando o próprio sustento com o suor diário. Ingressando nos espinhosos testemunhos para servir ao próximo, por amor a Jesus, recebeu a ironia e o desamparo de familiares, a desconfiança e o insulto de velhos amigos, os açoites da maldade e as pedradas da incompreensão.

O convertido de Damasco, no entanto, jamais desanimou, prosseguindo, invariavelmente, para o alvo, que, ainda e sempre, é a união divina do discípulo com o Mestre.

Quantos aprendizes estarão, atualmente, dispostos ao grande exemplo?

Espalham-se, em vão, os convites ao sublime banquete, debalde envia Jesus mensageiros aos estudantes novos, revelando a excelência da vida superior. A maioria deles, contudo, abrange operários fugitivos, plenamente distraídos da realização... Perdem de vista a obra por fazer, desinteressam-se das lições necessárias e esquecem as finalidades da permanência na Terra. Comumente, nos primeiros obstáculos mais fortes da marcha, nas corrigendas iniciais do serviço, põem-se em lágrimas de desespero, acabrunhados e tristes. Declaram-se, incompreensivelmente, desalentados, vencidos, sem esperança...

---

1 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 50.

A explicação é simples, todavia. Perderam o rumo para o Cristo, seduzidos por espetáculos fugazes, nas numerosas estações da jornada espiritual, e, por esquecerem o alvo sublime, chega de modo inevitável o instante em que, cessados os motivos da transitória fascinação, se sentem angustiados, como viajores sedentos nos áridos desertos da vida humana.





## O EVANGELHO REDIVIVO

### LIVRO VI

## **Estudo Interpretativo dos Atos dos Apóstolos**

“Simão Pedro respondeu-lhe: ‘Senhor, a quem iremos?  
Tu tens as palavras de vida eterna e nós cremos e  
reconhecemos que és o Santo de Deus.’” (*João*, 6:68 e 69.)

# OS ATOS DOS APÓSTOLOS (1 A 28): CONSIDERAÇÕES GERAIS. ROTEIRO DE ESTUDO

POR SEVERINO CELESTINO DA SILVA

*Os Atos dos apóstolos é um livro que representa os rastros de Luzes que Jesus nos concedeu, no primeiro século, através dos seus intrépidos e dedicados seguidores.*

Tenho a honra e a felicidade de poder apresentar mais uma obra que considero de suma importância, como história e revelação, sobre os sucessores de Jesus, e que representa a raiz ou a base do Cristianismo primitivo. Trata-se do livro *Atos dos apóstolos*, cuja história tem início com a ressurreição de Jesus e vai, aproximadamente, até o ano 63 d.C. Esse livro representa o conteúdo da maior história que foi contada sobre os apóstolos de Jesus. Lucas, o seu autor, narra com riqueza de detalhes os fatos mais importantes deste movimento do primeiro século. Nele se encontra a pureza e a cristalinidade dos atos e ensinamentos realizados pelos primeiros cristãos.

O livro tem recebido denominações diversas em virtude das situações e fatos que se encontram registrados em suas páginas: *Atos dos apóstolos*; *Atos*; *Cristianismo primitivo* e *Era Apostólica*. Ao analisar seu conteúdo, podemos considerar como melhor denominação *Era Apostólica*.

A sua autoria é atribuída ao Evangelista Lucas e reconhecida pela maioria dos estudiosos. Champlin [2014] esclarece que tanto o Evangelho de Lucas quanto o livro de *Atos* foram endereçados a Teófilo. Acrescenta que o trecho de *Atos*, 1:1 nos esclarece que ambos foram redigidos como se fossem duas partes de uma mesma obra literária, e a linguagem com que foram registradas distingue Lucas como um autor diferente dos outros Evangelhos e de todos os demais livros do Novo Testamento.

Lucas deve ter concluído a obra *Atos dos apóstolos* em torno do ano 60 d.C., supondo ser essa a data que Paulo deve ter chegado a Roma. Champlin argumenta que Lucas foi companheiro das viagens missionárias de Paulo e que não deve ter esperado muito para registrar suas experiências oculares. Outro reforço, que defende o ano 60, é Lucas não falar da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Quando lemos os últimos versículos do Evangelho de Lucas e os primeiros versículos do livro dos *Atos*, podemos observar uma sequência natural e lógica entre essas duas obras. Tudo começa com a Ressurreição de Jesus e as suas diversas aparições aos discípulos durante quarenta dias. Ele foi visto subindo aos Céus, no topo do Monte das Oliveiras – Betânia, e deixou a promessa de que seus discípulos seriam batizados e espalhariam sua mensagem em todas as partes do mundo. Logo após chega a época da festa judaica das semanas chamada de *shavuot*. Lucas chama esse acontecimento de *Pentecostes* e narra no livro dos *Atos*, capítulo 2, que depois deste grande fenômeno mediúnico, iniciam-se as primeiras pregações apostólicas em Jerusalém.

Existem muitos estudiosos que se manifestam sobre esta rica história dos apóstolos.

Ernest Renan [1945], em seu livro *Os apóstolos*, é bem radical quando afirma: “Não há nada mais falso do que a opinião, geralmente acolhida hoje, de ser Paulo o verdadeiro fundador do cristianismo”. E acrescenta: “o verdadeiro fundador do cristianismo é Jesus”. Esta afirmativa de Renan representa o óbvio e qualquer um pode conferir, diante dos acontecimentos registrados pela História.

Eusébio de Cesareia [2000] afirma que: “Após a ascensão do Salvador, Pedro, Tiago e João, apesar de particularmente distinguidos pelo Salvador, não disputaram a honra de bispo de Jerusalém, mas escolheram Tiago, o justo, para este múnus (dever)”. Eusébio demonstra que o primeiro sucessor representante de Jesus foi Tiago e não Pedro.

Os teólogos e estudiosos, de uma maneira geral, dividem o livro *Atos dos apóstolos* em duas partes distintas: a primeira narra os *Atos* de Pedro que estão contidos nos capítulos de 1 a 12; a segunda, os *Atos* de Paulo, que abrangem os capítulos de 13 a 28.

Outros autores, a exemplo de Comblin [2012], divide o livro *Atos* em quatro partes: a primeira teria por objeto o *testemunho da Palavra em Jerusalém* (cap. 1 a 7); a segunda, o *testemunho da Palavra aos gentios* (cap.

8 a 15); a terceira, *as viagens de Paulo e fundações das comunidades cristãs entre os gentios* (cap. 16 a 20), e a quarta, que reflete *o processo de Paulo em Jerusalém e em Roma* (cap. 21 a 28).

Em princípio, concordamos com essas divisões. No entanto, sabemos que, além de Pedro e Paulo, existiram muitos outros participantes na implantação do Movimento Cristão. Assim, tentaremos apresentar em seguida a participação da maioria dos convidados de Jesus nesse acontecimento; utilizaremos a geografia e a história dos locais onde os fatos aconteceram; falaremos dos participantes no Cenáculo em Jerusalém; na Samaria, na estrada de Damasco, em Jope; em Cesareia de Herodes, em Antioquia, e em Roma. Esperamos poder colaborar no estudo e entendimento deste livro de suma importância histórica para o conhecimento das raízes históricas do Cristianismo. Sem ele, não teríamos um registro histórico-espiritual tão importante para a Humanidade.

Keener [2005] afirma que Lucas levanta alguns temas consistentes nos discursos da proclamação apostólica de *Atos*, mas podemos atestar que eles refletem a substância das mensagens apresentadas naquela ocasião, às quais Lucas deve ter tido acesso. Os discursos de *Atos* são significantes e compõem, aproximadamente, um quarto do livro.

Keener ainda acrescenta que Lucas, em *Atos*, pode estar mais próximo das formas padronizadas dos escritos históricos greco-romanos do que a dos outros Evangelhos, que remetem à biografia antiga. Enquanto Mateus, Marcos e João escreveram na forma de biografia antiga, o segundo volume de Lucas mostra que ele também escreveu História.

Os acontecimentos começam no *Cenáculo*, em Jerusalém. Foi neste lugar, onde Jesus realizou e notabilizou muitos feitos, o que faz do local um ambiente de muitos registros e marcas fortes na História. Visitar o Cenáculo representa o despertar de um forte sentimento que nos traz de volta as marcas e o registro dos feitos de Jesus, naquele lugar. Foi ali que Ele lavou os pés dos discípulos, realizou sua última páscoa entre nós, nos prometeu *O Consolador* (Jo 14) e veio, no inolvidável *Pentecostes*, diante de todas as nações que existem debaixo do céu, realizar o que já havia previsto o profeta Joel (3:1 a 3). Lucas, em *Atos*, capítulo 2, relembra as explicações de Pedro citando Joel e exaltando a grandeza do fenômeno mediúnico da *xenoglossia* entre os presentes. Ali, os discípulos são transformados em apóstolos ou enviados do Cristo, para a grande tarefa de levar a sua mensagem para todas as nações do planeta.



Em *Atos dos apóstolos* (1:12 a 14), consta que se achavam presentes no Cenáculo as seguintes pessoas: Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, irmão de Tiago. Além desses, algumas mulheres, a exemplo de Maria, a mãe de Jesus e seus irmãos, que haviam se unido ao grupo. No momento do fenômeno de *Pentecostes* (At 2:9 a 12), estavam presentes pessoas representantes de todas as nações:

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, e Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: “Que quer isto dizer?”

Os primeiros que foram sensibilizados e se lançaram na tarefa de divulgação, depois do fenômeno de *Pentecostes*, foram Pedro e João, que subiram ao Templo para a oração e curaram, em nome de Jesus, o Cristo, um coxo que vivia na entrada do templo pedindo esmolas. Depois começaram a exortar os presentes a se converterem à mensagem de Jesus, o Cristo.

Chegaram os sacerdotes, o chefe do Templo e os saduceus e prenderam Pedro e João e os proibiram de falar em nome de Jesus, mas eles, com imensa coragem e fé, declararam: “Não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido” (At 4:20).

Outro fato que marcou o Movimento Cristão, em Jerusalém, foi o do martírio de Estêvão e as perseguições de Saulo. Em consequência, os seguidores de Jesus em Jerusalém, começam a fugir para a região da Samaria, para a cidade de Antioquia da Síria ou Orontes, e Éfeso, cidade que João fugiu com Maria de Nazaré.

Personagens como Pedro, Paulo, Tiago, João, conhecido como o *discípulo bem-amado*, Tiago, o Justo, o diácono Filipe, Barnabé, João Marcos, Tabita de Jope, Simão o curtidor e o centurião Cornélio de Cesareia aparecem envolvidos e reforçando a implantação da mensagem do Cristo no primeiro século. Fugindo para a Samaria, o diácono Filipe pregou o Cristo e foi bem recebido por todos, sendo que muitos Espíritos sofredores foram assistidos e conduzidos por ele (At 8:4 a 8).

Saulo ressurge no cenário como o perseguidor que, agora, vai a Damasco prender os seguidores do Caminho naquela cidade. Saulo levava cartas de autorização do sumo sacerdote de Jerusalém endereçadas às sinagogas de

Damasco. Durante a viagem, estando já perto da cidade, Jesus lhe aparece em forma de Luz. Caindo por terra ouviu a conhecida frase: *Saulo, Saulo, por que me persegues?* Ele perguntou: *Quem és tu Senhor?* Respondeu o Senhor: *Eu sou Jesus, a quem tu persegues.* A sua transformação é imediata e surge ali, o maior apóstolo do Cristo (At 9:1 a 19).

Pedro, em Lida, situada a 30 km de Jope, cura em nome de Jesus o paralítico Eneias, que jazia no leito há oito anos (At 9:32 a 35). Em Jope, Pedro, ressuscita Tabita ou Dorcas, a viúva caridosa a quem todos reverenciavam. No local, encontramos hoje, uma igreja franciscana em homenagem a Pedro, aliás, a única igreja católica da região. Em seu interior, encontra-se uma pintura que retrata a ressurreição de Tabita, que em hebraico significa, gazela e em grego, Dorcas. Em Jope, ainda se encontra a casa de Simão, o curtidor, onde Pedro esteve hospedado por muitos dias (At 9:36 a 43 e 10:6).

Pedro, estando ainda em Jope, recebe a visita dos homens de Herodes, enviados do centurião Cornélio de Cesareia. Pedro e Cornélio são, concomitantemente, envolvidos por fenômenos mediúnicos de vidência, e Pedro vai a Cesareia ao encontro dele, quebrando princípios do Judaísmo com relação a alimentação e a entrada na casa de um *não judeu*, afirmando que, para Deus, não há acepção de pessoas. Isto caracteriza o aspecto universal do Evangelho de Jesus (At 10:1 a 48).

A partir destes acontecimentos, a mediunidade cresceu e se acentuou cada vez mais entre os primeiros cristãos. Ágabo prediz que uma grande fome viria sobre a terra, como de fato aconteceu. O rei Herodes começou a perseguir alguns membros da comunidade e mandou matar, à espada, Tiago, irmão de João, e também prendeu Simão Pedro, mas Jesus enviou um Espírito, que materializado, libertou o apóstolo.

O grupo da comunidade de Antioquia surge como refúgio, em consequência da dispersão após a morte de Estêvão. Ali, em Antioquia, ainda hoje, passados mais de dois mil anos, encontramos as marcas deixadas pelo grupo, em uma gruta existente no monte Silpius, que é conhecida como a gruta de Pedro. Ali, eles se reuniam, mantendo-se afastados dos que os perseguiam, os futuros dirigentes da religião cristã, coordenados por Pedro, Paulo, Barnabé e demais. Esses encontros ocorriam durante um ano inteiro, e foi ali que, pela primeira vez, eles receberam o nome de cristãos (At 11:25 e 26).

Havia em Antioquia um grupo seleta composto de doutores da lei e, também, de médiuns. Eram eles: Barnabé, o Cipriota; Simeão, chamado o

Negro; Lúcio da cidade de Cirene; Manaém, companheiro de infância de Herodes, e Saulo. Certo dia, em que estava o grupo reunido e envolvido em oração e jejum, um Espírito apareceu e disse: “Separem para mim Barnabé e Saulo” e, depois da prece final, aplicaram passes em ambos: estava lançada a semente da grande missão que Jesus escolhera para ambos (At 13:1 a 3).

Em seu apostolado, Paulo percorreu aproximadamente 15 mil quilômetros a serviço da divulgação da mensagem do Cristo. Barnabé, seu companheiro de jornada, foi também um grande trabalhador a serviço do Cristo, percorrendo distâncias consideráveis e levando a sua mensagem.

Quando, pela primeira vez, visitamos a cidade de Éfeso, ficamos surpresos com a quantidade de informações que nos são passadas pelos guias locais sobre a presença de João naquela cidade.

Quando Paulo chegou a Éfeso, em sua terceira *Viagem*, encontrou ali alguns discípulos, e disse-lhes:

[...] Recebestes vós já o Espírito quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o *batismo de arrependimento*, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus, o Cristo (At 19:1 a 4).

Estabelecendo-se em Éfeso, João cuidou de Maria e batizou muitos naquela cidade, enquanto percorria muitas outras localidades fundando comunidades. Além da comunidade de Éfeso podemos citar: Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Todas estas coletividades receberam cartas de Jesus, que se encontram narradas no livro do *Apocalipse*.

Filipe, o apóstolo, também pregou o Evangelho na Ásia Menor, e a sua história está registrada na cidade de Hierápolis, próxima a atual Pamukkale, Laodiceia e Colossos. Naquela cidade, Filipe foi martirizado em sua velhice, como consta hoje no registro do monumento construído ali, em sua memória.

Depois de concluir sua terceira viagem, Paulo retorna a Jerusalém e é preso acusado de levar gregos, que eram considerados pagãos, ao Templo. É julgado e, por dois anos, permanece preso dos romanos, sob o governo de Félix. Depois que Pórcio Festo/Porcius Festus sucedeu a Félix, o rei Agripa veio a Cesareia para uma visita de boas-vindas, Paulo discursou perante o

rei, conseguindo que o enviassem a Roma, quando ele apelou para o julgamento de César. Esta apelação foi considerada legítima porque o apóstolo tinha cidadania romana. Durante a viagem Paulo sofre um naufrágio, mas, finalmente, desembarca em Puteoli, no golfo de Nápoles, e depois chega, finalmente, a Roma.

Em Roma, Paulo ficou dois anos prisioneiro, em moradia que havia alugado. Recebia todos aqueles que vinham visitá-lo, proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao *Senhor Jesus, o Cristo*, com toda a intrepidez e sem impedimento. *Atos*, 28:30 e 31. É assim que o livro de *Atos* termina, sem maiores informações sobre o que ocorreu com Paulo depois disto, principalmente no que se refere à sua morte. A impressão que se tem é que Lucas quis-nos apresentar um Paulo vitorioso e vencedor.

O livro de *Atos* nos deixa o mais completo registro único da História do século I sobre o Cristianismo primitivo, tornando Lucas o grande herói e o único responsável por este legado.

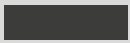
## RESUMO DO LIVRO

- » *Atos*, 1 e 2: Jesus Cristo aparece aos discípulos por quarenta dias depois de sua Ressurreição e, então, ascende aos Céus. Por inspiração, os discípulos chamam Matias para ocupar a vaga no grupo dos Doze discípulos. No Cenáculo, o Cristo volta e derrama o Espírito de Deus sobre todos os que ali se encontravam, no fenômeno mediúnico de Pentecostes. Pedro discursa e explica a todos os presentes o que estava acontecendo e muitas pessoas são convertidas.
- » *Atos*, 3 a 8: Pedro e João curam um homem que havia nascido coxo, na porta do Templo. Depois são presos por pregar e curar em nome de Jesus, o Cristo, e são libertados da prisão. Os apóstolos elegem sete homens para auxiliá-los no ministério; um desses homens, Estêvão, fazia grandes prodígios e com sua mediunidade desafiava os representantes das sinagogas que não resistiam a sabedoria do Espírito que o inspirava. Por isso, eles o caluniaram, o prenderam, e os membros do conselho o condenam à morte. Com as perseguições, promovidas por Saulo, a comunidade de Jerusalém se dispersou pelas regiões da Judeia e da Samaria. O diácono Filipe foge e prega o Cristo na Samaria.

- » *Atos, 9 a 12:* ocorre a conversão de Saulo na estrada de Damasco, depois ele é atendido por Ananias, a pedido de Jesus, e inicia o seu ministério. Ao ter uma visão em Jope, Pedro vai a Cesareia de Herodes e na casa do Centurião Cornélio, ensina que o Evangelho deve ser pregado aos gentios. A fundação da comunidade de Antioquia é realizada pelos dispersos de Jerusalém. Barnabé, Saulo, Pedro e Lucas se reúnem por um ano numa gruta do monte Silpius e, no final, recebem ali, o nome de CRISTÃOS (nome sugerido por Lucas). Herodes Agripa I condena o Apóstolo Tiago, irmão de João, à morte e prende Pedro.
- » *Atos, 13 a 15:* Saulo e Barnabé são chamados como missionários. Eles encontram dificuldades entre os judeus, mas são aceitos por alguns gentios. Os líderes da comunidade se reúnem em Jerusalém e determinam que os conversos gentios não precisam ser circuncidados (ou continuar a observar a lei de Moisés) quando vierem a fazer parte da nova comunidade. Paulo parte em sua segunda viagem missionária, com Silas.
- » *Atos, 16 a 20:* Paulo e Silas fortalecem várias igrejas que foram estabelecidas anteriormente, em sua primeira viagem. Paulo atravessa o mar Egeu, a pedido de um Espírito que lhe aparece em Alexandria de Trôade, e chega à Macedônia. Depois de passar por Filipos, Tessalônica e Corinto, Paulo chega a Atenas. No Areópago, Paulo encontra dificuldades ao pregar para os epicuristas e estoicistas, mas fala que vinha anunciar o Deus desconhecido do altar da Ágora (lugar de reunião) de Atenas (At 17:23). Paulo conclui sua segunda viagem e parte em uma terceira missão pela Ásia Menor e, ao concluir sua terceira viagem, decide voltar para Jerusalém.
- » *Atos, 21 a 28:* Em Jerusalém, Paulo é preso acusado de levar gregos pagãos ao Templo, e continua a testificar Jesus Cristo. Muitos judeus planejam matar Paulo, mas o sobrinho de Paulo foi à Fortaleza Antônia e o preveniu. O tribuno providenciou durante à noite a transferência de Paulo com uma escolta de 200 soldados, 70 cavaleiros e 200 lanceiros e o conduziram até Cesareia. Em Cesareia, Paulo ficou preso por dois anos; após este tempo, Paulo testifica perante Félix, Festo e Agripa que o enviam a Roma. Paulo naufraga a caminho de Roma. Paulo prega o Evangelho enquanto está em prisão domiciliar em Roma.

## REFERÊNCIAS

- CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014.
- COMBLIN, José. *Comentário bíblico do novo testamento: atos dos apóstolos*. São Paulo: Editora Fonte editorial, 2012.
- KEENER, Craig S. *Comentário bíblico atos: novo testamento*. Belo Horizonte, MG: Editora Atos, 2005.
- RENAN, Ernest. *Os apóstolos*. Porto, Portugal: Ed. Lello & Irmão, 1945.
- SILVA, Severino Celestino da. *Comunidades do caminho: história do cristianismo nascente*. João Pessoa, PB: Ideia Editora, 2014.



## O EVANGELHO REDIVIVO

### LIVRO VI

### **Estudo Interpretativo dos Atos dos Apóstolos**

"Jesus aproximando-se deles, falou: 'Todo o poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos [...]. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos'." (*Mateus*, 28:18 a 20.)

# PRÓLOGO. A ASCENSÃO. O GRUPO DOS APÓSTOLOS. SUBSTITUIÇÃO DE JUDAS (AT 1:1 A 26)

O estudo dos 27 livros que compõem o Canon de o Novo Testamento, genericamente denominados O Evangelho de Jesus, pode ser dividido em cinco partes, didática e sequencialmente organizadas: 1) quatro textos evangélicos escritos, respectivamente, por Mateus, Marcos, Lucas e João; 2) *Atos dos apóstolos*, texto redigido pelo Evangelista Lucas; 3) 14 epístolas de Paulo (*Romanos*, 1ª e 2ª *Coríntios*, *Gálatas*, *Efésios*, *Filipenses*, *Colossenses*, 1ª e 2ª *Tessalonicenses*, 1ª e 2ª *Timóteo*, *Tito*, *Filemon* e *Hebreus*) ; 4) conjunto de sete epístolas universais escritas por Tiago, Pedro (1ª e 2ª), João (1ª, 2ª e 3ª) e Judas Tadeu; 5) *Apocalipse de João*.

Amélia Rodrigues informa que o “Evangelho – a Nova ou a Boa-Nova – é a mais expressiva história de uma vida, através de outras vidas, iluminando a vida de todos os homens. [...]”<sup>1</sup> Assim complementa o seu pensamento:

Esta, a mais significativa história jamais narrada, encontra-se, todavia, sintetizada em “O Novo Testamento”, modesta Obra de pouco mais de trezentas e cinquenta páginas, grafada por duas testemunhas pessoais de todos os acontecimentos, Mateus e João, e confirmada pelos depoimentos de outras que conviveram com Ele, tais como Pedro – que pede a Marcos escrevê-la para os romanos recém-convertidos – e Lucas, que a recolhe de Paulo, o chamado da estrada de Damasco, de Maria, Sua Mãe, de Joana de Cusa, de Maria de Magdala e de outros, escrevendo para a grande massa dos gentios conversos. Outros depoimentos de conhecedores e participantes diretos reaparecem nas Epístolas para culminarem na visão do Apocalipse.<sup>2</sup>

*Atos dos apóstolos* é um livro que retrata a história do Cristianismo primitivo, as lutas e os desafios intensamente vivenciados pelos discípulos de Jesus no cumprimento do mandato que lhes cabia realizar, após a partida do Senhor. Segundo o respeitável estudioso, professor e escritor estadunidense,



Russell Norman Champlin, o “[...] livro de *Atos* é a continuação do esforço literário histórico-doutrinário-apologético que Lucas enviou a fim de explicar a vida e a significação do ministério de Jesus, o Cristo, com os seus propósitos, a sua vida e as suas atividades [...]”.<sup>3</sup> Contudo, “o terceiro evangelho e o livro dos *Atos* eram primitivamente as duas partes de uma só obra, a qual daríamos hoje o nome de ‘História das origens cristãs’”.<sup>4</sup>

Logo o segundo livro ficou conhecido com o título de “Atos dos Apóstolos” ou “Atos de Apóstolos”. Conforme o modo da literatura helenística que conhecia os “Atos” de Aníbal [247–183 a.C., foi estadista e general cartaginês, um dos maiores estrategistas militares da Antiguidade], os “Atos” de Alexandre [da Macedônia, 356–323 a.C., cognominado O Grande, foi um grande conquistador da Antiguidade que expandiu a cultura grega para o Oriente] etc.

[...]

Esse autor, segundo a tradição da Igreja era conhecido como são Lucas [...], deve ser cristão da geração apostólica, judeu bem helenizado, ou melhor, grego de boa educação, conhecendo a fundo as realidades judaicas e a Bíblia grega [Septuaginta]. [...].<sup>4</sup>

Lucas dirige a um certo Teófilo o *Prólogo* ou *Prefácio* dos *Atos dos apóstolos* (1:1), assim como consta na introdução do terceiro Evangelho (Lc 1:1 a 4). Em *Atos* destaca-se a amizade existente entre *Paulo de Tarso* e *Lucas*, a quem o Apóstolo dos Gentios denomina companheiro querido, que sempre esteve ao seu lado (Cl 4:14; Fm 24; 2Tm 4:11).<sup>4</sup> Lucas era médico de profissão, “[...] o que implicava certa cultura, mesmo se está longe de ser evidente que Lucas empregasse em seus escritos vocabulário especificamente médico”.<sup>4</sup> Atento às fontes utilizadas em seus registros, o autor de *Atos* preocupa-se em ser fiel aos acontecimentos, conferindo-os por si mesmo ou com aquelas pessoas que os tinham presenciado, transmitindo informações de forma ordeira e sequencial. Lucas anotava tudo em uma espécie de “diário”:

Os doze primeiros capítulos do livro dos *Atos* contam a vida da primeira comunidade reunida ao redor de Pedro depois da Ascensão (Lc 1:1 a 5) e os inícios de sua expansão graças às iniciativas missionárias de Filipe (Lc 8:4 a 40), e dos “helenistas” (Lc 6:1; 8:3; 11:19-30; 13:1-3), e enfim do próprio Pedro (Lc 9:32; 11:18; 12). [...]. Para a segunda parte dos *Atos*, o autor teria usado os relatos da conversão de Paulo, de suas viagens missionárias e de sua viagem por mar para Roma como prisioneiro.<sup>5</sup>

O enfoque principal do livro *Atos dos apóstolos* é dado às ações de Pedro e, sobretudo, às de Paulo – de quem era muito próximo, a ponto de acompanhá-lo na segunda e terceira viagens missionárias. Obtinha informações

sobre o Cristianismo nascente diretamente com o Apóstolo dos Gentios ou por meio de pessoas que com ele conviviam ou que o seguiam nas viagens, como Silas e Timóteo.<sup>5</sup> Infelizmente, a despeito de Lucas se revelar admirável e metucioso historiador, pouco foi anotado sobre as atividades dos demais membros do colégio apostolar, como consta neste texto da *Bíblia de Jerusalém*:

Lamentamos talvez que nada tenha sido dito sobre as atividades dos outros apóstolos, nem da fundação de certas igrejas como a de Alexandria ou até a de Roma, em que a fé cristã foi certamente implantada antes da chegada do Apóstolo [Paulo] (ver a epístola aos Romanos, sobretudo 15:22 ss.). Também do apostolado de Pedro fora da Palestina ele nada diz, e é certo que a pessoa de Paulo ocupa em sua obra lugar preponderante, até encher sozinha toda a sua segunda metade [...].<sup>6</sup>

Em síntese, *Atos* demonstra como o Evangelho e a fé no Cristo foram disseminados, ainda que às custas de desafiantes sacrifícios vivenciados pelos primeiros cristãos, sobretudo os membros do colégio apostolar:

Atos dos Apóstolos, quinto livro do Novo Testamento, escrito no século primeiro. Esse título não quer dizer que nele estejam narrados todos os atos dos apóstolos do Senhor. Seu objetivo é mostrar como o cristianismo se estabeleceu entre os gentios pela operação do Espírito Santo. A princípio foi Pedro e depois Paulo, que iniciaram o estabelecimento do Evangelho nos países gentílicos. [...]. Apresenta o ministério do Cristo com especial referência à sua missão universal [...].<sup>7</sup>

Importa considerar que, de acordo com a obra de Emmanuel, *Paulo e Estêvão*, “[...] o texto de *Atos* começou a ser escrito quando Paulo estava preso em Cesareia, entre 59/60, após a redação do *Evangelho de Lucas*, e teria sido concluído em Roma, no ano 62/63. [...]”<sup>8</sup>

Ainda segundo o autor do terceiro Evangelho, os três primeiros séculos após a ascensão do Cristo revelam a grandeza do Movimento Cristão, que se espalhou por todas as partes do mundo, demonstrando que o Evangelho, que fora ensinado e vivenciado por Jesus, o Messias Divino, deveria, agora, ser propagado a todas as gentes, cabendo aos discípulos e seguidores pregá-lo, *divulgá-lo ao mundo inteiro, a toda criatura* (Mc 16:15 a 20). E mais: com o Movimento Cristão, a Humanidade aprenderia a vivenciar o grande Código do Amor Imortal, ao longo das experiências reencarnatórias.

Justifica-se, pois, que, logo após a ascensão de Jesus, a primeira providência dos apóstolos e discípulos próximos tenha sido a de se organizarem na forma de uma comunidade, ou igreja, para divulgarem a mensagem do

Cristo. Essa primeira comunidade cristã passou à História com o nome de *Igreja de Jerusalém*, como consta no primeiro capítulo de *Atos*. É também conhecida como a *Casa do Caminho*.

## 2.1 PRÓLOGO (AT 1:1 A 5)<sup>9</sup>

<sup>1</sup>Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo <sup>2</sup>até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo. <sup>3</sup>Ainda a eles, apresentou-se vivo depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne ao Reino de Deus. <sup>4</sup>Então, no decurso de uma refeição com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que aguardassem a promessa do Pai, “a qual, disse ele, ouvistes de minha boca: <sup>5</sup>pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias”.

No *Prólogo* de *Atos dos apóstolos*, Lucas dirige os seus registros a um certo Teófilo, assim como fizera em relação ao primeiro livro (*Evangelho segundo Lucas*). Para o estudioso Russell Norman Champlin<sup>10</sup>, Teófilo era o nome de um oficial romano, membro da aristocracia romana, que provavelmente residia em Roma: “O livro foi escrito com a finalidade de apresentar a esse oficial e a outras pessoas interessadas uma defesa do cristianismo – não se tratava de um ramo herético do judaísmo, não era uma organização política, contrária ao estado romano. [...]”. Supõe-se, então, que o livro de *Atos* não foi escrito, em princípio, para a comunidade cristã, mas “[...] pelo menos parcialmente, trata-se de uma apologia apresentada ao mundo gentílico pagão, sobretudo à aristocracia romana. [...]”. Entretanto, para outro estadunidense, John Davis (1854–1926), conhecido como respeitável dicionarista bíblico, Teófilo teria sido uma pessoa de distinção no meio social onde vivia, um pagão (gentílico) convertido ao Cristianismo.<sup>11</sup> A despeito dessas informações, existe a hipótese de que Teófilo não seria uma pessoa, propriamente dita, mas uma ficção:

[...] Se se trata de um personagem real ou não, é algo não resolvido, uma vez que a palavra em grego [...] (*Theofilos*) pode ser interpretada como sendo a junção de duas palavras: *Theo*, que significa Deus, e *Filos*, que significa amigo ou aquele que simpatiza com alguém. Seriam, na visão de alguns escritos destinados a todos os que se inclinam para Deus com amizade.<sup>12</sup>

Nessa parte introdutória de *Atos*, Lucas informa a respeito das aparições de Jesus, ocorridas durante quarenta dias consecutivos após a sua morte por crucificação, afirmando existirem provas incontestáveis, seguidas pela

ascensão de Jesus ao Céu (v. 1 a 3). Esclarece que, durante as aparições, Jesus reafirmava a importância do Reino de Deus (v. 3). Por último, Teófilo é informado de que Jesus apareceu aos membros do colégio apostolar (v. 4) e os orientou como prosseguir dali para a frente. Eles estariam sob amparo espiritual, nomeado na tradução evangélica de Espírito Santo (v. 5).<sup>13</sup>

Há também no Prólogo algumas informações que merecem ser destacadas:

- » Versículos 1, 2 e 3: *Fiz meu primeiro relato, ó Teófilo, a respeito de todas as coisas que Jesus fez e ensinou desde o começo até o dia em que foi arrebatado ao céu, depois de ter dado instruções aos apóstolos que escolhera sob a ação do Espírito Santo. Ainda a eles, apresentou-se vivo depois de sua paixão, com muitas provas incontestáveis: durante quarenta dias apareceu-lhes e lhes falou do que concerne ao Reino de Deus.* São referências relacionadas à Ressurreição e à Ascensão de Jesus que é relatada. Sugestão de releitura: a) *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Marcos*. Tema 40 (Mc 16:1 a 20); b) *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas*. Tema 42 (Lc 24:36 a 53).
- » Versículo 5: *pois João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo dentro de poucos dias.* Jesus demonstra que o verdadeiro batismo é o do Espírito Santo, isto é, decorre da aceitação e da vivência da mensagem evangélica que, verdadeiramente, transforma o Espírito para melhor. Sugestão de releitura: *Estudo Interpretativo do Evangelho segundo Lucas*. Tema 6 (Lc 3:1 a 38).

A tarefa de conhecer, meditar, sentir e vivenciar a mensagem do Cristo prossegue como um dos maiores desafios espirituais da humanidade terrestre, de todas as épocas:

Desse modo, portanto, prossigamos avante na reedificação do templo espiritual da crença, unindo as nossas esperanças em Cristo, rumo ao futuro glorioso, para a vitória da união de todas as atividades edificantes da fé com um só Senhor.<sup>14</sup>

## 2.2 A ASCENSÃO (AT 1:6 A 11)<sup>15</sup>

<sup>6</sup>Estando, pois, reunidos, eles assim o interrogaram: “Senhor, é agora o tempo em que irás restaurar a realza em Israel?” <sup>7</sup>E ele respondeu-lhes: “Não compete

a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade. <sup>8</sup>Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”. <sup>9</sup>Dito isto, foi elevado à vista deles, e uma nuvem o ocultou a seus olhos. <sup>10</sup>Estando a olhar atentamente para o céu, enquanto ele se ia, dois homens vestidos de branco encontraram-se junto deles <sup>11</sup>e lhes disseram: Homens da Galileia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, “que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu”.

Na segunda parte introdutória de *Atos*, os discípulos perguntam a Jesus: “Senhor, é agora o tempo em que irás restaurar a realeza em Israel?” (v. 6). Trata-se de uma indagação que não deixa de surpreender, quando se considera a pregação e os exemplos de Jesus, o grande equívoco de Judas, as aparições do Senhor após a morte na cruz e os contínuos esclarecimentos a respeito do Reino de Deus. O estadunidense Craig Blomberg, conhecido pesquisador do Evangelho e da vida do Cristo, faz um alerta a respeito:

[...] Essa passagem fornece uma advertência essencial contra todas as supostas profecias que, em qualquer época, afirmem conhecer a hora da volta do Cristo. Os termos “tempos ou datas” duas das palavras mais genéricas em língua grega (*chronos* e *kairos*) para designar períodos e não nos permitem afirmar, conhecer nem mesmo a geração em que Jesus voltará. [...].<sup>16</sup>

Percebe-se que o entendimento sobre o Reino de Deus ainda era muito escasso entre os discípulos que não compreendiam que a realeza de Jesus é toda de natureza espiritual, como Ele respondeu incisivamente a Pilatos, quando o interventor romano perguntou se Ele era rei dos judeus (Jo 18:33): *O meu reino não é deste mundo* (Jo 18:36). Somente mais tarde, com a difusão do Evangelho pelos apóstolos e discípulos, é que iriam entender, finalmente, o verdadeiro significado do Reino de Deus, concluindo, como recorda Allan Kardec, que a realeza espiritual, a do Reino de Deus, “[...] é imperecível, enquanto a outra [a terrestre] é joguete das vicissitudes; aquela é sempre abençoada pelas gerações futuras, ao passo que a outra muitas vezes é amaldiçoada. A realeza terrestre acaba com a vida; a realeza moral continua governando, sobretudo após a morte. [...]”.<sup>17</sup>

A busca pelo reinado do amor anunciado pelo Senhor constituirá a razão da existência do homem espiritualizado do futuro, como nos faz ver o seguinte esclarecimento que Jesus transmitiu ao Apóstolo Pedro, durante uma conversa sobre o Reino de Deus, assim registrada por Humberto de Campos:

Muito tempo ainda não decorrera sobre essa conversação, quando o Mestre, em seus ensinamentos, deixou perceber que todos os homens, que não estivessem decididos a colocar o Reino de Deus acima de pais, mães e irmãos terrestres, não podiam ser seus discípulos.

No dia desses novos ensinamentos, terminados os labores evangélicos, o mesmo Apóstolo interpelou o Senhor, na penumbra de suas expressões indecisas:

– Mestre, como conciliar estas palavras tão duras com as vossas anteriores observações, relativamente aos laços sagrados entre os que se estimam?!

Sem deixar transparecer nenhuma surpresa, Jesus esclareceu:

– Simão, a minha palavra não determina que o homem quebre os elos santos de sua vida; antes exalta os que tiverem a verdadeira fé para colocar o poder de Deus acima de todas as coisas e de todos os seres da Criação infinita. O amor dos pais, não constitui uma lembrança da bondade permanente de Deus? O afeto dos filhos não representa um suave perfume do coração?! Tenho dado aos meus discípulos o título de amigos, por ser o maior de todos.

“O Evangelho” – continuou o Mestre, estando o Apóstolo a ouvi-lo atentamente – “não pode condenar os laços de família, mas coloca acima deles o laço indestrutível da paternidade de Deus. O reino do céu no coração deve ser o tema central de nossa vida. Tudo mais é acessório. A família, no mundo, está igualmente subordinada aos imperativos dessa edificação. [...]”<sup>18</sup>

Os versículos 7 e 8 de *Atos* indicam os momentos finais da ressurreição de Jesus e o início da Ascensão. O Senhor informa aos discípulos que, a partir daí, eles seriam inspirados pelo Espírito Santo que, no devido tempo, lhes ensinaria como agir:

E ele respondeu-lhes: “Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade. Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descenderá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra”.

A expressão *Espírito Santo*, usual nos textos neotestamentários, assim como as sinônimas *Espírito de Deus*, *Espírito do Senhor*, *Espírito do Cristo*, *Espírito da Verdade* ou *O Consolador* (gr. *Parakletos*), são referências a Jesus Cristo, o Messias ou o Mensageiro de Deus. *Espírito Santo* é o Espírito que age em nome de Deus, sendo considerado, portanto, o *Santo Espírito*, que representa “o princípio ativo, operando no mundo, executando a vontade de Deus. [...] É imanente na energia que move os mundos. [...] Ele habita com o povo de Deus [...], confere poderes vários, força. [...] Atua no coração de cada um dos filhos de Deus. [...]”<sup>19</sup>

No final da ascensão, Jesus se despede dos discípulos, após recomendar-lhes divulgar o Evangelho *até os confins da terra* (v. 8), isto é, *por todo o mundo, a toda a criatura* (Mc 16:15). Em seguida, Jesus ascende ao Céu,

os discípulos acompanham o feito até que uma nuvem ocultou tudo (v. 9). No entanto, enquanto eles olhavam atentamente para o alto, materializaram dois Espíritos vestidos de branco entre eles, que lhes indagaram:

Homens da Galileia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, “que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu” (v. 11).

A materialização de dois Espíritos auxiliares de Jesus foi apenas mais um dos fenômenos que sempre ocorriam onde quer que Jesus se encontrasse. Para o Espiritismo, tais ocorrências são fatos naturais, genericamente denominados “fenômenos espíritas”:

[...] consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É pelas manifestações que produz que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade [...].<sup>20</sup>

O destaque dado por Lucas aos inúmeros fenômenos viabilizados pelo Mestre Nazareno – as inúmeras aparições de Jesus, ocorridas durante quarenta dias ininterruptos (At 1:3); a ascensão do Cristo (At 1 a 9); o esclarecimento que Ele, Jesus, sempre inspiraria as ações dos discípulos, os quais se transformariam em testemunhas do Senhor (At 1:8); a materialização de dois homens (At 1:10 e 11) – têm o objetivo de revelar a excelsitude de Jesus Cristo, o Messias do planeta Terra.

A partir daquele momento histórico, pós-Ascensão, os apóstolos e demais discípulos de Jesus aprenderiam a testemunhar fé e amor ao Senhor, onde e como estivessem, aprenderiam a vivenciar o Evangelho, assim explicado por Emmanuel:

#### **Como testemunhar<sup>21</sup>**

*Mas recebereis o poder do Espírito Santo,  
que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas,  
tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria,  
e até aos confins da Terra. (Atos, 1:8.)*

Realmente, Jesus é o Salvador do Mundo, mas não libertará a Terra do império do mal, sem a contribuição daqueles que lhe procuram os recursos salvadores. O Divino Mestre, portanto, precisa de auxiliares com atribuições de prepostos e testemunhas, em toda parte.

É impraticável o aprimoramento das almas, sem educação, e a educação exige legiões de cooperadores.

Contudo, para desempenharmos a tarefa de representantes do Senhor, na obra sublime de elevação, não basta o título externo, com vistas à escola religiosa.

Indispensável é a obtenção de bênçãos do Alto, por intermédio da execução de nossos deveres, por mais difíceis e dolorosos.

Até agora, conhecemos à saciedade, na Terra, o poder de dominar, governar, recusar e ferir, de fácil acesso no campo da vida.

Raras criaturas, porém, fazem por merecer de Jesus o poder celeste de obedecer, ensinando, de amar, construindo para o bem, de esperar, trabalhando, de ajudar desinteressadamente. Sem a recepção de semelhantes recursos, que nos identificam com o Trabalhador Divino, e sem as possibilidades de refleti-lo para o próximo, em espírito e verdade através do nosso esforço constante de aplicação pessoal do Evangelho, podemos personificar excelentes pregadores, brilhantes literatos ou notáveis simpatizantes da doutrina cristã, mas não testemunhas d'Ele.

Os registros de Lucas a respeito da formação inicial da *Igreja de Jerusalém*, a primeira comunidade cristã da história do Cristianismo e usualmente conhecida como *Casa do Caminho*, abrangem dois assuntos: a) fundação da igreja pelos onze apóstolos, propriamente dita; b) escolha de um novo membro para compor o número original do colégio apostolar, em substituição a Judas Iscariotes, que havia desertado e morrido por suicídio. Assim, os onze apóstolos deixam o Monte das Oliveiras, onde se encontravam, retornam a Jerusalém, chegam a um cenáculo, local onde usualmente se reuniam e, sob a coordenação de Pedro, tomam as primeiras medidas da constituição da Comunidade Cristã, sob a inspiração de Jesus.

## 2.3 O GRUPO DOS APÓSTOLOS (AT 1:12 A 14)<sup>22</sup>

<sup>12</sup>Então, do monte chamado das Oliveiras, voltaram a Jerusalém. A distância é pequena: a de uma caminhada de sábado. <sup>13</sup>Tendo entrado na cidade, subiram à sala de cima, onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. <sup>14</sup>Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com seus irmãos.

Essas foram as pessoas que, reunidas sob a coordenação de Simão Pedro passaram à História como os fundadores da primeira comunidade cristã do planeta: a Igreja de Jerusalém ou Casa do Caminho:

A lista dos discípulos é a mesma que aparece em *Lucas*, 6:13-16, com evidente omissão de Judas Iscariotes. A presença das mulheres e da família do senhor são importantes para Lucas. Os onze e as mulheres tinham sido seguidores nos relatos do Evangelho, mas a família de Jesus tinha se mostrado menos entusiástica (Mc 3:21-35; Lc 8:1-21; v. também Lc 23:49; 24:10). Entre os irmãos de Jesus estava Tiago, que, de acordo com Paulo, já tinha visto a Jesus



ressuscitado (1 Co 15:7) e se tornaria uma figura importante na igreja durante o período abordado pelo livro de Atos.<sup>23</sup>

Os homens e as mulheres, inclusive Maria de Nazaré, que estavam presentes à reunião, deliberando a respeito do nascente Movimento Cristão, eram almas simples, humildes e despretensiosas, mas profundamente comprometidas com o inesquecível Messias, com quem se mantinham sintonizados pelas elevadas vibrações da prece e pela intuição. Sabemos, no entanto, que aquele pequeno grupo de cristãos haviam assumido o compromisso com o Cristo para a difusão do Evangelho, antes de renascer no corpo físico. A despeito da simplicidade de que se revestia, aquele pequeno agrupamento humano era constituído por Espíritos de escol, que iriam, pelo trabalho incessante no Bem, desencadear profunda e indelével transformação moral nos habitantes da Terra. Allan Kardec esclarece a respeito das características dos Espíritos envolvidos na melhoria evolutiva dos seres humanos:

[...] Como em todas as coisas, o mestre tem de saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões, são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas em outras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, a sua ação seria nula.

Isto posto, haveis de concluir que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar a missão de que está investido pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras. [...]

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundados pelo poder oculto que os inspira e dirige à revelia deles, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra, *os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se arrogam, eles próprios, como enviados de Deus*. O primeiro é humilde e modesto; o segundo é orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mentirosos, parece sempre temeroso de que não lhe deem crédito.<sup>24</sup>

## 2.4 SUBSTITUIÇÃO DE JUDAS (AT 1:15 A 26)<sup>25</sup>

<sup>15</sup>Naqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos – o número das pessoas reunidas era de mais ou menos cento e vinte – e disse: <sup>16</sup>“Irmãos, era preciso que se cumprisse a Escritura em que, por boca de Davi, o Espírito Santo havia de antemão falado a respeito de Judas, que se tornou o guia daqueles que prenderam a Jesus. <sup>17</sup>Ele era contado entre os nossos e recebera sua parte neste ministério. <sup>18</sup>Ora, este homem adquiriu um terreno com o salário da iniquidade

e, caindo de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas.<sup>19</sup>O fato foi tão conhecido de todos os habitantes de Jerusalém que esse terreno foi denominado, na língua deles, Hacéldama, isto é, ‘Campo do Sangue’<sup>20</sup>Pois está escrito no livro dos Salmos: *Fique deserta a sua morada e não haja quem nela habite. E ainda: Um outro receba o seu encargo.*

<sup>21</sup>É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, <sup>22</sup>a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição”.<sup>23</sup>Apresentaram então dois: José, chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias.<sup>24</sup>E fizeram esta oração: “Tu, Senhor, que conheces o coração de todos, mostra-nos qual destes dois escolheste <sup>25</sup>a fim de ocupar, no ministério do apostolado, o lugar que Judas abandonou, no ministério do apostolado, para dirigir-se ao lugar que era o seu”.<sup>26</sup>Lançaram sortes sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então associado aos onze apóstolos.

Três assuntos se destacam nessa passagem de *Atos dos apóstolos*: o primeiro indica o número de pessoas, cerca de 120, para a formação de um conselho ou assembleia, de acordo com as práticas religiosas do Judaísmo (v. 15); o segundo, apresenta citações das Escrituras proferidas pelo Apóstolo Pedro (v. 16 a 20); o último refere-se à seleção do décimo segundo apóstolo, entre dois candidatos que se apresentaram, utilizando-se o recurso do sorteio (v. 21 a 26):

O número de *cento e vinte* aqui é mais do que apenas um número redondo. Segundo a tradição dos judeus esse era o número mínimo para que uma população pudesse ter o seu próprio “conselho”. Pela tradição, cada juiz deveria julgar, ou representar, no mínimo, 10 membros. Pode ser, portanto, que Lucas estivesse sugerindo que a jovem igreja já fosse uma comunidade por direito próprio e que eram necessários doze “líderes”.<sup>26</sup>

Pedro relata duas passagens de Davi [v. 16], durante a reunião: “[...] *Salmos* 69:25 e 109:8. O uso das escrituras, no entanto, foi apenas uma das razões para substituir Judas. [...]”<sup>26</sup> como argumentos para justificar a seleção. Mas há outros pontos a serem considerados, segundo interpretação de estudiosos:

A qualificação colocada aqui condição de que o candidato tivesse acompanhado os discípulos *todo o tempo que o Senhor Jesus andou entre nós* faz sentido se a tarefa fosse a de ser testemunha. O próprio Paulo considerava seu testemunho inferior, em alguns aspectos, pois ele tinha aderido ao movimento um pouco mais tarde (1 Co 5:5 a 8). É interessante observar que Pedro aqui *calcula todo o tempo* como tendo começado com o batismo de João, uma vez que não foi senão depois dessa época que Jesus começou a chamar seus discípulos (sobre João Batista v. At 10:37; 13:16 a 25; 18:24; 19:10).<sup>27</sup>

Dois candidatos se apresentam, segundo os critérios definidos por Pedro (v. 23): *José, chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias*. Lançado

o sorteio, após orações, Matias foi o sorteado (v. 24 a 26), passando a ser considerado o décimo segundo apóstolo. A propósito, Amélia Rodrigues nos transmite o estado de tristeza, desânimo e saudade que se abatia sobre os apóstolos e demais discípulos de Jesus, logo após a escolha do novo apóstolo:

Jerusalém, agora, parecia mais cruel. Seu ar era difícil de ser respirado.

Mantinhm-se ali, porque para ali foram designados, ao todo, quase cento e vinte daqueles “quinhentos irmãos”, testemunhas vivas da ascensão d’Ele...

Reuniam-se frequentemente no cenáculo, onde alguns residiam, aqueles que com Ele conviveram amiúde, e que aguardavam respostas que lhes clareassem as inquietudes.

Embora a comunhão mantida com o Rabi, não se sentiam preparados para o ministério. Sabiam-se inseguros.

[...]

Agora, porém, mergulhados em saudades incoercíveis, abatiam-se, sem saber como ou por onde começar. Reconheciam a própria ignorância e limitação.

[...]

Matias ingressara no Colégio, após o lançamento de “sortes”, por inspiração superior, cuja escolha fora recebida por unanimidade.<sup>28</sup>

O Senhor, porém, jamais os abandonaria, e não os deixaria entregues a si mesmos, amargurados desesperançados. Então, de repente, uma corrente de bom ânimo os envolveu, afastando-os do infeliz estado emocional em que se encontravam:

Após elegerem Matias para o lugar de Judas e receberem o Espírito Santo, desataram-se as percepções obnubiladas até aquela hora e lucidez inusitada os dominou. Podiam fitar os horizontes infinitos do futuro e experimentar o gáudio descomunal no serviço do bem e da renúncia.

O verbo se lhes destravou das bocas antes seladas por cruel silêncio e a palavra escorria abundante e sábia do cérebro às modulações da voz canora e forte.

Teriam de redobrar o esforço para o serviço começante.

Embora tudo estivesse ainda por fazer, contavam com a inspiração do Mestre e o socorro dos Seus Embaixadores que incessantemente os visitavam, revigorando-os e esclarecendo-os.

À frente o porvir difícil, e a desdobrar-se ante os seus olhos a Seara necessitada de semente e cuidados.

[...]

Sem temor, exaltados pela fé, após orarem e unirem esforços, na tentativa de criarem comunidade pura e simples, em que se refugiariam, prepararam-se para o cometimento: avançar com os pés no futuro na direção da Humanidade...<sup>29</sup>

O livro de Lucas, *Atos dos apóstolos*, “[...] não é simplesmente um relato histórico, mas um conjunto de vivências e experiências de indivíduos que passaram a seguir a mensagem da Boa-Nova. [...]”<sup>30</sup> E mais:

[...] O seu valor, neste sentido, supera o do repositório histórico, para representar os desafios de ontem e de hoje no entendimento e prática da mensagem consoladora do Cristo. Nem sempre esse aspecto é facilmente apreendido, dadas as características culturais, linguísticas e históricas do momento em que o texto foi redigido. Daí a importância da obra *Paulo e Estêvão*. Nesse livro, Emmanuel oferece o contexto importante para o personagem principal de *Atos*, Paulo de Tarso, e do primeiro mártir do Cristianismo nascente, Estêvão.<sup>30</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 18. ed. Salvador, BA: LEAL. it. Posfácio, p. 221.
- 2 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 18. ed. Salvador, BA: LEAL. it. Posfácio, p. 221 e 222.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 1, it. 1 A Igreja de Jerusalém, p. 20.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Introdução, p. 1896.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Introdução, p. 1896 e 1897.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Introdução, p. 1898.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Atos dos Apóstolos, p. 132 e 133.
- 8 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O evangelho por Emmanuel: comentários aos atos dos apóstolos*. Pelo Espírito Emmanuel. Coord. Saulo Cesar Ribeiro da Silva. 1. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB 2017. Introdução aos *Atos dos apóstolos*, it. Perspectiva espírita.

- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Prólogo, 1:1-5, p. 1900.
- 10 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. it. II-C (Destino), p. 8.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Atos dos Apóstolos, p. 132.
- 12 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O evangelho por Emmanuel: comentários aos atos dos apóstolos*. Pelo Espírito Emmanuel. Coord. Saulo César Ribeiro Silva. 1. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB 2017. Introdução aos *Atos dos apóstolos*, it. O autor.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Prólogo, 1:6-11, p. 1900.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *A verdade responde*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: IDEAL, 2021. cap. 17 – *Rumo ao porvir* (Emmanuel).
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, A Ascensão, 1:6-11, p. 1900 e 1901.
- 16 BLOMBERG, Craig L. *Introdução de atos a apocalipse*. Trad. Marcos Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. cap. 1, it. Comentário – Ascensão, p. 46 e 47.
- 17 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 2, it. 4.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 12 – *Amor e renúncia*.
- 19 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Espírito Santo, p. 427.
- 20 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 3. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 13, it. 9.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 30. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 173 – *Como testemunhar*.
- 22 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, O grupo dos apóstolos, 1:12-14, p. 1901.
- 23 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. *Comentário*, it. 1:12; 8:3 Jerusalém e o templo, p. 1609 e 1610.
- 24 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 21, it. 9.
- 25 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, Substituição de Judas, 1:15-26, p. 1901 e 1902.
- 26 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. *Comentário*, it.1:12-26 – O aperfeiçoamento dos doze em Jerusalém, p. 610.
- 27 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. *Comentário*, it.20-22, p. 610 e 611.
- 28 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 89. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 18, p. 196 e 197.
- 29 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador, BA: LEAL, 1989. cap. 23, p. 144 e 145.
- 30 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *O evangelho por Emmanuel: comentários aos atos dos apóstolos*. Pelo Espírito Emmanuel. Coord. Saulo César Ribeiro Silva. 1. ed. 2. imp. Brasília, DF: FEB 2017. Introdução aos *Atos dos apóstolos*, it. Perspectiva espírita.



## PARTE I

### **A Igreja de Jerusalém**

“Acima de tudo, cultivai, com todo o ardor, o amor mútuo, porque o amor cobre uma multidão de pecados.”  
(1 *Pedro*, 4:8.)

# PENTECOSTES. DISCURSO DE PEDRO À MULTIDÃO (AT 2:1 A 36)

O capítulo 2 dos *Atos dos apóstolos*, objeto de estudo deste e do próximo tema, inicia-se com a comemoração da tradicional festa judaica de *Pentecostes* (At 2:1 a 13) e encerra com a organização da primeira comunidade cristã (At 2:47). Em termos históricos, há as seguintes informações sobre essa festa judaica:

O termo Pentecostes é de origem grega, referindo-se a “cinquenta dias”. A festa religiosa bíblica do Pentecostes ocorria exatamente cinquenta dias após a Páscoa (Lv 23:15 a 21; Dt 16:9 a 12). Muitos eruditos supõem que sua origem era alguma festa da colheita, celebrada pelos cananeus e por outros povos da área. Então Israel teria tomado por empréstimo a mesma, depois de ter se estabelecido na Palestina, posto que conferindo à mesma significado diferente. O Pentecostes era celebrado ao final de sete semanas, envolvido na colheita de cereal [cevada]. Nos escritos bíblicos mais antigos, era chamada “festa da colheita” ou “festa da sega dos primeiros frutos” (Êx 23:16). Posteriormente, veio a ser conhecida como o *shabuot*, isto é, *festa das semanas* (Dt 16:10). Na literatura judaica pós-bíblica, veio a ser associada ao aniversário da revelação da lei no Monte Sinai, segundo o registro do décimo nono capítulo de *Êxodo*.<sup>1</sup>

A partir do século IV a.C. a palavra pentecostes passou a ser utilizada por povos não judeus como um imposto sobre produtos oriundos do campo, mas, em Israel, não havia qualquer conotação de referência a imposto ou tributo.<sup>2</sup> Era, e é, uma festa religiosa, comemorada cinquenta dias após a Páscoa:

[...] Os judeus, depois que partiram do Egito, gastaram quarenta e nove dias até o Monte Sinai; e no quinquagésimo dia, Moisés recebeu o Decálogo; em memória disto, instituiu-se a festa de Pentecostes, que no Cristianismo tomou um novo sentido: comemora a descida do Espírito Santo, ou seja, a recepção da mediunidade pelos Apóstolos no quinquagésimo dia após a ressurreição de Jesus, e também o início das lutas pela divulgação do Evangelho, as quais se prolongam até hoje e ainda estão longe de terminar.<sup>3</sup>

Os fenômenos ocorridos no dia da festa de Pentecostes, estando presentes os apóstolos e discípulos de Jesus (At 2:1 a 13) assinalavam, também, cinquenta



dias da Ascensão do Cristo. À luz do entendimento espírita, tais fenômenos são considerados manifestações mediúnicas dos Espíritos – denominadas pela tradição cristã como *a descida do Espírito Santo*. Após o impacto das manifestações fenomênicas (ruídos intensos, línguas de fogo e xenoglossia), os judeus entenderam que as ocorrências eram efeitos do estado de embriaguez. Pedro, porém, é envolvido pelas forças superiores e discursa sob forte inspiração, revelando aos presentes que se tratava da manifestação de Jesus (Espírito Santo), o Messias que eles crucificaram. O discurso de Pedro (At 2:14 a 36) demonstra, de forma contundente, uma ação programada do Plano Espiritual Superior, conseguindo transformar o ânimo dos apóstolos e dos demais discípulos de Jesus – antes inseguros e medrosos – em cartas vivas do Evangelho.

### 3.1 PENTECOSTES (AT 2:1 A 13)<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. <sup>2</sup>De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. <sup>3</sup>Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. <sup>4</sup>E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem. <sup>5</sup>Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos, vindos de todas as nações que há debaixo do céu. <sup>6</sup>Com o ruído que se produziu a multidão acorreu e ficou perplexa, pois cada qual os ouvia falar em seu próprio idioma. <sup>7</sup>Estupefatos e surpresos, diziam: “Não são, acaso, galileus todos esses que falam?” <sup>8</sup>Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos? <sup>9</sup>Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, <sup>10</sup>da Frigia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas de Cirene; romanos que aqui residem; <sup>11</sup>tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos anunciar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!” <sup>12</sup>Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto?” <sup>13</sup>Outros, porém, zombavam: “Estão cheios de vinho doce!”

Vimos anteriormente que Pentecostes judeu e cristão apresentam significados diferentes: para os judeus, é uma festa que ocorre cinquenta dias após a Páscoa judaica, “[...] celebrada no sexto dia do mês *Sivā*; entre os judeus fora de Israel, no sexto e o sétimo dias do mês de *Sivā* (entre a segunda metade de maio e a primeira metade de junho) [...]”<sup>5</sup>. O Pentecostes cristão é comemorado cinquenta dias após o domingo de Páscoa – data instituída como a da Ressurreição do Cristo:

O Pentecostes veio a tornar-se um feriado cristão que celebra a descida do Espírito Santo [...], conforme está registrado em Atos, 2:14. Ocorre cinquenta

dias após a Páscoa [cristã], pelo que foi retido o seu nome Pentecostes, com o sentido tipicamente cristão, vinculado à descida do Espírito Santo [...].<sup>6</sup>

Para os cristãos, Pentecostes é o marco inicial da pregação e difusão do Evangelho na Terra, resultando na fundação da primeira *ekklesia* (igreja) cristã do planeta, na cidade de Jerusalém, uma pequena e humilde comunidade formada de judeus convertidos ao Cristianismo. *Pedro* foi o seu primeiro chefe, seguido por *Tiago*, filho de Alfeu, que sempre permaneceu em Jerusalém, onde veio a ser morto.

Com o Espiritismo, o dia de Pentecostes indica que a faculdade mediúnica seria um dos instrumentos mais utilizados pelos Espíritos para comunicarem-se com os encarnados. No entanto, é importante recordar que nem sempre as manifestações mediúnicas provêm de Espíritos esclarecidos e benevolentes, como as ocorridas no dia de Pentecostes. A respeito, devemos estar atentos a esta recomendação de Allan Kardec: “A natureza das comunicações guarda sempre relação com a natureza do espírito e traz a marca da sua elevação ou da sua inferioridade, de seu saber ou da sua ignorância. [...]”<sup>7</sup>

A Doutrina Espírita classifica os fenômenos mediúnicos em duas categorias gerais: os de *efeitos físicos* e os de *efeitos intelectuais*. Os primeiros são mediados por “Os que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas”. Os segundos, caracterizam os médiuns “[...] mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes”<sup>8</sup>

Na festa de Pentecostes ocorreram ambos os tipos de fenômenos mediúnicos, os de efeitos físicos e os de efeitos intelectuais, assim especificados:

- » *Atos, 2:1 e 2: Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. O ruído intenso semelhante a um vendaval integra as manifestações mediúnicas de efeitos físicos: “Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos etc. [...]”<sup>9</sup> Tais médiuns podem igualmente produzir a materialização de sons, ruídos e pancadas, vozes e gritos, objetos e de Espíritos, facilmente percebidos pelos circunstantes.*
- » *Atos, 2:3: Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. As línguas de fogo são também outra modalidade da mediunidade de efeitos físicos:*

“As línguas de fogo que eles viram repousar sobre cada um deles eram Espíritos brilhantes que não se mostravam visíveis de todo, mas apenas o suficiente para serem percebidos. [...]”<sup>10</sup> Os Espíritos Superiores são usualmente percebidos pelos médiuns pela luminosidade que irradiam, em geral como uma luz intensa e brilhante.

- » *Atos, 2:4: E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia se exprimissem.* Temos nessa citação de *Atos* uma manifestação de efeito intelectual, na qual a mensagem dos Espíritos comunicantes é transmitida verbalmente, por meio da voz. Tais médiuns são denominados *falantes* ou *psicofônicos*: “Os que falam sob a influência dos Espíritos. São muito comuns”.<sup>11</sup>

No entanto, a manifestação psicofônica em Pentecostes apresentou uma ocorrência rara da mediunidade falante: os Espíritos comunicantes se expressaram em diferentes línguas. Isto só é possível por meio de *médiuns políglotas* (ainda que na atual reencarnação não tenha conhecimento de outra língua que não seja a nativa). Médiuns políglotas são “Os que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. [...]”<sup>12</sup> afirma Kardec. *Xenoglossia* é termo genérico aplicado aos médiuns psicofônicos políglotas, enquanto *xenografia* é a escrita mediúnica em línguas que o médium não conhece. Cairbar comenta a respeito:

Esse fenômeno está bem caracterizado por Paulo, em sua 1ª Epístola aos Coríntios, cap. 12, v. 10, com o título “Diversidade de Línguas” [ou carismas, conforme a tradução]. Essa faculdade mediúnica vem de tempos imemoriais. [...]

O “dom de línguas” não tem absolutamente o caráter sobrenatural que as igrejas de Roma e Protestante lhe querem dar, atribuindo-o a um milagre natural, exclusivamente dado aos apóstolos, pela 3ª Pessoa da S. S. Trindade. Essas manifestações foram inúmeras na época do Cristianismo nascente e delas participavam homens e mulheres, livres e servos, como se irá verificar na continuação do estudo dos Atos dos Apóstolos.<sup>13</sup>

Em *Atos* (2:5 a 11), Lucas cita que estavam presentes à reunião festiva em Jerusalém judeus provenientes de diferentes localidades, e, a despeito de todos falarem o hebraico, comunicavam-se, usualmente, na língua e dialeto da região ou país onde nasceram ou viviam; tal fato justifica o fenômeno da xenoglossia. A mediunidade políglota (*xenoglossia*), permitiu que os judeus estrangeiros entendessem, na própria língua, “as maravilhas de Deus” (2:11).

A propósito, há no meio espírita quem defenda a hipótese de que a promessa do Cristo a respeito do advento do Consolador (Jo14:16) teria ocorrido no dia de Pentecostes, o que não deixa de ser um equívoco interpretativo, como bem esclarece Allan Kardec:

Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes abriu a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porque, no que deixaram, não se encontra o menor vestígio de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara do Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado, quando ainda eram vivos, tudo o que permaneceu obscuro no Evangelho, até o dia de hoje, e sua interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.<sup>14</sup>

Um grupo de peregrinos, porém, ouvindo o mesmo ensinamento espiritual transmitindo em línguas ou dialetos diferentes, pelos apóstolos e os discípulos de Jesus, indagaram (At 2:7 e 8): “Não são, acaso, galileus todos esses que falam? Como é, pois, que os ouvimos falar, cada um de nós, no próprio idioma em que nascemos?” Não conseguindo uma explicação plausível para o fenômeno de xenoglossia, alguns preferiram acreditar que os galileus estavam embriagados, como registra (At 2:12 e 13): *Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: Que vem a ser isto? Outros, porém, zombavam: Estão cheios de vinho doce!*

Ante tal zombaria, Simão Pedro ergue-se de onde estava sentado e, inspirado, pronuncia o discurso que forneceria não apenas as explicações para as ocorrências, mas que também estabeleceria o marco do surgimento do Movimento Cristão no planeta.

Eis o que Emmanuel tem a dizer a respeito daqueles que afirmaram que os fenômenos mediúnicos de Pentecostes decorriam dos efeitos da ingestão alcoólica:

**Perante a multidão<sup>15</sup>**

*E outros, zombando, diziam:  
Estão cheios de mosto. (Atos, 2:13.)*

A lição colhida pelos discípulos de Jesus, no Pentecostes, ainda é um símbolo vivo para todos os aprendizes do Evangelho, diante da multidão.

A revelação da vida eterna continua em todas as direções.

Aquele “som como de um vento veemente e impetuoso” e aquelas “línguas de fogo” a que se refere a descrição apostólica, descem até hoje sobre os continuadores do Cristo, entre os filhos de todas as nações.

As expressões do Pentecostes dilatam-se, em todos os países, embora as vibrações antagônicas das trevas.

Todavia, para milhares de ouvintes e observadores apenas funcionam alguns raros apóstolos, encarregados de preservarem a divina luz.

Realmente, são inumeráveis aqueles que, consciente ou inconscientemente, recebem os benefícios da celeste revelação; entretanto, não são poucos os zombadores de todos os tempos, dispostos à irreverência e à ironia, diante da verdade.

Para esses, os leais seguidores do Mestre estão embriagados e loucos. Não compreendem a humildade que se consagra ao bem, a fraternidade que dá sem exigências descabidas e a fé que confia sempre, não obstante as tempestades.

É indispensável não estranhar o assédio desses pobres inconscientes, se te dispões, efetivamente, a servir ao Senhor da Vida. Cercar-te-ão o trabalho, acusando-te de bêbado; criticar-te-ão as atitudes, chamando-te covarde; escutar-te-ão as palavras de amor, conservando a ironia na boca. Para eles, a tua abnegação será envilecimento, a tua renúncia significará incapacidade, a tua fé será interpretada à conta de loucura.

Não hesites, porém, no espírito de serviço. Permaneces, como os primeiros apóstolos, nas grandes praças, onde se acotovelam homens e mulheres, ignorantes e sábios, velhos e crianças...

Aperfeiçoa tuas qualidades de recepção, onde estiveres, porque o Senhor te chamou para intérprete de Sua Voz, ainda que os maus zombem de ti.

### 3.2 DISCURSO DE PEDRO À MULTIDÃO (AT 2:14 A 36)<sup>16</sup>

<sup>4</sup>Pedro, então, de pé, junto com os Onze, levantou a voz e assim lhes falou: “Homens da Judeia e todos vós, habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e prestai ouvidos às minhas palavras. <sup>15</sup>Estes homens não estão embriagados, como pensais, pois esta é apenas a terceira hora do dia. <sup>16</sup>O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta: <sup>17</sup>*Sucedará nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão.* <sup>18</sup>*Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito.* <sup>19</sup>*E farei aparecerem prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra.* <sup>20</sup>*O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia.* <sup>21</sup>*E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo.*

<sup>22</sup>Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por

meio dele entre vós, como bem o sabeis. <sup>23</sup>Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. <sup>24</sup>Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder. <sup>25</sup>De fato, é a respeito dele que diz Davi: *Eu via sem cessar o Senhor diante de mim: ele está à minha direita, para que eu não vacile.* <sup>26</sup>Por isso alegra-se o meu coração e minha língua exulta. Até a minha carne repousará na esperança, <sup>27</sup>porque não abandonarás minha alma no Hades nem permitirás que teu Santo veja a corrupção. <sup>28</sup>Deste-me a conhecer os caminhos da vida: encher-me-ás de júbilo na tua presença.

<sup>29</sup>Irmãos, seja permitido dizer-vos com toda franqueza, a respeito do patriarca Davi: ele morreu e foi sepultado, e o seu túmulo encontra-se entre nós até o presente dia. <sup>30</sup>Sendo, pois, profeta, e sabendo que Deus *lhe havia assegurado* com juramento *que um descendente seu tomaria assento em seu trono*, <sup>31</sup>previu e anunciou a ressurreição de Cristo, o qual na verdade *não foi abandonado no Hades, nem sua carne viu a corrupção.* <sup>32</sup>A este Jesus, Deus o ressuscitou, e disto nós todos somos testemunhas. <sup>33</sup>Portanto, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, e é isto o que vedes e ouvis. <sup>34</sup>Pois Davi, que não subiu aos céus, afirma: *Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita,* <sup>35</sup>*até que eu faça de teus inimigos um estrado para teus pés.*

<sup>36</sup>Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes”.

Esse discurso de Pedro foi de grande significância, naquele momento e nos séculos que se seguiram. Inspirado, a venerável figura do apóstolo se ergue, exalta o nome de Jesus e explica o que estava, efetivamente, acontecendo. A preleção evangélica de Pedro, majestosa e bela, assinala o marco da difusão do Evangelho, após a partida do Mestre. No seu discurso, fala da importância da mediunidade, que caracteriza o nascimento de um novo ciclo na evolução espiritual humana. A partir daquele momento, os apóstolos e os discípulos sinceros de Jesus colocariam em curso poderoso movimento revolucionário na Terra. Ensina Irmão X: “[...] o Evangelho é portador de gigantesca transformação do mundo. Destina-se à redenção das massas anônimas e sofredoras. Reformará o caminho dos povos”<sup>17</sup>.

Como se pode constatar em *Atos* (2:4 a 36), o discurso do apóstolo à multidão não se resume a simples palavras em defesa do Cristo. Ele abre as comportas do coração, da própria alma, e lhes fala, com sabedoria e convicção, sobre o Messias tão ardorosamente aguardado pelo povo judeu, que, por não o compreender, o rejeitaram, conduzindo-o à morte por crucificação.

Não podemos esquecer que Pedro era um excelente médium, intuitivo e inspirado. Assim, as palavras de Simão Pedro, impregnadas de grande magnetismo têm o poder de silenciar os presentes que, emocionados, são envolvidos em energias superiores, advindas do Alto, do próprio Cristo:

[...] o apóstolo lembra aos israelitas os grandes poderes de Jesus, os prodígios por Ele operados e os sinais que Deus fez por meio d'Ele, bem como o seu crucifixo por mãos de iníquos, a sua ressurreição, a incorruptibilidade de seu corpo, as antigas profecias avisando tudo o que ia suceder [...].<sup>18</sup>

### 3.2.1 A PROFECIA DE JOEL – OS DONS DO ESPÍRITO

No início do veemente pronunciamento (At 2:17 a 21), Pedro cita a profecia de Joel (3:1 a 5), tendo como fonte a *Bíblia Septuaginta* (versão grega da *Bíblia Hebraica*):

*Sucedará nos últimos dias, diz Deus, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão. Sim, sobre meus servos e minhas servas derramarei do meu Espírito. E farei aparecerem prodígios em cima, no céu, e sinais embaixo, sobre a terra. O sol se mudará em escuridão e a lua em sangue, antes que venha o Dia do Senhor, o grande Dia. E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo.*

Joel, antecessor de Samuel, era levita e considerado um dos profetas menores – assim denominados os profetas que deixaram poucos registros –, escreveu apenas um livro, constituído de quatro tópicos que descreve: a) devastação causada pelas sucessivas pragas de gafanhotos; b) a renovada frutificação que se sucedia em decorrência do arrependimento de Israel; c) os dons do Espírito; d) o julgamento final das nações que foram injustas contra Israel e a futura bem-aventurança da terra de Judá.<sup>19</sup> Pedro utilizou em seu discurso à multidão o tópico que faz referência aos *dons do Espírito*, considerado,

[...] o zênite da declaração profética. Os v. 28, 29, 32 foram claramente cumpridos no dia de Pentecostes. Certos aspectos do v. 30 e 31. A profecia extática pode incluir o dom de línguas. [...] Um eclipse solar pode tornar a lua vermelha. Que nome salvador poderia ser prefigurado com mais propriedade, no v. 32, além do nome de Jesus? Tudo tem um significado – no entanto, há um significado mais profundo, pertencente aos dias quando as últimas areias do tempo humano desaparecerão para sempre.<sup>20</sup>

Os versículos 17 e 18 da profecia citada por Pedro falam do derramamento do Espírito sobre toda a carne, ocorrendo profecias, visões e sonhos, cujo entendimento é assim explicado nesta bela página de Emmanuel:

### **Mediunidade<sup>21</sup>**

*E nos últimos dias acontecerá, diz o Senhor,  
que do meu espírito derramarei sobre toda carne;  
os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão,  
vossos mancebos terão visões e os vossos velhos  
sonharão sonhos. (Atos, 2:17.)*

No dia de Pentecostes, Jerusalém estava repleta de forasteiros. Filhos da Mesopotâmia, da Frígia, da Líbia, do Egito, cretenses, árabes, partos e romanos se aglomeravam na praça extensa, quando os discípulos humildes do Nazareno anunciaram a Boa-Nova, atendendo a cada grupo da multidão em seu idioma particular.

Uma onda de surpresa e de alegria invadiu o espírito geral.

Não faltaram os cétricos, no divino concerto, atribuindo à loucura e à embriaguez a revelação observada. Simão Pedro destaca-se e esclarece que se trata da luz prometida pelos Céus à escuridão da carne.

Desde esse dia, as claridades do Pentecostes jorraram sobre o mundo, incessantemente. Até aí, os discípulos eram frágeis e indecisos, mas, dessa hora em diante, quebram as influências do meio, curam os doentes, levantam o espírito dos infortunados, falam aos reis da Terra em nome do Senhor.

O poder de Jesus se lhes comunicara às energias reduzidas.

Estabelecera-se a era da mediunidade, alicerce de todas as realizações do Cristianismo, através dos séculos.

Contra o seu influxo, trabalham, até hoje, os prejuízos morais que avassalam os caminhos do homem, mas é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos céus oferecida às criaturas, no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunidades sinceras da Doutrina do Cristo e é ainda ela que, dilatada dos apóstolos ao círculo de todos os homens, ressurge no Espiritismo cristão, como a alma imortal do Cristianismo Redivivo.

A palavra *Hades* é recorrente no discurso de Pedro, sendo citada nos versículos 24, 27 e 31, cujo significado é o mesmo de *inferno* (ou *Sheol*, no hebraico e *Hades*, no grego). Importa considerar, porém, que para as Escrituras, inferno não tem o mesmo significado que foi dado pelo Catolicismo, o de penas e castigos. A palavra traz apenas a conotação de “lugar dos mortos”, situado embaixo da terra e que, às vezes, pode ser empregada como sinônima de sepultura.<sup>22</sup>

### **3.2.2 AS PROFECIAS DE DAVI, RECORDADAS PELO APÓSTOLO PEDRO**

- » Salmo 15: o Apóstolo Pedro cita o *Salmo* 15 de Davi, o rei profeta de Israel, com o intuito de demonstrar que Jesus era o Messias aguardado pelos judeus:



De fato, é a respeito dele que diz Davi: *Eu via sem cessar o Senhor diante de mim: ele está à minha direita, para que eu não vacile. Por isso alegra-se o meu coração e minha língua exulta. Até a minha carne repousará na esperança, porque não abandonarás minha alma no Hades nem permitirás que teu Santo veja a corrupção. Deste-me a conhecer os caminhos da vida: encher-me-ás de júbilo na tua presença* (At 2:25 a 28).

- » Salmo 131: o apóstolo recorda que neste salmo Davi anuncia a vinda do Messias aguardado e que seria descendente da sua tribo: *Sendo, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe havia assegurado com juramento que um descendente seu tomaria assento em seu trono* (At 2:30).
- » Salmo 109: finalmente, Pedro recorda que Davi prevê a vitória de Jesus Cristo, o Messias: *Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes* (At 2:36).

A grande lição que se extrai do dia de Pentecostes e do discurso de Pedro à multidão pode ser resumida no conteúdo de Atos (2:21): *E então, todo o que invocar o nome do Senhor, será salvo*. Para melhor compreensão, extraímos da mensagem *Serviço de salvação*, de Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, os seguintes trechos:

Os espíritos mais renitentes no crime serão salvos das garras do mal, se invocarem verdadeiramente o amparo do Senhor.

E é forçoso observar que chega sempre um instante, na experiência individual, em que somos constrangidos a recorrer ao que possuímos de mais precioso, no terreno da crença.

[...]

Indispensável se torna recorrer a Jesus para a solução de nossas questões fundamentais.

Invoquemos a compaixão d'Ele e não nos faltará recurso adequado. Não bastará, contudo, tão somente aprender a rogar. Estudemos também a arte de receber.

Às vezes, surgem diferenças superficiais entre pedido e suprimento. O trabalho salvador do Céu virá ao nosso encontro, mas não obedecerá, em grande número de ocasiões, à expectativa de nossa visão imperfeita. Em muitos casos, a Providência Divina nos visita em forma de doença, escassez e contrariedade...

[...] Apesar de tudo, porém, o Cristo nunca deixa de socorrer e aliviar, e o seu sublime esforço de redenção assume variados aspectos tanto quanto são diversas as necessidades de cada um.<sup>23</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Pentecostes e o Pentecostes Cristão, it. Introdução, p. 1341.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Pentecostes e o Pentecostes Cristão, it. Introdução, p. 1341.
- 3 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho da mediunidade*. 16. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2005. cap. 2, it. A descida do Espírito Santo, p. 19 e 20.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos: o Pentecostes*, 2:1-13, p. 1902 e 1903.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Pentecostes e o Pentecostes Cristão, it. Um secular uso do vocábulo, p. 1341.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Pentecostes e o Pentecostes Cristão, it. Um secular uso do vocábulo, p. 1341.
- 7 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 185.
- 8 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 187.
- 9 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 14, it. 160.
- 10 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho da mediunidade*. 16. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2005. cap. 2, it. A descida do Espírito Santo, p. 20.
- 11 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 190.
- 12 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 191.
- 13 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *O Dia de Pentecostes – A difusão do Espírito*, p. 26.
- 14 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 3. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 17, it. 42.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 103 – *Perante a multidão*.

- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*: Discurso de Pedro à multidão, 2:14-36, p. 1902 e 1903.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 46 – *A revolução cristã*.
- 18 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *O Discurso de Pedro – A Profecia de Joel*, p. 29 e 30.
- 19 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Cristão, Livro de Joel, it. Esboço do conteúdo, p. 704.
- 20 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Cristão, Livro de Joel, it. c: Dons do Espírito, p. 705.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 10 – *Mediunidade*.
- 22 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Inferno/Sheol/Hades, p. 597.
- 23 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 129 – *Serviço de salvação*.

## PRIMEIRAS CONVERSÕES. A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ (AT 2:37 A 47)

O veemente discurso de Pedro, estudado no Tema anterior, produziu significativo impacto na multidão que se reunia para a comemoração do dia de Pentecostes, a ponto de cerca de três mil judeus se converterem à Doutrina de Jesus, segundo consta no livro de Lucas (At 2:41). Inspirado, o venerável apóstolo exalta o nome de Jesus, explica causas e consequências de sua Doutrina:

A palavra se alteava, alcandorada e incomparável e, enquanto modulava, impregnava os espíritos e os corações.

Quanto a escutavam em deslumbramento se deixavam tocar, como se estivessem transformados em harpas vivas que fossem tangidas por mãos invisíveis de invulgar beleza.

Comovidos, muitos dentre os ouvintes, se aproximaram, ansiosos e sequiosos de paz, deixando-se conduzir pelas vibrações imponderáveis que os visitavam, enquanto a palavra, a flux, concluía em peroração comovente.

Demorava no recinto o impregnante hálito da paz.

Cantavam no imo de todos em inarticuladas mensagens, as alegrias da hora.<sup>1</sup>

Sob efeito da ação mediúnica, Pedro transmite explicações a respeito de Jesus, sua missão e os ensinamentos do Evangelho, resultando na conversão de inúmeros judeus presentes à reunião, provenientes de diferentes regiões, dentro e fora de Israel. Foi um número mais do que suficiente para fundar, em Jerusalém, a primeira igreja cristã da Humanidade. A partir daquele momento, inicia-se a missão apostólica, propriamente:

Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a sua Boa-Nova. O Evangelho do Cristo é o transunto de todas as filosofias que procuram aprimorar o Espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações.

Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua Bondade infinita.<sup>2</sup>

## 4.1 PRIMEIRAS CONVERSÕES (AT 2:37 A 41)<sup>3</sup>

<sup>37</sup>Ouvindo isto, eles sentiram o coração traspassado e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: “Irmãos, que devemos fazer?” <sup>38</sup>Respondeu-lhes Pedro: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo. <sup>39</sup>Pois para vós é a promessa, assim como para vossos filhos e para todos *aqueles que estão longe*, isto é, para *quantos o Senhor, nosso Deus, chamar*. <sup>40</sup>Com muitas outras palavras conjurava-os e exortava-os, dizendo: “Salvai-vos desta geração perversa”. <sup>41</sup>Aqueles, pois, que acolheram a sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas.

Como foi dito anteriormente, a preleção evangélica de Simão Pedro, majestosa e bela, é considerada o marco inicial da fundação da primeira igreja ou comunidade cristã do planeta e da difusão do Evangelho nas comunidades judaicas e gentílicas. A partir de Pentecostes, passados os cinquenta dias da ressurreição de Jesus (fato que passou a ser conhecido como Páscoa Cristã), a humanidade terrestre não seria mais a mesma, pois o “[...] Evangelho é portador de gigantesca transformação do mundo. Destina-se à redenção das massas anônimas e sofredoras. Reformará o caminho dos povos”.<sup>4</sup>

Os convertidos entenderam que “[...] Pedro estava com a verdade e humildemente pedem que lhes indiquem o caminho que deveriam seguir dali por diante”<sup>5</sup> (v. 37). O apóstolo responde-lhes: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão dos vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2:38). É importante analisar essa resposta do apóstolo, à luz do Espiritismo.

### 4.1.1 A IMPORTÂNCIA DO ARREPENDIMENTO

Ensinam-nos os Espíritos orientadores que “*Não há uma única imperfeição da alma que não acarrete consequências funestas e inevitáveis, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de um gozo*. [...]”<sup>6</sup>

Em consequência, “O Espírito sofre pelo mal que fez, de maneira que, *sendo a sua atenção constantemente dirigida para as consequências desse mal*, melhor compreende os seus inconvenientes e trata de corrigir-se”<sup>7</sup>.

E mais:

Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar uma segunda vez.<sup>8</sup>

O pagamento das faltas cometidas começa com o arrependimento, considerado o primeiro passo para a reparação dos atentados à Lei de Deus:

[...] O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende. O arrependimento acarreta pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. [...].<sup>9</sup>

Na verdade, a quitação de erros cometidos passa por três etapas bem definidas: arrependimento, expiação e reparação:

O arrependimento pode dar-se por toda parte e em qualquer tempo; se for tardio o culpado sofrerá por muito mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais que são a consequência da falta cometida, seja na vida atual, seja na vida espiritual após a morte, ou ainda em nova existência corpórea, até que os últimos vestígios da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em fazer o bem a quem se havia feito o mal. Quem não repara seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, achar-se-á numa existência posterior em contato com as mesmas pessoas a quem prejudicou, em condições voluntariamente escolhidas, de modo a demonstrar-lhes o seu devotamento e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.<sup>10</sup>

#### 4.1.2 O BATISMO E O DOM DO ESPÍRITO SANTO

Faz-se necessário saber distinguir o significado do batismo e do dom do Espírito Santo, conceituados pela teologia religiosa e o sentido espiritual: “Batizar-se em nome de Jesus é aceitar-lhe os ensinamentos e viver de conformidade com eles. Receber o dom do Espírito é desenvolver a mediunidade e converter-se em instrumento do bem”.<sup>11</sup> Este é o pensamento espírita. Contudo, segundo as tradições religiosas, há três tipos de batismo: “[...] o da água, o do fogo e o do Espírito Santo. O primeiro, isto é, o da água, foi aplicado por João Batista; os dois últimos, segundo o testemunho do mesmo profeta, são de Jesus”,<sup>12</sup> como consta nesta citação de *Mateus* (3:1, 2, 6, 7 e 11):

E, naqueles dias, apareceu João, o Batista, pregando no deserto da Judeia. E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. [...].

E eram por ele batizados no *rio Jordão*, confessando os seus pecados. E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? [...] E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; não sou digno de levar as suas sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo.<sup>13</sup>

As três modalidades de batismo indicadas apresentam simbolismos, das quais é importante extrair o significado espiritual:

- » Batismo por imersão na água: foi uma prática iniciada por João Batista, segundo a qual as pessoas arrependidas “[...] assumiam publicamente o compromisso de mudar de vida, de se transformarem, deixando seus hábitos pecaminosos e seus costumes corrompidos. Como tal, o Batista só aplicava o seu batismo em adultos. [...]”.<sup>14</sup> Mais tarde, a teologia católica dispensou a imersão e passou a batizar crianças, umedecendo-lhes os cabelos com água.
- » Batismo do fogo e do Espírito Santo: estes seriam utilizados por Jesus, conforme o testemunho do Precursor, segundo este entendimento:

[...] O que é da Terra é da Terra, tem o seu cunho próprio e inconfundível. Por sua vez, o que é do Céu é do Céu, traz o característico, a identidade de que o torna distinto, inimitável. O batismo da água é da Terra. João empregou-o alegoricamente [...]. Como criação humana, pode ser mistificado, adulterado em sua finalidade. Tudo que é do homem está sujeito a essa contingência. O que, porém, vem de Deus, escapa às influências mundanas, impõe-se por si mesmo, é inalterável, não se confunde nem está sujeito aos desvirtuamentos e às deturpações.<sup>14</sup>

Nessas condições, o batismo do fogo e o do Espírito Santo, trazidos por Jesus, extrapolam os rituais e manifestações de culto externo porque é de origem divina e independe da vontade humana:

[...] Na sua aplicação, os homens não podem intervir. Trata-se de fenômenos regulados pelas Leis Divinas, leis naturais que tudo regem no Universo. Nesse setor, é defeso ao homem penetrar e intervir. [...].<sup>14</sup>

Pelo batismo do fogo, a alma se depara com os desafios existenciais, as provas e as expiações de cada reencarnação:

[...] A alma que enverga a libré da carne é lançada na liça. Ela tem que porfiar para se afazer ao meio; tem que prever todas as necessidades reclamadas pela matéria e a elas prover; tem de suportar a bagagem que traz do passado, a qual forma o seu ambiente interior [...] tem de arcar com as contingências próprias deste mundo, tais como a ilusão dos sentidos, a enfermidade, as ingratidões, a injustiça, a inveja, o ciúme, as perseguições, as rivalidades, a separação de entes queridos e, finalmente, a morte, que, no dizer de São Paulo, é o derradeiro inimigo a vencer. A dor, portanto, sob múltiplas modalidades, constitui o batismo do fogo, de cuja ação ninguém escapa e cuja aplicação independe do concurso humano. [...].<sup>14</sup>

O batismo pelo Espírito Santo, extraordinariamente ocorrido no dia de Pentecostes, refere-se à manifestação dos Espíritos por meio da faculdade mediúnica, que é inerente ao ser humano. A inspirada explicação que o Apóstolo Pedro forneceu aos circunstantes a respeito dos múltiplos fenômenos mediúnicos que aconteceram, sob a direção do Cristo, invisível, mas não ausente, conduziu inúmeras pessoas ao arrependimento e à conversão:

Estava, portanto, cumprida a promessa e, com ela, fundada a igreja viva de Jesus Cristo neste mundo. Dali por diante, não havia mais apóstolos traidores, dúbios, pusilânimes, duros de entendimento e tardos de coração. [...].<sup>14</sup>

Era chegada a Era do Espírito, iniciada na humilde manjedoura que serviu de berço ao Messias de Deus. O Evangelho fora pregado e exemplificado por Jesus, cabendo, agora, os seus fiéis discípulos divulgá-lo a todas as gentes (Mc 16:15).

Em síntese: pelo batismo do fogo, o ser humano reajusta-se e se eleva espiritualmente por meio das provações existenciais que refletem a Justiça Divina. O batismo pelo Espírito Santo indica a manifestação da Misericórdia de Deus que, pela mediunidade, permite que a Mensagem do Amor Imortal seja difundida em todos os quadrantes do planeta:

O batismo de Jesus não é o da água. O da água é o batismo terreno, inócuo, inoperante, ineficaz, conforme atestam os fatos. O batismo de Jesus é, como disse o Precursor: o do fogo e o do Espírito, representando, respectivamente, a lei e a graça, ou seja, a Justiça e a Misericórdia Divina. Tais são os batismos do Céu, eficazes e positivos, por isso que realmente transformam, convertem e redime as almas!<sup>14</sup>

## 4.2 A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ (AT 2:42 A 47)<sup>15</sup>

<sup>42</sup>Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. <sup>43</sup>Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. <sup>44</sup>Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: <sup>45</sup>vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. <sup>46</sup>Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. <sup>47</sup>Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.

Lançando um breve olhar ao passado, é fácil deduzir como deve ter sido desafiante o surgimento de uma comunidade cristã, sobretudo em Jerusalém, o núcleo central do Judaísmo, onde também se convivia com a



administração dos herodianos e as imposições do invasor romano. Aquelas almas devotadas e fiéis ao Cristo, reunidas sob a liderança de Simão Pedro, foram submetidas às mais duras provações, a fim de levar ao mundo a mensagem do Evangelho. A Igreja Cristã de Jerusalém, também conhecida como Casa do Caminho, foi uma comunidade erguida sob lágrimas e renúncias, sem dúvidas, mas também de manifestações de amor ao próximo:

Edificante é a investigação, o estudo acerca do Cristianismo nos primeiros tempos de sua história; edificante lembrarmos as apagadas figuras de pescadores humildes, grosseiros e quase analfabetos, a enfrentarem o extraordinário e secular edifício erguido pelos triunfos romanos, objetivando a sua reforma integral.

Afrontando a morte em todos os caminhos, reconheceram, em breve, que inúmeros Espíritos oprimidos os aguardavam e com eles se transformavam em anunciadores da causa do divino Mestre.

A história da Igreja cristã nos seus primitivos séculos está cheia de heroísmos santificantes e de redentoras abnegações. [...].<sup>16</sup>

A despeito dos desvios e equívocos que surgiram no seio das igrejas cristãs ao longo dos séculos posteriores, a Casa do Caminho ergueu-se sob as legítimas e verdadeiras bases do Evangelho de Jesus:

[...] Todas as verdades encontram-se no Cristianismo; os erros que nele se arraigaram são de origem humana. E eis que do Além-Túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade”.<sup>17</sup>

Contudo, as bases sob as quais foram erguidas a Casa do Caminho serão retomadas durante a Era da Regeneração da humanidade terrestre, e o Espiritismo ocupará um espaço de destaque nessa época, esclarecendo e divulgando ensinamentos imortais do Evangelho à luz da fé raciocinada. Assim, é importante estarmos atentos a esta mensagem do Espírito da Verdade:

Sinto-me tomado de muita compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza para não deixar de estender a mão em socorro aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. [...].<sup>17</sup>

*Atos dos apóstolos* (2:42 e 43) descreve como era a vida comunitária da Casa do Caminho que, a rigor, não apresentava, ainda, uma organização típica de igreja, tal como entendemos atualmente. Os cristãos viviam em comunhão fraterna, aprendiam com os apóstolos os ensinamentos do

Evangelho, compartilhavam as refeições simples e se dedicavam a oração (v. 42 e 43). Os apóstolos intermediavam os fenômenos mediúnicos, nem sempre devidamente compreendido pela comunidade (v. 43).

Tudo indica, porém, que os convertidos e mesmo os apóstolos, continuavam a frequentar, com assiduidade, o Templo de Jerusalém (v. 46). Tal fato não deve causar estranheza, até porque os cristãos foram inicialmente considerados como uma seita ou divisão do Judaísmo. Um exemplo notório diz respeito à questão da circuncisão, considerada obrigatória para os cristãos. Somente a partir do ano 49, após o Concílio de Jerusalém, somando-se às ações de Paulo de Tarso, os cristãos – sobretudo os gentílicos convertidos ao Cristianismo – foram desobrigados da circuncisão. Com essa e outras modificações, a comunidade cristã foi se afastando dos costumes e das tradições do Judaísmo.

Um ponto que se destaca na passagem de *Atos dos apóstolos*, ora sob análise, é forma como foi organizada a vida em sociedade da primeira comunidade cristã. Ergueu-se, ali, uma estrutura social, em que “tudo pertencia a todos”, tendo como base os ensinamentos de Jesus, porém fora dos padrões existentes. Dessa forma, os bens materiais individuais, como propriedades e outros, eram vendidos e compartilhados entre si: “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um” (At 2:44 e 45). É importante entender o sentido da comunhão de bens que moldou a estrutura social da Igreja Cristã de Jerusalém:

“Comunhão” (1 Cor 1:9+) é empregada aqui sem complemento (cf. Gl 2:9). Faz-se mister entendê-la certamente como comunhão de bens (v. 44; 4:2-35), que exprime e reforça a união dos corações (v. 46; 4:32), resultante da partilha do evangelho e de todos os bens recebidos de Deus por Jesus Cristo na comunidade apostólica. O sentido do termo não se limita a ajuda social, nem a ideologia comum ou sentimento de solidariedade.<sup>18</sup>

Esse modelo de comunhão fraterna, caracterizado pelo compartilhamento coletivo das ideias religiosas e dos bens materiais, não era totalmente desconhecida, e deve ter sido inspirado na forma de vida dos *essênios*:

Seita judia, fundada por volta do ano 150 antes de Jesus Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiro, formavam entre si um tipo de associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e pelas virtudes austeras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e se entregavam à agricultura. Contrários aos saduceus sensuais, que negavam

a imortalidade, bem como aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas querelas que dividiram essas duas seitas. [...].<sup>19</sup>

A ordem religiosa dos essênios, era composta de religiosos judeus que estudavam a lei de Moisés e se dedicavam a uma vida ascética.<sup>20</sup> Seus princípios eram, sem dúvida, admiráveis:

Com o intuito de observar religiosamente a cerimonial, formavam colônias em várias cidades da Judeia e no deserto *Engedi* [situado a oeste do Mar Morto]. Cada uma dessas colônias possuía a própria sinagoga, consistindo em um grande salão, que servia igualmente para as refeições, para as assembleias e para guardar os objetos indispensáveis aos banhos diários em águas correntes. Qualquer pessoa que desejasse fazer parte da ordem obrigava-se a abrir mão de tudo que possuía a favor dela.

[...]

Adotavam hábitos muito simples, no vestuário e na alimentação. Passavam o dia cultivando as hortas e se aplicando a diversas atividades. Não precisavam muito de dinheiro, produzindo pelas próprias mãos o que lhes era mais necessário para viver. [...] Aprovavam o casamento, mas se abstinham dele [...]. Observavam inexcusável moralidade; prometiam: honrar a Deus, ser justos para com todos os homens, não praticar o mal, promover o bem, ser fiéis uns para com os outros, e principalmente para com as autoridades, amar a verdade, desmascarar os mentirosos, guardar as mãos contra os furtos e conservar a consciência livre de negócios ilícitos. [...].<sup>20</sup>

Emmanuel convida-nos à reflexão mais aprofundada a respeito do assunto, destacando a importância do conteúdo registrado em *Atos* (2:42): “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações”. O Espírito benfeitor começa por nos perguntar: *Em que perseveras?* Em seguida, trazendo o contexto histórico da era apostólica para uma análise atual, prossegue em suas pertinentes indagações: “Onde a coragem que revestia corações humildes, à frente dos leões do circo? onde a fé que punha afirmações imortais na boca ferida dos mártires anônimos? onde os sinais públicos das vozes celestiais? onde os leprosos limpos e os cegos curados?”<sup>21</sup> As respostas, lúcidas e consoladoras, vêm em seguida, iluminando-nos o entendimento:

As oportunidades do Senhor continuam fluindo, incessantes, sobre a Terra.

A Misericórdia do Pai não mudou.

A Providência Divina é invariável em todos os tempos.

A atitude dos cristãos, na atualidade, porém, é muito diferente. Raríssimos perseveram na doutrina dos apóstolos, na comunhão com o Evangelho, no

espírito de fraternidade, nos serviços da fé viva. A maioria prefere os chamados “pontos de vista”, comunga com o personalismo destruidor, fortalece a raiz do egoísmo e raciocina sem iluminação espiritual.

A Bondade do Senhor é constante e imperecível.

Reparemos, pois, em que direção somos perseverantes.

Antes de aplaudir os mais afoitos, procuremos saber se estamos com a volubilidade dos homens ou com a imutabilidade do Cristo.<sup>21</sup>

A revivência do Cristianismo é a esperança que aguarda o amanhã da civilização terráquea. Que os espíritas, envolvidos no entendimento e divulgação do Evangelho em Espírito e Verdade, estejamos sempre atentos às seguintes orientações transmitidas pelo Espírito Bittencourt Sampaio:

Na compreensão exata do Evangelho está hoje guardada a solução de todas as crises que assoberbam os humanos. O critério de civilização ou de cultura, sob o ponto de vista mundano, não resolve os sérios enigmas que preocupam a mentalidade geral, porquanto, moralmente falando, o homem está cheio de necessidades. A mensagem do Cristo, ainda hoje, é obscura e desconhecida no ambiente de quase todas as nacionalidades, não obstante as igrejas de todos os matizes, isoladas dos verdadeiros característicos do Cristianismo. [...]

[...]

Todos os programas dos ideais espiritualistas têm de se basear na melhoria do homem. O Espiritismo terá de reviver o Cristianismo ou terá de perecer; as suas questões científicas são acessórios necessários à sua evolução como doutrina, mas não significam a sua vitalidade essencial. Os que malsinam a obra evangélica, taxando-a de inútil e descabida, não apreenderam as grandes verdades da Vida, despidos do senso das realidades atuais.

É necessário que os espíritas se convençam de que toda a obra doutrinária, sem o concurso da parte moral do Espiritismo, passará como meteoro. Se nas vossas atividades consuetudinárias tendes visto fracassarem inúmeras edificações, rotuladas com a nossa fé consoladora, semelhantes desastres são o fruto de injustificáveis irreflexões. Antes de criar os espíritas conscientes dos seus deveres de fraternidade, de humildade e de amor, tendes levantado as obras espíritas, vazias das consciências esclarecidas, inaptas a orientá-las no labirinto das atividades modernas. Criar instituições sem afinar as mentes que as nortearão nos ambientes da coletividade, de acordo com os seus objetivos sagrados, é meio caminho andado para a sua própria falência.

Convençei-vos de que a atualidade necessita do esforço comum de todos à sombra da bandeira da tolerância e da unificação para que se dissemine a lição do Evangelho em todo o planeta. Antes dos cérebros, faz-se mister iluminar-se os corações. O Espiritismo marchará com o Cristo ou se desviará de suas finalidades sagradas. Ou os homens realizam o Evangelho ou a sua civilização terá de desaparecer.<sup>22</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 89. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 18, p. 202.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. 2 – *A ascendência do Evangelho*, it. 2.4 Jesus.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*: primeiras conversões, 2:37-41, p. 1904 e 1905.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Luz acima*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2013. cap. 46 – *A revolução cristã*.
- 5 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 30, it. As primeiras conversões, p. 225.
- 6 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, 3º código.
- 7 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, 7º código.
- 8 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, 9º código.
- 9 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 6, it. Estudo sobre o Espírito Jacques Latour.
- 10 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. 7, it. Código penal da vida futura, 17º código.
- 11 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 30, it. As primeiras conversões, p. 225.
- 12 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. Os três batismos: o da água, o do fogo e o do Espírito.
- 13 BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Rev. e corrig. 4. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Mateus, 3:1-2, 6-7, 11, p. 1247 e 1248.

- 14 VINÍCIUS. *Na seara do mestre*. 10. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. *Os três batismos: o da água, o do fogo e o do Espírito*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos: A primeira comunidade cristã*, 2:42-44, p. 1905.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Emmanuel*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. 1ª pt., cap. 3 – *Roma e a Humanidade*, it. 3.2 O Cristianismo em suas origens.
- 17 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 6, it. 5.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos: A primeira comunidade cristã*, 2:42. Nota de rodapé “f”, p. 1905.
- 19 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. *Introdução*, it. III – Notícias históricas, subit. Essênios ou esseus.
- 20 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Essênios, p. 428.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 39 – *Em que perseveras?*
- 22 SAMPAIO, Francisco Leite Bittencourt. *A obra do Evangelho*. (Mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, em 24 de março de 1936). In: *Reformador*, mar. 1976, p. 6(62).

## CURA DE UM ALEIJADO. DISCURSO DE PEDRO AO POVO (AT 3:1 A 26)

Com a fundação da Igreja Cristã de Jerusalém, também denominada Casa do Caminho, as atividades dos apóstolos e discípulos próximos eram intensas, dentro e fora da comunidade. Havia a preocupação de esclarecer os recém-convertidos sobre os ensinamentos do Evangelho, para aprenderem a viver em conjunto, adequando-se às novas condições da vida de compartilhamento de bens e de comunhão fraterna. As manifestações mediúnicas, corriqueiras entre os apóstolos, representavam o instrumento de transmissão das instruções espirituais e meio para a realização de curas:

Inicialmente, os discípulos ensinavam num dos pórticos do Templo, seguindo o exemplo de Jesus que, quando se achava em Jerusalém, abrigava-se sob as arcadas e dali falava aos ouvintes, agrupados em semicírculo para ouvi-lo. Comumente convidavam os apóstolos a ir expor o Evangelho em casas particulares, onde também partiam o pão e davam-no a comer, depois de abençoá-lo. A cerimônia de fracionar o pão foi abandonada aos poucos; contudo, ainda subsistiam vestígios dela em seitas religiosas que se derivaram do primitivo Cristianismo. O número dos convertidos ao Evangelho aumentava diariamente, não só pela simplicidade com que os apóstolos os explicavam, como também porque o povo cansara-se das religiões dogmáticas oficiais, que lhe deslumbravam os sentidos, mas não lhes tocavam o coração. E hoje o Espiritismo, revivendo o Cristianismo em sua prisca pureza, anuncia o Evangelho com a mesma singeleza, endereçando-o aos corações. E o número de seus adeptos cresce sem cessar.<sup>1</sup>

O estudo atual faz parte do que a tradição cristã denomina de *ministério de Pedro em Jerusalém*. Os 26 versículos do capítulo 3 de *Atos* relatam: a cura de um aleijado, que diariamente mendigava na porta do Templo de Jerusalém (v. 1 a 10), e o segundo discurso de Pedro à multidão – o primeiro discurso foi após as manifestações mediúnicas de Pentecostes – pronunciado em seguida à cura do aleijado (v. 11 a 26), ocasião que, tal

como acontecera anteriormente, em sua primeira fala ao povo, ele cita passagens das Escrituras para louvar Jesus, como o Cristo de Deus. Essa cura e o discurso de Pedro provocaram significativo impacto nas autoridades religiosas dos judeus que iniciaram perseguição aos apóstolos:

[...] Isso assinalou o começo do declínio da popularidade da comunidade cristã, o que é descrito na passagem de *Atos*, 2:47. Esse choque era verdadeiramente inevitável, como também o foi a oposição contra Jesus, por parte das autoridades eclesiásticas do povo judeu. As ideias e o ideal que o cristianismo e o judaísmo defendiam eram diametralmente opostos entre si. A doutrina que era pregada pela igreja cristã acerca do caráter messiânico e divindade de Cristo Jesus, a quem a nação judaica, como um todo, havia rejeitado e crucificado, estava destinada a produzir eventualmente esse conflito. [...].<sup>2</sup>

## 5.1 CURA DE UM ALEIJADO (AT 3:1 A 10)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Pedro e João estavam subindo ao Templo para a oração da hora nona. <sup>2</sup>Trouxeram, então, um homem que era aleijado de nascença, e que todos os dias era carregado à porta do Templo, chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. <sup>3</sup>Vendo a Pedro e João, que iam entrar no Templo, implorou que lhe dessem uma esmola. <sup>4</sup>Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disse-lhe: “Olha para nós!” <sup>5</sup>Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. <sup>6</sup>Mas Pedro lhe disse: “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, anda!” <sup>7</sup>E, tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante seus pés e calcanhares se firmaram; <sup>8</sup>de um salto pôs-se em pé e começou a andar. E entrou com eles no Templo, andando, saltando e louvando a Deus. <sup>9</sup>Todo o povo viu-o andar e louvar a Deus; <sup>10</sup>reconheciam-no, pois era ele quem esmolava, assentado junto à Porta Formosa do Templo. E ficaram cheios de admiração e de assombro pelo que lhe sucedera.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, conforme consta em *Atos dos apóstolos*, destaca-se a liderança do Apóstolo Pedro, a pedra angular, como Jesus o nomeou que, a despeito de ser portador de uma personalidade rústica, era um líder nato: “Era de fato, *Cephas, Petra*, calhau ou pedra, *cabeça dura*. Não possuía sutileza para as questões do Espírito. Rocha ou pedra, apelido que o Mestre lhe dera, significaria que seria tão firme a sua fé e abnegação, que se compararia à força e rigidez da pedra?”<sup>4</sup> Uma certeza se nos depara quando refletimos a respeito da missão do apóstolo:

Na “Casa do Caminho”, ou na estrada de Jopa [Jope], ou em Antioquia, no “Mundo Mediterrâneo”, ou em Roma, a veneranda figura de Simão Pedro foi a pedra angular da Igreja de Jesus para a Humanidade, o emérito missivista da arregimentação da fé e da esperança até o momento em que, na



“Babilônia”, com Paulo, ampliando e mantendo os horizontes da fé viva, “outras mãos cingiram as suas mãos” [...] e o levaram ao testemunho. Foi o discípulo por excelência – Simão Pedro: pedra e pastor –, que se levantou do engano para viver Jesus até o último instante, apascentando os cordeiros do Seu rebanho de amor...<sup>5</sup>

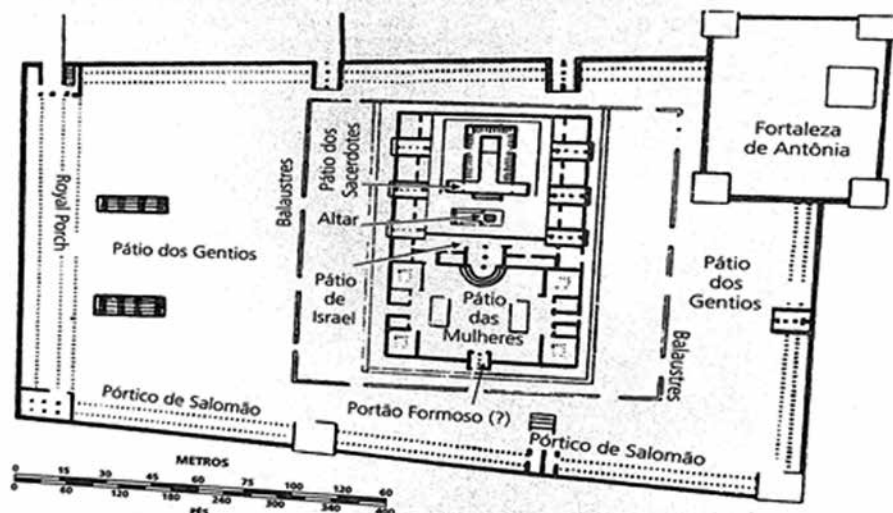
Os apóstolos continuaram a frequentar o Templo de Jerusalém (v. 1), mesmo após a fundação da Igreja Cristã de Jerusalém, cujas atividades realizadas na Casa do Caminho, sobretudo as que envolviam auxílio ao próximo, eram do conhecimento geral. Por esse motivo, quando um dia Pedro e João foram orar no Templo, trouxeram-lhes uma pessoa que revelava deficiência motora de nascença para receber deles uma esmola (v. 2 e 3). Tratava-se de um coxo que ficava, usualmente, junto à Porta Formosa do Templo, local próximo ao Pórtico de Salomão, colunata que ficava no lado do oriente do Templo, onde os apóstolos ali estiveram várias vezes (At 3:11; 5:12).<sup>6</sup> O Pórtico de Salomão fazia parte do Templo construído por Herodes, iniciado em 19 a.C., e concluída no ano 9 a.C.<sup>7</sup> Era uma edificação majestosa que abrigava internamente os edifícios do Templo, os quais ocupavam uma área de aproximadamente 450 metros do norte ao sul, e cerca de 300 metros do leste ao oeste, de tal maneira que “[...] a área inteira era cercada por um muro de enormes blocos de pedra (normalmente com 60 cm de altura e até 5 m de comprimento; cf. Mc 13:1). [...]”<sup>8</sup> Como resgate histórico temos as seguintes informações:

[...] Um pórtico atravessava o muro do lado norte (Portão Tadi), mas aparentemente nunca foi usado, e um outro pórtico dava pela entrada pelo muro no lado leste (sob o atual Portão de Ouro). [...] Rampas havia que conduziam desse nível até o nível do átrio. Quatro portões davam frente para a cidade pelo lado ocidental. [...] Na esquina noroeste havia a fortaleza de Antônia, que dominava todo o cercado. Essa era a residência dos procuradores [romanos] que se encontravam em Jerusalém. [...] As vestes dos sacerdotes eram guardadas ali, como sinal de sujeição.

O átrio interno do templo estava rodeado por um pórtico, dentro dos muros. Conforme descrito por Josefo (Antiguidades XV, 410-416), o pórtico sul tinha quatro fileiras de colunas, era chamado de Pórtico Real. Os pórticos dos outros lados tinham cada qual duas fileiras de colunas. O Pórtico de Salomão se prolongava por todo o lado oriental (Jo 10:23; At 3:11; 5:12). Era debaixo dessas colunatas que os escribas mantinham as suas escolas e seus debates (cf. Lc 2:46 e 19: 47; Mc 11:27), e ali é que os comerciantes e cambistas tinham instalado as suas mesas (Jo 2:14-16; Lc 19:45, 46). Quatro portões davam acesso para os lados norte e sul, e um portão dava acesso para o lado leste. Esse último contava com portas de trabalho coríntio em bronze, e talvez tenha sido a Porta Formosa de At 3:2 [...].<sup>8</sup>

A figura seguinte ilustra essas breves informações:

## TEMPLO DE HERODES



Fonte: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. verbete: Templo de Herodes, p. 1305 e 1306

Frente a frente com o coxo, Simão Pedro realiza a cura sob inspiração mediúcnica, conforme consta em *Atos* (3:4 a 6):

Pedro, porém, fitando nele os olhos, junto com João, disse-lhe: “Olha para nós!” Ele os olhava atentamente, esperando receber deles alguma coisa. Mas Pedro lhe disse: “Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, anda!”

Emmanuel analisa com muita propriedade o significado das palavras de Pedro dirigidas ao doente, pronunciadas pouco antes da realização da cura:

### Há muita diferença<sup>9</sup>

*E disse Pedro: não tenho prata nem ouro,  
mas o que tenho, isso te dou. (Atos, 3:6.)*

É justo recomendar muito cuidado aos que se interessam pelas vantagens da política humana, reportando-se a Jesus e tentando explicar, pelo Evangelho, certos absurdos em matéria de teorias sociais.

Quase sempre, a lei humana se dirige ao governado, nesta fórmula: – “O que tens me pertence”.

O Cristianismo, porém, pela boca inspirada de Pedro, assevera aos ouvidos do próximo: – “O que tenho, isso te dou”.

Já meditaste na grandeza do mundo, quando os homens estiverem resolvidos a dar do que possuem para o edifício da evolução universal?

Nos serviços da caridade comum, nas instituições de benemerência pública, raramente a criatura cede ao semelhante aquilo que lhe constitui propriedade intrínseca.

Para o serviço real do bem eterno, fiar-se-á alguém nas posses perecíveis da Terra, em caráter absoluto?

O homem generoso distribuirá dinheiro e utilidades com os necessitados do seu caminho, entretanto, não fixará em si mesmo a luz e a alegria que nascem dessas dádivas, se as não realizou com o sentimento do amor, que, no fundo, é a sua riqueza imperecível e legítima.

Cada individualidade traz consigo as qualidades nobres que já conquistou e com que pode avançar sempre, no terreno das aquisições espirituais de ordem superior.

Não olvides a palavra amorosa de Pedro e dá de ti mesmo, no esforço de salvação, porquanto quem espera pelo ouro ou pela prata, a fim de contribuir nas boas obras, em verdade ainda se encontra distante da possibilidade de ajudar a si próprio.

A cura e a recuperação motora do coxo surpreenderam a todos e provocou profunda admiração aos presentes, sobretudo quando o viram entrar no Templo caminhando em companhia dos Apóstolos Pedro e João, como relata *Atos* (3:7 e 8):

E, tomando-o pela mão direita, ergueu-o. No mesmo instante seus pés e calcanhares se firmaram; de um salto pôs-se em pé e começou a andar. E entrou com eles no Templo, andando, saltando e louvando a Deus.

A força mediúnica marcou a missão dos apóstolos, como se pode constatar nos relatos de Lucas em *Atos dos apóstolos*, assim como nas demais escrituras neotestamentárias. À luz do entendimento espírita, a mediunidade é considerada, porém, algo natural, uma faculdade psíquica inerente ao ser humano que, como qualquer faculdade, é passível de desenvolvimento, revelando-se, em cada indivíduo, mais ou menos intensa:

O que difere, em cada pessoa, é o problema de rumo.

Nisso reside a razão pela qual os Mensageiros divinos insistirão, ainda por muito tempo, pela sublimação das energias psíquicas a fim de que os frutos do bem se multipliquem por toda a Terra.<sup>10</sup>

## 5.2 DISCURSO DE PEDRO AO POVO (AT 3:11 A 26)<sup>11</sup>

<sup>11</sup>Como ele não largasse Pedro e João, aconteceu todo o povo, atônito, para junto deles, no pórtico chamado de Salomão. <sup>12</sup>À vista disso, Pedro dirigiu-se ao povo: “Homens de Israel, por que vos admirais assim? Ou por que fixais os olhos em nós, como se por nosso próprio poder ou piedade tivéssemos feito

este homem andar? <sup>13</sup>O Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, o Deus de nossos pais glorificou o seu servo Jesus, a quem vós entregastes e negastes diante de Pilatos, quando este já estava decidido a soltá-lo. <sup>14</sup>Vós acusastes o Santo e o Justo, e exigistes que fosse agraciado para vós um assassino, <sup>15</sup>enquanto fazíeis morrer o *Príncipe* da vida. Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disto nós somos testemunhas. <sup>16</sup>Graças à fé em seu nome, este homem que contemplais e a quem conheceis, foi o Seu nome que o revigorou; e a fé que nos vem por Ele é que deu a este homem a sua perfeita saúde diante de todos vós. <sup>17</sup>Entretanto, irmãos, sei que agistes por ignorância, da mesma forma como vossos chefes. <sup>18</sup>Assim, porém, Deus realizou o que antecipadamente anunciara pela boca de todos os profetas, a saber, que seu Cristo havia de padecer. <sup>19</sup>Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados, <sup>20</sup>e deste modo venham da face do Senhor os tempos do refrigério. Então enviará ele o Cristo que vos foi destinado, Jesus, <sup>21</sup>a quem o céu deve acolher até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de seus santos profetas. <sup>22</sup>Moisés, na verdade, falou: *O Senhor nosso Deus vos suscitará dentre os vossos irmãos um profeta semelhante a mim; vós o ouvireis em tudo o que ele vos disser.* <sup>23</sup>*E todo aquele que não escutar esse profeta, será exterminado do meio do povo.* <sup>24</sup>Também os outros profetas, desde Samuel e todos os que seguiram falaram, prenunciaram estes dias”. <sup>25</sup>Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com os nossos pais, quando disse a Abraão: *“Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra.* <sup>26</sup>Para vós em primeiro lugar Deus ressuscitou seu Servo e o enviou para vos abençoar, a partir do momento em que cada um de vós se afaste de suas maldades”.

O coxo que fora curado e todo o povo presente ao Templo cercaram Simão Pedro e João, cheios de admiração, como seria natural, mas sem compreenderem como foi possível a cura. Pedro profere, então, o segundo discurso à multidão – o primeiro discurso ocorreu após as manifestações mediúnicas de Pentecostes, como consta, respectivamente, em *Atos* (2:14 a 36, e 1 a 4). Cercado e pressionado, consta nos versículos 12 e 13 como o apóstolo reagiu:

[...] Pedro começou seu discurso ao povo deliberadamente tirando a atenção de si mesmo, negando *qualquer poder especial* ou  *piedade*. Em vez disso, ele concentrou a atenção do povo no Deus que eles já tinham adorado e no fato de Jesus ter sido aprovado e ressuscitado por Deus. No v. 16, Pedro parece sugerir que os seres humanos não podem sequer alegar legitimamente a fé como algo que pertence a eles mesmos. Em vez disso, ele está falando da *fé em nome de Jesus* e na *fé que vem por meio de Jesus*.<sup>12</sup>

Em seu discurso, o apóstolo recordar-lhes que Jesus, Santo e Justo, foi por eles entregue a Pilatos, fazendo morrer o *Príncipe da vida* (v. 13 a 15) que foi acusado, perseguido e crucificado com apoio deles. Contudo, enfatiza:

“Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos, e disto nós somos testemunhas” (v. 15). Possivelmente para não acirrar os ânimos, o apóstolo nada diz sobre o quão terrível eles foram por rejeitarem Jesus, alegando que tudo o que fizeram foi por ignorância (v. 17 e 18): “Entretanto, irmãos, sei que agistes por ignorância, da mesma forma como vossos chefes. Assim, porém, Deus realizou o que antecipadamente anunciara pela boca de todos os profetas, a saber, que seu Cristo havia de padecer”.

Prosseguindo em seus argumentos, Simão Pedro assinala que, com o arrependimento e a conversão, eles ainda poderiam reparar os equívocos e se reconciliarem com Jesus, como está registrado em *Atos* (3:19 a 21): “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, a fim de que sejam apagados os vossos pecados, e deste modo venham da face do Senhor os tempos do refrigério. Então enviará ele o Cristo que vos foi destinado, Jesus, a quem o céu deve acolher até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de seus santos profetas”:

O discurso termina com Pedro deixando claro que ele considerava que os judeus se encontravam em uma posição singular. Ele lhes disse: *Vós sois filhos dos profetas e da aliança*, e que Jesus fora enviado *primeiramente a vós outros para vos abençoar*, e que por meio deles seriam *abençoadas todas as nações da Terra* (cf. Gn 12:3; 18:18; 22:18).<sup>13</sup>

Em síntese, o discurso pronunciado por Pedro no Pórtico de Salomão, após a cura de um homem coxo de nascença, teve como escopo lembrar aos judeus que eles rejeitaram e condenaram Jesus, o Messias aguardado, mas que poderiam reparar esse lamentável erro pelo arrependimento e conversão. Nesse sentido, importa considerar que o povo, a despeito de seguir a *Torá* e realizar os cultos externos impostos pela tradição, não conseguia apreender o significado espiritual dos ensinamentos dos profetas e das Escrituras. Até porque, estando a comunidade judaica rodeada por povos gentílicos, inclusive vivendo sob o jugo politeísta dos romanos, não havia interesse em desenvolver maiores entendimentos religiosos. Na maioria das vezes, os judeus eram manipulados pelos sacerdotes, que lhes diziam o que deviam ou não fazer.

Os povos daquele tempo eram politeístas; somente os judeus eram mono-teístas. Para não haver dúvidas quanto aos poderes de Jesus, Pedro adverte os israelitas de que o poder e a virtude de Jesus emanavam daquele Deus Uno que eles adoravam desde os tempos do patriarca Abraão; lembra-os de que o negaram diante da autoridade romana ainda que esta o quisesse salvar, trocando-o por Barrabás. Embora o tenhais matado, somos testemunhas de que ele vive, afirma Pedro.<sup>14</sup>

O discurso de Pedro justifica, de certa forma, que o povo judeu condenou o Cristo por ignorância:

A ignorância é a causa de todos os males que afligem a humanidade e de serem repudiados os grandes vultos que a vieram beneficiar; e retarda a aceitação das nobres ideias que vêm esclarecer, como atualmente se dá com o Espiritismo. Todavia, depois de muitas lutas, a ignorância cede lugar à luz e o mundo avança mais um pouco na senda do progresso.<sup>15</sup>

Como fechamento do estudo, destacamos a importância do arrependimento pelos equívocos cometidos, considerado o primeiro passo da nossa ascensão espiritual. Como ilustração, reproduzimos aqui um texto de Emmanuel que analisa a recomendação de Pedro, inserida em *Atos*, 3:19 e 20:

**Estações necessárias<sup>16</sup>**

*Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor. (Atos, 3:19.)*

Os crentes inquietos quase sempre admitem que o trabalho de redenção se processa em algumas providências convencionais e que apenas com certa atividade externa já se encontram de posse dos títulos mais elevados, junto aos Mensageiros Divinos.

A maioria dos católicos-romanos pretende a isenção das dificuldades com as cerimônias exteriores; muitos protestantes acreditam na plena identificação com o Céu tão só pela enunciação de alguns hinos, enquanto enorme percentagem de espíritistas se crê na intimidade de supremas revelações apenas pelo fato de haver frequentado algumas sessões.

Tudo isto constitui preparação valiosa, mas não é tudo.

Há um esforço iluminativo para o interior, sem o qual homem algum penetrará o santuário da Verdade Divina.

A palavra de Pedro à massa popular contém a síntese do vasto programa de transformação essencial a que toda criatura se submeterá para a felicidade da união com o Cristo. Há estações indispensáveis para a realização, porquanto ninguém atingirá de vez a eterna claridade da culminância.

Antes de tudo, é imprescindível que o culpado se arrependa, reconhecendo a extensão e o volume das próprias faltas e que se converta, a fim de alcançar a época de refrigério pela presença do Senhor nele próprio. Aí chegado, habilitar-se-á para a construção do Reino Divino em si mesmo.

Se, realmente, já compreendes a missão do Evangelho, identificarás a estação em que te encontras e estarás informado quanto aos serviços que debes levar a efeito para demandar a seguinte.

## REFERÊNCIAS

- 1 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 30, p. 227.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 3, it. 7 – Ministério de Pedro em Jerusalém, p. 90 e 91.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 3:1-10: Cura de um aleijado, p. 1905.
- 4 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 89. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 19, p. 212 e 213.
- 5 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 89. ed. Salvador, BA: LEAL, 2001. cap. 19, p. 213 e 214.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Pórtico de Salomão, p. 998.
- 7 DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Templo de Herodes, p. 1305.
- 8 DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Templo de Herodes, p. 1305 e 1306.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 30. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 106 – *Há muita diferença*.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Seara dos médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. 7. imp. Brasília, DF: FEB, 2016. cap. 16 – *Força mediúnica*.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 3:11-26: Discurso de Pedro ao povo, p. 1906 e 1907.
- 12 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. Comentário: 3:1-4:31, it. 12-16, p. 1614.
- 13 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. reimp. 2012. São Paulo: Vida Nova, 2009. it. 22-26, p. 1614 e 1615.
- 14 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 31, p. 229.

- 15 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 31, p. 230.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 30. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 13 – *Estações necessárias*.



# PEDRO E JOÃO DIANTE DO SINÉDRIO. ORAÇÃO DOS APÓSTOLOS NA PERSEGUIÇÃO. A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ. A GENEROSIDADE DE BARNABÉ (AT 4:1 A 37)

O capítulo 4 de *Atos dos apóstolos*, ora em estudo, abrange 37 versículos que relatam perseguições aos apóstolos, quase sempre acompanhadas de prisões, promovidas por líderes do Sinédrio. As ações perpetradas contra Jesus repetem-se, tendo agora como alvo os membros do colégio apostolar e alguns discípulos próximos:

O padrão que caracterizou o começo do ministério do senhor Jesus repetiu-se na experiência dos seus apóstolos, quando deram início ao próprio ministério. O texto de *Atos*, 2:47 mostra que, durante os primeiros dias de sua ação, os cristãos desfrutaram de popularidade geral entre o povo. Então, tal como já tivera lugar durante o ministério de Jesus, os seus milagres começaram a multiplicar-se em número e envergadura, e os apóstolos declararam que Jesus retornava assim no mundo, por intermédio deles, porquanto esses prodígios eram realizados por seu Espírito, a quem ele havia enviado. Os apóstolos esclareciam que esse Espírito é o Espírito de Deus, e que Jesus, a quem haviam crucificado traiçoeiramente, era o Messias. O favor popular começou a desintegrar-se rapidamente, e os judeus em geral começaram a reconhecer a severidade dessas acusações. [...].<sup>1</sup>

A cura do homem coxo no Templo e o discurso de Pedro que se seguiu (veja o estudo do Tema 5) atiçaram os ânimos de autoridades religiosas que, insatisfeitas e furiosas, voltaram-se contra os apóstolos:

Por isso mesmo é que o notável milagre da cura do coxo esmoleiro, que costumava ficar assentado à porta Formosa, não podia ser ignorado de forma nenhuma, porquanto muita gente ficara profundamente impressionada com esse prodígio

e começara a perceber a verdade do que os apóstolos diziam – o antigo judaísmo se pervertera, e, de fato, se transmutara naquela geração perversa da qual Pedro exortara os seus ouvintes a se desvencilharem. (Ver At 2:40)<sup>1</sup>

Em *Atos dos apóstolos*, Lucas procura demonstrar “[...] às autoridades civis romanas o direito que o cristianismo tinha de existir e ser reconhecido pelo Estado como religião legítima, isento de toda a perseguição, tal como o judaísmo vinha sendo tolerado pelos governantes romanos”<sup>2</sup>. Seriam ideias legítimas e honradas se outro fosse o jogo político que alimentava as relações entre o invasor romano, os administradores herodianos e os religiosos:

Todavia, *fracassaram* redondamente as nobres tentativas de Lucas e de outros primitivos autores cristãos; pois não demorou muito para que a igreja [cristã] não estivesse sendo perseguida somente pelos líderes do judaísmo, mas também por meio de severa ação oficial das autoridades romanas. Tais perseguições perduraram até o começo do século IV da nossa era, quando Constantino, mediante suposta visão de uma cruz no céu, se fez cristão, ainda que nominalmente. Ele fez cessar a perseguição oficial contra cristãos e eliminou a crucificação como forma de punição capital. [...].<sup>2</sup>

Vemos, assim, por que Lucas registrou no capítulo 4 de *Atos* (e em outros capítulos, como veremos mais tarde):

[...] como o Cristianismo se fez objeto de ódio e perseguição por parte de terceiros, procurando mostrar que isso não fora causado por nenhuma perversão da parte dos próprios cristãos, e, sim, por causa do ódio religioso dos judeus. [...].<sup>2</sup>

## 6.1 PEDRO E JOÃO DIANTE DO SINÉDRIO (AT 4:1 A 22)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Falavam eles ao povo, quando sobrevieram os sacerdotes, o oficial do Templo e os saduceus, <sup>2</sup>contrariados por vê-los ensinar ao povo e anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos. <sup>3</sup>Lançaram as mãos neles e os recolheram ao cárcere até a manhã seguinte, pois já estava entardecendo. <sup>4</sup>Entretanto, muitos dos que tinham ouvido a Palavra abraçaram a fé. E seu número, contando-se apenas os homens, chegou a cerca de cinco mil. <sup>5</sup>No dia seguinte, reuniram-se em Jerusalém seus chefes, anciãos e escribas. <sup>6</sup>Estava presente o sumo sacerdote Anás, e também Caifás, Jonatas, Alexandre e todos os que eram da linhagem do sumo sacerdote. <sup>7</sup>Mandaram então comparecer os apóstolos e começaram a interrogá-los: “Com que poder ou por meio de que nome fizestes isso?” <sup>8</sup>Então Pedro, repleto do Espírito Santo, lhes disse: “Chefes do povo e anciãos! <sup>9</sup>Uma vez que hoje somos interrogados judicialmente a respeito do benefício feito a um enfermo e de que maneira ele foi curado, <sup>10</sup>seja manifesto a todos vós e a todo o povo de Israel: é em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, aquele a quem vós crucificastes, mas a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, é por seu nome e por nenhum outro que este homem se apresenta curado,

diante de vós. <sup>11</sup>*É ele a pedra desprezada por vós, os construtores, mas que se tornou a pedra angular.* <sup>12</sup>Pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos”. <sup>13</sup>Ao verem a intrepidez de Pedro e de João, e verificando que eram homens iletrados e sem posição social, ficaram admirados. Reconheceram-nos, é verdade, como os que haviam estado com Jesus; <sup>14</sup>mas, vendo com eles, de pé, o homem que fora curado, nada podiam dizer em contrário. <sup>15</sup>Mandaram-nos, pois, sair do Sinédrio e puseram-se a deliberar, <sup>16</sup>dizendo: “Que faremos com estes homens? Que um sinal notório foi realizado por eles é claramente manifesto a todos os habitantes de Jerusalém, e não podemos negá-lo. <sup>17</sup>Mas, para que isto não se divulgue ainda mais entre o povo, proibamo-los, com ameaças, de tornarem a falar neste nome a quem quer que seja”. <sup>18</sup>Chamando-os, pois, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem nem ensinassem mais em nome de Jesus. <sup>19</sup>No entanto, Pedro e João responderam: “Julgai se é justo, aos olhos de Deus, obedecer mais a vós do que a Deus. <sup>20</sup>Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos”. <sup>21</sup>Então, depois de novas ameaças, soltaram-nos, não encontrando nada em que puni-los, também por causa do povo: todos glorificavam a Deus pelo que acontecera. <sup>22</sup>Ora, tinha mais de quarenta anos o homem no qual se verificara o sinal desta cura.

Após o pronunciamento de Pedro, ocorrido após a cura do coxo, ele e João recebem ordem de prisão por parte de representantes do Sinédrio, como consta em *Atos* (4:1 a 3):

Falavam eles ao povo, quando sobrevieram os sacerdotes, o oficial do Templo e os saduceus, contrariados por vê-los ensinar ao povo e anunciar, em Jesus, a ressurreição dos mortos. Lançaram as mãos neles e os recolheram ao cárcere até a manhã seguinte, pois já estava entardecendo.

O fato se deu junto à porta Especiosa do Templo [Porta Formosa], depois das três horas da tarde; e atraiu a atenção dos sacerdotes, do magistrado encarregado de manter a ordem no Templo e dos saduceus que ali se achavam. Os saduceus pertenciam a uma seita judaica que negava a imortalidade da alma, porém afirmava a existência de Deus. O drama da paixão e a atuação de Jesus entre eles ainda viviam muito bem na memória de todos. E como queriam sufocar o movimento evangélico, doeram-se ao verificar que os apóstolos o continuavam vigorosamente. Como o dia declinava, prenderam Pedro e João no cárcere que havia no próprio Templo. É o início da perseguição a todos os que fazem o bem em nome de Jesus; ela perdura até os nossos dias, pois não vemos o Espiritismo perseguido por pregar o Evangelho em sua primitiva pureza e tentar mitigar o sofrimento humano?<sup>4</sup>

A prisão dos dois apóstolos e o posterior encaminhamento ao tribunal do Sinédrio (v. 5 a 7) para serem interrogados e julgados revela o pavor

que autoridades religiosas tinham de o povo aderir aos ensinamentos de Jesus (v. 4), ora ensinados por dois dos seus discípulos, visto que o povo era usualmente utilizado como instrumento de manobra e de pressão política junto aos governantes. Vemos, assim, que o

[...] mesmo tribunal que condenara Jesus reúne-se para apreciar o caso dos discípulos. Eram sacerdotes materialistas, apegados aos bens terrenos e apenas usufruindo das vantagens materiais que o sacerdócio lhes proporcionara, esquecidos dos seus compromissos espirituais. [...].<sup>5</sup>

A prisão dos apóstolos e o interrogatório a que eles foram submetidos foram ações totalmente despropositadas, movidas mais por orgulho e vaidade dos que se viam como os “donos da verdade” e não por verdadeiros servos de Deus. Daí Cairbar Schutel indagar a respeito das ações dos religiosos judeus que prenderam os apóstolos:

Como poderiam eles, que a ninguém curavam, suportar a cura operada por Pedro e João? Como poderiam os incrédulos e materialistas saduceus, ouvir falar na ressurreição de Jesus e na ressurreição dos mortos?

Não podendo vedar a palavra dos Apóstolos e proibir-lhes a cura dos enfermos, deliberaram prender os intimoratos da Nova Fé.<sup>6</sup>

No dia seguinte, os dois apóstolos foram encaminhados ao tribunal do Sinédrio, que se reuniu sob o comando do sumo sacerdote Anás – o mesmo que emitiu a sentença de condenação de Jesus –, estando também presentes o seu sogro Caifás, ex-sumo sacerdote, e outros familiares, todos da linhagem sacerdotal (v. 5 e 6). Pedro e João foram interrogados sobre o porquê e em nome de quem fizeram a cura do coxo (v. 7). Ambos, porém, não demonstram qualquer tipo de temor, respondendo com firmeza e sensatez aos seus julgadores.

Simão Pedro adianta-se para responder-lhes logo no início do interrogatório e, sob inspiração mediúnica, responde aos acusadores, revelando-se, mais uma vez, como a “rocha” sobre a qual Jesus assentou a base da divulgação do Evangelho:

Então Pedro, repleto do Espírito Santo, lhes disse: “Chefes do povo e anciãos! Uma vez que hoje somos interrogados judicialmente a respeito do benefício feito a um enfermo e de que maneira ele foi curado, seja manifesto a todos vós e a todo o povo de Israel: é em nome de Jesus Cristo, o Nazareu, aquele a quem vós crucificastes, mas a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, é por seu nome e por nenhum outro que este homem se apresenta curado, diante de vós. *É ele a pedra desprezada por vós, os construtores, mas que se tornou a pedra angular.* Pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4:8 a 12).

A coragem e a intrepidez das palavras de Pedro surpreenderam e provocaram admiração, sobretudo porque consideravam ambos os apóstolos como pessoas iletradas, desprovidas de destaque social (v. 13). Além do mais, os chefes do Sinédrio não podiam negar o óbvio: a cura do coxo que ali também se encontrava, de pé, ao lado dos dois apóstolos (v. 14).

O pronunciamento de Pedro perante o Sinédrio fornece-nos, igualmente, grandes exemplos de fé e de humildade:

Cheios de intrepidez, sem temer a condenação e a morte, os dois Apóstolos aproveitam a oportunidade para externarem entre os maiores que constituíam o Conselho, os motivos da sua Fé, acrescentando corajosamente que abaixo do céu não há outro Nome que nos pudesse salvar, senão o de Jesus Cristo.<sup>6</sup>

A lição de humildade de Pedro foi atribuir a Jesus a cura. Os dois apóstolos agiram como intermediários da vontade do Alto que, no caso relatado, doaram as suas energias curativas ao enfermo, sanando a deficiência motora que ele possuía desde o nascimento. Nesse sentido, nunca é demais recordarmos esta orientação espírita a respeito do papel dos médiuns:

“O Espírito do médium é o intérprete porque está ligado ao corpo que serve para falar, e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso o fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância [...]”<sup>7</sup>

Os membros do Sinédrio perceberam que não existia nada que justificasse a prisão dos dois apóstolos:

[...] Eles mesmos reconheceram os poderes dos Apóstolos, manifestados publicamente no Sinédrio, por Pedro e João. Diziam abertamente que eles haviam feito “um grande milagre”. Mas não lhes convinha que a glória de Deus fosse proclamada com a manifestação de maravilhas que seus Apóstolos tinham o poder de operar.<sup>8</sup>

Dessa forma, consta em *Atos* (4:15 a 17), o Sinédrio deliberou que os apóstolos e demais discípulos estavam proibidos, a partir daquele momento, de falarem e agirem em nome Jesus Cristo: “Chamando-os, pois, ordenaram-lhes que absolutamente não falassem nem ensinassem mais em nome de Jesus” (v. 18). Ora, outro não seria o comportamento esperado daqueles vaidosos e arrogantes sacerdotes judeus:

Se eles se curvassem, se eles se submetessem à Voz dos Apóstolos, teriam de renunciar ao mando, às primazias, aos primeiros lugares, ao braço de César e se aniquilariam, não seriam mais sacerdotes, e seu egoísmo e orgulho não lhes permitiam tal renúncia.<sup>9</sup>

Pedro e João, porém, não deram a mínima importância à sentença, colocando os membros do Sinédrio nos seus devidos lugares, relata *Atos* (4:19 e 20): “No entanto, Pedro e João responderam: ‘Julgai se é justo, aos olhos de Deus, obedecer mais a vós do que a Deus. Pois não podemos, nós, deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos’”. Insatisfeitos, os sacerdotes prosseguiram com as ameaças, libertando-os da prisão, em seguida, sob o louvor do povo e do homem que fora curado que, por quarenta anos sofrera uma grave limitação motora (v. 21 e 22).

## 6.2 ORAÇÃO DOS APÓSTOLOS NA PERSEGUIÇÃO (AT 4:23 A 31)<sup>10</sup>

<sup>23</sup>Uma vez soltos, foram para junto dos seus e referiram tudo o que lhes haviam dito os chefes dos sacerdotes e os anciãos. <sup>24</sup>Ouvindo isto, todos juntos elevaram a voz a Deus, dizendo: “Soberano Senhor, foste tu que fizeste o céu, a terra, o mar, e tudo o que neles existe; <sup>25</sup>foste tu que falaste pelo Espírito Santo, pela boca de nosso pai Davi, teu servo: *Por que esta arrogância entre as nações e esses vão projetos entre os povos?* <sup>26</sup>*Os reis da terra apresentaram-se e os governantes se coligaram de comum acordo contra o Senhor, e contra o seu Ungido.* <sup>27</sup>De fato, contra o teu santo servo Jesus, a quem ungiste, verdadeiramente coligaram-se nesta cidade Herodes e Pôncio Pilatos, com as nações pagãs e os povos de Israel, <sup>28</sup>para executarem tudo o que, em teu poder e sabedoria, havias determinado de antemão. <sup>29</sup>Agora, pois, Senhor, considera suas ameaças e concede a teus servos que anunciem com toda a intrepidez tua palavra, <sup>30</sup>enquanto estendes a mão para que se realizem curas, sinais e prodígios, pelo nome do teu santo servo Jesus”. <sup>31</sup>Tendo eles assim orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus. [...]

Libertos da prisão, Pedro e João voltam ao convívio dos companheiros que os aguardavam com o coração repleto de alegria, pronunciando fervorosa prece de agradecimento a Deus e a Jesus (At 4:23 a 31). Lucas afirma o que se sucedeu após a prece (v. 31): “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde se achavam reunidos. E todos ficaram repletos do Espírito Santo, continuando a anunciar com intrepidez a palavra de Deus”. A necessidade manifestada de buscar conforto e agradecimento na oração é mais um exemplo transmitido por aquela humilde comunidade cristã. Seja para louvar, suplicar auxílio ou agradecer, devemos sempre orar, pois a oração tem um poder imensurável de reajuste e equilíbrio espirituais, independentemente da situação ou do contexto em que nos encontremos, quais sejam:

Na edificação da paz doméstica, na realização dos ideais generosos, no desdobramento de serviços edificantes, urge providenciar recursos ao entendimento

geral, com vistas à cooperação, à responsabilidade, ao processo de ação imprescindível. E, sem dúvida, a prece representa a indispensável alavanca renovadora, demovendo obstáculos no terreno duro da incompreensão.

A oração é divina voz do espírito no grande silêncio.

Nem sempre se caracteriza por sons articulados na conceituação verbal, mas, invariavelmente, é prodigioso poder espiritual comunicando emoções e pensamentos, imagens e ideias, desfazendo empecilhos, limpando estradas, reformando concepções e melhorando o quadro mental em que nos cabe cumprir a tarefa a que o Pai nos convoca.<sup>11</sup>

À semelhança de como procediam os cristãos da Casa do Caminho, devemos cultivar o hábito da oração, como nos ensina o benfeitor Emmanuel:

### **No culto à prece<sup>12</sup>**

*E, tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos e todos ficaram cheios do Espírito Santo. (Atos, 4:31.)*

Todos lançamos, em torno de nós, forças criativas ou destrutivas, agradáveis ou desagradáveis ao círculo pessoal em que nos movimentamos.

A árvore alcança-nos com a matéria sutil das próprias emanções.

A aranha respira no centro das próprias teias.

A abelha pode viajar intensivamente, mas não descansa a não ser nos compartimentos da própria colmeia.

Assim também o homem vive no seio das criações mentais a que dá origem.

Nossos pensamentos são paredes em que nos enclausuramos ou asas com que progredimos na ascense.

Como pensas, viverás.

Nossa vida íntima – nosso lugar.

A fim de que não perturbemos as Leis do Universo, a Natureza somente nos concede as bênçãos da vida, de conformidade com as nossas concepções.

Recolhe-te e enxergarás o limite de tudo o que te cerca.

Expande-te e encontrarás o infinito de tudo o que existe.

Para que nos elevemos, com todos os elementos de nossa órbita, não conhecemos outro recurso além da oração, que pede luz, amor e verdade.

A prece, traduzindo aspiração ardente de subida espiritual, através do conhecimento e da virtude, é a força que ilumina o ideal e santifica o trabalho.

Narram os *Atos* que, havendo os apóstolos orado, tremeu o lugar em que se encontravam e ficaram cheios do Espírito Santo: iluminou-se-lhes o anseio de fraternidade, engrandeceram-se-lhes as mentes congregadas em propósitos superiores e a energia santificadora facilitou-lhes o espírito.

Não olvides, pois, que o culto à prece é marcha decisiva. A oração renovar-te-á para a obra do Senhor, dia a dia, sem que tu mesmo possas perceber.

## 6.3 A PRIMEIRA COMUNIDADE CRISTÃ. A GENEROSIDADE DE BARNABÉ (AT 4:32 A 37)<sup>13</sup>

<sup>32</sup>A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum.

<sup>33</sup>Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e todos tinham grande aceitação. <sup>34</sup>Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas <sup>35</sup>e os depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo a sua necessidade. <sup>36</sup>José, a quem os apóstolos haviam dado o cognome de Barnabé, que quer dizer “filho da consolação”, era um levita originário de Chipre. <sup>37</sup>Sendo proprietário de um campo, vendeu-o e trouxe o dinheiro, depositando-o aos pés dos apóstolos.

*A Casa do Caminho*, a primeira comunidade cristã do planeta, foi erguida na humilde moradia do Apóstolo Simão Pedro com o propósito de ensinar e divulgar os inesquecíveis ensinamentos de Jesus, vivenciando-os sob os princípios da Lei de Amor que o Messias Divino exemplificou.

Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central do grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortáveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude. Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara ao mundo a fórmula da verdadeira benemerência social. As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos Apóstolos, ao influxo amoroso do Mestre.

Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do “Caminho”, regurgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesareia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Idumeia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do Profeta nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranquilidade aos corações mais infortunados do mundo.

Natural era que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai. [...].<sup>14</sup>

Todos os Doze apóstolos, novos e antigos discípulos, desenvolviam atividades incessantes de amor ao próximo, com base na caridade ensinada por Jesus. Simão Pedro foi a liderança que naturalmente surgiu naquela comunidade, mas, na fase inicial,

[...] era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e por João, mas, em breve, Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal. [...].<sup>14</sup>



Era uma vida de labuta incessante em que todos compartilhavam, entre si, os bens que possuíam, cultivavam a oração e a comunhão fraterna, assinala *Atos* (4:32): “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum”. Daí a generosidade de Barnabé que vendeu uma propriedade rural e entregou o dinheiro da venda à Comunidade. Essa forma de vida em sociedade era comum entre os esênios, conforme foi explicado no Tema 4, anteriormente estudado, do qual sugerimos releitura.

Os ensinamentos de Jesus eram recordados, cotidianamente, por meio de preleções ou durante as atividades comuns:

A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Havendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa pedra, ela os esmagou, do mesmo modo que esmagará os que, depois, a desconhecaram ou lhe desfiguraram o sentido em prol de suas ambições.<sup>15</sup>

Nesse contexto, a primeira comunidade ou Igreja Cristã de Jerusalém, “[...] reunia-se todos os dias e todas as noites para comentar os feitos e as palavras do doce e enérgico Rabi, assim como para orar e amar. Os seus membros criaram a primeira comunidade fraternal da Humanidade, sob a inspiração do *Primeiro Mandamento*”.<sup>16</sup>

Os que possuíam algo, vendiam, oferecendo o valor aos apóstolos do mestre, para que fosse repartido entre todos os participantes da irmandade.

A pobreza dos bens materiais enriquecia-os com os tesouros da solidariedade e da legítima compreensão dos deveres, que os reuniam no serviço de iluminação de consciências, como socorro moral e material à viuvez, à orfandade, às necessidades de toda ordem.

Repartia-se o pão entre todos igualitariamente e compartia-se a luz que jorrava do Alto em forma de inspiração e amor.

A presença psíquica do Mestre não permitia que O sentissem ausente, o que os vitalizava sobremaneira.

Respirava-se o odor da pureza e da abnegação.

A ampla casa, no caminho entre Jerusalém e Jope, tornara-se o santuário que acolhia a dor e alçava o indivíduo, crente ou não, mas que fosse necessitado, aos patamares mais nobres da evolução.<sup>17</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 4, it. 8. Primeiro conflito com o judaísmo, p. 108.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 4, it. 8. Primeiro conflito com o judaísmo, 109.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 4:1-22: Pedro e João diante do Sinédrio, p. 1907.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 32, p. 232.
- 5 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 32, p. 232 e 233.
- 6 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *A prisão de Pedro e João*, p. 38.
- 7 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 19, it. 223, q. 6.
- 8 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *A impotência do Sinédrio – Pedro e João são soltos*, p. 42 e 43.
- 9 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *A impotência do Sinédrio – Pedro e João são soltos*, p. 43.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 4:23-31: Oração dos apóstolos na perseguição, p. 1908.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 98 – *A prece recompõe*.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 149 – *No culto à prece*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 4:32-37: A primeira comunidade cristã. A generosidade de Barnabé, p. 1908.

- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 3 – *Em Jerusalém*.
- 15 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 3. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 17, it. 28.
- 16 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 24, p. 155.
- 17 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 24, p. 155 e 156.

# A FRAUDE DE ANANIAS E DE SAFIRA. QUADRO DE CONJUNTO. PRISÃO E LIBERTAÇÃO MIRACULOSA DOS APÓSTOLOS (AT 5:1 A 21)

O capítulo 5 de *Atos dos apóstolos* registra dois assuntos os quais devem ser analisados à luz da fé raciocinada: o primeiro, reporta-se à hipocrisia, cobiça e mentiras que, infelizmente, ainda estão presentes nas relações sociais; o segundo assunto, Lucas faz referência à prisão dos apóstolos pela segunda vez sem nomear quais, dentre os doze, foram presos por ordem dos saduceus. São fatos que nos fazem compreender a importância da prudência, que deve caminhar junta com o bem, como o Senhor alertara: “Eis que vos envio como ovelhas entre lobos. Por isso, sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas” (Mt 10:16).

Em *Atos* (5:1 a 16), o evangelista relata o comportamento hipócrita, mentiroso mesmo, do casal Ananias e Safira, membros integrantes da Casa do Caminho, e as consequências daí decorrentes, culminadas com o abrupto falecimento de ambos:

O pecado de Ananias e de Safira foi o de ter, por amor ao dinheiro, pretendido enganar os apóstolos e, por meio deles, o Espírito Santo, presente entre os irmãos, ao qual eles mentiram.<sup>1</sup>

A notícia da morte abrupta do casal espalhou-se por toda parte, interna e externamente na Casa do Caminho, provocando medos e desentendimentos, como consta em *Atos* (5:11), “Sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícia destes fatos”. A despeito dos prodígios mediúnicos realizados pelos apóstolos, como as curas, o acolhimento e o compartilhamento de bens, os problemas ampliaram enormemente, a ponto de os apóstolos serem presos por ordem do sumo sacerdote, apoiado pelos

saduceus (At 5:17). No entanto, eles foram liberados de forma extraordinária, por ação de um Espírito que lhes abre as portas da prisão, tornando-os livres (At 5:19).

## 7.1 A FRAUDE DE ANANIAS E DE SAFIRA. QUADRO DE CONJUNTO (AT 5:1 A 16)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher, Safira, vendeu uma propriedade. <sup>2</sup>Mas, com a conivência da esposa, reteve parte do preço. Levando depois uma parte, depositou-o aos pés dos apóstolos. <sup>3</sup>Disse-lhe então Pedro: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para mentires ao Espírito Santo, retendo parte do preço do terreno? <sup>4</sup>Porventura, mantendo-o não permaneceria teu e, vendido, não disporias do dinheiro à vontade? Por que, pois, concebeste em teu coração este projeto? Não foi a homens que mentiste, mas a Deus”. <sup>5</sup>Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu e expirou. E um grande temor sobreveio a todos os que disto ouviram falar. <sup>6</sup>Os jovens, acorrendo, envolveram o corpo e o retiraram, dando-lhe sepultura. <sup>7</sup>Passou-se um intervalo de cerca de três horas. Sua esposa, nada sabendo do que sucedera, entrou. <sup>8</sup>Pedro interpelou-a: “Dize-me, foi por tal preço que vendestes o terreno?” E ela respondeu: “Sim, por tal preço”. <sup>9</sup>Retrucou-lhe Pedro: “Por que vos pusestes de acordo para tentardes o Espírito do Senhor? Eis à porta os pés dos que sepultaram teu marido; eles levarão também a ti”. <sup>10</sup>No mesmo instante ela caiu a seus pés e expirou. Os jovens, que entravam de volta, encontraram-na morta; levaram-na e a enterraram junto a seu marido. <sup>11</sup>Sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícia destes fatos.

<sup>12</sup>Pelas mãos dos apóstolos faziam-se numerosos sinais e prodígios no meio do povo...

Costumavam estar, todos juntos, de comum acordo, no pórtico de Salomão, <sup>13</sup>e nenhum dos outros ousava juntar-se a eles, embora o povo os engrandecesse.

<sup>14</sup>Mais e mais aderiam ao Senhor, pela fé, multidões de homens e de mulheres.

<sup>15</sup>...a ponto de levarem os doentes até para as ruas, colocando-os sobre leitos e em macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles. <sup>16</sup>Também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria a multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados.

O caso de Ananias e Safira é chocante, quando se considera a morte abrupta de ambos, mesmo em que se pese o comportamento hipócrita do casal. Lucas não fornece informações posteriores a respeito das mortes, de forma que algumas indagações permanecem sem respostas. Eliseu Rigonatti assim se manifesta sobre o assunto:

O episódio de Ananias e Safira é bem significativo e cheio de excelentes ensinamentos. Entusiasmado pela obra assistencial que os discípulos

desenvolviam, o casal resolve ajudá-los com o produto da venda de um campo que possuía. Realizam a venda e, uma vez da posse do dinheiro, arrependem-se e já não levam aos discípulos o total recebido, mas apenas uma parte. Pedro recebe a intuição de que eles não estavam sendo sinceros; e adverte-os de que, assim agindo, cediam às sugestões das trevas; querendo fugir à responsabilidade que assumiram, enganariam aos homens, mas não a Deus. É o caso de muitas pessoas que hipocritamente vivem duas vidas: uma diante dos homens, aparentemente austera e moralizada; e outra, às escondidas, satisfazendo a seus instintos inferiores. Uma multidão de testemunhas invisíveis – os Espíritos desencarnados – os espreita e na primeira oportunidade os desmascara.<sup>3</sup>

O comportamento de Ananias e Safira foi lamentável e, infelizmente, ainda é ocorrência persistente na sociedade. Eles agiram de má-fé e mentiram, como consta em *Atos*, 5:1 e 2: “Entretanto, certo homem, chamado Ananias, com sua mulher, Safira, vendeu uma propriedade. Mas, com a conivência da esposa, reteve parte do preço [...]”. Refletindo a respeito, verificamos que, efetivamente, não havia impedimentos para eles dizerem a verdade a Pedro, isto é, de que reteriam uma parte do dinheiro adquirido pela venda da propriedade que, diga-se de passagem, eles eram os donos. O estudioso Russell Norman Chaplin comenta:

Não havia nenhuma compulsão, sobre a primitiva comunidade cristã, que forçasse os seus membros a venderem as suas propriedades; e, uma vez que essas fossem vendidas, não havia nenhuma obrigação a darem o total ou mesmo parte do apurado aos apóstolos [...].<sup>4</sup>

O certo, é que o casal mentiu, por ignorância ou por fraqueza de caráter, não sabemos nem nos cabe emitir qualquer julgamento, que também era o pensamento de Pedro, como está registrado expressamente em *Atos* (5:3 e 4), quando censura o comportamento de Ananias:

Disse-lhe então Pedro: “Ananias, por que encheu Satanás o teu coração para mentires ao Espírito Santo, retendo parte do preço do terreno? Porventura, mantendo-o não permaneceria teu e, vendido, não disporias do dinheiro à vontade? Por que, pois, concebeste em teu coração este projeto? Não foi a homens que mentiste, mas a Deus”.

Chaplin, entretanto, declara de forma incisiva que o problema do casal se limitava ao mau-caráter ou às más intenções:

[...] Entretanto, aquele casal de hipócritas, Ananias e Safira, desejavam possuir a glória e o prestígio de quem fizera um grande *sacrifício*, como se tivessem dado tudo quanto lhes pertencia, quando, na realidade, haviam doado apenas uma parte disso. O que queriam esconder era justamente o fato de estarem

dando apenas uma parte, pretendendo parecer que estavam dando tudo, a fim de que fossem tidos por recomendáveis por motivo da sua generosidade. Caso tivessem dado apenas uma parte, não ocultando o fato, ninguém teria feito nenhuma objeção; mas temiam ser menos considerados, ou que os “sacrifícios” de outros empanasse o brilho da sua doação. Queriam toda a glória possível, embora não tivessem desejado pagar o preço para tanto. [...].<sup>5</sup>

Pelo sim, pelo não, é recomendável não emitirmos julgamentos de valor moral, até porque nem sempre conhecemos todas as facetas de uma situação. Se Ananias e a sua esposa agiram por fraqueza de caráter, por falsidade e vaidade – querendo aparentar melhor do que eram – ou por outros motivos, não temos como, efetivamente, analisar. Entretanto, fica a lição a respeito da mentira, que deve ser evitada a todo custo, mesmo a conhecida como “piedosa”. Precisamos, sim, aprender a expor a verdade, sabendo dosá-la, a fim de não produzir desarmonias. Emmanuel, esclarece a respeito da mentira:

– Mentira não é ato de guardar a verdade para o momento oportuno, porquanto essa atitude mental se justifica na própria lição do Senhor, que recomendava aos discípulos não atirarem a esmo a semente bendita dos seus ensinamentos de amor.

A mentira é a ação capciosa que visa ao proveito imediato de si mesmo, em detrimento dos interesses alheios em sua feição legítima e sagrada; e essa atitude mental da criatura é das que mais humilham a personalidade humana, retardando, por todos os modos, a evolução divina do Espírito.<sup>6</sup>

O texto de *Atos dos apóstolos*, ora sob análise, nos faz perceber o quanto ainda somos Espíritos imperfeitos, a despeito das boas intenções que alimentam nossos anseios de progresso espiritual. As causas das atuais aflições estão diretamente relacionadas às imperfeições que trazemos no íntimo do ser, as quais se manifestam quando menos esperamos, tal como aconteceu a Ananias e Safira. Daí Allan Kardec ponderar:

A quem, portanto, deve o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios, mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade, acusar a sorte, a Providência, a chance desfavorável, a má estrela, quando sua má estrela está na sua própria incúria.

Os males dessa natureza fornecem, seguramente, um notável contingente nas vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar pelo seu aprimoramento moral, tanto quanto o faz pelo seu melhoramento intelectual.<sup>7</sup>

No final de contas, as ações de Ananias e Safira prejudicaram apenas a eles próprios, que não souberam, naquele momento, administrar as próprias tendências inferiores. Joanna de Ângelis afirma a respeito: “Essa

tendência perturbadora para fazer-se o que se não deve em detrimento daquilo que é correto e ideal, remanesce na criatura humana com efeito das experiências primevas do processo evolutivo”.<sup>8</sup> A benfeitora prossegue em seus esclarecimentos, a respeito das más tendências, e como as superraremos, cedo ou tarde:

À medida que o Espírito se liberta dos impulsos iniciais dos instintos e desenvolve a inteligência, consegue entender quais os valores que o enriquecem, selecionando-os e elegendo-os, de forma que o mal nele existente se vai transformando em bem real que o induzirá sempre a maior crescimento no rumo da plenitude a que aspira.

Desse modo, o mal é relativo e faz parte dos mecanismos existenciais, sendo, portanto, uma experiência iluminativa, a princípio grotesca e agressiva, transformando-se em reminiscência que sempre adverte no momento da decisão qual o caminho a percorrer.

Em razão disso, costuma-se dizer que, *muitas vezes, um mal transforma-se em um grande bem*, caso o indivíduo possa dele retirar a melhor parte, aquela que lhe proporcione satisfação e sabedoria.<sup>9</sup>

Após a admoestação de Pedro a Ananias (v. 3 e 4), Lucas registra uma ocorrência surpreendente e trágica, em *Atos*, 5:5: “Ao ouvir estas palavras, Ananias caiu e expirou. [...]”. Não há, em seguida, nenhum relato a respeito de como Ananias morreu. O mesmo acontecimento (morte súbita) repetiu-se com Safira, passadas apenas três horas, quando Pedro a procurou, *Atos*, 5:7 a 10:

Passou-se um intervalo de cerca de três horas. Sua esposa, nada sabendo do que sucedera, entrou. Pedro interpelou-a: “Dize-me, foi por tal preço que vendestes o terreno?” E ela respondeu: “Sim, por tal preço”. Retrucou-lhe Pedro: “Por que vos pusestes de acordo para tentardes o Espírito do Senhor? Eis à porta os pés dos que sepultaram teu marido; eles levarão também a ti”. No mesmo instante ela caiu a seus pés e expirou. [...]

Foram mortes súbitas e surpreendentes, que abrem espaço para muitas especulações, no passado e no presente. Eliseu Rigonatti interpreta as causas geradoras da morte do casal:

Não vamos nem de leve supor que o Apóstolo fulminasse o casal. Emissário do bem que Pedro era, jamais lhe passa pela cabeça prejudicar Ananias e sua mulher: simplesmente os admoesta. O casal compreendeu que cometera uma falta e, mordido pelo remorso e pela acusação de sua consciência e pela vergonha, não resiste e desencarna de súbito. Estes casos de desencarnação repentino não são raros; quantas pessoas que, diante de uma desgraça, a uma fatalidade, a uma dor moral, sem forças para resistir ao choque, desencarnam, sem intervenção de quem quer que seja.<sup>10</sup>



A interpretação de Rigonatti é respeitável, sem dúvida. Entretanto, não podemos afirmar se, efetivamente, a desencarnação do casal se deu pelos motivos alegados, até porque Lucas não fornece detalhes, acrescentando apenas:

[...] Os jovens, que entravam de volta, encontraram-na morta; levaram-na e a enterraram junto a seu marido. Sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícia destes fatos (At 5:10 e 11).

A repercussão da morte do casal foi ampla, o que seria esperado, como registra *Atos*, 5:11: “Sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícia destes fatos”. Mesmo assim, os membros da comunidade cristã prosseguiram em suas atividades, internas e externamente: enquanto os apóstolos persistiam nas pregações a respeito do Evangelho, realizavam curas e outros prodígios considerados miraculosos (v. 12), amenizando o sofrimento, físico e moral, de um número significativo de pessoas, de Jerusalém e das cidades vizinhas (v. 15 e 16), as quais eram, muitas vezes, atendidas nas ruas da cidade (v. 15).

A Doutrina Espírita ensina que as doenças resultam de ações lesivas cometidas pelo Espírito, no passado ou no presente, as quais passam a ser registradas no perispírito. Como o perispírito está em íntimo contato com o corpo físico, as enfermidades são manifestadas no veículo físico, que sofre as suas injunções. A doença, na verdade, é processo de cura, de limpeza das matrizes perispirituais. A cura, mediúnica ou não, indica que as causas geradoras da enfermidade foram eliminadas. Ou seja, o indivíduo reparou o mal que cometeu, em vidas anteriores ou na existência atual. As curas realizadas pelos apóstolos, poderosos médiuns curadores, demonstram que o enfermo estava liberado da dívida que ele contraiu contra a Lei de Deus, após ter passado pelas necessárias provações reparatórias. Da mediunidade curadora

[...] Diremos apenas que este gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. [...].<sup>11</sup>

Importa considerar que, até então, os apóstolos intermediavam sinais e prodígios, sobretudo os relacionados às curas dos males físicos. Em determinado momento, porém, passam a atender a processos obsessivos, como assinala *Atos*, 5:16, cuja análise é assim desenvolvida por Emmanuel:

### **Tratamento de obsessões<sup>12</sup>**

*E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados. (Atos, 5:16.)*

A igreja cristã dos primeiros séculos não estagnava as ideias redentoras do Cristo em prataria e resplendores do culto externo.

Era viva, cheia de apelos e respostas.

Semelhante a ela, o Espiritismo evangélico abre hoje as suas portas benfeitoras a quem sofre e procura caminho salvador.

É curioso notar que o trabalho enorme dos espiritistas de agora, no socorro às obsessões complexas e dolorosas, era da intimidade dos apóstolos. Eles doutrinavam os espíritos perturbados, renovando pelo exemplo e pelo ensino, não só os desencarnados sofredores, mas também os médiuns enfermos que lhes padeciam as influências.

Desde as primeiras horas de tarefa doutrinária sabe a alma do Cristianismo que seres invisíveis, menos equilibrados, vagueiam no mundo, produzindo chagas psíquicas naqueles que lhes recebem a atuação, e não desconhece as exigências do trabalho de conversão e elevação que lhe cabe realizar; os dogmas religiosos, porém, impediram-lhe o serviço eficiente, há muitos séculos.

Em plena atualidade, todavia, ressurgem os quadros primitivos da Boa-Nova.

Entidades espirituais ignorantes e infortunadas adquirem nova luz e roteiro novo, nas casas de amor que o Espiritismo cristão institui, vencendo preconceitos e percalços de vulto.

O tratamento de obsessões, portanto, não é trabalho excêntrico, em nossos círculos de fé renovadora. Constitui simplesmente a continuidade do esforço de salvação aos transviados de todos os matizes, começado nas luminosas mãos de Jesus.

## **7.2 PRISÃO E LIBERTAÇÃO MIRACULOSA DOS APÓSTOLOS (AT 5:17 A 21)<sup>13</sup>**

<sup>17</sup>Interveio então o sumo sacerdote, com toda a sua gente, isto é, a seita dos saduceus. Tomados de inveja, <sup>18</sup>lançaram as mãos sobre os apóstolos e os recolheram à prisão pública. <sup>19</sup>o Anjo do Senhor, porém, durante a noite, abriu as portas do cárcere, e, depois de havê-los conduzido para fora, disse: <sup>20</sup>“Ide e, apresentando-vos no Templo, anunciai ao povo tudo o que se refere àquela Vida!” <sup>21</sup>Tendo ouvido isto, entraram no Templo ao raiar do dia e começaram a ensinar.

Os prodígios e sinais veiculados pelos apóstolos, somados ao trabalho caritativo realizado na Casa do Caminho e à pregação sobre os ensinamentos do Evangelho, dando-se ênfase à ressurreição do Cristo, alcançaram grande repercussão. Em consequência, desencadeou-se perseguição acirrada das

autoridades religiosas constituídas. Perseguição que foi considerada justificada, visto que os membros do Sinédrio tinham, declaradamente, proibido os apóstolos de realizarem prodígios e sinais em nome de Jesus – então denominado Espírito Santo –, pregarem o Evangelho e testemunharem a ressurreição do Cristo. Essa proibição, ocorrida durante a prisão de Simão Pedro e João (At 4:1 a 22), foi totalmente ignorada pelos discípulos de Jesus. A situação agitou, e muito, a vida cotidiana, recorda Cairbar Schutel:

Imaginaí as romarias que enchiam as estradas, vindas de todas as cidades circunvizinhas em direção a Jerusalém, conduzindo atormentados pelas enfermidades e subjugados por Espíritos obsessores, que recebiam saúde, o remédio que os libertavam do mal!

Observai ainda as pregações dos Apóstolos que conduziam numa urna triunfal a Doutrina do Ressuscitado, ao mesmo tempo que enfrentavam a sanha herodiana dos sacerdotes e governos com aquele denodo que lhes era peculiar, com aquela coragem que só mesmo os Santos Espíritos lhes podiam dar, e tereis estampado às vossas vistas um quadro ainda muito mal delineado do heroísmo em sua mais alta expressão, da Verdade com suas fulgurações modeladas em cores inéditas, não só para aquele povo de então, como até para o povo de hoje!<sup>14</sup>

Como esperado, os apóstolos foram presos, por ordem do sumo sacerdote e com o apoio dos saduceus: “Interveio então o sumo sacerdote com toda a sua gente, isto é, a seita dos saduceus. Tomados de inveja, lançaram as mãos sobre os apóstolos e os recolheram à prisão pública” (At 5:17 e 18). Continuemos a recordar com Cairbar Schutel:

O Sumo Sacerdote e todos os que estavam com ele, feridos no seu orgulho, cheios de inveja, pois apesar de sua grandeza não podiam fazer o que faziam os Apóstolos, a despeito da sua sabedoria, sendo absolutamente impotentes para imitar os humildes pescadores, fizeram-nos prender e os recolheram na prisão.

Eles não podiam prever que aquele recurso extremo que usavam, contra a lei, contra a justiça, contra a verdade, seria mais uma oportunidade, proporcionada ao Espírito [Santo], para a ostensiva manifestação, destruindo o poder dos poderosos e dando força aos humildes.<sup>15</sup>

Enquanto o Sinédrio se organizava para interrogar os apóstolos, agora mantidos no cárcere, um fato excepcional ocorreu: eles foram libertados da prisão pela ação de um Espírito puro ou anjo, que, materializado, abriu a porta da prisão, libertou-os e disse-lhes para irem ao Templo pregar sobre a Vida imortal, exemplificada pelo Cristo na Ressurreição, como relata *Atos* (5:19 a 21):

O Anjo do Senhor, porém, durante a noite, abriu as portas do cárcere, e, depois de havê-los conduzido para fora, disse: “Ide e, apresentando-vos no Templo,

anunciai ao povo tudo o que se refere àquela Vida!” Tendo ouvido isto, entraram no Templo ao raiar do dia e começaram a ensinar.

Tais ocorrências nada têm de sobrenatural, e, ainda que admiráveis e incomuns, são explicadas claramente pelo Espiritismo. Ruídos, pancadas, e os mais variados sons sempre ocorreram onde os apóstolos se encontravam. Mas, no caso específico, acontecido na prisão, ocorreram três fenômenos de efeitos físicos: a abertura da porta, materialização de um Espírito Superior, ou anjo, e voz direta que, ecoando no ar, transmitiu a instrução de que os apóstolos deveriam persistir em pregar o Evangelho no Templo. As manifestações mediúnicas de efeitos físicos são intermediadas por médiuns “[...] que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas”<sup>16</sup>.

Como há uma significativa variedade de manifestações mediúnicas de efeitos físicos, desde a simples produção de ruídos e pancadas até materializações de Espíritos e de objetos, e que podem ocorrer independentemente da vontade do médium,<sup>17</sup> vamos transmitir, em seguida, o esclarecimento espírita mais diretamente relacionado à libertação dos apóstolos do cárcere.

### 7.2.1 RUÍDOS, BARULHOS, PANCADAS, SONS

São manifestações que podem ser confundidas com efeitos usuais da vida do plano físico (dilatação da madeira, por exemplo, pode produzir estalos), sendo prudente analisá-los antes de os atribuir aos Espíritos desencarnados:

De todas as manifestações espíritas, as mais simples e mais frequentes são os ruídos e as pancadas. É principalmente neste caso que se deve temer a ilusão, já que uma porção de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal oculto, um inseto etc., e até mesmo a malícia dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas apresentam um caráter especial, revelando intensidade e timbre muito variado, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem que sejam confundidos com os estalidos da madeira, com as crepitações do fogo, ou com o tique-taque monótono do relógio. São pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. [...].<sup>18</sup>

Allan Kardec deu o nome de *tiptologia* às manifestações físicas por meio de pancadas, esclarecendo:

[...] Essas pancadas, às vezes muito fracas, outras vezes muito fortes, também são ouvidas nos outros móveis do aposento, nas portas, nas paredes e no forro. [...] Quando as pancadas se dão na mesa, produzem nela uma vibração muito apreciável por meio dos dedos, muito distinta, sobretudo quando se aplica o ouvido contra a mesa.<sup>19</sup>

A *tiptologia* apresenta tipos e intensidades diferentes, destacando-se a *tiptologia alfabética*, que foi amplamente utilizada antes do surgimento da psicografia, propriamente dita:

Não tardou que a *tiptologia* se aperfeiçoasse e enriquecesse com um meio de comunicação mais completo, o da *tiptologia alfabética*. Trata-se de uma técnica em que as letras do alfabeto são indicadas mediante um número convencional de pancadas, sendo então possível se obter palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o *a*, duas pancadas para o *b*, e assim por diante. Enquanto isso, uma pessoa irá escrevendo as letras, à medida que forem sendo indicadas. Quando termina o ditado, o Espírito adverte os assistentes por meio de um sinal que se haja convenicionado para isso.<sup>20</sup>

*Sematologia* foi o termo utilizado para indicar a comunicação dos Espíritos por meio de sinais, mais ou menos intensos:

Convém notar que, quando se emprega esse meio, o Espírito usa também de uma espécie de *mímica*, isto é, exprime a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Também expressa a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, pela brusquidão dos movimentos; a cólera e a impaciência, por meio de pancadas fortes e repetidas, como alguém que batesse os pés com raiva, chegando às vezes a jogar a mesa ao chão. Se for um Espírito amável e delicado, a mesa se inclinará no começo e no final da sessão, como se estivesse saudando alguém; se quiser dirigir-se diretamente a um dos assistentes, a mesa se moverá em sua direção com brandura ou violência, conforme deseje testemunhar-lhe afeição, ou antipatia. É essa, propriamente falando, a *sematologia*, ou linguagem dos sinais, como a *tiptologia* é a linguagem das pancadas.<sup>21</sup>

### 7.2.2 MATERIALIZAÇÃO DE ESPÍRITOS

Trata-se de um fenômeno mediúnico de efeito físico que permite a um Espírito tornar-se visível aos circunstantes. A materialização de Espíritos envolve a utilização de fluidos doados pelos médiuns, denominados *ectoplasma*, e outros, extraídos da Natureza, dos planos físico e espiritual. O Espírito materializado apresenta as características do corpo físico que tinha quando encarnado. Há, ainda, as materializações luminosas, muito belas, produzidas por Espíritos mais evoluídos.

Na materialização de Espíritos ou de objetos, os Espíritos utilizam três tipos de fluidos, atividade que revela domínio de técnica especializada:<sup>22</sup>

- » Fluidos A – representam as forças superiores e sutis do Plano Espiritual;
- » Fluidos B – ou ectoplasma, propriamente dito, são recursos do médium e das pessoas que o assistem;
- » Fluidos C – constituem as emanações energéticas retiradas da Natureza terrestre (vegetais, água, minerais etc.).

### 7.2.3 VOZ DIRETA OU PNEUMATOFONIA

É o fenômeno da voz que surge no ar e é ouvida pelos circunstantes, classificado como fenômeno mediúnico de efeito físico por Allan Kardec, que o denominou *pneumatofonia*:

Os sons espirituais ou pneumatofônicos se produzem de duas maneiras bem distintas. Às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo; embora sejam claras e distintas, as palavras nada têm de material. Outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se procedessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado. Entretanto, seja qual for a forma da sua produção, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.<sup>23</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 5:1-16: A fraude de Ananias e Safira. Nota de Rodapé “a”, p. 1909.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 5:1-16: A fraude de Ananias e Safira. Quadro de conjunto, p. 1908 e 1909.
- 3 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 33, p. 238.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, p. 131.

- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, p. 131.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. q. 192.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 5, it. 4.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diretrizes para o êxito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2016. cap. 17, p. 101.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diretrizes para o êxito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2016. cap. 17, p. 103.
- 10 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 33, p. 238 e 239.
- 11 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 14, it. 175.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 30. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 175 – *Tratamento de obsessões*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 5:17-21: Prisão e libertação miraculosa dos apóstolos, p. 1909.
- 14 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *Os milagres e as curas – A prisão dos apóstolos*, p. 53.
- 15 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *Os milagres e as curas – A prisão dos apóstolos*, p. 53 e 54.
- 16 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 187.
- 17 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 5, it. 82.
- 18 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 5, it. 83.
- 19 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 2, it. 64.
- 20 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 11, it. 141.
- 21 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 11, it. 140.

- 22 XAVIER, Francisco Cândido. *Nos domínios da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 36. ed. 14. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 28 – *Efeitos físicos*.
- 23 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 12, it. 151.



## COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO. INTERVENÇÃO DE GAMALIEL (AT 5:21 A 42)

No Tema 7, vimos que os apóstolos foram presos por ordem do sumo sacerdote e apoios dos saduceus quando eles estavam no Templo pregando. Estudamos também que, enquanto se preparava a reunião do Sinédrio para julgá-los, eles foram libertos da prisão por um Espírito materializado que os instruiu retornar ao Templo e continuar na pregação que faziam anteriormente, antes da prisão. Obedientes, eles atenderam à solicitação:

Obedientes à ordem recebida, os discípulos compareceram ao Templo a ensinar o Evangelho; é um exemplo que legam, aos trabalhadores da seara, os espíritos; quaisquer que sejam as dificuldades, é preciso pregar as palavras da vida. Os sacerdotes convocam o conselho a fim de julgá-los, verificam que tudo ia bem na prisão, só que os dois prisioneiros não se encontravam dentro dela.<sup>1</sup>

Imagine a surpresa dos membros do Sinédrio quando os servos incumbidos de trazer os prisioneiros para serem julgados lhes informam: “Encontramos o cárcere fechado com toda segurança e os guardas, junto às portas, de sentinela. Mas, abrindo, não achamos ninguém lá dentro” (At 5:23). Perplexos, ainda nem tinham se recuperado da surpresa quando são informados por alguém: “Aqueles homens, que metestes na prisão, estão no Templo, ensinando o povo” (At 5:25). Ato contínuo, os oficiais vão ao templo e, novamente, aprisionam os apóstolos (At 5:26).

Inicia-se, então, o julgamento por um Sinédrio verdadeiramente estupefato, sendo inquiridos os discípulos diretamente pelo sumo sacerdote que lhe recordam estarem ele proibidos de pregar ao público os ensinamentos de Jesus e de falar aos povos sobre a sua ressurreição. Isso de fato se dera, quando da primeira prisão de Pedro e João (veja o Tema 6), após terem curado um homem coxo de nascença (At 4:1 a 22). A despeito da proibição, os apóstolos continuaram a fazer preleções sobre a vida e os atos de Jesus, afirmando ser Ele o Messias aguardado pelo povo judeu, a fim de demonstrar

a hipocrisia e a mentira das autoridades religiosas, que tentavam manter o povo na ignorância.

Nessa altura do julgamento, estando os ânimos alterados, ocorre ponderada intervenção de Gamaliel, honorável membro do Sinédrio (At 5:34 a 42), que apresenta solução apaziguadora para o conflito, que conduz à libertação dos apóstolos. Na verdade, as autoridades religiosas cedem porque elas se encontravam em um impasse:

Os sacerdotes sentem que a nova doutrina toma conta dos corações, que o povo já os acusa da condenação injusta de Jesus e, usando de ameaças, procuram sufocar o Cristianismo que nascia.<sup>2</sup>

## 8.1 COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO (AT 5:21 A 33)<sup>3</sup>

<sup>21</sup>Chegou então o sumo sacerdote com a sua gente. Convocaram o Sinédrio e todo o Senado dos israelitas e mandaram buscar os apóstolos no cárcere. <sup>22</sup>Mas os servos, que lá foram, não os encontraram na prisão. Voltaram, portanto, dizendo: <sup>23</sup>“Encontramos o cárcere fechado com toda segurança, e os guardas junto às portas, de sentinela. Mas, abrindo, não achamos ninguém lá dentro”. <sup>24</sup>Ouvindo estas palavras, o oficial do Templo e os chefes dos sacerdotes ficaram perplexos a respeito deles, pensando no que poderia isto significar. <sup>25</sup>Foi quando alguém chegou com a notícia: “Aqueles homens, que metestes na prisão, estão no Templo, ensinando o povo”. <sup>26</sup>Partiu então o oficial do Templo com seus subalternos e trouxe os apóstolos, mas sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo. <sup>27</sup>Tendo-os, pois, trazido, fizeram-nos comparecer perante o Sinédrio. O sumo sacerdote os interpelou: <sup>28</sup>“Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome. No entanto, enchestes Jerusalém com a vossa doutrina, querendo fazer recair sobre nós o sangue desse homem!” <sup>29</sup>Pedro e os apóstolos, porém, responderam: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. <sup>30</sup>O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o no madeiro. <sup>31</sup>Deus, porém, o exaltou com a sua direita, fazendo-o chefe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados. <sup>32</sup>Nós somos testemunhas destas coisas, nós e o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem”. <sup>33</sup>Ouvindo isto, eles fremiam de raiva e pretendiam matá-los.

Essa passagem de *Atos* reflete os grandes conflitos que se abateram sobre a primeira comunidade cristã (Casa do Caminho) e as autoridades religiosas do Judaísmo: de um lado, os apóstolos pregavam insistentemente os ensinamentos de Jesus, declarando ser Ele o Messias aguardando pelos judeus e previsto nas Escrituras. Esse Messias foi perseguido e morto por ação direta

dos religiosos, mas Ele, o Cristo, sobreviveu à crucificação, ressuscitou dos mortos, apareceu a inúmeras testemunhas durante quarenta dias (At 1:3), e, em seguida, ascendeu aos céus (At 1:6 a 11). Afirmavam, também em suas preleções que, antes da Ascensão, o Cristo recomendou-lhes pregar o Evangelho, sendo eles, os discípulos, as suas testemunhas, as quais, seriam mantidas sob a ação do Espírito Santo, conforme está registrado em *Atos* (1:8): “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra”.

Por outro lado, as autoridades religiosas mantinham-se na posição de que Jesus foi uma fraude, negava ser Ele o Messias aguardado e que os sinais e prodígios foram obra demoníaca. Contudo, revelavam-se assustados, pois percebiam que o povo acatava, cada vez mais, as ideias dos apóstolos. Para conter as ações dos apóstolos, proibiram terminantemente deles fazer qualquer pregação a respeito de Jesus. Proibição totalmente ignorada pelos seguidores de Jesus, como consta no atual texto de *Atos* (5:27 a 29), ora sob análise:

[...] Enfurecido com esse comportamento, o sumo sacerdote volta a confrontar os Doze, ordenando-lhes que cessem sua proclamação, mas de novo eles se recusam (v. 27 a 32), insistindo que precisam obedecer a Deus e não mesmo às mais altas autoridades humanas quando há conflito entre as duas instâncias (v. 29) [...].<sup>4</sup>

Os membros do Sinédrio sabiam que eles se utilizaram de meios escusos para condenar Jesus à morte, envolvendo, em suas artimanhas, autoridades de fraco caráter moral, as administrativas (Herodes) e as romanas (Pilatos). Temerosos de perder a posição social de prestígio na qual se encontravam, optaram pela mentira, manipulando o povo para que, com a libertação de Barrabás, Jesus seria encaminhado à crucificação. Infelizmente, vemos que, no passado e no presente, a “[...] sociedade é composta de Pilatos em sua maioria, originando daí as intermináveis controvérsias e querelas em torno das questões claras e simples. Os homens perderam a noção da verdade; tantas vezes a sacrificaram em prol de seus mesquinhos interesses. [...]”<sup>5</sup>, afirma Vinícius (Pedro de Camargo).

Como o estratagema da mentira dera certo, eles pensaram que estariam livres de Jesus. Mas eis que o Mestre Nazareno retorna, agora sob o nome de Espírito Santo, inspirando os apóstolos, que, além de o defenderem arduamente, revelam a mentira tecida pelas autoridades religiosas, como reflete o verbo inspirado de Simão Pedro (At 5:29 a 32):

Compreendendo o alcance da tarefa de que estavam incumbidos, os discípulos respondem a seus perseguidores que nada mais faziam do que obedecer a Deus, cuja vontade deve ser atendida em primeiro lugar. [...].<sup>6</sup>

O pronunciamento de Pedro e dos demais apóstolos perante o tribunal do Sinédrio não é simples confissão de fé. Ao contrário, demonstram que é a Deus que eles seguiriam e obedeceriam (At 5:29 e 30): “Pedro e os apóstolos, porém, responderam: É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o no madeiro”. Rignonatti comenta a respeito:

Jesus venceu a morte; provou-nos que ela não existe depois da sua desencarnação na cruz, mostra-se a seus discípulos, com os quais convive e dá-lhes instruções; e assim, confiantemente, eles afirmavam que ele ressuscitara dentre os mortos. Essa é uma das tarefas do Espiritismo em nossos dias: provar que a morte não existe e que ressuscitaremos; ao entregar ao túmulo nosso corpo de carne, ressuscitaremos no mundo espiritual, onde passaremos a viver; e sempre que nos deparar ocasião favorável, poderemos mostrar-nos a nossos amigos e familiares que aqui continuam.<sup>6</sup>

Recordemos que o significado de ressurreição e de reencarnação, era confuso como ensina Allan Kardec:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.<sup>7</sup>

Após as palavras de defesa dos apóstolos, os representantes do Sinédrio enfureceram-se, a ponto de desejar a morte deles, informa *Atos* (5:33): “Ouvindo isto, eles fremiam de raiva e pretendiam matá-los”. O conflito

estava definitivamente estabelecido, pois os discípulos não desistiriam de seguir o que a consciência lhes assinalava como o correto:

Crer no Cristo e naquele que o enviou é deixar-se orientar pelo Evangelho – código de todo o universo – com o que alcança a vida eterna, sem anotar qualquer julgamento, porque somente o crime determina a abertura do respectivo inquérito.<sup>8</sup>

Entendemos, assim, que naquele momento histórico, ocorrido logo no início da constituição do Cristianismo, ocorreu a separação do “joio e do trigo”, efetivamente. Os apóstolos optaram pelo Cristo, e antevedendo as perseguições de que seriam alvo, continuaram a testemunhar os atos de Jesus e a sua ressurreição, até o final da existência. Traziam a consciência tranquila, em paz. Amélia Rodrigues recorda os momentos iniciais de perseguição sistemática que seria desencadeada pelas autoridades, religiosas ou não, e por pessoas que conviviam com os sinceros discípulos de Jesus: “As dificuldades surgiam com frequência, embora o ânimo dos companheiros do Mestre não se abalasse. Como efeito, porém, a cooperação diminuía enquanto aumentavam as necessidades urgentes”.<sup>9</sup>

As aragens blandiciosas de paz, que permaneceram na comunidade dos *Homens do Caminho*, eram lentamente substituídas pelos ventos da perturbação, que penetravam através das frestas morais dos companheiros menos resistentes.

Aumentava-se o número de aflitos e avolumava-se, cada vez mais, o trabalho para os devotados seareiros, que não eram muitos.

A onda volumosa das curas contínuas trazia multidões esfaimadas e enfermos desesperados que aguardavam milagres, sem qualquer esforço em favor da própria transformação moral.

[...]

Alguns desertores, ainda tentando granjear simpatias entre os fariseus, e a massa ignorante, teciam comentários desairosos sobre o grupo de amigos do Bem.

Uns se diziam espoliados dos haveres; outros asseveram que foram ludibriados na boa-fé e mais outros acusavam os trabalhadores de Jesus de feitiçaria e intercâmbio nefasto com Satanás...<sup>10</sup>

## 8.2 INTERVENÇÃO DE GAMALIEL (AT 5:34 A 42)<sup>11</sup>

<sup>34</sup>Então levantou-se, no Sinédrio, certo fariseu chamado Gamaliel. Era um doutor da Lei, respeitado por todo o povo. Ele mandou retirar os homens por um instante <sup>35</sup>e falou: “Varões de Israel, atentai bem no que ides fazer a estes homens. <sup>36</sup>Antes destes nossos dias surgiu Teudas, que pretendia ser alguém, e ao qual aderiram cerca de quatrocentos homens. Mas foi morto, e todos os

que lhe deram crédito debandaram e foram reduzidos a nada. <sup>37</sup>Depois dele veio Judas, o galileu, na época do recenseamento, atraindo o povo atrás de si. Pereceu ele também, e todos os que lhe obedeciam foram dispersos. <sup>38</sup>Agora, portanto, digo-vos, deixai de ocupar-vos com estes homens. Soltai-os. Pois, se o seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; <sup>39</sup>se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. E não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus”. Concordaram, então, com ele. <sup>40</sup>Chamaram de novo os apóstolos e açoitaram-nos com varas. E, depois de intimidá-los a que não falassem mais no nome de Jesus, soltaram-nos. <sup>41</sup>Quanto a eles, saíram do recinto do Sinédrio regozijando-se, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo Nome. <sup>42</sup>E cada dia, no Templo e pelas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa Nova do Cristo Jesus.

A prudente intervenção de Gamaliel (At 5:34 a 39), respeitável membro do Sinédrio, foi oportuna. Ele não só acalmou os ânimos exaltados, mas, utilizando argumentos sólidos, convenceu os demais companheiros a libertarem os prisioneiros, convencendo-os, sobretudo quando ponderou:

[...] Soltai-os. Pois, se o seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. E não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus. [...] (v. 38 e 39).

O parecer de Gamaliel extrapola aquele momento específico e nos alcança, conduzindo-nos à reflexão. Realmente, se a obra vem de Deus, não existe força, humana ou sobre-humana, capaz de destruí-la ou neutralizá-la:

Todos os conselhos e todas as obras só podem prevalecer se forem sustentados pelo influxo divino.

Jesus disse: “Tudo passa, passa a Terra, passam os céus, mas a minha palavra não passará”. E em outra ocasião acrescentou: “A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim o Pai me diz como devo falar”.

Quantas obras têm desaparecido neste mundo! Quantos conselhos se têm dissolvido!

Do Templo de Jerusalém, que custou quarenta anos de trabalho, não ficou pedra sobre pedra.

Onde estão os grandes monumentos que eram o orgulho das civilizações extintas! Tudo passou e tudo passa.

Se os homens, antes de destruírem uma obra, ou extinguirem um conselho, observassem se tal obra ou tal conselho provinha ou não de Deus, tomariam, sem dúvida, resoluções mais acertadas e evitariam sofrimentos e dores causados por julgamentos injustos.

Gamaliel, sábio doutor da lei, membro do Sinédrio, conquanto também fariseu, não se deixou levar pelo absolutismo sacerdotal, e, erguendo a voz naquele

momento em que tinha de dar prova da sua consciência perante Deus, começou lembrando o fracasso dos que perseguiram a Teudas, o Judas e ao Galileu.<sup>12</sup>

A intervenção de Gamaliel acalmou os ânimos exacerbados, concedendo uma trégua para possíveis ações futuras:

[...] Em seu coração, Gamaliel não estava seguro de que Deus não estava com aqueles homens, os apóstolos; os até tivesse a silente [silenciosa] convicção de que Deus estava ao lado deles. Pois o milagre que haviam realizado fora realmente notável. [...].<sup>13</sup>

O milagre que esta citação faz referência foi o dos apóstolos terem sido libertados da prisão por um anjo (At 5:17 a 21), estudado no Tema 7. Há também outras ideias a serem ponderadas:

Uma ação brutal e precipitada poderia ser finalmente prejudicial para aqueles homens que ocupavam funções de líderes religiosos. Além disso, os homens com quem eles estavam tratando não eram homens comuns; havia uma multidão do lado de fora que os aprovava, e até tinha fortes simpatias com eles. Todas essas razões serviam-lhes de motivo para usar cautela. [...].<sup>14</sup>

No início da argumentação, Gamaliel reporta-se a dois personagens da história de Israel, Teudas e Judas, o galileu (At 5:36 a 38), que realizaram atos notáveis, influenciando a muitos e contando com a aprovação geral do povo. Entretanto, comprovou-se, mais tarde, que as ações de ambos eram vinculadas aos próprios interesses, não aos propósitos de Deus, sendo, então, desmascarados e reduzidos, respondendo, assim, pelos equívocos. Os demais membros do Sinédrio gostaram do lembrete. Contudo, há indicações de que Lucas teria se equivocado na cronologia, pois os acontecimentos que envolvem os dois personagens teriam ocorrido posteriormente, dez a quinze anos depois.<sup>15</sup> De qualquer forma, prevaleceu a argumentação final, persuadindo os demais membros do Sinédrio a libertarem os apóstolos:

Agora, portanto, digo-vos, deixai de ocupar-vos com estes homens. Soltai-os. Pois, se o seu intento ou sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. E não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus. [...] (v. 38 e 39).

Os apóstolos foram libertados, após terem sido açoitados, e uma vez mais ameaçados de não falarem nada sobre Jesus: “Chamaram de novo os apóstolos e açoitaram-nos com varas. E, depois de intimá-los a que não falassem mais no nome de Jesus, soltaram-nos” (At 5:40). Felizes com o resultado alcançado, os fiéis discípulos de Jesus prosseguiram como os compromissos assumidos junto à Casa do Caminho. Tudo faziam para

levar a Mensagem do Amor Imortal a todas as gentes, cientes, porém, de que perseguição acintosa fora deflagada a eles

Os Apóstolos, pelo que estamos observando, executaram a sua tarefa com grande coragem, independente das injunções clericais, contrariando as ordens arbitrárias dadas pelos representantes do governo de Jerusalém; açoitados, injuriados, caluniados e perseguidos, eles se glorificavam nas suas próprias chagas, por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus. E não se cansavam de ensinar no Templo e pregar a Jesus, o Cristo.

Exemplo edificante que nos legaram!<sup>16</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 33, p. 241.
- 2 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 33, p. 240 e 241.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 5:1-33: Comparecimento diante do Sinédrio, p. 1909 e 1910.
- 4 BLOMBERG, Craig L. *Introdução de atos a apocalipse*. Trad. Marcos Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. cap. 1, it. Mais crescimento e conflito (5:12-42), p. 58.
- 5 VINÍCIUS. *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. *A verdade*.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 33, p. 241.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 4, it. 4.
- 8 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 61 – *Julgamento*.
- 9 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 25, p. 162.
- 10 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 25, p. 161 e 162.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.



- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 5:34-42: Intervenção de Gamaliel, p. 1910.
- 12 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *O parecer de Gamaliel*, p. 56.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, it. 5.35, p. 149.
- 14 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, it. 5.35, p. 149.
- 15 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 5, it. 5.35 e it. 5.36, p. 150.
- 16 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *O parecer de Gamaliel*, p. 56 e 57.





## PARTE II

### **As primeiras missões**

“Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? [...] Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta.” (*Tiago*, 2:14 e 17.)

## INSTITUIÇÃO DOS SETE. PRISÃO DE ESTÊVÃO (AT 6:1 A 15)

Com a instalação da Igreja Cristã de Jerusalém pelos homens do caminho, como eram denominados os discípulos de Jesus, seguiu-se a organização de uma comunidade fundamentada nos princípios da convivência pacífica e do compartilhamento de bens materiais. Concomitantemente, havia extensa “difusão do espírito sobre a carne”, manifestada nas diferentes curas e fenômenos mediúnicos, considerados milagrosos. A pregação dos ensinamentos de Jesus era intensa por parte dos apóstolos que, continuamente, informavam ao povo que Jesus, crucificado por responsabilidade direta dos sacerdotes, era o Messias de Deus. A partir desse marco histórico, caracterizado pela fundação da Igreja Cristã em Jerusalém (At 1:1 a 6; 7),<sup>1</sup> desencadeiam-se dois outros fatos relevantes que, juntos, abrangem toda a escritura do livro *Atos dos apóstolos*: 1) a fundação da Igreja Cristã da Palestina e os primórdios do Movimento Cristão no mundo (At 6:8 a 8:40); 2) as viagens missionárias de Paulo e de outros apóstolos (At 9:1 a 28:31).<sup>1</sup> Em consequência, foram desencadeadas perseguições contra os convertidos do Cristianismo por parte de religiosos que integravam o Sinédrio, ocorrendo, inclusive, a prisão de Pedro e João, por duas vezes.

Lançando um olhar à história do Cristianismo e de outras religiões reveladas (Judaísmo e Islamismo), percebemos que sempre existiram conflitos entre os seus adeptos e as autoridades religiosas, já que alguns desses conflitos foram exacerbados, a ponto de serem considerados genocídios, como as lamentáveis e tão equivocadas guerras denominadas “santas” e as inquisições. Como tais conflitos religiosos, cristãos e não cristãos, persistem atualmente, destaca-se a importância de analisar causas da problemática:

Há uma propensão enorme, entre as criaturas, para as ideias arraigadas, irremovíveis; daí nasceu o dogma, do dogma a intolerância, escalracho [dano] doutrinário que invade e estiola a consciência.

Quando o indivíduo crê firmemente e intransigentemente no que quer que seja, sem estudar as razões, ou mesmo as hipóteses que lhes possam contrariar

a opinião, já não é um espírito em progresso. Está a um passo do fanatismo, que é a obnubilação completa da razão.<sup>2</sup>

Nesse sentido, cabe ao adepto de uma religião aprender a distinguir os ensinamentos religiosos, propriamente ditos – materializados no mundo pela voz de profetas e de Espíritos missionários que agem em nome de Cristo –, da ação sacerdotal e dos movimentos religiosos daí decorrentes, os quais ainda trazem matrizes das imperfeições humanas. Somente assim, poderemos compreender que as raízes das discórdias religiosas são bem mais profundas do que percebemos à primeira vista, pois envolvem a implantação e difusão de ideias, voltadas para a moralidade dos costumes e das práticas religiosas.

Em vista disso, percebe-se por que ainda são escassas no planeta as comunidades religiosas cristãs que procuram viver, efetivamente, a mensagem do Cristo. A respeito, Cairbar Schutel enfatiza:

Não podíamos deixar de salientar esse fato, digno de menção, para deixar ver, mais uma vez, que a ordem sacerdotal é a antítese da obra Apostólica. Enquanto os Apóstolos se esforçavam para pôr em prática os Preceitos do Senhor, os sacerdotes desnaturam e desvalorizam a obra do Cristianismo.

Os Apóstolos e seus discípulos viviam para a Religião, chegando a sacrificar seus bens em benefício da Comunidade.

Os sacerdotes vivem da Religião, traficando com as coisas santas e sugando o dinheiro dos homens para viverem comodamente, sempre fora da lei do máximo esforço.<sup>3</sup>

## 9.1 INSTITUIÇÃO DOS SETE (AT 6:1 A 7)<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária. <sup>2</sup>Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: “Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. <sup>3</sup>Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. <sup>4</sup>Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério da Palavra”. <sup>5</sup>A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. <sup>6</sup>Apresentaram-nos aos apóstolos e, tendo orado, impuseram-lhes as mãos. <sup>7</sup>E a palavra do Deus crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém, e considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé.

Estudamos, nos temas anteriores, que a repercussão das curas e dos fenômenos mediúnicos, viabilizados pelos *discípulos do caminho*, atraíram a

Jerusalém um número significativo de pessoas, doentes ou não, provenientes de diferentes regiões da Palestina, inclusive de localidades onde viviam povos gentílicos helenistas (ou gregos): “[...] neste ponto temos o começo do crescimento de um tipo helenista de cristianismo, que se distinguia bastante da variedade puramente hebreia do cristianismo de Jerusalém. [...]”<sup>5</sup> Contudo, não nos é possível afirmar com certeza quem eram os helenistas citados na passagem neotestamentária (v. 1), considerados os que primeiramente se converteram ao Cristianismo:

[...] se esses termos indicam judeus que falavam o grego viviam em partes helenizadas do mundo primitivo, fora de Jerusalém, e haviam adotado costumes típicos dos gregos, em contraste com os hebreus mais conservadores, ou se eram indivíduos que não pertenciam à raça judaica. [...].<sup>6</sup>

O estudioso bíblico, Russell Norman Champlin, fundamentando-se em suas pesquisas e nas de outros respeitáveis pesquisadores, afirma: “*Parece-nos* muito mais provável, portanto, que o vocábulo “helenistas...”, neste caso, visa aos judeus de raça, embora fossem gentios quanto ao seu idioma e aos seus costumes, ou seja, “judeus helenistas”.<sup>6</sup> A despeito das próprias conclusões, Champlin pondera, como analista coerente que era:

É possível, no entanto, que entre eles houvesse certo número de pessoas que não trazia sangue judeu nas veias; e talvez também houvesse certo número de indivíduos que fossem gentios convertidos ao cristianismo, embora houvessem sido prosélitos do judaísmo. Seja como for, a verdade é que estamos abordando aqui um período em que a igreja cristã se acha fora das fronteiras do solo estritamente judaico, ou seja, está aqui em foco um ramo helenista da igreja, embora isso não visasse especialmente a questões de raça. [...].<sup>6</sup>

São considerações importantes, quando se analisa o processo gradual da evolução humana: faz-se necessário um certo aprendizado anterior, para que ocorra o entendimento de ideias que visam à melhoria moral-intelectual. Em se tratando especificamente dos ensinamentos do Cristo, os discípulos sinceros do Senhor tinham o conhecimento das escrituras e das profecias, mas o que os distinguia dos demais eram as seguras noções da Lei de Amor que traziam dentro de si, prontas para serem germinadas. Daí a importância e a atualidade desta anotação de Bezerra de Menezes:

Formemos não somente grupos de indagação intelectual ou de crítica nem sempre reconstrutiva, mas, sobretudo, ergamos um templo interior à bondade, porque sem o espírito de amor todas as nossas obras falham na base, ameaçadas pela vaga incessante que caracteriza o campo falível das formas transitórias.<sup>7</sup>

Com a difusão das ideias cristãs fora de Israel, ampliou-se, e muito, o trabalho daquele primeiro núcleo cristão em Jerusalém. Os novos adeptos, provenientes dos povos gentílicos helenistas, ainda não estavam suficientemente integrados às atividades comunitárias da Casa do Caminho. Surgem, então, as murmurações dos helenistas de que as viúvas de Jerusalém estavam sendo mais beneficiadas nas distribuições diárias dos benefícios dos que as demais viúvas estrangeiras (v. 1):

O número de necessitados que procuravam valer-se da obra assistencial dos discípulos crescia sem cessar, acarretando-lhes cada vez mais trabalhos: não é de admirar, portanto, que houvesse falhas, contra as quais reclamavam os que se sentiam menos atendidos. O serviço de cada dia consistia não só nas pregações evangélicas, mas distribuição de sopa e alimentos aos pobres, dentre os quais dedicavam especial atenção às viúvas desamparadas.<sup>8</sup>

Há uma nota de rodapé na *Bíblia de Jerusalém* que fornece esclarecimentos históricos a respeito das diferenças existentes entre os judeus helenistas e os de Jerusalém que, além de completar as considerações de Champlin inseridas na introdução deste estudo, que a primeira igreja cristã do planeta abrigava a todos, independentemente das divergências religiosas e dos hábitos culturais de seus adeptos:

Os “helenistas”: judeus que haviam vivido fora da Palestina, haviam adotado certa cultura grega e dispunham em Jerusalém de sinagogas particulares, em que a Bíblia era lida em grego. Os “hebreus” eram judeus autóctones; falavam o aramaico, mas liam a Bíblia em hebraico nas sinagogas. Essa divisão foi transposta para o seio da igreja primitiva. A iniciativa das missões partirá do grupo helenista.<sup>9</sup>

O trabalho da Casa do Caminho foi verdadeiramente admirável, revestindo-se de grande significância, quando se considera que foi o primeiro laboratório espiritual erguido no plano físico, que procurou estabelecer pontes de entendimento entre os indivíduos, independentemente das suas origens, crenças e culturas. Ali, sob a segura administração direta de Pedro, secundada pelos demais apóstolos, as pessoas eram aceitas, em nome do Cristo, como irmãs, pois que todos eram considerados filhos de Deus, o Pai e Criador. Emmanuel esclarece a respeito:

Desde que viera do Tiberíades para Jerusalém, Simão transformara-se em célula central de grande movimento humanitarista. Os filósofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortáveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude. Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerência social.

As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos Apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.<sup>10</sup>

A vida na Casa do Caminho tinha como base os seguintes princípios, esclarecidos por Pedro ao jovem Jeziel – que seria imortalizado com o nome de Estêvão – quando ele foi amorosamente acolhido naquela Instituição benemérita:

– O Cristo nos trouxe a mensagem do amor – explicou Pedro –, completou a lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A Lei Antiga é justa, mas o Evangelho é amor. Ao passo que o código do passado preceituava o “olho por olho, dente por dente”, o Messias ensinou que devemos “perdoar setenta vezes sete vezes” e que se alguém quiser tirar-nos a túnica devemos dar-lhe também a capa.<sup>10</sup>

Ante as insatisfações declaradas pelos helenistas, os doze apóstolos convocam todos os integrantes da comunidade para uma reunião, apresentando-lhes a proposta de elegerem sete líderes (v. 3) que estariam atentos às demandas internas. Contudo tais líderes deveriam se dedicar, primeiramente, à tarefa de divulgar a Palavra de Deus e, secundariamente, ao trabalho de “servir às mesas” (v. 2), isto é, alimentar, cuidar dos doentes e atender às necessidades básicas de sobrevivência. Nesse aspecto, a *Bíblia de Jerusalém* assinala: “As funções dos Sete se assemelham às dos Doze, uma vez que operam milagres (ver também 8:6-7), anunciam a palavra (8:4) e batizam (8:38)”.

Esses líderes, modernamente denominados diáconos, seriam o ponto de ligação entre o povo e os apóstolos, deveriam apresentar as seguintes características (At 6:3): “Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa”. Aos apóstolos caberia a obrigação de permanecerem “[...] assíduos à oração e ao ministério da Palavra” (v. 4). A proposta foi de aceitação geral, e os sete representantes escolhidos foram (v 5): “[...] Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia”. Lucas faz referência ao prosélito ou adepto de Antioquia, fazendo-nos perceber que o “[...] Evangelho já tinha transposto os limites de Jerusalém, e outros núcleos já se tinham formado fora da Palestina. [...]”<sup>11</sup>

Quanto à escolha dos sete representantes, é importante destacar que todos eram helenistas:

Todos os escolhidos têm nome grego; o último é prosélito (cf. 2:11+). Assim, o grupo dos cristãos helenistas recebe uma organização separada do grupo hebreu. É possível que, por trás da diferença assinalada no v. 1, se esconda



um desacordo mais profundo entre hebreus e helenistas, talvez a respeito da política missionária.<sup>12</sup>

Não há fontes históricas que forneçam dados biográficos concretos a respeito dos sete líderes eleitos, à exceção de Estêvão, que merece referência especial, destacadas no subitem 9.2.1 [Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo] deste estudo. Entretanto, segundo a tradição religiosa, existem algumas informações sobre os demais, assim resumidas:

- » Estêvão: em razão do papel exercido por ele na história do Cristianismo nascente, algumas informações sobre a sua vida e atos estão descritas no subitem 9.2.1.
- » Filipe: “[...] Teria sido membro do grupo especial de *setenta* discípulos missionários, descritos no capítulo 10 do Evangelho de Lucas. [...]” Pregou o Evangelho na Samaria (At 8:5 a 13). Posteriormente, pregou na África, onde foi erguida uma igreja cristã (At 8:26 a 38). Passou pela terra dos filisteus e chegou a Cesareia (At 8:39 e 40), onde viveu até o final dos seus dias. Filipe era casado e tinha quatro filhas, todas profetisas (At 21:9).<sup>13</sup>
- » Prócoro: acredita-se que ele escreveu o livro *Atos de João*, obra considerada apócrifa pelo cânon católico. A tradição religiosa afirma que ele teria sido consagrado por Pedro como bispo de Nicomédia.<sup>13</sup>
- » Nicanor, Timon ou Timão e Pármenas: nada se sabe a respeito desses três personagens, bíblica ou extra bíblicamente.<sup>13</sup>
- » Nicolau, prosélito de Antioquia: acredita-se que originalmente ele era gentio, propriamente dito. Posteriormente, converteu-se ao Judaísmo e ao Cristianismo. Há informações contraditórias de que Nicolau teria fundado “[...] a seita herética dos *nicolaítas*, que podia ser encontrada em Éfeso e em Pérgamo, além de outras localidades. A seita é condenada em *Apocalipse*, 2:6 e 15”. Contudo há fontes seguras, como a de Clemente de Alexandria, que discordam de que esse helenista cristão teria sido o fundador da referida seita – que estimulava os excessos sexuais, inclusive trocas de esposas –, condenada veementemente pelos Apóstolos Simão Pedro (2 Pe 2:15) e Judas Tadeu (Jud 11). O fundador da seita nicolaíta seria, portanto, outro Nicolau, que estabeleceu uma seita gnóstica, cujas origens remontam ao ano 200 d.C. O fato de Nicolau ser procedente de Antioquia, principal e maior centro comercial

da Província Romana na Síria, cidade considerada a porta para o Oriente, indica que o Cristianismo estava se expandindo para fora de Israel e da Palestina.<sup>13</sup>

Merece destaque a forma como os apóstolos confirmaram a indicação dos líderes eleitos: “Apresentaram-nos aos apóstolos e, tendo orado, impuseram-lhes as mãos” (At 6:6). Repetia-se, dessa forma, o comportamento de Jesus, quando abençoava ou realizava curas. Tal expressão gestual continua a ser reproduzida pelos sacerdotes das igrejas cristãs, assim como pelo Espiritismo, no que se refere à transmissão do passe.

A partir dessas e de outras mudanças ocorridas na Igreja Cristã de Jerusalém, a propagação do Cristianismo alcança lugares longínquos, atividade que foi desenvolvida, em especial, pelos helenistas:

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. É que o divino Mestre selara com exemplos as palavras de suas lições imorredouras.<sup>14</sup>

Na Judeia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvário espalha nas almas um suave e eterno perfume. É assim que os apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com a sua misericórdia, espalham claridades da Boa-Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé com todos os famintos do coração.

A Doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez do relâmpago.

Fala-se dela, tanto em Roma como nas Gálias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as ideias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado ou estudioso.

A centralização e a unidade do Império Romano facilitou o deslocamento dos novos missionários, que podiam levar a palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigências e os obstáculos das fronteiras.<sup>14</sup>

## 9.2 PRISÃO DE ESTÊVÃO (AT 6:8 A 15)<sup>15</sup>

<sup>8</sup>Estêvão, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo. <sup>9</sup>Intervieram então alguns da sinagoga chamada dos Libertos, dos Cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. <sup>10</sup>Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com o qual ele falava. <sup>11</sup>Subornaram então alguns para dizerem: “Ouvimo-lo pronunciar

palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus”.<sup>12</sup> Amotinaram assim o povo, os anciãos e os escribas e, chegando de improviso, prenderam-no e o levaram à presença do Sinédrio.<sup>13</sup> “Lá apresentaram testemunhas falsas que depuseram: ‘Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei.’<sup>14</sup> Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este Lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu.’<sup>15</sup> Todos os membros do Sinédrio, com os olhos fixos nele, tiveram a impressão de ver em seu rosto o rosto de um anjo.”

Entre os sete representantes da multidão junto à direção da Casa do Caminho, uma figura humilde, sábia e majestosa se destaca dos demais: “Estêvão, cheio de graça e poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo” (v. 8). Tais atributos, no entanto, provocaram invejas e perseguições por parte das autoridades religiosas que, não resistindo à sabedoria e moralidade de Estêvão (v. 10), fizeram-no cair em ardilosa armadilha (v. 11), seguida de prisão e julgamento pelo Sinédrio (v. 12), onde foi julgado blasfemo e condenado à morte por apedrejamento (v. 8), com a complacência de Saulo, o futuro Paulo, Apóstolo dos Gentios (At 7:55 a 60 e 8:1). A despeito das falsas alegações que lhe foram impostas e que lhe custaram a vida, Estêvão manteve a serenidade e a fortaleza moral que lhe caracterizavam o Espírito, a ponto de os membros do Sinédrio terem a “[...] impressão de ver em seu rosto o rosto de um anjo” (At 6:15), quando ele foi apresentado perante a suprema assembleia de Jerusalém, por ocasião do seu julgamento.

### 9.2.1 ESTÊVÃO, O PRIMEIRO MÁRTIR DO CRISTIANISMO

A história de Estêvão aparece em *Atos dos apóstolos*, capítulos 6 (cujo estudo está sendo iniciado aqui), 7 e 8:1 a 2. Há também duas boas referências espíritas que merecem ser estudadas a respeito da temática: a obra *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, e *As marcas do Cristo*, volume 1, capítulo 2, de Hermínio Miranda. Apresentamos, em seguida um resumo biográfico de Estêvão.

Estêvão foi o nome adotado por Jeziel, por sugestão de Simão Pedro, quando ele se converteu ao Cristianismo, em Jerusalém, desde que foi acolhido na Casa do Caminho. Jeziel era judeu helenista de Corinto, filho mais velho de Jochedeb ben Jared e irmão de Abigail, futura noiva de Saulo de Tarso. Eram descendentes da tribo de Issacar, nome do nono filho de Jacó, o quinto que ele teve com sua mulher Lia (Gn 30:17 e 18; 35:23).<sup>16</sup>

A cidade grega de Corinto, conhecida pela sua grande riqueza e diversidade cultural, tornou-se província romana em 146 a.C., denominada

Província Romana de Acaia. A história da sua fundação se perde nos tempos, remontando-se à Era Neolítica, aproximadamente em seis mil a.C. Existem várias versões sobre a fundação da cidade. Segundo a tradição mitológica divulgada por Pausânias (Lídia, 110–180 a.C.), famoso geógrafo e viajante grego, a cidade foi fundada por Corinto, filho de Zeus e de Éfira, filha de Oceano, a primeira habitante da localidade.<sup>17</sup> Situada na região do Peloponeso, extensa península montanhosa no sul da Grécia, unida ao continente pelo istmo de Corinto, apresentando vida movimentada em razão do intenso tráfico comercial, fato que caracterizava a diversidade cultural, social e linguística. Como a cidade era um ponto estratégico, foi alvo dos ataques de vários conquistadores, sendo destruída e reconstruída várias vezes. Sob o domínio romano, o cônsul Mummius queimou a cidade, reduzindo-a a cinzas, a fim de combater uma rebelião interna.<sup>18</sup> Contudo, Corinto “[...] foi reconstruída por Júlio César, pouco antes de sua morte, no ano 44 a.C., e elevada à categoria de capital da Acaia, província romana governada por um procônsul [...]”.<sup>18</sup>

[...] O tráfico terrestre entre a península e o continente era feito pelo centro da cidade, e a maior parte do comércio entre a Ásia e o ocidente entrava pelos seus portos por causa da vantagem da navegação pelo golfe de Solônia, a oriente do istmo, e o golfe de Corinto a oeste. A cidade atraía os negociantes fenícios que ali iam buscar material com que fabricavam a cor púrpura, que eles tiravam dos peixes que povoavam os seus mares, introduziram a manufatura de panos, de cerâmicas e de armas de guerra [...].<sup>19</sup>

A despeito do domínio romano em Corinto, a honrada família de Jeziel vivia em paz, cumprindo obrigações corriqueiras e deveres perante o invasor, quando, por uma trágica reviravolta do destino, os três familiares foram submetidos a dolorosas provações, iniciadas e desenvolvidas pelo novo procônsul que chegara à cidade:

[...] No ano 34, chegou à cidade o novo representante de César, um certo Licínio Minúcio, que destróçou sumariamente a tranquilidade da pequena família, tomando-lhes a pequena propriedade em que viviam, num odioso processo de espoliação, para o qual foi impossível qualquer defesa. [...].<sup>20</sup>

Mesmo considerando o sofrimento e a tristeza que se abateu tragicamente sobre os três integrantes daquela pacata família, destacam-se a superioridade moral deles, a fé em Deus e o compromisso com a prática do bem, como se constata nestas palavras da jovem Abigail dirigidas ao irmão, quando recorda como a mãe, já falecida, agiria diante dos desafios que lhes foram impostos:

[...] Nós não temos aquele poder de persuasão com que ela, carinhosa sempre, iluminava a nossa casa. Lembras-te? Sempre nos ensinou que os filhos de Deus devem estar prontos para a execução das divinas vontades. Os profetas, por sua vez, nos esclarecem que os homens são varas no campo da criação. O Todo-Poderoso é o lavrador e nós devemos ser os galhos floridos ou frutíferos de sua obra. A palavra de Deus nos ensina a ser bons e amáveis. O bem deve ser a flor e o fruto que o Céu nos pede.

[...]

Em dado instante, voltou a jovem a considerar:

– Por que será que os filhos de nossa raça são perseguidos em toda parte, provocando injustiça e sofrimentos?<sup>21</sup>

Emocionado, Estêvão revela, igualmente, a sua grandeza e sabedoria espirituais, na resposta que transmite à irmã:

– Suponho – respondeu o moço – que Deus o permite a exemplo do pai amoroso que, para educar os filhos mais jovens e ignorantes, toma por base os filhos mais experientes. Enquanto os outros povos amortecem forças na dominação pela espada, ou nos prazeres condenáveis, nosso testemunho ao Altíssimo, pelas dores e amarguras, multiplica em nosso espírito a capacidade de resistência, ao mesmo tempo que os outros homens aprendem a considerar, com o nosso esforço, as verdades religiosas.

E, fixando o olhar sereno no firmamento, acrescentou:

— Mas eu creio no Messias Redentor, que virá esclarecer todas as coisas. Os profetas nos afirmam que os homens não o compreenderão; entretanto, Ele há de vir ensinando o amor, a caridade, a justiça e o perdão. Nascerá entre os humildes, exemplificará entre os pobres, iluminará o povo de Israel, levantará os tristes e oprimidos, tomará, com amor, todos os que padecem no abandono do coração. Quem sabe, Abigail, estará Ele no mundo, sem o sabermos? Deus opera em silêncio e não concorre com as vaidades da criatura. Temos fé e a nossa confiança no Céu é uma fonte de força inesgotável. Os filhos da nossa raça muito têm padecido, mas Deus saberá o porquê e não nos enviaria problemas de que não necessitássemos.<sup>21</sup>

Estêvão, ainda quando vivia como Jeziel, já revelava a esperança na vinda do Messias, convicção que se tornou definitiva ao converter-se ao Cristianismo, vivenciando, em espírito e verdade, a mensagem que Jesus nos deixou como herança divina.

Após esse diálogo fraterno, os terríveis acontecimentos se sucederiam céleres:

O velho Jochedeb morreu açoitado diante dos dois filhos. Abigail foi posta em liberdade, enquanto o irmão, também amarrado ao poste de tortura, era barbaramente espancado, já condenado ao cativeiro das galeras, de onde ninguém voltava para o convívio da sociedade.

Abigail tinha, então, 18 anos, e Jeziel, 25. Achando-se sozinha na rua e sem ter para onde ir, buscou a residência de uma velha amiga de sua mãe, que, todavia, não tinha a menor condição de recebê-la em sua casa em caráter permanente. Sugeriu-lhe a velha Sostenia que fugisse imediatamente de Corinto [...]. Sostenia lembrou-se, então, de que Zacarias bem Hanan e sua esposa Ruth preparavam-se para deixar definitivamente a Acaia, pois o único filho do casal acabara de ser trucidado pelos romanos. Viviam na estrada que levava ao porto de Cencreia, e lá, já em preparativos para a viagem, acolheram Abigail com muito carinho, oferecendo-lhe generosamente o afeto que haviam dedicado ao filho morto.<sup>22</sup>

Jeziel, porém, teve trágico destino ao ser condenado às galeras ou galés, onde deveria viver como escravo até o dia da sua morte: *Galera* ou *Galé*<sup>23</sup> é uma “[...] embarcação comprida e estreita, de baixo bordo, com duas velas acessórias, mas impelida basicamente por remos, que foi usada desde a Antiguidade grega até os fins do século XVIII. [...]”. A palavra *galé* aplicava-se também à “[...] pessoa condenada a trabalhos forçados (remar) a bordo dos navios desse nome [...]”. O vocábulo *galés* era igualmente utilizado para se referir “[...] à pena dos que eram condenados a remar nas galés [...] trabalhos forçados executados por prisioneiros agrilhoados. [...]”.

Na verdade, Jeziel esteve preso ainda um mês, enquanto cicatrizavam os ferimentos provocados pelas atrocidades dos romanos. No fim desse período, foi dado como apto para o trabalho e embarcado numa galera que realizava tráfego comercial de interesse de Licínio Minúcio, o questor romano que o havia espoliado.

Sua formação moral resistiu heroicamente à dureza das novas condições. Não se deixou vencer pelo desespero nem pelo ódio, impondo involuntariamente sua autoridade moral, não apenas aos companheiros de infortúnios, mas até mesmo ao feitor. [...].<sup>24</sup>

As suas enormes provações existenciais estavam apenas iniciando, com a prisão e morte do pai: “[...] Órfão de pai e mãe, cativo de verdugos cruéis, saberia conservar o tesouro da esperança e procuraria a irmã, até aos confins do mundo, se um dia conseguisse, de novo, o beijo da liberdade na fronte escravizada. [...]”.<sup>25</sup> Espírito Superior, profundo conhecedor das Escrituras e já exercitado na capacidade de resistir ao mal e continuar na estrada do bem, desde outras reencarnações, submeteu-se a todo tipo de sofrimento sem jamais se abater ou rebelar. Ao contrário, sempre demonstrava profunda humildade, firmeza de caráter e fé inquebrantável em Deus. Era, efetivamente, um grande emissário de Jesus:

Reduzido à mísera condição de condenado a trabalhos perpétuos, enfrentou a nova situação cheio de confiança e humildade. Foi com admiração que o feitor

Lisipo anotou-lhe a boa conduta e o esforço nobre e generoso. Habitado a lidar com malfeitores e criaturas sem escrúpulos, que, não raro, requeriam a disciplina do chicote, surpreendeu-se ao reconhecer no moço hebreu a disposição sincera de quem se entregava ao sacrifício, sem rebeldias e sem baixaze. Manejando os remos pesados com absoluta serenidade, como quem se dava a uma tarefa habitual, sentia o suor abundante inundar-lhe a face juvenil, relembrando, comovido, os dias laboriosos da sua charrua amiga. Em breve, o feitor reconhecia nele um servo digno de estima e consideração, que soubera impor-se aos próprios companheiros com o prestígio da natural bondade que lhe transbordava da alma.<sup>25</sup>

Jeziel prosseguia firme, ainda que sob o peso da vida rude e servil em que ora se encontrava: “No bojo escuro da embarcação, sua firmeza de fé não se modificara. Dividia o tempo entre os labores rudes e as sagradas meditações. [...]”.<sup>25</sup> Nessa viagem, o percurso foi de Corinto para Cefalônia e Nicópolis, duas ilhas gregas, daí retornando por Chipre, após breve passagem pela costa da Palestina, considerando a economia de tempo e a estação do ano, que era antes do inverno:

Voltando de Cefalônia, a galera recebeu um passageiro ilustre. Era o jovem romano Sérgio Paulo, que se dirigia para a cidade de Citium [na ilha de Chipre], em comissão de natureza política. [...] Dada a importância do seu nome e o caráter oficial da missão a ele cometida, o comandante Sérvio Carbo lhe reservou as melhores acomodações.

Sérgio Paulo, entretanto, muito antes de aportarem novamente em Corinto, onde a embarcação deveria permanecer alguns dias, em prosseguimento da rota prefixada, adoeceu com febre alta, abrindo-se-lhe o corpo em chagas purulentas. Comentava-se, à sorrelfa, que nas cercanias de Cefalônia grassava uma peste desconhecida. O médico de bordo não conseguiu explicar a enfermidade e os amigos do enfermo começaram a retrair-se com indisfarçável escrúpulo. Ao fim de três dias, o jovem romano achava-se quase abandonado. O comandante, preocupado, por sua vez, com a própria situação e receoso por si mesmo, chamou Lisipo, pedindo-lhe que indicasse um escravo dos mais educados e maneirados, capaz de incumbir-se de toda a assistência ao passageiro ilustre. O feitor designou Jeziel, incontinentemente, e, na mesma tarde, o moço hebreu penetrou no camarote do enfermo, com o mesmo espírito de serenidade que costumava testemunhar nas situações mais díspares e arriscadas. [...].<sup>25</sup>

Jeziel cuidou do romano enfermo com extremada dedicação, conquistando-lhe a simpatia. Sérgio Paulo reconheceu que fora salvo da morte pelos cuidados de Jeziel e que deveria dar-lhe algo tão precioso como o que recebera. Assim, em conjunto com Licínio, o feitor da galé, arquitetou um plano de libertação do dedicado escravo que, agora, estava profundamente enfermo. No primeiro momento, o feitor sugeriu que o escravo fosse lançado ao mar, até

para que se evitasse de a doença se disseminar na embarcação. Mas a dívida de gratidão pesou no íntimo de Sérgio Paulo que respondeu ao subordinado:

– Pois bem; espero que vocês não se oponham aos meus planos, e tão logo alcancemos o porto, levarei Jeziel num bote até às margens, pretextando o ensejo de exercício muscular, que preciso recomençar. Aí, então, lhe daremos liberdade. É um feito que se me impõe, em obediência aos meus princípios.<sup>25</sup>

E acrescentou, explicando como seria a libertação de Jeziel:

– Pois faz constar nos teus apontamentos que o escravo Jeziel, atacado de mal desconhecido contraído em Cefalônia foi sepultado no mar, antes que a peste contagiasse os tripulantes e passageiros. Para que o rapaz não se comprometa, instrui-lo-ei a respeito, dando-lhe umas tantas ordens terminantes. Além disso, noto-o bastante enfraquecido para resistir com êxito às crises culminantes da moléstia ainda em começo. Quem poderá garantir que ele resistirá? Quem sabe morrerá ao abandono no segundo minuto de liberdade?<sup>25</sup>

Ao chegar a Jerusalém, Jeziel foi deixado na praia, entregue à própria sorte. Na despedida, Sérgio Paulo deu-lhe algum dinheiro e disse-lhe:

– Sei que dentro em pouco a enfermidade assumirá graves proporções, prosseguiu o benfeitor. Dar-te-ei a liberdade, mas só o teu Deus poderá conceder-te a vida. Entretanto, caso te restabeleças, deverás ser um novo homem, com um nome diferente. Não desejo ser inculcado de traidor dos meus próprios amigos e devo contar com a tua cooperação.

– Obedecer-vos-ei em tudo, senhor.

Sérgio lançou-lhe um olhar generoso e terminou:

– Tomarei todas as providências. Dar-te-ei algum dinheiro para atenderes as primeiras necessidades e vestirás uma de minhas velhas túnicas; mas, tão logo seja possível, vai-te de Jope para o interior da província. O porto está sempre cheio de marinheiros romanos, curiosos e maleficientes.<sup>25</sup>

Como a bondade e a misericórdia divinas jamais faltam, Jeziel foi encontrado semimorto por um desconhecido, na verdade um assaltante denominado Irineu de Crotona. Jeziel tratou-o com a gentileza que lhe era peculiar, deu-lhe o dinheiro que tinha recebido da autoridade romana. Comovido com a afabilidade do doente, o assaltante o encaminhou a Efraim, um idoso cristão, conhecido como seguidor do “Caminho” que, após cuidar do doente, conduziu-o à “Casa do Caminho”, a primeira igreja cristã do planeta, administrada pelo Apóstolo Simão Pedro, em conjunto com os demais apóstolos. Pedro acolheu Jeziel carinhosamente, e, após ouvir o relato da sua história, o venerável apóstolo sugeriu que, por prudência, Jeziel deveria mudar de nome. Morria, assim, Jeziel, nascia Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo.



## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. II, p. 154.
- 2 IMBASSAHY, Carlos. *Religião*. 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2002. Introdução: Do orgulho dos homens à modéstia dos sábios.
- 3 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *Comunidade cristã*, p. 47.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 6:1-7, p. 1911.
- 5 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. II, p. 154.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. 6.1, p. 155.
- 7 SOUZA, Juvanir Borges de (Coord.). *Bezerra de Menezes: ontem e hoje*. 5. ed. Brasília, DF: FEB, 2023. 3ª pt., cap. 12 – *União dos espíritas*.
- 8 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 34, p. 244.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 6:1. Nota de rodapé “b”, p. 1911.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 3 – *Em Jerusalém*.
- 11 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 34, p. 244.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 6:5. Nota de rodapé “f”, p. 1911.
- 13 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 6, it. 6.5, p. 159.

- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. cap. 14 – *A edificação cristã*, it. A propagação do Cristianismo.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 6:8-15, p. 1911.
- 16 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Issacar, p. 611.
- 17 CORINTO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinto> Acesso em: 14 fev. 2023.
- 18 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Corinto, p. 273.
- 19 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete Corinto, p. 272.
- 20 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 2 – *Lágrimas e sacrifícios*.
- 22 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor.
- 23 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. verbete: Galé, p. 947.
- 24 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor.
- 25 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 3 – *Em Jerusalém*.

## DISCURSO DE ESTÊVÃO – 1ª PARTE (AT 7:1 A 34)

Vimos no Tema 9 sobre a síntese da trajetória de Jeziel, judeu hele-nista da tribo de Issacad, de Corinto, cidade grega onde nasceu – então denominada pelo invasor romano de Província de Acaia –, até sua chegada em Jerusalém onde foi acolhido por Simão Pedro na Casa do Caminho. Vimos também as dolorosas atribulações às quais ele foi submetido, nesse espaço de tempo: perseguição do procônsul romano à sua família, que resultou na morte por açoitamento do pai, Jochedeb ben Jared; retirada da irmã Abigail do lar paterno e jogada nas ruas da cidade – sendo acolhida pela família Zacarias que estava em mudança para Jerusalém; a prisão de Estêvão, açoitamento e condenação de viver nas galés como escravo romano; no navio, ele se dedicou com afinco a cuidar de um poderoso político romano, Sergio Paulo, que se encontrava gravemente enfermo, fazendo-o recuperar plenamente a saúde; tal fato o liberou da escravidão a que fora condenado, sendo abandonado, muito doente, nas costas da Palestina, onde foi encontrado pelo assaltante Irineu de Crotona, que o conduziu a Efraim, um idoso cristão, conhecido como seguidor do “Caminho” (casa do Caminho ou Igreja Cristã de Jerusalém), o qual, depois de prestar os primeiros socorros a Jeziel, o enviou a Jerusalém onde foi acolhido por Pedro na Casa do Caminho; após ouvir a dolorosa história de Jeziel, Simão Pedro o aconselha mudar de nome para não ser reconhecido pelos romanos; Jeziel adota, então, o nome de Estêvão, converte-se ao Cristianismo e passa a viver na Casa do Caminho, sendo eleito como um dos sete líderes – modernamente denominados diáconos –, que auxiliavam na administração da Igreja Cristã de Jerusalém, agindo como ponto de ligação entre o povo e os apóstolos:

Pedro, que a ele se prendeu imediatamente por laços da mais profunda afeição, instruiu-o na nova doutrina, que o jovem de Corinto absorvia com avidez e assimilava para sempre. O antigo pescador galileu adotou Jeziel como filho, e, para que não se esquecesse da sua querida Acaia, onde vivera anos felizes e

provações duríssimas, propôs-lhe um nome grego com o qual marcasse a nova fase de sua vida em Cristo: chamar-se-ia, doravante, Estêvão.<sup>1</sup>

Jeziel/Estêvão não sabia, porém, que a sua querida irmã, cujo destino desconhecia, fora adotada como filha pelo casal Zacarias e que se encontrava muito próxima a ele, “[...] não mais que alguns quilômetros separavam Jeziel de Abigail, ele em Jerusalém na Casa do Caminho, ela na beira da estrada para Joze, na granja de Zacarias. [...]”<sup>1</sup>

Na *Comunidade do Caminho*, Estêvão recebeu todo cuidado e atenção, recuperando sua saúde aos poucos: “Decorridas duas semanas exaustivas, Jeziel melhorou, rearmonizando as próprias faculdades para melhor analisar e sentir a nova situação. Afeiçoara-se a Pedro, como um filho afetuoso ao legítimo pai. [...]”<sup>2</sup> Posteriormente, Estêvão ainda convalescente, encontrava-se sentado às sombras das tamareiras que circundavam a Comunidade, quando foi procurado por Pedro, desejoso de lhe falar sobre Jesus. O venerável apóstolo estabelece com Estêvão o seguinte diálogo, reproduzido por Emmanuel, e que merece ser recordado:

– Amigo – disse com jovial sorriso –, agora que Deus te restituiu a saúde preciosa, regozijo-me por havermos recebido tua visita em nossa casa. Nosso júbilo é sincero, pois que, nos mínimos detalhes da tua permanência entre nós, revelaste a condição espiritual de filho legítimo dos lares organizados com Deus, pelo conhecimento que tens dos textos sagrados. E tanto me impressionei com as tuas referências a *Isaías*, quando deliravas com febre alta, que desejaria saber de que tribo descendes.

Jeziel compreendeu que aquele amigo sincero, antes irmão carinhoso nas horas mais críticas da enfermidade, desejava conhecê-lo melhor, identificá-lo íntima e profundamente, com delicada argúcia psicológica. Achou justo e considerou que não devia desprezar o amparo de um coração verdadeiramente fraterno, para o acendramento das próprias energias espirituais.

– Meu pai era filho dos arredores de Sebaste e descendia da tribo de Issacar – esclareceu atencioso.

– E era tão altamente dedicado ao estudo de *Isaías*?

– Estudava sinceramente todo o Testamento, sem preferências, talvez, de ordem particular. A mim, porém, *Isaías* sempre me impressionou profundamente pela beleza das promessas divinas de que foi portador, anunciando-nos o Messias, cuja vinda tenho meditado desde a infância.<sup>2</sup>

A essa altura do diálogo, “Simão Pedro esboçou um sorriso de viva satisfação e disse: – Mas, não sabes que o Messias já veio? Jeziel teve um brusco sobressalto na cadeira improvisada. – Que dizeis? – inquiriu ansioso”<sup>2</sup> E Pedro prossegue em seus esclarecimentos:

– Nunca ouviste falar em Jesus de Nazaré?

Embora recordasse vagamente as palavras ouvidas de Efraim, declarou:

– Nunca!

– Pois o Profeta nazareno já nos trouxe a mensagem de Deus para todos os séculos.

E Simão Pedro, olhos acesos na chama luminosa dos que se sentem felizes ao recordar um tempo venturoso, falou-lhe da exemplificação do Senhor, traçando uma perfeita biografia verbal do Mestre sublime.

[...]

Jeziel bebia-lhe as palavras, inteiramente empolgado, como se houvesse encontrado um mundo novo. A mensagem da Boa-Nova penetrava-lhe o espírito desencantado, como um bálsamo suave.<sup>2</sup>

Estêvão, que ainda se encontrava sob o impacto das emoções provocadas pelas revelações recebidas, pergunta, ansioso, ao apóstolo, ao perceber que o diálogo terminara:

– E o Messias? Onde está o Messias?

– Há mais de um ano – exclamou o Apóstolo apagando a vivacidade com a lembrança triste – foi crucificado aqui mesmo em Jerusalém, entre os ladrões.

Em seguida, passou a enumerar os martírios pungentes, as dolorosas ingratidões de que o Mestre fora vítima, os ensinamentos derradeiros e a gloriosa ressurreição do terceiro dia. Depois, falou dos primeiros dias do apostolado, dos acontecimentos do *Pentecostes* e das últimas aparições do Senhor, no cenário sempre saudoso da Galileia distante.<sup>2</sup>

Sensibilizado às lágrimas, Estêvão sente

[...] como se houvesse conhecido Jesus, o Profeta de Nazaré. E, ligando o perfil deste aos textos que retinha de cor, anunciou, quase em voz alta, como se falasse consigo mesmo:

*Levantar-se-á como um arbusto verde, na ingratidão de um solo árido...*

*Carregado de opróbrios e abandonado dos homens.*

*Coberto de ignomínias não merecerá consideração.*

*Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.*

*Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...*

*Humilhado e ferido deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas, desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno hão de prosperar nas suas mãos.<sup>2</sup>*

Essa citação de *Isaías*, capítulo 53, produz sincera admiração em Pedro, que lhe entrega novos estudos sobre o Cristo, como um texto escrito pelo Apóstolo Mateus, o qual era também conhecido como Levi.<sup>2</sup> Estêvão se

revela profundamente agradecido a Pedro e lhe informa: “– Encontrei o tesouro da vida, preciso examiná-lo com mais vagar, quero saturar-me da sua luz, pois aqui pressinto a chave dos enigmas humanos”<sup>2</sup>. Mais tarde leu tudo que lhe chegava às mãos sobre Jesus, trazendo as faces banhadas de lágrimas ante o sublimes ensinamentos do Mestre Nazareno que ele tomava conhecimento, como o Sermão da Montanha. Por fim, Simão Pedro informa-lhe com convicção:

– O Cristo nos trouxe a mensagem do amor – explicou Pedro –, completou a Lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A Lei Antiga é justiça, mas o Evangelho é amor. Ao passo que o código do passado preceituava o “olho por olho, dente por dente”, o Messias ensinou que devemos “perdoar setenta vezes sete vezes” e que se alguém quiser tirar-nos a túnica devemos dar-lhe também a capa.

Jeziel sensibilizou-se e chorou. Aquele Cristo, amoroso e bom, suspenso na cruz da ignomínia humana, era a personificação de todos os heroísmos do mundo. Como se aliviava ao analisá-lo! [...].<sup>2</sup>

Dessa forma, Estêvão integrou-se totalmente na Casa do Caminho, transformando-se em membro ativo da Comunidade, onde se destacava não só pelas suas brilhantes preleções, como também por tantas outras qualidades que possuía, como o profundo conhecimento das Escrituras e dos profetas, a bondade e a gentileza de trato, declara *Atos* (6:8), anteriormente estudado: “Estêvão, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo”:

Em pouco tempo, Estêvão tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quase miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava à tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os Apóstolos galileus sua palavra resplandecia nas pregações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura. Quando quase todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos para além das considerações agradáveis ao Judaísmo dominante, Estêvão apresentava à multidão, desassombradamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente às lutas que iria provocar, comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discípulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua pregação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações.

Em poucos meses, seu nome era aureolado de uma veneração surpreendente. E, ao fim do dia, quando chegavam as orações da noite, o moço de Corinto, ao lado de Pedro e João, falava das suas visões e das suas esperanças, cheio do

espírito daquele Mestre adorável, que, através do seu Evangelho, lhe semeara no coração as estrelas abençoadas de um júbilo infinito.<sup>2</sup>

Com a difusão do Cristianismo, sobretudo agora, com as brilhantes manifestações de Estêvão, multidões eram atraídas para ouvi-lo na Casa do Caminho. Entretanto, surgiram também ciúmes e invejas de religiosos judeus, que decidiram silenciar Estêvão, conduzindo-o à prisão:

Percebendo seus interesses ameaçados pela nova doutrina que ensinava aos homens paz, tolerância, amor, perdão e sobretudo renúncia ao egoísmo e ao orgulho, a classe sacerdotal movimentou-se para prender Estêvão. Assim como fizeram com Jesus prendem Estêvão sob alegações de falsas testemunhas, visando condená-lo. [...].<sup>3</sup>

Com um furor jamais visto e, propositadamente, transmitindo informações deturpadas das palavras de Estêvão, alguns membros da classe sacerdotal agiam na surdina e, utilizando-se das suas costumeiras intrigas, armam uma cilada contra a Estêvão, como consta no texto de *Atos* (6: 9 a 14), estudado anteriormente, no Tema 9, aqui reproduzido novamente:

Intervieram então alguns da sinagoga chamada dos Libertos, dos Cireneus e alexandrinos, dos da Cilícia e da Ásia, e puseram-se a discutir com Estêvão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com o qual ele falava. Subornaram então alguns para dizerem: “Ouvimo-lo pronunciar palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus”. Amotinaram assim o povo, os anciãos e os escribas e, chegando de improviso, prenderam-no e o levaram à presença do Sinédrio. Lá apresentaram testemunhas falsas que depuseram: “Este homem não cessa de falar contra este lugar santo e contra a Lei. Pois ouvimo-lo dizer repetidamente que esse Jesus, o Nazareu, destruirá este Lugar e modificará os costumes que Moisés nos transmitiu”.

Tudo isso resultou na prisão de Estêvão, como já havia acontecido antes, por duas vezes, com os Apóstolos Pedro e João. Importa destacar, porém, que a afirmação de Estêvão, usada de forma destorcida e imoral pelos sacerdotes envolvidos e seus comparsas, apenas informava que

[...] Jesus nada disse contra a lei de Moisés, simplesmente afirmara que viera mostrar como cumpri-la. O mesmo ocorre com o Espiritismo em nossos dias: não veio para combater as religiões, e sim para reviver o Evangelho em sua pureza original e indicar-nos novos caminhos evolutivos.<sup>4</sup>

## 10.1 DISCURSO DE ESTÊVÃO – 1ª PARTE (AT 7:1 A 34)<sup>5</sup>

<sup>1</sup>O sumo sacerdote perguntou: “As coisas são mesmo assim?” <sup>2</sup>E ele respondeu: “Irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, ainda na

Mesopotâmia, antes que se estabelecesse em Harã, <sup>3</sup>e disse-lhe: ‘Sai da tua terra e da tua parentela, e vai para a terra que eu te mostrarei’. <sup>4</sup>Saindo, pois, da terra dos caldeus, ele veio estabelecer-se em Harã. Dali, após a morte de seu pai, Deus o transferiu para esta terra, na qual vós agora habitais. <sup>5</sup>Nela não lhe deu propriedade alguma, nem sequer onde pudesse descansar os pés. Mas prometeu que lhe daria em propriedade, a ele e à sua descendência depois dele, embora não tivesse filho. <sup>6</sup>E falou-lhe Deus que a sua descendência seria peregrina em terra estrangeira, e a escravizariam e a maltratariam por quatrocentos anos. <sup>7</sup>Mas a nação da qual serão escravos, eu a julgarei, disse Deus. Depois disto sairão de lá e me renderão culto neste Lugar. <sup>8</sup>Deu-lhe em seguida a aliança da circuncisão. Por isso, tendo gerado Isaac, Abraão circuncidou-o no oitavo dia. E Isaac fez o mesmo a Jacó, e Jacó aos doze patriarcas. <sup>9</sup>*Os patriarcas, invejosos de José, venderam-no para o Egito. Mas Deus estava com ele* <sup>10</sup>*e o livrou de todas as suas tribulações: deu-lhe graça e sabedoria diante do faraó, rei do Egito, que o nomeou superintendente do Egito e de toda a casa real.* <sup>11</sup>*Sobreveio então a fome sobre todo o Egito e Canaã. A aflição era grande, e nossos pais não encontravam mantimentos.* <sup>12</sup>Ao saber que, no Egito havia trigo, Jacó para lá enviou nossos pais uma primeira vez. <sup>13</sup>Na segunda vez, José deu-se a conhecer a seus irmãos, e tornou-se conhecida do faraó a sua origem. <sup>14</sup>José mandou então buscar Jacó, seu pai, e toda a sua parentela, em número de setenta e cinco pessoas. <sup>15</sup>Desceu Jacó para o Egito e aí morreu, ele e também nossos pais. <sup>16</sup>Seus restos foram trasladados a Siquém e depostos no sepulcro que Abraão comprara a dinheiro aos filhos de Emor, pai de Siquém. <sup>17</sup>Aproximava-se, porém, o tempo da promessa que Deus fizera solenemente a Abraão. O povo foi crescendo e multiplicando-se no Egito, <sup>18</sup>até que surgiu no Egito outro rei, o qual não tinha mais conhecimento de José. <sup>19</sup>E ele, usando de astúcia para com a nossa raça, atormentou nossos pais a ponto de obrigá-los a expor nossos recém-nascidos, para que não sobrevivessem. <sup>20</sup>Nesse momento nasceu Moisés, que era belo aos olhos de Deus. Por três meses foi nutrido na casa paterna; <sup>21</sup>e depois, tendo sido exposto, recolheu-o a filha do faraó e o criou como seu próprio filho. <sup>22</sup>Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios e tornou-se poderoso em suas palavras e obras. <sup>23</sup>Ao completar quarenta anos, veio-lhe à mente a ideia de visitar seus irmãos, os israelitas. <sup>24</sup>Ao ver um deles maltratado injustamente, tomou-lhe a defesa e vingou o oprimido, matando o egípcio. <sup>25</sup>Julgava que seus irmãos compreenderiam que Deus queria salvá-los por meio dele. Mas não compreenderam. <sup>26</sup>No dia seguinte, apareceu quando alguns deles se batiam e tentou reconduzi-los à paz, dizendo: ‘Homens, sois irmãos: por que vos maltratais um ao outro?’ <sup>27</sup>Então, o que maltratava o companheiro o repeliu, dizendo: ‘Quem te constituíu chefe e juiz sobre nós?’ <sup>28</sup>Pretenderias matar-me, da mesma forma como ontem mataste o egípcio?’ <sup>29</sup>A estas palavras, Moisés fugiu e foi viver como forasteiro na terra de Madiã, onde gerou dois filhos. <sup>30</sup>*Decorridos quarenta anos, apareceu-lhe um anjo no deserto do monte Sinai, na chama de uma sarça ardente.* <sup>31</sup>*Ao percebê-lo, Moisés ficou admirado com o que via. E, aproximando-se para ver melhor, fez-se ouvir a voz*



*do Senhor: <sup>32</sup>‘Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó’. Todo trêmulo, Moisés não ousava olhar. <sup>33</sup>E o Senhor lhe disse: ‘Tira a sandália dos pés, pois o lugar em que estás é terra santa. <sup>34</sup>Eu vi, eu vi o sofrimento de meu povo no Egito, e ouvi seus gemidos. Por isso desci para livrá-los. Agora vem, eu vou enviar-te ao Egito’.*

Em 62 versículos Lucas nos apresenta o discurso ou defesa de Estêvão perante o Sinédrio, antes do seu julgamento por essa suprema corte religiosa do Judaísmo. O texto nos transmite importantes informações sobre a história da construção da religião judaica, o pensamento de alguns profetas e, sobretudo, o anúncio da vinda do Messias de Deus que, nascido em Belém de Judá, foi crucificado por responsabilidade direta das autoridades religiosas do Judaísmo. Sendo assim, julgamos por bem dividir o estudo em duas partes: a primeira, ora sob análise (At 7:1 a 34), e a segunda parte (At 7:35 a 60 e 8:1 e 2), que será estudada no Tema 11.

O discurso de Estêvão inicia-se após a pergunta que o sumo sacerdote lhe dirige: “As coisas são mesmo assim?” (At 7:1). Recordemos, porém, que a simples presença do discípulo de Jesus causou impacto nos presentes, envolvendo a todos em suas irradiações superiores, como é relatado em *Atos* (6:15): “Todos os membros do Sinédrio, com os olhos fixos nele, tiveram a impressão de ver em seu rosto o rosto de um anjo”:

O discurso resume primeiro a história de Abraão e de José (vv. 2 a 16); depois desenvolve bastante a história de Moisés (vv. 17 a 43; *cf.* a acusação lançada contra Estêvão: 6:11). Estêvão opõe à alta missão de salvação, da qual Deus encarregou Moisés, a atitude dos israelitas: a rejeição, recusava obediência, infidelidade. Os temas são tradicionais, mas desenvolvidos aqui em função do fato cristão: ao falar de Moisés, Estêvão pensa em Cristo, do qual Moisés é a figura; a atitude dos israelitas para com Moisés é a mesma que a dos judeus para com o Cristo. Na história de Israel, Estêvão sublinha o que vai contra o apego a nação particular (vv. 2 a 6); contra os sacrifícios (vv. 39 a 43) e contra a construção de um Templo material (vv. 44 a 50; *cf.* a acusação de 6:13). Percebe-se o espírito do judaísmo helenista da Diáspora. O discurso acaba por uma invectiva apaixonada (vv. 51 a 53), que retoma um tema primitivo da pregação cristã (*cf.* 2: 23 +).<sup>6</sup>

Supõe-se que o discurso de Estêvão produziu imensa perplexidade àquela assembleia, cuja maioria era constituída de religiosos vaidosos que se julgavam superiores aos demais judeus e povos, por entenderem ser portadores de missão divina. Além do mais, Estêvão atingiu um ponto sensível da teologia judaica: o entendimento religioso da supremacia dos judeus, como povo eleito por Deus, sobre os demais habitantes do mundo.

Isso eles não podiam admitir, sobretudo quando, em seu discurso, Estêvão toma como referência os ensinamentos de Jesus, o Messias aguardado, o Espírito Santo (At 7:51), o Justo (v. 52) que eles resistiram, perseguiram e mataram, tornando-os traidores e assassinos (v. 53):

A resposta que Estêvão dá aos juízes é uma admirável síntese da história de Israel, desde o início deste povo com o patriarca Abraão, na Mesopotâmia, região da Ásia Menor, entre os rios Tigre e Eufrates [v. 2 e 3]. Mesopotâmia significa terra entre rios, e é nessa região que se pensa ter começado a civilização. Dali, da cidade de Ur, na Caldeia [v. 4], nasce a história de Israel com o patriarca Abraão [v. 5 e 6]. A região hoje é desolada e deserta e nela os arqueólogos têm encontrado documentos que comprovam os relatos bíblicos. Estêvão recorda os pontos culminantes do povo hebreu [v. 7 e 8] até Salomão, o rei magnífico, que construiu o grande Templo: assim tenta demonstrar a seus ouvintes a intervenção da Espiritualidade Superior nos principais acontecimentos em seu caminho evolutivo [v. 9 a 34], bem como a profecia da vinda de Jesus já datada por Moisés [v. 37].<sup>7</sup>

A questão de os judeus serem a raça escolhida deve ser considerada como um símbolo indicativo da humanidade terrestre que, cedo ou tarde, aceitará a ideia de Deus, Criador Supremo. Não se refere à supremacia de um povo específico. Sem dúvida, os judeus têm o grande mérito de trazer ao planeta a noção de Deus único, elaborando as linhas gerais do mono-teísmo, especialmente levando em conta a existência das ideias e práticas politeístas existentes à época dos hebreus. O pensamento espírita a respeito do assunto é o que se segue, como bem explica Emmanuel:

Dos Espíritos degredados na Terra, foram os hebreus que constituíram a raça mais forte e mais homogênea, mantendo inalterados os seus caracteres através de todas as mutações.

Examinando esse povo notável no seu passado longínquo, reconhecemos que, se grande era a sua certeza na existência de Deus, muito grande também era o seu orgulho, dentro de suas concepções da verdade e da vida.

Consciente da superioridade de seus valores, nunca perdeu oportunidade de demonstrar a sua vaidosa aristocracia espiritual, mantendo-se pouco acessível à comunhão perfeita com as demais raças do orbe. Entretanto, em honra da verdade, somos obrigados a reconhecer que Israel, num paradoxo flagrante, antecipando-se às conquistas dos outros povos, ensinou de todos os tempos a fraternidade, a par de uma fé soberana e imorredoura. Sem pátria e sem lar, esse povo heroico tem sabido viver em todos os climas sociais e políticos, exemplificando a solidariedade humana nas melhores tradições de trabalho; sua existência histórica, contudo, é uma lição dolorosa para todos os povos do mundo, das consequências nefastas do orgulho e do exclusivismo.<sup>8</sup>

Quanto a essa passagem neotestamentária de *Atos dos apóstolos* e tendo em mente o significado espiritual de parentela ou progenitura, Emmanuel destaca e comenta a citação de *Atos* (7:3):

#### Parentela<sup>9</sup>

*E disse-lhe: Sai de tua terra e dentre a tua parentela e dirige-te à terra que eu te mostrar. (Atos, 7:3.)*

Nos círculos da fé, vários candidatos à posição de discípulos de Jesus queixam-se da sistemática oposição dos parentes, com respeito aos princípios que esposaram para as aquisições de ordem religiosa.

Nem sempre os laços de sangue reúnem as almas essencialmente afins. Frequentemente, pelas imposições da consanguinidade, grandes inimigos são obrigados ao abraço diuturno, sob o mesmo teto.

É razoável sugerir-se uma divisão entre os conceitos de “família” e “parentela”. O primeiro constituiria o símbolo dos laços eternos do amor, o segundo significaria o cadinho de lutas, por vezes acerbadas, em que devemos diluir as imperfeições dos sentimentos, fundindo-os na liga divina do amor para a eternidade. A família não seria a parentela, mas a parentela converter-se-ia, mais tarde, nas santas expressões da família.

Recordamos tais conceitos, a fim de acordar a vigilância dos companheiros menos avisados.

A caminho de Jesus, será útil abandonar a esfera de maledicências e incompreensões da parentela e pautar os atos na execução do dever mais sublime, sem esmorecer na exemplificação, porquanto, assim, o aprendiz fiel estará exortando-a, sem palavras, a participar dos direitos da família maior, que é a de Jesus Cristo.

Os membros do Sinédrio ouviram a valorosa e sincera defesa de Estêvão, por desprezarem o bom senso e a misericórdia, reagiram com raiva e grande furor emocional, como veremos posteriormente, em *Atos* (7:54): “[...] tremiam de raiva em seus corações e rangiam os dentes, contra ele”. O ponto fundamental da rejeição declarada a Estêvão não era devido, apenas, ao comportamento arrogante e vaidoso das autoridades judaicas, por si só incompatível com a missão espiritual de que estavam revestidos, mas porque aqueles sacerdotes desconheciam o valor da fé raciocinada. Mergulhados nos rituais e cultos externos não ofereciam espaço mental para análises e reflexões mais profundas. Somava-se a esses fatos o apego que demonstravam aos bens materiais, que lhes proporcionavam conforto e destaque social:

De fato, os sacerdotes têm por dever guiar a humanidade para a Luz e não o fazem porque se dedicam aos bens terrestres; e onde há interesses materiais, não há espiritualidade, pelo que não podem exemplificar o Evangelho. [...].<sup>10</sup>

Surge, então, no cenário uma figura que marcaria para sempre a história do Cristianismo: Saulo de Tarso, cujos dados biográficos mais relevantes serão apresentados no próximo estudo (Tema 11). Vemos assim que a farsa montada contra Estêvão foi também apoiada por Saulo, ardoroso e culto fariseu, doutor da lei. Saulo, que se transformaria em Paulo e seria imortalizado como o Apóstolo dos Gentios, torna-se o principal elemento do julgamento de Estêvão, que passaria a ser conhecido como o primeiro mártir do Cristianismo. Na verdade, o discurso de Estêvão no Sinédrio adquiriu a feição de um espetáculo público, considerando as qualidades pessoais daquele eminente vulto do Cristianismo nascente. Emmanuel nos transmite as seguintes informações:

No dia fixado, o grande recinto do mais alto sodalício israelita enchia-se de verdadeira multidão de crentes e curiosos, ávidos de assistir ao primeiro embate entre os sacerdotes e os homens piedosos e estranhos, do “Caminho”. A assembleia congregava o que Jerusalém tinha de mais aristocrático e de mais culto. Os mendigos, porém, não tiveram acesso, embora se tratasse de um ato público. O Sinédrio exibia suas personagens mais eminentes. De mistura com os sacerdotes e mestres de Israel, notava-se a presença das personalidades mais salientes do farisaísmo. Lá estavam representantes de todas as sinagogas.

Compreendendo a acuidade intelectual de Estêvão, Saulo queria fornecer-lhe um confronto do cenário em que dominava o seu talento, com a Igreja humilde dos adeptos do carpinteiro de Nazaré. No fundo, seu propósito radicava na jactanciosa demonstração de superioridade, afagando, ao mesmo tempo, a íntima esperança de conquistá-lo para as hostes do Judaísmo. Preparara, por isso, a reunião com todos os requisitos, de feição a impressionar-lhe os sentidos.

Estêvão comparecia como um homem chamado a defender-se das acusações a ele imputadas, não como prisioneiro comum obrigado a acertar contas com a justiça. Examinando, pois, a situação, rogou com insistência aos Apóstolos galileus não o acompanhassem, considerando, não só a necessidade de permanecerem junto dos sofredores, como também a possível ocorrência de sérios atritos, no caso de comparecimento dos adeptos do “Caminho”, dada a firmeza de ânimo com que procuraria salvaguardar a pureza e a liberdade do Evangelho do Cristo. [...].<sup>11</sup>

O julgamento de Estêvão jamais será esquecido: ele foi humilhado, agredido física e espiritualmente, recebendo toda a fúria dos acusadores, em especial de Saulo. O julgamento foi um verdadeiro embate entre a luz e as trevas. A luz foi vencedora, como sempre. Mas a opção para servir ao Bem exige não apenas conhecimento da verdade, mas também a necessidade de vivenciar a Lei de Amor, exemplarmente demonstrada por Estêvão naquele momento histórico da sua existência planetária:

Percebendo que ia talvez ser coagido pela violência e, mais, que os fariseus pediam sua morte, Estêvão fixou os mais irônicos e arrebatados, exclamando em voz alta e tranquila:

– Vossa atitude não me intimida. O Cristo foi solícito no recomendar não temêssemos os que só podem matar-nos o corpo.

Não pôde prosseguir. O moço tarsense, mãos à cintura, olhar iracundo e gestos rudes como se defrontasse um malfeitor comum, gritou-lhe furiosamente no ouvido:

– Basta! Basta! Nem mais uma palavra!... Agora que te foi concedido o último recurso inutilmente, também usarei o que me faculta a condição do nascimento, em face de um irmão desertor.

E caiu-lhe de punhos fechados no rosto, sem que Estêvão tentasse a menor reação. Os fariseus aplaudiram o gesto brutal, em atroada delirante, qual se estivessem num dia de festa. Dando expansão ao seu arrebatamento, Saulo esmurrava sem compaixão. Sem recursos de ordem moral, ante a lógica do Evangelho, recorria à força física, satisfazendo à índole voluntariosa.<sup>11</sup>

Estêvão mantém-se firme, apesar das agressões exacerbadas que lhe atinge. Apela ao Cristo, e energias superiores o alcança, tranquilizando o seu coração.

O pregador do “Caminho”, submetido a tais extremos, implorava de Jesus a necessária assistência para não se trair no testemunho. Não obstante a reforma radical que a influência do Cristo havia imposto às suas concepções mais íntimas, ele não podia fugir à dor da dignidade ferida. Procurou, contudo, recompor imediatamente as energias interiores, na compreensão da renúncia que o Mestre predicara como lição suprema. Lembrou os sacrifícios do pai em Corinto, reviu na imaginação o seu suplício e morte. Recordou a prova angustiosa que sofrera e considerou que, se tão só no conhecimento de Moisés e dos profetas tanto conseguira em energia moral para enfrentar os ignorantes da bondade divina, que não poderia testemunhar agora com o Cristo no coração? Esses pensamentos acudiam-lhe ao cérebro atormentado, como bálsamo de suprema consolação. [...].<sup>11</sup>

Agressivo e destemperado, totalmente fora de controle, Saulo não se apieda do sofrimento de Estêvão:

[...] Quando lhe observou o pranto misturado com o sangue a jorrar da ferida que as punhadas lhe abriram em pleno rosto, Saulo de Tarso conteve-se saciado na sua imensa cólera. Não podia compreender a passividade com que o agredido recebera os bofetões da sua força enrijada nos exercícios do esporte. A serenidade de Estêvão perturbou-o ainda mais. Sem dúvida, estava diante de uma energia ignorada.

Esboçando um sorriso de zombaria, advertiu altaneiro:

– Não reages, covarde? Tua escola é também a da indignidade?<sup>11</sup>

Valoroso, Estêvão fornece preciosa e inesquecível lição ao arrogante doutor da lei: “O pregador cristão, apesar dos olhos molhados, respondeu

com firmeza: – A paz difere da violência, tanto quanto a força do Cristo diverge da vossa”.<sup>11</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor, p. 64.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 3 – *Em Jerusalém*.
- 3 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 34, p. 245.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 34, p. 245 e 246.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 7:1-34, p. 1912 e 1913.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 7:2-54. Nota de rodapé “ã”, p. 1912.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 35, p. 249.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 38. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 7 – *O povo de Israel*, it. Israel.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 62 – *Parentela*.
- 10 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 35, p. 250.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 6 – *Ante o Sinédrio*.

## DISCURSO DE ESTÊVÃO – 2ª PARTE. APEDREJAMENTO DE ESTÊVÃO (AT 7:35 A 60)

Em continuidade ao estudo anterior, desenvolvido no Tema 10, constatamos a veemente e até violenta inquirição de Saulo de Tarso, o jovem e impulsivo doutor da lei, a Estêvão. A altura desse acontecimento, faz-se necessário inserir aqui uma breve biografia de Saulo, zeloso defensor das normas e tradições do Judaísmo, com o intuito de contextualizar informações históricas e entender a profunda transformação que o julgamento e morte de Estêvão – o primeiro mártir do Cristianismo – operou na alma do ardoroso fariseu que seria conhecido, posteriormente, como *Paulo, o Apóstolo dos Gentios*. Mas, como afirma Emmanuel:

Sem Estêvão não teríamos Paulo de Tarso. O grande mártir do Cristianismo nascente alcançou influência muito mais vasta na experiência paulina, do que poderíamos imaginar tão só pelos textos conhecidos nos estudos terrestres. A vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza. A contribuição de Estêvão e de outras personagens desta história real vem confirmar a necessidade e a universalidade da lei de cooperação. E, para verificar a amplitude desse conceito, recordemos que Jesus, cuja misericórdia e poder abrangiam tudo, procurou a companhia de doze auxiliares, a fim de empreender a renovação do mundo.

Aliás, sem cooperação, não poderia existir amor; e o amor é a força de Deus, que equilibra o Universo.<sup>1</sup>

### DADOS BIOGRÁFICOS DE SAULO DE TARSO

Saulo, ou *Shaul* no hebraico, era judeu helenista. Convertido ao Cristianismo, adotou o nome de Paulo, que significa “pequeno”.<sup>2</sup> Nasceu em Tarso, principal cidade da Cilícia (At 9:11; 21:39; 22:3), província dominada pelos invasores romanos<sup>2</sup> (At 22:25 a 28; 23:27). A Cilícia é região da Ásia Menor, situada ao sul da Anatólia e próxima da ilha de Chipre. Hoje, a Cilícia pertence à Turquia, ligando-se à Europa pelo estreito de Bósforo, ao ocidente, e ao Irã e Rússia, pelo oriente. Faz fronteira com o Iraque e a Síria, ao sul.

Saulo pertencia à tribo de Benjamin (Filip 3:5), oriundo de família rica e muito influente, inclusive junto aos romanos.<sup>2</sup> Era fariseu, completou os estudos da religião judaica em Jerusalém. Ele não só pertencia a uma das famílias mais importantes da cidade, mas também se tornou membro do Sinédrio (At 26:10), fato que justifica ter ele participado do julgamento de Estêvão, presidido a sua morte e recebido do sumo sacerdote a autorização para perseguir os cristãos (At 9:1 e 2; 22:5).<sup>2</sup>

A cidade onde Saulo nasceu e viveu parte de sua juventude possuía a mais famosa escola de filosofia estoica do Oriente.<sup>3</sup> Temerosos de que o filho absorvesse as influências da filosofia grega, os seus “[...] pais, fiéis à lei mosaica, o mandaram logo para Jerusalém para ser educado ali. À semelhança de outros rapazes da mesma raça, tinha de aprender um ofício, que, no seu caso, foi o de fazedor de tendas, das que se usam para viagem (At 18:3) [...]”<sup>3</sup>:

[...] Apesar de receber uma educação subordinada às tradições e às doutrinas da fé hebraica, e de ter pai fariseu, At 23:6, ele era cidadão romano. Ignora-se porque meios havia alcançado esse privilégio; teria sido por serviços prestados ao Estado ou talvez por compra, e pode bem ser que o nome Paulo tenha alguma relação com o título de cidadão romano. De qualquer modo, dava-lhe grande importância na sequência de seu trabalho cristão, e serviu mais de uma vez para salvar-lhe a vida [...].<sup>3</sup>

Em Jerusalém, o jovem Saulo recebeu uma educação esmerada, que “[...] consistia principalmente em fixar nele as tradições farisaicas. [...] Teve como preceptor um dos mais sábios e notáveis rabinos daquele tempo, o grande Gamaliel, neto do ainda mais famoso Hilel. [...]”<sup>3</sup> Gamaliel foi quem libertou os Apóstolos Pedro e João da prisão, quando, em discurso pronunciado no Sinédrio, ponderou que, se a doutrina pregada pelos prisioneiros fosse dos homens, logo iria desaparecer, o mesmo não aconteceria se viesse de Deus (At 5:34 a 39):

[...] Gamaliel possuía alguma coisa estranha ao espírito farisaico, a qual se avizinhava da cultura grega. O seu discurso já citado, demonstra que ele não possuía o espírito intolerante e perseguidor, característico da seita dos fariseus. Celebrizou-se por seus grandes conhecimentos rabínicos. Aos seus pés, o jovem Saulo, vindo de Tarso, recebeu as lições sobre os ensinamentos do Antigo Testamento, porém, já se observa, de acordo com as sutilezas e interpretações dos doutores que acenderam no espírito ardente do jovem discípulo, um zelo feroz para defender as tradições de seus antepassados. Assim, pois, o futuro apóstolo se tornou fariseu zeloso, disciplinado nas ideias religiosas e intelectuais de seu povo. Por esse modo, as suas qualidades pessoais, o seu preparo



intelectual, e, talvez ainda, as relações de família, preparavam-lhe posição de destaque na sociedade judia. Aparece no cenário da história cristã, consentindo na execução de Estêvão, o protomártir do Cristianismo, a cujos pés as testemunhas dispuseram suas vestimentas, cf. At 7:58. [...].<sup>3</sup>

Os caminhos de Saulo estavam destinados a cruzar com os de Estêvão, não apenas naqueles tristes e marcantes momentos transcorridos no Sinédrio que culminaram com a sentença de morte por apedrejamento do prisioneiro: Saulo conheceu, apaixonou-se e ficou noivo de Abigail, a irmã de Jeziel, que adotou o nome de Estêvão.

Estudamos, no Tema 9, que Jeziel era judeu helenista de Corinto, cidade pertencente à Província Romana de Acaia. Era filho mais velho de Jochedeb ben Jared e irmão de Abigail. Eram descendentes da tribo de Issacar, nome do nono filho de Jacó, o quinto que ele teve com sua mulher Lia (Gn 30:17 e 18; 35:23). A família de Jeziel era honrada e respeitada na cidade, todos eram estudiosos dedicados das Escrituras e portadores de boa índole moral, viviam em uma propriedade rural que se tornou alvo da cobiça e espoliação do procônsul Licínio Minúcio que ali chegou, no ano 34. O representante de César desenvolveu odioso processo de perseguição à família, culminado com a morte de Jochedeb, o pai da família; a condenação de Jeziel ao trabalho escravo nas galés e Abigail atirada nas ruas da cidade.<sup>4</sup> Ambos os irmãos eram muito jovens, contando, respectivamente, 25 e 18 anos.<sup>5</sup>

Jeziel foi, posteriormente, libertado da escravidão por ação de influente autoridade romana, Sérgio Paulo, em retribuição aos cuidados que o cativo lhe prestara quando estivera gravemente enfermo, quase à morte, durante uma viagem para Chipre. Livre da escravidão, Jeziel foi deixado semimorto nas proximidades de Jerusalém, após contrair a mesma doença do romano, sendo auxiliado por Efraim, um idoso cristão, que o conduziu, mais tarde, à Casa do Caminho, em Jerusalém, onde foi recebido e acolhido por Simão Pedro.

Abigail foi retirada das ruas de Corinto por piedosa ação da idosa Sostenia que, por não possuir recursos para cuidar da jovem, conduziu-a ao casal Zacarias e Ruth que se “[...] preparavam para deixar definitivamente a Acaia, pois o único filho do casal acabara de ser trucidado pelos romanos [...]”. O casal acolheu Abigail com muito carinho, oferecendo-lhe generosamente o afeto que haviam dedicado ao filho morto [...]”.<sup>5</sup> Chegada à Palestina, a família fixou residência em Joazebo, arrendando uma propriedade rural:

Em pouco tempo, Zacarias prosperava na sua granja, vendendo legumes, frutas e criando aves e outros animais de grande e pequeno porte. Conseguiu,

depois, através de amigos influentes, a raríssima concessão de fornecer animais para os sacrifícios do Templo, e, com as suas lutas e seus trabalhos, no que era auxiliado por Ruth e Abigail, sua posição consolidou-se. [...].<sup>5</sup>

Foi assim que Abigail e Saulo terminaram por se conhecer:

O jovem Saulo apresentava toda a vivacidade de um homem solteiro, bordejando os seus 30 anos. Na fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, próprios dos temperamentos apaixonados e indomáveis, ricos de agudeza e resolução. Trajando a túnica do patriciado, falava de preferência o grego, a que se afeiçoara na cidade natal, ao convívio de mestres bem-amados, trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.<sup>6</sup>

Em viagem a Jope, Saulo visita Sadoque (ou Sadoc), amigo de muitos anos que, mesmo morando em Damasco, estava de passagem pela cidade:

Chegando à cidade, depois de uma semana de viagem exaustiva, Sadoque aguardava o amigo Saulo para o abraço afetuoso da sua amizade de muitos anos. Dentro em breve um carro minúsculo, semelhante às bigas romanas, estacava à porta, tirado por dois soberbos cavalos brancos. Num minuto, as nossas personagens se abraçaram efusivamente, transbordantes de alegria e juventude. Antes que se fizesse alguma pausa, Sadoque observou:

– Mas como estás modificado!... Um carro à romana, a conversação em grego e...

Saulo, porém, não o deixou prosseguir e rematou:

– E no coração a Lei, sempre desejoso de submeter Roma e Atenas aos nossos princípios.

– Sempre o mesmo homem! – exclamou o amigo com um sorriso franco.

– Aliás, posso apresentar um complemento às tuas próprias explicações. A biga é indispensável às visitas a uma casinha florida, na estrada de Jope; e a conversação grega é necessária aos colóquios com uma legítima descendente de Issacar, nascida entre as flores e os mármore de Corinto.

– Como o sabes? – inquiriu Saulo admirado.

– Pois não te disse que estive ontem à tarde com tua irmã?<sup>6</sup>

Saulo confessa, então, ao amigo que havia firmado compromisso com a jovem Abigail, assim se expressando:

Jovialíssimo, Saulo contou ao amigo que, de fato, se enamorara de uma jovem da sua raça, que aliava os dotes de peregrina beleza aos mais elevados tesouros do coração. Seu culto ao lar constituía um dos mais santificados atributos femininos. Explicou o primeiro encontro que tiveram. Em companhia de Alexandre e Gamaliel, fora, havia uns três meses, à festividade íntima que Zacarias ben Hanan, adiantado lavrador no caminho de Jope, oferecera a

alguns amigos bem colocados, em homenagem à circuncisão dos filhinhos de seus servidores. Acrescentou que o anfitrião era antigo comerciante israelita emigrado de Corinto, após longos anos de trabalho na Acaia, desgostoso com as perseguições de que fora vítima. [...] Acolhido generosamente em sua casa, agora farta e feliz, ali conhecera na jovem Abigail um terno coração de menina, dona dos mais belos predicados morais que pudessem exornar uma filha da sua raça. Era, de fato, o seu ideal de moça: inteligente, versada na Lei e, sobretudo, dócil e carinhosa. Adotada pelo casal como filha muito cara, havia sofrido amargamente em Corinto, ali deixando o pai morto e o irmão escravizado para sempre. Havia três meses que se conheciam, permutando-se as mais risonhas esperanças e, quem sabe talvez o Eterno lhes reservasse a união conjugal, como coroamento dos sonhos sagrados da juventude. Saulo falava com o entusiasmo próprio do seu temperamento apaixonado e vibrátil. No olhar profundo, notava-se-lhe a chama viva dos sentimentos resolutos, com respeito à afeição que lhe dominava a capacidade emotiva.<sup>6</sup>

## 11.1 DISCURSO DE ESTÊVÃO – 2ª PARTE (AT 7:35 A 54)<sup>7</sup>

<sup>35</sup>Este Moisés, a quem tinham negado com as palavras: ‘Quem te constituiu chefe e juiz?’, Deus o enviou como chefe e redentor, com a assistência do anjo que lhe apareceu na sarça. <sup>36</sup>Foi ele quem os fez sair, operando prodígios e sinais na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, durante quarenta anos. <sup>37</sup>Foi ele, Moisés, quem disse aos israelitas: ‘Deus vos suscitará, dentre vossos irmãos, um profeta como eu’. <sup>38</sup>Foi ele quem, na assembleia do deserto, esteve com o anjo que lhe falava no monte Sinai e também com nossos pais; foi ele quem recebeu palavras de vida para no-las transmitir. <sup>39</sup>Mas nossos pais não quiseram obedecer-lhe. Antes, repeliram-no e, nos seus corações, voltaram para o Egito, <sup>40</sup>ao dizerem a Aarão: ‘Faze-nos deuses que caminhem à nossa frente. Pois a este Moisés, que nos fez sair da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu’. <sup>41</sup>*E nesses dias fizeram um bezerro e ofereceram sacrifício ao ídolo, regozijando-se com as obras de suas mãos.* <sup>42</sup>*Deus então voltou-se contra eles e os entregou ao culto do exército do céu, como está escrito no livro dos Profetas: Acaso me ofereceste vítimas e sacrifícios durante quarenta anos no deserto, ó casa de Israel?* <sup>43</sup>*Entretanto, carregastes a tenda de Moloc e a estrela do deus Refã, figuras que havíeis feito para adorar; por isso eu vos deportarei para além de Babilônia.* <sup>44</sup>A Tenda do Testemunho esteve com nossos pais no deserto, segundo prescrevera aquele que falava a Moisés, determinando que a fizesse conforme o modelo que havia visto. <sup>45</sup>Tendo-a recebido, nossos pais, guiados por Josué, a introduziram no país conquistado das nações que Deus expulsou diante deles, até os dias de Davi. <sup>46</sup>Este encontrou graça diante de Deus e suplicou o favor de providenciar morada para a casa de Jacó. <sup>47</sup>Foi Salomão, porém, que lhe construiu uma casa. <sup>48</sup>Entretanto, o Altíssimo não habita em obras de mãos humanas, como diz o profeta: <sup>49</sup>O céu é o meu trono, e a terra, o estrado de meus pés. Que casa me construireis, diz o Senhor, ou qual será o lugar do

meu repouso? <sup>50</sup>Não foi minha mão que fez tudo isto? <sup>51</sup>Homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo! Como foram vossos pais, assim também vós! <sup>52</sup>A qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Mataram os que prediziam a vinda do Justo, de quem vós agora vos tornastes traidores e assassinos, <sup>53</sup>vós, que recebestes a Lei por intermédio de anjos, e não a guardastes! <sup>54</sup>Ouvindo isto, tremiam de raiva em seus corações e rangiam os dentes contra ele.

Estêvão prossegue em sua defesa perante o Sinédrio, recordando as bases da formação da nação judaica, marcada por desafios indescritíveis. Dirige-se, em especial, ao impetuoso e excessivamente zeloso fariseu, Saulo de Tarso que, como vimos no estudo anterior (Tema 10), o atacara com palavras e atos violentos. Prossequindo em suas furiosas investidas, o jovem doutor responde a Estêvão por que ele é acusado de blasfemo:

– Blasfemo quando inculcais o carpinteiro de Nazaré como Salvador; caluniador quando achincalhais a lei de Moisés, renegando os princípios sagrados que nos regem os destinos. Confirmais tudo isso? Aprovais essas acusações?<sup>8</sup>

Sereno e convicto, Estêvão responde ao grande inquisidor, estabelecendo entre eles o seguinte diálogo que provocou alvoroço no tribunal religioso:

– Mantenho minha crença de que o Cristo é o Salvador prometido pelo Eterno, através dos ensinamentos dos profetas de Israel, que choraram e sofreram no decurso de longos séculos, por transmitir-nos os júbilos doces da Promessa. Quanto à segunda parte, suponho que a acusação procede de interpretação errônea em torno de minhas palavras. Jamais deixei de venerar a Lei e as Sagradas Escrituras, mas considero o Evangelho de Jesus o seu divino complemento. As primeiras são o trabalho dos homens, o segundo é o salário de Deus aos trabalhadores fiéis.

– Sois então de parecer – disse Saulo sem dissimular irritação diante de tanta firmeza – que o carpinteiro é maior que o grande legislador?

– Moisés é a justiça pela revelação, mas o Cristo o amor vivo e permanente.<sup>8</sup>

Prossequindo com o debate entre Saulo e Estêvão, após cessar o vozório dos integrantes do Sinédrio, o tom de acusação do primeiro e defesa do segundo assim se define:

– O Tribunal reconhece-vos como caluniador, passível das punições atinentes a esse título odioso.

E tão logo foram grafadas as novas declarações pelo escriba que anotava os termos da inquirição, acentuou sem disfarçar a ira que o dominava:

– É indispensável não esquecer que sois acusado de feiticeiro. Que respondeis a semelhante arguição?

– De que me acusam, nesse particular? – interrogou o pregador do “Caminho”, com galhardia.

– Eu próprio vos vi curar uma jovem muda, num dia de sábado, e ignoro a natureza dos sortilégios que utilizastes nesse feito.

– Não fui eu quem praticou esse ato de amor, como, certamente, me ouvistes afirmar; foi o Cristo, por intermédio de minha pobreza, que nada tem de boa.

– Pensais inocentar-vos com esta ingênua declaração? – objetou Saulo com ironia. – A suposta humildade não vos exculpa. Fui testemunha do fato e só a feitiçaria poderá elucidar seus ascendentes estranhos.

Longe de se perturbar, o acusado respondeu inspiradamente:

– Contudo, o Judaísmo está cheio desses fatos que julgais não compreender. Em virtude de que sortilégio conseguiu Moisés fazer jorrar de uma rocha a fonte de água viva? Com que feitiçaria o povo eleito viu abrirem-se-lhe as ondas revoltas do mar para a necessária fuga do cativo? Com que talismã presumiu Josué atrasar a marcha do Sol? Não vedes, em tudo isso, os recursos da Providência Divina? De nós nada temos, e, todavia, no cumprimento do nosso dever, tudo devemos esperar da divina misericórdia.<sup>8</sup>

Perplexo, Saulo se viu acuado:

Analisando a resposta concisa, reveladora de raciocínios lógicos, irretorquíveis, o doutor de Tarso quase rilhou os dentes. Um rápido relancear de olhos na assembleia deu-lhe a conhecer que o antagonista contava com a simpatia e admiração de muitos. Chegava a desconcertar-se intimamente. [...].<sup>8</sup>

Incapaz de elaborar uma resposta à altura da que foi dada pelo acusado, Saulo dirige-se ao sumo sacerdote, surpreendendo-o e aos demais, quando afirma:

– O acusado confirma, por sua palavra, a denúncia de que foi objeto. Acaba de confessar, de público que é blasfemo, caluniador e feitiçeiro. Entretanto, por sua condição de nascimento, ele tem direito à defesa última, independentemente das minhas interpretações de julgador. Proponho, então, que a autoridade competente lhe conceda esse recurso.<sup>8</sup>

Estêvão ergue-se com nobreza do local onde se encontrava sentado, contempla o semblante dos presentes, antes de falar-lhes pela última vez:

[...] Adivinhou que a maioria dos presentes presumia na sua figura um perigoso inimigo das tradições raciais, tal a sua expressão de hostilidade; mas notou, igualmente, que alguns israelitas o encaravam com simpatia e compreensão. Valendo-se desse auxílio, sentiu consolidar-se-lhe o bom ânimo, de maneira a expor com maior serenidade os sagrados ensinamentos do Evangelho. Lembrou, instintivamente, a promessa de Jesus aos seus continuadores, de que estaria presente no instante em que deveriam dar testemunho pela palavra, competindo-lhe não tremer ante as provocações inconscientes do mundo. Mais

que nunca, sentiu a convicção de que o Mestre auxiliá-lo-ia na exposição da doutrina de amor.<sup>8</sup>

Estêvão falou com a alma e o coração, com ardor, sabedoria e fé. Cada frase exaltava o nome do Cristo, exprimindo o seu imenso amor ao Messias, reafirmando, uma vez mais, que era o seu discípulo sincero, que sempre estaria com Ele. Mas também não esqueceu de Moisés, o grande e honrado legislador hebreu, nem se esqueceu dos demais ancestrais que dignificaram a raça com seus feitos, como Josué, que conduziu os pais da nação judaica a Canaã, a terra prometida. Não omitiu as grandes realizações de Davi nem a sabedoria do seu filho, Salomão. Por meio do seu raciocínio lógico, recontou a história heroica do povo judeu, finalizando que Jesus era o cumprimento da promessa da vinda do Messias tão ardentemente aguardada.

Infelizmente, a despeito do discurso impressionante que reverbera até hoje, a assembleia o repudiou veementemente, sobretudo quando o orador destacou que Jesus de Nazaré era o Messias. E gritando alucinadamente a plateia dizia: “Anátema! Anátema!... Punição ao trânsfuga!”<sup>8</sup>

Em seguida, Estêvão foi declarado culpado de blasfêmia e de feitiçaria pelo sumo sacerdote que o sentenciou à morte por apedrejamento. Naquele momento, o mal foi vencedor, e o próprio Saulo, pessoa lúcida por natureza, revelou-se, naquele instante histórico, péssimo juiz do caráter e da honradez, agindo como instrumento das forças contrárias ao bem. Mais tarde, sob o peso da verdadeira compreensão dos fatos e açoitado pelo remorso, transforma-se em valoroso trabalhador do Cristo, conhecido como *Paulo de Tarso*, que, ao aceitar e compreender as imortais lições do Evangelho, ensina-nos como agir acertadamente: “Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem” (Rm 12:21).

Tudo é, porém, questão de tempo. Cedo ou tarde, a Humanidade conhecerá e vivenciará a mensagem de Jesus:

Em verdade, Cristo avança...

E se realmente necessitamos da sabedoria que lhe erija um trono de glorificação no cérebro dos homens, não podemos prescindir do amor que lhe pavimentou o caminho no reino das almas.

Há cultura da inteligência e há cultura do coração.<sup>9</sup>

O amor aliado ao conhecimento é, com certeza, a chave do progresso espiritual. Importa também considerar este outro ensinamento Emmanuel:

Assinalamos, no entanto, por serviço urgente e inadiável a educação do Homem Interior, afeiçoando-o ao Evangelho Redivivo, nos padrões do Cristo, gerando

energias do caráter e do sentimento, únicos moldes de elevação moral, suscetíveis de garantir a renovação do mundo.

Se o Mestre torna ao planeta, por intermédio de vozes inúmeras que se fazem emissárias do seu Verbo de Luz, não podemos, indiscutivelmente, olvidar a construção dos caminhos espirituais, destinados a veicular-lhe a Divina Influência.

É por esse motivo que nos detemos no esforço de erguimento da alma popular a mais altos níveis, a fim de que a fortuna científica de alguns se descentralize, em benefício de todos, e para que a bênção do amor se incline ao fundo vale, onde se debatem as forças desvairadas da discórdia e da ignorância, desintegrando as nuvens de miséria e de dor que impedem a planificação da Terra melhor, sob a inspiração do nosso Divino Mestre.

Nesse sentido, urge nos convertamos, não somente em ouvintes atenciosos da palavra ou em pregoeiros da fraseologia brilhante, mas igualmente em trabalhadores ativos e sinceros, capazes de suportar a charrua pesada nas tarefas sacrificiais da nova sementeira, colaborando na edificação do Homem Renovado, efetivamente digno do título da Humanidade que vaidosamente ostentamos.<sup>9</sup>

## 11.2 APEDREJAMENTO DE ESTÊVÃO (AT 7:55 A 60)<sup>10</sup>

<sup>55</sup>Estêvão, porém, repleto do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita de Deus. <sup>56</sup>E disse: “Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus”. <sup>57</sup>Eles, porém, dando grandes gritos, taparam os ouvidos e precipitaram-se sobre ele. <sup>58</sup>E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. <sup>59</sup>E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: “Senhor Jesus, recebe meu espírito”. <sup>60</sup>Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: “Senhor, não lhes leves em conta este pecado”. E, dizendo isto, adormeceu.

Esse registro de Lucas informa o gênero de morte de Estêvão, decretada pelo sumo sacerdote com a aprovação de Saulo e demais integrantes do Sinédrio: morte por apedrejamento (v. 58) que, segundo a lei de Moisés, era realizada fora da cidade:

A luta que Estêvão sustentava era pela sagrada causa do Evangelho e por isso a legião do Espírito Santo [nome dado a Jesus após a sua ascensão] o amparava. E para que ele mais confiança tivesse, à sua visão espiritual se apresenta o Mestre, em toda a sua glória, como a dizer-lhe: Não temas a luta pelo Evangelho, porque eu venci a morte.<sup>11</sup>

Estêvão, discípulo sincero do Evangelho foi morto de forma terrível, mas, até o último suspiro, não demonstrou a mínima revolta contra os seus

verdugos. Ao contrário, antes de entregar seu Espírito a Jesus (v. 59) que lhe apareceu nos momentos finais (v. 56), rogou ao Senhor que lhes perdoasse aquele pecado (v. 60):

Seguindo o exemplo do Mestre e consciente da vida espiritual que o aguardava, Estêvão perdoa os seus algozes e roga a Deus por eles: desencarna com a consciência tranquila, sentindo em seu íntimo que, na propagação do Evangelho, cumprira o seu dever. Saulo era consentidor na sua morte, porque era membro do Sinédrio, doutor da lei, e detinha todos os poderes para perseguir os seguidores do Mestre, cujo número aumentava a olhos vistos. O zelo de Saulo pela lei de Moisés fez dele um fanático, um instrumento adequado e dócil nas mãos do sacerdócio organizado para cercar pela violência o desenvolvimento do Cristianismo que nascia.<sup>12</sup>

Na verdade, a condenação de Estêvão por blasfêmia e feitiçaria estava implícita desde o momento em que, de forma sorrateira e imoral, religiosos o jogaram em uma armadilha habilmente preparada. Independentemente do que Estêvão falasse – e como ele falou bem: com sabedoria e prudência, firmeza e serenidade espiritual –, por mais coerente e verdadeiro que o seu discurso tenha sido, ele já estava condenado previamente; a sentença de sua morte já estava lavrada na mente e coração dos seus julgadores, restando apenas fosse declarada verbalmente, como foi anunciada pelo sumo sacerdote. De qualquer forma, esses registros de *Atos* (7:1 a 60), estudados aqui e no tema anterior servem de referência para as gerações de todas as épocas, esclarecendo-as a respeito do certo e do errado. Ao mesmo tempo, tais anotações de Lucas representam valoroso documento histórico que demonstra, com clareza e eloquência, o combate da luz contra as trevas:

Decerto, encontrarás ainda hoje corações envenenados que destilam irritação e desgosto, medo e fel.

Ainda mesmo que te firam e apedrejem, aquieta-te e abençoa-os com a tua paz.

Os desesperados tornarão à harmonia, os doentes voltarão à saúde, os loucos serão curados, os ingratos despertarão...

É da Lei do Senhor que a luz domine a treva, sem ruído e sem violência.

Recorda que toda dor, como toda nuvem, forma-se, ensombra e passa...

Se outros gritam e oprimem, espancam e amaldiçoam, acalma-te e espera...

Não olvides a palavra do Mestre quando nos afirmou que a Deus tudo é possível, e, garantindo o teu próprio descanso, refugia-te em Deus.<sup>13</sup>

Sob as luzes do Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, encontraremos as explicações, em espírito e verdade, da mensagem do Cristo, reestruturando a nossa jornada ascensional:



É por isso que, aceitando o campo vasto do Espiritismo Evangélico por abençoada escola de preparação, à frente do futuro, compreendemos que a fenomenologia possui o destacado lugar que lhe compete, nos arraiais doutrinários, e não ignoramos que as ilações filosóficas constituem complemento inalienável do esquema de ensinamentos que integram o patrimônio sublime da Nova Revelação.

[...]

Eis por que o Espiritismo, para nós outros, significa acesso à Boa-Nova, compelindo-nos à melhoria da comunidade pelo aprimoramento de nós mesmos. Nele encontramos a Doutrina de Luz, descerrando templos de caridade e compreensão no espírito humano, arrebatando-nos a alma ao cárcere das trevas e conduzindo-nos ao trabalho salutar e santificante, por meio do qual traçaremos o roteiro iluminado em que o Mestre nos retomarà ao seu regaço, reconquistando-nos para o engrandecimento do seu Reino de Amor, hoje e sempre.<sup>14</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. *Breve notícia* [introdução de Emmanuel].
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Paulo, p. 934 e 935.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Paulo, p. 935.
- 4 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor, p. 60 e 61.
- 5 MIRANDA, Hermínio C. *As marcas do Cristo*. v. 1: Paulo, o apóstolo dos gentios. 6. ed. Brasília, DF: FEB, 2010. cap. 2, it. O amor, p. 61.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 4 – *Nas estradas de Jope*.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 7:35-54, p. 1913 e 1914.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 6 – *Ante o Sinédrio*.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Perante Jesus*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: IDEAL, 2023. cap. 1 – *No roteiro cristão*.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores.

1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 7:55-60, p. 1914.
- 11 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 35, p. 250.
- 12 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 35, p. 251.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. Brasília, DF: FEB; Uberaba: CEC, 2023. cap. 33 – *Acalma-te*.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Perante Jesus*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: IDEAL, 2023. cap. 01 – *No roteiro cristão*.

## SAULO PERSEGUIDOR – 1ª PARTE (AT 8:1 A 3)

Com a prisão de Estêvão e, posteriormente, sua condenação à morte, desencadeiam dois fatos imediatos: a) a perseguição do Sinédrio contra os cristãos sob o comando de Saulo de Tarso; b) a expansão da Igreja Cristã de Jerusalém. Analisemos, à luz do entendimento espírita, esses dois acontecimentos considerados marcos históricos do Cristianismo.

Assim que o Sinédrio decreta a perseguição aos cristãos da Casa do Caminho, e logo após a emissão da sentença de Estêvão, culpado por blasfêmia, calúnia e feitiçaria, o qual aguardava, ainda no calabouço, a sua execução (morte por apedrejamento); o Supremo Tribunal Religioso do Judaísmo, outorga a Saulo de Tarso a autoridade plena para agir:

Ali mesmo, Saulo de Tarso foi autorizado pelo Sinédrio a iniciar as mais latas diligências em torno das atividades do “Caminho”, com ordem de admoestar, corrigir e prender todos os descendentes de Israel dominados pelos sentimentos colhidos no Evangelho, considerado, desde àquela hora, pelo regionalismo semita, como repositório de veneno ideológico, com que o ousado carpinteiro nazareno pretendia revolucionar a vida israelita, operando a dissolução dos seus elos mais legítimos.

O moço tarsense, em frente de Estêvão prisioneiro, recebeu a notificação oficial com um sorriso triunfante.

Encerrou-se, assim, a memorável sessão. Numerosos companheiros acercaram-se do moço judeu, felicitando-o pela palavra vibrante, ciosa da hegemonia de Moisés. O ex-discípulo de Gamaliel recebia a saudação dos amigos e murmurava confortado:

– Conto com todos, lutaremos até o fim.<sup>1</sup>

Encerrada a longa, exaustiva e turbulenta reunião do Sinédrio, Estêvão foi manietado e conduzido à prisão:

[...] Polarizando os sentimentos do Mestre, não obstante a fadiga, tinha confortada a consciência. Com sincera alegria interior, verificava que mais uma vez Deus lhe concedia a oportunidade de testemunhar a sua fé.<sup>1</sup>

As perseguições contra a Comunidade do Caminho não se fizeram esperar. O zeloso fariseu agiu com profundo desassombro, justificando a si mesmo que era o seu dever defender a lei antiga, instituída por Moisés. A verdade, porém, é que

Saulo de Tarso, nas características de sua impulsividade, deixou-se empolgar pela ideia de vingança, impressionado com o desassombro de Estêvão em face da sua autoridade e da sua fama. A seu ver, o pregador do Evangelho infligira-lhe humilhações públicas, que impunham reparações equivalentes.

[...] Na época, sua juventude dinâmica, votada quase inteiramente ao ministério da Lei, centralizava, por assim dizer, todos os interesses da casuística. Com a argúcia psicológica que o caracterizava, o jovem tarsense conhecia o papel que Jerusalém lhe destinava. Assim, as controvérsias de Estêvão doíam-lhe nas fibras mais sensíveis do coração. No fundo, seu ressentimento era apanágio de uma juventude ardorosa e sincera; entretanto, a vaidade ferida, o orgulho racial, o instinto de domínio, toldavam-lhe a retina espiritual.<sup>2</sup>

A despeito da inteligência brilhante e declarado conhecimento das Escrituras e tradições, Saulo destilava raiva por ter sido ferido no próprio orgulho:

No âmago das suas reflexões, odiava agora aquele Cristo crucificado, porque detestava a Estêvão, considerado então como perigoso inimigo

Não poderia tolerar qualquer expressão daquela doutrina, aparentemente simples, mas que vinha abalar o fundamento dos princípios estabelecidos. Perseguiria inflexivelmente o “Caminho”, na pessoa de quantos lhe estivessem associados. Mobilizaria, intencionalmente, todas as simpatias de que dispunha, para multiplicar a devassa imprescindível. Certo, deveria contar com as admoestações conciliatórias de um Gamaliel e de outros raros espíritos, que, a seu ver, se deixariam embair pela filosofia de bondade que os galileus haviam suscitado com as novas escrituras; mas estava convencido de que a maioria farisaica, em função política, ficaria a seu lado, animando-o na empresa começada.<sup>2</sup>

Envolvido por esses pensamentos e sentimentos,

[...] Saulo começou a coordenar as primeiras diligências por desvendar as atividades do “Caminho” em suas mínimas modalidades. Obcecado pela ideia da desforra pública, idealizava quadros sinistros na mente superexcitada. Tão logo fosse possível, prenderia todos os implicados. O Evangelho, aos seus olhos dissimulava sedição iminente. Apresentaria os conceitos oratórios de Estêvão como senha da bandeira revolucionária, de maneira a despertar a repulsa dos companheiros menos vigilantes, habituados a pactuar com o mal, a pretexto de acomodatória tolerância. Combinaria os textos da lei de Moisés e dos Escritos Sagrados, para justificar que se deveria conduzir os desertores dos princípios da raça, até à morte. Demonstraria a irrepreensibilidade da sua conduta inflexível. Tudo faria por conduzir Simão Pedro ao calabouço. Na sua opinião, devia

ser ele o autor intelectual da trama sutil que se vinha formando em torno da memória de um simples carpinteiro. No arrebatamento das ideias precipitadas, chegava a concluir que ninguém seria poupado nas suas decisões irrevogáveis.<sup>2</sup>

A perseguição à Casa do Caminho foi, entretanto, intensificada e acelerada motivada por duas ocorrências:

1) O fato de alguns judeus ficarem sensibilizados com o discurso de Estêvão e passarem a apoiar a Igreja Cristã de Jerusalém:

[...] Oseias Marcos e Samuel Natan, dois compatriotas riquíssimos, de Jerusalém, depois de ouvirem a defesa pessoal de Estêvão, no Sinédrio, impressionados com a eloquência e justeza dos conceitos do orador, distribuíram com os filhos a parte da herança cabível a cada um, e doaram ao “Caminho” o restante de seus haveres. Para isso, procuraram Simão Pedro beijando-lhe as mãos calejadas no trabalho, depois de lhe ouvirem a palavra acerca de Jesus Cristo.<sup>2</sup>

2) Temor desenvolvido por religiosos de que o Judaísmo apresentaria instabilidade com o movimento desencadeado pelos convertidos ao Cristianismo. Providenciaram, assim, autorização de Caifás, o sumo sacerdote, para Saulo agir com presteza, contendo os seguidores do Nazareno:

Atento à autorização concedida pelos mais altos poderes políticos da província, Caifás propôs fosse o zeloso doutor de Tarso nomeado chefe e promotor de todas as providências atinentes e indispensáveis à guarda e defesa da Lei. Competia-lhe, então, promover todos os recursos que julgasse convenientes e úteis, reservadas ao Sinédrio as últimas decisões, máxime, as de natureza mais grave.

Satisfeito com o resultado da reunião que improvisara, o moço tarsense acentuou antes de se despedir dos amigos:

– Hoje mesmo requisitarei o corpo de tropa que deverá operar no perímetro da cidade. Amanhã ordenarei a detenção de Samuel e Oseias, até que se resolvam a retomar juízo e, no fim da semana, tratarei das capturas da gentilha do “Caminho”.<sup>2</sup>

As perseguições provocaram a dispersão de vários membros da Casa do Caminho, ação que foi, historicamente, considerada como a “segunda etapa da expansão da Igreja (cf. At 1:8); a terceira etapa começará com a fundação da igreja de Antioquia (At 11:20)”.<sup>3</sup>

## 12.1 SAULO PERSEGUIDOR – 1ª PARTE (AT 8:1 A 3)<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Ora, Saulo estava de acordo com a sua execução. Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria. <sup>2</sup>Entretanto,

alguns homens piedosos sepultaram Estêvão, fazendo grandes lamentações por ele.<sup>3</sup> Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão.

No Tema 11, vimos que Estêvão foi morto por apedrejamento. E, como consta em *Atos* (8:1), *Saulo estava de acordo com a sua execução*. Essa morte viria produzir grande impacto na multidão, judeus e não judeus, em razão da serenidade e grandeza espirituais manifestadas pelo primeiro mártir do Cristianismo, mas, sobretudo, por ter ele perdoado os seus agressores antes de emitir o último suspiro. Observamos também que a “[...] prisão de Estêvão tivera, na igreja modesta do “Caminho”, ampla repercussão, despertando justificados receios aos Apóstolos da Galileia. Pedro recebera a notícia com profunda tristeza. Encontrara no rapaz de Corinto um auxiliar devotado e um irmão. [...]”<sup>5</sup> Surgiu, então, um clima de discórdia na comunidade, fomentado pela declarada perseguição promovida por Saulo:

[...] Além disso, pela nobreza de suas qualidades afetivas, Estêvão se tornara uma figura central a focalizar todas as atenções. Para a sua frente inspirada convergiam numerosos problemas, em cuja solução o ex-pescador de Cafarnaum não mais dispensava a sua prestigiosa cooperação. Amado pelos aflitos e sofredores, tinha sempre a palavra de bom ânimo, que levantava o mais desalentado coração. Pedro e João preocuparam-se mais por amor, que por quaisquer outras considerações. Entretanto Tiago, filho de Alfeu, não conseguia disfarçar seu desgosto em face da conduta desassombrada do irmão de fé, que não hesitara em afrontar os poderes farisaicos, dos senhores da situação. [...] Fermentara-se a discussão. Pedro fazia-lhe sentir a oportunidade da ocorrência, para que se revelasse a liberdade do Evangelho. E reforçava os argumentos com a lógica dos fatos. A resolução de Oseias e Samuel, entregando-se ao Cristo, era invocada para justificar o êxito espiritual do “Caminho”. Toda a cidade comentava os acontecimentos; muitos se aproximavam da igreja com sincero desejo de melhor conhecer o Cristo, e isso devia significar a vitória da causa. Tiago, no entanto, não se deixava vencer pelos mais fortes raciocínios. A discórdia tomava corpo, mas Simão e o filho de Zebedeu sobrepunham a tudo os interesses da Mensagem de Jesus. [...].<sup>5</sup>

Emmanuel relata que, como Saulo prometera, após a prisão e morte de Estêvão, desencadeia acirrada perseguição aos cristãos, conforme relato de *Atos* (8:1 e 2): “[...] Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém. Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria”. Por mais “[...] dois dias decorreram e as perseguições capitaneadas por Saulo de Tarso começaram a sacudir Jerusalém em todos os setores de suas atividades religiosas”<sup>5</sup> Como

a prisões e perseguições ocorriam sem tréguas, muitos fugiram para a Judeia ou para a Samaria (v. 2):

Oseias Marcos e Samuel Natan foram presos, sem nota de culpa, a fim de responderem a rigoroso inquérito. Os cooperadores do movimento organizaram longas nominatas dos israelitas mais destacados que frequentavam as reuniões da igreja do “Caminho”. O moço de Tarso determinara que se abrisse inquérito geral. Entretanto, como desejava dar uma demonstração de desassombro aos adversários, julgou que deveria iniciar as prisões de maior importância, depois do encarceramento de Oseias e Samuel, no reduto mesmo dos galileus obscuros, que haviam ousado afrontar a sua autoridade.<sup>5</sup>

Em seguida, foi a vez de Simão Pedro ser encarcerado pela insana fúria do doutor da lei que escarnece do venerável apóstolo, quando este, tranquilo, não lhe oferece qualquer resistência à prisão: “– O Mestre do ‘Caminho’ deve ter sido um alto modelo de inércia e covardia. Ainda não encontrei qualquer indício de dignidade nos seus discípulos cujas faculdades de reação parecem mortas”.<sup>5</sup> Pedro não se abala com o escárnio do jovem rabino, replicando-lhe:

– Enganai-vos quando assim julgais. O discípulo do Evangelho é apenas inimigo do mal e, na sua tarefa, coloca o amor acima de todos os princípios. Além do mais, nós consideramos que todo jugo, com Jesus, é suave.

O jovem tarsense, detentor de tão alto poderio, não dissimulou o mal-estar que a resposta lhe causava e, apontando o continuador de Jesus, disse a um dos homens da escolta:

– Jonas, toma conta dele.

E, acentuando ironicamente as palavras, dirigiu-se aos demais com um gesto de desprezo para o Apóstolo algemado, que o contemplava sereno, embora surpreendido:

– Não discutamos com este homem. Esta gente do “Caminho” está sempre cheia de raciocínios absurdos. É preciso não perder tempo com a cegueira da ignorância. Vamos até lá dentro, prendamos os chefes. Os sequazes do carpinteiro hão de ser perseguidos até o fim.<sup>5</sup>

Após a prisão de Pedro, seguiu-se a dos dois irmãos, João e Tiago Boanerges, e também a de Filipe. Todos se deixaram algemar sem protesto. E Filipe, vendo a aflição e choro das suas filhas, disse-lhes: “– Coragem, filhas –, disse ele sem temor –, acaso seríamos superiores a Jesus, que foi perseguido e crucificado pelos homens?”<sup>5</sup> Ato contínuo, é a vez de Tiago, filho de Alfeu. Contudo, a prisão do apóstolo não se concretiza, após debate ocorrido entre ambos, Saulo e Tiago, assim resumido:

Seguros os três prisioneiros, faltava o filho de Alfeu. Alguém se lembrou de procurá-lo no tosco biombo que ocupava. Com efeito, lá o acharam ajoelhado,

tendo diante dos olhos um rolo de pergaminhos em que se encontrava a lei de Moisés. Via-se-lhe a palidez marmórea do rosto, quando Saulo se aproximou ríspido:

– Que é isso? Há aqui alguém que cuide da Lei?

O irmão de Levi levantou os olhos transbordantes de sincero receio e explicou humilde:

– Senhor, jamais esqueci a Lei de nossos pais. Meus avós ensinaram-me a receber de joelhos as luzes do profeta santo.

A atitude de Tiago não traduzia fingimento. Consagrando o máximo respeito ao libertador de Israel, sempre ouvira dizer que seus livros sagrados estavam tocados de virtude santa. [...]

Em face da atitude imprevista de Tiago, Saulo de Tarso estava atônito. Só os espíritos profundamente aferrados ao Judaísmo liam, de joelhos, os ensinamentos de Moisés. Em sã consciência, não poderia ordenar a prisão daquele homem. O argumento que justificava sua tarefa, perante as autoridades políticas e religiosas de Jerusalém, era o combate aos inimigos das tradições.<sup>5</sup>

Saulo fica um tanto confuso. É possível até que, naquele momento, ele foi se acalmando, sendo envolvido pelas harmônicas vibrações emitidas pelos prisioneiros e que saturavam o ambiente de paz, necessárias ao acolhimento dos deserdados da sorte. Uma trégua, ainda que pequena ocorreu, isso é certo, fazendo Saulo prosseguir com o diálogo: “– Mas não sois amigo do carpinteiro? Com invejável presença de espírito o interpeorado respondeu: – Não me consta que a Lei nos impeça de ter amigos”. De alguma forma, a resposta de Tiago o perturba, mas lhe ameniza o estado de ânimo, que prossegue: “– Mas, que escolheis? A Lei ou o Evangelho? Qual dos dois aceitais em primeiro lugar? – A Lei é a primeira revelação divina – disse Tiago com inteligência”. Saulo toma a seguinte resolução: “Ante a resposta que o desconcertava, de alguma sorte, o moço de Tarso refletiu um momento e acrescentou, dirigindo-se, aos circunstantes: – Está bem. Este homem fica em paz”.<sup>5</sup>

O filho de Alfeu, intimamente satisfeito com o resultado de sua iniciativa, acreditava agora que a Lei de Moisés estava tocada de graças vivas e permanentes. A seu ver, fora o código do Judaísmo o talismã que o conservara em liberdade. Desde esse dia, o irmão de Levi ia consolidar, para sempre, suas tendências supersticiosas. O fanatismo que os historiadores do Cristianismo encontraram na sua personalidade enigmática teve aí sua origem.

Ao sair do recinto, Saulo é cercado pelos acolhidos da Casa do Caminho. Entre eles encontravam-se os doentes portadores de todo tipo



de enfermidade e necessidades: órfãos, viúvas, crianças, jovens e idosos que reclamam da prisão dos seus protetores, pedindo que deles se compadecessem. Surpreendido, Saulo, retorna a fúria inicial, ordenando aos guardas que afastem e castiguem quem se rebelar:

Em seguida a esse feito, o jovem tarsense desdobrou as energias na primeira perseguição experimentada pelas expressões individuais e coletivas do Cristianismo nascente. Mais do que se poderia supor, Jerusalém regurgitava de criaturas que se interessavam pelas ideias do Messias Nazareno. Saulo prevaleceu-se dessa circunstância para fazer sentir, mais uma vez, o perigo ideológico que o Evangelho representava. Numerosas prisões foram efetuadas. Na cidade, iniciara-se um êxodo de grandes proporções. Os amigos do “Caminho”, com possibilidades financeiras, preferiam encetar vida nova na Idumeia ou na Arábia, na Cilícia ou na Síria. Os que podiam escapavam ao rigor dos inquéritos violentos, iniciados com retumbâncias de escândalo público. As personalidades mais eminentes eram metidas na prisão, incomunicáveis, mas os anônimos e humildes, os da plebe, sofriam grandes vexames nas dependências do Tribunal onde se faziam os interrogatórios. Os guardas assalariados por Saulo, para a execução do nefando trabalho, excediam-se nos abusos.<sup>5</sup>

Estêvão já estava morto, tendo o corpo sepultado pela benevolência de alguns amigos (At 8:2), enquanto o jovem fariseu e doutor da lei, prosseguia em suas ações insanas: *Quanto a Saulo, devastava a Igreja: entrando pelas casas, arrancava homens e mulheres e metia-os na prisão (At 8:3):*

Saulo tornara-se a mola central do movimento terrível e execrado por todos os simpatizantes do “Caminho”. Multiplicando energias, visitava diariamente os núcleos do serviço a que costumava chamar “expurgo de Jerusalém”, desenvolvendo atividade pasmosa, dentro da qual mantinha a vigilância constante das autoridades administrativas, encorajava os auxiliares e prepostos, instigava outros perseguidores dos princípios de Jesus, sem deixar arrefecer-se o zelo religioso do Sinédrio.

Dentro de uma semana, após as prisões efetuadas na igreja modesta, realizava-se a memorável sessão em que Pedro, João e Filipe deveriam ser julgados. A assembleia excepcional despertara a maior curiosidade. Lá se congregavam todas as personalidades eminentes do farisaísmo dominante. Gamaliel compareceu, dando mostras de profundo abatimento.<sup>5</sup>

As prisões e maus-tratos aplicados aos habitantes da Casa do Caminho passaram a ter repercussões negativas em Jerusalém e arredores:

De modo geral, comentava-se a atitude dos mendigos que, não obtendo permissão de ingresso, aglomeravam-se em longas filas na grande praça e protestavam em atroante vozerio. Debalde aplicavam-lhes bastonadas a torto e a direito, porque a turba de miseráveis assumira proporções nunca vistas. O quadro era curioso e alarmante. Tomar providências para correr com a

massa, parecia tarefa impossível. Os peregrinos e os doentes contavam-se por centenas numerosas. Era inútil reprimir nos pontos isolados, o que somente vinha agravar a revolta e desesperação de muitos. Em altos brados reclamavam a liberdade de Simão Pedro. Exigiam em tumulto a sua libertação, como se exigissem um legado de seu legítimo direito.<sup>5</sup>

Em paralelo, no Sinédrio, havia um grande alvoroço ante a reação do povo e dos beneficiários da Casa do Caminho. Vemos, então, que mais uma vez Gamaliel intervém; trava ardoroso debate com o seu discípulo Saulo, chamando a ele, e aos demais membros do Sinédrio, à ponderação, defendendo a causa dos continuadores do Nazareno. Gamaliel, o culto e moralmente elevado doutor da lei, apresenta argumentos irrepreensíveis, conduzindo a situação de forma mais pacífica, evitando-se a morte dos prisioneiros.<sup>5</sup> Saulo, o sumo sacerdote e demais integrantes do Sinédrio são, finalmente, convencidos por Gamaliel, que chegam ao seguinte consenso, assim manifestado por Saulo:

[...] concordo com a libertação dos três primeiros [Pedro, Filipe e João], com uma condição. Por serem casados, Pedro e Filipe poderão continuar em Jerusalém, restringindo suas atividades ao socorro dos doentes e necessitados; João será banido; mas Estêvão deverá sofrer a sentença decisiva. Já propus, publicamente, a lapidação, e não vejo motivos para transigir, mesmo porque, para escarmento, pelo menos um dos discípulos do carpinteiro deve morrer.<sup>5</sup>

Estêvão foi, portanto, o escolhido diretamente por Saulo para ser apedrejado. Com a sua morte, a autoridade de Saulo seria mantida intacta e os integrantes da Casa do Caminho receberiam uma lição inesquecível:

Daí a instantes, com surpresa geral da assembleia, Saulo de Tarso, da tribuna, propunha a libertação de Pedro e Filipe, o banimento de João, e reiterava o pedido de apedrejamento para Estêvão, por considerá-lo o mais perigoso dos elementos do “Caminho”. As autoridades do Sinédrio apreciando os alvitreiros, com satisfação, por saberem que a medida agradaria à turba numerosa, afirmaram seu unânime consentimento e a morte de Estêvão foi aprazada para uma semana depois, convidando Saulo os amigos para a triste cerimônia pública a que ele próprio haveria de presidir.<sup>5</sup>

Estava assim dada a largada para os sofrimentos incalculáveis que atingiriam os “homens do Caminho”, como foram denominados os apóstolos e discípulos sinceros, pois, as “sombras, no entanto, adensavam sobre o céu das alegrias ingênuas, e os corvos do medo e do terror começavam a esvoaçar em volta do grupo heterogêneo de convidados para a Era Nova”.<sup>6</sup>

Não obstante a voz do jovem Estêvão arrebatava e a sua melodia tornou-se acusação indireta à hipocrisia farisaica, às aspirações do ambicioso doutor da lei, o aclamado Saulo de Tarso.

As trevas tombaram então, sem aviso, e Estêvão foi preso...

Morreu sob pedradas depois de um vergonhoso simulacro de julgamento, contemplando, em êxtase, o seu Mestre amado.

[...]

A *Casa do Caminho* permaneceria, porém, como o símbolo indestrutível do amor e da caridade para todo o sempre, invencível e imaculada, em luz permanente.<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 6 – *Ante o Sinédrio*.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 7 – *As primeiras perseguições*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:1. Nota de rodapé “k”, p. 1914.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:1-3, p. 1914 e 1915.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 7 – *As primeiras perseguições*.
- 6 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 24, p. 159 e 160.
- 7 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 24, p. 160.

## SAULO PERSEGUIDOR – 2ª PARTE. FILIPE NA SAMARIA (AT 8:4 A 8)

No estudo atual continuamos a apresentar ações de Saulo de Tarso contra os primeiros cristãos, instalados em Jerusalém numa comunidade que passou à história como o nome de *Igreja Cristã de Jerusalém* ou *Casa do Caminho*. A maioria das informações foi retirada do livro *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, que contém explicações detalhadas dos relatos registrados por Lucas em *Atos dos apóstolos*.

No Tema 12, anteriormente estudado, vimos que Estêvão, Pedro, Filipe e os irmãos João e Tiago foram presos por Saulo, que defendia morte sumária desses prisioneiros como forma de conter a difusão do Evangelho e, ao mesmo tempo, dá uma lição aos seguidores do Crucificado que ousavam contrariar os preceitos da lei judaica. Na ocasião, o único apóstolo que foi poupado da prisão foi Tiago, filho de Alfeu. No entanto, durante a uma posterior reunião do Sinédrio para decidir a respeito do destino dos prisioneiros, ergueu-se, uma vez mais, a autoridade moral de Gamaliel que argumentou contra a sentença de morte dos condenados. Após os debates que se seguiram, foi lavrada a sentença final: os apóstolos seriam poupados da morte, no entanto, Pedro e Filipe, por terem família, permaneceriam em Jerusalém cuidando dos doentes e necessitados, e João seria banido. Quanto a Estêvão, deveria ser morto por apedrejamento, marcando-se a data para daí a uma semana.<sup>1</sup>

Essas e outras decisões do Sinédrio causaram significativo impacto na Comunidade do Caminho, envolvendo muitos adeptos em profundo temor que, preocupados com as represálias que viriam em seguida, fugiram para cidades próximas, como consta em *Atos* (8:1): “[...] Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judeia e da Samaria”. Outros, porém, detentores de maiores recursos pecuniários, escaparam da prisão e fixaram residência entre os gentios, informa Emmanuel:

[...] Os amigos do “Caminho”, com possibilidades financeiras, preferiam encetar vida nova na Idumeia ou na Arábia, na Cilícia ou na Síria. Os que podiam, escapavam ao rigor dos inquéritos violentos, iniciados com retumbâncias de escândalo público. [...].<sup>1</sup>

## 13.1 SAULO PERSEGUIDOR – 2ª PARTE

É de suma importância compreendermos a morte de Estêvão não só em termos da historicidade do Cristianismo, mas como imperiosa necessidade de reflexão a respeito do fanatismo e dos extremismos de ideias que envolvem o excessivo zelo religioso. Perseguir ou matar alguém que é adepto de interpretação religiosa diferente é ação totalmente contrária aos ensinamentos morais de qualquer religião ou filosofia religiosa. Tais ocorrências revelam, sempre, severa imperfeição moral. Assim, a morte de Estêvão, o primeiro mártir do Cristianismo, é marcada por acontecimentos inesquecíveis que ecoam através dos tempos, fazendo-nos compreender que o mal é de natureza transitória, ainda que provoque muitos sofrimentos, sendo combatido, hoje e sempre, pelo bem. Neste sentido, destacamos a alegria e a paz que envolveram Estêvão quando, ao final da sua existência, perdoa os seus algozes, merecendo a presença de Jesus que o recolhe nos braços; a alegria de Estêvão ao ver a querida irmã Abigail, antes de se transportar para o mundo dos mortos. Por outro lado, foi imensa a dor de Abigail ao identificar que Estêvão era o seu amado irmão Jeziel, e que fora o seu querido noivo, Saulo, que o condenara à morte.

A existência de Saulo, após a morte de Estêvão, jamais seria a mesma, pois a dor seria não somente a sua companheira permanente, mas também sua grande educadora, fazendo-o compreender, finalmente, o significado do Amor de Deus e do próximo, ensinado por Jesus. Assim que, já transformado e investido da personalidade de Paulo, afirma em 1 *Coríntios*, 13:4 a 7: “[...] O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” [v. 6 e 7].

Retomando os acontecimentos, enquanto ocorria a libertação dos apóstolos da prisão e a morte de Estêvão, Saulo viaja para Jope, a fim de visitar a sua noiva Abigail que residia na granja do casal Zacarias e Ruth, que a acolhera e a adotara como filha do coração, desde os tormentosos tempos em Corinto, quando fora atirada nas ruas, após a morte do pai e prisão de Jeziel, seu irmão. Percebe-se que Saulo amava fervorosamente Abigail:

Abigail era o seu mundo sentimental. As lutas de cada dia, as providências rigorosas que lhe impunha o cargo, a rigidez com que deveria tratar as questões confiadas ao seu foro, eram transvazadas no coração da noiva, cheio de amor, de piedade e justiça. Ela acolhia-lhe as ideias com atenção afetuosa, parecia temperá-las na ternura da alma fraterna, restituindo-as ao noivo amado em forma de sugestões carinhosas e justas.<sup>2</sup>

A visita de Saulo é recebida com alegria e afeto por Zacarias, pela esposa Ruth e por Abigail, que se unem em agradável conversa:

Na noite seguinte à memorável sessão do Sinédrio, Saulo de Tarso, abandonando todas as preocupações de ordem imediata, buscou mais ansioso a residência de Zacarias. As fadigas do dia abalavam-lhe as forças. Queria vencer rapidamente a distância, absorver-se no afeto da noiva, olvidar as preocupações que lhe ardiam na mente trabalhada pelos mais descontraídos raciocínios.<sup>2</sup>

Saulo faz um resumo dos acontecimentos que culminaram com a prisão dos apóstolos e a sentença de morte de Estêvão, justificando essas ocorrências como um mal necessário:

[...] A personalidade de Estêvão foi discutida minuciosamente. O ex-discípulo de Gamaliel, naturalmente, esclareceu o assunto a seu modo, retratando o pregador do “Caminho” como homem inteligente e, por isso mesmo, perigoso, em virtude das ideias revolucionárias que o seu verbo fluente propagava.<sup>2</sup>

A conversa prossegue noite adentro, quando a “[...] certa altura, atenta a uma observação direta de Saulo, a jovem murmurou: – Mas não haveria um meio de modificar, ao menos, a pena arbitrada?”<sup>2</sup> A resposta do seu noivo foi imediata, que procurou justificar a morte de Estêvão, a qual, diga-se de passagem, foi da sua responsabilidade direta:

– Que desejarias que fizéssemos? – disse o moço com ênfase. – Não é pouco havermos libertado os três cabeças mais em evidência, levando-se em conta o atrevimento de suas estranhas prédicas. Quanto a Estêvão, tudo se fez para que voltasse ao aprisco, como descendente direto das tribos de Israel. Entretanto, a rebeldia foi a sua condenação. Insultou-me publicamente no Sinédrio, espezinhou nossos princípios mais sagrados, criticou as figuras mais representativas do farisaísmo, com ilustrações mentirosas e ingratas.

E concluía:

– De mim para comigo, estou satisfeito. Considero o apedrejamento esperado um dos feitos de mais importância para o futuro da minha carreira. Atestará meu zelo na defesa do nosso patrimônio mais estimável. Precisamos considerar que Israel, nos dias mais sombrios, preferiu a emancipação religiosa à independência política. Poderíamos, porventura, expor nossos valores morais mais preciosos à influência deprimente de um aventureiro qualquer?<sup>2</sup>

Nada mais tendo a ser acrescentado, Saulo convida Abigail para ir a Jerusalém conhecer a sua irmã Dalila que, brevemente, chegaria à cidade. Acrescentou que durante a visita ambas teriam a oportunidade de presenciar os acontecimentos relatados: libertação dos apóstolos e morte de Estêvão:

– Agora, minha querida, tudo está pronto – dizia solícito. – De hoje a seis dias Dalila virá buscar-te pessoalmente. Conhecerás a cidade e os meus amigos honrarão em tua alma generosa a minha feliz escolha. [...].<sup>2</sup>

Felizes e enamorados, combinam detalhes da viagem, Saulo define o roteiro, enquanto aguardam o momento da futura união conjugal que lhes acenava como um futuro venturoso:

– Já organizamos vasto programa recreativo. Quero levar-te a Jericó, onde pessoas de nossas relações nos esperam com imensa alegria. Em Jerusalém far-te-ei conhecer todos os edifícios mais importantes. Ficarás deslumbrada com o Templo e com os tesouros ali encerrados pela dedicação religiosa de nossa raça. Verás a torre dos romanos. Meus conterrâneos que frequentam a Sinagoga dos cilícios querem oferecer-te valioso mimo.

Abigail extasiava-se, ouvindo-o discorrer. Aquele moço impulsivo e rude a olhos estranhos, mas afetuoso e sensível na intimidade, era justamente o seu ideal, o homem esperado pela sua alma carinhosa.

– Ninguém poderá oferecer-me um presente mais precioso que o enviado por Deus à minha existência, com o teu coração leal e generoso – murmurou a jovem num franco sorriso.

– Ganhei muito mais – tornava o doutor de Tarso – recebendo a joia rara do teu afeto, que enriquecerá toda a minha vida. Às vezes, Abigail – continuava com o entusiasmo próprio da juventude sonhadora –, no meu idealismo de vitórias para Jerusalém sobre as grandes cidades do mundo, penso chegar à velhice como um triunfador cheio de tradições de sabedoria e de glória. Desde que te encontrei, aumentou-se-me a fé no destino; consolidei minhas esperanças, terei teu concurso na tarefa imensa que se desdobra a meus olhos. Os romanos outorgam aos triunfadores uma coroa triunfal de louros e rosas. Se um dia Jerusalém me conceder a sua coroa triunfal, não a cingirei em minha fronte, para só deixá-la a teus pés como tributo de amor eterno e único.<sup>2</sup>

O afetuoso diálogo prossegue, programam a data das núpcias e Saulo se revela esperançoso em ocupar posição de maior destaque no Sinédrio – o que de fato vem a acontecer, quando ocupa o lugar de Gamaliel, que preferiu se afastar do Sinédrio:

“Ainda hoje” – prosseguiu Saulo confiante no futuro –, “Gamaliel notificou-me que vai afastar-se em breve do Sinédrio, para que eu lhe suceda no prestigioso cargo. Aí tens, querida, nossa primeira vitória de maiores proporções. Tão logo Dalila volte de Tarso, poderemos marcar o dia jubiloso das núpcias. Presumo

que, em te tendo sempre a meu lado, corrigirei meus impulsos, a tarefa ser-me-á mais leve, a existência mais fácil e mais ditosa. O lar é uma bênção. E nós teremos esse lar”.<sup>2</sup>

Saulo insiste para Abigail presenciar a morte de Estêvão. Ela procura esquivar, pois não aprovava qualquer tipo de violência. No entanto, para evitar desentendimentos com o noivo, atende-lhe a solicitação, ainda que intimamente estivesse contrariada. Em seguida, Saulo acrescenta: “– Chegarás conosco à cidade, justamente na véspera da morte do pregador revolucionário. O ato, como de justiça, obedecerá ao cerimonial estabelecido pelos nossos costumes e eu pretendo que assistas a ele em minha companhia”.<sup>2</sup> Aflita, Abigail tenta uma vez mais fazer o noivo entender como o espetáculo da morte de alguém lhe feria a sensibilidade. Os seus argumentos, porém, não foram suficientes para demover o noivo da decisão tomada:

– Não haveria um meio de me poupare a esse espetáculo? – insistiu timidamente. – A morte de meu pai, no suplício, diante da soldadesca brutal, jamais me saiu da mente.

Saulo não dissimulou a contrariedade e respondeu:

– Porventura não estarás compreendendo? O caso de Estêvão é muito diferente. Trata-se de um homem sem significação para nós outros, que se arvorou em reformador sedicioso e insolente. Sua personalidade representa, de fato, a continuidade do desrespeito e do insulto à lei de Moisés, iniciados em movimento de vastas proporções por um carpinteiro alucinado, de Nazaré. Achas, então, que se não deve punir o ladrão que assalta uma residência? Não merecerão castigo os que blasfemam no santuário do Eterno?

[...]

Notando a boa vontade conciliatória, o moço tarsense abriu o semblante num belo sorriso de satisfação.

– Sim, ficamos de acordo. Espero, porém, que assistas a tudo com serenidade, segura de que eu só poderia tomar encargos justos e decisões estimáveis no cumprimento do dever. É lamentável que o prisioneiro se haja mostrado recalcitrante a ponto de me compelir a providências extremas. No entanto, podes crer que tudo fiz por evitar o derradeiro recurso. Empreguei todos os processos conciliatórios para dissuadi-lo de tão perigosas ilusões, mas sua conduta foi de tal modo irritante que toda transigência se tornou praticamente impossível.<sup>2</sup>

A sensibilidade de Abigail era legítima, pois ela jamais conseguiria esquecer a dor e o sofrimento ao ver o pai e o irmão espancados, resultando na morte do primeiro e na escravidão do segundo. Mesmo sendo profundamente grata a Zacarias e a Ruth pelo amor que deles recebia, ainda trazia a alma muito sofredora. É possível que Abigail estivesse, intuitivamente,



presentindo que não se tratava de mera manifestação de sua sensibilidade, mais algo relacionado àquela morte específica. Não sabemos dizer nada a respeito. Entretanto, os acontecimentos futuros que lhes marcariam os últimos momentos naquela existência terrestre, foram desencadeados a partir da morte de Estêvão, reconhecido como o seu querido irmão Jeziel.

Assim, no dia marcado para a execução, Estêvão fora amarrado a um tronco do suplício, sendo espancado e apedrejado incessantemente:

[...] desde muito cedo, o mais alto Tribunal de Israel apresentava desusado movimento. A execução do pregador do “Caminho” constituía objeto de largos comentários. Sobretudo os fariseus faziam questão de todos os informes. Ninguém queria perder o angustioso espetáculo. [...].<sup>2</sup>

No exato momento em que o Cristo aparece a Estêvão, já quase ao final da sua desencarnação, a ponto de o condenado afirmar em alta voz que ele via os céus se abrirem e o Cristo ressuscitado na grandeza de Deus,<sup>2</sup> Abigail e Dalila, a futura cunhada, aproximam-se de Saulo que, feliz, as recebe: “[...] A noiva terna cingia uma túnica à moda grega, que mais lhe realçava o formoso rosto. Fosse pela dolorosa cena em curso, ou pela presença da mulher amada, percebia-se que Saulo estava um tanto perplexo e sensibilizado. [...]”.<sup>2</sup> Naquele instante, a atenção de Abigail é atraída pela gritaria à sua volta, cujas pessoas apontavam para uma miserável vítima, toda ferida e ensanguentada, amarrada a um tronco de tortura. Nesse momento, o seu mundo se desmorona: ali, preso ao tronco, encontrava-se o seu muito amado e saudoso irmão Jeziel:

Escutando as expressões do condenado e recebendo-lhe o olhar fulgurante e límpido, Abigail não pôde dissimular a angustiosa surpresa.

– Saulo! Saulo!... é meu irmão – exclamou atterrada.

– Que dizes? – gaguejou baixinho o doutor de Tarso arregalando os olhos. – Não pode ser! Enlouqueceste?

– Não, não, é ele; é ele! – repetia tomada de extrema palidez.

– É Jeziel – insistia Abigail assombrada –, querido; concede-me um minuto, deixa-me falar ao moribundo apenas um minuto.

– Impossível! – replicou o moço, contrafeito.

– Saulo, pela Lei de Moisés, pelo amor de nossos pais, atende – exclamava torcendo as mãos.

O ex-discípulo de Gamaliel não acreditava na possibilidade de semelhante coincidência. Além do mais, havia a diferença do nome. Convinha esclarecer esse ponto, antes de tudo. Certo, a falsa impressão de Abigail se desfaria ao primeiro contato direto com o agonizante. Sua índole, sensível e afetuosa,

justificava o que a seu ver era um absurdo. Conjugando essas reflexões de um segundo, falou à noiva, com austeridade:

– Irei contigo identificar o moribundo, mas até que o possamos fazer, cala as tuas impressões... Nem uma palavra, ouviste? É necessário não esquecer a respeitabilidade do local em que te encontras!<sup>2</sup>

Abigail reencontra finalmente o irmão, e, vendo-o moribundo, dele se despede com imenso amor. Jeziel/Estêvão utiliza-se das últimas forças que possuía para responder as indagações da irmã:

– Jeziel! – exclamou Abigail osculando e regando de lágrimas a fronte do moribundo – como te vejo eu!... Parece que o suplício te durou desde o dia em que nos separamos!... – E soluçava...

– Estou bem... – disse o discípulo de Jesus –, fazendo o possível por mover a destra quebrada e deixando perceber o desejo de acariciar-lhe os cabelos, como nos dias da meninice e da primeira juventude.

– Não chores!... Eu estou com o Cristo!...

– Quem é o Cristo? – murmurou a jovem. – Por que te chamam Estêvão? Como te modificaram assim?

– Jesus... é o nosso Salvador... – explicava o agonizante, no propósito de não perder os minutos que se escoavam céleres.

— Agora, chamam-me Estêvão... porque um romano generoso me libertou... mas perdi... absoluto segredo. Perdoa-me... Foi por gratidão que obedeci ao conselho. Ninguém será reconhecido a Deus se não mostrar agradecimento aos homens...<sup>2</sup>

A despeito das acirradas dores físicas que sentia, em um esforço supremo, Estêvão mantém a serenidade de sempre, confortando a irmã que se debulhava em copiosas lágrimas, e dela se despede:

– Sei que vou morrer... mas a alma é imortal... Sinto deixar-te... quando mal torno a ver-te, mas hei de ajudar-te do lugar em que estiver.

– Ouve, Jeziel – exclamou a irmã num desabafo –, que te ensinou esse Jesus para te levar a um fim tão doloroso? Quem assim abandona um servo leal, não será antes um senhor cruel?

O moribundo pareceu admoestá-la com o olhar.

– Não penses, dessa maneira – prosseguiu com dificuldade. – Jesus é justo e misericordioso... prometeu estar conosco até à consumação dos séculos... mais tarde compreenderás; a mim, ensinou-me amar os próprios verdugos...<sup>2</sup>

Em seguida, revelando a grandeza da sua alma, perdoa a Saulo, logo após Abigail informar-lhe que o seu perseguidor era o seu noivo:

– Cristo os abençoe... Não tenho no teu noivo um inimigo, tenho um irmão... Saulo deve ser bom e generoso; defendeu Moisés até o fim... Quando

conhecer a Jesus, servi-lo-á com o mesmo fervor... Sê para ele a companheira amorosa e fiel...<sup>2</sup>

Com a morte de Estêvão, Saulo compreende que o casamento jamais seria concretizado, comunica a decisão a Abigail que tenta convencê-lo a não desistir, estabelecendo, entre ambos, este aflitivo diálogo:

– Tudo terminado entre nós, por quê? O sofrimento não deveria escorraçar o amor sincero.

– Não me compreendes? – replicou o orgulhoso rapaz... – Nossa união tornou-se inexequível. Não poderei desposar a irmã de um inimigo de maldita memória para mim. Fui infeliz escolhendo esta ocasião para tua visita a Jerusalém. Sinto-me envergonhado não só diante da mulher com quem nunca mais poderei unir-me pelo matrimônio, como perante os parentes e amigos pela situação amarga que as circunstâncias interpuseram no meu caminho...<sup>2</sup>

Desolada, Abigail se conforma em não se casar com Saulo, pede-lhe, porém, para permanecerem amigos. “– Saulo... Saulo... não te envergonhes perante meu coração. Jeziel morreu estimando-te. Seu cadáver nos escuta – acentuava com doloroso acento. – Não posso obrigar-te a desposar-me, mas não transformes nossa afeição em ódio surdo... Sê meu amigo!... [...]”<sup>2</sup> Saulo é momentaneamente tocado pela generosidade de Abigail, mas, deixando que o orgulho lhe obscureça o coração e a razão, replica impassível:

[...] Quis avançar, apertá-la contra o peito, cobrir-lhe de beijos a fronte bondosa e inocente. Súbito, porém, vieram-lhe à mente os seus títulos e atribuições; via Jerusalém revoltada, tisonando-lhe a reputação de amargas ironias. O futuro rabino não poderia ser vencido; o doutor da Lei rígida, e implacável, devia sufocar o homem para sempre.

Mostrando-se impassível, replicou em tom áspero:

– Aceito o teu silêncio em torno das lamentáveis ocorrências deste dia; voltarás amanhã para casa de Ruth, mas não debes esperar a continuação das minhas visitas, nem mesmo por cortesia injustificável, porque, na sinceridade dos de nossa raça, os que não são amigos são inimigos.<sup>2</sup>

Abigail retorna a Jope, sendo atingida por febre persistente que evolui para uma grave doença pulmonar que, mais tarde, a conduziria à desencarnação. O casal Zacarias não mede esforços para auxiliá-la, inclusive permitindo que ela lesse alguns pergaminhos que transmitiam os ensinamentos de Jesus, presenteados pelo idoso Ananias, quando ele passara pela granja, em Jope. A partir daí, mesmo enferma, Abigail tornou-se leitora assídua do chamado *Evangelho dos galileus* que lhe ergueu os ânimos, tirando-a do estado de profunda tristeza e desgosto íntimo em que se encontrava, desde que retornou de Jerusalém. Ela converteu-se ao Cristianismo, transformando

a dor, pela morte do irmão e o abandono de Saulo, em alegria íntima, ainda que a enfermidade pulmonar se agravasse dia após dia.<sup>3</sup>

Saulo, por sua vez, continuou em suas perseguições contra os cristãos, mas o seu Espírito não estava mais em paz:

[...] De vez em quando, sentia-se premido por uma saudade singular. Experimentava imensa falta da ternura de Abigail, cuja lembrança nunca mais se lhe havia apartado da alma enrijecida e ansiosa. Mulher alguma poderia substituí-la no carinho do seu coração. [...].<sup>2</sup>

O remorso era chaga viva que se instalou e lhe corroía o íntimo. Saulo não tinha mais paz. Decidiu, então, procurar Abigail e pedir-lhe perdão: retornou a Jope, encontrou Abigail às portas da morte; pediu-lhe perdão, profundamente arrependido, vendo-a desencarnar em seus braços e sendo conduzida ao Plano Espiritual por Jeziel/Estêvão. As suas últimas palavras a Saulo foram:

[...] Jeziel afirmou que nós te ajudaremos de um plano Mais-Alto! Por que, então, deixarei de ser tua companheira?... Seguirei teus passos no caminho, levar-te-ei onde se encontrem nossos irmãos do mundo, em abandono, auxiliarei teus raciocínios a descobrir sempre a verdade!... Ainda não aceitaste o Evangelho, mas Jesus é bom e terá algum meio de nos unir os pensamentos na verdadeira compreensão!... [...]

O esforço da moribunda havia sido imenso. A voz extinguiu-se-lhe na garganta. De seus olhos, profundamente lúcidos, as lágrimas corriam abundantes.

– Abigail! Abigail! – gritava Saulo desesperado.

Mas, após longos minutos de angustiosa ansiedade, ela dizia num arranco supremo:

– Jeziel já veio... buscar-me...<sup>3</sup>

A partir daí as perdas e dores de Saulo foram imensas, marcando indelevelmente a sua existência terrestre: perde a noiva que tanto amava; familiares e amigos o desprezam e dele se afastam. Jesus, porém, lhe reserva um destino glorioso, marcado pela renúncia e sacrifício, quando ele passaria a ser conhecido como Paulo de Tarso, o Apóstolo dos Gentios.

## 13.2 FILIPE NA SAMARIA (AT 8:4 A 8)<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Entretanto, os que haviam sido dispersos iam de lugar em lugar, anunciando a palavra da Boa Nova. <sup>5</sup>Foi assim que Filipe, tendo descido a uma cidade da Samaria, a eles proclamava o Cristo. <sup>6</sup>As multidões atendiam unânimes ao que Filipe dizia, pois ouviam falar dos sinais que operava ou viam-nos

pessoalmente. <sup>7</sup>De muitos possessos os espíritos impuros saíam, dando grandes gritos, e muitos paralíticos e coxos foram curados. <sup>8</sup>E foi grande a alegria naquela cidade.

Importa considerar que o texto de *Atos* (8:4 a 8), ora sob estudo, não se refere ao Apóstolo Filipe, um dos Doze. A citação de Lucas fala de outro Filipe, conhecido como o Evangelista, “[...] um dos ‘sete’, escolhidos como oficiais (os primeiros ‘diáconos’) da igreja de Jerusalém (At 6:5). [...]”<sup>5</sup>:

Por ocasião da perseguição efetuada contra a igreja, após o martírio de Estêvão, Filipe levou o Evangelho até a Samaria, onde o seu ministério foi muito abençoado (At 8:5-13), e subsequentemente foi enviado ao sul, até a estrada de Jerusalém a Gaza, para conduzir o eunuco etíope a Cristo (At 8:26-38). Depois desse incidente foi arrebatado pelo Espírito até Azoto, a Asdote dos filisteus, e dali levou a efeito um ministério itinerante até que atingiu o porto de Cesareia (At 8:39, 40), onde aparentemente se fixou (At 21:8). [...] <sup>5</sup>

Com a morte de Estêvão e as perseguições contra os cristãos, sobretudo os da Casa do Caminho, ocorreu a primeira dispersão:

[...] Em Jerusalém ficaram apenas os Apóstolos e seus mais diretos auxiliares, porque sobre os seus ombros pesava a responsabilidade das obras assistenciais, que não podiam ser abandonadas. <sup>6</sup>

A dispersão não impedia os apóstolos nem os discípulos de prosseguirem na pregação do Evangelho: por onde passavam, falavam de Jesus, dos seus feitos e ensinamentos, recordando que Ele ressuscitara dos mortos e que continuava a se manifestar aos seus leais seguidores na forma de Espírito Santo. Justificavam, assim, os inúmeros sinais e prodígios que manifestavam. À luz do entendimento espírita, sabemos que os fenômenos intermediados são de natureza mediúnica:

Filipe era médium; e, por meio de sua mediunidade, os Espíritos do bem aliviavam os necessitados tal qual se faz hoje nos centros espíritas. Ardoroso na pregação do Evangelho, transmitia a seus ouvintes o entusiasmo que o possuía, o que lhe valeu a denominação de Filipe, o evangelista. <sup>7</sup>

Em *Atos* (8:7) consta que muitos “[...] espíritos impuros saíam [dos possessos], dando grandes gritos, e muitos paralíticos e coxos foram curados”. Tal registro de Lucas, refere-se a processos obsessivos, ainda comuns atualmente:

Os Espíritos imundos eram Espíritos obsessores; e os possessos eram pessoas obsidiadas, ou seja, perseguidas por tais Espíritos. Filipe doutrinava-os com sua palavra, sua alta moralidade, obrigando-os a se afastar de suas vítimas. Nas épocas da renovação espiritual da humanidade, multiplicam-se os casos de

obsessão, como prova de imortalidade da alma. Foi o que aconteceu no tempo de Jesus e dos apóstolos: a Providência Divina permitiu as manifestações dos Espíritos para chamar a atenção dos homens para as coisas espirituais. Nos tempos modernos, em que o Espiritismo por sua vez intensifica os trabalhos de espiritualização do mundo, novamente se manifestam os Espíritos, provando as verdades espirituais. [...].<sup>7</sup>

O conteúdo desenvolvido neste Tema 13 apresenta-nos informações históricas e culturais, assim como ensinamentos que devem merecer a nossa reflexão mais aprofundada. Percebe-se claramente que a perseguição contra a Casa do Caminho, culminando com o sacrifício de Estêvão foi, inicialmente, movida pela inveja. Incapazes de fazerem o bem, preferindo viver pelas aparências, autoridades religiosas criaram uma situação inacreditável, onde o mal campeou largamente, recorda Amélia Rodrigues:

A inveja é adversário sórdido do espírito, que convive com o seu mundo emocional e elabora os mais vis planos de desforço contra aqueles que lhe chamam a atenção e com os quais não pode competir por falta de valores morais.

Insinua-se suavemente ou apresenta-se de chofre com as armas da indignidade que não se compadece dos valores da nobreza nem da honradez.

Compraz-se, quando persegue; felicita-se, quando vê o sofrimento daquele que elege como adversário; prossegue no seu infeliz afã, que também é autodilacerador, até consumir todos os seus planos trágicos, e permanentemente insatisfeita...

Muitas das desgraças que ocorrem no mundo, na esfera do inter-relacionamento social, devem-se debitar à inveja, que é a degradação moral e espiritual do ser, devendo combatê-la em si mesmo com todo o empenho e todos os recursos ao alcance.

Filha primogênita do egoísmo exacerbado, que predomina em a natureza primitiva das criaturas humanas.

A inveja, pois, espicaçava os pigmeus do trono e dos altos cargos do Sinédrio, que usavam o poder da força destruidora, por não possuírem a força do poder para fazer o bem e amar. [...].<sup>8</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 7 – *As primeiras perseguições*.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 8 – *A morte de Estêvão*.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 9 – *Abigail cristã*.

- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. E ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:4-8, p. 1915.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Filipe um dos “sete”, p. 512.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 36, p. 252.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 36, p. 253.
- 8 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador, BA: LEAL, 2015. cap. 24, p. 157 e 158.

## SIMÃO, O MAGO. FILIPE BATIZA UM EUNUCO (AT 8:9 A 40)

No Tema anterior, vimos que Saulo de Tarso prosseguia em seus propósitos de perseguição aos seguidores do Cristo. Agora, contudo, passados cerca de oito meses do martírio de Estêvão e do rompimento do noivado com Abigail, ele já não age com tanto empenho, pois traz a alma consumida pelo remorso. Corroído intimamente pela saudade da inesquecível noiva e profundamente amargurado pela forma fria e agressiva com que afastou Abigail de sua vida, decide viajar a Jope para pedir-lhe perdão, na esperança de se reconciliar com ela. Uma amarga surpresa o aguarda, quando chega à residência do casal Ruth e Zacarias: Abigail encontra-se às portas da morte, ainda que apresentasse imensa serenidade, transmitida pelos ensinamentos de Jesus, desde que se convertera ao Cristianismo, meses atrás. Perdoa o noivo por todas as ações cometidas, prometendo-lhe que jamais o esqueceria e que, do Plano Espiritual, ela e o irmão se empenhariam em auxiliá-lo. Abigail morre nos braços de Saulo, que se revela enlouquecido de tanta dor:

[...] Acusava a si próprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la à enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacável, Estêvão encontrara o suplício terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara com a noiva ao antro indevassável do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidências penosas àquele Cristo crucificado que não pudera compreender. Por que topava, em tudo, traços do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espírito voluntarioso detestava? Desde a primeira controvérsia na Igreja do “Caminho”, nunca mais conseguira passar um dia sem encontrá-lo na fisionomia de algum transeunte, na admoestação dos amigos, na documentação oficial das suas diligências punitivas, na boca dos míseros prisioneiros. Estêvão expirara falando n’Ele com amor e júbilo; Abigail nos últimos instantes consolava-se em recordá-lo e o exortava a segui-lo. Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. [...].<sup>1</sup>



Saulo transfere para o Cristo toda a sua mágoa. Mesmo trazendo a alma em frangalhos, elabora um plano que ampliaria as perseguições aos cristãos onde eles se encontrassem, considerando que muitos fugiram para outras cidades e regiões. Retornaria a Jerusalém e apresentaria a planificação ao Sinédrio.

Em paralelo a essas deliberações do zeloso doutor da lei, Filipe, um dos sete diáconos eleitos na Casa do Caminho fugira para Samaria, terra dos samaritanos, onde pregava os ensinamentos de Jesus, operando prodígios, como cura de enfermos e desobsessões (At 8:4 a 8), aprovadas por inúmeras pessoas (veja Tema 13). Durante a sua pregação, Filipe conhece Simão, o mago que mantinha convivência amigável com os samaritanos (At 8:9), os quais supunham ser ele

[...] alguma espécie de emanção divina, alguma fagulha do amor divino, conforme se poderia expressar pelo neoplatonismo ou alguma forma de estoicismo metafísico. [...] Sem dúvida nenhuma, Simão Mago modificava um tanto a forma de expressão dessa doutrina, adaptando-a à religião dos samaritanos, na qual o nome de *Yaweh* era considerado como o grande Deus, tal como sucedia também entre os judeus.

Parece, porém, que o poder superior de Filipe, bem como os muitos milagres por ele praticados, eclipsaram a glória de Simão [...].<sup>2</sup>

## 14.1 SIMÃO, O MAGO (AT 8:9 A 25)<sup>3</sup>

<sup>9</sup>Ora, vivia há tempo, na cidade, um homem chamado Simão, o qual, praticando a magia, excitava a admiração do povo de Samaria e pretendia ser alguém importante. <sup>10</sup>Todos, do menor ao maior, lhe davam atenção, dizendo: “Este é o Poder de Deus, que se chama Grande”. <sup>11</sup>Davam-lhe atenção porque ele, por muito tempo, os fascinara com suas artes mágicas. <sup>12</sup>Quando, porém, acreditaram em Filipe, que lhes anunciara a Boa Nova do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, homens e mulheres faziam-se batizar. <sup>13</sup>O próprio Simão, também, acreditou. E, tendo recebido o batismo, estava constantemente com Filipe, admirando-se ao observar os sinais e grandes atos de poder que se realizavam. <sup>14</sup>Os apóstolos, que estavam em Jerusalém, tendo ouvido que a Samaria acolhera a palavra de Deus, enviaram-lhes Pedro e João. <sup>15</sup>Estes, descendo até lá, oraram por eles, a fim de que recebessem o Espírito Santo. <sup>16</sup>Pois não tinha caído ainda sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em nome do Senhor Jesus. <sup>17</sup>Então começaram a impor-lhes as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo. <sup>18</sup>Quando Simão viu que o Espírito era dado pela imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, <sup>19</sup>dizendo: “Dai-me também a mim este poder, para que receba o Espírito Santo todo aquele a quem eu impuser as mãos”. <sup>20</sup>Pedro, porém, replicou: “Pereça o teu dinheiro,

e tu com ele, porque julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus!”

<sup>21</sup>Não terás parte nem herança neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. <sup>22</sup>Arrepende-te, pois, desta maldade tua e ora ao Senhor, para que te possa ser perdoado este pensamento do teu coração; <sup>23</sup>pois eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniquidade. <sup>24</sup>Simão respondeu: “Rogai vós por mim ao Senhor, para que não me sobrevenha nada do que acabais de dizer”. <sup>25</sup>Então, tendo dado testemunho e anunciado a palavra do Senhor, eles voltaram a Jerusalém, evangelizando muitos povoados dos samaritanos.

Para melhor compreender o papel exercido por Simão, o mago, que é citado nesta passagem dos *Atos dos apóstolos*, é importante recordar algumas informações a respeito dos magos e da prática da magia, amplamente utilizada pelos povos da Antiguidade. Os magos eram figuras conhecidas, citados tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. Integravam uma classe social constituída, em geral, por pessoas sábias e estudiosas da Astronomia e das forças da Natureza. Praticavam a magia, condição que, supostamente, os conduziria ao domínio das forças naturais,<sup>4</sup> utilizando como instrumentos de ação: “[...] encantamentos, exorcismos, filtros e talismãs, por meio dos quais o mago se comunica com as forças naturais ou celestiais ou infernais, convencendo-as a obedecer-lhe. [...]”<sup>4</sup>

A magia é de origem oriental e difundiu-se no Ocidente no período greco-romano [...]. Circulou mais ou menos ocultamente durante a Idade Média e voltou a agir às claras durante o Renascimento, período em que, muitas vezes foi considerada complemento da filosofia, ou seja, como parte desta que possibilita agir sobre a natureza e dominá-la.

[...]

Com o progresso da ciência, elimina-se o pressuposto da magia, que é animismo, retirando-se as bases da estratégia de assalto em que ela se consistia. [...]. Portanto, no mundo moderno a magia desapareceu completamente dos horizontes da ciência e da filosofia. [...].<sup>4</sup>

As forças movimentadas pelos magos, também denominados feiticeiros ou xamãs, produziam dois tipos de efeitos: os benéficos, conhecidos como *magia branca*, e os maléficos ou *magia negra*.<sup>5</sup> Obviamente, havia entre eles os falsos magos, ou charlatães. De qualquer forma, os magos “[...] atribuem sua capacidade a animais, objetos da natureza e espíritos. Mas o seu poder, às vezes extraordinário, também reside em forças psíquicas especiais inconscientes no sentido da psicologia profunda e da parapsicologia. [...]”<sup>5</sup>

Do ponto de vista bíblico, “a magia e a feitiçaria são tentativas de influenciar indivíduos e acontecimentos por meios sobrenaturais ou ocultos. Podem ser associados com alguma forma de adivinhação [...]”<sup>6</sup>

A magia é universal, e pode ser “negra” ou “branca”. A magia negra tenta produzir resultados maus por intermédio de métodos tais como maldições, fascínios, destruição de bonecos representando o inimigo alvejado, e a aliança com maus espíritos. Frequentemente toma a forma de feitiçaria. A magia branca procura desfazer as maldições e fascínios, e empregar forças ocultas para o bem-estar próprio ou dos outro. [...].<sup>6</sup>

Todas as religiões existentes na Terra utilizavam (ou ainda utilizam) práticas mágicas. Acredita-se, inclusive, que muito dos antigos ritos do Judaísmo

[...] eram apenas adaptações de formas mágicas comuns dos povos semitas. Apesar de os hebreus terem criado uma teologia mais refinada, resultante do monoteísmo, deve-se salientar que o sistema sacrificial deles diferia bem pouco do sistema comum dos babilônios e outros povos semitas. [...].<sup>7</sup>

Como ilustração, apresentamos, em seguida, exemplos de povos que utilizavam as artes mágicas:

1) A MAGIA DOS MEDOS E DOS PERSAS: os medos e os persas eram tribos de origem ariana, conhecidas como indo-europeias, que se estabeleceram no planalto iraniano, ambas se organizando como impérios: “Os medos, nos fins do século VI a.C., em sua religião oficial, incorporavam antigos elementos de magia. Os magos tornaram-se figuras poderosas no império, e a política da nação foi influenciada por eles [...]”<sup>8</sup> Esses povos desenvolveram uma religião denominada *zoroastrismo* que envolvia o uso sistemático da magia. Na Pérsia (atualmente Irã/Iran), o zoroastrismo existia desde o século VI a.C. e “[...] esteve pesadamente envolvido com as artes mágicas. O zoroastrismo mágico foi reinstalado como religião oficial nos tempos dos partas. [...]”<sup>9</sup>

2) A MAGIA DOS PARTAS: o império Parta ou Parto (247 a.C.–224 d.C.) foi uma das principais potências políticas e culturais iranianas da Antiguidade: “As leis e a religião deles eram muito influenciadas pelo culto dos magos. Muitos deles se converteram ao zoroastrismo, e suas formas religiosas eram altamente sincretistas”<sup>10</sup>

Todas as manifestações de magia envolviam ritos, encantamentos, presságios, orações, leitura de textos sagrados religiosos, classificados em três tipos básicos: a) *práticas comuns* – o indivíduo fazia o que o mago ou sábio ordenasse, após a consulta realizada; b) *cerimoniais* – envolviam rituais específicos, conforme a cerimônia (nascimento, casamento, comemorações gerais); c) *práticas mistas*, isto é, combinava-se a magia prática,

usual, com rituais empregados em cerimônias – aqui, há o acréscimo de encantamentos e agouros, acompanhados ou não de ritos sacrificiais, invocação de divindades, de Espíritos, das forças da Natureza e cósmicas etc. Nessas ocasiões, os magos pronunciavam orações e/ou faziam declarações enfáticas por acreditarem serem elas revestidas de poder que atrairiam os poderes superiores.<sup>11</sup>

3) A MAGIA EGÍPCIA: era utilizada para promover o bem-estar dos vivos (encarnados) e a segurança dos mortos ou desencarnados na vida do Além-Túmulo. Os egípcios raramente usavam a magia para fazer o mal. Entendiam que era um dom concedido pelo deus sol.<sup>12</sup>

[...] No Egito, a magia era a exploração dos poderes miraculosos ou ocultos, por métodos cuidadosamente especificados para atingir finalidades que de outro modo não podiam ser alcançadas.

Magia e religião eram intimamente associadas no Egito, e no tangente ao fato que a “sociedade” cobria principalmente relações entre homem e homem, e a “religião” cobria relações entre a deidade e a humanidade – os poderes mágicos encontravam aplicação em ambas as esferas. [...].<sup>13</sup>

4) A MAGIA ASSÍRIO-BABILÔNICA: era prática comum no cotidiano desses povos a exploração dos poderes ocultos ou sobrenaturais, condição que remonta aos sumérios, três milênios a.C.<sup>14</sup> As práticas priorizavam o bem das pessoas, voltadas mais para o livramento de aflições, como enfermidades. Entretanto, existiam magos denominados feiticeiros que praticavam a “magia negra”, os quais eram muito temidos por considerarem os seus encantamentos poderosos. Os assírios e os babilônicos possuíam, inclusive, uma espécie de “manual” de ritos e encantamentos, denominado *shurpu*, frequentemente utilizado pelos exorcistas.<sup>14</sup>

Os magos ou feiticeiros eram, portanto, encontrados não somente entre os judeus, como relata o texto de *Atos* (8:9 a 25), a respeito do mago Simão, que gozava de prestígio não só na Samaria, mas também junto a alguns povos gentílicos. Assim, no Antigo Testamento, encontramos citações relacionadas ao assunto, por exemplo: em *Gênesis*, 30:14 a 18, consta que as mulheres utilizavam mandrágoras para garantir a concepção como forma de prática mágica. A mandrágora é uma planta herbácea, originária da Eurásia, que apresenta flores na forma de sino e frutos amarelos, carnosos e aromáticos que, ingeridos, causam efeitos afrodisíacos e conceptivos. A tradição informa que a força descomunal de Sansão residia nos seus longos cabelos (livro dos *Juízes*, capítulos 13 a 16).<sup>15</sup> Não devemos esquecer também de José, judeu radicado no Egito, pessoa muito próxima ao faraó, que foi um mestre na

arte da adivinhação,<sup>16</sup> conforme consta em *Gênesis* (44:4, 5 e 15): “[...] Por meio dessa técnica, eram obtidos presságios para interpretação mediante a observação do movimento ou da configuração de gotas de azeite sobre a água posta num copo.”<sup>16</sup>

Retornando ao texto de *Atos*, percebe-se que o mago Simão desfrutava de boas relações com os samaritanos (v. 9 a 10), utilizando a magia como fonte de renda, como era o usual. Com a chegada de Filipe, a situação mudou, pois o diácono, além de pregar a Boa-Nova do Reino de Deus e falar sobre Jesus, também operava prodígios (curas e desobsessões), sem nada receber em troca (v. 11 a 13), prática comum na Casa do Caminho, de onde ele viera:

O povo se alegrou com os benefícios desinteressados que passou a receber por meio do Evangelho, ali levado por Filipe. Quanto a Simão, concluímos que era um médium, usando a sua mediunidade para satisfação de seus interesses materiais. Ele simboliza o médium interesseiro, abundante ainda hoje no campo do Espiritismo, esquecido que a mediunidade é um dom sagrado da Espiritualidade Superior; o médium recebe de graça para a iluminação e consolo da humanidade, e de graça deve ser exercido.<sup>17</sup>

Percebe-se que o mago Simão, *a priori*, não agia de má-fé, quando recebia algum benefício pela prática da magia, pois este era o costume, entretanto os ensinamentos do Evangelho de Jesus e, posteriormente, os da Doutrina Espírita, vieram para orientar o ser humano quanto à sua melhoria moral, aperfeiçoando hábitos e costumes, inclusive a forma de utilização dos dons do Espírito, concedidos por Deus para o bem da Humanidade. Daí Allan Kardec destacar a importância da gratuidade da mediunidade:

Os médiuns modernos – pois os apóstolos também tinham mediunidade – igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, visto que não são fruto de *suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais*. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique deserdado dela e possa dizer: não tive fé, porque não pude pagá-la; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles que choro, porque sou pobre. É por isso que a mediunidade não é um privilégio e se encontra por toda parte. Cobrar por ela seria, pois, desviá-la do seu objetivo providencial.<sup>18</sup>

O batismo realizado por Filipe (v. 13) é outro ponto que se destaca na narrativa de Lucas, ora sob estudo. O batismo era a forma explícita de o crente comprovar sua conversão religiosa: “[...] O batismo era uma cerimônia exterior pela qual se demonstrava abandonar as crenças antigas,

passando-se a viver de acordo com a nova doutrina que se abraçava. Todas as seitas que se constituíram ao influxo das palavras evangélicas o adotaram. [...]”.<sup>19</sup> Tal simbolismo, assim como outras práticas de culto externo, perderá a razão de ser, à medida que a fé cega for substituída pela fé raciocinada, adquirida pela aquisição de conhecimentos que conduzem o indivíduo à reflexão e à análise. Nesse sentido, o Espiritismo, como filosofia religiosa, não preconiza a adoção de qualquer prática de culto externo ou uso de vestimentas e paramentos, nem adota o sistema de hierarquia sacerdotal, ao contrário, orienta os seus adeptos a compreenderem, em espírito e verdade, os ensinamentos imortais do Evangelho de Jesus e os princípios orientadores do Espiritismo.

Segundo *Atos* (8:13), o mago Simão acreditou nos ensinamentos transmitidos por Filipe, a ponto de pedir-lhe que o batizasse, ainda que o que mais lhe produzia admiração fossem os sinais operados pelo evangelista, a fim de acompanhá-lo por toda parte. O texto de *Atos* informa também que as atividades doutrinárias de Filipe repercutiram fora da Samaria, alcançando Jerusalém, fazendo que Pedro e João se deslocassem até a região dos samaritanos (v. 14), atendendo a solicitações:

Chamavam os Apóstolos não só para que verificassem a obra evangélica que se realizava fora de Jerusalém, mas também para que transmitissem o Espírito Santo, a mediunidade que desabrochava entre os novos profítentes [...].<sup>19</sup>

Com a chegada dos dois apóstolos, verificou-se que ocorria manifestação mediúnica entre alguns convertidos sempre que Pedro fazia imposição das mãos: “Então começaram a impor-lhes as mãos, e eles recebiam o Espírito Santo” (At 8:17). Tal ocorrência estimulou a cobiça do mago Simão que ofereceu dinheiro aos apóstolos, para que nele também desabrochasse a mediunidade (At 8:18): “Quando Simão viu que o Espírito era dado pela imposição das mãos dos apóstolos, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: ‘Dai-me também a mim este poder, para que receba o Espírito Santo todo aquele a quem eu impuser as mãos’”.

Simão não se converte pelo coração, pelo sentimento; curva-se simplesmente diante dos fatos que ele não sabe explicar. Tal sucede com grande número de adeptos do Espiritismo: não o sentem no coração; correm simplesmente atrás dos fenômenos, ante os quais travam discussões estéreis.<sup>19</sup>

Percebendo a declarada cobiça do mago Simão, Pedro reage imediatamente e o admoesta. Aparentemente, o mago Simão revela-se arrependido, como consta em *Atos* (8:20 a 24):

Pedro, porém, replicou: “Pereça o teu dinheiro, e tu com ele, porque julgaste poder comprar com dinheiro o dom de Deus!” Não terás parte nem herança neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Arrepende-te, pois, desta maldade tua e ora ao Senhor, para que te possa ser perdoado este pensamento do teu coração; pois eu te vejo na amargura do fel e nos laços da iniquidade”. Simão respondeu: “Rogai vós por mim ao Senhor, para que não me sobrevenha nada do que acabais de dizer”.

O que se deduz é que o mago Simão não teria absorvido o aspecto moral da prática mediúnica, sendo até possível que nem entendeu o significado da mediunidade como dom do Espírito, acostumado que se achava com as manifestações da magia:

O interesse de Simão era fazer da mediunidade uma fonte de renda; Pedro lhe percebe as intenções, concita-o a extirpar do coração tão indigno desejo, que poderá conduzi-lo a sofrimentos.<sup>20</sup>

Os dois discípulos retornam a Jerusalém para prosseguirem nos compromissos assumidos na Casa do Caminho com a obra de evangelização: “Então, tendo dado testemunho e anunciado a palavra do Senhor, eles voltaram a Jerusalém, evangelizando muitos povoados dos samaritanos” (At 8:25).

## 14.2 FILIPE BATIZA UM EUNUCO (AT 8:26 A 40)<sup>21</sup>

<sup>26</sup>O Anjo do Senhor disse a Filipe: “Levanta-te e vai, por volta do meio-dia, pela estrada que desce de Jerusalém a Gaza. A estrada está deserta”. <sup>27</sup>Ele se levantou e partiu. Ora, um etíope, eunuco e alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia, que era superintendente de todo o seu tesouro, viera a Jerusalém para adorar <sup>28</sup>e voltava. Sentado na sua carruagem, estava lendo o profeta Isaías. <sup>29</sup>Disse então o Espírito a Filipe: “Adianta-te e aproxima-te da carruagem”. <sup>30</sup>Filipe correu e ouviu que o eunuco lia o profeta Isaías. Então perguntou-lhe: “Entendes o que estás lendo?” <sup>31</sup>“Como o poderia, disse ele, se alguém não me explicar?” Convidou então Filipe a subir e sentar-se com ele. <sup>32</sup>Ora, a passagem da Escritura que estava lendo era a seguinte: *Como ovelha foi levado ao matadouro; e como cordeiro, mudo ante aquele que o tosquia, assim ele não abre a boca.* <sup>33</sup>*Na sua humilhação foi-lhe tirado o julgamento. E a sua geração, quem é que vai narrá-la? Porque a sua vida foi eliminada da terra.* <sup>34</sup>Dirigindo-se a Filipe, disse o eunuco: “Eu te pergunto, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de outro?” <sup>35</sup>Abrindo então a boca, e partindo deste trecho da Escritura, Filipe anunciou-lhe a Boa Nova de Jesus. <sup>36</sup>Proseguindo pelo caminho, chegaram aonde havia água. Disse então o eunuco: “Eis aqui a água. Que impede que eu seja batizado?” <sup>38</sup>E mandou parar a carruagem. Desceram ambos à água, Filipe e o eunuco. E Filipe o batizou. <sup>39</sup>Quando subiram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe, e o eunuco não mais o viu.

Mas prosseguiu na sua jornada com alegria. <sup>40</sup>Quanto a Filipe, encontrou-se em Azoto. E, passando adiante, anunciava a Boa Nova em todas as cidades que atravessava, até que chegou a Cesareia.

Esta passagem de *Atos dos apóstolos* revela que Filipe, conhecido como o evangelista – e um dos sete diáconos da Casa do Caminho (6:1 a 6) –, possuía diferentes dons mediúnicos, além dos de cura e de desobsessão, citados no item anterior. Aqui, em *Atos* (8:26), vemos a manifestação da mediunidade audiente ou de audiência, conceituada em *O livro dos médiuns* como uma mediunidade de efeitos intelectuais, cujos médiuns ouvem, efetivamente, os Espíritos, distinguindo-os claramente das “[...] pessoas que imaginam ouvir o que só existe na sua imaginação”.<sup>22</sup> Assim, um Espírito orienta a Filipe ir até a estrada de Jerusalém para Gaza, onde encontraria um etíope eunuco e alto funcionário da rainha Candace, da Etiópia, que fora a Jerusalém para adorar a Deus (At 8:26 e 27). A intenção do Espírito comunicante era que o etíope conhecesse o Evangelho de Jesus, como de fato ocorreu com a intervenção de Filipe (At 8:28 a 35) que, ao falar de Jesus e dos seus ensinamentos, o etíope foi profundamente tocado e pediu a Filipe que o batizasse, convertendo-se ao Cristianismo (At 8:36 a 38). Destaca-se que, antes da conversão propriamente dita, o etíope já possuía uma base monoteísta, tanto que viajara a Jerusalém para adorar a Deus no Templo. Tanto é verdade que ele lia uma passagem do profeta *Isaías*, 53, possivelmente retirada da tradução da *Septuaginta*,<sup>23</sup> quando Filipe o encontrou na estrada e conversaram a respeito do significado da citação do grande profeta hebreu (At 8:30 a 33).

Foi assim que a difusão do Cristianismo alcançou, pouco a pouco, outras nacionalidades. Mas para que tal fato se concretize, no passado, no presente e no futuro, não podemos dispensar a cooperação dos que já possuem o entendimento necessário, assim como aconteceu com Filipe em relação ao etíope. Emmanuel esclarece a respeito:

#### **Cooperação<sup>24</sup>**

*E ele respondeu: Como poderei entender se alguém me não ensinar? (Atos, 8:31.)*

Desde a vinda de Jesus, o movimento de educação renovadora para o bem é dos mais impressionantes no seio da Humanidade.

Em toda parte, ergueram-se templos, divulgaram-se livros portadores de princípios sagrados.

Percebe-se em toda essa atividade a atuação sutil e magnânima do Mestre que não perde ocasião de atrair as criaturas de Deus para o Infinito Amor. Desse



quadro bendito de trabalho destaca-se, porém, a cooperação fraternal que o Cristo nos deixou, como norma imprescindível ao desdobramento da iluminação eterna do mundo.

Ninguém guarde a presunção de elevar-se sem o auxílio dos outros, embora não deva buscar a condição parasitária para a ascensão. Referimo-nos à solidariedade, ao amparo proveitoso, ao concurso edificante. Os que aprendem alguma coisa sempre se valem dos homens que já passaram, e não seguem além se lhes falta o interesse dos contemporâneos, ainda que esse interesse seja mínimo.

Os apóstolos necessitaram do Cristo que, por sua vez, fez questão de prender os ensinamentos, de que era o divino emissário, às antigas leis.

Paulo de Tarso precisou de Ananias para entender a própria situação.

Observemos o versículo acima, extraído dos *Atos dos apóstolos*. Filipe achava-se despreocupado, quando um anjo do Senhor o mandou para o caminho que descia de Jerusalém para Gaza. O discípulo atende e aí encontra um homem que lia a Lei sem compreendê-la. E entram ambos em santificado esforço de cooperação.

Ninguém permanece abandonado. Os mensageiros do Cristo socorrem sempre nas estradas mais desertas. É necessário, porém, que a alma aceite a sua condição de necessidade e não despreze o ato de aprender com humildade, pois não devemos esquecer, através do texto evangélico, que o mendigo de entendimento era o mordomo-mor da rainha dos etíopes, superintendente de todos os seus tesouros. Além disso, ele ia de carro e Filipe, a pé.

Tudo indica que o encontro entre Filipe e o eunuco etíope ocorreu em desdobramento espiritual, seguindo-se de materialização, pois, após o batismo, consta em *Atos* (8:39) que Filipe foi arrebatado e desapareceu da vista do recém-convertido. O desdobramento espiritual é um fenômeno anímico, denominado *emancipação da alma* ou *bicorporeidade* pelo Espiritismo. Nessas condições, o corpo físico da pessoa encontra-se adormecido em um local – no caso de Filipe, ele estava na Samaria – quando, “Estando desprendido da matéria, de acordo com o seu grau de elevação, o Espírito pode tornar-se tangível à matéria”.<sup>25</sup>

Posteriormente, Filipe retira-se da Samaria, mas prossegue com a pregação do Evangelho, operando sinais mediúnicos em outras cidades, como Azoto (At 8:40): “forma alternativa de Asdode”,<sup>26</sup> palavra que, no hebraico significa “[...] *fortaleza* ou *assedeador*. Essa era uma das mais importantes cidades dos filisteus (ver 1Sm 6:17), localizada à beira do mar Mediterrâneo ou próxima do mesmo, a oeste de Jerusalém, em um cume relvado, quase a meio caminho entre Gaza e Jope”.<sup>27</sup> Saindo de Azoto, Filipe, “[...] passando adiante, anunciava a Boa Nova em todas as cidades que atravessava, até que chegou a Cesareia” (At 8:40).

Cesareia (do grego *pertencente a César*), mais especificamente conhecida como *Cesareia da Palestina* ou *Cesareia do Mar* é “nome de uma cidade da costa da Palestina, situada cerca de 45 km ao sul de Carmelo. Foi construída por Herodes, o Grande, no lugar da antiga cidade denominada Torre de Estrato. Demorou doze anos a sua construção, de 25-13 a.C.”<sup>28</sup>. Essa cidade, cujo nome foi uma homenagem de Herodes ao imperador Augusto César, veio a se tornar a capital romana na Palestina.

[...] O Evangelho a alcançou por meio de Filipe que faz ali a sua residência, At 8:40; 21:8. Paulo, logo depois de convertido, correu o risco de ser morto pelos judeus em Jerusalém. Os irmãos o conduziram a Cesareia, de onde partiu para Tarso, sua pátria, na Ásia Menor, 9:30. Morava ali o centurião Cornélio, a quem Pedro foi enviado para anunciar o Evangelho, inaugurando assim a entrada dos gentios na igreja, 10:1-24; 11:11. Ali morreu Herodes Agripa no ano 44 d.C. [...].<sup>28</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. *Atos*, cap. 8, it. 8,9, p. 208.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:9-25, p. 1915.
- 4 ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. verbete: Magia, p. 636.
- 5 BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Edwino Royer. 1 ed. São Paulo: Paulus, 1990. verbete: Magia, p. 176.
- 6 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Magia e Feitiçaria, p. 813.
- 7 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário da bíblia Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Magia e Feitiçaria, it. IV – Informes históricos, p. 1009.
- 8 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário da bíblia Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. Os Medos e os Persas, p. 1009.

- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário da bíblia Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. O zoroastrismo, p. 1009.
- 10 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário da bíblia Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. Os partas, p. 1009.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário da bíblia Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. Suas técnicas, p. 1009 e 1010.
- 12 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Magia e Feitiçaria, p. 813.
- 13 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Magia Egípcia, p. 815.
- 14 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Magia Assírio-Babilônica, p. 817.
- 15 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: A Bíblia tolera a magia?, p. 815.
- 16 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: A magia egípcia na Bíblia, p. 816 e 817.
- 17 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 36, p. 253.
- 18 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 26, it.7.
- 19 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 36, p. 254.
- 20 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 36, p. 255.
- 21 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:26-40, p. 1916.
- 22 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 16, it. 190, subit. Médiuns audientes.
- 23 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 8:32-33. Nota de rodapé “d”, p. 1916.
- 24 XAVIER, Francisco Candido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 175 – *Cooperação*.

- 25 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 7, it. 119, perg. 2.
- 26 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Azoto, p. 166.
- 27 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Asdode, p. 143.
- 28 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cesareia, p. 250.

# REVOLTA DE SAULO CONTRA O CRISTO. VOCAÇÃO DE SAULO. PREGAÇÃO DE SAULO EM DAMASCO (AT 9:1 A 25)

Com a morte de Abigail, Saulo de Tarso deixa-se envolver por dois sentimentos antagônicos que o corroíam intimamente: o remorso e a revolta. O primeiro, relacionava-se à forma como tratara a sua amada noiva:

[...] Profundamente abatido, procurava remédio para as mágoas íntimas, na contemplação da paisagem que Abigail tanto amara. Como triste consolo ao coração desesperado, buscava inteirar-se das preocupações da morta nos últimos tempos e, de olhos úmidos, ouvia as referências carinhosas de Ruth a tudo que se relacionava com a morta querida. Acusava a si próprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la à enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. [...].<sup>1</sup>

O segundo sentimento, a revolta, era dirigida a Jesus, deixando-se levar por este tipo de pensamento:

[...] Entretanto, não podia esquecer que devia todas as coincidências penosas àquele Cristo crucificado, que não pudera compreender. Por que topava, em tudo, traços do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espírito voluntarioso detestava? [...].<sup>2</sup>

## 15.1 REVOLTA DE SAULO CONTRA O CRISTO (AT 9:1 E 2)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Saulo, respirando ainda ameaças de morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. <sup>2</sup>Foi pedir-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de poder trazer para Jerusalém, presos, os que lá encontrasse pertencendo ao Caminho, quer homens, quer mulheres.

Saulo se deixou levar por mágoa insana contra Jesus, trazendo a alma cada vez mais saturada de amarguras, alimentada por pensamentos doentios:

[...] Desde a primeira controvérsia na igreja do “Caminho”, nunca mais conseguira passar um dia sem encontrá-lo na fisionomia de algum transeunte, na admoestação dos amigos, na documentação oficial das suas diligências punitivas, na boca dos míseros prisioneiros. Estêvão expirara falando nele com amor e júbilo; Abigail nos últimos instantes consolava-se em recordá-lo e o exortava a segui-lo. Por todo esse acervo de considerações que se lhe represavam na mente exausta, Saulo de Tarso galvanizara o ódio pessoal ao Messias escarnecido. [...].<sup>4</sup>

O remorso e a revolta dilaceravam o coração do jovem doutor da lei, fornecendo combustível para desenvolver processos de vingança que, de acordo com as ideias perturbadas e perturbadoras de Saulo, estariam defendendo a causa judaica definida na legislação de Moisés:

[...] Agora que se encontrava só, inteiramente liberto de preocupações particulares, de natureza afetiva, buscaria concentrar esforços na punição e corretivo de quantos encontrasse transviados da Lei. Julgando-se prejudicado pela difusão do Evangelho, renovaria os processos da perseguição infamante. Sem outras esperanças, sem novos ideais, já que lhe faltavam os fundamentos para constituir um lar, entregar-se-ia de corpo e alma à defesa da Lei de Moisés, preservando a fé e a tranquilidade dos compatriotas.<sup>4</sup>

Saulo decide, então, que deveria ampliar as perseguições aos cristãos onde quer que eles se encontrassem: em Jerusalém, nas diferentes localidades do território judeu e nas terras gentílicas, para onde muitos deles fugiram. No íntimo, mantinha o firme propósito de localizar Ananias, o responsável direto pela conversão de Abigail que, segundo fora informado, ele vivia em Damasco. Com estas e outras ideias em mente, Saulo pede autorização ao sumo sacerdote (At 9:1), convoca as autoridades religiosas do Sinédrio e lhes apresenta o seguinte plano, como esclarece Emmanuel:

– Amigos – declarou ciosamente –, há tempos nos reunimos para examinar o caráter da luta religiosa que se criara em Jerusalém com as atividades dos asseclas do carpinteiro de Nazaré. Felizmente, nossa intervenção chegou a tempo de evitar grandes males, dada a argúcia dos falsos taumaturgos exportados da Galileia. À custa de grandes esforços, a atmosfera desanuviou-se. [...]. A chamada igreja do “Caminho” restringiu suas atividades à assistência aos enfermos desamparados. Nossos bairros mais humildes estão em paz. Voltou a serenidade aos nossos afazeres no Templo. Entretanto, não se pode afirmar o mesmo quanto às cidades vizinhas. Minhas consultas às autoridades religiosas de Jope e Cesareia dão a conhecer os distúrbios que os adeptos do Cristo vêm provocando, acintosamente, com prejuízo sério para a ordem pública. Não somente nesses núcleos precisamos desenvolver a obra saneadora, mas, ainda agora, chegam-me notícias alarmantes de Damasco, a requererem providências imediatas. Localizam-se ali perigosos elementos. Um velho, chamado Ananias,

lá está perturbando a vida de quantos necessitam de paz nas sinagogas. Não é justo que o mais alto tribunal da raça se desinteresse das coletividades israelitas noutros setores. Proponho, então, estendermos o benefício dessa campanha a outras cidades. Para esse fim, ofereço todos os meus préstimos pessoais, sem ônus para a casa a que servimos. Bastar-me-á, tão só, o necessário documento de habilitação, a fim de acionar todos os recursos que me pareçam acertados, inclusive o da própria pena de morte, quando a julgue necessária e oportuna.<sup>4</sup>

O plano de perseguição de Saulo foi aprovado pelos religiosos que lhe concede a documentação necessária para agir fora de Jerusalém (At 9:2):

De posse das cartas de habilitação para agir convenientemente, em cooperação com as sinagogas de Damasco, aceitou a companhia de três varões respeitáveis, que se ofereceram a acompanhá-lo na qualidade de servidores muito amigos.<sup>4</sup>

Poucos dias depois, a pequena caravana se deslocou para Damasco, passando pela extensa planície da Síria, mas Saulo não prestava atenção em nada à sua volta, fixado intimamente em suas recordações amargas e penosas.<sup>4</sup>

## 15.2 VOCAÇÃO DE SAULO (AT 9:3 A 19)<sup>5</sup>

<sup>3</sup>Estando ele em viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente uma luz vinda do céu o envolveu de claridade. <sup>4</sup>Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: “Saul, Saul, por que me persegues?” <sup>5</sup>Ele perguntou: “Quem és, Senhor?” E a resposta: “Eu sou Jesus, a quem tu estás perseguindo. <sup>6</sup>Mas levanta-te, entra na cidade, e te dirão o que deves fazer”. <sup>7</sup>Os homens que com ele viajavam detiveram-se, emudecidos de espanto, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. <sup>8</sup>Saul ergueu-se do chão. Mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Conduzindo-o, então, pela mão, fizeram-no entrar em Damasco. <sup>9</sup>Esteve três dias sem ver, e nada comeu nem bebeu. <sup>10</sup>Ora, vivia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor lhe disse em visão: “Ananias!” Ele respondeu: “Estou aqui, Senhor!” <sup>11</sup>E o Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por alguém de nome Saulo, de Tarso. Ele ora <sup>12</sup>e acaba de ver um homem chamado Ananias entrar e lhe impor as mãos, para que recobre a vista”. <sup>13</sup>Ananias respondeu: “Senhor, ouvi de muitos, a respeito deste homem, quantos males fez a teus santos em Jerusalém. <sup>14</sup>E aqui está com autorização dos chefes dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome”. <sup>15</sup>Mas o Senhor insistiu: “Vai, porque este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos israelitas. <sup>16</sup>Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome”. <sup>17</sup>Ananias partiu. Entrou na casa, impôs sobre ele as mãos e disse: “Saul, meu irmão, o Senhor me enviou, Jesus, o mesmo que te apareceu no caminho por onde vinhas. É para que recuperes a vista e fiques repleto do Espírito Santo”. <sup>18</sup>Logo caíram-lhe dos olhos umas

como escamas, e recuperou a vista. Recebeu, então, o batismo <sup>19</sup>e, tendo tomado alimento, sentiu-se reconfortado.

Emmanuel informa que Saulo e os três amigos já se encontravam na estrada de Damasco (At 9:3), nas proximidades da cidade, quando,

Em dado instante, todavia, quando mal despertara das angustiosas cogitações, sente-se envolvido por luzes diferentes da tonalidade solar. Tem a impressão de que o ar se fende como uma cortina, sob pressão invisível e poderosa. Intimamente, considera-se presa de inesperada vertigem após o esforço mental, persistente e doloroso. Quer voltar-se, pedir o socorro dos companheiros, mas não os vê, apesar da possibilidade de suplicar o auxílio.

– Jacó!... Demétrio!... Socorram-me!... – grita desesperadamente.

Mas a confusão dos sentidos lhe tira a noção de equilíbrio e tomba do animal, ao desamparo, sobre a areia ardente. A visão, no entanto, parece dilatar-se ao infinito. Outra luz lhe banha os olhos deslumbrados, e no caminho, que a atmosfera rasgada lhe desvenda, vê surgir a figura de um homem de majestática beleza, dando-lhe a impressão de que descia do céu ao seu encontro. Sua túnica era feita de pontos luminosos, os cabelos tocavam nos ombros, à nazarena, os olhos magnéticos, imanados de simpatia e de amor, iluminando a fisionomia grave e terna, onde pairava uma divina tristeza.<sup>6</sup>

Atordado, Saulo não tem a mínima noção do que estava acontecendo, ignorando, inclusive, que aquele seria o momento decisivo da sua existência, quando, na estrada de Damasco, Jesus lhe aparece (At 9:4 e 5). Emmanuel prossegue em seu emocionante relato, transmitindo a beleza e o significado do sublime encontro entre o perseguido e o perseguidor:

O doutor de Tarso contemplava-o com espanto profundo, e foi quando, numa inflexão de voz inesquecível, o desconhecido se fez ouvir:

– Saulo!... Saulo!... por que me persegues?

O moço tarsense não sabia que estava instintivamente de joelhos. Sem poder definir o que se passava, comprimiu o coração numa atitude desesperada. Incoercível sentimento de veneração apossou-se inteiramente dele. Que significava aquilo? De quem o vulto divino que entrevia no painel do firmamento aberto e cuja presença lhe inundava o coração precípito de emoções desconhecidas?

Enquanto os companheiros cercavam o jovem genuflexo, sem nada ouvirem nem verem, não obstante haverem percebido, a princípio, uma grande luz no alto, Saulo interrogava em voz trêmula e receosa:

– Quem sois vós, Senhor?

Aureolado de uma luz balsâmica e num tom de inconcebível doçura, o Senhor respondeu:

– Eu sou Jesus!...<sup>6</sup>



A força do Amor, consubstanciada no Cristo, rompeu os grilhões do mal que insistiam fazer morada no coração do erudito fariseu, libertando-o definitivamente dos sentimentos inferiores que tanto acalentava. Como se o tempo tivesse parado, repentinamente Saulo se vê envolvido por uma lúcida compreensão que, a todo custo, recusara e combatera incessantemente:

[...] Os pregadores do “Caminho” não estavam iludidos! A palavra de Estêvão era a verdade pura! A crença de Abigail era a senda real. Aquele era o Messias! A história maravilhosa da sua ressurreição não era um recurso lendário para fortificar as energias do povo. Sim, ele, Saulo, via-o ali no esplendor de suas glórias divinas! E que amor deveria animar-lhe o coração cheio de augusta misericórdia, para vir encontrá-lo nas estradas desertas, a ele, Saulo, que se arvorara em perseguidor implacável dos discípulos mais fiéis!... Na expressão de sinceridade da sua alma ardente, considerou tudo isso na fugacidade de um minuto. Experimentou invencível vergonha do seu passado cruel. Uma torrente de lágrimas impetuosas lavava-lhe o coração. Quis falar, penitenciar-se, clamar suas infundas desilusões, protestar fidelidade e dedicação ao Messias de Nazaré, mas a contrição sincera do espírito arrependido e dilacerado embargava-lhe a voz.

Foi quando notou que Jesus se aproximava e, contemplando-o carinhosamente, o Mestre tocou-lhe os ombros com ternura dizendo com inflexão paternal:

– Não recalcitres contra os aguilhões!...<sup>6</sup>

As lições do Senhor chegam sempre nos momentos mais oportunos da vida: perante o sublime encontro com Jesus, Saulo quis dizer muitas coisas ao Senhor, mas, agora, quando a verdade lhe alcança a alma, sentia necessidade de se penitenciar pelos erros cometidos e de demonstrar fidelidade a Jesus. No entanto, não conseguiu articular qualquer som, pois achava-se envolvido de grande emoção e pela dor do arrependimento, as quais lhe compungiam a alma dilacerada.<sup>6</sup> Tudo compreendendo, Jesus diz-lhe, incisivamente: – *Não recalcitres contra os aguilhões!*...

Imediatamente Saulo sai daquele estado de emoções desenfreadas, recompõe-se ao absorver a admoestação do Mestre Nazareno. Ele compreendeu, perfeitamente, que precisava se erguer do vale de sombras que mergulhara por iniciativa própria e que seria necessário aprender com os próprios erros, a fim de se fortalecer na prática do bem. Contudo, somente a divina presença de Jesus lhe concedeu a devida lucidez:

Saulo compreendeu. Desde o primeiro encontro com Estêvão, forças profundas o compeliavam a cada momento, e em qualquer parte, à meditação dos novos ensinamentos. O Cristo chamara-o por todos os meios e de todos os modos.

[...]

O moço de Tarso soluçava. Ante a expressão doce e persuasiva do Messias Nazareno, considerava o tempo perdido em caminhos escabrosos e ingratos. Doravante necessitava reformar o patrimônio dos pensamentos mais íntimos; a visão de Jesus ressuscitado, aos seus olhos mortais, renovava-lhe integralmente as concepções religiosas. Certo, o Salvador apiedara-se do seu coração leal e sincero, consagrado ao serviço da Lei, e descera da sua glória estendendo-lhe as mãos divinas. Ele, Saulo, era a ovelha perdida no resvaladouro das teorias escaldantes e destruidoras. Jesus era o Pastor amigo que se dignava fechar os olhos para os espinheiros ingratos, a fim de salvá-lo carinhosamente. Num ápice, o jovem rabino considerou a extensão daquele gesto de amor. As lágrimas brotaram-lhe do coração amargurado, como a linfa pura, de uma fonte desconhecida. Ali mesmo, no santuário augusto do espírito, fez o protesto de entregar-se a Jesus para sempre. Recordou, de súbito, as provações rígidas e dolorosas. A ideia de um lar morrera com Abigail. Sentia-se só e acabrunhado. Doravante, porém, entregar-se-ia ao Cristo, como simples escravo do seu amor. E tudo envidaria para provar-lhe que sabia compreender o seu sacrifício, amparando-o na senda escura das iniquidades humanas, naquele instante decisivo do seu destino. Banhado em pranto, como nunca lhe acontecera na vida, fez, ali mesmo, sob o olhar assombrado dos companheiros e ao calor escaldante do meio-dia, a sua primeira profissão de fé.

– Senhor, que quereis que eu faça?<sup>6</sup>

A indagação de Saulo repercute no tempo e no espaço, concedendo-nos o entendimento de que, a despeito das nossas imperfeições, das faltas cometidas contra a Lei de Deus, não devemos recalcitrar contra os aguilhões, pois estes são, justamente, mecanismos divinos que reparam as nossas infrações contra a Lei de Amor:

O caminho evolutivo está sempre repleto de aguilhões.

De outro modo, não enxergaríamos a porta redentora.

[...]

[...] A riqueza e a pobreza, a fealdade e a formosura, o sofrimento e a luta são aguilhões ou oportunidades instituídos pelo Cristo, a benefício dos homens.

Cada existência e cada pessoa tem a sua dificuldade particular, simbolizando ensejo bendito.

Analisa a tua vida, situa os teus aguilhões e não te voltes contra eles.

Se um espírito da grandeza de Paulo de Tarso não podia recalcitrar, imagina o que se pedirá de nosso esforço.<sup>7</sup>

Parcialmente refeito, Saulo retorna à realidade do plano físico, percebendo que não enxergava; pede auxílio aos perplexos companheiros de viagem que não entenderam a razão do abundante choro da autoridade religiosa, do diálogo dele com as sombras<sup>8</sup> e da sua repentina cegueira – a

despeito de também terem ouvido uma voz, mas não encontraram pessoa alguma – (At 9:7), pouco antes de Saulo cair no chão e ali se manter genuflexo, em choro convulso. Conduzido pelas mãos, Saulo entra em Damasco permanecendo cego por três dias, sem nada comer e beber, relata *Atos* (9:8 e 9). Todavia, esclarece Emmanuel, Saulo aparentava tranquilidade e aguardava, pois não esquecera a resposta do Senhor quando lhe perguntara o que deveria fazer: “Levanta-te, Saulo! Entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer!...”<sup>8</sup>

Os companheiros de viagem estavam preocupados com o estado de Saulo, que além de estar cego não ingeria qualquer alimento. Dialogando entre si, concluíram que ocorrera uma ruptura na mente de Saulo, uma espécie de delírio, causado pela longa viagem e o sol causticante. Entenderam que o rabino estava doente, atingido por algum tipo de febre que alcança os que viajam pelo deserto. Somente o estado de delírio poderia justificar o diálogo que ele tivera com as sombras, a cegueira e não querer alimentar. Entretanto, Jonas, um dos companheiros, ponderou que, devido a experiência que possuía com as consequências da marcha a sol a pino, o doente cai desfalecido, tombado sob febre poderosa que não lhe permite fazer nada, chorar, delirar ou conversar com alguém invisível.<sup>8</sup> Jonas conclui sua fala, afirmando:

[...] Aqui, porém, observamos o padrão como se estivesse a conversar com um homem invisível para nós. Reluto em aceitar essa hipótese, mas estou desconfiado de que, em tudo isso, haja sinal dos sortilégios do “Caminho”. Os seguidores do carpinteiro sabem processos mágicos que estamos longe de compreender. Não ignoramos que o doutor se consagrou à tarefa de persegui-los onde se encontrem. Quem sabe planejaram contra ele alguma vingança cruel? Ofereci-me para vir a Damasco, a fim de fugir dos meus parentes, que parecem seduzidos por essas doutrinas novas. Onde já se viu curar a cegueira de alguém com a simples imposição das mãos? Entretanto, meu irmão curou-se com o famoso Simão Pedro. Só a feitiçaria, a meu ver, esclarecerá essas coisas. Vendo tantos fatos misteriosos, em minha própria casa, tive medo de Satanás e fugi.<sup>8</sup>

Saulo, por sua vez, ao ouvir a conversa e a aflição dos companheiros de viagem, revelou, emocionado às lágrimas, que se encontrava cego após ter visto Jesus Nazareno.<sup>8</sup> Em seguida, apresentando comportamento humilde e respeitoso, muito diferente da forma que agia anteriormente, dispensou os auxiliares, pedindo-lhes, ao final da conversa: “[...] façam como quiserem, pois, até agora, vocês eram meus servos, mas, de ora em diante, eu também sou escravo, não mais me pertenço a mim mesmo”.<sup>8</sup>

Ante aquela voz humilde e triste, Jacó começou a chorar. Tinha plena convicção de que Saulo enlouquecera. Chamou os dois companheiros à parte e explicou:

– Vocês voltarão para Jerusalém com a triste nova, enquanto me dirijo à cidade próxima, com o doutor, a providenciar da melhor forma. Levá-lo-ei aos seus amigos e buscaremos o socorro de algum médico... Noto-o extremamente perturbado...

O jovem rabino cientificou-se das deliberações quase sem surpresa. Conformou-se passivamente com a resolução do servo. Naquela hora, submerso em trevas densas e profundas, tinha a imaginação repleta de conjeturas transcendentais. A cegueira súbita não o afligia. Do âmbito daquela escuridão que lhe enchia os olhos da carne, parecia emergir o vulto radioso de Jesus, aos seus olhos de Espírito. Era justo que cessassem as suas percepções visuais, a fim de conservar, para sempre, a lembrança do glorioso minuto de sua transformação para uma vida mais sublime.

Saulo recebeu as observações de Jacó com a humildade de uma criança. Sem uma queixa, sem resistência, ouviu o trotar da caravana que regressava, enquanto o velho servidor lhe oferecia o braço amigo, tomado de infinitos receios.<sup>8</sup>

Em *Atos* (9:10 a 19), Lucas relata a estadia de Saulo em Damasco, o auxílio recebido de Ananias (aquele mesmo Ananias que havia conduzido Abigail ao Cristianismo), que o curou da cegueira, sob as vibrações diretas de Jesus. Importa destacar este trecho de *Atos*, 9:10 a 12, referente à cura da cegueira de Saulo: Jesus aparece à visão mediúnica de Ananias e o envia a Saulo (v. 10), indicando onde ele se encontrava (v. 11) e como ocorreria a cura (v. 12):

Ora, vivia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor lhe disse em visão: “Ananias!” Ele respondeu: “Estou aqui, Senhor!” E o Senhor prosseguiu: “Levanta-te, vai pela rua chamada Direita e procura, na casa de Judas, por alguém de nome Saulo, de Tarso. Ele ora e acaba de ver um homem chamado Ananias entrar e lhe impor as mãos, para que recobre a vista”.

Percebe-se, aqui, duas visões mediúnicas operadas pelo Senhor: uma sobre Ananias (v. 10 e 11) e outra sobre Saulo que, durante o momento de oração, viu Ananias chegar até ele, lhe impor as mãos e o curar da cegueira (v. 12). Foram manifestações mediúnicas ocorridas paralelamente, mas ao mesmo tempo.

A despeito de expor a Jesus os seus receios em relação a Saulo (v. 13 e 14), Ananias atende prontamente o Senhor (v. 15), vai até o local indicado por Ele e realiza a cura da cegueira, procedendo exatamente como Saulo captara na visão mediúnica (v. 17 e 18).

Na leitura dessa passagem de *Atos*, Emmanuel destaca a importância da cooperação, assim se expressando:

Esta particularidade dos *Atos dos apóstolos* reveste-se de grande beleza para os que desejam compreensão do serviço com o Cristo.

Se o Mestre aparecera ao rabino apaixonado de Jerusalém, no esplendor da luz divina e imortal, se lhe dirigira palavras diretas e inolvidáveis ao coração, por que não terminou o esclarecimento, recomendando-lhe, ao invés disso, entrar em Damasco, a fim de ouvir o que lhe convinha saber? É que a lei da cooperação entre os homens é o grande e generoso princípio, através do qual Jesus segue, de perto, a Humanidade inteira, pelos canais da inspiração.

O Mestre ensina os discípulos e consola-os através deles próprios. Quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influência, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e justo.

Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto dos homens.<sup>9</sup>

Escamas caem dos olhos de Saulo (At 9:18), após a doação fluídica transmitida por Ananias em nome de Jesus, libertando-o da cegueira física. Esta foi, efetivamente necessária para que ele pudesse enxergar espiritualmente, com clareza, a mensagem do Cristo. A partir daquele momento, já convertido ao Cristianismo (At 9:20), o vaidoso fariseu e culto doutor da lei, pessoa de destaque no Sinédrio, a ponto de ocupar a vaga deixada pelo valoroso Gamaliel no tribunal judaico, transforma-se em devotado discípulo de Jesus, que, no espaço de uma única reencarnação transformou-se em um dos mais importantes defensores do Evangelho. Saulo, que se transforma em Paulo, é o admirável batalhador do Evangelho que executou a missão que lhe estava destinada às custas de sacrifícios, renúncias, e, sobretudo, muito amor, cumprindo as proféticas palavras de Jesus a seu respeito, transmitidas pelo Senhor a Ananias:

[...] este homem é para mim um instrumento de escol para levar o meu nome diante das nações pagãs, dos reis, e dos israelitas. Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe é preciso sofrer em favor do meu nome (*Atos*, 9:15 e 16).

Emmanuel nos faz ver, a propósito, que

Os homens esperam por Jesus e Jesus espera igualmente pelos homens.

Ninguém acredite que o mundo redima sem almas redimidas.

O Mestre, para estender a sublimidade do seu programa salvador, pede braços humanos que o realizem e intensifiquem. [...].<sup>10</sup>

O Espírito benfeitor prossegue em suas anotações:

[...] Começou o apostolado, buscando o concurso de Pedro e André, formando, em seguida, uma assembleia de doze companheiros para atacar o serviço da regeneração planetária.

E, desde o primeiro dia da Boa-Nova, convida, insiste e apela, junto das almas, para que se convertam em instrumentos de sua Divina Vontade, dando-nos a perceber que a redenção procede do Alto, mas não se concretizará entre as criaturas sem a colaboração ativa dos corações de boa vontade.

Ainda mesmo quando surge, pessoalmente, buscando alguém para a sua lavoura de luz, qual aconteceu na conversão de Paulo, o Mestre não dispensa a cooperação dos servidores encarnados. Depois de visitar o doutor de Tarso, diretamente, procura Ananias, enviando-o a socorrer o novo discípulo.

Por que razão Jesus se preocupou em acompanhar o recém-convertido, assistindo-o em pessoa? É que, se a Humanidade não pode iluminar-se e progredir sem o Cristo, o Cristo não dispensa os homens na obra de soerguimento e sublimação do mundo.<sup>10</sup>

### 15.3 PREGAÇÃO DE SAULO EM DAMASCO (AT 9:19 A 25)<sup>11</sup>

<sup>19</sup>Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco <sup>20</sup>e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que ele é o Filho de Deus. <sup>21</sup>Todos os que o ouviam ficavam estupefatos e diziam: “Mas não é este o que devastava em Jerusalém os que invocavam esse nome, e veio para cá expressamente com o fim de prendê-los e conduzi-los aos chefes dos sacerdotes?” <sup>22</sup>Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. <sup>23</sup>Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si como matá-lo. <sup>24</sup>Mas Saulo teve conhecimento dessa trama. Vigiam até as portas da cidade, de dia e de noite, para o matarem. <sup>25</sup>Então os discípulos, uma noite, fizeram-no descer pela muralha, oculto num cesto.

Convertido ao Cristianismo, Paulo inicia a sua missão de pregador do Evangelho, não temendo as desconfianças dos cristãos que ainda o viam como perseguidor. Somente o passar do tempo e a sua firme persistência desmontariam as dúvidas dos discípulos de Jesus a seu respeito. Isso não ocorreu de uma hora para outra, mesmo que Lucas tenha registrado neste texto de *Atos* (9:19 e 20), ora sob análise: “Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que ele é o Filho de Deus”.

Na verdade, entre a conversão de Saulo e o início da sua pregação passaram-se anos, como registra esta nota da *Bíblia de Jerusalém*, lembrando

uma citação precisa do próprio Paulo, em *Gálatas* (1:17 e 18): “três anos, durante este tempo, estive na Arábia. *Lucas* simplifica os fatos”.<sup>12</sup>

Emmanuel informa que após a conversão de Saulo ao Cristianismo, ele foi batizado por Ananias (At 9:18) e se retirou para o deserto, onde tecia redes para a sua subsistência, uma vez que amigos e familiares o repudiaram, assim que souberam que ele se tornara cristão. Em Damasco, logo após a intercessão de Ananias, procurou pelo amigo Sadoque, chefe da Sinagoga da cidade, que o desprezou, deixando-o entregue à própria sorte.<sup>13</sup> Iniciava assim os amargos desafios que marcaram aquela existência física de Saulo. Naqueles momentos iniciais da conversão, quem mais o amparou e lhe esclareceu a respeito dos ensinamentos de Jesus foi Ananias. Juntos, lembraram de Abigail, o amor da sua vida, a sua inesquecível noiva.<sup>13</sup>

Em *Atos* (9:21) consta que Paulo inicia a sua pregação em Damasco, causando grande impacto: de um lado, porque ele ainda era visto como o implacável perseguidor dos cristãos, por outro, porque o seu verbo realmente era poderoso, surpreendendo, como registra *Atos* (9:22): “Saulo, porém, crescia mais e mais em poder e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo”. Os eloquentes pronunciamentos de Paulo provocaram grande alvoroço entre os judeus que, então, planejaram matá-lo, a fim de silenciá-lo. Nessas condições, foi auxiliado por alguns cristãos, que o esconderam e o ajudaram a fugir da cidade, segunda esta descrição de Lucas: “Então os discípulos, uma noite, fizeram-no descer pela muralha, oculto num cesto” (At 9:25).

Entretanto, é importante destacar, essa referência de *Atos dos apóstolos* teria acontecido, efetivamente, após os três anos que Saulo vivera no deserto da Arábia, como estudaremos no Tema 16. Há, realmente, um hiato de três anos nesta passagem de *Atos*, 9:19 a 25. Tudo indica que, após a sua conversão e cura da cegueira por Ananias, ocorreu esta sequência de acontecimentos: ele procura Sadoque (ou Sadoc) o chefe da sinagoga de Damasco e amigos, sendo repudiado; inicia-se perseguição a ele quando começa a pregar em Damasco, seja entre os cristãos ou nas sinagogas; fuga para o deserto, com auxílio direto de Ananias, ali permanecendo cerca de três anos.

Como fechamento deste estudo transcrevemos, para nossa reflexão, as seguintes considerações de Emmanuel:

O socorro concedido a Paulo de Tarso oferece, porém, ensinamento profundo. Antes de recebê-lo, o ex-perseguidor rende-se incondicionalmente ao Cristo;

penetra a cidade, em obediência à recomendação divina, derrotado e sozinho, revelando extrema renúncia, onde fora aplaudido triunfador. Acolhido em hospedaria singela, abandonado de todos os companheiros, confiou em Jesus e recebeu-lhe a sublime cooperação.

É importante notar, contudo, que o Senhor, utilizando a instrumentalidade de Ananias, não lhe cura senão os olhos, restituindo-lhe o dom de ver. Paulo sente que lhe caem escamas dos órgãos visuais e, desde então, oferecendo-se ao trabalho do Cristo, entra no caminho do sacrifício, a fim de extrair, por si mesmo, as demais escamas que lhe obscureciam as outras zonas do ser.

Quanto lutou e sofreu Paulo, a fim de purificar os pés, as mãos, a mente e o coração?

Trata-se de pergunta digna de ser meditada em todos os tempos. Não te esqueças, pois, de que na luta diária poderás encontrar os Ananias da fraternidade, em nome do Mestre; aproximar-se-ão, compassivos, de tuas necessidades, mas não olvides que o Senhor apenas permite que te devolvam os olhos, a fim de que, vendo claramente, retifiques a vida por ti mesmo.<sup>14</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:1-2, p. 1916.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:3-19, p. 1916 e 1917.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 150 – *Aguilhões*.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 1ª pt., cap. 10 – *No caminho de Damasco*.



- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 1. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 39 – *Entra e coopera*.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 17 – *Cristo e nós*.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:19-25, p. 1917 e 1918.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:23. Nota de rodapé “f”, p. 1917.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 1 – *Rumo ao deserto*.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 149 – *Escamas*.

## SAULO DE TARSO, O CRISTÃO. VISITA DE SAULO A JERUSALÉM. PERÍODO DE TRANQUILIDADE. PEDRO CURA UM PARALÍTICO EM LIDA. PEDRO RESSUSCITA UMA MULHER EM JOPE (AT 9:26 A 43)

Com a sua conversão ao Cristianismo, Saulo é abandonado pelos religiosos judeus, amigos e familiares, sendo, porém, amparado por Ananias e demais cristãos de Damasco onde ele se encontrava. A sua conversão foi considerada traição pelos judeus que, sob a orientação de Sadoc (ou Sadoque), chefe da sinagoga local, planejaram a sua morte. Saulo foi obrigado a se esconder e, na primeira oportunidade, fugiu da cidade, sobre a proteção dos discípulos de Jesus.

### SAULO DE TARSO, O CRISTÃO

No espaço de tempo situado entre a fuga de Saulo de Damasco, após a sua conversão ao Cristianismo, e o seu retorno à cidade, transcorreram três anos. Contudo, ao fazer a leitura da narrativa de *Atos dos apóstolos* (9:19 a 25), sobretudo entre os versículos 21 e 22, estudados no Tema anterior, percebe-se que há um corte na sequência dos acontecimentos, visto que os anos em que Saulo viveu no deserto da Arábia foram omitidos. É o próprio Saulo quem informa o que lhe aconteceu nos anos compreendidos entre a sua fuga de Damasco até a viagem a Jerusalém, objeto deste estudo, como consta no seguinte texto da *Epístola aos gálatas* (1:11 a 24):

Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo. Ouvistes certamente da minha conduta no

judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus e como progredia no judaísmo, mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas. Quando, porém, aquele que me separou *desde o seio materno* e me *chamou* por sua graça, houve por bem revelar em mim seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas [Simão Pedro] e fiquei com ele quinze dias. Não vi a nenhum apóstolo, mas somente Tiago [filho de Alfeu], o irmão do Senhor. Em seguida, fui às regiões da Síria e da Cilícia. De modo que, pessoalmente, eu era desconhecido às igrejas da Judeia que estão em Cristo. Apenas ouviam dizer: *quem outrora nos perseguia agora evangeliza a fé que antes devastava, e por minha causa glorificavam a Deus.*

Em síntese, a sequência dos acontecimentos, a partir dessas informações de *Gálatas* é esta: Saulo foge de Damasco, logo após a sua conversão ao Cristianismo; permanece no deserto da Arábia por três anos; retorna a Damasco, onde “Saulo esteve alguns dias com os discípulos em Damasco e, imediatamente, nas sinagogas, começou a proclamar Jesus, afirmando que ele é o Filho de Deus.” (At 9:19 e 20); foge novamente de Damasco e viaja para Jerusalém, onde se apresenta não mais como um culto e proeminente fariseu, mas como humilde e dedicado cristão.

Na sua primeira fuga de Damasco, Saulo buscou o deserto da Arábia, escapando daqueles que lhe desejavam a morte. Ele foi entregue à própria sorte, sentindo-se profundamente solitário, mas, ao mesmo tempo, abençoado, pois encontrou naquela localidade amigos verdadeiros:

[...] Ele próprio surpreendia-se com o sabor de intimidade com que as expressões lhe afloravam aos lábios. Agora compreendia que a palavra “irmão”, largamente usada entre os adeptos do “Caminho”, não era fútil e vã. [...] Nunca mais esqueceria os irmãos de Damasco.

No dia imediato, contratando um serviçal indicado pelo estalajadeiro, Saulo de Tarso, ao amanhecer, embora surpreendesse o dono da casa com o seu ânimo resolutivo, pôs-se a caminho da cidade famosa, situada num oásis em pleno deserto.

Nas primeiras horas da manhã, saíam das portas de Damasco dois homens modestamente trajados, à frente de pequeno camelo carregado das necessárias provisões.

Saulo fizera questão de partir assim, a pé, de modo a iniciar a vida com rigores que lhe seriam sumamente benéficos mais tarde. Não viajaria mais na qualidade de doutor da Lei, rodeado de servos, mas sim como discípulo de Jesus, adstrito aos seus programas. Por esse motivo, considerou preferível viajar como beduíno, para aprender a contar, sempre, com as próprias forças. Sob o calor

calcinante do dia, sob as bênçãos refrigeradoras do crepúsculo, seu pensamento estava fixo naquele que o chamara do mundo para uma vida nova. As noites do deserto, quando o luar enche de sonho a desolação da paisagem morta, são tocadas de misteriosa beleza. Sob as frondes de alguma tamareira solitária, o convertido de Damasco aproveitava o silêncio para profundas meditações. O firmamento estrelado tinha, agora, para seu espírito, confortadoras e permanentes mensagens. Estava convicto de que sua alma havia sido arrebatada a novos horizontes, porque, através de todas as coisas da Natureza, parecia receber o pensamento do Cristo que lhe falava carinhosamente ao coração.<sup>1</sup>

O livro *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, fornece excelentes informações a respeito da vida de Saulo após a sua conversão, complementando as anotações de Lucas. Em relação ao assunto, ora estudado neste Tema 16, sugerimos a leitura dos capítulos I – *Rumo ao deserto*, II – *O tecelão* e III – *Lutas e humilhações* da Segunda parte, os quais descrevem a estadia de Saulo no deserto e a sua vida de tecelão de redes, oportunidades abençoadas que lhe ensinaram a domar o seu espírito impetuoso, estudar o Evangelho e refletir a respeito dos ensinamentos de Jesus. Espírito inquebrantável e lúcido, compreendeu, desde o início da sua conversão que para servir à Causa do Cristo ele deveria transformar o orgulho em humildade; lembrar dos erros do passado como lições preciosas, mas sempre seguindo a orientação que Jesus lhe transmitira de *não recalcitrar contra o aguilhão*, quando o Mestre percebera que o ácido do remorso lhe corroía intimamente o ser:

Em vez dos sentimentos de remorso e perplexidade em face do passado culposo; da saudade e desalento que, às vezes, lhe ameaçavam o coração, sentia agora radiosas promessas no espírito renovado, sem poder explicar a sagrada origem de tão profundas esperanças. Não obstante as singulares alterações fisionômicas que a vida, o regime e o clima do deserto lhes produziram, entrou em Damasco com alegria sincera na alma agora devotada, absolutamente, ao serviço de Jesus.<sup>1</sup>

Retorna a Damasco depois do aprendizado adquirido no deserto, e é com imenso júbilo que reencontra os irmãos em Cristo que ali deixara três anos atrás. Abraçava a todos com amizade, dedicando especial afeto a Ananias, o seu protetor e mestre dos primeiros momentos:

[...] O respeitável ancião retribui-lhe o carinho com imensa bondade. Desta vez, o ex-rabino não precisou insular-se em uma pensão entre desconhecidos, porque os irmãos do “Caminho” lhe ofereceram franca e amorosa hospitalidade. [...] Saulo foi informado de todas as novidades atinentes à doutrina, experimentando os primeiros efeitos do choque entre os judeus e os amigos do Cristo, a propósito da circuncisão. Seu temperamento apaixonado percebeu

a extensão da tarefa que lhe estava reservada. Os fariseus formalistas da sinagoga, não mais se insurgiam contra as atividades do “Caminho”, desde que o seguidor de Jesus fosse, antes de tudo, fiel observador dos princípios de Moisés. Somente Ananias e alguns poucos perceberam a sutileza dos casuístas que provocavam deliberadamente a confusão em todos os setores, atrasando a marcha vitoriosa da Boa-Nova redentora. O ex-doutor da Lei reconheceu que, na sua ausência, o processo de perseguição tornara-se mais perigoso e mais imperceptível, porquanto, às características cruéis, mas francas, do movimento inicial, sucediam as manifestações de hipocrisia farisaica, que, a pretexto de contemporização e benignidade, mergulhariam a personalidade de Jesus e a grandeza de suas lições divinas em criminoso e deliberado olvido. [...].<sup>2</sup>

Saulo decide, então, pregar na sinagoga de Damasco a respeito do assunto, declarando a pouca importância que a circuncisão deveria representar para o verdadeiro religioso. O seu verbo inspirado provocou significativo impacto nos ouvintes, que agora o reconheciam como o ex-rabino. Estabelecido o tumulto, seguiram-se ameaças de perseguição e morte, mas Saulo saiu de cabeça erguida, sem que alguém ousasse dele se aproximar. Infelizmente, algum tempo depois os religiosos judeus realizaram uma devassa na cidade, atrás dos cristãos, aprisionando, inclusive, o idoso Ananias por 24 horas, depois de aplicar-lhes 20 bastonadas. Mais uma vez Saulo deve ir embora da cidade para não criar maiores problemas aos seus irmãos de fé. Sendo assim, e sob a proteção dos discípulos de Jesus, conseguiu esconder-se e fugir da cidade<sup>2</sup>: “[...] uma noite, fizeram-no descer pela muralha, oculto num cesto” (At 9:25). Foi quando tomou a decisão de viajar a Jerusalém:

Do outro lado, saiu lesto do cesto, deixando-se empolgar por estranhos pensamentos. Seria justo fugir assim? Não havia cometido crime algum. Não seria covarde deixar de comparecer perante a autoridade civil para os esclarecimentos necessários? Ao mesmo tempo, considerava que sua conduta não provinha de sentimentos pueris e inferiores, pois ia a Jerusalém desassombrado, buscava avistar-se com os antigos companheiros, falar-lhes-ia abertamente, concluindo que também não seria razoável entregar-se inerte ao fanatismo tirânico da Sinagoga de Damasco.<sup>2</sup>

## 16.1 VISITA DE SAULO A JERUSALÉM. PERÍODO DE TRANQUILIDADE (AT 9:26 A 31)<sup>3</sup>

<sup>26</sup>Tendo chegado a Jerusalém, tentava associar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não acreditando que fosse, de fato, discípulo. <sup>27</sup>Então Barnabé tomou-o consigo, levou-o aos apóstolos e contou-lhes como, no caminho, Saulo vira o Senhor, o qual lhe dirigiu a palavra; e com que intrepidez, em Damasco, falara no nome de Jesus. <sup>28</sup>Daí por diante, ia e vinha entre eles, em Jerusalém,

falando com intrepidez no nome do Senhor.<sup>29</sup>Dirigia-se também aos helenistas e discutia com eles, os quais, porém, projetavam tirar-lhe a vida.<sup>30</sup>Tendo-o sabido, os irmãos conduziram-no até Cesareia, de lá enviando-o para Tarso.<sup>31</sup>Entretanto, as Igrejas gozavam de paz em toda a Judeia, Galileia e Samaria. Elas se edificavam e andavam no temor do Senhor, repletas da consolação do Espírito Santo.

Emmanuel informa que, antes de Saulo chegar a Jerusalém, passou por Cafarnaum, ali permanecendo por dois dias:

[...] Sem revelar-se procurou Levi [Mateus], que o recebeu de boa vontade. Mostrou-lhe sua dedicação e conhecimento do Evangelho, falou da oportunidade de suas anotações. O filho de Alfeu [Mateus era irmão de Tiago] alegrou-se ao contágio daquela palavra inteligente e confortadora. Saulo viveu em Cafarnaum horas deliciosas para o seu espírito emotivo. Fora ao local das pregações do Mestre; mais adiante, a casinha de Simão Pedro; além, a coletoria onde o Mestre fora chamar Levi para o desempenho de importante papel entre os Apóstolos. Abraçou homens fortes, da localidade, que tinham sido cegos e leprosos, curados pelas mãos misericordiosas do Messias; foi a Dalmanuta, onde conheceu Madalena. Enriqueceu o mundo impressionante de suas observações, colhendo informes inéditos.

Daí a dias, depois de repousar em Nazaré, ei-lo às portas da cidade santa dos israelitas, extenuado de fadiga, das caminhadas penosas, das noites de vigília cujos sofrimentos muita vez lhe pareceram sem fim.<sup>4</sup>

*Atos* (9:26) relata que, ao tentar se aproximar dos cristãos, estes se afastavam de Saulo, temerosos, pois ainda recordavam como foram perseguidos por ele. Aparece, então, no cenário, a diplomática figura de Barnabé, discípulo que Lucas descreveu como “[...] sendo homem bom, cheio de Espírito Santo e de fé” (*At* 11:24), que conduz o ex-rabino Saulo aos apóstolos (*At* 9:27).

Antes de prosseguimos, é importante registrarmos algumas informações a respeito de Barnabé, o bondoso cristão helenista, um dos membros da Casa do Caminho: “Barnabé no aramaico e no hebraico “filho da consolação” [...]. Sobrenome de José, levita de Chipre, convertido ao Cristianismo, possuidor de um campo que vendeu e colocou o seu valor aos pés dos apóstolos, em Jerusalém, *At* 4:36-37”.<sup>5</sup> Barnabé teve significativa atuação em momentos decisivos na história do Cristianismo primitivo, revelando-se como pessoa ponderada e discreta, ser fiel amigo de Paulo, atuando juntos na evangelização dos gentios:

Quando os cristãos de Jerusalém receavam a vinda de Paulo, recém-convertido ao Cristianismo, Barnabé falou a seu favor, removendo as apreensões que havia contra ele, *At* 9:27. Quando chegou ao conhecimento dos crentes de Jerusalém que o Evangelho havia sido proclamado com grande êxito aos gregos e aos

judeus em Antioquia da Síria, a igreja [Casa do Caminho] enviou Barnabé para ajudar o trabalho ali, At 11:19 a 24. De Antioquia foi para Tarso, de onde levou Paulo, At 11:22 a 26. Mais tarde, os dois foram socorrer os irmãos em Jerusalém, que estavam sofrendo fome, At 11:27 a 30. [...].<sup>6</sup>

O encontro com os apóstolos e demais discípulos da Casa do Caminho foi, aos poucos, se harmonizando (At 9:28), sobretudo quando Saulo explicou-lhes que se convertera ao Cristianismo a partir do momento em que Jesus lhe aparecera na estrada de Damasco, para onde se dirigia para perseguir os cristãos (v. 27). Entretanto, Saulo procurou também contato com os judeus helenistas existentes em Jerusalém os quais não aprovaram Saulo, planejando, inclusive matá-lo (v. 29). Justifica-se essa atitude de Saulo de buscar os judeus helenistas porque ele próprio, também era oriundo de família judia helenista, de Tarso, antiga província grega dominada pelos romanos. Dessa forma, mais uma vez, ele foi obrigado a fugir, sendo auxiliado pelos irmãos de fé que o conduziram até Cesareia, de onde viajaria para Tarso, a sua terra natal (v. 30). Nessa época, a vida dos discípulos de Jesus estava mais tranquila em Jerusalém, assim como na Judeia, Galileia e Samaria (v. 31), a despeito do permanente desprezo das autoridades religiosas para com eles.

Emmanuel informa com mais detalhes que, durante a sua estadia em Jerusalém, Saulo procurou por alguns familiares e amigos. Viajou a Jope, onde vivia em uma granja o casal Zacarias e Ruth, queridos amigos que acolheu e adotou como filha Abigail, a sua inesquecível noiva, irmã de Estêvão/Jeziel que ele, Saulo, condenara e conduzira à morte. Lá chegando, descobriu que os amigos não viviam mais ali, e, ao pedir notícias deles, foi escorraçado, tratado como mendigo e expulso do local pelo novo proprietário.<sup>7</sup> Retorna a Jerusalém e decide procurar Alexandre, parente do sumo sacerdote Caifás, com quem desfrutara amizade e atividades no Sinédrio e no Templo. Alexandre não o reconhece de imediato, não só em razão das condições físicas de Saulo, resultantes do labor no deserto, mas também pelas suas vestimentas humildes. Após a identificação, Alexandre o trata com desprezo sobretudo quando Saulo confessa a sua conversão ao Cristianismo, acreditando que ele, o ex-rabino, era portador de enfermidade mental, como também assim pensavam os integrantes do Sinédrio e os demais religiosos judeus.<sup>11</sup> Saulo, porém, fala-lhe com convicção:

– No entanto, Alexandre – dizia o ex-rabino um tanto humilhado –, devo insistir na verdade. Vi com estes olhos o Messias de Nazaré; ouvi-lhe a palavra de viva voz. Compreendendo os erros em que vivia, na minha defeituosa concepção da fé, demandei o deserto. Lá estive três anos em serviço rude e

longas meditações. Minha convicção não é superficial. Creio, hoje, que Jesus é o Salvador, o Filho do Deus Vivo.<sup>7</sup>

Ante tal veemente declaração, o ex-amigo acreditou que Saulo estava, efetivamente, demente. Despede-o abruptamente, mas, transmite-lhe quais foram as consequências dos seus atos junto aos familiares, como seus pais e Dalila – a sua irmã – e aos amigos próximos:

– Pois tua enfermidade – repetia Alexandre altaneiro, modificando o diapasão da intimidade – transtornou a vida de toda a tua família. Envergonhados com as notícias chegadas da Síria, Jaques e Dalila mudaram-se de Jerusalém para a Cilícia. Quando soube da ordem de prisão lavrada pelo Sinédrio contra a tua pessoa, tua mãe faleceu em Tarso. Teu pai, que te educou com esmero, esperando da tua inteligência os maiores galardões de nossa raça, vive acabrunhado e infeliz. Teus amigos, cansados de suportar as ironias do povo, em Jerusalém, vivem esquivos e humilhados depois de te procurarem em vão. Não te doerá a visão deste quadro? Uma dor como esta não bastará para refazer-te o equilíbrio mental?<sup>7</sup>

## 16.2 PEDRO CURA UM PARALÍTICO EM LIDA (AT 9:32 A 35)<sup>8</sup>

<sup>32</sup>Aconteceu que Pedro, que se deslocava por toda parte, desceu também para junto dos santos que moravam em Lida. Encontrou ali um homem chamado Eneias, que havia oito anos estava de cama: era paralítico. <sup>34</sup>Pedro então lhe disse: “Eneias, Jesus Cristo te cura! Levanta-te e arruma teu leito”. Ele imediatamente levantou-se. <sup>35</sup>Viram-no todos os habitantes de Lida e da planície de Saron e se converteram ao Senhor.

Nestas duas passagens de *Atos dos apóstolos*, Lucas transmite informações das curas realizadas por Pedro, consideradas miraculosas. As notícias das curas, estudadas nos temas anteriores, foram difundidas por lugares cada vez mais remotos, atraindo multidões que diariamente chegavam em Jerusalém e arredores. Dia após dia aumentava-se o número de convertido ao Cristianismo, fato que incomodava em demasia as autoridades religiosas. Os apóstolos, em especial Simão Pedro, deslocavam-se com frequência para outras localidades, seja para atenderem as demandas locais resultantes da instalação das igrejas, seja para auxiliar os sofredores de toda sorte. O certo é que, cada vez mais o Evangelho alcançava as regiões mais distantes, na Palestina e fora desta, onde viviam os gentios, primeiro convertendo judeus que ali viviam, depois pessoas politeístas, destituídas de base religiosa monoteísta.

*Lida*, localidade citada no texto de *Atos* (9:32 a 35), era uma aldeia de Israel, situada cerca de 18 km de Jaffa. Atualmente, é denominada Lode ou



Lod, sendo considerada uma cidade mista, porque a sua população é formada de judeus e árabes mulçumanos.<sup>9</sup> A cidade é também um centro de turismo religioso pois, segundo a tradição católica, ali se encontra a tumba de São Jorge, ou Jorge de Lida (275–280 a 303 d.C.), conhecido como aquele que matou o dragão. Ele foi um soldado romano, do exército do imperador Diocleciano, venerado como um mártir cristão, pelo catolicismo do ocidente e do oriente, assim como pelo anglicanismo.<sup>10</sup>

### 16.3 PEDRO RESSUSCITA UMA MULHER EM JOPE (AT 9:36 A 43)<sup>11</sup>

<sup>36</sup>Ora, em Jope havia uma discípula, chamada Tabita, em grego Dorcas, notável pelas boas obras e esmolas que fazia. <sup>37</sup>Aconteceu que naqueles dias ela caiu doente e morreu. Depois de a lavarem, puseram-na na sala de cima. <sup>38</sup>Como Lida está perto de Jope, os discípulos, sabendo que Pedro lá se encontrava, enviaram-lhe dois homens com este pedido: “Não te demores em vir ter conosco”. <sup>39</sup>Pedro atendeu e veio com eles. Assim que chegou, levaram-no à sala superior, onde o cercaram todas as viúvas, chorando e mostrando túnicas e mantos, quantas coisas Dorcas lhes havia feito quando estava com elas. <sup>40</sup>Pedro, mandando que todas saíssem, pôs-se de joelhos e orou. Voltando-se então para o corpo, disse: “Tabita, levanta-te!” Ela abriu os olhos e, vendo Pedro, sentou-se. <sup>41</sup>Este, dando-lhe a mão, fê-la erguer-se. E chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva. <sup>42</sup>Espalhou-se a notícia por toda Jope, e muitos creram no Senhor. <sup>43</sup>Pedro ficou em Jope por mais tempo, em casa de certo Simão, que era curtidor.

Em Jope, Pedro faz Tabita (ou Dorcas), uma piedosa mulher, retornar à vida (v. 40 e 41), após a sua morte aparente. O fenômeno de morte aparente assemelha-se ao estado comatoso, usualmente denominado *letargia*: o indivíduo tem consciência do que ocorre à sua volta, mas é incapaz de manifestar qualquer reação motora ou verbalizar palavras.<sup>12</sup> Assemelha-se também ao Estado de Quase-morte (EQM) que, hoje, é estudado no meio científico. Em ambas as situações, letargia e EQM, o indivíduo não está efetivamente morto: o seu Espírito ainda permanece unido ao corpo físico pelo perispírito. O caso atendido por Pedro é semelhante, porém mais leve, à ressurreição de Lázaro, irmão de Maria e Marta, que Jesus fez retornar à vida, pois, aparentemente, Lázaro já se encontrava em fase avançada da letargia, com início de decomposição orgânica (Jo 11:1 a 29).

Emmanuel destaca o ato de auxiliar, mediado por Pedro, que não se resumia em apenas pregar o Evangelho, mas, também, em praticar o bem em todas as oportunidades:

### **Erguer e ajudar<sup>13</sup>**

*E ele, dando-lhe a mão [...], a levantou. (Atos, 9:41.)*

Muito significativa a lição dos *Atos*, quando Pedro restaura a irmã Dorcas para a vida.

Não se contenta o apóstolo em pronunciar palavras lindas aos seus ouvidos, renovando-lhe as forças gerais.

Dá-lhe as mãos para que se levante.

O ensinamento é dos mais simbólicos.

Observamos muitos companheiros a se reerguerem para o conhecimento, para a alegria e para a virtude, banhados pela divina claridade do Mestre, e que podem levantar milhares de criaturas para a Esfera Superior.

Para isso, porém, não bastará a predicação pura e simples.

O sermão é, realmente, um apelo sublime, do qual não prescindiu o próprio Cristo, mas não podemos esquecer que o Celeste Amigo, se doutrinou no monte, igualmente no monte multiplicou os pães para o povo esfamado, restabelecendo-lhe o ânimo.

Nós, os que nos achávamos mortos na ignorância, e que hoje, por acréscimo da Misericórdia Infinita, já podemos desfrutar algumas bênçãos de luz, precisamos estender o serviço de socorro aos demais.

Não nos desincumbiremos, porém, da tarefa salvacionista, simplesmente pronunciando alguns discursos admiráveis.

É imprescindível usar nossas mãos nas obras do bem.

Esforço dos braços significa atividade pessoal.

Sem o empenho de nossas energias, na construção do Reino Espiritual com o Cristo, na Terra, debalde alinharemos observações excelentes em torno das preciosidades da Boa-Nova ou das necessidades da redenção humana.

Encontrando o nosso irmão, caído na estrada, façamos o possível por despertá-lo com os recursos do verbo transformador, mas não olvidemos que, para trazê-lo de novo à vida construtiva, será indispensável, segundo a inesquecível lição de Pedro, estender-lhe fraternalmente as nossas mãos.

## **REFERÊNCIAS**

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 1 – *Rumo ao deserto*.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 3 – *Lutas e humilhações*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:26-31, p. 1918.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 3 – *Lutas e humilhações*.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Barnabé, p. 158.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Barnabé, p. 159.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 3 – *Lutas e humilhações*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:32-35, p. 1918.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Lida, p. 158.
- 10 LIDA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lida>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 9:36-43, p. 1918.
- 12 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. ilustr. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri, SP: 2000. verbete: Letargia lúcida, p. 1019.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 33 – *Erguer e ajudar*.

# PEDRO VAI À CASA DE UM CENTURIÃO ROMANO. DISCURSO DE PEDRO EM CASA DE CORNÉLIO. BATISMO DOS PRIMEIROS GENTIOS (AT 10:1 A 48)

Lucas transmite detalhes da conversão de Cornélio ao Cristianismo, um centurião romano que, de formação politeísta, acata a ideia de Deus Único e aceita Jesus como o Messias Divino. Realmente, não deixa de ser inusitado, pois Cornélio não era apenas uma autoridade do imperador César, mas um oficial com posto de destaque, visto que os centuriões eram “comandantes militares romanos que tinham sob suas ordens divisões de 100 soldados. [...]”.<sup>1</sup> Na verdade, existiram centuriões que se compadeciam dos cristãos, impedindo ou amenizando castigos ou os liberando de prisões: “Em *Atos*, vários centuriões são citados nos relatos sobre as prisões e os julgamentos de Paulo. No cap. 2:32, eles ajudaram a salvar o apóstolo da turba em Jerusalém. Em 22:25-26, evitaram que Paulo fosse açoitado, ao informar que era um cidadão romano. [...]”.<sup>1</sup>

Talvez o mais famoso e importante centurião na Bíblia seja Cornélio. *Atos*, 10 conta a história de sua conversão e o cap. 11:1 a 18 menciona Pedro diante dos judeus cristãos em Jerusalém para falar desse assunto. Esse evento desempenhou um grande papel na transformação do Cristianismo de uma seita exclusivamente judaica para uma religião multirracial. Cornélio era “piedoso e temente a Deus”, o que poderia significar que guardava a lei de Moisés, exceto a circuncisão. [...]”.<sup>1</sup>

O Cristianismo, como Movimento Cristão, surgiu inicialmente em Jerusalém, sendo praticado na Comunidade da Casa do Caminho, considerada a primeira igreja cristã do planeta que abrigava judeus, propriamente

ditos, e judeus helenistas convertidos. Posteriormente, em razão da declarada perseguição de Saulo de Tarso, muitos integrantes da Casa do Caminho fugiram para a Samaria, Judeia e Galileia, iniciando a segunda difusão do Evangelho. O terceiro movimento de difusão do Cristianismo alcançou as terras gentílicas, como Damasco e Cesareia, sendo esta última um centro romano de destaque, considerado a capital romana da Palestina:

Neste capítulo 10 do livro de *Atos* é que encontramos, pela primeira vez, uma missão *oficial* entre os gentios, embora seja possível, e até mesmo provável, que alguns puros gentios já se tivessem convertido a Cristo, antes dessa ocasião. Parece perfeitamente claro, entretanto, que o autor sagrado [Lucas] considerava esse episódio como representante do começo do avanço do evangelho em territórios puramente gentílicos.<sup>2</sup>

## 17.1 PEDRO VAI À CASA DE UM CENTURIÃO ROMANO (AT 10:1 A 33)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Vivia em Cesareia um homem chamado Cornélio, centurião da coorte itálica.

<sup>2</sup>Era piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa; dava muitas esmolas ao povo e orava a Deus constantemente. <sup>3</sup>Ele viu claramente, em visão, cerca da nona hora do dia, o Anjo do Senhor entrando em sua casa e chamando-o: “Cornélio!” <sup>4</sup>Fixando os olhos nele e cheio de temor, perguntou-lhe: “Que há, Senhor?” E o Anjo lhe disse: “Tuas orações e tuas esmolas subiram até a presença de Deus e ele se lembrou de ti. <sup>5</sup>Agora, pois, envia alguns homens a Jope e manda chamar Simão, cognominado Pedro. <sup>6</sup>Ele está hospedado em casa de certo Simão, curtidor, que se encontra junto ao mar”. <sup>7</sup>Assim que se retirou o Anjo que lhe falara, Cornélio chamou dois de seus empregados, bem como um soldado piedoso, daqueles que estavam a seu serviço, <sup>8</sup>explicou-lhes tudo e enviou-os a Jope. <sup>9</sup>No dia seguinte, enquanto caminhavam e estando já perto da cidade, Pedro subiu ao terraço da casa, por volta da sexta hora, para orar. <sup>10</sup>Sentindo fome, quis comer. Enquanto lhe preparavam alimento, sobreveio-lhe um êxtase. <sup>11</sup>Viu o céu aberto e um objeto que descia, semelhante a um grande lençol, baixado à terra pelas quatro pontas. <sup>12</sup>Dentro havia todos os quadrúpedes e répteis da terra, e aves do céu. <sup>13</sup>Uma voz lhe falou: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” <sup>14</sup>Pedro, porém, replicou: “De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!” <sup>15</sup>De novo, pela segunda vez, a voz lhe falou: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano”. <sup>16</sup>Sucedeu isto por três vezes, e logo o objeto foi recolhido ao céu. <sup>17</sup>Enquanto Pedro, no seu íntimo, hesitava sobre o significado da visão que tivera, os homens enviados por Cornélio, tendo perguntado pela casa de Simão, pararam junto à porta. <sup>18</sup>Chamaram e se informaram se era ali que se hospedava Simão, cognominado Pedro. <sup>19</sup>Entretanto, meditando ainda Pedro sobre a visão, disse-lhe o Espírito: “Alguns homens estão aí, à tua procura. <sup>20</sup>Desce, pois, e vai com eles sem

hesitação, porque fui eu que os enviei”.<sup>21</sup> Descendo então Pedro ao encontro desses homens, disse: “Aqui me tendes; sou eu a quem procurais. Qual o motivo da vossa vinda?”<sup>22</sup> E responderam: “O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, de quem toda a nação judaica dá bom testemunho, recebeu de um santo anjo o aviso para chamar-te à sua casa, para ouvir as palavras que tens a dizer”.<sup>23</sup> Convidando-os então a entrar, deu-lhes hospitalidade. No dia seguinte, levantou-se e partiu com eles. Alguns dos irmãos que eram de Jope acompanharam-no.<sup>24</sup> Mais um dia, e entrou em Cesareia. Cornélio estava aguardando-os, e tinha convidado seus parentes e amigos mais íntimos.<sup>25</sup> Quando Pedro estava para entrar, Cornélio saiu-lhe ao encontro e prostrou-se a seus pés, adorando-o.<sup>26</sup> Mas Pedro reergueu-o, dizendo: “Levanta-te, pois eu também sou apenas um homem”.<sup>27</sup> E, falando amigavelmente com ele, entrou. Encontrando muitos ali reunidos,<sup>28</sup> assim lhes falou: “Bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro.”<sup>29</sup> Por isso vim sem hesitar, logo que chamado. Pergunto, pois: Por que razão me chamastes?”<sup>30</sup> Cornélio respondeu: “Faz hoje três dias, por esta mesma hora, estava eu fazendo a oração pela hora nona em minha casa, quando diante de mim postou-se um homem de vestes resplandecentes.<sup>31</sup> E disse-me: ‘Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus.’<sup>32</sup> Manda, pois, alguém a Jope, a chamar Simão, cognominado Pedro. Ele está hospedado em casa de Simão, o curtidor, à beira-mar.”<sup>33</sup> Imediatamente mandei chamar-te, e tiveste a bondade de vir. Aqui estamos, pois, todos nós, diante de ti, para ouvir tudo o que te foi ordenado por Deus”.

Cornélio já possuía condições espirituais para seguir Jesus (*Atos*, 10:1 e 2): era pessoa piedosa, que orava a Deus e auxiliava os pobres, no entanto o que se destaca foi sua iniciativa de procurar Pedro, depois que ele teve uma visão mediúnica, assim registrada por Lucas em *Atos* (10:3 a 6):

Ele viu claramente, em visão, cerca da nona hora do dia, o Anjo do Senhor entrando em sua casa e chamando-o: “Cornélio!” Fixando os olhos nele e cheio de temor, perguntou-lhe: “Que há, Senhor?” E o Anjo lhe disse: “Tuas orações e tuas esmolas subiram até a presença de Deus e ele se lembrou de ti. Agora, pois, envia alguns homens a Jope e manda chamar Simão, cognominado Pedro. Ele está hospedado em casa de certo Simão, curtidor, que se encontra junto ao mar”.

Ato contínuo, Cornélio enviou uma comitiva a Jope – recordemos que Pedro se encontrava nessa cidade, onde trouxera Tabita, também chamada Dorcas (*At* 9:40 e 41), à vida, pois ela se encontrava em estado de quase morte ou letargia, como foi estudado no Tema anterior. Paralelamente a esses acontecimentos, Pedro entra em estado de êxtase (*At* 10:9 a 16) – um fenômeno de emancipação da alma caracterizado por desdobramento da consciência, que permite à pessoa desligar-se parcialmente do corpo físico

e entrar em estado de sonambulismo, situação que lhe faculta maior lucidez, sendo capaz de ver a si própria, o seu corpo físico, assim como também presenciar acontecimentos que transcorrem em ambos os planos da vida: o físico e o espiritual. Eis o que ensina a Doutrina Espírita a respeito do assunto:

O êxtase é o estado no qual a independência da alma e do corpo se manifesta de modo mais sensível, tornando-se, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo, a alma vaga pelas regiões terrenas. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, todavia, poder ultrapassar certos limites, que não poderia transpor sem desfazer totalmente os laços que a prendem ao corpo. Um fulgor resplandecente e inteiramente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a extasiam, um bem-estar indefinível a invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e *pode-se dizer que põe um pé no limiar da eternidade*.<sup>4</sup>

O êxtase de Pedro foi marcado por muitos simbolismos (At 10:11 a 16) que ele não soube interpretar de imediato. Entre tais simbolismos, o texto de *Atos* fala de reptéis, animais quadrúpedes e aves, envolvidos em um grande lençol que baixava à terra (v. 11 e 12). O apóstolo ouve também uma voz que lhe diz: “Levanta-te, Pedro, imola e come!” (v. 13). Pedro, porém, retruca de imediato: “De modo nenhum, Senhor, pois jamais comi coisa alguma profana e impura!” (v. 14). Mas a voz insiste: “Ao que Deus purificou, não chames tu de profano” (v. 15).

Dois pontos se destacam no êxtase de Pedro: primeiro, a sua convicção a respeito dos preceitos que abraçava; segundo, a análise crítica do que lhe fora transmitido pela voz de um Espírito. Trata-se de uma postura correta que todo médium deveria exercitar, ainda que, no caso Simão Pedro, ele, de imediato, não tenha sabido interpretar o simbolismo. Emmanuel, por sua vez, não entra em mérito das dúvidas do apóstolo, mas nos apresenta os seguintes esclarecimentos a respeito do versículo 15, cujo conteúdo é fundamental ao aprendizado moral:

#### **Ante o sublime<sup>5</sup>**

*Não faças tu comum o que Deus purificou. (Atos, 10:15.)*

Existem expressões no Evangelho que, à maneira de flores a se salientarem num ramo divino, devem ser retiradas do conjunto para que nos deslumbremos ante o seu brilho e perfume peculiares.

A voz celeste, que se dirige a Simão Pedro, nos *Atos*, abrange horizontes muito mais vastos que o problema individual do apóstolo.

O homem comum está rodeado de glórias na Terra, entretanto, considera-se num campo de vulgaridades, incapaz de valorizar as riquezas que o cercam.

Cego diante do espetáculo soberbo da vida que lhe emoldura o desenvolvimento, tripudia sobre as preciosidades do mundo, sem meditar no paciente esforço dos séculos que a Sabedoria Infinita utilizou no aperfeiçoamento e na seleção dos valores que o rodeiam.

Quantos milênios terá exigido a formação da rocha?

Quantos ingredientes se harmonizam na elaboração de um simples raio de sol?

Quantos óbices foram vencidos para que a flor se materializasse?

Quanto esforço custou a domesticação das árvores e dos animais?

Quantos séculos terá empregado a Paciência do Céu na estruturação complexa da máquina orgânica em que o Espírito encarnado se manifesta?

A razão é luz gradativa, diante do sublime.

Não te esqueças, meu irmão, de que o Senhor te situou a experiência terrestre num verdadeiro paraíso, onde a semente minúscula retribui na média do infinito por um e onde águas e flores, solo e atmosfera te convidam a produzir, em favor da multiplicação dos Tesouros Eternos.

Cada dia, louva o Senhor que te agraciou com as oportunidades valiosas e com os dons divinos...

Pensa, estuda, trabalha e serve.

Não suponhas comum o que Deus purificou e engrandeceu.

Enquanto o apóstolo refletia a respeito do que ouvira quando se encontrava no estado de êxtase (v. 17), chega a Jope a delegação de Cornélio (v. 18). O Espírito que conduziu Simão Pedro durante o êxtase lhe diz: “[...] ‘Alguns homens estão aí, à tua procura. Desce, pois, e vai com eles sem hesitação, porque fui eu que os enviei’” (At 10:19 e 20). Pedro recebe a comitiva de Cornélio que lhe fala da visão que o seu superior hierárquico teve (At 10:21 a 23). No dia seguinte, Pedro viaja para Cesareia, a fim de se encontrar com Cornélio, sendo acompanhado por alguns irmãos de fé que residiam em Jope (v. 24).

Chegando em Cesareia, Pedro e demais companheiros procuram o centurião Cornélio que, ainda sob o efeito da visão mediúnica que tivera, prosta-se aos pés de Pedro, adorando-o (v. 25). Mais uma vez, destaca-se a integridade do caráter do apóstolo que não se deixa levar por bajulações ou subserviência nem mesmo de uma autoridade romana, como seria usual: “Mas Pedro reergueu-o, dizendo: ‘Levanta-te, pois eu também sou apenas um homem’” (v. 26). Na verdade, “Tanto Pedro quanto Cornélio nos dão aqui um exemplo de humildade: Cornélio percebendo em Pedro um Espírito superior ao qual devia respeito; e Pedro fazendo-se pequenino, igual aos pequeninos que o rodeavam. [...]”<sup>6</sup>



Outro ponto que demonstra a admirável personalidade de Pedro é quando ele, ao entrar na casa de Cornélio, percebe que ali se encontravam muitos outros romanos reunidos (v. 27). Segundo a tradição do Judaísmo, um judeu não poderia estar no mesmo espaço físico com um não judeu, mesmo sendo uma autoridade, porque este era considerado impuro. Assim, sem se impressionar com a elevada autoridade do romano e dos seus subordinados que ali se encontravam, o apóstolo fala com simplicidade a Cornélio (At 10:28 e 29):

“Bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro. Por isso vim sem hesitar, logo que chamado. Pergunto, pois: Por que razão me chamastes?”

Emmanuel analisa a pergunta de Pedro, assim se expressando com sabedoria:

#### **Razão dos apelos<sup>7</sup>**

*Pelo que, sendo chamado, vim sem contradizer.*

*Pergunto pois: por que razão mandastes chamar-me? PEDRO (Atos, 10:29.)*

A pergunta de Pedro ao centurião Cornélio é traço de grande significação nos atos apostólicos.

O funcionário romano era conhecido por suas tradições de homem caridoso e reto, invocava a presença do discípulo de Jesus atendendo a elevadas razões de ordem moral, após generoso alvitre de um emissário do Céu e, contudo, atingindo-lhe o círculo doméstico, o ex-pescador de Cafarnaum interroga, sensato:

– Por que razão mandastes chamar-me?

Simão precisava conhecer as finalidades de semelhante exigência, tanto quanto o servidor vigilante necessita saber onde pisa e com que fim é convocado aos campos alheios.

Esse quadro expressivo sugere muitas considerações aos novos aprendizes do Evangelho.

Muita gente, por ouvir referências a esse ou àquele Espírito elevado costuma invocar-lhe a presença nas reuniões doutrinárias.

A resolução, porém, é intempestiva e desarrazoada. Por que reclamar a companhia que não merecemos?

Não se pode afirmar que o impulso se filie à leviandade, entretanto, precisamos encarecer a importância das finalidades em jogo.

Imaginal-vos chamando Simão Pedro a determinado círculo de oração e figuremos a aquiescência do venerável apóstolo ao apelo. Naturalmente, serei obrigados a expor ao grande emissário celestial os motivos da requisição. E, pautando no bom senso as nossas atitudes mentais, indaguemos de nós mesmos se possuímos bastante elevação para ver, ouvir e compreender-lhe o

espírito glorioso. Quem de nós responderá afirmativamente? Teremos, assim, suficiente audácia de invocar o sublime Cefas, tão somente para ouvi-lo falar?

Cornélio relata, então, a visão que tivera, quando orava, havia três dias: “[...] quando diante de mim postou-se um homem de vestes resplandecentes. E disse-me: ‘Cornélio, tua oração foi ouvida e tuas esmolas foram lembradas diante de Deus’. Manda, pois, alguém a Jope, a chamar Simão [...]” (At 10:30 a 32). Em seguida, Cornélio diz ao apóstolo: “[...] Aqui estamos, pois, todos nós, diante de ti, para ouvir tudo o que te foi ordenado por Deus” (v. 33). Na sequência, Pedro responde-lhe, com alma, como consta no próximo item 17.2. Entretanto, é importante nos determos um pouco mais na análise, ainda que breve, dois fenômenos psíquicos relatados por Lucas: a visão de Cornélio e o êxtase de Pedro. São ocorrências interessantes, dignos de reflexão, pois envolvem duas práticas enfatizadas pelo Espiritismo – a caridade e a prece:

Cornélio, homem rico da corte italiana, naturalmente achava difícil a sua salvação, e por isso porfiava com o auxílio de oração e boas obras, para chegar à Vida Eterna. E como são estes mesmos os meios que Deus nos facultou para obtenção de tão alto desideratum, lhe foi dado o Espírito, sem medida, pois, “àquele que muito tem, mais ainda lhe será dado”, e Cornélio teve uma visão: apareceu-lhe um Mensageiro de Jesus (anjo, quer dizer mensageiro), que lhe aconselhou mandar chamar a Pedro, o Profeta e ao mesmo tempo Apóstolo, a fim de lhe ser dito o que precisava fazer para ter a posse de tal vida, que nunca acaba.

Cheio de temor, pois a aparição dos Espíritos, quando o paciente vê e ouve, produz quase sempre temor, mas ciente de que era uma manifestação de um ente bom, Cornélio obedece às ordens, movimenta o seu pessoal, em busca de Pedro.

Enquanto se dirigem para Jope, o mesmo Espírito ou algum outro companheiro seu, arrebatava a Pedro num êxtase e lhe dá a significativa visão, simbolizada na apresentação de um lençol descido do céu, contendo tudo o que Deus criou. Esse quadro alegórico queria, sem dúvida, insinuar ao Apóstolo que não deveria se negar ao chamado de Cornélio, que embora grande e rico, havia merecido as graças do Céu, não pelo dinheiro e posição que possuía, mas pela boa aplicação desse dinheiro e pela humildade com que se portava em suas funções como membro da corte italiana.<sup>8</sup>

## 17.2 DISCURSO DE PEDRO EM CASA DE CORNÉLIO (AT 10:34 A 43)<sup>9</sup>

<sup>34</sup>Tomando então a palavra, Pedro falou: “Dou-me conta, em verdade, de que Deus não faz acepção de pessoas, <sup>35</sup>mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável. <sup>36</sup>Tal é a palavra que ele enviou aos

israelitas, *dando-lhes a boa nova da paz* por Jesus Cristo, que é o Senhor de todos.<sup>37</sup> Sabeis o que aconteceu por toda a Judeia: Jesus de Nazaré, começando pela Galileia, depois do batismo proclamado por João,<sup>38</sup> como *Deus o ungiu com o Espírito Santo* e com poder, ele que passou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo, porque Deus estava com ele.<sup>39</sup> E nós somos testemunhas de tudo o que fez na região dos judeus e em Jerusalém, ele, a quem no entanto mataram, suspendendo-o ao madeiro.<sup>40</sup> Mas Deus o ressuscitou ao terceiro dia e concedeu-lhe que se tornasse visível,<sup>41</sup> não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, isto é, a nós, que comemos e bebemos com ele, após sua ressurreição dentre os mortos.<sup>42</sup> E ordenou-nos que proclamássemos ao Povo e déssemos testemunho de que ele é o juiz dos vivos e dos mortos, como tal constituído por Deus.<sup>43</sup> Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, receberá a remissão dos pecados todo aquele que nele crer”.

Simão Pedro fala de Jesus, dos seus ensinamentos e da sua vida e morte por crucificação, demonstrando profunda convicção, amor e devotamento ao sublime Mensageiro de Deus, impressionando os seus ouvintes. Essa passagem demonstra também que o plano de expansão do Evangelho elaborado por Jesus alcançava uma nova etapa, que extrapolava o círculo dos judeus israelitas e helenistas, alcançando os gentílicos:

Pedro anunciou a Cornélio a Doutrina de Jesus e lhe narrou a Vida do Nazareno, que fora constituído Juiz dos vivos e dos mortos, estendendo a sua palavra aos gentios que se achavam nas proximidades.

O resultado foi inúmeras conversões, feitas pelo “Espírito Santo”, cujos mensageiros desenvolveram seus dons, muitos falavam várias línguas, como no Cenáculo os discípulos, no dia de Pentecostes.

A visão de Pedro era categórica em sua interpretação. Os gentios deviam também receber o Espírito. O dom não pertencia só aos judeus, mas a todos, porque o profeta Joel havia dito: “Eu derramarei do meu Espírito sobre toda a carne” [Jl 31:1 a 5; At 2:16 a 21].

Concluimos reafirmando que “a caridade é a âncora da salvação”.

Quem quiser dons, quem quiser herdar a Vida Eterna, seja caridoso e humilde, porque será, de fato, discípulo do Cristo, conhecerá a Verdade, e a Verdade o libertará do jugo sacerdotal que pesa sobre todos.<sup>10</sup>

### 17.3 BATISMO DOS PRIMEIROS GENTIOS (AT 10:44 A 48)<sup>11</sup>

<sup>44</sup>Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. <sup>45</sup>E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, ficaram estupefatos ao ver que também sobre os gentios

se derramara o dom do Espírito Santo, <sup>46</sup>pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus. Então disse Pedro: <sup>47</sup>“Poderia alguém recusar a água do batismo para estes, que receberam o Espírito Santo assim como nós?” <sup>48</sup>E determinou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Pediram-lhe então que permanecesse ali por alguns dias.

Tal como aconteceu em *Pentecostes* (At 2:1 a 47), os que ouviram a inspirada fala de Pedro foram envolvidos por Jesus (denominado *Espírito Santo*), ocorrendo manifestações mediúnicas durante o discurso (v. 44 e 45) de louvor a Deus, sobretudo a de xenoglossia (v. 46), que é falar mediunicamente em diferentes línguas. Os gentios foram, em seguida, batizados em nome do Cristo (v. 47 e 48).

Importa destacar, porém, que tanto a circuncisão como o batismo, ambos citados no texto de *Atos*, são práticas que, à luz do entendimento espírita, devem ser vistas como simples formalidades, nem sempre indicativas de que o adepto havia se transformado em uma pessoa melhor. O batismo era uma prática usual que acontecia aos indivíduos que se convertiam a uma religião. A circuncisão é sinal ou marca que, segundo a tradição do Judaísmo, indica o acordo firmado entre Deus e os judeus, indicativo de que eles, os israelitas, eram o povo escolhido. Paulo de Tarso debateu com muita frequência a respeito o assunto, pois ele não era favorável à circuncisão, sobretudo em se tratando de gentios. Com a espiritualização do ser humano, tais práticas tendem a desaparecer, como analisa Allan Kardec:

Como não acreditam que a felicidade futura depende do trabalho progressivo na Terra, os homens dão aos gozos do mundo o melhor valor, já que acreditam conquistar facilmente essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, mesmo a possibilidade de comprá-la a dinheiro, sem regeneração de caráter e costumes.

Consideram alguns crentes, em seu foro íntimo, que, uma vez assegurado o seu futuro pelo preenchimento de certas fórmulas, ou por doações póstumas que de nada os privam, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou quaisquer incômodos em benefício dos outros, visto que se consegue a salvação trabalhando cada qual por si.

Seguramente, nem todos pensam assim, pois há grandes e honrosas exceções; mas não se poderia negar que assim pensa o maior número, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que fazem das condições de felicidade no outro mundo não entretenha o apego aos bens deste e, por conseguinte, o egoísmo.<sup>12</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 GARDNER, Paul. (Editor). *Quem é quem na bíblia sagrada*. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Editora Vida, 2005. verbete: Centuriões, p. 111.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 10, p. 253
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 10:1-33, p. 1919 a 1920.
- 4 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. q. 455.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 37. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 23 – *Ante o sublime*.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 38, p. 267.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1 ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 54 – *Razão dos apelos*.
- 8 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *As visões de Cornélio e Pedro – Recomendações do Espírito mensageiro*, p. 102.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 10:34-48, p. 1920.
- 10 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *As visões de Cornélio e Pedro – Recomendações do Espírito mensageiro*, p. 103.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 10:44-48, p. 1920.
- 12 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 1ª pt., cap. 2, it. 7.

## EM JERUSALÉM, PEDRO JUSTIFICA A SUA CONDUTA. FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ANTIOQUIA. BARNABÉ E SAULO ENVIADOS A JERUSALÉM (AT 11:1 A 30)

O atual estudo nos situa no exato momento histórico ocorrido após os seguintes acontecimentos:

1) Viagem de Saulo a Jerusalém, vindo de Damasco (At 9:19 a 25), passados três anos ausente da cidade – nesse espaço de tempo ele viveu no deserto da Arábia (Gl 1:11 a 24), para onde se dirigiu após a sua conversão ao Cristianismo (At 9:3 a 19).

2) Reconciliação de Saulo com os apóstolos e discípulos da Casa do Caminho, intermediada por Barnabé, um dos integrantes da Comunidade (At 9:26 a 28) – um dedicado amigo e companheiro da primeira viagem missionária de Paulo, quando divulgaram a Boa-Nova aos gentios. Mais detalhes a respeito da reconciliação de Saulo com os integrantes da Casa do Caminho, sobretudo com os apóstolos, encontram-se relatados no livro *Paulo e Estêvão*, Segunda parte, capítulo III – *Lutas e humilhações*.

3) Desprezo direcionado a Saulo por parte das autoridades religiosas do Judaísmo, que o considerava traidor da religião judaica, sendo, inclusive, alvo de perseguição dos judeus helenistas de Jerusalém, que planejaram a sua morte (At 9:28 e 29), fato que o faz fugir para Tarso, a sua terra natal, com auxílio dos irmãos cristãos, passando por Cesareia durante a fuga (At 9:29).

4) Viagem de Pedro a Lida e Jope, onde, respectivamente, cura um paraplético e ressuscita uma mulher (At 9:32 a 43).

5) Visita de Pedro ao centurião Cornélio em Cesareia (At 10:1 a 33) que, após a preleção do apóstolo, se converte ao Cristianismo, junto com familiares e alguns amigos (At 44 a 48). O encontro entre o centurião romano e Pedro (At 10:24 e 25) atendeu à programação ocorrida no Plano Espiritual, manifestada por meio de visão mediúnica de Cornélio (At 10:3 a 8) e êxtase de Simão Pedro (At 10:9 a 16).

A história do Cristianismo considera a conversão do centurião romano como a primeira ocorrida entre os gentios. Contudo, alguns estudiosos expressam dúvidas a respeito, como informa o conhecido pesquisador religioso Norman Russell Champlin: “Não sabemos dizer por que motivo, neste ponto, Lucas preferiu ignorar o trabalho que Paulo vinha desenvolvendo na Cilícia, que foi o verdadeiro início da missão cristã entre os gentios (veja At 9:30 e Gl 1:21)”<sup>1</sup> Uma possibilidade que se levanta a respeito indica que a conversão de Cornélio e familiares ao Cristianismo foi oficialmente considerada a primeira entre os gentios porque ela ocorreu por intermédio de um dos membros do colégio apostolar, enquanto Saulo ainda se encontrava na fase inicial do seu ministério.

Quanto a atual passagem de *Atos dos apóstolos* (11:1 a 30), destacamos:

Este capítulo 11 de *Atos* consiste em duas divisões:

1) Continuação da história da conversão de Cornélio e seus familiares e a admissão dos gentios convertidos na igreja cristã. Essa parte mostra quais as reações que isso provocou por parte da igreja-mãe, de Jerusalém, e como foi necessário que Pedro defendesse as suas ações, por ter-se associado aos gentios, além de haver admitido esses mesmos gentios na igreja [...].

2) Relato sobre a igreja cristã de *Antioquia*: atividades de Paulo e Barnabé. [...].<sup>2</sup>

## 18.1 EM JERUSALÉM, PEDRO JUSTIFICA A SUA CONDUTA (AT 11:1 A 18)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Entretanto, os apóstolos e os irmãos que estavam na Judeia souberam que também os gentios haviam recebido a palavra de Deus. <sup>2</sup>Assim, quando Pedro subiu a Jerusalém, começaram a discutir com ele os que eram da circuncisão, dizendo: <sup>3</sup>“Entraste em casa de incircuncisos e comeste com eles!” <sup>4</sup>Pedro, então, começou a expor-lhes a questão, ponto por ponto: <sup>5</sup>“Eu estava na cidade de Jope, em oração, quando, em êxtase, tive uma visão: do céu descia um objeto, semelhante a um grande lençol que baixava, sustentado pelas quatro pontas, e chegava até mim. <sup>6</sup>Olhando-o atentamente eu refletia, quando nele vi os quadrúpedes da terra, as feras e os répteis, e as aves do céu. <sup>7</sup>Ouvi então uma voz que me dizia: ‘Levanta-te, Pedro, imola e come!’ <sup>8</sup>E eu respondi: ‘De modo algum, Senhor! Pois nada de profano ou impuro jamais entrou em minha boca.’ <sup>9</sup>Tornou-me

a falar a voz vinda do céu: ‘Ao que Deus purificou não chames tu de profano.’<sup>10</sup> Isto aconteceu por três vezes, e depois tudo foi novamente recolhido ao céu.<sup>11</sup> Logo a seguir, três homens apresentaram-se diante da casa onde estávamos, enviados de Cesareia para se encontrarem comigo.<sup>12</sup> Disse-me então o Espírito que os acompanhasse sem hesitação. Foram comigo também estes seis irmãos e entramos na casa daquele homem.<sup>13</sup> Por sua vez, ele nos contou como vira um Anjo apresentar-se em sua casa e dizer-lhe: ‘Manda alguém a Jope, a chamar Simão, cognominado Pedro.’<sup>14</sup> Ele te dirá palavras mediante as quais serás salvo, tu e toda a tua casa.’<sup>15</sup> Ora, apenas começara eu a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, assim como sobre nós no princípio.<sup>16</sup> Lembrei-me, então, desta palavra do Senhor: ‘*João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo*’.<sup>17</sup> Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para poder impedir a Deus de agir?’<sup>18</sup> Ouvindo isto, tranquilizaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: “Logo, também aos gentios Deus concedeu o arrependimento que conduz à vida!”

A notícia da conversão de gentios ao Cristianismo espalhou-se rapidamente, provocando alvoroço e perplexidade, fato que obrigou o Apóstolo Simão Pedro a prestar contas aos irmãos de fé, esclarecendo os motivos dele ter ido na casa de gentios e assim tendo contato com pessoas não circuncidadas (At 11:1 a 3):

De conformidade com o pensamento religioso dos judeus, qualquer contato físico com os gentios, tornava um judeu cerimonialmente impuro, incapacitado de participar da adoração pública formal. A fim de evitar essa impureza cerimonial, os bons judeus simplesmente evitavam todo e qualquer contato com os gentios; portanto, entrar na casa de um gentio jamais seria permitido entre os judeus ortodoxos. Comer em companhia de um gentio ainda era pior; e entrar na casa de um curtidor (conforme Pedro fez: ver At 9:43), era pior ainda do que tudo, por causa da profissão de curtidor, que era considerada imunda para os judeus estritos.

Assim, por muitas razões, Pedro foi convocado a prestar contas de suas ações recentes.<sup>4</sup>

Grande parte dos judeus convertidos ao Cristianismo ainda mantinham arraigadas certas ideias e práticas ensinadas pelo Judaísmo. Uma delas era a questão da circuncisão, outra, dizia respeito ao relacionamento com os não judeus. São duas questões sensíveis e que estão presentes na história do Cristianismo primitivo. Ambas foram discutidas por Paulo de Tarso, considerando-as totalmente irrelevantes, sobretudo no que se refere à circuncisão dos gentios cristãos, medida assim prescrita pelos judeus:

Em Israel, todos os meninos eram circuncidados ao completar oito dias de vida (Gn 17:12; Lc 1:59). Consistia na remoção do prepúcio, o que era feito por processo cirúrgico muito simples. [...].<sup>5</sup>



Pergunta-se, então: que motivos justificariam a circuncisão como prática religiosa, ser considerado um dogma para os judeus? Sabemos, inclusive, que a prática era usual entre outros povos, como os egípcios, mas destituída do caráter religioso.<sup>5,6</sup> As principais justificativas são as que se seguem:

*Por razões de saúde.* Essa teoria é antiga, sendo defendida por muitos estudiosos. [...] Esse argumento não deixa de ter certa base, já que a remoção do prepúcio reduz a retenção de bactérias na genitália. Pesquisas médicas têm demonstrado que há menor incidência de câncer em mulheres, cujos maridos foram submetidos a essa cirurgia. É bom notar, porém, que nem todos os cientistas apoiam essa tese.

*Uma forma de identificação.* Esse argumento tem algum peso. A ideia é a de que os judeus se distinguiam de outros povos por essa prática peculiar. Entretanto, sabe-se que outras nações também praticavam esse rito. [...].

*Afirmação do indivíduo como homem.* Essa teoria é a mais frágil, já que a cirurgia era realizada ao oitavo dia de vida, portanto, bem antes da puberdade. Os gentios que se convertiam ao judaísmo eram submetidos à circuncisão como sinal de que estavam sendo aceitos à seita. [...].

*Uma aliança com Deus.* Talvez a melhor explicação seja a de que a circuncisão era ato de compromisso dos pais com Deus. Com esse gesto, eles reconheciam estar numa relação de dependência para com o Pai celestial. O fato de outros povos o praticarem, e o de haverem adotado até mesmo antes de Israel, não diminui a validade dessa teoria.<sup>6</sup>

A outra questão assinalada no relato de Lucas, ora sob estudo, diz respeito à presença de Pedro e de outros cristãos, os amigos de Joep, na residência de um impuro, o centurião Cornélio (At 11:11 a 14), ocorrência que resultou em sua conversão ao Cristianismo:

Posto que convivesse com outros povos, o povo judeu não se misturava com eles, obedecendo aos preceitos rígidos da lei mosaica. Ao chegar ao Evangelho, não compreenderam o seu caráter universalista e o quiseram confinar somente a eles. [...].<sup>7</sup>

Solicitado a prestar contas de suas ações (At 11:2), Pedro faz minucioso relato dos acontecimentos ocorridos, antes, durante e após a sua viagem à casa do centurião Cornélio, em Cesareia. Conseguiu acalmar a maioria dos irmãos da Igreja de Jerusalém, sobretudo quando o apóstolo informa que o Espírito Santo envolveu também os gentílicos, semelhantemente ao que lhes acontecera no dia de Pentecostes. Pedro falou-lhes assim, finalizando as suas justificativas (At 11:15 a 17):

Ora, apenas começara eu a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, assim como sobre nós no princípio. Lembrei-me, então, desta palavra do Senhor: “João,

na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo”. Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para poder impedir a Deus de agir?

Os ensinamentos da Boa-Nova alcançavam, agora, os povos gentílicos e, no futuro, serão acatados por toda a Humanidade planetária que, finalmente, compreenderá o que Jesus já afirmara anteriormente: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai, a não ser por mim” (Jo 14:6).

## 18.2 FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ANTIOQUIA (AT 11:19 A 26)<sup>8</sup>

<sup>19</sup>Aqueles que haviam sido dispersos desde a tribulação que sobreviera por causa de Estêvão, espalharam-se até a Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a Palavra, senão somente a judeus. <sup>20</sup>Havia entre eles, porém, alguns cipriotas e cireneus. Estes, chegando a Antioquia, falaram também aos gregos, anunciando-lhes a Boa Nova do Senhor Jesus. <sup>21</sup>A mão do Senhor estava com eles e grande foi o número daqueles que abraçaram a fé e se converteram ao Senhor. <sup>22</sup>Ora, a notícia chegou aos ouvidos da Igreja que está em Jerusalém, pelo que enviaram Barnabé até Antioquia. <sup>23</sup>Quando chegou, e viu a graça que vinha de Deus, alegrou-se. E exortava a todos a permanecerem fiéis ao Senhor, com prontidão de coração. <sup>24</sup>Pois era um homem bom, repleto do Espírito Santo e de fé. Assim, considerável multidão agregou-se ao Senhor. <sup>25</sup>Entretanto, partiu Barnabé para Tarso, à procura de Saulo. <sup>26</sup>De lá, encontrando-o, conduziu-o a Antioquia. Durante um ano inteiro conviveram naquela Igreja e ensinaram numerosa multidão. E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de “cristãos”.

Essa seção de *Atos*, sequencialmente inserida após as explicações fornecidas por Pedro aos integrantes da Comunidade do Caminho (At 11:1 a 18), nos faz recuar no tempo e chegar à época da primeira dispersão ocorrida na Igreja de Jerusalém (Casa do Caminho), quando Saulo de Tarso iniciou severa perseguição aos discípulos e apóstolos de Jesus na cidade. Na ocasião, muitos cristãos fugiram para a Judeia, Samaria e Galileia, no entanto, alguns alcançaram terras gentílicas, onde fixaram residência. Recordemos que, com essa primeira dispersão (At 8:4 a 8), ocorreu a notável atuação de Filipe, um dos diáconos da Casa do Caminho, na Samaria, para onde ele fugira. Como sabemos, os acontecimentos intermediados por Filipe foram intensos, a ponto de Pedro e João se deslocarem para a região (At 8:14 a 17), ensejo que tiveram contato com o mago Simeão (At 8:9 a 13; 18 a 24), igualmente convertido ao Cristianismo:

A partir desse ponto, o livro de *Atos* começa a expandir a narrativa sobre as várias atividades que constituiriam a missão da igreja cristã entre os gentios,

por meio das quais o Cristianismo tornou-se instituição verdadeiramente universal, para jamais retornar ao provincialismo do judaísmo. Da mesma forma que as atividades do apóstolo Pedro foram aprovadas pela igreja-mãe [Casa do caminho] em Jerusalém, embora houvesse ainda alguma oposição, assim também, na presente seção, a missão da igreja de Antioquia, entre os gentios, foi abençoada por Barnabé. Presumivelmente, pois, também foi confirmada pela igreja de Jerusalém, visto que Barnabé era representante da mesma. [...].<sup>9</sup>

Segundo a tradição cristã, a fundação da igreja de Antioquia da Síria foi consequência direta do martírio de Estêvão (At 7:55 a 60), seguindo-se as ações de Filipe (At 8:4 a 40) e de Pedro (At 9:32 a 43; 10:1 a 48). A narrativa inclui, igualmente, a vocação de Saulo (At 9:1 a 30).<sup>10</sup>

Antes de prosseguirmos no estudo, é importante destacar que havia uma outra cidade denominada Antioquia, conhecida como *Antioquia da Psídia*, cidade da Ásia Menor, localizada na Frígia: “Foi uma das diversas Antioquias fundadas por um líder da cavalaria macedônia, Seleuco I Nicator (312–280 a.C.), em honra ao seu pai. Situada numa importante estrada comercial entre Éfeso e a Cilícia, era um centro proeminente do helenismo”.<sup>11</sup> Durante o Império Romano, “Antioquia da Psídia foi incluída na província da Galácia (na região frígio-galática). O imperador Augusto, deu-lhe a posição de colônia romana”.<sup>11</sup> Paulo esteve na Galácia, em Antioquia da Psídia, durante a sua primeira viagem missionária (At 13:14), onde, inicialmente, foi muito bem recebido pelos habitantes da cidade.<sup>11</sup>

A análise do atual texto dos *Atos dos apóstolos* (11:19 a 26) faz referência à Antioquia da Síria ou “Antioquia de Orontes, conforme era frequentemente chamada essa cidade célebre, foi fundada em [...] 300 a.C., por Seleuco I Nicator, após a sua vitória sobre Antígono, em Issus (360 a.C.)”.<sup>11</sup>

Era a mais famosa das dezesseis Antioquias estabelecidas por Seleuco, em memória ao seu pai. Edificada no sopé do monte Silfo, dava vista para o rio navegável Orontes e jactava-se de um ótimo porto de mar, *Selêucia Pieria*. Apesar de que a população de Antioquia sempre foi mista, Josefo registra que os selêucidas encorajaram os judeus a emigrarem para ali em grande número, dando-lhes plenos direitos de cidadãos. [...]

[...]

Excetuando a própria Jerusalém, nenhuma outra cidade estava tão intimamente ligada aos inícios do Cristianismo. [...] Durante a perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão, alguns dos discípulos subiram para o norte até Antioquia (At 11:19), a cerca de 480 Km de Jerusalém, e ali pregavam aos judeus. Posteriormente, chegaram outros que levaram o Cristianismo à população grega, e quando ocorreram numerosas conversões a igreja de

Jerusalém enviou Barnabé a Antioquia. Ao aquilatar a situação, foi até Tarso e trouxe Saulo de volta consigo, e em Antioquia ambos por mais de um ano.<sup>12</sup>

Com essas explicações, fica claro quando, oficialmente, inicia o ministério de Saulo, conforme relata *Atos* (11:25 a 36), decorrente de convite direto de Barnabé. Enfatizamos os registros dos versículos 25 e 26 que fazem referência à constituição da igreja de Antioquia e, também, à denominação de *cristãos* aos convertidos ao Cristianismo, por sugestão de Lucas:

Entretanto, partiu Barnabé para Tarso, à procura de Saulo. De lá, encontrando-o, conduziu-o a Antioquia. Durante um ano inteiro conviveram naquela Igreja e ensinaram numerosa multidão. E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de “cristãos”.

A importância da fundação da igreja de Antioquia da Síria na difusão do Cristianismo está relacionada à privilegiada posição geográfica, ao intenso labor dos seus habitantes, e à sua constituição étnico-cultural, a despeito da má reputação que possuía, em razão dos vícios e da devassidão moral predominantes:

A espiritualidade superior sabe tirar proveito dos erros dos homens. Assim, os que haviam fugido de Jerusalém pelas perseguições se espalharam por muitas cidades nas quais semeavam a Palavra. É de notar ainda o exclusivismo das pregações, dirigidas apenas aos judeus [v. 19].

A Fenícia distinguiu-se na Antiguidade como nação navegadora, comerciante e industrial; era uma faixa litorânea, no Mediterrâneo, e se estendia por uns 200 Km com uma largura média de 30 Km, nas costas da Síria [...]. Inventou o alfabeto que hoje usamos e que nos veio por meio dos Latinos; suas cidades eram todas à beira-mar, sendo as principais: Biblos, Sidon, Tiro, Tripoli, Arad e Akko. [...]. Em suas andanças na pregação do Evangelho, Jesus esteve em Tiro e Sidon; a fenícia confinava-se com a Galileia. Antioquia da Síria era considerada, em importância, a terceira cidade do Império Romano, vindo logo depois de Roma e de Alexandria; [...]. Era ponto de encontro de gregos, romanos e semitas [...].<sup>13</sup>

Há outras informações sobre a Igreja Cristã de Antioquia da Síria descritas por Emmanuel na obra da sua autoria, *Paulo e Estêvão*, de onde extraímos o seguinte:

A igreja não era rica, mas a boa vontade dos componentes parecia provê-la de graças abundantes.

Antioquia, cidade cosmopolita, tornara-se um foco de grandes devassidões. Na sua paisagem enfeitada de mármore preciosos, que deixavam entrever a opulência dos habitantes, proliferava toda a espécie de abusos. Os fortuneiros entregavam-se aos prazeres licenciosos, desenfreadamente. Os bosques

artificiais reuniam assembleias galantes, onde criminosa tolerância caracterizava todos os propósitos. A riqueza pública ensejava grandes possibilidades às extravagâncias. A cidade estava cheia de mercadores que se guerreavam sem tréguas, de ambições inferiores, de dramas passionais. Todavia, diariamente, à noite, se reuniam, na casa singela onde funcionava a célula do “Caminho”, grandes grupos de pedreiros, de soldados paupérrimos, de lavradores pobres, ansiosos todos pela mensagem de um mundo melhor. As mulheres de condição humilde compareciam, igualmente, em grande número. A maioria dos frequentadores interessavam-se por conselhos e consolações, remédios para as chagas do corpo e do espírito.<sup>14</sup>

Emmanuel comenta o versículo 29, com a sua sabedoria de sempre, recordando que as missões de relevo, como a de difusão do Evangelho, sobretudo entre pessoas de escassa formação religiosa, somente é delegada a Espíritos que já detêm, em si, reconhecidas qualidades morais. Barnabé foi o escolhido pela Igreja de Jerusalém para ir a Antioquia da Síria. Chegando a Antioquia, o devotado servidor do Cristo reconhece a extensão da tarefa a ser realizada em uma sociedade culturalmente heterogênea. Sem vacilações, busca humildemente o auxílio de Saulo:

**Padrão<sup>15</sup>**

*Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor. (Atos, 11:24.)*

Alcançar o título de sacerdote, em obediência a meros preceitos do mundo, não representa esforço essencialmente difícil. Bastará a ilustração da inteligência na ordenação convencional.

Ser teólogo ou exegeta não relaciona obstáculos de vulto. Requer-se apenas a cultura intelectual com o estudo acurado dos números e das letras.

Pregar a doutrina não apresenta óbices de relevo. Pede-se tão só a ênfase ligada à correta expressão verbalista.

Receber mensagens do Além e transmiti-las a outrem pode ser a cópia do serviço postal do mundo.

Aconselhar os que sofrem e fornecer elementos exteriores de iluminação constituem serviços peculiares a qualquer homem que use sensatamente a palavra.

Sondagens e pesquisas, indagações e análises são velhos trabalhos da curiosidade humana.

Unir almas ao Senhor, porém, é atividade para a qual não se prescinde do apóstolo.

Barnabé, o grande cooperador do Mestre, em Jerusalém, apresenta as linhas fundamentais do padrão justo.

Vejamos a aplicação do ensinamento à nossa tarefa cristã.

Todos podem transmitir recados espirituais, doutrinar irmãos e investigar a fenomenologia, mas para imantar corações em Jesus Cristo é indispensável sejamos fiéis servidores do bem, trazendo o cérebro repleto de inspiração superior e o coração inflamado na fé viva.

Barnabé iluminou a muitos companheiros “porque era homem de bem, cheio do Espírito Santo e de fé”.

Jamais olvidemos semelhante lição dos *Atos*. Trata-se de padrão que não poderemos esquecer.

### 18.3 BARNABÉ E SAULO ENVIADOS A JERUSALÉM (AT 11:27 A 30)<sup>16</sup>

<sup>27</sup>Naqueles dias, alguns profetas desceram de Jerusalém a Antioquia.

<sup>28</sup>Apresentou-se um deles, chamado Ágabo, o qual começou a anunciar, por meio do Espírito, que estava para vir uma grande fome sobre toda a terra. E ela de fato veio, no reinado de Cláudio. <sup>29</sup>Decidiram então os discípulos, cada um segundo suas posses, enviar contribuições em ajuda aos irmãos que moravam na Judeia. <sup>30</sup>Eles de fato o fizeram, enviando-as aos anciãos por intermédio de Barnabé e de Saulo.

Concluída com êxito a missão em Antioquia da Síria, Barnabé e Saulo atendem a nova demanda, agora em Jerusalém e na Judeia, localidades que passavam por várias provações, inclusive uma dolorosa fome, anteriormente prevista por um vidente de nome *Ágabo*, tido como profeta (At 11:28):

Os profetas a que o Velho e o Novo Testamento se referem correspondem aos atuais médiuns do Spiritismo. Eram pessoas portadoras de mediunidade que se autodesenvolviam, tornando-se medianeiros entre os Espíritos e os homens. [...].<sup>17</sup>

Ágabo previu uma grande fome que se abateria sobre os povos (v. 28), que, efetivamente, se concretizou, durante o reinado do imperador romano Claudio, que viveu entre os anos 41 e 51: “O império sofreu fome calamitosa, entre 49 e 50, primeiro na Grécia, depois em Roma. [...]”.<sup>18</sup> Na verdade, esse registro de Lucas é uma inserção que pretende destacar a ocorrência de previsões de acontecimentos futuros por meio de profecias. Quanto a Ágabo, pouco se sabe a respeito dele. Entretanto, parece que ele era conhecido, desde a época da pregação de Jesus, considerando que Lucas faz referência a ele

[...] como um dos setenta discípulos (descritos no capítulo 10 do *Evangelho de Lucas*), até que foi martirizado por sua fé. Embora, em alguns trechos antigos, seja dito que ele era nativo de Antioquia, parece, por este texto, que ele era da Judeia, talvez de Jerusalém. [...].<sup>19</sup>

O auxílio mútuo, espiritual e material, era característica dominante no Cristianismo primitivo, como bem assinala *Atos* (11:29 e 30):

É um exemplo de assistência fraterna. Tão logo sabem das dificuldades com que se defrontariam, os irmãos de Jerusalém, cotizam-se cada um segundo as suas posses. É um exemplo de caridade e de humildade; de caridade, angariando recursos para os menos afortunados; de humildade, não esperando que se lhe estendam mãos súplices, mas indo espontaneamente ao encontro delas, sem humilhá-las. [...].<sup>20</sup>

Barnabé e Saulo chegam a Jerusalém, oriundos de Antioquia da Síria, cuja “[...] Igreja tornou-se venerável por suas obras de caridade e pelos fenômenos de que se constituía organismo central”.<sup>21</sup> Sendo informados das provações existentes em Jerusalém, os dois dedicados servidores do Cristo tudo fazem para coletar recursos que seriam encaminhados aos irmãos de Jerusalém e da Judeia.

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 11, it. 11.1, p. 278.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 11, p. 278.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 11:1-18, p. 1921.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 1, p. 278.
- 5 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 6, it. A Circuncisão, p. 94.
- 6 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. p. 94 e 95.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 39, p. 271.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. rev. 13. imp. Nova ed., ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 11:19-26, p. 1921 e 1922.

- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 11, it. 11.5-c, p. 283.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 11:19. Nota de rodapé “f”, p. 1921 e 1922.
- 11 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Antioquia da Psídia, p. 58.
- 12 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 58 e 59.
- 13 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 39, p. 272.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 12 – *Padrão*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 11:27-30, p. 1922.
- 17 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 39, p. 272.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 11:28. Nota de rodapé “k”, p. 1922.
- 19 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 1, it. 11:28, p. 291.
- 20 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 39, p. 275.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.



## PRISÃO DE PEDRO E SUA LIBERTAÇÃO MIRACULOSA. A MORTE DO PERSEGUIDOR. BARNABÉ E SAULO VOLTAM A ANTIOQUIA (AT 12:1 A 25)

No estudo anterior vimos que a Igreja Cristã de Antioquia da Síria foi fundada por Barnabé e Saulo de Tarso, os quais permaneceram na cidade por um ano (At 11:19 a 26), orientando a organização da nova comunidade, cujos integrantes foram, pela primeira vez, denominados cristãos (At 11:26). Aliás, esta denominação foi sugerida por Lucas quando, de passagem pela cidade onde nascera, frequentava a recém-inaugurada igreja cristã, oportunidade que estabeleceu vínculos de sincera amizade com Saulo e Barnabé. Emmanuel relata a respeito:

[...] Foi aí que surgiu, certa vez, um médico muito jovem, de nome Lucas. De passagem pela cidade, aproximou-se da igreja animado por sincero desejo de aprender algo de novo. Sua atenção fixou-se, de modo especial, naquele homem de aparência quase rude, que fermentava as opiniões, antes que Barnabé empreendesse a abertura dos trabalhos. Aquelas atitudes de Saulo, evidenciando a preocupação generosa de ensinar e aprender simultaneamente, impressionaram-no a ponto de apresentar-se ao ex-rabino, desejoso de ouvi-lo com mais frequência.

– Pois não – disse o Apóstolo satisfeito –, minha tenda está às suas ordens.

E enquanto permaneceu na cidade, ambos se empenhavam diariamente em proveitosas palestras, concernentes ao ensino de Jesus. Retomando aos poucos seu poder de argumentação, Saulo de Tarso não tardou a inculcar no espírito de Lucas as mais sadias convicções. Desde a primeira entrevista, o hóspede de Antioquia não mais perdeu uma só daquelas assembleias simples e construtivas. Na véspera de partir, fez uma observação que modificaria para sempre a denominação dos discípulos do Evangelho.<sup>1</sup>

Emmanuel prossegue, transmitindo-nos um verdadeiro resgate histórico:

Barnabé havia terminado os comentários da noite, quando o médico tomou a palavra para despedir-se. Falava emocionado e, por fim, considerou acertadamente:

– Irmãos, afastando-me de vós, levo o propósito de trabalhar pelo Mestre, empregando nisso todo o cabedal de minhas fracas forças. Não tenho dúvida alguma quanto à extensão deste movimento espiritual. Para mim, ele transformará o mundo inteiro. Entretanto, pondero a necessidade de imprimirmos a melhor expressão de unidade às suas manifestações. Quero referir-me aos títulos que nos identificam a comunidade. Não vejo na palavra “caminho” uma designação perfeita, que traduza o nosso esforço. Os discípulos do Cristo são chamados “viajores”, “peregrinos”, “caminheiros”, mas há viandantes e estradas de todos os matizes. O mal tem, igualmente, os seus caminhos. Não seria mais justo chamarmo-nos – cristãos – uns aos outros? Este título nos recordará a presença do Mestre, nos dará energia em seu nome e caracterizará, de modo perfeito, as nossas atividades em concordância com os seus ensinamentos.

A sugestão de Lucas foi aprovada com geral alegria. O próprio Barnabé abraçou-o, enternecidamente, agradecendo o acertado alvitre, que vinha satisfazer a certas aspirações da comunidade inteira. Saulo consolidou suas impressões excelentes, a respeito daquela vocação superior que começava a exteriorizar-se.<sup>1</sup>

Tempos depois, Barnabé e Saulo viajam para Jerusalém, pois graves acontecimentos alcançaram a Casa do Caminho e outros núcleos cristãos situados em diferentes localidades de Israel, como em Judá (At 11:27 a 30):

[...] um portador da Igreja de Jerusalém chegava apressadamente a Antioquia, trazendo notícias alarmantes e dolorosas. Em longa missiva, Pedro relatava os últimos fatos que o acabrunhavam. Escrevia na data em que Tiago, filho de Zebedeu, sofrera a pena de morte, em grande espetáculo público. Herodes Agripa não lhe tolerara as pregações cheias de sinceridade e apelos justos. O irmão de João vinha da Galileia com a primitiva franqueza dos anúncios do novo Reino. Inadaptado ao convencionalismo farisaico, levava muito longe o sentido de suas exortações profundas. Verificou-se perfeita repetição dos acontecimentos que assinalaram a morte de Estêvão. Os judeus exasperaram-se contra as noções de liberdade religiosa. Sua atitude, sincera e simples, foi levada à conta de rebeldia. Tremendas perseguições irromperam sem tréguas. A mensagem de Pedro relatava também as penosas dificuldades da igreja. A cidade sofria fome e epidemias. Enquanto a perseguição cruel apertava o cerco, inumeráveis filas de famintos e doentes batiam-lhe às portas. O ex-pescador solicitava de Antioquia os socorros possíveis.

[...] A laboriosa comunidade solidarizou-se, de bom grado, para atender a Jerusalém.<sup>1</sup>

Dois dias depois Barnabé e Saulo viajam a Jerusalém levando consigo as cotas de auxílio para os irmãos de Israel, recolhidas em Antioquia da Síria.

## 19.1 PRISÃO DE PEDRO E SUA LIBERTAÇÃO MIRACULOSA (AT 12:1 A 19)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Nessa mesma ocasião o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. <sup>2</sup>Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João. <sup>3</sup>E, vendo que isto agradava aos judeus, mandou prender também a Pedro. Era nos dias dos Pães sem fermento. <sup>4</sup>Tendo-o, pois, feito deter, lançou-o na prisão, entregando-o à guarda de quatro piquetes, de quatro soldados cada um, tencionando apresentá-lo ao povo depois da Páscoa. <sup>5</sup>Mas, enquanto Pedro estava sendo mantido na prisão, fazia-se incessantemente oração a Deus, por parte da Igreja, em favor dele. <sup>6</sup>Quando se aproximava o momento de Herodes apresentá-lo, naquela mesma noite estava Pedro dormindo entre dois soldados, preso a duas correntes, enquanto sentinelas diante da porta vigiavam a prisão. <sup>7</sup>De repente, sobreveio o Anjo do Senhor e uma luz brilhou no cubículo. Tocando o lado de Pedro, o Anjo fê-lo erguer-se, dizendo: “Levanta-te depressa!” E caíram-lhe as correntes das mãos. <sup>8</sup>Disse-lhe ainda: “Cinge-te e calça tuas sandálias”. E ele o fez. Disse-lhe mais: “Envolve-te no manto e segue-me”. <sup>9</sup>Pedro saiu e foi seguindo-o, mas não sabia se era verdade o que estava acontecendo por meio do Anjo: parecia-lhe antes uma visão. <sup>10</sup>Passaram, assim, pelo primeiro posto da guarda, depois pelo segundo, e chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se abriu por si mesmo diante deles. Saindo, enveredaram por uma rua, quando subitamente o Anjo apartou-se dele. <sup>11</sup>Então Pedro, voltando a si, disse: “Agora sei realmente que o Senhor enviou o seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda expectativa do povo judeu”. <sup>12</sup>Dando-se conta da situação, dirigiu-se à casa de Maria, a mãe de João, o que tem o cognome de Marcos. Ali se encontravam muitos, reunidos em oração. <sup>13</sup>Batendo ele ao postigo do portão, veio uma criada, chamada Rode, para ver quem era. <sup>14</sup>Tendo reconhecido a voz de Pedro, ficou tão alegre que não lhe abriu. Ao invés, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava ali, diante do portão. <sup>15</sup>Então, disseram-lhe: “Estás louca!” Ela, porém, assegurava que era verdade. “Então é seu anjo!”, concluíram. <sup>16</sup>Pedro, porém, continuava a bater. Afinal abriram e, vendo-o, ficaram estupefatos. <sup>17</sup>Ele, fazendo sinal com a mão para que não falassem, narrou-lhes como o Senhor o livrara da prisão. E acrescentou: “Anunciai isto a Tiago e aos irmãos”. Depois saiu, e foi para outro lugar. <sup>18</sup>Fazendo-se dia, houve não pequeno alvoroço entre os soldados, sobre o que teria acontecido a Pedro. <sup>19</sup>Tendo mandado chamá-lo e não o encontrando, Herodes instaurou um inquérito sobre os guardas e ordenou que fossem executados. Depois, descendo da Judeia para Cesareia, ali passou algum tempo.

O rei Herodes da Judeia (10 a.C.–44 d.C.), mencionado nessa passagem dos *Atos dos apóstolos* (12:1), era “Agripa I, filho mais novo do rei Herodes Magno [neto de Herodes, o Grande], foi condecorado com o título real por Calígula em 37 d.C., mas não foi realmente rei da Judeia a não ser em 41 [...]”.<sup>3</sup> O “[...] Herodes aqui aludido era filho de Aristóbulo e irmão de Herodias. Após a execução do seu pai, no ano 7 a.C., ele foi levado a Roma. Manteve íntimos contatos com a família imperial e era amigo íntimo do jovem Calígula [o futuro imperador]. [...]”.<sup>4</sup>

De forma cruel, o rei Herodes Agripa I ordenou a morte, pela espada, de Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João (At 12:2), conhecido como Tiago Maior. Isso aconteceu quando Jerusalém contava com a presença de uma multidão de peregrinos que para ali se deslocou para a comemoração da Páscoa. Na ocasião, o rei dos judeus mandou também prender Pedro, no dia da festa dos pães asmos ou sem fermento (At 12:3 e 4). Essa festa, mantida pela tradição, “[...] era uma parte da Páscoa. Trata-se de uma comemoração de natureza *agrícola*, que talvez já existisse antes mesmo da instituição da Páscoa. Devia ter a duração de uma semana [...]. A Páscoa era celebrada no primeiro dia da festa dos pães asmos”.<sup>5</sup>

A despeito das dolorosas provações, os irmãos da Casa do Caminho oravam por Pedro, mantido na prisão em razão das injustiças de homens, vaidosos e cruéis, os quais não consideram a intervenção de Deus, que sempre acontece no devido tempo: “Quando tudo nos parece abandonar e o desânimo tenta apossar-se de nós, confiemo-nos à prece; ela não ficará sem resposta”.<sup>6</sup>

Era por volta da Páscoa, quando Pedro foi preso; temiam-no por ser ele a figura central do movimento cristão e supunham que, prendendo-o dariam um golpe de morte a esse movimento. Observemos a fé que havia naqueles corações; ao invés de se lastimarem, entregam-se confiantes à oração [v. 5], certos de que não lhes faltaria o socorro divino. [...]”.<sup>6</sup>

É nesse clima de dor e de profunda aflição, mas também de fé e confiança em Jesus, que Barnabé e Saulo chegam em Jerusalém e encontram os irmãos da Casa do Caminho, sendo ali recepcionados por *Prócoro*, um dos sete diáconos (At 6:5), encarregado do trabalho administrativo da primitiva Igreja Cristã de Jerusalém (At 6:1 a 7):

Imensas surpresas aguardavam os emissários de Antioquia, que já não encontraram Simão Pedro em Jerusalém. As autoridades haviam efetuado a prisão do ex-pescador de Cafarnaum, logo após a dolorosa execução do filho de Zebedeu. Amargas provações haviam caído sobre a igreja e seus discípulos.

Saulo e Barnabé foram recebidos especialmente por Prócoro [um dos sete diáconos da Casa do Caminho], que os informou de todos os sucessos. Por haver solicitado pessoalmente o cadáver de Tiago para dar-lhe sepultura, Simão Pedro fora preso, sem compaixão e com todo o desrespeito, pelos criminosos sequazes de Herodes. No entanto, dias depois, um anjo visitara o cárcere do Apóstolo, restituindo-o à liberdade. O narrador referiu-se ao feito, com os olhos fulgurantes de fé. Contou o júbilo dos irmãos quando Pedro surgiu à noite com o relato da sua libertação. [...].<sup>7</sup>

A libertação de Pedro da prisão ocorreu, uma vez mais, por intervenção divina, cujas ações produzidas por um Espírito materializado, surpreenderam o próprio apóstolo e se encontram registradas, detalhadamente, em *Atos*, 12:7 a 11, aqui reproduzida para a nossa reflexão:

De repente, sobreveio o Anjo do Senhor e uma luz brilhou no cubículo. Tocando o lado de Pedro, o Anjo fê-lo erguer-se, dizendo: “Levanta-te depressa!” E caíram-lhe as correntes das mãos. Disse-lhe ainda: “Cinge-te e calça tuas sandálias”. E ele o fez. Disse-lhe mais: “Envolve-te no manto e segue-me”. Pedro saiu e foi seguindo-o, mas não sabia se era verdade o que estava acontecendo por meio do Anjo: parecia-lhe antes uma visão. Passaram, assim, pelo primeiro posto da guarda, depois pelo segundo, e chegaram ao portão de ferro que dá para a cidade, o qual se abriu por si mesmo diante deles. Saindo, enveredaram por uma rua, quando subitamente o Anjo apartou-se dele. Então Pedro, voltando a si, disse: “Agora sei realmente que o Senhor enviou o seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda expectativa do povo judeu”.

O Espiritismo conceitua como de efeitos físicos, os fenômenos mediúnicos produzidos por ação espiritual para a libertação de Pedro da prisão onde se encontrava detido: materialização do Espírito ou anjo em plena prisão; a brilhante luminosidade que saturou o local onde o apóstolo se encontrava prisioneiro; o rompimento das correntes que mantinham presos suas mãos e pés; a passagem de ambos, o Espírito materializado e o apóstolo, pelos postos de guarda para, finalmente, alcançarem a liberdade quando passaram pelo portão da cidade. Foram fenômenos mediúnicos extraordinários, sem dúvida, porém não miraculosos, considerando que são perfeitamente explicados racionalmente:

De novo a mediunidade de efeitos físicos intervém para salvar Pedro. Por meio dessa mediunidade, os Espíritos podem atuar sobre a matéria e produzir efeitos, tais como: voz direta, deslocamentos de objetos, corporificarem-se, trabalhos manuais, transportes etc. E para isso necessitam de um médium de efeitos físicos, o qual pode não estar ali presente, e sim até bem longe. O Espírito que foi libertar Pedro se utilizou da mediunidade dos discípulos congregados em oração, algum ou alguns dos quais possuíam esse tipo de mediunidade, o que lhe facilitou tudo. [...].<sup>8</sup>

Durante todo o processo de libertação do cárcere, Pedro cumpria as instruções do Anjo. Mas, como ele se encontrava em estado de alteração da consciência (ou transe), agia como se estivesse sob efeito de uma visão. Somente depois que alcançou as ruas da cidade e o Espírito dele se afastou, foi que o apóstolo caiu em si, isto é, saiu do estado de transe, e disse para consigo mesmo: “Agora sei realmente que o Senhor enviou o seu Anjo, livrando-me das mãos de Herodes e de toda expectativa do povo judeu” (At 12:11).

Em *Atos*, 12:12 a 17 consta que, após a libertação e o desaparecimento do Anjo, Pedro se revela cauteloso, não seguindo diretamente para a Casa do Caminho. Dirige-se, então, à residência de Maria, mãe de *João Marcos* – o futuro evangelista – onde muitos amigos estavam ali reunidos em oração (v. 12). Bate no postigo do portão e é atendido pela criada Rode que, surpreendida, retorna ao interior da residência informando que Pedro ali se encontrava, pois ela ouvira a voz do apóstolo pedindo para entrar (v. 13 e 14). No primeiro momento, ninguém acreditou na informação transmitida por Rode, julgando que ela se encontrava sob efeito de alguma perturbação (v. 15), mas como ela persistia em afirmar que ouvira a voz de Pedro, supuseram que não era, efetivamente, o apóstolo, mas o seu anjo (v. 15), ou seja: “Eles supõem que Rode tivesse visto uma aparição de Pedro voltando dos mortos”.<sup>9</sup> Entretanto, como as batidas na porta prosseguiram, resolveram abrir a porta e, estupefatos, depararam com a presença de Simão Pedro (v. 16). Por meio de gestos, o apóstolo pediu-lhes para ficarem em silêncio. Explicou como o Senhor o livrara da prisão, e, em seguida, recomendou-lhes que informassem tudo a Tiago e demais irmãos de fé. Concluída a sua breve fala, foi embora para outro lugar (v. 17).

É oportuno inserir aqui algumas breves informações sobre João Marcos, que seria conhecido na posteridade por *Marcos*, o escritor do segundo livro do Novo Testamento:

João Marcos reaparecerá em *Atos*, 12:25; 13:5, 13; 15:37 a 39; era primo de Barnabé (Cl 4:10) [mas *Atos* afirma que era sobrinho de Barnabé]. Estará ao lado de Paulo, durante o primeiro cativeiro romano (Cl 4:10); (Fm 24), e Paulo reclamará ainda seus préstimos pouco antes de morrer (2Tm. 4:11). Foi igualmente discípulo de Pedro (1Pd 5:13), e a tradição reconhece nele o autor do segundo evangelho.<sup>10</sup>

Os estudiosos neotestamentários apresentam algumas dúvidas a respeito de quem seria, efetivamente, o Tiago citado em *Atos*, 12:17. O

respeitável estudioso e pesquisador bíblico, Norman Russell Champlin, assim se pronuncia:

Os comentadores não chegam a um acordo sobre de quem estaria falando quando se refere “[...] ao Tiago ...” que aparece neste versículo, embora a maioria deles seja favorável à interpretação que diz que se tratava de “[...] *Tiago, irmão do Senhor...*”, sem dúvida filho de José e de Maria. (Ver Mt 12:46-47, quanto à “família física de Jesus”). Todavia, existem intérpretes que acreditam tratar-se de *Tiago, o Menor*, filho de Alfeu, um dos primeiros apóstolos de Jesus (o qual, possivelmente era primo do Senhor Jesus). Assim opinou *Calvino*: “Escritores eclesiásticos, depois de Eusébio, dizem que esse Tiago (irmão do Senhor) era um dos discípulos; porém, visto que Paulo o considera como uma daquelas três grandes colunas da igreja (ver Gl 2:9), não penso que um simples discípulo houvesse avançado tal posição de dignidade, tendo deixado os apóstolos de lado. Portanto, prefiro, conjecturar que esse era Tiago, filho de Alfeu, cuja santidade era tal que os judeus muito se admiravam do fato”.<sup>11</sup>

O pensamento espírita é semelhante ao de João Calvino (1509–1564), líder e reformador religioso, como afirma Humberto de Campos: “[...] Levi [ou Mateus], Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados ‘os irmãos do Senhor’, à vista de suas profundas afinidades afetivas. [...]”.<sup>12</sup> Emmanuel também informa que Tiago, filho de Alfeu, usualmente denominado irmão de Jesus, assumiu provisoriamente a coordenação geral da Igreja Cristã de Jerusalém (Casa do Caminho), nas ausências de Pedro. Contudo, com o afastamento definitivo de Pedro, Tiago assume a chefia da comunidade cristã até a sua desencarnação. O seguinte texto, copiado do livro *Paulo e Estêvão*, indica o encontro de Barnabé e Saulo com Tiago, filho de Alfeu – o qual introduziu medidas drásticas na Igreja Cristã de Jerusalém –, logo após terem sido informados por Prócoro sobre os trágicos acontecimentos que se abateram sobre a Casa do Caminho:

Saulo mostrava-se grandemente impressionado com tudo aquilo. Junto de Barnabé, tratou logo de ouvir a palavra de Tiago, o filho de Alfeu. O Apóstolo recebeu-os de bom grado, mas, podiam-se-lhe notar desde logo os receios e inquietações. Repetiu as informações de Prócoro, em voz baixa, como se temesse a presença de delatores; alegou a necessidade de transigência com as autoridades; invocou o precedente da morte do filho de Zebedeu; referiu-se às modificações essenciais que introduzira na igreja. Na ausência de Pedro, criara novas disciplinas. Ninguém poderia falar do Evangelho sem referir-se à Lei de Moisés. As pregações só poderiam ser ouvidas pelos circuncisos. A igreja estava equiparada às sinagogas. Saulo e o companheiro ouviram-no com grande surpresa. Entregaram-lhe em silêncio o auxílio financeiro de Antioquia.<sup>13</sup>

Em paralelo, Herodes Agripa I instalou um inquérito e ordenou a morte dos guardas que não souberam informar como o Apóstolo Simão Pedro fugira da prisão. Logo após, saiu de Jerusalém, viajando para Cesareia (At 12:19).

A despeito da imensa alegria pela libertação de Simão Pedro por um dos mensageiros de Jesus, a permanência dele na cidade era preocupante, relata Prócoro a Barnabé e Saulo:

[...] Os companheiros mais ponderados induziram-no, então, a sair de Jerusalém e esperar na igreja incipiente de Jope a normalidade da situação. Prócoro contou como o Apóstolo relutara em aquiescer a esse alvitre dos mais prudentes. João e Filipe haviam partido. As autoridades apenas toleravam a igreja em consideração à personalidade de Tiago [Tiago Menor, filho de Alfeu] que, pelas suas atitudes de profundo ascetismo impressionava a mentalidade popular, criando em torno dele uma atmosfera de respeito intangível. Na mesma noite da libertação, por atender-lhe a insistência, Pedro fora conduzido à igreja pelos amigos. Desejava ficar despreocupado das consequências, mas, quando viu a casa cheia de enfermos, de famintos, de mendigos andrajosos, houve de ceder a Tiago a direção da comunidade e partir para Jope, a fim de que os pobrezinhos não tivessem a situação agravada por sua causa.<sup>13</sup>

## 19.2 A MORTE DO PERSEGUIDOR (AT 12:20 A 23)<sup>14</sup>

<sup>20</sup>Ora, Herodes estava irritado contra os habitantes de Tiro e de Sidônia. Mas estes, de comum acordo, apresentaram-se diante dele e, depois de persuadir a Blasto, camareiro real, começaram a pedir a paz. Com efeito, a região deles se abastecia no território do rei. <sup>21</sup>No dia marcado, Herodes revestiu-se dos trajes reais e tomou lugar na tribuna. Começando a falar à multidão, <sup>22</sup>o povo pôs-se a aclamar: “É a voz de um Deus e não de um homem!” <sup>23</sup>No mesmo instante, porém, feriu-o o Anjo do Senhor, pelo motivo de não haver dado glória a Deus. Assim, roído de vermes, expirou.

Nesses registros dos *Atos dos apóstolos*, Lucas relata de forma resumida a morte de Herodes Agripa I, inserindo no contexto que o rei se encontrava em conflitos com os povos das cidades de Tiro e Sidônia (ou Sidom), fato que não causa surpresa, visto ser ele uma pessoa de natureza bélica. A respeito das localidades temos as seguintes informações:

- » Tiro: principal porto marítimo da costa da Fenícia, “[...] contava com dois portos. Um deles ficava em uma ilha, enquanto o outro, o porto *velho*, ficava no continente. [...] A cidade era banhada pelo rio Litani, dominava a planície circunvizinha, ao norte da



qual ficava Sarepta”<sup>15</sup> – pequena cidade fenícia, pertencente a Tiro desde 722 a.C.<sup>16</sup>

- » Sidônia ou Sidom: era uma antiga cidade murada, considerada a primeira cidade fundada pelos fenícios. A cidade era dividida em duas partes: Grande Sidom e Pequena Sidom. Denominada atualmente *Saida*, também possuía na Antiguidade dois portos, sendo um deles o do Líbano. A cidade foi a principal fortaleza dos cananeus.<sup>17</sup>

Quanto à morte de Herodes Agripa I, percebe-se que ela foi fulminante, possivelmente decorrente de agressiva infecção sistêmica, de acordo com a declaração “roído de vermes” (At 12:23):

Assistimos aqui a derrocada do orgulho e ao fim das vaidades terrenas. Por mais alto que estejamos situados na vida e na escala social, lembremo-nos de que acima de nós paira o Poder Soberano que, ao julgar oportuno, faz-se rolar do pedestal em que orgulhosamente nos entronizamos. E a morte do corpo físico finaliza as vaidades com as quais nos comprazíamos.<sup>18</sup>

### 19.3 BARNABÉ E SAULO VOLTAM A ANTIOQUIA (AT 12:24 E 25)<sup>19</sup>

<sup>24</sup>Entretanto, a palavra de Deus crescia e se multiplicava. <sup>25</sup>Quanto a Barnabé e Saulo, depois de se terem desempenhado do seu ministério em Jerusalém, regressaram, levando consigo João, cognominado Marcos.

Concluídos os compromissos em Jerusalém, Barnabé e Saulo retornam a Antioquia. Junto com a admirável dupla, viaja um novo amigo, que seria muito conhecido dos cristãos da posteridade: *João Marcos*. Aquele mesmo que, ao final do seu evangelho, nos transmite a inesquecível mensagem do Cristo Jesus: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15).

A história relata que os desafios para a instalação do Cristianismo, em espírito e verdade, no coração das pessoas, são incalculáveis, impossíveis descrevê-los. Entretanto, o trabalho dos Espíritos Superiores, encarnados e desencarnados, persiste incessantemente, pois tais almas valorosas e imbatíveis, assumiram o eterno compromisso de auxiliar a ascensão da comunidade terráquea. Nesse sentido, inserimos para nossa reflexão final a seguinte mensagem de Emmanuel, a qual nos faz perceber o permanente amparo advindo de Jesus, o Cristo de Deus, por intermédio dos seus

dedicados mensageiros, permanecendo-nos atentos quanto à parte que nos cabe executar:

**Auxílios do Invisível<sup>20</sup>**

*E, depois de passarem a primeira e segunda guarda, chegaram à porta de ferro, que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua e logo o anjo se apartou dele. (Atos, 12:10.)*

Os homens esperam sempre ansiosamente o auxílio do Plano Espiritual. Não importa o nome pelo qual se designe esse amparo. Na essência é invariavelmente o mesmo, embora seja conhecido entre os espiritistas por “proteção dos guias”, nos ambientes católicos por “intervenção dos eleitos” e nos círculos protestantes por “manifestações do Espírito Santo”.

As denominações apresentam interesse secundário. Essencial é considerarmos que semelhante colaboração constitui elemento vital nas atividades do crente sincero.

No entanto, a contribuição recebida por Pedro, no cárcere, representa lição para todos.

Sob cadeias pesadíssimas, o pescador de Cafarnaum vê aproximar-se o anjo do Senhor, que o liberta, atravessa em sua companhia os primeiros perigos na prisão, caminha ao lado do mensageiro, ao longo de uma rua; contudo, o emissário afasta-se, deixando-o novamente entregue à própria liberdade, de maneira a não desvalorizar-lhe as iniciativas.

Essa exemplificação é típica.

Os auxílios do Invisível são incontestáveis e jamais falham em suas multiformes expressões, no momento oportuno; mas é imprescindível não se viciar o crente com essa espécie de cooperação, aprendendo a caminhar sozinho, usando a independência e a vontade no que é justo e útil, convicto de que se encontra no mundo para aprender, não lhe sendo permitido reclamar dos instrutores a solução de problemas necessários à sua condição de aluno.

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:1-19, p. 1923 e 1924.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.

- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:1. Nota de rodapé “a”, p. 1923.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova edição revisada. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 12, it. 12.1, p. 294.
- 5 COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Trad. Miriam Talitha Lins. 2. ed. Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017. cap. 20, it. 2 A festa dos pães asmos, p. 279.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 40, p. 276.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 8 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 40, p. 277.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:15. Nota de rodapé “e”, p. 1923.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:12. Nota de rodapé “d”, p. 1923.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova edição revisada. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 12, it. 12.17, p. 303.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília, DF: FEB: 2020. cap. 5 – *Os discípulos*.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:20-23, p. 1924.
- 15 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Tiro, p. 1346.
- 16 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Sarepta, p. 1236.

- 17 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Sidom, p. 1264.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 12:24-25, p. 1924.
- 19 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 40, p. 278.
- 20 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília, DF: FEB, 2020. cap. 100 – *Auxílios do Invisível*.



## PARTE III

### **Missão de Barnabé e de Paulo. O Concílio de Jerusalém**

“A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. [...]. A caridade jamais passará. [...]. Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, essas três coisas. A maior dela, porém, é a caridade.” Paulo (1 *Coríntios*, 13:4, 8 e 13.)

# O ENVIO EM MISSÃO. EM CHIPRE – O MAGO ELIMAS. EM PAFOS, SAULO SE TRANSFORMA EM PAULO. CHEGADA A ANTIOQUIA DE PSÍDIA (AT 13:1 A 16)

No Tema 19, anteriormente estudado, fomos informados da morte de um dos Doze, Tiago Boanerges (At 12:1 e 2) – irmão de João, apóstolo e evangelista –, seguida da prisão de Pedro (At 12:3), ambas ações decretadas pelo rei Herodes Agripa I, que teve morte súbita, quando se encontrava em Cesareia (At 12:20 a 23), cidade para onde viajou, quando tomou conhecimento da libertação miraculosa de Simão Pedro por um anjo do Senhor (At 12:5 a 12). Vimos também que os discípulos da Casa do Caminho ponderaram que Simão Pedro não deveria permanecer em Jerusalém, pois havia uma sentença de morte pairando sobre ele. Com tristeza e espírito de renúncia, o dedicado apóstolo saiu da cidade, passando a Tiago, filho de Alfeu, a direção da Casa do Caminho. Temeroso das perseguições das autoridades religiosas e administrativas, Tiago introduziu profundas modificações na administração da igreja cristã.

Barnabé e Saulo de Tarso, vindo de Antioquia da Síria, encontravam-se em Jerusalém, acompanhando alguns acontecimentos posteriores à saída de Pedro da cidade e a transferência da administração da Casa do Caminho a Tiago. Em seguida, retornam à Antioquia da Síria, sendo acompanhados por um novo colaborador: *João Marcos*. Na verdade, esse retorno a Antioquia marca o início das viagens missionárias de Saulo: “Até esse ponto do livro [*Atos dos apóstolos*], onde quer que a Igreja [de Jerusalém] tenha enviado alguém em missão, parece que essa missão não tinha como foco evangelizar, mas sim verificar o evangelismo (At 8:4; 11:22)”.<sup>1</sup>

O evangelismo em si parece ter acontecido de modo espontâneo, geralmente na sinagoga local ou em algum outro lugar em circunstâncias específicas, sob a liderança do Espírito Santo [Jesus Cristo] (por meio da “dispersão”, como em At 8:4-5, ou diretamente por um mensageiro divino, como em At 8:26). [...].<sup>1</sup>

É importante considerar que há, realmente, diferença entre *evangelização* e *evangelismo*, sendo que a primeira palavra (evangelização) está relacionada à conversão e, sobretudo, à vivência do Evangelho, enquanto o outro termo (evangelismo) aponta apenas para o ensino ou pregação.

Neste sentido, os apóstolos e discípulos sinceros, desenvolveram o processo de evangelização. Eles pregavam e vivenciavam a mensagem do Cristo. Outro ponto: não havia entre eles, *a priori*, intenção de organizar igrejas/comunidades cristãs. Eles difundiam e testemunhavam os ensinamentos de Jesus, o Messias planetário, em espírito e verdade. Tanto é verdade que sempre iniciavam a pregação (evangelismo) nas sinagogas locais das cidades que visitavam ou em locais públicos, quando não existia uma sinagoga. A constituição das igrejas, como uma organização social, religiosa, hierarquizada, com rituais, práticas dogmáticas etc., tal como entendemos atualmente, não existia no Cristianismo primitivo, vindo a surgir a partir do século III. Daí Emmanuel ensinar, com muita propriedade:

#### Evangelização<sup>2</sup>

Todos os estudiosos que solicitam de amigos do Além um roteiro de orientação não devem esquecer o Evangelho de Jesus, roteiro das almas em que cada coração deve beber o divino ensinamento para a marcha evolutiva.

Habitualmente, invoca-se a velhice de sua letra e a repetição de seus enunciados. O Espírito do Evangelho de Cristo, porém, é sempre a luz da vida. Determinados companheiros buscam justificar o cansaço das fórmulas, alegando que em Espiritismo, temos obras definitivas da revelação, com o sabor de novidade preciosa, em matéria de esclarecimento geral e esforço educativo. O Evangelho, todavia, é como um sol de espiritualidade. Todas essas obras notáveis dos missionários humanos, na sua tarefa de interpretação, funcionam como telescópios, aclarando-lhe a grandeza. É que a sua luz se dirige à atmosfera interior da criatura, intensificando-se no clima da boa vontade e do amor, da sinceridade e da singeleza.

A missão do Espiritismo é a do Consolador, que permanecerá entre os homens de sentimento e de razão equilibrados, impulsionando a mentalidade do mundo para uma esfera superior. Vindo em socorro da personalidade espiritual que sofre, nos tempos modernos, as penosas desarmonias do homem físico do planeta, estabelece o Consolador a renovação dos valores mais íntimos da criatura e não poderá executar a sua tarefa sagrada, na hipótese de

seus trabalhadores abandonarem o esforço próprio, no sentido de operar-se o reajustamento das energias morais de cada indivíduo.

A capacidade intelectual do homem é restrita ao seu aparelhamento sensorial; todavia, a iluminação de seu mundo intuitivo condu-lo aos mais elevados planos de inspiração, onde a inteligência se prepara, em face das generosas realizações que lhe compete atingir no imenso futuro espiritual.

A grande necessidade, ainda e sempre, é a da Evangelização Íntima, para que todos os operários da causa da verdade e da luz conheçam o caminho de suas atividades regeneradoras, aprendendo que toda obra coletiva de fraternidade, na redenção humana, não se efetua sem a cooperação legítima, cuja base é o esclarecimento sincero, mas também é a abnegação, em que o discípulo sabe ceder, tolerar e amparar, no momento oportuno.

Para a generalidade dessa orientação moral faz-se indispensável que todos os centros de estudo doutrinário sejam iluminados pelo Espiritismo Evangélico, a fim de que a mentalidade geral se aplique à luta da edificação própria, sem fetichismos e sem o apoio temporal de forças exteriores, mesmo porque se Jesus convocou ao seu coração magnânimo todos os que choram com o “vinde a mim, vós os que sofreis”, também asseverou “tomai a vossa cruz e segui-me!...”, esclarecendo a necessidade de experiências edificantes no círculo individual.

Resumindo, somos compelidos a concluir que, em Espiritismo, não basta crer. É preciso renovar-se. Não basta apreender as filosofias e as ciências do mundo, mas sentir e aplicar com o Cristo.

## 20.1 O ENVIO EM MISSÃO (AT 13:1 A 3)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Havia em Antioquia, na Igreja local, profetas e doutores: Barnabé, Simeão cognominado Níger, Lúcio de Cirene, e ainda Manaém, companheiro de infância do tetrarca Herodes, e Saulo. <sup>2</sup>Celebrando eles o culto em honra do Senhor e jejuando, disse-lhes o Espírito Santo: “Separai para mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei”. <sup>3</sup>Então, depois de terem jejuado e orado, impuseram-lhes as mãos e despediram-nos.

As palavras *profetas* e *doutores* (ou *doutores da lei*), citadas em *Atos* (13:1), trazem significados específicos nos estudos bíblicos:

» Profeta:

(No *hebraico* é *nabhi*’, no *grego* é *prophetes*) – mestre infalível com autoridade para falar de Deus. Estudando a ordem dos profetas no sentido de uma corporação, constituíam eles uma classe de homens que Deus chamava, para se dirigir ao povo, dando-lhes palavras e lhes conferindo autoridade para falar em seu nome, Dt 18:18 e 19. Cada um dos profetas de Deus e em particular o próprio Jesus Cristo exerciam um cargo semelhante ao de Moisés, Dt 18:18; At 3:22 e 23, no que diz respeito à doutrina, às relações com a lei à



sua obra didática. O profeta Zacarias refere-se claramente a esses atributos dos servos de Deus, quanto ao seu caráter e à sua autoridade. [...], Zc 1:6; 7:12; Ne 9:30. [...].<sup>4</sup>

Os profetas surgiam espontaneamente. Eles não eram previamente preparados tal como acontecia aos escribas, sacerdotes e doutores da lei:

[...] A palavra de Deus vinha a eles de vários modos. Deus lhes ordenava que falassem e guardassem silêncio. A sua missão era confirmada por sinais extraordinários, pelo cumprimento de suas palavras e pelo valor de suas doutrinas [...].<sup>4</sup>

» **Doutor da lei:**

Homem versado no conhecimento da lei de Moisés, da qual era intérprete profissional e também escriba. Cf. Mt 22:35, com Mc 12:28 [...]. Os doutores da lei uniram-se aos fariseus para rejeitarem a pregação de João Batista, Lc 7:30; julgavam-se superiores a Jesus [...]. Jesus os denunciou em linguagem veemente, porque atavam cargas pesadas e incomparáveis aos ombros dos homens e lhes fechavam a porta do reino dos céus, Lc 11: 45 a 52.<sup>5</sup>

*Doutor da lei* é denominação que aparece no Novo Testamento com o nome de *nomikos*, aplicado aos “[...] escribas como sinônimo de *grammateus* e *nomodidaskalos*. Todos os escribas eram originalmente estudiosos das Escrituras [...]. Os doutores da lei tinham assento no Sinédrio (Mt 16:21; Lc 22:66; At 4:5)”.<sup>6</sup>

*Atos* (13:1 e 2) registra nominalmente quem eram os profetas e doutores da Igreja Cristã de Antioquia da Síria: *Barnabé*, *Simeão* cognominado *Níger*, *Lúcio de Cirene*, e ainda *Manaém*, companheiro de infância do tetrarca Herodes, e *Saulo*. Informa também que a comunidade celebrava o *culto* em honra do Senhor e o jejum (At 13:2 e 3). Recordemos que a igreja de Antioquia era conhecida pela prática da caridade, já que Barnabé e Saulo implantaram também a prática de transmitir energias ou fluidos espirituais aos membros da comunidade por meio da imposição de mãos (At 13:3).

Emmanuel analisa com lucidez essa passagem de *Atos dos apóstolos* (13:1 a 3), que representa, na verdade, o marco inicial das viagens missionárias de Paulo de Tarso, que contou com o imprescindível apoio de Barnabé:

Na primeira reunião, depois de relatar as observações pessoais concernentes à igreja de Jerusalém, Barnabé expôs o plano à assembleia, que o ouviu atentamente. Alguns anciãos falaram da lacuna que se abriria na igreja, expuseram o desejo de que se não quebrasse o conjunto harmonioso e fraterno. No entanto, o orador voltou a explicar as necessidades novas do Evangelho. Pintou os quadros de Jerusalém com a fidelidade possível, fez a súmula de

suas conversações com Saulo de Tarso e salientou a conveniência de chamar novos trabalhadores ao serviço do Mestre.

Quando tratou o problema com toda a gravidade que lhe era devida, os chefes da comunidade mudaram de atitude. Estabeleceu-se o acordo geral. De fato, a situação explanada por Barnabé era muito séria. Seus pareceres veementes eram mais que justos. Se perseverasse o marasmo nas igrejas, o Cristianismo estava destinado a perecer. Ali mesmo, o discípulo de Simão recebeu a aquiescência irrestrita e, no instante das preces, a voz do Espírito Santo se fez ouvir no ambiente de simplicidade pura, inculcando fossem Barnabé e Saulo destacados para a evangelização dos gentios.

Aquela recomendação superior, aquela voz que provinha dos arcanos celestes, ecoou no coração do ex-rabino como um cântico de vitória espiritual. Sentia que acabava de atravessar imenso deserto para encontrar de novo a mensagem doce e eterna do Cristo. Por conquistar a dignidade espiritual, só experimentara padecimentos, desde a cegueira dolorosa de Damasco. Ansiara por Jesus. Tivera sede abrasadora e terrível. Pedira em vão a compreensão dos amigos, debalde buscara o terno aconchego da família. Agora, porém, que a palavra mais alta o chamava ao serviço, deixava-se empolgar por júbilos infinitos. Era o sinal de que havia sido considerado digno dos esforços confiados aos discípulos. Refletindo como as dores passadas lhe pareciam pequeninas e infantis, comparadas à alegria imensa que lhe inundava a alma, Saulo de Tarso chorou copiosamente, experimentando maravilhosas sensações. Nenhum dos irmãos presentes, nem mesmo Barnabé, poderia avaliar a grandiosidade dos sentimentos que aquelas lágrimas revelavam. Tomado de profunda emoção, o ex-doutor da Lei reconhecia que Jesus se dignava de aceitar suas oblatas de boa vontade, suas lutas e sacrifícios. O Mestre chamava-o e, para responder ao apelo, iria aos confins do mundo.

Numerosos companheiros colaboraram nas providências iniciais, em favor do empreendimento.<sup>7</sup>

## 20.2 EM CHIPRE – O MAGO ELIMAS (AT 13:4 A 12)<sup>8</sup>

<sup>4</sup>Enviados, pois, pelo Espírito Santo, eles desceram até Selêucia, de onde navegaram para Chipre. <sup>5</sup>Chegados a Salamina, passaram a anunciar a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus. Tinham também João como auxiliar. <sup>6</sup>Tendo atravessado toda a ilha até Pafos, aí encontraram um mago, falso profeta, que era judeu e se chamava Bar-Jesus. <sup>7</sup>Ele estava com o procônsul Sérgio Paulo, homem prudente, o qual mandara chamar Barnabé e Saulo, desejoso de ouvir a palavra de Deus. <sup>8</sup>Elimas, porém, o mago – assim se traduz o seu nome – começou a opor-se a eles, procurando afastar o procônsul da fé. <sup>9</sup>Então Saulo, que também se chamava Paulo, repleto do Espírito Santo, fixando nele os olhos, <sup>10</sup>disse: “Homem cheio de toda a falsidade e de toda a malícia, filho do diabo e inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os caminhos

do Senhor, que são retos? <sup>11</sup>Pois agora, a mão do Senhor está sobre ti: ficarás cego, e por um tempo não verás mais o sol!” No mesmo instante, escuridão e trevas caíram sobre ele, de tal sorte que, andando à roda, procurava quem o levasse pela mão. <sup>12</sup>Então, vendo o que acontecera, o procônsul abraçou a fé, maravilhado com a doutrina do Senhor.

Esse registro de Lucas nos reporta às primeiras atividades de evangelização, iniciando assim um novo ciclo na difusão do Cristianismo, marcado pelo esforço contínuo dos discípulos de Jesus em difundir a Boa-Nova, independentemente dos desafios que surgissem: “Dentro em pouco, cheios de confiança em Deus, Saulo e Barnabé, seguidos por João Marcos, despediam-se dos irmãos [de Antioquia] a Caminho da Selêucia. A viagem para o litoral decorreu em ambiente de muita alegria. [...]”<sup>9</sup> esclarece Emmanuel, que prossegue nos seus importantes relatos, tendo como referência as citações de *Atos* (13:4 a 6):

Em Selêucia não foi demorada a espera de embarcação. A cidade estava sempre cheia de peregrinos que demandavam o Ocidente, sendo frequentada por elevado número de navios de toda ordem. Entusiasmados com o acolhimento dos irmãos de fé, Barnabé e Saulo embarcaram para Chipre, sob a impressão de comovente e carinhosa despedida.

Chegaram à ilha, com o jovem João Marcos, sem incidentes dignos de menção. Estacionados em Citium por muitos dias, aí solucionou Barnabé vários assuntos de seu interesse familiar.<sup>9</sup>

Apresentamos algumas breves informações a respeito das cidades citadas em *Atos* (13:4 e 5), a saber:

» Selêucia:

(No grego é *Seleukía*, “concernemente a Seleuco”) – nome de uma cidade situada na costa da Síria, 1 Mac 11:8, ao norte da foz do Orontes. Foi construída por Seleuco Nicanor, no lugar de uma antiga cidade. Servia de porto de mar à cidade de Na, que ficava 32 Km rio acima. Pompeu concedeu-lhe os foros de cidade livre [*Cneu Pompeu Magno*, 106–48 a.C., destacado político e cônsul romano).<sup>10</sup>

» Chipre:

Nome de uma ilha famosa na Antiguidade pela riqueza de suas minas de cobre. Está situada na parte setentrional do Mediterrâneo, cerca de 65 Km da costa da Cilícia, e 96 da Síria e 383 do Porto Saíde no Egito; a parte central tem cerca de 207 Km de comprimento, e 55 a 110 Km de largura. [...]. A área total da ilha está em torno de 6.637 Km<sup>2</sup>. [...]. A capital da ilha foi a cidade de Kition, ou Citium. Outras colônias gregas reforçaram a antiga população, de modo que  $\frac{3}{4}$  partes da população pertencem a essa

raça. Chipre foi, outrora, por algum tempo, província do império romano, porém, no ano 27 a.C., o imperador Augusto a transferiu ao senado, passando a ser governada por um propretor com o título de procônsul. Havia ali muitas comunidades judias, 1 Mac 15:23; At 4:36. Antes do martírio de Estêvão, ali já existiam cristãos [...]. Desde o ano 1571, está incorporada ao império turco. [...].<sup>11</sup>

» Salamina:

(No grego é *Salamis*) – nome de uma cidade situada na costa oriental de Chipre, que a tradição diz ter sido edificada por *Teucro* [divindade do rio, segundo a mitologia grega], que foi para lá da ilha de *Salamis*, que ficava distante da costa helênica. Existiam nela sinagogas de judeus, nas quais pregou o apóstolo Paulo, quando fez a sua primeira viagem missionária, At 13:4-5. Mais adiante teve o nome de *Constância* e atualmente chama-se *Famagusta*, e está a 5 Km das antigas ruínas.<sup>12</sup>

Recordemos que Barnabé, antes de se tornar cristão e se revelar dedicado servidor do Cristo, era judeu levita de Chipre e parente próximo de João Marcos (o que, de certa forma, justifica a presença do futuro evangelista na dupla Saulo-Barnabé). Aproveitando a viagem pela região, fizeram uma visita aos familiares na cidade cipriota de Citium, hoje denominada Lánarca, situada na costa sudeste de Chipre:

Antes de se retirarem, visitaram a sinagoga, num sábado, com o propósito de iniciar o movimento. Como chefe da missão, Barnabé tomou a palavra, procurou conjugar o texto da Lei, examinado naquele dia, às lições do Evangelho, para destacar a superioridade da missão do Cristo. Saulo notou que o companheiro explanava o assunto com respeito algo excessivo às tradições judaicas. Via-se claramente que desejava, antes de tudo, conquistar as simpatias do auditório; em alguns pontos, demonstrava o temor de encetar o trabalho, abrindo as lutas tão em desacordo com o seu temperamento. Os israelitas mostraram-se surpreendidos, mas satisfeitos. Observando o quadro, Saulo não se sentiu plenamente confortado. Fazer reparos a Barnabé seria ingratidão e indisciplina, concordar com o sorriso dos compatriotas perseverantes nos erros do fingimento farisaico seria negar fidelidade ao Evangelho.

Procurou resignar-se e esperou.<sup>13</sup>

Prosseguindo na missão, os três evangelizadores, Saulo, Barnabé e João Marcos, percorrem outras localidades da região:

[...] Em Amatonte [cidade de Chipre devotada a Vênus], os mensageiros da Boa-Nova demoraram mais de uma semana. A palavra de Barnabé era profundamente contemporizadora, caracterizava-se, em tudo, pelo grande cuidado de não ofender os melindres judaicos.<sup>13</sup>

O abençoado trio alcança a ilha de *Pafos*, onde se depara com um falso profeta, um judeu de nome *Bar-Jesus* (At 13:6) ou *Elimas*. Eis algumas informações a respeito dessa cidade:

» Nea-Pafos ou Pafos:

(No grego é *Paphos*, o significado é desconhecido) – nome de uma cidade situada na extremidade sudoeste de Chipre, perto do cabo Zeferiom. Chamava-se *Velha Pafos* para distingui-la de outra cidade mercantil, mais recente, localizada alguns quilômetros a noroeste. Foi a capital da província romana de Chipre e residência de um procônsul. Nas proximidades, estava um célebre templo dedicado à deusa grega do amor, Afrodite (Vênus), Hom. [Homero] Odisseia 8:32. O apóstolo Paulo visitou essa cidade, At 13:6 a 13. Atualmente é a moderna cidade de *Konklia*.<sup>14</sup>

A experiência vivenciada por Saulo, Barnabé e João Marcos foi, efetivamente, desafiante, como está claramente descrita em *Atos* (13:6 a 12): Pafos era administrada pelo procônsul romano Sérgio Paulo, descrito como um homem prudente (v. 7), que, após ouvir as predições do mago Bar-Jesus (v. 6), também conhecido como Elimas (v. 8), ponderou a respeito e deve ter tido algumas dúvidas, pois, em seguida, convocou Barnabé e Saulo, que se encontravam na cidade, a fim de ouvir deles a palavra de Deus (v. 7).

Não foi por acaso que o procônsul convocou Saulo e Barnabé à sua presença, colocando-os frente a frente com Elimas, pois, previamente, a autoridade romana havia sido informada da presença dos referidos discípulos em Pafos e do positivo impacto das pregações do Evangelho e das práticas cristãs sobre os habitantes da cidade, como transmite este texto de *Paulo e Estêvão*:

[...] Não obstante sentir-se cansadíssimo, [Barnabé] fez a pregação na sinagoga, no sábado imediato à chegada. Nesse dia, entretanto, ele estava divinamente inspirado. A apresentação do Evangelho foi feita com raro brilhantismo. O próprio Saulo comoveu-se profundamente. O êxito foi inexcédível. A segunda assembleia reuniu os elementos mais finos; judeus e romanos aglomeravam-se ansiosos. O ex-levita fez nova apologia do Cristo, bordando conceitos de maravilhosa beleza espiritual. O ex-doutor da Lei, com os trabalhos informativos da missão, atendia prazerosamente a todas as consultas, pedidos, informações. Nenhuma cidade manifestara tamanho interesse, quanto aquela; os romanos, em grande número, iam solicitar esclarecimentos quanto aos objetivos dos mensageiros, recebiam notícias do Cristo, revelando júbilos e esperanças; desfaziam-se em gestos de espontânea bondade. Entusiasmados com o êxito, Saulo e Barnabé organizaram reuniões em casas particulares, especialmente cedidas para esse fim pelos simpatizantes da doutrina de Jesus, onde encetaram formoso movimento de curas. Com alegria infinita, o tecelão de Tarso

viu chegar a extensa fileira dos “filhos do Calvário”. Eram mães atormentadas, doentes desiludidos, anciões sem nenhuma esperança, órfãos sofredores, que agora procuravam a missão. A notícia das curas julgadas impossíveis encheu Nea-Pafos de grande assombro. Os missionários impunham as mãos, fazendo preces fervorosas ao Messias Nazareno; de outras vezes, distribuíam água pura, em seu nome. [...].<sup>15</sup>

Ciente da convocação, Elimas se opõe declaradamente aos discípulos de Jesus, procurando afastar o procônsul da fé cristã pregada por eles, que demonstraram as falsidades do mago. No entanto, Saulo foi envolvido por Jesus e, com olhos fixos no falso profeta (v. 9), revela as mentiras, interesses e malícias de Bar-Jesus/Elimas (v. 10). Sob ação espiritual superior, Saulo afirma incisivamente ao falso profeta (At 13:11): *Pois agora, a mão do Senhor está sobre ti: ficarás cego, e por um tempo não verás mais o sol! No mesmo instante, escuridão e trevas caíram sobre ele, de tal sorte que, andando à roda, procurava quem o levasse pela mão.*

O procônsul Sérgio Paulo revelou-se maravilhado e se converteu à fé cristã (v. 12), determinando a fundação da igreja cristã de Pafos/Nea-Pafos. Segundo a tradição, essa igreja cristã é considerada a primeira nascida entre os gentios *sob ação direta de Saulo e Barnabé*. Recordemos que a Igreja Cristã de Antioquia da Síria, que é aceita como a primeira comunidade cristã fundada fora de Israel, recebeu, de fato, cooperação de Barnabé e Saulo, mas teria sido organizada anteriormente pelos cristãos que ali viviam, aqueles que fugiram de Jerusalém, ante a perseguição do então fariseu e doutor da lei, Saulo de Tarso.

Com a conversão do procônsul, ocorre espontâneo diálogo entre Saulo e o Sergio Paulo, de onde extraímos pequeno trecho que relata porque a primeira comunidade cristã fundada por ação de Saulo aconteceu, efetivamente, em Pafos:

– Nossa missão está começando precisamente agora [informa Saulo]. Os discípulos do Messias fundaram as igrejas de Jerusalém e Antioquia. Por enquanto, não temos outros núcleos educativos, além desses. Há muitos cristãos em toda parte, mas suas reuniões se fazem em domicílios particulares. Não possuem templos, propriamente, que os habilitem a mais eficiente esforço de assistência e propaganda.

– Nea-Pafos terá, então, a primeira igreja, filha do vosso trabalho direto [informa o procônsul].

Saulo não sabia como traduzir sua gratidão por aquele gesto de generosidade espontânea. Profundamente comovido, adiantou-se, então, e, com o cidadão cíprio [Barnabé], agradeceu a dádiva que vinha prestigiar e facilitar a obra apostolar.

Os três falaram ainda largo tempo sobre os empreendimentos em perspectiva. Sérgio Paulo pediu-lhes indicassem as pessoas capazes de construir o novo templo, enquanto Barnabé e o companheiro expunham suas esperanças.<sup>15</sup>

Ainda que a primeira comunidade cristã surgida em terras gentílicas tenha ocorrido em Antioquia da Síria, ali só participavam do culto cristão os crentes que, ou eram judeus, propriamente ditos, ou gentios que já haviam sido convertidos ao Judaísmo. Em Pafos, não. Os gentios, que eram naturalmente politeístas, converteram-se diretamente ao Cristianismo, tal como aconteceu, inclusive, com o procônsul, Sérgio Paulo. Os cristãos de Pafos não precisavam, previamente, se converterem ao Judaísmo.

### 20.2.1 EM PAFOS, SAULO SE TRANSFORMA EM PAULO

Trata-se de outra importante informação mantida pela Tradição: concluído o diálogo com o procônsul Sergio Paulo, Barnabé pergunta a Saulo por que ele mantinha o nome anterior, quando ainda era proficiente do Judaísmo, mesmo após a conversão ao Cristianismo: “– Saulo, quando Ananias te batizou não chegou a sugerir a mudança em teu nome?” Ante a resposta negativa do ex-rabino, Barnabé afirma: “– Pois suponho que, doravante, deves considerar tua vida como nova. Foste iluminado pela graça do Mestre, tiveste o teu Pentecostes, fostes sagrado Apóstolo para os labores divinos da redenção”.<sup>15</sup> Ato contínuo, Saulo toma a resolução de se autodenominar Paulo, de acordo com esta informação transmitida por Emmanuel:

– Sei, Barnabé, que muitos dos nossos companheiros trocaram de nome quando se converteram ao amor de Jesus; quiseram assinalar desse modo sua separação dos enganos fatais do mundo. Não quis valer-me do recurso de qualquer modo. Mas a transformação do governador, à luz da graça que nos acompanhou no curso dos acontecimentos de hoje, levam-me, igualmente, a procurar um motivo de perenes lembranças.

Depois de longa pausa, dando a entender quanto refletira para tomar aquela resolução, falou:

– Razões íntimas, absolutamente respeitáveis, obrigam-me a reconhecer, doravante, um benfeitor no chefe político desta ilha. Sem trocar formalmente meu nome, passarei a assinar-me à romana.

– Muito bem – respondeu o companheiro –, entre Saulo e Paulo nenhuma diferença existe, a não ser a do hábito de grafia ou de pronúncia. A decisão será uma formosa homenagem ao nosso primeiro triunfo missionário junto dos gentios, ao mesmo tempo que constituirá agradável lembrança de um espírito tão generoso.<sup>15</sup>

Emmanuel prossegue no seu admirável resgate histórico do exato momento em que Saulo se transforma em Paulo de Tarso, iniciando a sua missão de evangelização, quando ele seria conhecido pela posteridade como Apóstolo dos Gentios:

Nesse fato baseou-se a mudança de uma letra no nome do ex-discípulo de Gamaliel. Caráter íntegro e enérgico, o rabino de Jerusalém, nem mesmo transformado em modesto tecelão, quis modificar, portas adentro do Cristianismo, a sua fidelidade inata. Se servira a Moisés como Saulo, com o mesmo nome haveria de servir igualmente a Jesus Cristo. Se errara e fora perverso, na primeira condição, aproveitaria a oportunidade dos Céus, corrigiria a existência e seria um homem bom e justo na segunda. Nesse particular, não chegou a considerar qualquer sugestão dos amigos. Fora o primeiro perseguidor da instituição cristã, verdugo inflexível do proselitismo alvorecente, mas fazia questão de continuar como Saulo, para lembrar-se de todo o mal e envidar esforços para fazer todo o bem ao seu alcance. Naquele instante, porém, a lembrança de Estêvão falava-lhe brandamente ao coração. Ele fora o seu maior exemplo para a marcha espiritual. Era o Jeziel bem-amado de Abigail. [...].<sup>15</sup>

O texto que se segue revela-nos que nada acontece por acaso: Sergio Paulo, procônsul de Pafos, é o mesmo que fora curado pelos cuidados de Jeziel/Estêvão, um escravo, quando, ao viajar em missão do Império Romano, embarca no navio e adoece seriamente. Curado, a autoridade de César liberta Jeziel/Estêvão do cativeiro nas galés, deixando-o nas costas de Israel. Anos depois, eis que o respeitável cônsul romano é conduzido à fé cristã por intermédio de Saulo, o ex-perseguidor de Jeziel/Estêvão. Durante as suas considerações íntimas, Saulo avalia o quadro geral dos acontecimentos, fazendo-o tomar a decisão de mudar de nome, tal como aconteceu a Jeziel que se transformou em Estêvão. A partir de agora, ele seria conhecido como Paulo, escrita em língua romana o nome Saulo:

[...] A mão de Jesus o encaminhara ao procônsul, o libertador de Jeziel dos grilhões do cativeiro; o ex-escravo demandara Jerusalém para tornar-se discípulo do Cristo! O ex-rabino sentia-se ditoso, por ter sido auxiliado pelas forças divinas, tornando-se por sua vez libertador de Sérgio Paulo, escravizado ao sofrimento e às ilusões perigosas do mundo. Era justo gravar na memória uma lembrança indelével daquele que, vítima dele em Jerusalém, era agora irmão abençoado, o qual não conseguia esquecer nos mais fugazes instantes da vida e do seu ministério.

Daí por diante o convertido de Damasco, em memória do inolvidável pregador do Evangelho, que sucumbira a pedradas, passou a assinar-se Paulo, até ao fim de seus dias.<sup>15</sup>



## 20.3 CHEGADA A ANTIOQUIA DE PSÍDIA (AT 13:13 A 16)<sup>16</sup>

<sup>13</sup>De Pafos, onde embarcaram, Paulo e seus companheiros alcançaram Perge, na Panfília. Quanto a João, separando-se deles, voltou para Jerusalém. <sup>14</sup>Eles, porém, penetrando além de Perge, chegaram a Antioquia da Psídia. Lá, entrando na sinagoga em dia de sábado, sentaram-se. <sup>15</sup>Depois da leitura da Lei e dos Profetas, mandaram dizer-lhes os chefes da sinagoga: “Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação ao povo, falai”. <sup>16</sup>Então, levantando-se, Paulo fez sinal com a mão, e disse: “Homens de Israel, e vós que temeis a Deus, escutai!”

Os três evangelizadores viajam para Perge, cidade da Panfília, divulgando e exemplificando a mensagem de Jesus entre povos gentílicos (v. 13). A parti desse momento, João Marcos separa-se do pequeno grupo, retornando a Jerusalém (v. 13). Marcos ainda não tinha adquirido a devida segurança para pregar o Evangelho a não judeus. Na verdade, ele não concordava com Barnabé e Saulo de que os povos gentílicos deveriam receber a mensagem de Jesus:

Depois de muito confabularem, Paulo e Barnabé resolveram estender a missão aos povos da Panfília, com grande escândalo para João Marcos, que se admirava de semelhante alvitre.

– Mas que fazemos com essa gente tão estranha? – perguntou o rapaz contrariado. – Sabemos, em Jerusalém, que esse país é povoado por criaturas supinamente ignorantes. E, ademais, que ali existem ladrões por toda parte.

– No entanto – obtemperou Paulo, convicto –, penso que devemos procurar a região, justamente por isso. Para outros, uma viagem a Alexandria pode oferecer maior interesse; mas todos esses grandes centros estão cheios de mestres da palavra. Possuem sinagogas importantes, conhecimentos elevados, grandes expoentes de ciência e riqueza. Se não servem a Deus é por má vontade ou endurecimento de coração. A Panfília, ao contrário, é muito pobre, rudimentar e carecente de luz espiritual. Antes de ensinar em Jerusalém, o Mestre preferiu manifestar-se em Cafarnaum e noutras aldeias quase anônimas da Galileia.

Ante o argumento irretorquível, João absteve-se de insistir.<sup>17</sup>

A dupla Paulo-Barnabé prossegue viagem, alcançando Antioquia da Psídia (v. 14), que não deve ser confundida com Antioquia da Síria.

» Perge:

Nome de uma cidade da Panfília, capital da província no tempo dos romanos, situada à margem direita do rio Questros, cerca de 12 Km acima da foz. Paulo e Barnabé visitaram-na em sua primeira viagem missionária, tanto na ida quanto na volta, At 13:13-14; 14:25. Existia na sua vizinhança um magnífico templo consagrado à deusa Artêmis, do tipo asiático; a Diana dos efésios, conhecida como rainha de Perge.<sup>18</sup>

» Antioquia da Psídia:

Nome de outra cidade da Ásia Menor, também fundada por Seleuco Nicátor, que igualmente lhe deu o nome de seu pai, Antíoco. Foi cidade situada na Frígia, quase nos limites da Psídia. Para não haver confusão entre os dois nomes iguais, as duas cidades foram designadas assim: Antioquia da Psídia e Antioquia da Síria [onde Saulo e Barnabé colaboraram no desenvolvimento da igreja cristã ali existente]. Incluída na província romana da Galácia, ficou sendo o centro da administração civil e militar da parte sul da província. A colônia judia construiu uma sinagoga para seu culto, At 13:14. [...] Paulo e Barnabé visitaram a cidade, quando fizeram a sua primeira viagem missionária, At 13:14 a 52; 14:19 a 21; 2 Tm 3:11. [...]. Nas ruínas dessa cidade encontra-se moderna cidade *Yalabatch*.<sup>19</sup>

Em Antioquia da Psídia, os dois dedicados discípulos de Jesus prosseguem na sua missão de evangelização junto aos povos gentílicos, causando oposição aos judeus que viviam na cidade, como estudaremos no próximo tema:

Deixando a semente do Evangelho plantada em Pafos e por toda a ilha de Chipre, os missionários prosseguem viagem. João Marcos afasta-se deles, voltando a Jerusalém. Passam por Perge, em direção a Antioquia da Psídia [ou Psídia], onde se demoram. Segundo o costume, no sábado comparecem à sinagoga e se assentam nos lugares reservados aos visitantes. Terminada a leitura das Escrituras pelo chefe da sinagoga, ele lhe oferece a palavra: Paulo aceita e levanta-se para falar.<sup>20</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CARSON, D. A.; *et al.* *Comentário bíblico: vida nova*. Trad. Carlos E. S. Lopes; *et al.* 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. cap. 13.1 a 20:38 – O ministério intencional aos gentios, p. 1631.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Coletânea do além*. Espíritos diversos. 3. ed. São Paulo: Editora FEESP, 2001. cap. *Evangelização*, p. 132 e 133.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 13:1-3, p. 1924.
- 4 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Profeta, p. 1006.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Doutor da lei, 364.
- 6 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Doutores da lei, p. 367.

- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 13:4-12, p. 1924 e 1925.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Selêucia, p. 1013.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Chipre, p. 253.
- 12 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Salamina, p. 1085.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 14 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Pafos, p. 913.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 13:13-16, p. 1925.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 18 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Perge, p. 981.
- 19 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Antioquia da Psídia, p. 89 e 90.
- 20 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 4, it. O discurso de Paulo na Sinagoga de Pisídia; a oposição dos judeus, p. 282.

## PREGAÇÃO DE PAULO DIANTE DOS JUDEUS. PAULO E BARNABÉ DIRIGEM-SE AOS GENTIOS (AT 13:16 A 52)

No tema anterior fomos informados de três notáveis acontecimentos da história do Cristianismo ocorridos na província de Pafos/Nea-Pafos: a) conversão do procônsul Sérgio Paulo à fé cristã – esta autoridade romana é a mesma que foi curada de grave enfermidade graças aos cuidados de Jeziel/Estêvão, que se tornou livre da escravidão nas galés como retribuição do auxílio prestado; b) fundação da igreja cristã de Pafos considerada a primeira entre os gentios por ação direta de Saulo e Barnabé; c) Saulo de Tarso acata sugestão de Barnabé de substituir seu nome por Paulo, que utiliza a grafia romana de escrevê-lo pelo fato de ter conduzido ao Cristianismo o romano que tornou livre Jeziel/Estêvão, irmão da sua noiva Abigail.

Vimos também que Paulo, Barnabé e João Marcos viajam para outras terras de povos gentílicos, pregando o Evangelho de Jesus nas sinagogas ali existentes. Na Panfília, João Marcos retorna a Jerusalém (At 13:13), enquanto Paulo e Barnabé prosseguem na missão de evangelização de judeus e não judeus. Passam por Perge, cidade da Panfília, e prosseguem viagem até Antioquia da Psídia, cidade da Ásia Menor:

Em breve, a missão alugava um barco, largando-se para Perge. Nesta cidade, de regular importância para a região em que se localizava, anunciaram o Evangelho com imensa dedicação. Na pequena sinagoga, encheram o sábado de grande movimento. Alguns judeus e numerosos gentios, na maioria gente pobre e simples, acolheram os missionários, cheios de júbilo. As notícias do Cristo despertaram singular curiosidade e encantamento. O modesto par-dieiro, alugado por Barnabé, ficava repleto de criaturas ansiosas por obter cópia das anotações de Levi. Paulo regozijava-se. Experimentava alegria indefinível ao contato daqueles corações humildes e simples, que lhe davam ao espírito cansado de casuística a doce impressão de virgindade espiritual.

Alguns indagavam da posição de Jesus na hierarquia dos deuses do paganismo; outros desejavam saber a razão por que haviam crucificado o Messias, sem consideração aos seus elevados títulos, como Mensageiro do Eterno. A região estava cheia de superstições e credulidades. A cultura judaica restringia-se ao ambiente fechado das sinagogas. A missão, não obstante consagrar seu maior esforço aos israelitas, pregando no círculo dos que seguiam a Lei de Moisés, interessara às camadas mais obscuras do povo, em razão das curas e do convite amoroso ao Evangelho, movimento esse no qual os trabalhadores de Jesus punham todo o seu empenho.<sup>1</sup>

A pregação de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia pode ser dividida em três momentos: retrospecto histórico da formação e organização da nação judaica e da religião dos judeus, ou Judaísmo (At 13:16 a 22); a vinda de Jesus Cristo, o Salvador e Messias de Deus, previsto pelo rei Davi e anunciado por João Batista (At 13:23 a 25); anúncio da Boa-Nova com Jesus e explicações a respeito do Evangelho do Senhor, fazendo, uma vez mais, referências a Moisés, profetas e salmistas (At 13:26 a 42). O tema geral da pregação de Paulo é sobre a salvação humana, anunciada de Moisés a João Batista, confirmada, exaltada e definida em Jesus Cristo:

O apóstolo Paulo, pois, falava acerca do livramento ou salvação da raça humana, referindo-se aos termos mais básicos da fé em Cristo e do perdão dos pecados. Por isso mesmo a sua mensagem consistia em boas-novas, e não apenas em bons conselhos; e ele quis demonstrar o quanto é digna de confiança essa mensagem, provando que ela era realmente boas-novas, ao expor que o Senhor Jesus conquistou a própria morte, tornando os homens que nele cressem dignos de participarem da verdadeira imortalidade, por intermédio dele. A verdadeira imortalidade não consiste apenas na sobrevivência da alma, e, sim, da participação na mais elevada forma de vida: a vida de Deus, conforme ela aparece ilustrada na pessoa de Jesus Cristo. [...].<sup>2</sup>

Ao término da sua pregação, Paulo e Barnabé são convidados a retornar à sinagoga no sábado seguinte para prosseguirem nas explicações sobre o Evangelho (At 13:43). Passada uma semana, os dois dedicados discípulos retornam e continuam a pregar a respeito de Jesus e do Evangelho, ensinamentos que foram muito bem recebidos pelos gentios (At 13:44 a 48). No entanto, o mesmo não aconteceu com a maioria dos judeus presentes que, usando de artimanhas, fazem intrigas e iniciam perseguição a Paulo e a Barnabé, culminada com a expulsão deles da cidade. Os dois evangelizadores viajam para Icônio, outra cidade de gentios da Ásia Menor (At 13:49 a 51).

## 21.1 PREGAÇÃO DE PAULO DIANTE DOS JUDEUS (AT 13:16 A 43)<sup>3</sup>

<sup>16</sup>Então, levantando-se, Paulo fez sinal com a mão, e disse: “Homens de Israel, e vós que temeis a Deus, escutai! <sup>17</sup>O Deus deste povo, o Deus de Israel, escolheu nossos pais e fez crescer o povo em seu exílio na terra do Egito. Depois, erguendo seu braço, fê-los sair de lá <sup>18</sup>e, durante quarenta anos aproximadamente, cercou-os de cuidados” no deserto. <sup>19</sup>Depois, havendo exterminado sete nações na terra de Canaã, deu-lhes em herança essa terra. <sup>20</sup>Isto, durante cerca de quatrocentos e cinquenta anos. Depois disto concedeu-lhes juízes, até o profeta Samuel. <sup>21</sup>A seguir pediram um rei, e Deus lhes concedeu Saul filho de Cis, da tribo de Benjamim, por quarenta anos. <sup>22</sup>Removido este, suscitou-lhes Davi como rei, e dele deu este testemunho: *Encontrei Davi, filho de Jessé, homem segundo o meu coração que em tudo fará a minha vontade.* <sup>23</sup>Da sua descendência, conforme a promessa, Deus fez surgir a Israel um Salvador, que é Jesus. <sup>24</sup>Antes da sua entrada, João proclamara com antecedência, a todo o povo de Israel, um batismo de arrependimento. <sup>25</sup>E, estando para terminar sua carreira, ele dizia: ‘Quem suspeitais que eu seja, não o sou! Mas aí vem, depois de mim, aquele de quem não sou digno de desatar a sandália.’ <sup>26</sup>Irmãos, filhos da raça de Abraão, e vós aqui presentes, que temeis a Deus! A vós foi enviada esta palavra de salvação. <sup>27</sup>Pois os habitantes de Jerusalém e seus chefes cumpriram, sem o saber, as palavras dos profetas, que a cada sábado são lidas. <sup>28</sup>Sem encontrar nele motivo algum de morte,” condenaram-no e pediram a Pilatos que o mandasse matar. <sup>29</sup>Quando, pois, cumpriram tudo o que estava escrito a seu respeito, retiraram-no do madeiro e o depuseram num túmulo. <sup>30</sup>Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos, <sup>31</sup>e por muitos dias apareceu aos que com ele tinham subido da Galileia para Jerusalém, os quais são agora suas testemunhas diante do povo. <sup>32</sup>Quanto a nós, anunciamo-vos a Boa-Nova: a promessa, feita a nossos pais, <sup>33</sup>Deus a realizou plenamente para nós, seus filhos, ressuscitando Jesus, como também está escrito nos Salmos: *Tu és o meu filho, eu “hoje te gerei.* <sup>34</sup>E que o tenha ressuscitado dentre os mortos e ele não deva tornar à corrupção, assim já o dissera: *Eu vos darei as coisas santas de Davi, aquelas que são dignas de fé.* <sup>35</sup>Por isso diz, noutra passagem: *Não deixarás o teu Santo experimentar a corrupção.* <sup>36</sup>Ora, tendo a seu tempo servido aos desígnios de Deus, Davi morreu. E foi reunir-se a seus pais e *experimentou a corrupção.* <sup>37</sup>Aquele, porém, a quem Deus ressuscitou, *não experimentou a corrupção.* <sup>38</sup>Ficai sabendo, pois, irmãos: é por ele que vos é anunciada a remissão dos pecados. Com efeito, de todas as coisas das quais não pudestes obter a justificação pela lei de Moisés, <sup>39</sup>por ele é justificado todo aquele que crê. <sup>40</sup>Vede, pois, que não vos sobrevenha o que está dito no livro dos Profetas: *Olhai, desprezadores, maravilhai-vos e desaparecei! Porque eu vou fazer, ainda em vossos dias, uma obra tal que não acreditaríeis, se alguém vo-la narrasse!”* <sup>42</sup>À saída, convidaram-nos a falar novamente sobre essas coisas no sábado seguinte. <sup>43</sup>Dissolvida a reunião da sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos praticantes seguiram a Paulo e Barnabé. E estes, entretendo-se com eles, persuadiram-nos a que perseverassem na graça de Deus.

A chegada de Paulo e Barnabé em Antioquia da Psídia foi antecedida por muitos percalços, inclusive porque ambos ficaram doentes, como será relatado em seguida. Contudo prosseguiram a jornada em elevado estado de bom ânimo:

[...] Pela primeira vez, foram obrigados a pernoitar ao relento, no seio da Natureza. Vencendo precipícios, encontraram uma gruta rochosa na qual se ocultaram, para repousar o corpo mortificado e dorido. O segundo dia da marcha escoou-se-lhes com a coragem indômita de sempre. A alimentação constituía-se de alguns pães trazidos de Perge e frutas silvestres, colhidas ali e acolá. Resolutos e bem-humorados enfrentavam e venciam todos os óbices. [...].<sup>4</sup>

Em outra ocasião, foram assaltados por dois homens armados que levaram o pouco dinheiro que lhes restava, os pergaminhos do Evangelho (que Paulo e Barnabé liam à luz de uma tocha) e os últimos alimentos, uns pães de cevada e algumas carpas.<sup>4</sup> Barnabé ficou entristecido e preocupado com a perda dos pergaminhos do Evangelho que trazia consigo. Foi, porém, agradavelmente surpreendido com a seguinte atitude do seu companheiro de viagem:

Paulo, todavia, fez um gesto significativo e, desabotoando a túnica, retirou alguma coisa que guardava junto do coração.

– Enganas-te, Barnabé – disse com um sorriso otimista –, tenho aqui o Evangelho que me recorda a bondade de Gamaliel. Foi um presente de Simão ao meu velho mentor, que, por sua vez, mo deu pouco antes de morrer.

O missionário de Chipre apertou nas mãos o tesouro do Cristo. O júbilo voltou a iluminar-lhe o coração. Poderiam dispensar todo o conforto do mundo, mas a palavra de Jesus era imprescindível. [...].<sup>4</sup>

A despeito de todas as dificuldades e, também, por não estarem habituados a alimentar-se de recursos da floresta, eles adoeceram:

[...] Vencendo obstáculos de toda sorte, chegaram a Antioquia fundamente abatidos. Paulo, principalmente, a determinados momentos da noite, sentia-se cansado e febril. Barnabé tinha frequentes acessos de tosse. O primeiro contato com a natureza hostil acarretara aos dois mensageiros do Evangelho fortes desequilíbrios orgânicos.

Não obstante a precária saúde, o tecelão de Tarso procurou informar-se, logo na manhã da chegada, sobre as tendas de artefatos de couro existentes na cidade.<sup>4</sup>

Após se acomodarem em um quarto muito simples,<sup>4</sup> Paulo sai à procura de um emprego na cidade, mesmo que a remuneração fosse apenas o suficiente para garantir abrigo e alimentação. Assim, mesmo adoentado, consegue o emprego na banca de um bondoso comerciante, o judeu *Ibrahim*, onde passou a trabalhar em um velho tear ali existente:

Paulo entrou a trabalhar, tendo um olhar amigo e uma boa palavra para cada companheiro. Longe de se impor pelos conhecimentos superiores que possuía, observava o sistema de trabalho dos auxiliares de Ibrahim e sugeria novas providências favoráveis ao serviço, com bondade, sem afetação.

Comovido pelas suas declarações sinceras, o dono da casa mandou a refeição a Barnabé, enquanto o ex-rabino vencia galhardamente as primeiras dificuldades, experimentando o júbilo de um grande triunfo.<sup>4</sup>

Barnabé, por sua, vez, sentindo-se fortificado, conseguiu também um emprego, trabalhando para um oleiro necessitado de operários. Após a primeira semana na cidade,

[...] os arautos do Evangelho dirigem-se à sinagoga local. Ibrahim, satisfeitíssimo com a cooperação do novo empregado, dera-lhe duas túnicas, que Paulo e Barnabé envergaram com alegria.

Toda a população “temente a Deus” comprimia-se no recinto. Sentaram-se os dois no local reservado aos visitantes ou desconhecidos. Terminado o estudo e comentários da Lei e dos profetas, o diretor dos serviços religiosos perguntou-lhes, em voz alta, se desejariam dizer algumas palavras aos presentes.

De pronto, Paulo levantou-se e aceitou o convite. [...] <sup>4</sup>

Paulo inicia a sua preleção com a descrição histórica da formação da nação e religião judaicas, da libertação da escravidão no Egito por Moisés à chegada na terra prometida (Canaã). Explica a respeito da organização religiosa da era dos Juízes até o advento do profeta Samuel para, em seguida, discorrer sobre o período do reinado do rei Saul, filho de Cis, da tribo de Benjamim (ancestrais do próprio Paulo) até o tempo do rei Davi (At 13:17 a 21). Neste ponto, Paulo fala-lhes do testemunho transmitido pelo rei Davi de que, da sua descendência, surgiria em Israel o Salvador ou Messias, que é Jesus. A mesma profecia foi anunciada por João Batista, o qual não se considerava digno de desatar a sandália do Senhor (At 13:22 a 25).

[...] Dirigiu-se à modesta tribuna em atitude nobre e começou a discorrer sobre a Lei, tomado de eloquência sublime. O auditório, não afeito a raciocínios tão altos, seguia-lhe a palavra fluente como se houvera encontrado um profeta autêntico, a espalhar maravilhas. Os israelitas não cabiam em si de contentes. Quem era aquele homem de quem se poderia orgulhar o próprio Templo de Jerusalém? [...] <sup>4</sup>

Entretanto, quando Paulo começa a falar de que Jesus é o Messias aguardado pelos judeus, a assembleia revela-se surpreendida e desinformada a respeito:

[...] Em dado momento, contudo, as palavras do orador passaram a ser quase incompreensíveis para todos. Seu verbo sublime anunciava um Messias



que já viera ao mundo. Alguns judeus aguçaram os ouvidos. Tratava-se do Cristo Jesus, por intermédio de quem as criaturas deveriam esperar a graça e a verdade da salvação. O ex-doutor observou que numerosas fisionomias se mostravam contrariadas, mas a maioria escutava-o com indefinível vibração de simpatia. A relação dos feitos de Jesus, sua exemplificação divina, a morte na cruz, arrancavam lágrimas do auditório. O próprio chefe da sinagoga estava profundamente surpreendido...<sup>4</sup>

O veemente discurso de Paulo emocionou a maioria dos presentes, sobretudo os gentios convertidos ao Judaísmo, exceto a alguns judeus ortodoxos, demasiadamente aficionados às tradições do Judaísmo:

Terminada a longa oração, o novo missionário foi abraçado por grande número de assistentes. Ibrahim, que acabava de conhecê-lo sob novo aspecto, cumprimentou-o radiante. Eustáquio, o oleiro que dera trabalho a Barnabé, aproximou-se para as saudações, altamente sensibilizado. Os descontentes, no entanto, não faltaram. O êxito de Paulo contrariou o espírito fariseu da assembleia.<sup>4</sup>

Ante a alegria e emoção da maioria, Paulo e Barnabé foram convidados a retornarem na sinagoga no sábado seguinte, a fim de proferirem nova preleção:

No dia imediato, Antioquia de Pisídia estava empolgada pelo assunto. A tenda de Ibrahim e a olaria de Eustáquio foram locais de grandes discussões e entendimentos. Paulo falou, então, das curas que se poderiam fazer em nome do Mestre. Uma velha tia do seu patrão foi curada de enfermidade pertinaz, com a simples imposição das mãos e as preces ao Cristo. Dois filhinhos do oleiro restabeleceram-se com a intervenção de Barnabé. Os dois emissários do Evangelho ganharam logo muito conceito. A gente simples vinha solicitar-lhes orações, cópias dos ensinamentos de Jesus, enquanto muitos enfermos se restabeleciam. Se o bem estava crescendo, a animosidade contra eles também crescia, da parte dos mais altamente colocados na cidade. Iniciou-se o movimento contrário ao Cristo. [...].<sup>4</sup>

## 21.2 PAULO E BARNABÉ DIRIGEM-SE AOS GENTIOS (AT 13:44 A 52)<sup>5</sup>

<sup>44</sup>No sábado seguinte, quase toda a cidade reuniu-se para ouvir a palavra de Deus. <sup>45</sup>Vendo as multidões, porém, os judeus encheram-se de inveja, e com blasfêmias contradiziam ao que Paulo falava. <sup>46</sup>Com toda a intrepidez, porém, Paulo e Barnabé disseram: “Era preciso que a vós primeiro fosse dirigida a palavra de Deus. Uma vez, porém, que a rejeitais e julgais a vós mesmos indignos da vida eterna, nós nos voltamos para os gentios. <sup>47</sup>Pois assim nos ordenou o Senhor: *Eu te estabeleci como luz das nações, para que sejas portador de salvação*

*até os confins da terra*”.<sup>48</sup> Ouvindo isto, os gentios se alegravam e glorificavam a palavra do Senhor, e todos os que eram destinados à vida eterna abraçaram a fé.<sup>49</sup> Assim, a palavra do Senhor difundia-se por toda a região.<sup>50</sup> Mas os judeus instigaram as mulheres religiosas de mais prestígio, bem como os principais da cidade, e moveram perseguição contra Paulo e Barnabé, expulsando-os de seu território.<sup>51</sup> Estes, porém, sacudindo a poeira dos pés contra eles, prosseguiram para Icônio.<sup>52</sup> Quanto aos discípulos, achavam-se repletos de alegria e do Espírito Santo.

Os judeus ortodoxos, como os fariseus, e todos os demais que se achavam presos aos simbolismos e manifestações de culto externo, apresentavam duas principais dificuldades para aceitar Jesus como o Messias de Deus: primeiro, pelo fato de o Senhor ter sido um homem simples e sem instrução formal, não era o tipo de líder idealizado por eles como um libertador do povo judeu e da nação de Israel, a despeito dos inúmeros sinais apresentados pelo Mestre. O próprio Judas Iscariotes, um dos membros do colégio apostolar, se equivocou a respeito, assinalaram, destacando que os religiosos judeus alimentavam a ideia da vinda de um messias guerreiro e combatente, mensageiro do “senhor dos exércitos” (Is 1:24 ou Sl 24:10). Em segundo lugar, eles recusavam a aceitar a ressurreição do Cristo, a despeito das inúmeras testemunhas existentes:

A realidade da ressurreição de Jesus Cristo faz parte integrante da verdade mais ampla da vida eterna e imortal, que é a herança do homem por motivo da vontade de Deus. [...].<sup>6</sup>

Poderíamos acrescentar um terceiro motivo para a deliberada inaceitação de Jesus pelos religiosos e doutores da lei: segundo o Judaísmo, o Messias aguardado iria projetar os judeus no mundo como o povo eleito ou escolhido por Deus, como consta em várias citações do Antigo Testamento, a exemplo desta de *Deuteronômio* (7:6): “O Senhor teu Deus te escolheu, para que fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra”. Com Jesus, porém, surge a interpretação justa e imparcial da lei, demonstrando que “[...] Deus não faz acepção de pessoas” (At 10:34), como afirmou Simão Pedro quando da conversão do centurião Cornélio ao Cristianismo.

Importa refletir que o povo escolhido, citado pelas Escrituras, é um símbolo que faz referência à própria humanidade terrestre, não a um povo em particular. Humanidade esta que tem Jesus como Guia e Modelo, consoante a seguinte orientação de *O livro dos espíritos*:

Para o homem, Jesus representa o tipo de perfeição moral que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a

doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito divino o animava.<sup>7</sup>

O certo é que os gentios convertidos ao Judaísmo e que se encontravam na sinagoga durante as duas preleções de Paulo, aceitaram Jesus com muita naturalidade e alegria. O mesmo não aconteceu com os judeus ainda encarcerados nos dogmas que as tradições ancestrais os mantinham prisioneiros. Emmanuel relata os fatos que se sucederam, após a última preleção de Paulo na sinagoga de Antioquia da Psídia:

[...] Não obstante a continuidade das pregações de Paulo, aumentava, entre os israelitas poderosos, a perseguição, o apodo e a ironia. Os mensageiros da Boa-Nova, entretanto, não desanimaram. Confortados pelos mais sinceros, fundaram a igreja na casa de Ibrahim. Quando tudo ia bem, eis que o ex-rabino, ainda em consequência das vicissitudes experimentadas na travessia dos pântanos da Panfília, cai gravemente enfermo, preocupando a todos os irmãos. Durante um mês, esteve sob a influência maligna de uma febre devoradora. Barnabé e os novos amigos foram inexcedíveis em cuidados.

Explorando o incidente, os inimigos do Evangelho puseram-se em campo, ironizando a situação. Havia mais de três meses que os dois anunciavam o novo Reino, reformavam as noções religiosas do povo, curavam as moléstias mais pertinazes e, por que motivo o poderoso pregador não se curava a si mesmo? Fervilhavam, assim, os ditos mordazes e os conceitos deprimentes.

Os confrades, entretanto, foram de uma dedicação sem limites. Paulo foi tratado com extremos de ternura, no lar de Ibrahim, como se houvesse encontrado um novo lar.

Após a convalescença, o desassombrado tecelão voltou mais alvissareiro à pregação das verdades novas.

Observando-lhe a coragem, os elementos judaicos, ralados de despeito, tramaram sua expulsão sem qualquer condescendência. Por vários meses o ex-doutor de Jerusalém lutou contra os golpes do farisaísmo dominante na cidade, mantendo-se superior a calúnias e insultos. Todavia, quando revelava seu poder de resolução e firmeza de ânimo, eis que os israelitas descontentes ameaçam Ibrahim e Eustáquio com a supressão de regalias e banimento. Os dois antigos habitantes de Antioquia de Pisídia eram acusados como partidários da revolução e da desordem. Altamente comovidos, receberam a notificação de que somente a retirada de Paulo e Barnabé poderia salvá-los do cárcere e da flagelação.<sup>8</sup>

Paulo e Barnabé saem de Antioquia de Psídia e viajam para Icônio, persistindo em levar a outros gentios os ensinamentos de Jesus (At 13:51 e 52): “Estes, porém, sacudindo a poeira dos pés contra eles, prosseguiram para Icônio. Quanto aos discípulos, achavam-se repletos de alegria e do Espírito Santo”.

» Icônio:

Nome de uma cidade da Ásia Menor, atualmente Turquia, descrita por Xenofonte [filósofo grego] como a última cidade da Frígia, indo para o Oriente. [...] Sob o domínio do império grego e do romano, a cidade de Icônio serviu de capital da Licaônia. Situada em lugar fértil, nas planícies de Licaônia. Barnabé e Paulo a visitaram na primeira viagem missionária, tanto na ida quanto na volta, At 13:51-52; 14:1-6, 19-22. Cf. 16:2; 2 Tm 3:11. Sua história não tem solução de continuidade. É conhecida pelo nome de *Konya* e serve de capital da província de *Karaman*; é grande cidade, cercada de muros construídos com materiais de antigas ruínas.<sup>9</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 2 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 13.26, p. 329.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 13:17-43, p. 1925 e 1926.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 13:44-52, p. 1926 e 1927.
- 6 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 13, it. 13.30, p. 331.
- 7 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 12. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. comentário de Kardec à q. 625.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Amp. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Icônio, p. 590.

## EVANGELIZAÇÃO EM ICÔNIO. CURA DE UM ALEIJADO. FIM DA MISSÃO (AT 14:1 A 28)

Paulo e Barnabé chegam a Icônio procedentes de Antioquia da Psídia de onde foram obrigados a se retirarem em razão de perseguição movida pelos judeus ortodoxos e tradicionalistas, os quais se recusaram a aceitar Jesus e o seu Evangelho, a despeito da ampla adesão dos gentios e demais nativos da cidade. Os dois dedicados discípulos do Evangelho tentaram, de início, resistir à declarada perseguição, mas recuaram e decidiram partir quando os seus queridos amigos Ibrahim, o dono de tendas, e o oleiro Eustáquio, foram ameaçados de expulsão. Sair da cidade era o mínimo que poderiam fazer em benefício dos amigos que os acolheram com desvelado afeto:

Os missionários de Jesus consideram a penosa situação dos amigos e resolvem partir. Ibrahim tem os olhos rasos de lágrimas. Eustáquio não consegue esconder o abatimento. Ante as interrogações de Barnabé, o ex-rabino expõe o plano das atividades futuras. Demandariam Icônio. Pregariam ali as verdades de Deus. O discípulo de Simão Pedro [Barnabé] aprova sem hesitar. Reunindo os irmãos em noite memorável para quantos lhe viveram as profundas emoções, os mensageiros da Boa-Nova se despedem. Por mais de oito meses haviam ensinado o Evangelho. Afrontaram zombarias e apodos, haviam conhecido provações bem amargas. Seus labores estavam sendo premiados pelo mundo com o banimento, como se eles fossem criminosos comuns, mas a Igreja do Cristo estava fundada. Paulo falou nisso, quase com orgulho, não obstante as lágrimas que lhe rolavam dos olhos. Os novos discípulos do Mestre não deveriam estranhar as incompreensões do mundo, mesmo porque, o próprio Salvador não escapara à cruz da ignomínia, acrescentando que a palavra “cristão” significava seguidor do Cristo. Para descobrir e conhecer as sublimidades do Reino de Deus era preciso trabalhar e sofrer sem descanso.

A assembleia afetuosa, por sua vez, acolheu as exortações, lavada em lágrimas. Na manhã imediata, munidos de uma carta de recomendação de Eustáquio e carregando vasta provisão de pequeninas lembranças dos companheiros de fé, puseram-se a caminho, intrépidos e felizes.

O percurso excedente a cem quilômetros foi difícil e doloroso, mas os pioneiros não se detiveram na consideração de qualquer obstáculo.<sup>1</sup>

Assim que concluíram a evangelização em Icônio, Paulo e Barnabé retornam a Antioquia da Síria, passando antes por algumas localidades da Licaônia (Listra e Derbe), prosseguindo na missão de pregar a Boa-Nova, cada vez mais empenhados no trabalho de evangelização de gentios. Encerra, desta forma, a primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé, sintetizada no mapa que se encontra inserido no fechamento deste Tema 22.

## 22.1 EVANGELIZAÇÃO DE ICÔNIO (AT 14:1 A 7)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Em Icônio, eles também entraram na sinagoga dos judeus. E falaram de tal sorte que uma grande multidão de judeus e de gregos abraçaram a fé. <sup>2</sup>Mas os judeus que continuaram incrédulos incitaram e indispueram os ânimos dos gentios contra os irmãos. <sup>3</sup>Quanto a Paulo e Barnabé, demoraram-se ali bastante tempo, cheios de intrepidez no Senhor, que dava testemunho à palavra da sua graça e concedia que se realizassem sinais e prodígios por meio de suas mãos. <sup>4</sup>Dividiu-se, porém, a população da cidade: uns estavam com os judeus; outros, com os apóstolos. <sup>5</sup>Então, formando-se uma conjuração de gentios e judeus, de acordo com os seus chefes, para ultrajá-los e apedrejá-los, <sup>6</sup>eles, sabendo-o, foram refugiar-se em Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e na região circunvizinha. <sup>7</sup>Lá também anunciavam a Boa-Nova.

Icônio, cidade situada em planície fértil da Ásia Menor, pertence atualmente à Turquia, sendo conhecida com o nome de *Konya*, capital da província de *Karaman*.<sup>3</sup> Na Antiguidade, Icônio foi considerada pelo filósofo Xenofonte (431–354 a.C.: historiador e filósofo ateniense, discípulo de Sócrates) a última cidade da Frígia, indo em direção ao Oriente. À época da chegada de Paulo e Barnabé, a cidade possuía uma população heterogênea, constituída basicamente, de gregos e judeus:

Chegados à cidade, apresentaram-se ao amigo de Eustáquio, de nome Onesíforo. Recebidos com generosa hospitalidade, no sábado imediato, antes mesmo de fixar-se no trabalho profissional, Paulo foi expor os objetivos de sua passagem pela região. [...].<sup>4</sup>

Após a pregação de Paulo e Barnabé, uma *multidão de judeus e de gregos abraçaram a fé cristã* (At 14:1). Ambos falavam com alma e *cheios de intrepidez no Senhor, que dava testemunho à palavra da sua graça e concedia que se realizassem sinais e prodígios por meio de suas mãos* (At 14:3). Contudo, alguns judeus se posicionaram contra Jesus e os seus ensinamentos, e, lamentavelmente, indispueram os gentios contra Paulo e Barnabé (At 14:2),

a ponto de gerar um clima de divisão entre a população da cidade, uns apoiando os judeus, outros apoiando os dois apóstolos (At 14:4):

[...] A estreia na sinagoga provocou animadas discussões. O elemento político da cidade constituía-se de judeus ricos e instruídos na lei de Moisés; contudo, os gentios representavam, em grande número, a classe média. Estes últimos receberam a palavra de Paulo com profundo interesse, mas os primeiros desfecharam grande reação logo de início. Houve tumultos. Os orgulhosos filhos de Israel não podiam tolerar um Salvador que se entregara, sem resistência, à cruz dos ladrões. A palavra do Apóstolo, entretanto, alcançara tão grande favor público que os gentios de Icônio ofereceram-lhe um vasto salão para que lhes fosse ministrado o ensinamento evangélico, todas as tardes. Queriam notícias do novo Messias, interessavam-se pelos seus menores feitos e por suas máximas mais simples. O ex-rabino aceitou o encargo, cheio de gratidão e simpatia. Diariamente, terminada a tarefa comum, compacta multidão de iconienses aglomerava-se ansiosa por lhe ouvir o verbo vibrante. [...].<sup>4</sup>

Os israelitas perseguidores mantiveram firmes no propósito de expulsar Paulo e Barnabé. Tal decisão foi favorecida por um desagradável incidente, quando a jovem *Tecla*, noiva de *Tamíris* ficou fascinada por Paulo de forma doentia, como relata Emmanuel:

É que uma jovem noiva, ouvindo ocasionalmente as pregações do Apóstolo dos Gentios diariamente penetrava no salão em busca de novos ensinamentos. Enlevada com as promessas do Cristo e sentindo extrema paixão pela figura empolgante do orador, fanatizara-se lamentavelmente, esquecendo os deveres que a prendiam ao noivo e à ternura maternal. Tecla, que assim se chamava, não mais atendia aos laços sacrossantos que deveria honrar no ambiente doméstico. Abandonou o trabalho diuturno para esperar o crepúsculo, com ansiedade. Teóclia, sua mãe, e Tamíris, o noivo, acompanham o caso com desagradável surpresa. Atribuíam a Paulo semelhante desequilíbrio. O ex-doutor, por sua vez, estranhava a atitude da jovem, que, diariamente, insinuava-se com perguntas, olhares e momices singulares.<sup>4</sup>

Paulo e Barnabé revelaram-se preocupados, procurando contornar a situação com tato e gentileza. Percebia-se, porém, que a jovem demonstrava séria desarmonia emocional e psíquica, passional mesmo, como revela este diálogo:

Certa vez, quando se dispunha a voltar para casa de Onesiforo, em companhia de Barnabé, a moça lhe pediu uma palavra em particular.

Ante suas perguntas atenciosas, Tecla corava, gaguejando:

– Eu... eu...

– Dize, filha – murmurou o Apóstolo um tanto preocupado –, debes considerar-te em presença de um pai.

- Senhor – consegui dizer ofegante –, não sei por que tenho recebido grande impressão com a vossa palavra.
- O que tenho ensinado – esclareceu Paulo – não é meu; vem de Jesus, que nos deseja todo o bem.
- De qualquer modo, porém – disse ela com mais timidez –, amo-vos muito!...
- Paulo assustou-se. Não contava com essa declaração. A expressão “amo-vos muito” não era articulada em tom de fraternidade pura, mas com laivos de particularismo que o Apóstolo percebeu sobremaneira impressionado. Depois de meditar muito na situação imprevista, respondeu convicto:
- Filha, os que se amam em espírito, unem-se em Cristo para a eternidade das emoções mais santas; mas quem sabe está amando a carne que vai morrer?
- Tenho necessidade da vossa afeição – exclamou a jovem, de olhar lacrimoso.
- Sim – esclareceu o ex-rabino –, mas os dois temos necessidade da afeição do Cristo. Somente amparados n’Ele poderemos experimentar algum ânimo em nossas fraquezas.
- Não poderei esquecer-vos – soluçou a moça, despertando-lhe compaixão.<sup>4</sup>

Percebe-se que, além dos naturais conflitos surgidos no campo das ideias decorrentes da pregação da Boa-Nova, a negação por parte dos que se encontravam no poder era de outra natureza: fazia parte do comportamento usual das autoridades administrativas e religiosas impor perseguições, prisões e agressões físicas (açoite, espancamentos e pedradas), sempre que elas fossem contrariadas. O texto, ora em estudo, revela, entretanto, outro tipo de ação que pode alcançar o discípulo sincero: o assédio moral. Dessa forma, o discípulo da Boa-Nova, necessita estar permanentemente vigilante, tal como exemplificou Paulo de Tarso. Esse tipo de perturbação é, sem dúvida, alimentado por Espíritos desordeiros, descompromissados com o Bem, estejam eles encarnados ou desencarnados. Daí ser necessário guardar a permanente atenção quanto a este ensinamento do Senhor: “Eis que vos envio como ovelhas ao meio de lobos; portanto, sede prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas” (Mt 10:16).

Surpreendido pelo acontecimento, mas não abatido, Paulo prossegue em seu diálogo com a jovem desarmonizada, rompendo qualquer vinculação equivocada:

Paulo ficou pensativo. Recordou a mocidade. Lembrou os sonhos que tecera ao lado de Abigail. Num minuto, seu espírito devassou um mundo de suaves e angustiosas reminiscências; e, como se voltasse de um misterioso país de sombras, exclamou como se falasse consigo mesmo:



– Sim, o amor é santo, mas a paixão é venenosa. Moisés recomendou que amássemos a Deus acima de tudo; e o Mestre acrescentou que nos amássemos uns aos outros, em todas as circunstâncias da vida...

E fixando os olhos, agora muito brilhantes, na jovem que chorava, exclamou quase acrimonioso:

– Não te apaixones por um homem feito de lodo e de pecado, e que se destina a morrer!...<sup>4</sup>

As consequências da imprudência e irresponsabilidade da jovem Tecla manifestaram-se de imediato, adquirindo as proporções de um escândalo:

Tecla ainda não voltara a si da própria surpresa, quando o noivo desolado penetrou no recinto deserto. Tamíris faz as primeiras objeções em grandes brados, ao passo que o mensageiro da Boa-Nova lhe ouve as reprimendas com grande serenidade. A noiva replica mal-humorada. Reafirma sua simpatia por Paulo, expõe francamente as intenções mais íntimas. O rapaz escandaliza-se. O Apóstolo espera pacientemente que o noivo o interrogue. E, quando convocado a justificar-se, explica em tom fraternal:

– Amigo, não te acabrunhes nem te exaltes, em face dos sucessos que se originam de profundas incompreensões. Tua noiva está simplesmente enferma. Estamos anunciando o Cristo, mas o Salvador tem os seus inimigos ocultos em toda parte, como a luz tem por inimiga a treva permanente. Mas a luz vence a treva de qualquer natureza. Iniciamos o labor missionário nesta cidade, sem grandes obstáculos. Os judeus nos ridicularizam e, todavia, nada encontraram em nossos atos que justifique a perseguição declarada. Os gentios nos abraçam com amor. Nosso esforço desenvolve-se pacificamente e nada nos induz ao desânimo. Os adversários invisíveis, da verdade e do bem, certo se lembraram de influenciar esta pobre criança, para fazê-la instrumento perturbador de nossa tarefa. É possível que não me compreendas de pronto; no entanto, a realidade não é outra.<sup>4</sup>

O noivo, porém, deixando-se envolver pelas perturbadoras vibrações reinantes, oriundas do comportamento da noiva, não aceita as explicações de Paulo e, completamente descontrolado, atira-se enraivecido contra o servidor do Cristo, aos brados:

– Sois um feiticeiro imundo! Esta é que é a verdade. Mistificador do povo simplório e rude, não passais de reles sedutor de moças impressionáveis. Insultais uma viúva e um homem honesto, qual sou, insinuando-vos no espírito frágil de uma órfã de pai.

Espumava de cólera. Paulo ouviu-lhe as diatribes, com grande presença de espírito.

Quando o moço cansou de esbravejar, o Apóstolo tomou o manto, fez um gesto de despedida e acentuou:

– Quando somos sinceros, estamos em repouso invulnerável; mas cada um aceita a verdade como pode. Pensa, pois, e entende como puderes.<sup>4</sup>

A situação tomou, assim, um rumo incontrollável:

Os parentes de Tecla, porém, não descansaram em face do que consideravam um ultraje. Na mesma noite, valendo-se do pretexto, as autoridades judaicas de Icônio ordenaram a prisão do emissário da Boa-Nova. A fileira dos descontentes afluíu à porta de Onesíforo, vociferando impropérios. Apesar da interferência dos amigos, Paulo foi arrastado ao cárcere, onde sofreu o suplício dos trinta e nove açoites. Acusado como sedutor e inimigo das tradições da família, ademais blasfemo e revolucionário, foi indispensável muita dedicação dos confrades recém-convertidos para restituir-lhe a liberdade.

Depois de cinco dias de prisão com severos castigos, Barnabé o recebeu exultante de alegria.

O caso de Tecla revestira proporções de grande escândalo, mas o Apóstolo, na primeira noite de liberdade, reuniu a igreja doméstica, fundada com Onesíforo e esclareceu a situação, para conhecimento de todos.

Barnabé considerou impossível ali ficarem por mais tempo. Novo atrito com as autoridades poderia prejudicar-lhes a tarefa. Paulo, entretanto, mostrava-se bastante resolutivo. Se preciso, voltaria a pregar o Evangelho na via pública, revelando a verdade aos gentios, já que os filhos de Israel se compraziam nos desvios clamorosos.

Chamado a opinar, Onesíforo ponderou a situação da pobre moça, transformada em objeto da ironia popular. Tecla era noiva e órfã de pai. Tamíris havia criado a lenda de que Paulo não passava de poderoso feiticeiro. Se, na qualidade de noiva, ela fosse encontrada novamente junto do Apóstolo, mandava a tradição que fosse condenada à fogueira.<sup>4</sup>

Diante dessas prudentes argumentações, Paulo e Barnabé decidem partir, buscando abrigo nas cidades de Listra e Derbe (At 14:5 e 6), onde continuaram, intimoratos, na pregação da Boa-Nova (At 14:7):

Ciente das superstições regionais, o ex-rabino não hesitou um minuto. Deixaria Icônio no dia imediato. Não que capitulasse diante do inimigo invisível, mas porque a igreja estava fundada e não era justo cooperar no martírio moral de uma criança.

A decisão do Apóstolo mereceu aprovação geral. Assentaram-se as bases para a continuação do aprendizado evangélico. Onesíforo e os demais irmãos assumiram o compromisso de velar pelas sementes recebidas como dádiva celestial.<sup>4</sup>

Iniciando-se os preparativos para a viagem, informações sobre a cidade de Listra foram transmitidas aos viajantes, os quais receberam outros cuidados dos amigos de Icônio:

E os presentes passaram a comentar a posição de Listra, bem como os costumes interessantes da sua gente simples. Onesíforo tinha lá uma irmã viúva, por nome Loide. Daria uma carta de recomendação aos missionários. Seriam hóspedes de sua irmã, durante o tempo que precisassem.

Os dois pregoeiros do Evangelho rejubilaram-se. Principalmente Barnabé não cabia em si de contentamento, afastando a ideia triste de ficarem completamente isolados.

No dia seguinte, sob comovidos adeuses, os missionários tomavam a estrada que os conduziria ao novo campo de lutas.<sup>4</sup>

### 22.1.1 PREGAÇÃO EM LISTRA E DERBE (AT 14:6 E 7)<sup>5</sup>

Emmanuel relata no livro *Paulo e Estêvão* que a viagem para a pequena cidade de Listra foi penosíssima e que os dois evangelizadores estavam exaustos quando lá chegaram, ao final de alguns dias, ao entardecer. Mesmo assim, procuraram imediatamente Loide, irmã de Onesíforo, entregando-lhe a carta de recomendação:

A irmã de Onesíforo, no entanto, foi pródiga em gentilezas. Velha viúva de um grego abastado, Loide morava em companhia de sua filha Eunice, igualmente viúva, e de seu neto Timóteo, cuja inteligência e generosos sentimentos de menino constituíam o maior encanto das duas senhoras. Os mensageiros da Boa-Nova foram recebidos nesse lar com inequívocas provas de simpatia. O inextinguível carinho dessa família foi um bálsamo confortador para ambos. Conforme seu hábito, Paulo referiu-se na primeira oportunidade ao desejo imenso de trabalhar, durante o tempo de sua permanência em Listra, de modo a não se tornar passível de maledicência ou crítica, mas a dona da casa opôs-se terminantemente. Seriam seus hóspedes. Bastava a recomendação de Onesíforo para que ficassem tranquilos. Além disso, explicava: Listra era uma cidade muito pobre, possuía apenas duas tendas humildes, onde nunca se faziam tapetes.

Paulo estava muito sensibilizado com o acolhimento carinhoso. Na mesma noite da chegada, observou a ternura de Timóteo, tendo pouco mais de 13 anos, tomava os pergaminhos da lei de Moisés e os Escritos Sagrados dos profetas. [...].<sup>6</sup>

O menino Timóteo se transformaria, mais tarde, em dedicado amigo de Paulo e seu companheiro de viagem. O apóstolo referiu a Timóteo como *o meu filho muito amado, e fiel no Senhor* (1 Co 4:17) ou *amado filho na fé* (1 Tm 1:2). Como está claro na citação de Emmanuel, Timóteo era judeu, mas filho de pai gentio (grego) e mãe israelita (At 16:1).

Inserimos em seguida algumas informações a respeito das duas cidades citadas no texto de *Atos dos apóstolos* (14:6) para onde Paulo e Barnabé viajaram, após os acontecimentos em Icônio:

- » Listra (ou Lystra): nome de cidade da Licaônia e colônia romana, onde o Apóstolo Paulo curou um homem leso dos pés, coxo desde o ventre de sua mãe, e onde teria sido adorado como Deus se a isso não se tivesse recusado. Nessa cidade, ele foi apedrejado e dado como morto, At 14:6-21; 2 Tm 3:11. Em Listra ou em Derbe, encontrou-se a primeira vez com Timóteo, At 16:1-2). No lugar da antiga Listra localiza-se, atualmente, *Zoldera*, cerca de 2 Km ao norte de *Khatyn Serai* e a 4 Km a sudoeste de Icônio.<sup>7</sup>
- » Derbe: nome de uma cidade a sudeste da Licaônia, na Ásia Menor. Paulo foi apedrejado e deixado como morto em Listra quando fez a sua primeira viagem missionária. Voltando a si, foi para Derbe, At 16:6, 20. [...]. As ruínas de uma cidade à beira do lago *Ak Gul*, perto de *Divle*, supõe-se que assinalaram o lugar da antiga Derbe; porém, há quem diga que o local mais próximo é *Zosta*, a 86 Km a sudeste de Icônio, na estrada que vai para a *Cilícia Traqueia* por *Laranda*, em direção a Icônio.<sup>8</sup>

Graças à generosa acolhida no lar da família Loide, Eunice e Timóteo, os dois visitantes participaram da singela reunião familiar de leitura e interpretação das Escrituras Sagradas. Em seguida, após terem acatado o convite de se manifestarem a respeito, Paulo sentiu-se à vontade para falar-lhes sobre Jesus e o Evangelho:

[...] Deixou o Apóstolo que as duas senhoras comentassem as revelações em companhia do mesmo, até que fosse chamado a intervir. Quando tal se deu, aproveitou o ensejo para fazer a primeira apresentação do Cristo ao coração enlevado dos ouvintes. Tão logo começou a falar, observou a profunda impressão das duas mulheres, cujos olhos brilhavam enternecidos; mas o pequeno Timóteo ouvia-o com tais demonstrações de interesse que, muitas vezes, lhe acariciou a fronte pensativa.

Os parentes de Onesíforo receberam a Boa-Nova com júbilos infinitos. No dia imediato não se falou de outra coisa. O rapaz fazia interrogações de toda espécie. O Apóstolo, porém, atendia-o com alegria e interesse fraternais.

Durante três dias os missionários entregaram-se a caricioso descanso das energias físicas. Paulo aproveitou a ocasião para conversar largamente com Timóteo, junto do grande curral onde as cabras se recolhiam.<sup>9</sup>

Recuperados da fadiga, já descansados e felizes, Paulo e Barnabé procuraram um local público onde o povo se reunia para as atividades religiosas, visto que a cidade não possuía sinagoga:

Somente no sábado, procuraram tomar contato mais íntimo com a população. Listra estava cheia das mais estranhas lendas e crendices. As famílias judaicas

eram muito raras e o povo simplório aceitava como verdades todos os símbolos mitológicos. A cidade não possuía sinagoga, mas um pequeno templo consagrado a Júpiter, que os camponeses aceitavam como o pai absoluto dos deuses do Olimpo. Havia um culto organizado. As reuniões efetuavam-se periodicamente, os sacrifícios eram numerosos.<sup>9</sup>

Localizaram uma praça aberta, onde havia um mercado e, inspirado,

Paulo compreendeu que não encontraria melhor local para o primeiro contato direto com o povo.

De cima de uma tribuna improvisada de pedras superpostas, começou a pregação com voz forte e comovedora. Os populares aglomeraram-se de súbito. Alguns surgiam das casas pacíficas, para verificar o motivo do compacto ajuntamento. Ninguém se lembrou das aquisições de carne, de frutas, de verduras. Todos queriam ouvir o desconhecido forasteiro.

O apóstolo falou, primeiramente, das profecias que haviam anunciado a vinda do Nazareno e, em seguida, passou a relatar os feitos de Jesus entre os homens. Pintou a paisagem da Galileia com as cores mais brilhantes do seu gênio descritivo, falou da humildade e da abnegação do Messias. [...].<sup>9</sup>

## 22.2 CURA DE UM ALEIJADO (AT 14:8 A 18)<sup>10</sup>

<sup>8</sup>Um homem aleijado dos pés estava lá sentado, coxo desde o seio de sua mãe, sem jamais ter andado. <sup>9</sup>Ele ouvira Paulo falar. E Paulo, fixando nele os olhos e vendo que tinha fé para ser curado, <sup>10</sup>disse-lhe com voz forte: “Levanta-te direito sobre teus pés!” Ele deu um salto, e começou a andar. <sup>11</sup>Vendo o que Paulo fizera, as multidões levantaram a voz em língua licaônica, dizendo: “Deuses em forma humana desceram até nós!” <sup>12</sup>E começaram a chamar a Barnabé de Zeus, e a Paulo, de Hermes, porque era este quem tomava a palavra. <sup>13</sup>Os sacerdotes de Zeus fora-dos-muros levaram às portas touros adornados de guirlandas, pretendendo, de acordo com a multidão, oferecer um sacrifício. <sup>14</sup>Ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo rasgaram os mantos e precipitaram-se em meio à multidão, clamando e repetindo: <sup>15</sup>“Amigos, que estais fazendo? Nós também somos seres humanos, sujeitos aos mesmos sofrimentos que vós, mas vos anunciamos a Boa Nova da conversão para o Deus vivo, deixando todos esses ídolos vãos! Foi ele que fez o céu, a terra, o mar, e tudo o que neles existe. <sup>16</sup>Ele permitiu, nas gerações passadas, que todas as nações seguissem os próprios caminhos. <sup>17</sup>No entanto, não deixou de dar testemunho de si mesmo fazendo o bem, do céu enviando-vos chuvas e estações frutíferas, saciando de alimento e alegria os vossos corações”. <sup>18</sup>Mesmo dizendo estas palavras, a custo conseguiram impedir que a multidão lhes oferecesse um sacrifício.

A pregação surpreendeu agradavelmente a todos, atraindo para o local os habitantes da cidade, inclusive uma pessoa que apresentava sérias dificuldades de locomoção, desde o nascimento, como registra *Atos dos*

*apóstolos* (14:8). Ao posar fixamente o olhar nesta pessoa, Paulo cura-o imediatamente, após ordenar-lhe que se levantasse e andasse com os próprios pés (v. 9 e 10):

[...] Quando se referia às curas prodigiosas que o Cristo realizara, notou que um pequeno grupo de assistentes lhe dirigiam chufas [gracejos, zombarias]. Inflamado de fervor na sua parenética [exortação, sermão], Paulo recordou o dia em que vira Estêvão curar uma jovem muda, em nome do Senhor.

Crente de que o Mestre não o desampararia, passeou o olhar pela turba numerosa. À distância de alguns metros enxergou um mendigo miserável, que se arrastava penosamente. Impressionado com o discurso evangélico, o aleijado de Listra aproximou-se, bracejando no solo e, sentando-se com dificuldade, fixou os olhos no pregador que o observava sumamente comovido.

Renovando os valores da sua fé, Paulo contemplou-o com energia e falou com autoridade:

– Amigo, em nome de Jesus, levanta-te!

O mísero, olhos fixos no Apóstolo, levantou-se com facilidade, enquanto a multidão dava gritos, surpreendida. Alguns recuaram aterrados. Outros procuraram o vulto de Paulo e o de Barnabé, contemplando-os, deslumbrados e satisfeitos. O aleijado começou a saltar de alegria. Conhecido na cidade, de longa data, a cura prodigiosa não deixava a menor dúvida.<sup>11</sup>

O impacto que a cura produziu na multidão foi imenso e imediato, surpreendendo o próprio Paulo, pois, em razão da cultura politeísta reinante, os habitantes da cidade ajoelharam e passaram a chamar Barnabé de Zeus (ou Júpiter) e Paulo, de Hermes (ou Mercúrio), respectivamente o poderoso deus que governava o Olimpo (morada dos deuses) e o seu mensageiro (At 14:11 e 12), segundo a mitologia greco-romana:

Muitas pessoas se ajoelharam. Outras correram aos quatro cantos de Listra para anunciar que o povo havia recebido a visita dos deuses. A praça encheu-se em poucos minutos. Todos queriam ver o mendigo reintegrado nos seus movimentos livres. Espalhou-se o sucesso, rapidamente. Barnabé e Paulo eram Júpiter e Mercúrio descidos do Olimpo. Os Apóstolos, jubilosos com a dádiva de Jesus, mas, profundamente surpreendidos com a atitude dos licaônios, perceberam logo o mal-entendido. Em meio ao respeito geral, Paulo subiu de novo à tribuna improvisada, explicando que ele e o companheiro eram simples criaturas mortais, realçando a misericórdia do Cristo, que se dignara ratificar a promessa do Evangelho, naquele minuto inesquecível. Debalde, porém, multiplicava os seus esclarecimentos. Todos lhe ouviam a palavra genuflexos, em atitude estática. Foi aí que um velho sacerdote, paramentado segundo os hábitos da época, surgiu inesperadamente conduzindo dois bois engrinaldados de flores, com ademanes e mesuras solenes. Em voz alta, o ministro de Júpiter convida o povo ao cerimonial do sacrifício aos deuses vivos.<sup>11</sup>

A situação agravou-se, realmente, sobretudo quando os sacerdotes politeístas adornaram alguns touros com guirlandas para serem sacrificados, fora dos muros da cidade (At 14:13). Paulo e Barnabé revelaram-se extremamente preocupados e tudo fizeram para impedir a matança dos animais (v. 14). Usaram da boa argumentação que ambos possuíam como habilidades naturais e, sob inspiração e auxílio espiritual, conseguiram impedir o sacrifício dos touros (v. 15 a 17). Mas não foi fácil, como relata *Atos* (14:18): “Mesmo dizendo estas palavras, a custo conseguiram impedir que a multidão lhes oferecesse um sacrifício”. Emmanuel complementa as informações de Lucas, apresentando-nos um relato mais detalhado dos acontecimentos:

Paulo percebe o movimento popular e, descendo ao centro da praça, grita com toda força dos pulmões, abrindo a túnica na altura do peito:

– Não cometaís sacrilégios!... não somos deuses!... Vede somos simples criaturas de carne!...

Seguido de perto por Barnabé, arrebatada das mãos do velho sacerdote a delicada trança de couro que prendia os animais, soltando os dois touros pacíficos, que se puseram a devorar as verdes coroas.

O ministro de Júpiter quis protestar, calando-se em seguida, muito desapontado. E entre os mais extravagantes comentários, os missionários bateram em retirada, ansiosos por um local de oração, onde pudessem elevar a Jesus seus votos de alegria e reconhecimento.

– Grande triunfo! – disse Barnabé quase orgulhoso. – As dádivas do Cristo foram numerosas, o Senhor lembra-se de nós!...<sup>11</sup>

Paulo, contudo, revela-se reflexivo a respeito dos acontecimentos. Compreendeu que pregar os ensinamentos de Jesus a gentios já convertidos ao Judaísmo era algo bem diverso da evangelização dirigida a pessoas politeístas. Os primeiros já haviam adquirido alguma base religiosa monoteísta, enquanto os segundos tudo ainda estava para ser construído em relação ao entendimento de Deus Único, Criador Universal de todas as coisas e seres. De qualquer forma, os dois discípulos de Jesus aproveitaram o momento de euforia pela cura do coxo para fundar a primeira organização cristã em Listra:

Loide e a filha estavam radiantes. A cura do aleijado conferia aos mensageiros da Boa-Nova singular situação de evidência. Paulo valeu-se da oportunidade para fundar o primeiro núcleo do Cristianismo na pequena cidade. As providências iniciais foram tomadas na residência da generosa viúva, que pôs à disposição dos missionários todos os recursos ao seu alcance.

Tal como em Nea-Pafos, estabeleceram num casebre muito humilde a sede das atividades de informações e de auxílio. Em lugar de João Marcos, era o

pequeno Timóteo quem auxiliava em todos os misteres. Numerosas pessoas copiavam o Evangelho, durante o dia, enquanto os enfermos acorriam de toda parte, carecidos de imediata assistência.<sup>11</sup>

## 22.3 FIM DA MISSÃO (AT 14:19 A 28)<sup>12</sup>

<sup>19</sup>Entretanto, chegaram de Antioquia e Icônio alguns judeus, os quais conseguiram instigar as multidões. Apedrejaram, pois, a Paulo e o arrastaram para fora da cidade, dando-o por morto. <sup>20</sup>Mas, reunidos em torno dele os discípulos, Paulo ergueu-se e entrou na cidade. No dia seguinte, com Barnabé, partiu para Derbe.

<sup>21</sup>Depois de terem evangelizado essa cidade e conseguido fazer bom número de discípulos, regressaram para Listra, Icônio e Antioquia. <sup>22</sup>Confirmavam o coração dos discípulos, exortando-os a permanecerem na fé e dizendo-lhes: “É preciso passar por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus”. <sup>23</sup>Em cada Igreja designaram anciãos e, depois de terem orado e jejuado, confiaram-nos ao Senhor, em quem tinham crido. <sup>24</sup>Atravessando então a Pisídia, chegaram à Panfília. <sup>25</sup>Após anunciarem a Palavra em Perge, desceram para Atalia. <sup>26</sup>De lá, navegaram para Antioquia, de onde tinham sido entregues à graça de Deus para a obra que haviam realizado. <sup>27</sup>Ao chegar, reuniram a Igreja e puseram-se a referir tudo o que Deus tinha feito com eles, especialmente abrindo aos gentios a porta da fé. <sup>28</sup>Permaneceram depois não pouco tempo com os discípulos.

A despeito da alegria reinante e do trabalho incessante na nova comunidade cristã, não tardou a oposição à Doutrina do Cristo por parte de alguns judeus que viviam na cidade, direcionando declarada perseguição a Paulo e Barnabé:

Os poucos judeus de Listra deliberaram consultar as autoridades de Icônio, relativamente aos dois desconhecidos. E foi isso o bastante para que se turvassem os horizontes. Os comissionários regressaram com um acervo de notícias ingratas. O caso de Tecla era pintado a cores negras. Paulo e Barnabé eram acusados de blasfemos, feiticeiros, ladrões e sedutores de mulheres honestas. Paulo, principalmente, era apresentado como revolucionário temível. O assunto, em Listra, foi discutido intramuros. Os administradores da cidade convidaram o sacerdote de Júpiter a entrar na campanha contra os embusteiros e, com a mesma facilidade com que haviam acreditado na sua condição de deuses, passaram todos a atribuir aos pregadores as maiores perversões. Combinaram-se providências criminosas. Desde a chegada dos dois desconhecidos, que falavam em nome de um novo profeta, Listra vivia sobressaltada por ideias diferentes. Era preciso coibir os abusos. A palavra de Paulo era audaciosa e requeria corretivo eficaz. Finalmente, deliberaram que o fogoso pregador fosse apedrejado na primeira ocasião que falasse em público.<sup>13</sup>



Pouco tempo depois, no exato momento que Paulo fazia a sua preleção pública, ele foi arrastado e apedrejado pelo grupo dos judeus e seguidores de Júpiter, que se uniram para cometer a atrocidade (At 14:19):

Ignorando o que se tramava, o Apóstolo dos Gentios, deixando Barnabé acamado por excesso de trabalho, fez-se acompanhar do pequeno Timóteo, no sábado imediato, ao entardecer, foi até à praça pública onde, mais uma vez, anunciou as verdades e promessas do Evangelho do Reino.

O logradouro apresentava movimento invulgar. O pregador notou a presença de muitas fisionomias suspeitas e absolutamente desconhecidas. Todos lhe acompanhavam os mínimos gestos com evidente curiosidade.

Com a máxima serenidade, subiu à tribuna e começou a falar das glórias eternas que o Senhor Jesus havia trazido à Humanidade sofredora. No entanto, mal havia iniciado o sermão evangélico, quando, aos gritos furiosos dos mais exaltados, começaram a chover pedras em barda [em grande quantidade].

Paulo recordou subitamente a figura inesquecível de Estêvão. Certo, o Mestre lhe reservara o mesmo gênero de morte, para que se redimisse do mal infligido ao mártir da igreja de Jerusalém. Os pequenos e duros granizos caíam-lhe nos pés, no peito, na fronte. Sentiu o sangue a escorrer-lhe da cabeça ferida e ajoelhou-se, sem uma queixa, rogando a Jesus que o fortalecesse no angustioso transe.<sup>13</sup>

Aquele não era, porém, o momento da morte do valoroso apóstolo. A sua missão estava apenas iniciando. O auxílio chega oportunamente por intermédio de Gaio, o romano que teve a mãe curada por Paulo, relata-nos Emmanuel:

Nos primeiros momentos, Timóteo, aterrado, pôs-se a gritar, suplicando socorro; mas um homem de braços atléticos aproxima-se cauto e murmura-lhe no ouvido:

– Cala-te se queres ser útil!...

– És tu, Gaio? – exclamou o pequeno de olhos lacrimosos, experimentando certo conforto em reconhecer um rosto amigo no pandemônio em que se via.

– Sim – disse o outro baixinho –, aqui estou para socorrer o Apóstolo. Não posso esquecer que ele curou minha mãe.

E olhando o movimento da turba criminoso acrescentou:

– Não temos tempo a perder. Não tardará que o levem ao monturo. Se tal se der, procura seguir-nos com um pouco de água. Se o missionário não sucumbir, prestarás os primeiros socorros, até que eu consiga prevenir tua mãe!...<sup>13</sup>

Sendo assim socorrido, durante a noite Paulo é encaminhado à residência de Loide e Eunice, onde aos poucos pôde se recuperar do sofrimento físico a que fora submetido. No dia seguinte Paulo e Barnabé decidem sair da cidade, viajando para Derbe (At 14:20):

[...] Organização espiritual poderosa, apesar das sevícias físicas, o tecelão de Tarso levantou-se e regressou a casa com os amigos, levemente amparado por Barnabé, que lhe oferecera o braço amigo.

O resto da noite passou-se em conversações carinhosas. Os dois emissários da Boa-Nova temiam agressão do povo às generosas senhoras que os haviam hospedado e socorrido. Era preciso partir, para evitar maiores incômodos e complicações.

Em vão a palavra de Loide se fez ouvir, procurando dissuadir os pregoeiros do Cristo; debalde Timóteo beijou as mãos de Paulo e lhe pediu que não partisse. Receosos de mais tristes consequências, depois de coordenarem as instruções necessárias à igreja nascente, transpuseram as portas da cidade ao amanhecer, em direção a Derbe, que ficava algo distante.<sup>13</sup>

A passagem por Derbe foi tranquila, *conseguiram fazer bom número de discípulos*, informa *Atos* (14:21). Emmanuel esclarece que os dois discípulos permaneceram em Derbe por cerca de um ano, dedicados ao trabalho de evangelização e de recuperação da saúde física:

Depois de penosa caminhada, atingiram o novo setor de trabalho, onde haveriam de estagiar mais de um ano. Embora entregues ao trabalho manual, com que ganhavam o pão da vida, os dois companheiros precisaram de seis meses para restabelecer a saúde comprometida. Como tecelão e oleiro anônimos, Paulo e Barnabé deixaram-se ficar em Derbe longo tempo, sem despertar a curiosidade pública. Só depois de refeitos dos abalos sofridos, recomeçaram a Boa-Nova do Reino de Jesus. Visitando os arredores, provocaram grande interesse da gente simples, pelo Evangelho da redenção. Pequenas comunidades cristãs foram fundadas em ambiente de muitas alegrias.<sup>13</sup>

Paulo e Barnabé decidem retornar a Antioquia da Síria, cidade de onde partiram nessa primeira viagem missionária, e, fazendo o caminho inverso, atravessam Psídia, chegam à Panfília, vão a Perge, prosseguem até Atalia (At 14:24 e 25), onde pegam um barco para navegarem até Antioquia (v. 26), passando por Listra e Icônio (v. 21). Em todas essas cidades estimulam os cristãos a permanecerem firmes, perseverantes: “Confirmavam o coração dos discípulos, exortando-os a permanecerem na fé e dizendo-lhes: ‘É preciso passar por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus.’” (v. 22). Ao aportarem em Antioquia da Síria, procuram os irmãos de fé e lhes relatam todos os acontecimentos que passaram por amor ao Cristo (v. 27 e 28): “Ao chegarem, reuniram a igreja e puseram-se a referir tudo o que Deus tinha feito com eles, especialmente abrindo aos gentios a porta da fé. Permaneceram depois não pouco tempo com os discípulos”.

Ambos haviam experimentado a dificuldade dos serviços, mais rudes. Muita vez se viram perplexos com os problemas intrincados da empresa: em troca da

dedicação fraternal, haviam recebido remoques, açoites e acusações pífidas; contudo, não obstante o abatimento físico e dos gilhazes [cicatrizes], irradiavam ondas invisíveis de intenso júbilo espiritual. É que, entre os espinhos da estrada escabrosa, os dois companheiros desassombrados mantinham ereta a cruz divina e consoladora, espalhando a mancheias as sementes benditas do Evangelho de Redenção.<sup>13</sup>

O seguinte mapa, acompanhado de breve resumo, ilustra a primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé:



Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/hpv/primeira-e-segunda-viagem-de-paulo/> Acesso em: 19 abr. 2023

A primeira viagem missionária de Paulo durou três anos, viajando acompanhado por Barnabé e João Marcos que, em Perge da Panfília, os deixa e retorna a Jerusalém. O percurso dessa primeira viagem abrangeu as seguintes localidades, saindo de Antioquia da Síria: a) Ilha de Chipre (pátria de Barnabé) e as cidades de Salamina e Pafos; b) depois Perge (ou Perge) da Panfília; c) Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe (na atual Turquia). Voltam a Antioquia da Síria e, daí, partem para Jerusalém, participando do primeiro Concílio ou Assembleia, reunido para tratar, entre outros assuntos, da questão da circuncisão dos gentios convertidos ao Cristianismo.

Foi no final dessa viagem, quando estavam em Antioquia, que surgiu a controvérsia apresentada a Paulo e Barnabé sobre a circuncisão, estabelecida na lei de Moisés, o que deu origem a uma reunião em Jerusalém (Concílio de Jerusalém), no ano 48/49, para resolver tal questão. Nesse primeiro concílio, a principal questão discutida ali foi se os gentios convertidos precisavam ser

ou não circuncidados, conforme relatos em *Atos dos apóstolos* e em *Gálatas*. Paulo alega nessa sua epístola que fora neste encontro que Pedro, Tiago e João aceitaram a missão de Paulo aos gentios.

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 14:1-7, p. 1927.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Icônio, p. 590.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 14:6-7, p. 1927.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Listra, p. 752.
- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Derbe, p. 326.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 14:8-18, p. 1927.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 14:19-28, p. 1928.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.

# CONTROVÉRSIA EM ANTIOQUIA. CONTROVÉRSIA EM JERUSALÉM. DISCURSO DE PEDRO. DISCURSO DE TIAGO (AT 15:1 A 21)

Concluída a primeira viagem apostólica, Paulo e Barnabé retornam a Antioquia da Síria e, de imediato, procuram os irmãos da fé na generosa comunidade cristã:

O regresso de Paulo e Barnabé foi assinalado em Antioquia com imenso regozijo. A comunidade fraternal admirou, profundamente comovida, o feito dos irmãos que haviam levado a regiões tão pobres, e distantes, as sementes divinas da verdade e do amor.

Por muitas noites consecutivas, os recém-chegados apresentaram o relatório verbal de suas atividades, sem omitir um detalhe. A igreja antioquiense vibrou de alegria e rendeu graças ao Céu.<sup>1</sup>

Passados os momentos das alegrias do reencontro, Paulo e Barnabé perceberam, contudo, que a Igreja Cristã de Antioquia da Síria passava por desafios difíceis de serem administrados, como a questão da circuncisão dos gentios que despertava inúmeras discussões (At 15:1 e 2), já que alguns adeptos se exaltavam em seus pronunciamentos, utilizando tom extremista. Emmanuel faz as seguintes considerações:

Os dois dedicados missionários haviam voltado em uma fase de grandes dificuldades para a instituição. Ambos perceberam-nas, contristados. As contendas de Jerusalém estendiam-se a toda a comunidade de Antioquia; as lutas da circuncisão estavam acesas. Os próprios chefes mais eminentes estavam divididos pelas afirmativas dogmáticas. Tão alto grau atingira os discrímes, que as vozes do Espírito Santo não mais se manifestavam. Manaém [dedicado membro da igreja e reconhecido médium que, sob ação mediúnica, abençoara realização da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé], cujos esforços na igreja eram indispensáveis, mantinha-se a distância, em vista das discussões estéreis e venenosas. Os irmãos achavam-se extremamente confusos. Uns eram

partidários da circuncisão obrigatória, outros se batiam pela independência irrestrita do Evangelho. Eminentemente preocupado, o pregador tarseense observou as polêmicas furiosas, a respeito de alimentos puros e impuros.<sup>1</sup>

Os esforços de Paulo e de Barnabé para acalmar os ânimos foram em vão. A comunidade cristã revelava-se desunida, e os gentios convertidos ao Cristianismo eram alvo de zombarias:

Tentando estabelecer a harmonia geral em torno dos ensinamentos do Divino Mestre, Paulo tomava inutilmente a palavra, explicando que o Evangelho era livre e que a circuncisão era, tão somente, uma característica convencional da intolerância judaica. Não obstante sua autoridade incontestada, que se aureolava de prestígio perante a comunidade inteira, em vista dos grandes valores espirituais conquistados na missão, os desentendimentos persistiam.<sup>1</sup>

## 23.1 CONTROVÉRSIA EM ANTIOQUIA (AT 15:1 A 4)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Entretanto, haviam descido alguns da Judeia e começaram a ensinar aos irmãos: “Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos”. <sup>2</sup>Surgindo daí uma agitação e tornando-se veemente a discussão de Paulo e Barnabé com eles, decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros dos seus subiriam a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, para tratar da questão. <sup>3</sup>Despedidos afavelmente pela Igreja, atravessaram a Fenícia e a Samaria, narrando a conversão dos gentios e causando grande alegria a todos os irmãos. <sup>4</sup>Chegados a Jerusalém, foram acolhidos pela Igreja, pelos apóstolos e anciãos, e relataram tudo o que Deus fizera junto com eles.

A perplexidade tomou conta de Paulo e Barnabé quando constataram a imensa desunião que envolvia a Igreja Cristã de Antioquia da Síria, na qual a maioria dos adeptos rejeitava qualquer convite à harmonia e ao bom senso. A situação complicou-se com a chegada de alguns cristãos vindos da Judeia, os quais prescreviam a circuncisão aos gentios considerada como “medida de salvação” (At 15:1). Emmanuel destaca esse momento da história do Cristianismo:

Alguns elementos chegados de Jerusalém complicaram ainda mais a situação. Os menos rigorosos falavam da autoridade absoluta dos Apóstolos galileus. Comentava-se, à sorrelfa [de forma dissimulada], que a palavra de Paulo e Barnabé, por muito inspirada que fosse nas lições do Evangelho, não era bastante autorizada para falar em nome de Jesus.

A igreja de Antioquia oscilava numa posição de imensa perplexidade. Perdera o sentido de unidade que a caracterizava, dos primórdios. Cada qual doutrinava do ponto de vista pessoal. Os gentios eram tratados com zombarias; organizavam-se movimentos a favor da circuncisão.<sup>3</sup>

Perante esse quadro de declarada desunião, Paulo e Barnabé foram inspirados a escrever a Simão Pedro, convidando-o viajar à Antioquia: “[...] Conhecendo-lhe o espírito liberto de preconceitos religiosos, os dois companheiros endereçam-lhe longa missiva, explicando que os trabalhos do Evangelho precisavam dos seus bons ofícios, insistindo pela sua atuação prestigiosa”.<sup>3</sup> O resultado dessa iniciativa foi imediato:

O portador entregou a carta, cuidadosamente, e, com grande surpresa para os cristãos antioquienos, o ex-pescador de Cafarnaum chegou à cidade, evidenciando grande alegria, em razão do período de repouso físico que se lhe deparava naquela excursão.

Paulo e Barnabé não cabiam em si de contentes. Acompanhando Simão, viera João Marcos, que não abandonara, de todo, as atividades evangélicas. O grupo viveu lindas horas de confidências íntimas, a propósito das viagens missionárias, relatadas inteligentemente pelo ex-rabino, e relativamente aos fatos que se desenrolavam em Jerusalém, desde a morte do filho de Zebedeu [Tiago Boanerges] contados por Simão Pedro, com singular colorido.

Depois de bem-informado da situação religiosa em Antioquia, o ex-pescador acrescentava:

– Em Jerusalém, nossas lutas são as mesmas. De um lado a igreja cheia de necessitados, todos os dias; de outro as perseguições sem tréguas. No centro de todas as atividades, permanece Tiago [filho de Alfeu] com as mais ríspidas exigências. Às vezes, sou tentado a lutar para restabelecer a liberdade dos princípios do Mestre; mas, como proceder? Quando a tempestade religiosa ameaça destruir o patrimônio que conseguimos oferecer aos aflitos do mundo, o farisaísmo esbarra na observância rigorosa do companheiro e é obrigado a paralisar a ação criminosa, encetada desde muito tempo. Se trabalhar por suprimir-lhe a influência, estarei precipitando a instituição de Jerusalém no abismo da destruição pelas tormentas políticas da grande cidade. E o programa do Cristo? E os necessitados? Seria justo prejudicarmos os mais desfavorecidos por causa de um ponto de vista pessoal?<sup>3</sup>

O venerável apóstolo conclui as suas considerações de forma lúcida, “[...] Revelando a sua imensa capacidade para nortear uma ideia e congraçar os numerosos prosélitos em divergência [...]”<sup>3</sup>:

– Sabemos que Jesus não deixou uma solução direta ao problema dos incircuncisos, mas ensinou que não será pela carne que atingiremos o Reino, e sim pelo raciocínio e pelo coração. Conhecendo, porém, a atuação do Evangelho na alma popular, o farisaísmo autoritário não nos perde de vista e tudo envida por exterminar a árvore do Evangelho, que vem desabrochando entre os simples e os pacíficos. É indispensável, pois, todo o cuidado de nossa parte, a fim de não causarmos prejuízos, de qualquer natureza, à planta divina.<sup>3</sup>

Os ânimos foram acalmados com a presença e os esclarecimentos de Pedro que tratou os dois assuntos que, anteriormente, haviam motivado grandes discursões: a obrigatoriedade da circuncisão dos gentios convertidos ao Cristianismo e a ingestão, ou não, de alimentos considerados impuros pela tradição religiosa do Judaísmo:

A comunidade antioquiana regozijava-se. Os gentios não ocultavam o júbilo que lhes ia na alma. O generoso Apóstolo a todos visitava pessoalmente, sem distinção ou preferência. Antepunha sempre um bom sorriso às apreensões dos amigos que receavam a alimentação “impura” e costumava perguntar onde estavam as substâncias que não fossem abençoadas por Deus. Paulo acompanhava-lhe os passos sem dissimular íntima satisfação. Num louvável esforço de conagração, o Apóstolo dos Gentios fazia questão de levá-lo a todos os lugares onde houvesse irmãos perturbados pelas ideias da circuncisão obrigatória. Estabeleceu-se, rapidamente, notável movimento de confiança e uniformidade de opinião. Todos os confrades exultavam de contentamento.<sup>3</sup>

A questão do rito estabelecido por Moisés quanto à circuncisão e à alimentação é mais profunda do que se imagina à primeira vista. Está intrinsecamente impressa na tradição e cultura dos judeus, sendo importante fazer breve contextualização histórica para melhor compreender o assunto, ainda que, atualmente, não seja tão valorizado como ocorria nos dois primeiros milênios da Era Cristã:

O rito da circuncisão acompanha o povo judeu desde o tempo do patriarca Abraão, que o instituiu segundo lemos na Bíblia – *Gênesis*, 17:9 a 14, *Êxodo*, 4:25 e 26, *Josué*, 5:2 a 8. “Em sua origem, esse costume nem tinha a generalidade nem a significação que lhe atribuíram mais tarde. Era uma operação que grande número de tribos semitas praticava e que tinha sua razão fisiológica [...]” (Renan, *História do povo de Israel*).<sup>4</sup>

As incansáveis discussões provocadas pelos judeus não traziam, intrinsecamente, a ideia de provocar desunião. Mas por se encontrarem muito presos ao sentido literal dos ensinamentos das Escrituras Sagradas, não ofereciam espaço mental para reflexões mais aprofundadas: “Não percebiam que o Evangelho liberta o homem de ritos materiais, só admissíveis na infância da humanidade e, por isso, queriam subordiná-lo à lei de Moisés”.<sup>4</sup>

Paulo – que pregava o Evangelho essencialmente aos gentios – sabia da repugnância que a circuncisão lhes causava, o que constituía sério embaraço na difusão do Evangelho entre eles; daí o seu empenho em isentá-los de semelhante prática. É de notar-se que tal exigência provinha dos que vinham do mosaísmo, os quais, abraçando o Evangelho, tentavam eivá-lo de cerimônias a que estavam habituados. O mesmo panorama se depara hoje no Espiritismo, recebendo em seu seio adeptos, em sua maioria procedentes de outras religiões, que se



espantam de nele não encontrar nenhum ritual, nenhum dogma, nenhum sacramento, a que se acostumaram. Raros compreendem que o Espiritismo é uma religião que nos liberta de tudo aquilo e de quaisquer outras práticas exteriores; e que age no fundo da nossa alma pela reforma íntima à qual nos obriga; induz-nos à fé raciocinada e nos faz aceitar o Evangelho como norma de vida, um roteiro de renovação, um guia a aperfeiçoar-nos a consciência e o coração.<sup>4</sup>

A comunidade cristã de Antioquia da Síria asserenou-se um pouco. Contudo, esclarece, Emmanuel, a paz não fora conquistada ainda: “Em Antioquia, a situação continuou instável. As discussões estéreis prosseguiram acesas. A influência judaizante combatia a gentilidade, e os cristãos livres opunham resistência formal ao convencionalismo preconceituoso. [...]”<sup>5</sup> Paulo se revelou incansável no combate ao preconceito contra os gentios, propondo consulta a Jerusalém, aos apóstolos e aos anciãos a respeito do assunto:

[...] Convocou reuniões, nas quais esclareceu as finalidades da assembleia que Simão lhes prometera em Jerusalém, na primeira oportunidade. Combatente ativo, multiplicou as energias próprias na sustentação da independência do Cristianismo e prometeu publicamente que traria cartas da igreja dos Apóstolos galileus, que garantissem a posição dos gentios na doutrina consoladora de Jesus, alijando-se as imposições absurdas, no caso da circuncisão.

Suas providências e promessas acendiam novas lutas. Os observadores rigorosos dos preceitos antigos duvidavam de semelhantes concessões por parte de Jerusalém.<sup>5</sup>

Após incansáveis reuniões e discussões, os integrantes da igreja cristã aprovaram a ideia de consultarem os apóstolos e os anciãos em Jerusalém, organizando-se uma comitiva formada por Paulo, Barnabé e outros membros, como o jovem Tito, gentio convertido ao Cristianismo:

Paulo não desanimou. Intimamente, idealizava sua chegada à igreja dos Apóstolos, passava em revista, na imaginação superexcitada, toda a argumentação poderosa a empregar, e via-se vencedor na questão que se delineava a seus olhos como de essencial importância para o futuro do Evangelho. Procuraria mostrar a elevada capacidade dos gentios para o serviço de Jesus. Contaria os êxitos obtidos na longa excursão de mais de quatro anos, através das regiões pobres e quase desconhecidas, onde a gentilidade havia recebido as notícias do Mestre com intenso júbilo e compreensão muito mais elevada que a dos seus irmãos de raça. Alargando os projetos generosos, deliberou levar em sua companhia o jovem Tito que, embora oriundo das fileiras pagãs e não obstante contar vinte anos incompletos, representava na igreja de Antioquia uma das mais lúcidas inteligências a serviço do Senhor. Desde a vinda de Tarso, Tito afeiçoara-se-lhe como um irmão generoso. Notando-lhe a índole laboriosa, Paulo ensinara-lhe o ofício de tapeceiro e fora ele o seu substituto na tenda humilde, por todo o tempo que durou a primeira missão. O rapaz seria um expoente do poder renovador

do Evangelho. Certamente, quando falasse na reunião, surpreenderia os mais doutos com os seus argumentos de alto teor exegetico.

Acariciando esperanças, Paulo de Tarso tomou todas as providências para que o êxito de seus planos não falhasse.<sup>5</sup>

Algun tempo depois, Paulo, Barnabé e outros membros da igreja viajam para Jerusalém a fim de analisarem o assunto em conjunto com apóstolos e os anciãos da Igreja Cristã-mãe, assinala *Atos* (15:2 e 3). Durante a viagem, atravessaram a Fenícia e Samaria, onde foram recebidos pelos irmãos de fé que, embevecidos e felizes, ouviram os relatos de Paulo e Barnabé a respeito da conversão dos gentios (v. 3). A situação repetiu-se em Jerusalém quando lá chegaram: após serem acolhidos pelos apóstolos e anciãos, apresentaram-lhes um relato minucioso dos acontecimentos em terras gentílicas, consubstanciados na primeira viagem apostólica (v. 4), assim como as divergências sobre a circuncisão e a alimentação dos gentios convertidos ao Cristianismo (v. 1 e 3).

## 23.2 CONTROVÉRSIA EM JERUSALÉM. DISCURSO DE PEDRO (AT 15:5 A 12)<sup>6</sup>

<sup>5</sup>Então, alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus, mas haviam abraçado a fé, intervieram: diziam que era preciso circuncidar os gentios e prescrever-lhes que observassem a Lei de Moisés. <sup>6</sup>Reuniram-se então os apóstolos e os anciãos para examinarem o problema. <sup>7</sup>Tornando-se acesa a discussão, levantou-se Pedro e disse:

“Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. <sup>8</sup>Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. <sup>9</sup>Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. <sup>10</sup>Agora, pois, por que tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar? <sup>11</sup>Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles”. <sup>12</sup>Então, toda a assembleia silenciou. E passaram a ouvir Barnabé e Paulo narrando quantos sinais e prodígios Deus operara entre os gentios por meio deles.

O assunto não foi discutido de forma pacífica na Comunidade Cristã de Jerusalém, sobretudo entre os cristãos que, anteriormente, eram fariseus. Para estes, os gentios convertidos ao Cristianismo deveriam ser circuncidados e seguir a lei de Moisés, declara *Atos dos apóstolos* (15:5). Os apóstolos e os anciãos reuniram entre si para análise do problema, também produzindo acesa discussão (v. 6). Ante tais circunstâncias, o Apóstolo Simão Pedro toma a

palavra e profere um discurso conciliador (v. 7 a 11), declarando que o mais importante é purificar o coração pela fé (v. 9), não impor aos discípulos um jugo impossível de ser executado (v. 10), concluindo que a graça da salvação em Cristo Jesus seria estendida a todos os convertidos ao Cristianismo, independentemente de serem eles de origem judaica ou gentílica (v. 11).

Essas querelas dogmáticas, como afirma Cairbar Schutel, sempre representaram motivos de discussões e dissensões:

O culto externo e o dogmatismo têm sido terríveis adversários da Religião. Em todos os tempos, o culto e o dogma, dois terríveis entraves do progresso, têm desnaturado os princípios morais e científicos que são, na verdade, o fundamento, ou antes, o escopo das revelações religiosas.

Não é o Cristianismo a primeira vítima imolada no altar da religião. [...]

Ainda não haviam dado, pode-se dizer, os primeiros passos para o erguimento da Doutrina do Cristo Jesus, nos corações, quando os conservadores da bagagem farisaica, alvoroçando os novos cristãos que haviam passado da gentilidade para a nova Fé, já lhes queriam impor a circuncisão, prática adotada nos primitivos tempos por Moisés [...].<sup>7</sup>

Felizmente a coerência de Pedro causou impacto positivo na assembleia:

[...] o colégio apostolar repeliu com toda a energia esse enxerto que os falsos discípulos pretendiam fazer na Árvore do Cristianismo, e congregados em Jerusalém, demonstraram que os corações não se purificariam nos cultos, mas pela fé sincera que Deus nos concede.<sup>8</sup>

Afinal, perguntamos hoje, à guisa de reflexão: qual a importância da circuncisão perante Deus? Tal prática não nos transforma em pessoas melhores.

O bom senso de Pedro acalmou a reunião que, em seguida, tomou outro rumo, quando “[...] passaram a ouvir Barnabé e Paulo narrando quantos sinais e prodígios Deus operara entre os gentios por meio deles” (At 15:12).

### 23.3 DISCURSO DE TIAGO (AT 15:13 A 21)<sup>9</sup>

<sup>13</sup>Quando cessaram de falar, Tiago tomou a palavra, dizendo: “Irmãos, escutai-me. <sup>14</sup>Simeão acaba de expor-nos como Deus se dignou, desde o início, escolher dentre os gentios um povo dedicado ao seu Nome. <sup>15</sup>Com isto concordam as palavras dos profetas, segundo o que está escrito: <sup>16</sup>“Depois disto voltarei e reedificarei a tenda arruinada de Davi, reconstruirei as suas ruínas e a reerguerei. <sup>17</sup>A fim de que o resto dos homens procurem o Senhor, assim como todas as nações dedicadas ao meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas <sup>18</sup>conhecidas desde sempre. <sup>19</sup>Eis por que, pessoalmente, julgo que não se devam molestar aqueles que, dentre os gentios, se convertam a Deus.

<sup>20</sup>Mas se lhes escreva que se abstenham do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue. <sup>21</sup>Com efeito, desde antigas gerações tem Moisés em cada cidade os seus pregadores, que o leem nas sinagogas todos os sábados”.

Concluídos os relatos de Paulo e Barnabé e os comentários subsequentes, Tiago, filho de Alfeu, também conhecido como Tiago Menor (era mais jovem que Tiago Boanerges, irmão de João e cognominado Tiago Maior), toma a palavra final e, não só endossa as palavras de Pedro como ressalta a importância da conversão dos gentios (At 15:14). Fundamenta a sua preleção no profeta *Amós* (At 15:16 a 18), “[...] que vivera cerca de 750 anos a.C. Profeta universalista, Amós pregava que Deus cuida de todas as nações, e não somente de Israel, e que todas estão sujeitas ao julgamento, como obra sua que são. [...]”.<sup>10</sup> Em sintonia com as palavras de Amós, citadas por Tiago, “[...] o Espiritismo, hoje, propagando-se pelo mundo inteiro, apressa ainda mais a universalização do Evangelho e a consequente união dos povos”.<sup>10</sup>

O discurso de Tiago, porém, não abre mão de outras práticas indicadas pela lei de Moisés, as quais os gentios deveriam segui-las (At 15:20): “Mas se lhes escreva que se abstenham do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue”. Neste ponto, o apóstolo não deixava de ter razão, sobretudo quando são consideradas as questões dos sacrifícios de animais e a idolatria a ídolos. Entretanto, libertar-se de hábitos arraigados, longamente estimulados pelas práticas religiosas, não é fácil. O trabalho neste sentido deveria ser permanente. E mais: os gentios teriam sido alvo de muitas imposições se não fora, em especial, a enérgica atuação de Paulo. Contudo, as ponderações de Tiago indicam, claramente, a natureza geral do litígio que fora estabelecido com a conversão dos gentios ao Cristianismo, que não se limitava, exclusivamente, à circuncisão.

A formalidade da circuncisão era inquietante para os gentios. Libertos da circuncisão, o Evangelho se tornaria universal por apartar-se definitivamente do Judaísmo. Todavia, posto que abrissem mão da circuncisão para o gentio que se convertia, mesmo assim deliberam que os novos conversos observem quatro preceitos mosaicos:

- 1º) absterem das contaminações dos ídolos;
- 2º) absterem-se da fornicação;
- 3º) absterem-se das carnes sufocadas;
- 4º) absterem-se do sangue.<sup>10</sup>

Faz-se necessário alguns esclarecimentos a respeito dessas tradições do Judaísmo:<sup>10</sup>

- » Abstenção de contaminação de ídolos: como os deuses do paganismo eram representados por estátuas ou ídolos, deveriam não mais lhes prestar culto e passariam a adorar a Deus único, segundo o preceito: “Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no céu, e do que há embaixo na terra, nem coisa que haja nas águas debaixo da terra. Não fareis para vós nem deuses de prata, nem deuses de ouro” [Êx 20:3 a 6; e Êx 20: 4 a 6].
- » Abstenção da fornicção: “Não serem luxuriosos e guardarem a pureza dos costumes”.
- » Abstenção das carnes sufocadas: as carnes sufocadas eram provenientes dos animais sacrificados aos ídolos e depois vendidas ou distribuídas ao povo. Como os animais eram estrangulados, o sangue deles não escorria de seus corpos; por isso a lei mosaica proibia o consumo dessa carne que continha sangue.
- » Abstenção do sangue: “O *Levítico*, 3:17 prescreve: *Por um foro perpétuo em todas as vossas gerações e moradas, nunca jamais comereis sangue, nem gordura*”.

A viagem de Paulo e Barnabé alcançou o êxito desejado em relação à obrigatoriedade da circuncisão dos gentios convertidos ao Cristianismo que era a questão fundamental, geradora de tantas discursões e desentendimentos. Retornemos a Emmanuel que fornece outros esclarecimentos:

Havia em tudo, agora, uma nota de satisfação geral. As observações de Pedro calaram fundo em todos os companheiros. Foi então que Tiago tomou a palavra, e, vendo-se quase só no seu ponto de vista, esclareceu que Simão fora muito bem inspirado no seu apelo; mas pediu três emendas para que a situação ficasse bem esclarecida. Os pagãos ficavam isentos da circuncisão, mas deviam assumir o compromisso de fugir da idolatria, evitar a luxúria e abster-se das carnes de animais sufocados.

O Apóstolo dos Gentios estava satisfeito. Fora removido o maior obstáculo.

No dia seguinte, os trabalhos foram encerrados, lavrando-se as resoluções em pergaminho. Pedro providenciou para que cada irmão levasse consigo uma carta, como prova das deliberações, em virtude da solicitação de Paulo, que desejava exibir o documento como mensagem de emancipação da gentilidade.

Interpelado pelo ex-pescador, quando se achavam a sós, sobre as impressões pessoais dos trabalhos, o ex-doutor de Jerusalém esclareceu com um sorriso:

– Em suma, estou satisfeito. Ficou resolvido o mais difícil dos problemas. A obrigatoriedade da circuncisão para os gentios representava um crime aos meus olhos. Quanto às emendas de Tiago, não me impressionam, porquanto a idolatria e a luxúria são atos detestáveis para a vida particular de cada um; e, quanto às refeições, suponho que todo cristão poderá comer como melhor lhe pareça, desde que os excessos sejam evitados.<sup>11</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:1-4, p. 1928 e 1929.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 43, p. 289.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:5-12, p. 1929.
- 7 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Editora O Clarim, 2006. cap. *Início das querelas dogmáticas*, p. 128 e 129.
- 8 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Editora O Clarim, 2006. cap. *Início das querelas dogmáticas*, p. 129.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:13-21, p. 1929 e 1930.
- 10 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 43, p. 292.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.

# A CARTA APOSTÓLICA. A DELEGAÇÃO A ANTIOQUIA. PAULO SEPARA-SE DE BARNABÉ E ESCOLHE SILAS. NA LICAÔNIA PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 1ª PARTE (AT 15:22 A 41)

Vimos no estudo anterior que a Assembleia Cristã realizada em Jerusalém (reunião também conhecida como Concílio de Jerusalém) deliberou pela não obrigatoriedade de circuncisão dos gentios convertidos ao Cristianismo (At 15:13 a 21). Contudo, também foi determinado que os cristãos de origem gentílica deveriam se abster de: idolatria a ídolos; imoralidade ou fornicações (consideradas uniões ilegítimas); ingestão de carnes sufocadas e contendo sangue (provenientes de animais estrangulados, sacrificados aos ídolos), como esclarece o discurso de Tiago, filho de Alfeu, em *Atos dos apóstolos*, 15:20.

São deliberações razoáveis, considerando que em termos culturais aquela comunidade cristã era bem diversificada: de um lado existiam os cristãos que antes de se converterem ao Cristianismo seguiam o Judaísmo. Havia também os judeus gentílicos, ou seja, os que praticavam o Judaísmo, mas, por terem nascido ou viverem em províncias gentílicas, absorveram ou se adaptaram a algumas tradições locais. No outro extremo, deparamos com os gentílicos, propriamente ditos, politeístas por cultura e tradição, os quais se tornaram cristãos – as deliberações do Concílio de Jerusalém estavam mais direcionadas a esses últimos. Por medida de prudência, as decisões da assembleia foram registradas em pergaminhos para serem encaminhadas a todas as igrejas, a começar pela igreja de Antioquia da Síria que solicitou aos apóstolos e anciãos, em Jerusalém, resolverem a questão da circuncisão e de

outras práticas pagãs. Durante a assembleia em Jerusalém, Barnabé, Paulo, Judas, chamado Barsabás, e Silas (At 15:22) foram nomeados mensageiros da Igreja de Jerusalém, tendo como incumbência viajarem e entregarem as deliberações do Concílio às comunidades cristãs existentes à época.

No dia seguinte os trabalhos foram encerrados, lavrando-se as resoluções em pergaminho. Pedro providenciou para que cada irmão levasse consigo uma carta, como prova das deliberações, em virtude da solicitação de Paulo, que desejava exibir o documento como mensagem de emancipação da gentilidade.<sup>1</sup>

Com a intenção de agir com acerto, os mensageiros nomeados pela assembleia de Jerusalém, permaneceram alguns dias na cidade, enquanto Barnabé aproveitou a oportunidade para visitar a sua irmã Maria, mãe de Marcos, o futuro evangelista:

Os missionários de Antioquia [Paulo e Barnabé] ainda se demoraram três dias na cidade, após o encerramento do Conselho, tempo esse que Barnabé aproveitou para repousar na casa da irmã [mãe do futuro Evangelista Marcos]. Paulo, contudo, declinou do convite de Maria Marcos e permaneceu na igreja [do Caminho], estudando a situação futura, em companhia de Simão Pedro e dos dois novos colaboradores.

Em atmosfera de grande harmonia, os trabalhadores do Evangelho versaram todos os requisitos do projeto.

Fato digno de nota a reclusão de Paulo, junto aos Apóstolos galileus, jamais saindo à rua, para não entrar em contato com o cenário vivo do seu passado tumultuoso.<sup>1</sup>

Em atendimento ao convite de Barnabé, o seu sobrinho João Marcos é incorporado ao grupo incumbido de levar às igrejas cristãs as decisões da assembleia de Jerusalém:

Finalmente, tudo pronto e ajustado, a missão se dispôs a regressar. Havia em todas as fisionomias um sinal de gratidão e de esperança santificada nos dias do porvir. Verificava-se, no entanto, um detalhe curioso, que é indispensável destacar. Solicitado pela irmã, Barnabé dispusera-se a aceitar a contribuição de João Marcos, em nova tentativa de adaptação ao serviço do Evangelho. Considerando a boa intenção com que acedera aos pedidos da irmã, o ex-levita de Chipre achou desnecessário consultar o companheiro de esforços comuns. Paulo, porém, não se magoou. Acolheu a resolução de Barnabé, um tanto admirado, abraçou o jovem afetuosamente e esperou que o discípulo de Pedro se pronunciasse, quanto ao futuro.

O grupo, acrescido de Silas, Barsabás e João Marcos, pôs-se a caminho para Antioquia, nas melhores disposições de harmonia.

Revezando-se na tarefa de pregação das verdades eternas, anunciavam o Reino de Deus e faziam curas por onde passavam.<sup>1</sup>



O terceiro assunto a ser analisado neste Tema diz respeito à separação da dupla Paulo-Barnabé quando ambos chegam em Antioquia da Síria: Paulo viaja com Silas para outros locais da Síria e da Cilícia, enquanto Barnabé e João Marcos tomam o rumo de Chipre.

## 24.1 A CARTA APOSTÓLICA (AT 15:22 A 29)<sup>2</sup>

<sup>22</sup>Então pareceu bem aos apóstolos e anciãos, de acordo com toda a assembleia escolher alguns dentre os seus e enviá-los a Antioquia, junto com Paulo e Barnabé. Foram Judas, cognominado Barsabás, e Silas, homens considerados entre os irmãos. <sup>23</sup>Por seu intermédio, assim escreveram: “Os apóstolos e os anciãos, vossos irmãos, aos irmãos dentre os gentios que moram em Antioquia, na Síria e na Cilícia, saudações! <sup>24</sup>Tendo sabido que alguns dos nossos, sem mandato de nossa parte, saindo de nós, perturbaram-vos, transtornando vossas almas com suas palavras, <sup>25</sup>pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, escolher alguns representantes e enviá-los a vós junto com nossos diletos Barnabé e Paulo, <sup>26</sup>homens que expuseram suas vidas pelo nome de nosso Senhor, Jesus Cristo. <sup>27</sup>Nós vos enviamos, pois, Judas e Silas, eles também transmitindo, de viva voz, esta mesma mensagem. <sup>28</sup>De fato, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum outro peso além destas coisas necessárias: <sup>29</sup>que vos abstenhais das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas, e das uniões ilegítimas. Fareis bem preservando-vos destas coisas. Passai bem”.

Assim que o grupo chega a Antioquia da Síria procura, de imediato, os irmãos de fé, a fim de lhes entregar os pergaminhos contendo as instruções que foram deliberadas na assembleia de Jerusalém. Os membros da Igreja Cristã de Antioquia ouviram atentamente as informações contidas na Carta Apostólica (At 15:22 a 29), aprovando-as imediatamente:

Chegados ao destino, com grandes manifestações de júbilo da gentilidade, organizaram o plano colimado para dar-lhe imediata eficiência. Paulo expôs o propósito de voltar às comunidades cristãs já fundadas, estendendo a excursão evangélica por outras regiões onde o Cristianismo não fosse conhecido. O plano mereceu aprovação geral. A instituição antioquiana ficaria com a cooperação direta de Barsabás e Silas, os dois companheiros devotados que, até ali, haviam constituído duas fortes colunas de trabalho em Jerusalém.<sup>3</sup>

## 24.2 A DELEGAÇÃO A ANTIOQUIA (AT 15:30 A 35)<sup>4</sup>

<sup>30</sup>Tendo-se despedido, os enviados desceram a Antioquia, onde reuniram a assembleia e entregaram a carta. <sup>31</sup>Feita a sua leitura, alegraram-se pelo consolo que trazia. <sup>32</sup>Entretanto, Judas e Silas, que também eram profetas, falando longamente, exortaram e fortaleceram os irmãos. <sup>33</sup>Passando algum tempo,

estes despediram-nos em paz, de volta aos que os tinham enviado.<sup>[34]</sup> <sup>35</sup>Paulo e Barnabé, porém, continuaram em Antioquia, onde, com muitos outros, ensinavam e anunciavam a Boa Nova, a palavra do Senhor.

A aprovação da Carta Apostólica pela comunidade cristã de Antioquia da Síria foi, na verdade, o passo seguinte após a conversão dos gentios ao Cristianismo:

Esta Carta é de suma importância; ela é a certidão de nascimento do Cristianismo que, de uma seita obscura do Judaísmo, passa a ser uma religião universal. Paulo, defendendo seus amados gentios, vencera todos os preconceitos, e ritos e sacramentos, e cerimônias exteriores; e erguia em suas mãos, bem alto, o Evangelho em toda sua pureza, para oferecê-lo ao mundo.<sup>5</sup>

A evangelização dos gentios foi, sem dúvida, um trabalho verdadeiramente desafiante, somente à altura da liderança de Paulo de Tarso, sobretudo quando se considera: primeiro, os gentios convertidos ao Cristianismo teriam de absorver conceitos religiosos que desconheciam ou que pouco sabia, como a ideia de Deus Único, Criador Supremo do Universo, das coisas e dos seres; segundo, os gentios deveriam modificar-se moralmente, considerando os hábitos aos quais estavam acostumados, visto que a sociedade gentílica era portadora de grande liberalidade dos costumes, incluindo a devassidão sexual, a idolatria aos deuses ensinados pela mitologia e as cerimônias de sacrifícios de animais de grande porte, como o touro.

Em *Atos dos apóstolos*, 15:32 consta a participação de Judas e Silas durante a reunião na Igreja Cristã de Antioquia, destacando-se que ambos eram considerados profetas: falaram longamente, exortaram e fortaleceram os irmãos. Parece-nos importante destacar o significado religioso de profeta, a fim de melhor compreender a referência de Lucas a Judas e a Silas:

- » Profeta (no hebraico é *nabí*, no grego é *profetes*) – mestre infalível com autoridade para falar em nome de Deus. Estudando a ordem dos profetas no sentido de uma corporação, constituíam eles uma classe de homens que Deus chamava para se dirigirem ao povo, dando-lhes palavras e lhes conferindo autoridade para falar em seu nome Dt 18:18-19.<sup>6</sup>

Entre os profetas existiam aqueles que apresentavam desenvolvida a capacidade mediúnica de presciência, prevendo acontecimentos futuros. Entretanto, nem todos os profetas possuíam o dom da presciência, como esclarece Allan Kardec, em *O evangelho segundo o espiritismo*:

Atribui-se comumente aos profetas o dom de revelar o futuro, de sorte que as palavras *profecia* e *predição* se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra profeta tem mais ampla significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Portanto, um homem pode ser profeta, sem fazer predições. Aquela era a ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Foi por isso que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciãos, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu”. Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, quer por intuição, quer por revelação providencial, a fim de transmitirem avisos aos homens. Tendo-se realizados os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.<sup>7</sup>

Concluída a tarefa a que foram incumbidos, Silas e Judas ficam livres para retornarem a Jerusalém (At 15:33):

[...] porém só [Judas] Barsabás voltou, ficando Silas para ajudá-los. Paulo e Barnabé aproveitam alguns dias para o merecido descanso, continuarem na pregação do Evangelho e pôr em ordem as coisas daquela comunidade cristã.<sup>8</sup>

### 24.3 PAULO SEPARA-SE DE BARNABÉ E ESCOLHE SILAS. NA LICAÔNIA, PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 1ª PARTE (AT 15:36 A 41)<sup>9</sup>

<sup>36</sup>Depois de alguns dias, disse Paulo a Barnabé: “Voltemos agora a visitar os irmãos por todas as cidades onde anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão”. <sup>37</sup>Mas Barnabé queria levar consigo também João, cognominado Marcos, <sup>38</sup>enquanto Paulo exigia que não se levasse aquele que os deixara desde a Panfília e não os acompanhara no trabalho. <sup>39</sup>A irritação tornou-se tal, que eles se separaram um do outro. Barnabé, pois, tomando Marcos consigo, embarcou para Chipre. <sup>40</sup>Quanto a Paulo, escolheu Silas e partiu, recomendado à graça de Deus pelos irmãos. <sup>41</sup>Paulo atravessou a Síria e a Cilícia, confirmando as Igrejas.

Tempos depois, já recuperados das canseiras naturais, Paulo informa a Barnabé que chegara o momento de prosseguirem viagem, levando a Carta Apostólica aos demais cristãos das cidades onde ambos estiveram anteriormente (At 15:36). Barnabé, que assumira o compromisso de auxiliar o sobrinho na pregação do Evangelho, sugere que João Marcos deveria acompanhá-los. Paulo posiciona ao contrário, alegando que Marcos os havia abandonado anteriormente, justo quando viajaram para a Panfília. Além do mais, complementa, entendia que ele não estaria preparado para enfrentar o trabalho naquelas localidades (At 15:37 e 38), considerando as lutas e

suplícios que ali sofreram. Estabeleceu-se, então, um clima de animosidade entre ambos, resultando a separação deles: Barnabé viajou para Chipre com Marcos (At 15:39), enquanto Paulo escolhe Silas como companheiro da longa viagem que ambos iriam realizar, de travessia da Síria e Cilícia (At 15:40 e 41). A respeito dessa separação dos dois discípulos sinceros de Jesus, Emmanuel fornece outros esclarecimentos:

Apresentado o relatório verbal dos esforços em perspectiva, Paulo e Barnabé entraram a cogitar das últimas disposições particulares.

– Agora – disse o ex-levita de Chipre –, espero concordes com o que resolvi relativamente a João.

– João Marcos? – interrogou Paulo admirado.

– Sim, desejo levá-lo conosco, a fim de afeiçoá-lo à tarefa.

O ex-rabino franziu o sobrecenho num gesto muito seu, quando contrariado, e exclamou:

– Não concordo; teu sobrinho está ainda muito jovem para o cometimento.

– Entretanto, prometi à minha irmã acolhê-lo em nossos labores.

– Não pode ser.

Estabeleceu-se entre os dois uma contenda de palavras, na qual Barnabé deixava perceber seu descontentamento. O ex-rabino procurava justificar-se ao passo que o discípulo de Pedro alegava o compromisso assumido e impugnava, com tal ou qual amargura, a atitude do companheiro. O ex-doutor, contudo, não se deixou convencer. A readmissão de João Marcos, dizia, não era justa. Poderia falhar novamente, fugir aos compromissos assumidos, desprezar a oportunidade do sacrifício. Lembrava as perseguições de Antioquia da Pisídia, as enfermidades inevitáveis, as dores morais experimentadas em Icônio, o apedrejamento cruel na praça de Listra. Acaso o rapaz estaria preparado, em tão pouco tempo, para compreender o alcance de todos esses acontecimentos, em que a alma era compelida a regozijar-se com o testemunho?<sup>10</sup>

A despeito do desentendimento ocorrido, importa destacar que Paulo e Barnabé não se separaram como inimigos. A amizade entre ambos era um vínculo de natureza profunda e permanente, informa Emmanuel neste diálogo que se seguiu após a breve contenda:

Barnabé estava magoado, de olhos úmidos.

– Afinal – disse em tom comovedor –, nenhum desses argumentos me convence e me esclarece, em consciência. Primeiramente, não vejo por que desfazer nossos laços afetivos...

O ex-rabino não o deixou terminar e concluiu:

– Isso nunca. Nossa amizade está muito acima destas circunstâncias. Nossos elos são sagrados.<sup>10</sup>

Em seguida, Paulo explica ao ex-levita de Chipre, o seu amigo muito querido, porque entendia que Marcos não se encontrava ainda preparado para assumir certos sacrifícios e lutas redentoras:

Paulo fixou demoradamente o amigo e acrescentou:

– Minha intuição, neste sentido, é diversa da tua. Quase sempre, Barnabé, a amizade a Deus é incompatível com a amizade ao mundo. Levantando-nos para a execução fiel do dever, as noções do mundo se levantam contra nós. Parecemos maus e ingratos, mas ouve-me: ninguém encontrará fechadas as portas da oportunidade, porque é o Todo-Poderoso quem no-las abre. A ocasião é a mesma para todos, mas os campos devem ser diferentes. No trabalho propriamente humano, as experiências podem ser renovadas todos os dias. Isso é justo, mas considero que, no serviço do Pai, se interrompemos a tarefa começada, é sinal de que ainda não temos todas as experiências indispensáveis ao homem completo. Se a criatura ainda não sabe todas as noções mais nobres, relativas à sua vida e deveres terrestres, como consagrar-se com êxito ao serviço divino? Naturalmente que não podemos ajuizar se este ou aquele já terminou o curso de suas demonstrações humanas e que, de hoje por diante, esteja apto ao serviço do Evangelho, porque, neste particular, cada um se revelará por si. Creio, mesmo, que teu sobrinho atingirá essa posição, com mais algumas lutas. Nós, entretanto, somos forçados a considerar que não vamos tentar uma experiência, mas um testemunho. Compreendes a diferença?<sup>10</sup>

O coração generoso de Barnabé compreendeu a extensão e o valor das argumentações de Paulo, recordando que estiveram muito próximos da morte quando visitaram aquelas localidades anteriormente. Contudo, sentindo-se responsável direto pela evangelização do sobrinho João Marcos, como compromisso assumido com a sua irmã Maria Marcos, replica a Paulo:

Barnabé compreendeu o imenso alcance daquelas razões concisas, irrefutáveis, e calou-se para dizer daí a momentos:

– Tens razão. Desta vez não poderei, portanto, ir contigo.

Paulo sentiu toda a tristeza que transbordava daquelas palavras e, depois de meditar longo tempo, acentuou:

– Não nos entristecemos. Estou refletindo na possibilidade de tua partida, com João Marcos, para Chipre. Ele encontraria, ali, um campo adequado aos trabalhos que lhe são necessários e, ao mesmo tempo, cuidaria da organização que fundamos na ilha. Dentro deste plano, continuaríamos em cooperação perfeita, mesmo no que se refere à coleta para a Igreja de Jerusalém. Desnecessário será dizer da utilidade de tua presença em Nea-Pafos e Salamina. Quanto a mim, tomaria a Silas, internando-me pelo Tauro, e a igreja de Antioquia ficará com a cooperação de Barsabás e Tito.

Barnabé ficou contentíssimo. O projeto pareceu-lhe admirável. Paulo continuava, a seus olhos, como o companheiro das soluções oportunas.

E dentro de breves dias, a caminho de Chipre, onde serviria a Jesus até que partisse, mais tarde, para Roma, Barnabé foi com o sobrinho para Selêucia, depois de se abraçarem, ele e Paulo, como dois irmãos muito amados, que o Mestre chamava a diferentes destinos.<sup>10</sup>

**Observação:** Com o intuito de recordar as atividades missionárias de Paulo e Barnabé nas cidades citadas na referência 10, sugerimos a releitura: Tema 20 (AT 13:1 a 16); Tema 21 (AT 13:16 a 52); Tema 22 (AT 14:1 a 28).

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:22-29, p. 1930.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:30-35, p. 1930 e 1931.
- 5 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 43, p. 293.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Profeta, p. 1006.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 21, it. 4.
- 8 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 43, p. 293.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 15:36-41, p. 1931.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 5 – *Lutas pelo Evangelho*.



## PARTE IV

### **As missões de Paulo**

“Mas vós, amados, edificando-vos a vós mesmos na vossa santíssima fé e orando no Espírito Santo, guardai-vos no amor de Deus, pondo a vossa esperança na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna. [...]” (*Judas [Tadeu]*, 1:20 e 21.)

## NA LICAÔNIA, PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 2ª PARTE. TRAVESSIA DA ÁSIA MENOR. CHEGADA A FILIPOS (AT 16:1 A 15)

Os capítulos 16, 17 e 18 de *Atos dos apóstolos* referem-se à segunda viagem missionária de Paulo, caracterizada por uma longa jornada de evangelização de povos gentílicos. Paulo viaja, inicialmente, em companhia de Silas e Timóteo. Seguindo este percurso alcançam a Europa (At 16:1 a 18), passando pela Galácia e a Ásia Menor (At 16:1 a 10). Em Trôade (At 16:6 a 10) Lucas é incorporado ao grupo, que viaja para a Macedônia (At 16:11 a 17); Filipos (At 16:11 a 40); Tessalônica (At 17:1 a 9); Bereia (At 17:10 a 15); Acaia, Atenas e Corinto (At 17:16 a 18; e 18:1 a 28).

A despeito das longas distâncias percorridas, a missão dessa segunda viagem ficou centralizada, sobretudo, em torno de “[...] dois centros populacionais: Corinto e Éfeso, portanto a sua esfera foi a Grécia (Grécia Europeia, a Macedônia e a Acaia) e, depois, a Grécia Meio-Oriental (Ásia Menor, nas *Escrituras*, sempre chamada simplesmente *Ásia*) [...]”<sup>1</sup>

Paulo e Silas viajam de Antioquia da Síria até Derbe e Listra, respectivamente (At 16:1). Nessa última cidade, o jovem Timóteo é incorporado à dupla (At 16:2 e 3). Recordemos, a propósito, que Paulo já conhecia Timóteo, vindo a dedicar-lhe sincero afeto paternal (1 Co 4:17 e 1 Tm 1:2), quando, na primeira viagem missionária, estivera na cidade de Listra em companhia de Barnabé, vindos de Icônio. Naquela ocasião, os dois evangelizadores traziam uma carta de recomendação do amigo iconiense Onesíforo dirigida à Loide, sua irmã, viúva de um grego abastado. Emmanuel fornece mais detalhes, lembrando como foi o primeiro encontro com a generosa família que vivia em Listra (recomendamos releitura do Tema 22):



A irmã de Onesíforo, no entanto, foi pródiga em gentilezas. Velha viúva de um grego abastado, Loide morava em companhia de sua filha Eunice, igualmente viúva, e de seu neto Timóteo, cuja inteligência e generosos sentimentos de menino constituíam o maior encanto das duas senhoras. Os mensageiros da Boa-Nova foram recebidos nesse lar com inequívocas provas de simpatia. [...].<sup>2</sup>

A companhia de Silas na viagem de Antioquia da Síria à região da Licaônia, passando, inclusive, por Tarso, a terra natal de Paulo, revelou-se como uma bênção:

Em companhia de Silas, que se harmonizara com as suas aspirações de trabalho, o ex-rabino partiu de Antioquia, internando-se pelas montanhas e atingindo sua cidade natal, depois de enormes dificuldades. Breve, o companheiro indicado por Simão Pedro habituava-se com o seu método de trabalho. Silas era um temperamento pacífico, que se enriquecia de notáveis qualidades espirituais, pelo seu devotamento integral ao Divino Mestre. Paulo, por sua vez, estava plenamente satisfeito com a sua colaboração. Palmilhando longos e impérvios caminhos, alimentavam-se parcamente, quase só de frutas silvestres eventualmente encontradas. O discípulo de Jerusalém, todavia, revelava alegria uniforme em todas as circunstâncias.<sup>3</sup>

Durante a passagem dos dois evangelizadores pelas cidades, povoados de agrupamentos que se achavam no caminho da viagem, eles não perdiam a mínima oportunidade de falar sobre Jesus e seu Evangelho:

Antes de atingir Tarso, pregaram a Boa-Nova, no curso mesmo da viagem. Soldados romanos, escravos misérrimos, caravaneiros humildes, receberam de seus lábios as confortadoras notícias de Jesus. E não poucos escreveram, à pressa, uma que outra das anotações de Levi, preferindo as que mais se ajustavam ao seu caso particular. Por esse processo, o Evangelho difundia-se, cada vez mais, enchendo de esperanças os corações.<sup>3</sup>

## 25.1 NA LICAÔNIA, PAULO ESCOLHE TIMÓTEO – 2ª PARTE (AT 16:1 A 5)<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Alcançou em seguida Derbe, depois Listra. Ora, havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma mulher judia, que abraçara a fé, e de pai grego. <sup>2</sup> Dele davam bom testemunho os irmãos de Listra e de Icônio. <sup>3</sup> Querendo Paulo que ele partisse consigo, realizou a sua circuncisão, por causa dos judeus que havia naqueles lugares. É que todos sabiam que seu pai era grego. <sup>4</sup> Ao passarem pelas cidades, transmitiam-lhes, para que as observassem, as decisões sancionadas pelos apóstolos e anciãos de Jerusalém. <sup>5</sup> Assim as Igrejas eram confirmadas na fé e cresciam em número, de dia para dia.

Em termos históricos, é importante recordar como foi a passagem de Paulo e Silas em Tarso, antes de prosseguirem viagem para as cidades de Derbe e Listra:

Na cidade do seu berço, mais senhor das convicções próprias, o tecelão que se consagrara a Jesus espalhou a manchieiras os júbilos do Evangelho da Redenção. Muitos admiraram o conterrâneo, cada vez mais singularmente transformado; outros prosseguiram na tarefa ingrata da ironia e do lamentável esquecimento de si mesmos. Paulo, no entanto, sentia-se forte na fé, como nunca. Defrontou a velha casa em que nascera, reviu o sítio ameno onde brincara os primeiros tempos da infância; contemplou o campo de esportes onde guiara sua biga romana; mas exumou as recordações sem lhes sofrer a influência depressiva, porque tudo entregava ao Cristo como patrimônio em cuja posse poderia entrar mais tarde, quando houvesse cumprido seu divino mandato.

[...]

Cheios dessa confiança ativa, chegaram a Derbe, onde o ex-rabino abraçou comovidamente os amigos que ali chegara a fazer, após a dolorosa convalescença, quando da primeira excursão [primeira viagem missionária].<sup>5</sup>

A viagem às cidades de Derbe e Listra, citadas neste texto de *Atos dos apóstolos* (16:1), resumiu-se à execução de duas principais ações junto aos irmãos de fé: leitura e entrega da Carta Apostólica – elaborada pelos apóstolos e anciãos, por ocasião do primeiro Concílio ou Assembleia de Jerusalém –, que traziam instruções específicas para os gentios convertidos ao Cristianismo: a) não havia obrigatoriedade da circuncisão de gentios convertidos ao Cristianismo (At 15:13 a 21); b) entretanto os cristãos de origem gentílica deveriam se abster de idolatria a ídolos, da imoralidade ou fornicações (consideradas uniões ilegítimas), da ingestão de carnes sufocadas e contendo sangue, pois estas eram de animais estrangulados, sacrificados aos ídolos, como consta em *Atos dos apóstolos*, 15:20, anteriormente estudado no Tema 24.

A segunda ação envolve o convite de Paulo a Timóteo para, juntamente com Silas, pregarem o Evangelho aos gentios de outras regiões ainda não visitadas:

O Evangelho continuava a estender seu raio de ação em todos os setores. Profundamente sensibilizado, o convertido de Damasco, no desdobramento natural do serviço, começou a obter notícias da ação de Timóteo. O jovem filho de Eunice, pelo que lhe informavam, soubera enriquecer, de maneira prodigiosa, os conhecimentos adquiridos. A pequena cristandade de Derbe já lhe devia grandes benefícios. Por mais de uma vez, o novo discípulo ali ocorrera em missões ativas. Disseminava curas e consolações. Seu nome era

abençoado de todos. Cheio de júbilo, após o término de suas tarefas naquela cidade pequenina, o ex-rabino demandou Listra, com ansiedade carinhosa.<sup>5</sup>

Paulo deveria estar ansioso para encontrar o jovem Timóteo e seus familiares. Assim, junto com Silas, logo que chegaram a Listra, dirigiram-se para a residência de Loide e Eunice, respectivamente, avó e mãe de Timóteo:

Loide o recebeu, bem como a Silas, com a mesma satisfação da primeira vez. Todos queriam notícias de Barnabé [que ali estivera com Paulo na primeira viagem missionária], que Paulo não deixava de fornecer, solícito e prazenteiro. Na tarde desse dia, o convertido de Damasco abraçou Timóteo com imensa alegria a transbordar-lhe da alma. O rapaz chegava da faina diária junto dos rebanhos. Em breves minutos, Paulo conhecia a extensão dos seus progressos e conquistas espirituais. A comunidade de Listra estava rica de graças. O moço cristão conseguira a renovação de muita gente: dois judeus dos mais influentes na administração pública, destacados entre os que promoveram a lapidação do Apóstolo, eram agora seguidores fiéis da doutrina do Cristo. Cuidava-se da construção de uma igreja, onde os doentes fossem amparados e as crianças abandonadas encontrassem um ninho acolhedor. Paulo regozijou-se.<sup>5</sup>

O convite a Timóteo decorreu, sem dúvida, da própria vontade de Paulo, mas que se tornou decisivo em razão das viúvas Loide e Eunice, revelarem que iriam mudar de residência para a Grécia, pois lhes restavam poucos recursos financeiros para sobreviverem na cidade de Listra. Emmanuel esclarece a respeito:

Aproveitando sua passagem por Listra, a bondosa Loide confidenciou-lhe suas necessidades particulares. Ela e Eunice tinham parentes na Grécia, por parte do pai de seu neto, os quais lhes reclamavam a presença pessoal, a fim de que não lhes faltassem com os socorros afetuosos. Os recursos que lhes restavam, em Listra, estavam prestes a esgotar-se. Por outro lado, desejava que Timóteo se consagrasse ao serviço de Jesus, iluminando o coração e a inteligência. A generosa velhinha e a filha projetavam, então, a mudança definitiva e consultavam o Apóstolo sobre a possibilidade de aceitar a companhia do rapaz, pelo menos durante algum tempo, não só para que ele adquirisse novos valores no terreno da prática, como também porque isso facilitaria a transferência de todos para lugar tão distante.

Paulo acedeu de bom grado. Aceitaria a cooperação de Timóteo com sincero prazer. O rapaz, a seu turno, conhecendo a decisão, não sabia como traduzir seu profundo reconhecimento, com transportes de alegria.<sup>5</sup>

Um acontecimento que, à primeira vista, pode causar estranheza está relatado neste texto de *Atos* (16:3), ora sob estudo: “Querendo Paulo que ele partisse consigo, realizou a sua circuncisão, por causa dos judeus que havia naqueles lugares. É que todos sabiam que seu pai era grego”.

A circuncisão de Timóteo não só contrariava a primeira instrução da Carta Apostolar, elaborada pela Igreja Cristã de Jerusalém (Casa do Caminho), como também as ideias de Paulo, que não apoiava a circuncisão dos cristãos de origem gentílica.

Sabemos, porém, que as mudanças não ocorrem abruptamente, e, só recentemente, aquela comunidade cristã de Listra fora instruída sobre como agir a respeito do assunto. Por outro lado, toda a questão se prendia ao fato de Timóteo ser filho de mãe judia e pai grego, como esclarece nota da *Bíblia de Jerusalém*: “Paulo se opunha a que cristãos vindos da gentilidade se fizessem circuncidar (Gl 2:3; 5:1 a 12). Mas Timóteo era filho de judia, portanto, segundo o direito judaico, era israelita”.<sup>6</sup> Recordemos que esta é a tradição do Judaísmo que continua vigente: é a mulher que dá o nome de família aos descendentes, pelo motivo óbvio de ser ela quem dá à luz. Emmanuel também esclarece como tudo aconteceu:

Nas vésperas da partida, Silas entrou prudentemente no assunto e perguntou ao Apóstolo se não era de bom alvitre operar a circuncisão do moço, a fim de que o Judaísmo não perturbasse os labores apostólicos. Em socorro de sua arguição, invocava os obstáculos e lutas acerbadas de Jerusalém. Paulo meditou bastante, recordou a necessidade de espalhar o Evangelho sem escândalo para ninguém, e concordou com a medida aventada. Timóteo teria de pregar publicamente. Conviveria com os gentios, mas, maiormente, com os israelitas, senhores das sinagogas e de outros centros, onde a religião era ministrada ao povo. Era justo refletir na providência para que o moço não fosse incomodado em sua companhia. O filho de Eunice obedeceu sem hesitação. Daí a dias, despedindo-se dos irmãos e das generosas mulheres que ficavam a chorar nos votos de paz em Deus, os missionários demandaram Icônio cheios de coragem indômita e do firme propósito de servir a Jesus.<sup>7</sup>

Surgiram, assim, os movimentos iniciais da segunda viagem missionária de Paulo, acompanhado pelos devotados discípulos de Jesus:

No espírito amoroso de pregação e fraternidade, dilatando o poder do Evangelho redentor sobre as almas e jamais esquecendo o auxílio à igreja de Jerusalém, os discípulos visitaram todas as pequeninas aldeias da Galácia, demorando-se algum tempo em Antioquia de Pisídia, onde trabalharam, de algum modo, para se manterem a si mesmos.

Paulo estava satisfeíssimo. Seus esforços, em companhia de Barnabé, não haviam sido improficuos. Nos lugares mais remotos, quando menos esperava, eis que surgiam notícias das igrejas anteriormente fundadas. Eram benefícios a necessitados, melhoras ou curas de enfermos, consolações aos que se encontravam em extremo desespero. O Apóstolo experimentava o contentamento do semeador que defronta as primeiras flores, como radiosas promessas do campo.

Os emissários da Boa-Nova atravessaram a Frígia e a Galácia sem perseguições de grande envergadura. O nome de Jesus era, agora, pronunciado com mais respeito.<sup>7</sup>

## 25.2 TRAVESSIA DA ÁSIA MENOR (AT 16:6 A 10)<sup>8</sup>

<sup>6</sup>Atravessaram depois a Frígia e a região da Galácia, impedidos que foram pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. <sup>7</sup>Chegando aos confins da Mísia, tentaram penetrar na Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. <sup>8</sup>Atravessaram então a Mísia e desceram a Trôade. <sup>9</sup>Ora, durante a noite, sobreveio a Paulo uma visão. Um macedônio, de pé diante dele, fazia-lhe este pedido: “Vem para a Macedônia, e ajuda-nos!” <sup>10</sup>Logo após a visão, procuramos partir para a Macedônia, persuadidos de que Deus nos chamava para anunciar-lhes a Boa-Nova.

Essa passagem de *Atos dos apóstolos* transmite duas informações básicas: a primeira indica que os evangelizadores foram inspirados pelo Espírito Santo (Jesus) de não anunciarem o Evangelho na Ásia, ou Ásia Menor, como consta em *Atos* (16:6 a 8), fazendo-os atravessarem a região de um extremo ao outro (At 16:7 e 8). A outra informação faz referência à visão mediúnica que Paulo teve de um macedônio, o qual lhe pede para ir à Macedônia para auxiliá-lo e aos que ali viviam (At 16:9 e 10). Mais uma vez, temos a comprovação de que as orientações de Jesus chegavam aos seus dedicados servidores por meio da faculdade mediúnica, inspirando-os como agir corretamente, em todas as circunstâncias:

Ao buscar novos campos para semear o Evangelho, Paulo percebe intuitivamente quais cidades evitar e a quais se dirigir; é o Plano Espiritual que o guia, por meio da sua mediunidade, encaminhando-o aos lugares onde mais profícua seria a sua ação. Do mesmo modo hoje, se bem souberem ver, os trabalhadores do Espiritismo perceberão que sempre se situam onde mais se tornem necessários.<sup>9</sup>

Em relação à Frígia e a Galácia, localidades citadas em *Atos* (16:6), temos as seguintes informações:

- » Frígia: era uma faixa de terra situada na região da Anatólia, cujos habitantes tornaram-se conhecidos pela História de que o seu rei, Midas, segundo a lenda, tudo o que tocava transformava-se em ouro. Dominada pelos romanos, a Frígia foi incorporada como sua província da Ásia. Não há registros históricos de fundação de igrejas cristãs na Frígia.<sup>10</sup> Os seus habitantes faziam ardoroso culto devocional a Cibele – considerada a “Mãe dos deuses” ou

deusa-mãe, que simbolizava a fertilidade da natureza. O seu culto iniciou-se na região da Ásia Menor e espalhou-se por diversos territórios da Grécia Antiga.<sup>11</sup>

- » Galácia: localizada no planalto interno da Ásia Menor, foi antigo reino dominado por numerosos gauleses que, no século III a.C., para ali se transferiram e dominaram as tribos que ali viviam, como a dos frígios e dos capadócijs.<sup>12</sup> No ano 64 a.C., toda a região da Galácia foi dominada pelos romanos, transformando-se em extensa província romana no século 25 a.C., pela incorporação de outros territórios próximos. “Dentro da província da Galácia, ficavam as aldeias que o apóstolo Paulo evangelizou por ocasião da sua primeira viagem missionária, a saber Antioquia da Psídia, Icônio, Listra e Derbe (At 13 e 14)”.<sup>13</sup>

Em *Atos* (16:7 e 8), são citadas outras cidades da Ásia que Paulo, Silas e Timóteo pensaram pregar o Evangelho, mas, por inspiração mediúnica, desistiram da ideia. Tais localidades foram:

- » Mísia: considerada terra dos povos pré-helênicos da Ásia Menor. Estava localizada em região montanhosa coberta de florestas, nunca apresentou relevância política. Era a porção norte da Província romana da Ásia.<sup>14</sup> Paulo passou por lá, vindo da Frígia e Bitínia (At 16:7).
- » Bitínia: território asiático próximo ao estreito do Bósforo, legado dos romanos desde 74 a.C.<sup>15</sup> Paulo não pregou nessa localidade, em atendimento à inspiração de Jesus (At 16:7).
- » Trôade: cidade grega fundada pelos sucessores de Alexandre, o Grande, perto do local onde se situava Troia. Foi transformada em colônia romana pelo imperador Augusto. Era o porto principal da região noroeste da Ásia Menor. Paulo fundou a igreja cristã nesta cidade que é mencionada no livro de *Atos dos apóstolos* em outros momentos (16:8 a 11 e 20:5 a 12). Paulo refere-se a Trôade em 2 Co 2:12.<sup>16</sup>

Na cidade de Trôade, Paulo tem uma visão mediúnica, na qual um macedônio lhe pede auxílio, assim registrada por Lucas (At 16:9): “Ora, durante a noite, sobreveio a Paulo uma visão. Um macedônio, de pé diante dele, fazia-lhe este pedido: ‘Vem para a Macedônia, e ajuda-nos!’”. Logo após a visão, Paulo convoca os dois companheiros de viagem, Silas e Timóteo, e,

imediatamente, deslocam-se para a cidade grega: “Logo após a visão, procuramos partir para a Macedônia, persuadidos de que Deus nos chamava para anunciar-lhes a Boa-Nova” (At 16:10):

Por um Espírito que se lhe torna visível, Paulo é chamado à Macedônia; compreendendo os desígnios divinos, parte para lá imediatamente. E como Filipos era a cidade principal daquela região, os missionários começam por ela seus trabalhos evangélicos. É de notar-se que pela primeira vez o Evangelho é pregado em terras da Europa.<sup>17</sup>

A Macedônia era uma esplêndida região grega localizada nas planícies do golfo de Tessalônica. Era região famosa por suas madeiras e metais preciosos. Teve muitos reis e, depois de Alexandre, o Grande, os domínios macedônios, constituídos por barões cavaleiros, estenderam-se por todo o Mediterrâneo oriental, até serem dominados pelos romanos, que ali estabeleceram seis províncias, governadas por um procônsul, a partir de 44 a.C.<sup>18</sup>

A viagem deveria ser realizada por mar, condição preocupante, visto que os três discípulos de Jesus estavam desprovidos de recursos para o empreendimento, como se deduz desta fala de Paulo, descrita por Emmanuel:

[...] Cientificou os companheiros logo pela manhã, não sem ponderar a extrema dificuldade da viagem por mar, baldo que estava de recursos.

– Entretanto – concluía –, creio que o Mestre lá nos facultará o necessário.

Silas e Timóteo calaram-se respeitosos.<sup>19</sup>

A confiança de Paulo se concretizou pouco tempo depois, quando foi agradavelmente surpreendido com a presença de Lucas, que também se encontrava de passagem pela cidade. Relata Emmanuel:

Saindo à rua cheia de sol, pela manhã, eis que o Apóstolo fixa o olhar numa casa de comércio e para lá se dirige com ansiosa alegria. Era Lucas que parecia fazer compras.

O ex-rabino aproximou-se com os discípulos, e bateu-lhe carinhosamente no ombro:

– Por aqui? – disse Paulo, com grande sorriso.

Abraçaram-se alegremente. O pregador do Evangelho apresentou ao médico os novos companheiros, falando-lhe dos objetivos de sua excursão por aquelas paragens. Lucas, a seu turno, explicou que, havia dois anos, era encarregado dos serviços médicos, a bordo de grande embarcação ali ancorada, em trânsito para Samotrácia.

Paulo recebeu a informação com profundo interesse. Muito impressionado com o encontro, deu-lhe a conhecer a revelação auditiva do roteiro, bem como a vidência da véspera.

E convicto da assistência do Mestre naquele instante, falava com segurança:

- Estou certo de que o Senhor nos envia os recursos necessários na tua pessoa. Precisamos transportar-nos à Macedônia, mas estamos sem dinheiro.
- Quanto a isso – respondeu Lucas, com franqueza –, não te preocupes. Se não tenho fortuna, tenho vencimentos. Seremos companheiros de viagem e tudo pagarei com muita satisfação.<sup>19</sup>

Dessa forma, Lucas associou-se ao trio de evangelizadores, acompanhando-os na segunda viagem missionária realizada sob a segura orientação do Apóstolo Paulo.

### 25.3 CHEGADA A FILIPOS (AT 16:11 A 15)<sup>20</sup>

<sup>11</sup>De Trôade, partindo para alto-mar, seguimos em linha reta para Samotrácia. De lá, no dia seguinte, para Neápolis, <sup>12</sup>de onde partimos para Filipos, cidade principal daquela região da Macedônia, e também colônia romana. Passamos nesta cidade alguns dias. <sup>13</sup>Quando chegou o sábado, saímos fora da porta, junto à margem do rio, onde parecia-nos haver oração. Sentados, começamos a falar às mulheres que se tinham reunido. <sup>14</sup>Uma delas, chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus, escutava-nos. O Senhor lhe abriu o coração, para que ela atendesse ao que Paulo dizia. <sup>15</sup>Tendo sido batizada, ela e os de sua casa, fez-nos este pedido: “Se me considerais fiel ao Senhor, vinde hospedar-vos em minha casa”. E forçou-nos a aceitar.

Antes de sermos informados a respeito das principais características dos locais percorridos pelos discípulos, marcando, propriamente dito, o início da segunda viagem missionária do Apóstolo Paulo, é importante destacar que, a partir desse registro de *Atos dos apóstolos* até o versículo 24 (16:10 a 24), a narrativa de Lucas passa a utilizar a primeira pessoa do plural, “nós”. A explicação plausível é que Lucas passa a “[...] se incluir como um dos personagens que participaram pessoalmente dos acontecimentos, razão pela qual usou a primeira pessoa do plural. [...]”<sup>21</sup> A inclusão do “nós” acontecerá em outras passagens de *Atos dos apóstolos* (16:10 a 17; 20:5 a 21; cap. 18 e 28:1 a 16), demonstrando ser um recurso utilizado por Lucas, para informar que ele estava presente durante os acontecimentos, como testemunha ocular. Quando ele estava ausente, os seus registros indicam que foram obtidos a partir de relatos de outras pessoas, inclusive do próprio Paulo.

O percurso da viagem, segundo *Atos* (16:11 a 14), abrangeu a *Samotrácia*, *Neápolis* e *Filipos* assim caracterizadas:

- » Samotrácia: hoje denominada *Samothrak*, é uma pequena ilha montanhosa, situada ao norte do mar Egeu, ao longo da costa da



Trácia, tendo uma cidade com o mesmo nome. Por ser cidade das montanhas, um dos seus picos alcança 1.680 metros. “Samotrácia era renomada como centro dos cultos misteriosos dos *Kaibeiroi*, antigas deidades da fertilidade, que supostamente protegeriam os que se achavam em perigo, especialmente no mar”.<sup>22</sup>

- » Neápolis: cidade da Macedônia, cujo nome significa “cidade nova”, mas que atualmente é denominada *Kavalla*. É possível que servisse de porto para Filipos, a 16 Km terra adentro. Paulo esteve ali na sua segunda viagem missionária, vindo de Trôade e, talvez, também tenha passado por lá em sua terceira viagem.<sup>23</sup>
- » Filipos: o nome da cidade tem origem em Filipe II da Macedônia [382 a 336 a.C., era pai de Alexandre, o Grande], que a conquistou dos tásios em 300 a.C., engrandecendo-a com fortificações e desenvolvimento da mineração de ouro, inclusive para cunhar moedas. Em 18 a.C., a cidade passou para o domínio romano que, posteriormente, passou a representar um dos quatro distritos da Macedônia.<sup>24</sup> Em 31 a.C., foi nomeada por Otaviano [imperador Augusto César, 63 a.C. a 14 d.C.] com alto título de colônia *Julia Augusta* que aparece em moedas cunhadas, adquirindo o elevado *status* de “direito itálico”, indicativo de que “os colonos desfrutavam dos mesmos direitos e privilégios, como se a cidade estivesse em solo italiano”.<sup>24</sup> Em Filipos, Paulo fez a sua pregação evangélica, foi aprisionado, mas libertado em seguida.<sup>25</sup>

Emmanuel fornece informações complementares quanto à integração de Lucas à equipe, atendendo ao pedido de Paulo:

[...] Quando [Lucas] contou que estava só no mundo, com a partida da genitora para a esfera espiritual, Paulo fez-lhe nova observação, acentuando:

– Ora, Lucas, se te encontras sem compromissos imediatos, por que não te dedicas inteiramente aos trabalhos do Mestre Divino?<sup>26</sup>

Passada a agradável surpresa, Lucas pondera a respeito dos deveres da profissão, obtendo de Paulo a seguinte resposta que o convenceu a acompanhá-los na viagem:

– Mas, quem foi Jesus senão o Divino Médico do mundo inteiro? Até agora tens curado corpos, que, de qualquer modo, cedo ou tarde hão de perecer. Tratar do espírito não seria um esforço mais justo? Com isso não quero dizer que se deva desprezar a Medicina propriamente do mundo; no entanto, essa tarefa ficaria para aqueles que ainda não possuem os valores espirituais que

trazes contigo. Sempre acreditei que a medicina do corpo é um conjunto de experiências sagradas, de que o homem não poderá prescindir, até que se resolva a fazer a experiência divina e imutável, da cura espiritual.

Lucas meditou seriamente nessas palavras e replicou:

– Tens razão.

– Queres cooperar conosco na evangelização da Macedônia? – interrogou o ex-rabino sentindo-se triunfante.

– Irei contigo – concluiu Lucas.

Entre os quatro discípulos do Cristo houve enorme júbilo.<sup>26</sup>

Em *Atos* (16:12 a 15), consta o relato de como foi a evangelização em Filipos, onde permaneceram alguns dias (v. 12):

Hospedaram-se em um albergue quase miserável que a população da cidade reservava aos estrangeiros. Depois de três noites ao relento, os amigos de Jesus dirigiram-se à casa de oração, que ficava à margem do rio Gangas. Filipos não possuía sinagoga e o santuário destinado às preces, embora tomasse o título de “casa” não era mais que um recanto ameno da Natureza, rodeado de muros em ruínas.<sup>26</sup>

Os registros de *Atos* (16:13) informam como o grupo de evangelizadores entrou em contato com a população local: “Quando chegou o sábado, saímos fora da porta, junto à margem do rio, onde parecia-nos haver oração. Sentados, começamos a falar às mulheres que se tinham reunido”. Paulo tomou a seguinte iniciativa:

Ciente da situação religiosa da cidade, Paulo dirigiu-se para lá com os companheiros. Muito surpreendidos, entretanto, os missionários não encontraram senão senhoras e meninas em oração. O ex-rabino penetrou resolutamente no círculo feminino e falou dos objetivos do Evangelho, como se estivesse diante de imenso público. As mulheres estavam magnetizadas por sua palavra ardorosa e sublime. Enxugavam discretamente as lágrimas que lhes afluíam ao rosto ao receberem notícias do Mestre, e uma delas, chamada Lídia, viúva digna e generosa, aproximou-se dos missionários e confessando-se convertida ao Salvador esperado, oferecia-lhes a própria casa para fundarem a nova igreja.<sup>26</sup>

Lídia aceitou o Evangelho, ela e os seus familiares foram batizados, e, gentilmente, ofereceu aos missionários o seu lar para hospedá-los (At 16:15), o que foi aceito de boamente:

Paulo de Tarso contemplou-a de olhos úmidos. Escutando-lhe a voz desbordante de cristalina sinceridade, recordou que no Oriente, no dia inesquecível do Calvário, só as mulheres haviam acompanhado Jesus no doloroso transe, sendo as primeiras criaturas que o viram na gloriosa ressurreição; e eram ainda

elas que, em doce reunião espiritual, vinham receber a palavra do Evangelho no Ocidente, pela primeira vez. Em silenciosa contemplação, o Apóstolo dos Gentios fixou o grande número de meninas que se ajoelhavam à sombra carinhosa das árvores. Observando-lhes os trajes muito claros, teve a impressão de que via à sua frente um gracioso bando de pombas muito alvas, prestes a desferir o voo glorioso dos ensinamentos do Cristo, pelos céus maravilhosos da Europa.

Foi por isso que, contrariamente à expectativa dos companheiros, o enérgico pregador respondeu à Lídia em tom muito afável.

– Aceitamos vossa hospedagem.

Desde aquele minuto, travou-se entre Paulo de Tarso e sua carinhosa igreja de Filipos a mais formosa amizade.

Lídia, cuja casa era muito abastada, em vista do movimento comercial de púrpuras, acolheu os discípulos do Messias com júbilo indescritível. Enquanto isso, Lucas e Timóteo continuavam a viagem. Silas e o ex-doutor de Jerusalém consagravam-se ao serviço do Evangelho, entre os generosos filipenses.

A cidade singularizava-se por seu espírito romano. Havia nas ruas vários templos dedicados aos deuses antigos. E como apenas as mulheres procuravam o recinto da casa de orações, Paulo, com o desassombro que o caracterizava, deliberou fazer pregações do Evangelho na praça pública.<sup>26</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, it. III.3, p. 394.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 4 – *Primeiros labores apostólicos*.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:1-5, p. 1931.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:3. Nota de rodapé “f”, p. 1931.

- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:6-10, p. 1931 e 1932.
- 9 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 44, p. 295.
- 10 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Frígia, p. 526.
- 11 CIBELE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cibele#:~:text=Cibele%20era%20uma%20deusa%20originária,diversos%20territórios%20da%20Grécia%20Antiga>.
- 12 CIBELE: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cibele#:~:text=Cibele%20era%20uma%20deusa%20originária,diversos%20territórios%20da%20Grécia%20Antiga>.
- 13 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Galácia, p. 530.
- 14 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Mísia, p. 882.
- 15 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Bitínia, p. 173.
- 16 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Trôade, p. 1358.
- 17 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 44, p. 2956.
- 18 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Macedônia, p. 811 e 812.
- 19 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 20 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:11-15, p. 1932.
- 21 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, it. 16:10, p. 400.

- 22 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Samotrácia, p. 1.23.
- 23 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Neápolis, p. 923.
- 24 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Filipos, p. 515.
- 25 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Filipos, p. 516.
- 26 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.

## PRISÃO DE PAULO E SILAS. LIBERTAÇÃO MARAVILHOSA DOS MISSIONÁRIOS (AT 16:16 A 40)

Em prosseguimento ao estudo da segunda viagem missionária de Paulo, registrada nos capítulos 16, 17 e 18 de *Atos dos apóstolos*, cujo percurso abrangeu dois grandes centros populacionais: Grécia (Grécia Europeia, Macedônia e Acaia) e Ásia Menor. A longa viagem foi repleta de ocorrências desafiantes, como demonstra o atual estudo. Em um esforço de síntese, destacamos as principais etapas da segunda viagem do apóstolo:

- » Por via terrestre, Paulo parte de Antioquia da Síria em companhia de Silas, que substituiu Barnabé (At 15:36 a 41); Timóteo junta-se à dupla, quando Paulo e Silas passam por Listra, na Licaônia; os três missionários prosseguem viagem e alcançam o território europeu, propriamente dito (At 16:1 a 18), depois de chegarem por Trôade (At 16:6 a 10), onde Lucas incorpora-se ao grupo.
- » Em Trôade, Paulo tem visão mediúnica de um macedônio que lhe pede auxílio, para si mesmo e para os seus conterrâneos (At 16:9), fazendo o apóstolo modificar o roteiro da viagem.
- » Por via marítima, os quatro evangelizadores navegam em direção à Macedônia (At 16:11 a 17) e alcançam a cidade de Filipos (At 16:11 a 40), onde fazem uma parada mais prolongada. Inicialmente, ficaram albergados em local muito rústico, ao relento. Posteriormente, Paulo e Silas hospedam-se na residência da piedosa Lígia, comerciante de púrpuras e sincera adoradora de Deus, que se converte ao Cristianismo (At 16:14 a 16). Lucas e Timóteo viajam pelas redondezas, pregando o Evangelho.
- » De Filipos partem para a Tessalônica (At 17:1 a 9), depois para Bereia (At 17:10 a 15), Acaia e Atenas (At 17:16 a 18); daí viajam para Corinto e Éfeso (At 18:1 a 28).

O atual estudo refere-se ao período de estadia dos missionários em Filipos, que culminou com a prisão de Paulo e Silas (At 16:16 a 24), seguida de abençoada libertação, por intervenção dos Espíritos benfeitores (At 16:25 a 40).

## 26.1 PRISÃO DE PAULO E SILAS (AT 16:16 A 24)<sup>1</sup>

<sup>16</sup>Certo dia, quando íamos para a oração, veio ao nosso encontro uma jovem escrava que tinha um espírito de adivinhação; ela obtinha para seus amos muito lucro, por seus oráculos. <sup>17</sup>Começou a seguir-nos, a Paulo e a nós, clamando: “Estes homens são servos do Deus altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação”. <sup>18</sup>Isto ela o fez por vários dias. Fatigado com aquilo, Paulo voltou-se para o espírito, dizendo: “Em nome de Jesus Cristo, eu te ordeno que te retires dela!” E na mesma hora saiu. <sup>19</sup>Vendo seus amos que findara a esperança de seus lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à *ágora*, à presença dos magistrados. <sup>20</sup>Apresentando-os aos estrategos, disseram: “Estes homens perturbam nossa cidade. São judeus,<sup>21</sup>e propagam costumes que não nos é lícito acolher nem praticar, pois somos romanos”. <sup>22</sup>Amotinando-se a multidão contra eles, os estrategos, depois de mandarem arrancar-lhes as vestes, ordenaram que fossem batidos com varas. <sup>23</sup>Depois de lhes infligirem muitos golpes, lançaram-nos à prisão, recomendando ao carcereiro que os vigiasse com cuidado. <sup>24</sup>Recebida a ordem, este os lançou a parte mais interna da prisão e prendeu-lhes os pés no cepo.

O grupo de evangelizadores é acolhido na casa de Lídia, em Filipos, uma importante cidade grega da Macedônia que também era colônia romana (At 16:11 e 12):

Lídia, cuja casa era muito abastada, em vista do movimento comercial de púrpuras, acolheu os discípulos do Messias com júbilo indescritível. Enquanto isso, Lucas e Timóteo continuavam a viagem. Silas e o ex-doutor de Jerusalém consagravam-se ao serviço do Evangelho, entre os generosos filipenses.

A cidade singularizava-se por seu espírito romano. Havia nas ruas vários templos dedicados aos deuses antigos. E como apenas as mulheres procuravam o recinto da casa de orações, Paulo, com o desassombro que o caracterizava, deliberou fazer pregações do Evangelho na praça pública.<sup>2</sup>

A despeito da sua origem e colonização gregas, Filipos passou a apresentar características de uma cidade romana típica desde que foi dominada por Roma. Ali predominavam os hábitos e cultos politeístas, como os de adoração a vários deuses e a aceitação de predições oriundas de adivinhos. Sendo assim, a pregação do Evangelho em praça pública por Paulo e Silas atraiu a atenção dos habitantes em razão do expressivo verbo de Paulo, como também pelo teor dos ensinamentos que ele transmitia:

Em Filipos não havia sinagoga; parece que a colônia judaica era pequena e pobre, não comportando a feitura de uma. Paulo soube que à margem do rio que banhava a cidade havia um local ao ar livre, frequentado provavelmente por lavadeiras, onde costumavam reunir-se em orações. Nesse ambiente bucólico, livre de toda e qualquer pompa, acompanhado pelo suave murmúrio das águas, Paulo transmite a seus humildes ouvintes a sublime mensagem de Jesus.<sup>3</sup>

As pregações de Paulo, segundado por Silas, produziram um grande conflito na cidade, culminada com a prisão de ambos. O conflito estava relacionado a uma jovem escrava que possuía o dom da adivinhação que, por meio dos seus oráculos, era declaradamente usada como fonte de rendas pelos seus patrões (At 16:16). Lucas faz questão de destacar a situação constrangedora em que vivia a médium – usualmente denominada adivinha ou pitonisa: subjugada por Espíritos adivinhadores e pelos seus patrões. Assim, após as preleções públicas, Paulo e Silas passaram a ser perseguidos pelo Espírito obsessor da adivinha que, bajulador, repetia sistematicamente onde quer que eles se encontrassem: “Estes homens são servos do Deus do altíssimo, que vos anunciam o caminho da salvação” (At 16:17).

Tal comportamento do Espírito é sinal indicativo da sua inferioridade moral, revelada pela perseguição aos evangelizadores e pelas declaradas palavras bajuladoras que, na verdade, era mais uma tentativa de chamar atenção para si mesmo. É óbvio que os Espíritos perturbados e perturbadores reconhecem, de imediato, a autoridade moral e intelectual de um Espírito Superior, mas, por interesses próprios, preferem bajulá-los na tentativa de ganhar-lhes a confiança. Daí estarmos sempre atentos a esta orientação do Apóstolo João: “Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 Jo 4:1).

Emmanuel transmite-nos outros esclarecimentos a respeito do assunto:

O próprio Silas que, de algum modo, se comprazia em ouvir as afirmações da pitonisa, interpretando-as como um conforto espiritual, estava boquiaberto. Quando se viram a sós, quis lhe dissesse Paulo os motivos que o levaram a semelhante atitude, e perguntou-lhe:

– Acaso não falava ela do nome de Deus? Sua propaganda não seria para nós valioso auxílio?

O Apóstolo sorriu e sentenciou:

– Porventura, Silas, poder-se-á na Terra julgar qualquer trabalho antes de concluído? Aquele Espírito poderia falar em Deus, mas não vinha de Deus. Que fizemos para receber elogios? Dia e noite, estamos lutando contra as



imperfeições de nossa alma. Jesus mandou que ensinássemos, a fim de aprendermos duramente. Não ignoras como vivo em batalha com o espinho dos desejos inferiores. Então? Seria justo aceitarmos títulos imerecidos quando o Mestre rejeitou o qualificativo de “bom”? Claro que, se aquele Espírito viesse de Jesus, outras seriam suas palavras. Estimularia nosso esforço, compreendendo nossas fraquezas. Além do mais, procurei informar-me a respeito da jovem e sei que ela é hoje a chave de grande movimento comercial.<sup>4</sup>

O contexto moral da situação era, efetivamente, grave, pois a jovem médium encontrava-se duplamente dominada: de um lado por um Espírito vaidoso e superficial que se comprazia em transmitir adivinhações na forma de entretenimento, transformando-o em foco da atenção pública; por outro, na sua condição de criada, a adivinha representava mero objeto de lucros para os seus patrões (At 16:17 e 18). Paulo entendeu todo o contexto e, quando fatigado pela persistente ação perturbadora, expulsa o Espírito, libertando a médium do jugo opressivo (At 16:19).

O incidente, entretanto, teria mais vastas repercussões, além daquelas que os Apóstolos do Mestre poderiam esperar. A pitonisa não mais recebeu a visita da entidade que distribuía palpites de toda sorte. Em vão, os consulentes viciados lhe bateram à porta. Vendo-se privados da renda fácil, os prejudicados fomentaram largo movimento de revolta contra os missionários. [...].<sup>4</sup>

A expulsão do Espírito perturbador e a libertação da médium despertaram a ira dos senhores da criada: quando se viram privados da fonte de renda, fizeram intrigas, torceram os fatos, alegando que os evangelizadores eram judeus e que propagavam costumes considerados ilícitos aos romanos (At 16:20). Tais acusações desencadearam uma série de ações que culminaram na prisão de Paulo e Silas, após serem acoitados (At 16:19 a 24):

[...] Daí a três dias, Paulo e Silas foram surpreendidos, em plena praça, com um ataque do povo e foram presos a troncos pesadíssimos e flagelados, sem compaixão. Sob os apupos da massa ignorante, submeteram-se, com humildade, ao suplício. Quando sangravam sob as varas impiedosas, houve a intervenção das autoridades e foram então conduzidos ao cárcere, abatidos e cambaleantes. Dentro da noite escura e dolorosa, incapacitados de dormir, pelas dores cruelíssimas, os discípulos de Jesus vigiaram em preces ungidas de luminoso fervor. [...].<sup>4</sup>

É importante analisar os registros de Lucas citados em *Atos dos apóstolos* (16:19 a 24), com a finalidade de melhor compreender o contexto histórico-cultural:

1) *Vendo seus amos que findara a esperança de seus lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à ágora, à presença dos magistrados* (v. 19):

*Ágora*, ou *Agorá* [...]. Termo no grego significa mercado, local de reuniões, ou uma assembleia. Em muitas cidades gregas, como Atenas, o *Agorá* era o centro da vida comercial, judicial e religiosa da cidade. *Agorá* no latim é *fórum*, e sua tradução no Novo Testamento, em geral, é *praça* e *mercado* (Mt 11:16; 23:7; Mc 6:56; 7:4; 12:38; Lc 11:43; 20:46; At 16:19; 17:17).<sup>5</sup>

2) *Apresentando-os aos estrategos, disseram: Estes homens perturbam nossa cidade. São judeus, e propagam costumes que não nos é lícito acolher nem praticar, pois somos romanos* (v. 20 e 21). Estratego é palavra sinônima de magistrado, considerado especialista em estratégia:

Magistrado (no hebraico, *shaphet* e no grego, *strategós*, líder de grupo) [...]. No Novo Testamento, o termo grego *strategós* é utilizado também como *archón*, que é “traduzido por magistrado”, Lc 12:58, dando a entender que é uma autoridade, indicando um rei, governador ou juiz.<sup>6</sup>

Outro ponto que merece destaque refere-se à informação prestada ao magistrado de que Paulo e Silas estariam perturbando a ordem pública, que eram judeus e propagavam costumes não aprovados pelos romanos:

[...] Com base neste versículo [v. 20], parece bem claro que aqueles perversos cidadãos de Filipos não sabiam fazer distinção entre judeus e cristãos, ou seja, entre o Judaísmo e o Cristianismo. Isso significa que não faziam acusação de “*religio non lícita*”, ou seja, contra algum culto religioso não licenciado. O Judaísmo era uma religião “licenciada”, permitindo-se que ela fosse praticada em qualquer lugar onde seus praticantes a estabelecessem. [...] Portanto, aos judeus se permitiu praticarem as suas funções religiosas sem quaisquer interferências, contando que não tentassem participar de qualquer levante político e pagassem devidamente os seus tributos aos dominadores romanos. [...].<sup>7</sup>

Esse costume não se aplicava ao Cristianismo que, “[...] até os tempos do imperador *Constantino* (ano 310 d.C., em diante), sempre foi considerado uma religião ilegal, pelo menos até onde estava envolvido o governo romano”.<sup>7</sup> Entretanto a acusação apresentada contra Paulo e Silas era que “[...] São judeus, e propagam costumes que não nos é lícito acolher nem praticar, pois somos romanos” (At 16:20 e 21).

É importante assinalar que, ainda que o Judaísmo fosse uma religião licenciada pelos romanos, os judeus não eram bem aceitos pelos dominadores: “[...] Os judeus eram muito *impopulares* por toda parte. Quando ocorreu o episódio aqui historiado, não fazia muito tempo que o imperador Claudio baixara um decreto que expulsava os judeus da cidade de Roma (ver At 18:2) [...]”.<sup>7</sup>

Amotinando-se a multidão contra eles, os estrategos, depois de mandarem arrancar-lhes as vestes, ordenaram que fossem batidos com varas. Depois de lhes infligirem muitos golpes, lançaram-nos à prisão, recomendando ao carcereiro que os vigiasse com cuidado. Recebida a ordem, este os lançou à parte mais interna da prisão e prendeu-lhes os pés no cepo (At 16:22 a 24).

A prisão de Paulo e Silas foi um ato incorreto sob todos os aspectos, sobretudo quando se pondera na ação moral de libertação da médium do jugo obsessivo de um Espírito desencarnado e de dois encarnados. As autoridades romanas não analisaram os fatos corretamente, com a racionalidade e imparcialidade impostas pelo cargo público que ocupavam:

Ora, isso tudo significa que os seguidores de Jesus Cristo estavam expostos a um triplice ódio: seguiam uma seita religiosa ilegal, que aos romanos parecia potencialmente traiçoeira e ameaçadora; eram confundidos com os judeus, eram vítimas do ódio que os romanos votavam contra eles; e, finalmente, estavam sujeitos às perseguições movidas pelos próprios judeus.<sup>7</sup>

## 26.2 LIBERTAÇÃO MARAVILHOSA DOS MISSIONÁRIOS (AT 16:25 A 40)<sup>8</sup>

<sup>25</sup>Pela meia-noite, Paulo e Silas, em oração, cantavam os louvores de Deus, enquanto os outros presos os ouviam. <sup>26</sup>De repente, sobreveio um terremoto de tal intensidade que se abalaram os alicerces do cárcere. Imediatamente abriram-se todas as portas, e os grilhões de todos soltaram-se. <sup>27</sup>Acordado, e vendo abertas as portas da prisão, o carcereiro puxou da espada e queria matar-se: pensava que os presos tivessem fugido. <sup>28</sup>Paulo, porém, com voz forte gritou: “Não te faças mal algum, pois estamos todos aqui”. <sup>29</sup>Então o carcereiro pediu uma luz, entrou e, todo trêmulo, caiu aos pés de Paulo e de Silas. <sup>30</sup>Conduzindo-os para fora, disse-lhes: “Senhores, que preciso fazer para ser salvo?” <sup>31</sup>Eles responderam: “Crê no Senhor e serás salvo, tu e a tua casa”. <sup>32</sup>E anunciaram-lhe a palavra do Senhor, bem como a todos os que estavam em sua casa. <sup>33</sup>Levando-os consigo, naquela mesma hora da noite lavou-lhes as feridas, e imediatamente foi batizado, ele e todos os seus. <sup>34</sup>Fê-los, então, subir à sua casa, pôs-lhes a mesa, e rejubilou-se com todos os seus por ter crido em Deus. <sup>35</sup>Fazendo-se dia, os estrategos enviaram os litores com a seguinte ordem: “Solta esses homens”. <sup>36</sup>O carcereiro transmitiu tais palavras a Paulo: “Os estrategos mandam dizer que sejais soltos. Agora, pois, saí e prossegui vosso caminho”. <sup>37</sup>Paulo, porém, replicou aos litores: “Vergastaram-nos em público sem julgamento, a nós que somos cidadãos romanos, e lançaram-nos à prisão. Agora, é furtivamente que nos mandam sair? Não será assim: eles mesmos venham retirar-nos daqui”. <sup>38</sup>Os litores transmitiram aos estrategos essas palavras. Ouvindo dizer que eram cidadãos romanos, ficaram com medo <sup>39</sup>e vieram pessoalmente insistir com eles para que se afastassem da cidade.

<sup>40</sup> Ao saírem da prisão, dirigiram-se à casa de Lídia e, vendo os irmãos, confortaram-nos. Depois, partiram.

A libertação de Paulo e Silas aconteceu, porém, na primeira noite que passaram na prisão, em decorrência de um forte terremoto que atingiu Filipos, a ponto de abalar os alicerces da prisão, as portas se abrissem e os grilões se rompessem (At 16:26):

[...] Dentro da noite escura e dolorosa, incapacitados de dormir, pelas dores crudelíssimas, os discípulos de Jesus vigiaram em preces ungidas de luminoso fervor. Lá fora, rugia a tempestade em trovões terríveis e ventos sibilantes. Filipos inteira parecia abalada em seus alicerces pela tormenta fragorosa. Passava da meia-noite e os dois Apóstolos oravam em voz alta. Os prisioneiros vizinhos, vendo-os em oração, pareciam acompanhá-los, pela expressão do rosto. Paulo contemplou-os, através das grades, e, aproximando-se, a custo, começou a pregar o Reino de Deus. Ao comentar a tempestade imprevista que se abatera sobre o ânimo dos discípulos, enquanto Jesus dormia na barca, um fato maravilhoso feriu os olhos dos encarcerados. As portas pesadas das numerosas celas se abriram sem ruído. Silas ficou lívido. Paulo compreendeu e saiu ao encontro dos companheiros. Continuou pregando as verdades eternas do Senhor, com entonação impressionante; e vendo umas dezenas de homens de peito hirsuto, barbas longas, fisionomias taciturnas, como se estivessem plenamente esquecidos do mundo, o Apóstolo dos Gentios falou, com mais entusiasmo, da missão do Cristo e pediu que ninguém tentasse fugir. [...].<sup>9</sup>

Envolvidos pelas superiores vibrações provenientes do Alto e pelo elevado magnetismo das palavras de Paulo, os prisioneiros acalmam-se e permanecem juntos:

[...] Os que se reconhecessem culpados agradecessem ao Pai os benefícios da corrigenda; os que se julgassem inocentes dessem expansão ao regozijo, porque só os mártires do justo podiam salvar o mundo. Esses argumentos de Paulo contiveram toda a estranha e reduzida assembleia. Ninguém procurou alcançar a porta de saída, senão que, reunindo-se em torno daquele desconhecido, que tão bem sabia falar aos desgraçados, muitos se ajoelharam em pranto, convertendo-se ao Salvador que ele anunciava com bondade e energia.<sup>9</sup>

Temeroso de que os prisioneiros poderiam ter fugido, o carcereiro compreende que ele, de alguma forma seria responsabilizado, mesmo diante da catástrofe ocorrida. Guiado pelo desespero, desembainha a espada para se matar (At 16:27). Contudo, o ex-rabino impede o suicídio, agindo com presteza: *Paulo, porém, com voz forte gritou: Não te faças mal algum, pois estamos todos aqui* (At 16:28).

É admirável o autocontrole de Paulo e a sua capacidade de fazer o bem, mesmo nas situações mais adversas, como a ocorrida em Filipos. Percebe-se que o caráter do Apóstolo dos Gentios se expressa com muita lucidez nos momentos de crise, fato que conduziu muitos pagãos ao Cristianismo. Foi o que aconteceu com o seu carcereiro que, tocado nas fibras mais íntimas, cai aos pés de Paulo e Silas, suplicante (At 16:29 a 31):

Então o carcereiro pediu uma luz, entrou e, todo trêmulo, caiu aos pés de Paulo e de Silas. Conduzindo-os para fora, disse-lhes: “Senhores, que preciso fazer para ser salvo?” Eles responderam: “Crê no Senhor e serás salvo, tu e a tua casa”.

Emmanuel fornece estas outras informações:

Ao alvorecer, amainada a tormenta, levanta-se o carcereiro, perturbado pelo vozerio singular. Vendo as portas abertas e temendo a sua responsabilidade, tenta matar-se, instintivamente. Mas Paulo avança e impossibilita-lhe o gesto extremo, explicando-lhe a ocorrência. Todos os encarcerados regressaram humildes ao seu cubículo. Lucano, o carcereiro, converte-se à nova doutrina. Antes que a claridade diurna invadissem a paisagem, ele-lo que traz aos Apóstolos os socorros de emergência, pensando-lhes as feridas, sensibilizado como nunca. Residindo ali mesmo, conduz os discípulos ao interior doméstico, manda servir-lhes alimento e vinho reconfortante. [...].<sup>9</sup>

Acalmada a situação, as autoridades foram informadas a respeito das ocorrências, inclusive a de que nenhum prisioneiro fugiu devido a pronta intervenção de Paulo. Os magistrados ordenaram, então, que Paulo e Silas fossem libertados (At 16:35): *Fazendo-se dia, os estrategos enviaram os litores com a seguinte ordem: Solta esses homens. Litores*, como já vimos em outras oportunidades, eram oficiais que serviam aos magistrados romanos. Ao ser informado a respeito pelo carcereiro, Paulo, porém, replica e informa aos litores o erro que os magistrados cometeram aos aprisioná-los:

[...] Vergastaram-nos em público sem julgamento, a nós que somos cidadãos romanos, e lançaram-nos à prisão. Agora, é furtivamente que nos mandam sair? Não será assim: eles mesmos venham retirar-nos daqui (At 16:37).

Paulo poderia simplesmente ir embora, mas havia nele uma sede de justiça que o impelia a fazer sempre o certo, além, obviamente, do sentimento de manutenção da dignidade que fora agredida em decorrência da violação da lei aplicada aos cidadãos romanos. Os dois discípulos tinham a cidadania romana, adquiridas em províncias de Roma, onde nasceram. A de Paulo, apesar da sua linhagem judaica, fora adquirida em Tarso e a de Silas, que nascera gentílico, em Antioquia da Síria. Os caprichosos oficiais da província de Filipos tinham cometido um sério delito, e Paulo não

deixou passar em branco, talvez até pensando nos futuros acontecimentos que poderiam envolver outros cristãos:

[...] Tanto a “*Lex Valeria*” como a “*Lex Porcia*” tornavam ilegal o espancamento de cidadãos romanos. [...] Porém, sob circunstância nenhuma um cidadão romano poderia ser açoitado. [...].<sup>10</sup>

A ação foi considerada gravíssima porque, a rigor, não houve processo formal. Como esclarecimento histórico, parece-nos importante sermos informados a respeito do teor dessas duas leis:

A antiga “*Lex Valeria*”, baixada em 509 a.C., isentava os cidadãos romanos de tratamento cruéis e de abusos, o que incluía açoites, enquanto não houvesse um julgamento justo e se decidisse sobre a punição a ser aplicada. A “*Lex Porcia*”, decretada em 248 a.C., fazia dessas determinações regulamentos absolutos, e assim um cidadão romano não podia ser tratado desse modo, mesmo depois de ser comprovada a sua culpa por um tribunal legal. [...].<sup>10</sup>

Os magistrados ficaram amedrontados e, somente assim, perceberam que cometeram grave violação do Direito Romano, cujas consequências eram severas. Contudo, as coisas foram apaziguadas, Paulo e Silas saíram da prisão, dirigiram-se à casa de Lídia onde os irmãos de fé os aguardavam. Tempos depois, partiram de Filipos (At 16:40):

[...] Os magistrados apresentaram-lhe desculpas, garantiram a manutenção da paz para a igreja nascente, e, alegando a extensão de suas responsabilidades perante o povo, rogaram a Paulo e Silas que deixassem a cidade, para evitar novos tumultos.

O ex-rabino sentiu-se satisfeito e, voltando a residência da generosa purpureira, em companhia de Silas que lhe reconhecia a fortaleza, sem dissimular o grande espanto, ali demorou alguns dias traçando o programa dos trabalhos da nova sementeira de Jesus. Em seguida, rumou para Tessalônica, escalando em todos os recantos onde houvesse sítios ou aldeias à espera de notícias do Salvador.

Nesse novo centro de lutas, reencontraram Lucas e Timóteo que os aguardavam ansiosos. [...].<sup>11</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:16-24, p. 1932.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.

- 3 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 44, p. 296.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: *Agorá*, p. 42.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos. 2005. verbete: *Magistrado*, p. 768.
- 7 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. ver. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, it. 16:20, p. 410.
- 8 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 16:25-40, p. 1932 e 1933.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 10 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. ver. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 16, it. 16:37, p. 420.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.

# EM TESSALÔNICA – DIFICULDADES COM OS JUDEUS. NOVAS DIFICULDADES EM BEREIA. PAULO EM ATENAS. DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO (AT 17:1 A 34)

Prosseguindo nos relatos da segunda viagem missionária, Paulo e Silas partem de Filipos para a Tessalônica, depois de serem libertados da prisão:

Nesse novo centro de lutas, reencontraram Lucas e Timóteo que os aguardavam ansiosos. Os trabalhos seguiram ativíssimos. Em toda parte, os mesmos choques. Judeus preconceituosos, homens de má-fé, ingratos e indiferentes, conluiavam-se contra o ex-doutor de Jerusalém e seus devotados companheiros.<sup>1</sup>

- » Tessalônica (no grego se diz *Thessalonike*, que significa “vitória de Tessália”), foi cidade grega da Macedônia, primeiramente denominada *Terme* ou *Terma* em razão da existência de fonte de águas térmicas. Está situada no golfo *Termaico*, atualmente denominado golfo de *Salonica*. Era domínio romano e servia de capital do segundo distrito, um dos quatros em que a Macedônia foi dividida. Ali existia também uma estação militar de Roma e significativa atividade comercial. Em 42 a.C., Tessalônica foi declarada cidade livre. Paulo fundou uma igreja cristã na cidade e dirigiu duas epístolas aos seus irmãos de fé. No ano 904 d.C., os sarracenos a dominaram e, somente em 1430, o sultão Amurate II a libertou (caracterizando a época do império Bizantino). A Tessalônica ainda existe, continua pertencendo à Grécia, mas o nome atual é *Salonica*, possui uma população de cerca de 100 mil habitantes, constituída de maometanos, cristãos e judeus.<sup>2</sup>



Na Tessalônica, os evangelizadores (Paulo, Lucas, Timóteo e Silas) fazem a pregação do Evangelho, com boa aceitação entre os gentios, contudo os judeus da cidade revelam-se invejosos pela reação dos habitantes aos ensinamentos cristãos, promovendo intrigas junto ao povo e às autoridades, culminando em agressiva perseguição.

Os discípulos sinceros de Jesus prosseguem, então, viagem para Bereia – cidade grega situada a 93 Km a oeste da Tessalônica que, atualmente, tem o nome de *Veria* (ou *Beor*)<sup>3</sup> – onde os judeus revelaram-se gentis e menos intransigentes com a comitiva:

Depois de incontáveis atritos com os judeus, em Tessalônica, o ex-rabino resolveu transferir-se para Bereia. Novos labores, novas dedicações e novos martírios. Os trabalhos missionários, iniciados sempre em paz, continuavam debaixo de lutas extremas.<sup>4</sup>

Paulo decide, em conjunto com os demais membros da comitiva, viajar para Atenas, onde pregou o Evangelho no areópago – local situado em um monte, a oeste da acrópole de Atenas, consagrado a Ares, deus da guerra, onde funcionava o tribunal da suprema corte ateniense, que ali se reunia para julgamento e emissão de sentenças<sup>5</sup>:

Paulo penetrou na cidade possuído de grande emoção. Atenas ainda ostentava numerosas belezas exteriores. Os monumentos de suas tradições veneráveis estavam quase todos de pé; brandas harmonias vibravam no céu muito azul; vales risonhos atapetavam-se de flores e perfumes. A grande alma do Apóstolo extasiou-se na contemplação da Natureza. Recordou os nobres filósofos que haviam respirado aqueles mesmos ares, rememorou os fastos gloriosos do passado ateniense, sentindo-se transportado a maravilhoso santuário. Entretanto, o transeunte das ruas não lhe podia ver a alma, e de Paulo viram apenas o corpo esquelético que as privações tornaram exótico. Muita gente o tomou por mendigo, farrapo humano da grande massa que chegava, em fluxo contínuo, do Oriente desamparado. [...].<sup>6</sup>

## 27.1 EM TESSALÔNICA – DIFICULDADES COM OS JUDEUS (AT 17:1 A 9)<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Após terem atravessado Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga dos judeus. <sup>2</sup>Segundo seu costume, Paulo foi procurá-los. Por três sábados dialogou com eles, partindo das Escrituras. <sup>3</sup>Explicou-lhes e demonstrou-lhes que era preciso que o Cristo sofresse e depois ressurgisse dentre os mortos. “E o Cristo, dizia ele, é este Jesus que eu vos anuncio”. <sup>4</sup>Alguns dentre eles se convenceram e se uniram a Paulo e Silas, assim como grande multidão de adoradores de Deus e gregos, bem como não poucas das mulheres

da sociedade.<sup>5</sup> Mas os judeus, tomados de inveja, reuniram alguns indivíduos perversos dentre os que frequentavam a praça e, provocando aglomerações, tumultuaram a cidade. Foram então à casa de Jasão, à procura dos dois, para fazê-los comparecer perante o povo.<sup>6</sup> Não os tendo encontrado, arrastaram Jasão e alguns irmãos para diante dos politarcas, vociferando: “Estes são os que andaram revolucionando o mundo inteiro. Agora estão também aqui,<sup>7</sup> e Jasão os recebe em sua casa. Ora, todos eles agem contra os decretos de César, afirmando que há um outro rei, Jesus”.<sup>8</sup> Assim agitaram a multidão e os politarcas, que ouviam essas coisas.<sup>9</sup> Estes, contudo, tendo exigido uma fiança por parte de Jasão e dos outros, deixaram-nos em liberdade.

Os evangelizadores chegaram à Tessalônica, atravessando por terra o território da Trácia, uma região independente, organizada em tribos, situada entre a Macedônia e os estados gregos da costa do Bósforo.<sup>8</sup> Prosseguindo nesse percurso, viajaram pela *Via Egnatia* – uma “estrada militar dos romanos que a ligava com a cidade de Roma, vinculando entre si muitas outras cidades ao longo do caminho”.<sup>9</sup> Passaram ao largo, de duas cidades da região (At 17:1): *Anfípolis* – situada em uma curva do rio Strymon, fundada no século V a.C., pelos atenienses, cujo nome atual é *Empoli* ou *Yamboli*;<sup>10</sup> e *Apolônia* – cidade da Macedônia consagrada ao deus Apolo que, naquele passado distante, foi também base militar de César.<sup>11</sup>

Consta em *Atos dos apóstolos* (17:2 a 4) que Paulo pregou por três sábados consecutivos na sinagoga local, esclarecendo a respeito da mensagem do Cristo, dos padecimentos a que Ele foi submetido e da sua ressurreição, após a morte na cruz, despertando interesse por parte de alguns judeus, assim como de grande multidão dos gentios, inclusive de mulheres da sociedade. Entretanto os demais judeus foram tomados de inveja pela repercussão da fala de Paulo e, unindo-se a malfeitores que frequentavam a praça da cidade, criaram tumultos por meio das intrigas e mentiras (v. 5).

[...] A intolerância religiosa a serviço das trevas, que sempre tentou cercear o pensamento humano e apagar as luzes da Espiritualidade Superior, novamente procura anular a obra de Paulo, para isso vale-se de marginais, que sempre há deles em toda parte, os quais desencadearam motins, cujo alvo seria a expulsão deles da cidade. Jason, a exemplo de Lídia, os hospedara em sua casa; e como no momento do ataque a sua casa não os encontraram, ele e alguns companheiros sofrem as consequências.<sup>12</sup>

Os amotinados arrastaram Jasão e alguns irmãos à presença dos politarcas (ou oficiais da cidade) apresentando-lhes a seguinte denúncia: *Estes são os que andaram revolucionando o mundo inteiro. Agora estão também aqui, e Jasão os recebe em sua casa. Ora, todos eles agem contra os decretos*

*de César, afirmando que há um outro rei, Jesus (At 17:6 e 7). Jasão pagou a fiança aos politarcas e todos retornam para casa, em liberdade. A lição que se extrai dos acontecimentos na Tessalônica nos faz refletir a respeito dos males que a inveja e a mentira provocam.*

Paulo mantinha-se forte e superior nas mínimas refregas. Sobrevinham dissabores, angústias na praça pública, acusações injustas, calúnias cruéis; poderosas ameaças caíam às vezes, inesperadamente, sobre o desinteresse divino de suas obras; mas o valoroso discípulo do Senhor prosseguia sempre, sereno e firme através das tormentas, vivendo estritamente do seu trabalho e compelindo os amigos a fazerem o mesmo. Era indispensável que Jesus triunfasse nos corações, esse o seu programa primordial. Desatendia a qualquer capricho, sobrepunha essa realidade a quaisquer conveniências e a missão continuava entre dores e obstáculos formidandos, mas segura e vitoriosa em sua divina finalidade.<sup>13</sup>

Diante dos fatos, os pregadores do Evangelho partem para Bereia. Lucas não fornece maiores detalhes a respeito, mas, possivelmente, Jasão sabia onde eles se encontravam, alerta-os a respeito, recomendando-lhes deixar a cidade:

Depois de incontáveis atritos com os judeus, em Tessalônica, o ex-rabino resolveu transferir-se para Bereia. Novos labores, novas dedicações e novos martírios. Os trabalhos missionários, iniciados sempre em paz, continuavam debaixo de lutas extremas.<sup>13</sup>

## 27.2 NOVAS DIFICULDADES EM BEREIA (AT 17:10 A 15)<sup>14</sup>

<sup>10</sup>Os irmãos logo fizeram Paulo e Silas partirem de noite para Bereia. Eles, tendo ali chegado, dirigiram-se à sinagoga dos judeus. <sup>11</sup>Ora, estes eram mais nobres que os de Tessalônica. Pois acolheram a Palavra com toda a prontidão, perscrutando cada dia as Escrituras para ver se as coisas eram mesmo assim. <sup>12</sup>Por isso, muitos dentre eles abraçaram a fé, também dentre as mulheres gregas de alta posição, e não poucos homens. <sup>13</sup>Quando, porém, os judeus de Tessalônica souberam que também em Bereia tinha sido anunciada por Paulo a palavra de Deus, para lá igualmente se dirigiram, para agitarem e perturbarem a multidão. <sup>14</sup>Então, imediatamente, os irmãos fizeram Paulo partir, em direção do mar. Silas e Timóteo, porém, permaneceram. <sup>15</sup>Os que acompanhavam Paulo conduziram-no até Atenas. E logo voltaram, trazendo ordem a Silas e a Timóteo de irem ter com ele o mais depressa possível.

A pregação do Evangelho na sinagoga de Bereia foi bem recebida, os judeus que ali viviam compararam as informações de Paulo com as Escrituras, percebendo que tudo estava correto (At 17:11). Ocorreram conversões, inclusive de mulheres gregas de elevada posição social

(At 17:12). Entretanto, a paz durou pouco, quando os revoltosos judeus da Tessalônica souberam que Paulo e os demais membros da equipe estavam divulgando o Evangelho em Bereia, viajaram para a cidade e lá também criaram tumultos (At 17:13 a 15), unindo-se aos perturbadores ali também existentes, a ponto de Paulo ser preso e açoitado, segundo informação de Emmanuel. Os demais membros da comissão evangelizadora escaparam e permaneceram na circunvizinhança:

Os judeus rigorosos, de Tessalônica, não faltaram em Bereia. A cidade movimentou-se contra os discípulos do Evangelho, os ânimos exaltaram-se. Lucas, Timóteo e Silas foram obrigados a afastar-se, perambulando pelas aldeias circunvizinhas. Paulo foi preso e açoitado. À custa de grandes sacrifícios dos simpatizantes de Jesus, deram-lhe liberdade, com a condição de retirar-se dentro do menor prazo possível.

O ex-rabino acedeu prontamente. Sabia que atrás de si e através de esforços insanos, sempre ficaria uma igreja doméstica, que se alargaria ao infinito, bafejada pela misericórdia do Mestre, a fim de proclamar a excelência da Boa-Nova. Era noite, quando os irmãos de ideal conseguiram trazê-lo do cárcere para a via pública. O Apóstolo dos Gentios procurou informar-se sobre os companheiros e soube das vicissitudes que os assoberbavam. Lembrou que Silas e Lucas estavam doentes, que Timóteo necessitava encontrar-se com a sua mãe no porto de Corinto. Era melhor proporcionar aos amigos uma trégua no vórtice das atividades renovadoras. Não seria justo requisitar-lhes a cooperação, quando ele próprio experimentava a necessidade de repouso.<sup>15</sup>

Os irmãos de fé de Bereia insistiram na partida de Paulo da cidade, considerando ser ele o foco da perseguição:

[...] Foi aí que Paulo deliberou pôr em prática um velho plano. Visitaria Atenas, satisfazendo um velho ideal. Muitas vezes, impressionado com a cultura helênica recebida em Tarso, alimentara o desejo de conhecer-lhe os monumentos gloriosos, os templos soberbos, o espírito sábio e livre. Quando ainda muito jovem, cogitara dessa visita à cidade magnificente dos velhos deuses, disposto a levar-lhe os tesouros da fé, guardados em Jerusalém: procuraria as assembleias cultas e independentes e falaria de Moisés e da sua Lei. Pensando, agora, na realização de tal projeto, considerava que levaria luzes muito mais ricas ao espírito ateniense: anunciaria à cidade famosa o Evangelho de Jesus. Certo, quando falasse na praça pública, não encontraria os tumultos, tão do gosto israelita. Antegozava o prazer de falar à multidão afeiçoada ao trato das coisas espirituais. Indubitavelmente, os filósofos esperavam notícias do Cristo, com impaciência. Teriam nas suas pregações evangélicas o verdadeiro sentido da vida.

Embalado por essas esperanças, o Apóstolo dos Gentios decidiu a viagem, acompanhado de alguns amigos mais fiéis. Estes, porém, regressaram das portas atenienses, deixando-o completamente só.<sup>15</sup>

## 27.3 PAULO EM ATENAS (AT 17:16 A 22)<sup>16</sup>

<sup>16</sup>Enquanto os esperava em Atenas, seu espírito inflamava-se dentro dele, ao ver cheia de ídolos a cidade. <sup>17</sup>Disputava, por isso, na sinagoga, com os judeus e com os adoradores de Deus; e na *ágora*, a qualquer hora do dia, com os que a frequentavam. <sup>18</sup>Até mesmo alguns filósofos epicureus e estoicos o abordavam. E alguns diziam: “Que quer dizer este palrador?” E outros: “Parece um pregador de divindades estrangeiras”. Isto, porque ele anunciava Jesus e a Ressurreição”. <sup>19</sup>Tomando-o então pela mão, conduziram-no ao Areópago, dizendo: “Poderíamos saber qual é essa nova doutrina apresentada por ti?” <sup>20</sup>Pois são coisas estranhas que nos trazes aos ouvidos. Queremos, pois, saber o que isto quer dizer”. <sup>21</sup>Todos os atenienses, com efeito, e também os estrangeiros aí residentes, não se entretinham noutra coisa senão em dizer, ou ouvir, as últimas novidades. [...]

Atenas era conhecida na Antiguidade como capital da Ática, um dos Estados da Grécia (hoje é a capital do país): “Essa cidade era o centro luminoso da ciência, da literatura e da arte do antigo mundo. Foi edificada e cresceu em torno de um outeiro rochoso, denominado *Acrópole*, que quer dizer o ponto mais elevado da cidade [...]”<sup>17</sup>:

[...] Diz a tradição que Atenas foi fundada por *Cecrops* no ano 1156 a.C., que enviou uma frota de 50 navios para a guerra de Troia. Foi governada por monarcas até o ano 1068 a.C. [...] Fala-se de dois célebres legisladores; um deles *Draco*, 621 a.C., cujo nome se tornou proverbial pela sua severidade; e *Sólon*, 594 a.C., cujas leis foram mais humanas. [...] A glória que os atenienses ganharam nas guerras péricas levou-os a estabelecer um pequeno império, tendo Atenas como sua capital, com uma poderosa frota, em vez de um grande exército, para a sua defesa. *Péricles*, hábil chefe democrata tornou-se grande força política.<sup>18</sup>

A História relata que Atenas foi dominada pelos godos, bizantinos e outros povos dominadores, terminando com o domínio turco. Somente em 1828, restabeleceu-se a independência da Grécia, mantendo-se Atenas como capital não só do país, mas de toda a raça helênica do mundo.<sup>18</sup>

A atmosfera espiritual em Atenas era muito diversa da encontrada nas cidades anteriormente visitadas por Paulo e equipe. Ali, havia liberdade de cultos religiosos, na intimidade da sinagoga ou em templos devocionais dos gentios, assim como a livre pregação na *Ágora*, espécie de fórum, uma praça aberta às diferentes manifestações públicas (At 17:16 e 17). Os filósofos epicuristas e estoicos também faziam pronunciamentos nesse local público e, ao ouvirem o ardor da pregação de Paulo, interessaram-se pela nova doutrina, convidando-o a pregar no Areópago, o Supremo Tribunal de

Atenas, ou nas proximidades deste (At 17:18). Quanto aos filósofos citados, temos a dizer o seguinte:

- » Epicureus/epicuristas: são filósofos que seguem a doutrina ensinada por Epicuro (341–270 a.C.): “esta corrente da filosofia moral desenvolve a afirmativa de que o prazer, principalmente entendido como meio de evitar a dor ao optar pelo prazer intelectual, precisa ser entendido como sendo a base para se ter uma vida ética”.<sup>19</sup>

A filosofia de Epicuro representa uma mistura curiosa de ideias opostas. Ele é, ao mesmo tempo, um hedonista que prega prudência e temperança, um deísta que rejeita a intervenção divina e a sobrevivência da alma, e um atomista que apoia tanto o mecanismo [determinismo] quanto o livre-arbítrio.<sup>20</sup>

- » Estoicos: seguidores da escola Estoica ou do estoicismo, filosofia grega fundada por Zenão de Cítio por volta de 308 a.C.<sup>21</sup>

Os estoicos acreditavam que a felicidade está em aceitar a lei do Universo e aconselhavam ter tranquilidade em face do destino bom ou ruim. Eles sustentavam que os seres humanos seriam totalmente felizes se eles se libertassem da paixão e calmamente aceitassem todas as ocorrências como resultado da vontade divina.<sup>21</sup>

## 27.4 DISCURSO DE PAULO NO AREÓPAGO (AT 17:22 A 34)<sup>22</sup>

<sup>22</sup>De pé, então, no meio do Areópago, Paulo falou: “Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. <sup>23</sup>Pois, percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos. <sup>24</sup>O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas. <sup>25</sup>Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais. <sup>26</sup>De um só ele fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites do seu *habitAt* <sup>27</sup>Tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo se às apalpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. <sup>28</sup>Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: ‘Porque somos também de sua raça’. <sup>29</sup>Ora, se nós somos de raça divina, não podemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, a uma escultura da arte e engenho humanos. <sup>30</sup>Por

isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos e em toda parte se arrependam, <sup>31</sup>porque ele fixou um dia no qual julgará o mundo com justiça por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos”. <sup>32</sup>Ao ouvirem falar da ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar, enquanto outros diziam: “A respeito disto te ouviremos outra vez”. <sup>33</sup>Foi assim que Paulo retirou-se do meio deles. <sup>34</sup>Alguns homens, porém, aderiram a ele e abraçaram a fé. Entre esses achava-se Dionísio, o Areopagita, bem como uma mulher, de nome Damaris, e ainda outros com eles.

A despeito da liberdade de ideias, doutrinas e cultos que circulavam em Atenas, Paulo percebeu, de imediato, uma verdade, antes e após o seu discurso no Areópago: “O intelectualismo e as falas filosóficas, totalmente divorciadas do coração, dominavam o povo grego; e, como o Evangelho se dirige essencialmente ao coração do homem, pouca ou nenhuma repercussão teve entre os ouvintes [...]”.<sup>23</sup> De um lado, os epicuristas estavam mais preocupados em buscar o prazer da vida e, do outro, os estoicos pregavam a necessidade de os homens libertarem-se das paixões, procurando não envolver sentimentos ou emoções ante os desafios existenciais.<sup>23</sup> Assim, a despeito do seu esforço, Paulo não foi bem sucedido em Atenas. Pessoa alguma o perseguiu, açoitou ou o conduziu à prisão, no entanto os presentes se revelaram indiferentes ou zombeteiros quanto ao seu fervor amoroso ao se referir ao Cristo:

É evidente que, diante de tais ouvintes, pouco ou nenhum êxito Paulo podia obter. E ainda hoje, como no tempo de Paulo, o mesmo venenoso intelectualismo e as mesmas falsas filosofias cegam o homem, não o deixando ver o Caminho, a Verdade e a Vida.<sup>23</sup>

A preleção de Paulo, contudo, foi exemplar: “[...] peça oratória de verdadeira inspiração, de uma forma belíssima, de um fundo admirável, que realça a mais pura espiritualidade”.<sup>24</sup> Inicia a sua fala, citando que, ao andar pela cidade, notou um altar erguido ao *Deus desconhecido* (At 17:23) e, a partir desse ponto, fala sobre o Deus Único, Pai e Criador Supremo de todas as coisas e seres vivos (At 17:24 e 25), inclusive da espécie humana, destinada a habitar toda a face da Terra (At 17:26). Explica-lhes o esforço humano em conhecer a Deus (At 17:27), enfatizando, em seguida: *Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: Porque somos também de sua raça* (At 17:28).

Na segunda parte do seu discurso, Paulo critica a idolatria, considerando que, ao sermos criados por Deus, somos raça divina, devemos, em outras palavras, adorar a Deus em espírito e verdade, não por meios de rituais e

monumentos, como consta em *Atos dos apóstolos* (17:29): *Ora, se nós somos de raça divina, não podemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, a uma escultura da arte e engenho humanos.*

Na terceira e última parte da sua preleção, o venerável apóstolo fala sobre Jesus, o Messias de Deus, a quem cabe julgar os homens com justiça, que ressuscitou dos mortos (At 17:31). Aclamando a existência do Deus Vivo e do seu enviado celestial, Jesus, Paulo conclui o seu discurso, que se encontra sintetizado em sua *Epístola aos efésios* (4:5 e 6): *Há [...] um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.*

O desprezo pelos ensinamentos do Evangelho ocorre quando Paulo fala da ressurreição do Cristo. Esclarece Emmanuel a respeito:

Seu esforço, no entanto, foi seguido de penoso insucesso. Inúmeras pessoas aproximaram-se no primeiro momento; mas, quando lhe ouviram as referências a Jesus e à ressurreição, grande parte dos assistentes rompeu em gargalhadas de irritante ironia.

– Será este filósofo um novo deus? – perguntava um transeunte com ar de pilhéria.

– Está muito desajeitado para tanto – respondia o interpelado.

– Onde já se viu um deus assim? – indagava ainda outro. – Vede como lhe tremem as mãos! Parece doente e enfraquecido. A barba é selvagem e está cheio de cicatrizes!...

– É louco – exclamava um ancião com vastas presunções de sabedoria. – Não percamos tempo.

Paulo tudo ouvia, notou a fila dos retirantes, indiferentes e endurecidos, e experimentou muito frio no coração. Atenas estava muito distanciada das suas esperanças. A assembleia popular deu-lhe a impressão de enorme ajuntamento de criaturas envenenadas de falsa cultura. Por mais de uma semana perseverou nas pregações públicas sem resultados apreciáveis. Ninguém se interessou por Jesus e, muito menos, em oferecer-lhe hospedagem por uma simples questão de simpatia. Era a primeira vez, desde que iniciara a tarefa missionária, que se retirava de uma cidade sem fundar uma igreja. [...].<sup>25</sup>

Contudo a preleção de Paulo conseguiu despertar o interesse de algumas pessoas, como consta em *Atos* (17:34): *Alguns homens, porém, aderiram a ele e abraçaram a fé. Entre esses achava-se Dionísio, o Areopagita, bem como uma mulher, de nome Damáris, e ainda outros com eles.* Não constam referências históricas a respeito das pessoas citadas, mas, de qualquer forma, ainda que se revelassem admirados com as palavras de Paulo, não se interessaram pelo Cristianismo nem foi fundado um núcleo cristão em Atenas.



Emmanuel fornece mais detalhes a respeito do período da permanência de Paulo em Atenas, que persistiu em fazer os gregos daquela destacada cidade se interessarem pelo Evangelho:

[...] Em Atenas ninguém apareceu interessado na leitura dos textos evangélicos. Entretanto, foi tanta a insistência de Paulo junto de algumas personagens em evidência, que o levaram ao Areópago, para tomar contato com os homens mais sábios e inteligentes da época.

Os componentes do nobre conclave receberam-lhe a visita com mais curiosidade que interesse.

O Apóstolo ali penetrara por mercê de Dionísio, homem culto e generoso, que lhe atendera às solicitações, a fim de observar até onde ia a sua coragem na apresentação da doutrina desconhecida.

Paulo começou impressionando o auditório aristocrático, referindo-se ao “Deus desconhecido”, homenageado nos altares atenienses. Sua palavra vibrante apresentava cambiantes singulares; as imagens eram muito mais ricas e formosas que as registradas pelo autor dos *Atos*. O próprio Dionísio estava admirado. O Apóstolo revelava-se-lhe muito diferente de quando o vira na praça pública. Falava com alta nobreza, com ênfase; as imagens revestiam-se de extraordinário colorido; mas, quando começou a discorrer sobre a ressurreição, houve forte e prolongado murmúrio. As galerias riam a bandeiras despregadas, choviam remoques acerados. A aristocracia intelectual ateniense não podia ceder nos seus preconceitos científicos.

Os mais irônicos deixavam o recinto com gargalhadas sarcásticas, enquanto os mais comedidos, em consideração a Dionísio, aproximaram-se do Apóstolo com sorrisos intraduzíveis, declarando que o ouviriam de bom grado por outra vez, quando não se desse ao luxo de comentar assuntos de ficção.<sup>25</sup>

Decepcionado, ante a reação dos gregos, considerados cultos e sábios, Paulo se entristece profundamente:

[...] No momento, não podia chegar à conclusão de que a falsa cultura encontrará sempre, na sabedoria verdadeira, uma expressão de coisas imaginárias e sem sentido. [...]

Apenas Dionísio e uma jovem senhora de nome Dâmaris e alguns serviçais do palácio permaneciam a seu lado, extremamente constrangidos, embora propensos à causa.

Não obstante o desapontamento, Paulo de Tarso fez o possível por evitar a nuvem de tristeza que pairava sobre todos, a começar por ele próprio. Ensaiou um sorriso de conformação e tentou algo de bom humor. Dionísio consolidou, ainda mais, sua admiração pelas poderosas qualidades espirituais daquele homem de aparência franzina, tão enérgico e cioso de suas convicções.

Antes de se retirarem, Paulo falou na possibilidade de fundar uma igreja, ainda que fosse num humilde santuário doméstico, onde se estudasse e comentasse o

Evangelho. Mas os presentes não regatearam excusativas e pretextos. Dionísio afirmou que lamentava não lhe ser possível amparar o cometimento, dada a angústia de tempo; Dâmaris alegou os impedimentos domésticos; os servos do Areópago, um por um, manifestaram dificuldades extremas. Um era muito pobre, outro muito incompreendido, e Paulo recebeu todas as recusas mantendo singular expressão fisionômica, como o semeador que se vê rodeado somente de pedras e espinheiros.<sup>25</sup>

Pouco tempo depois, o valoroso apóstolo recupera-se da tristeza que o envolvera, com a chegada de Timóteo a Atenas, vindo de Corinto, “carregado de boas notícias”.<sup>25</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 2 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Tessalônica, p. 1210.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Bereia, p. 175.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Areópago, p. 109.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 17:1-9, p. 1933.
- 8 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Trácia, p. 1351.
- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 17, it. 17.1, p. 423.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Anfípolis, p. 78.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Apolônia, p. 100.

- 12 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 45, p. 302.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 17:10-15, p. 1934.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 17:16-21, p. 1934.
- 17 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Atenas, p. 131.
- 18 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbetes: Atenas, p. 131 e 132.
- 19 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. Glossário – verbete: Epicurismo, p. 300.
- 20 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. Glossário – verbete: Epicuro, p. 98.
- 21 STOKES, Philip. *Filosofia: os grandes pensadores*. Trad. Guilherme Fialho. 2. ed. Belo Horizonte, MG: CEDIC, 2009. Glossário – verbete: Estoicismo, p. 300.
- 22 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 17:22-34, p. 1934 e 1935.
- 23 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 45, p. 303.
- 24 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *Paulo em Atenas – O Discurso no areópago*, p. 149.
- 25 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 6 – *Peregrinações e sacrifícios*.

# FUNDAÇÃO DA IGREJA DE CORINTO. PAULO ENTREGUE À JUSTIÇA PELOS JUDEUS. VOLTA A ANTIOQUIA E PARTIDA PARA A TERCEIRA VIAGEM. APOLO (AT 18:1 A 28)

O capítulo 18 de *Atos dos apóstolos* transmite esclarecimentos sobre três assuntos: o final da segunda viagem missionária de Paulo, a fundação da igreja cristã de Corinto e o início da terceira viagem de evangelização dos gentios – que será estudada até o capítulo 21. O seguinte resumo fornece uma ideia geral desses conteúdos:

## PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

- » Data: 45 a 48/49 d.C.
- » Equipe: Paulo, Barnabé e João Marcos (em Perga ele retorna para Jerusalém).
- » Percurso: Antioquia da Síria–Chipre (onde o procônsul Sergio Paulo é convertido ao Cristianismo), Perga da Panfília (Ásia Menor), Antioquia da Psídia, Icônio, Listra, Derbe. Paulo e Barnabé retornam pelo caminho inverso, passando nas mesmas cidades e chegam em Antioquia da Síria.

Os dois evangelizadores permanecem algum tempo em Antioquia da Síria para, em seguida, viajarem a Jerusalém com a finalidade de participarem do Primeiro Concílio/Assembleia da Igreja Cristã. Nesta Assembleia, coordenada por Simão Pedro e Tiago, filho de Alfeu, foi redigido um documento denominado *Carta Apostolar*, que fornecia instruções sobre dois assuntos provocadores de

contínuas e exaltadas discussões: a) a não obrigatoriedade de a circuncisão ser aplicada aos gentios convertidos ao Cristianismo; b) o abandono das práticas politeístas por parte dos cristãos de origem gentílica. A outra decisão do Concílio de Jerusalém foi de que a Carta Apostolar deveria ser difundida a todas as igrejas cristãs existentes à época, por mensageiros esclarecidos previamente definidos, entre eles, Paulo de Tarso.

#### SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA

- » Data: 49 a 52 d.C.
- » Equipe: inicialmente esteve constituída por Paulo e Silas. Posteriormente, Timóteo, Lucas, Áquila e Priscila (o casal viaja com ele a partir de Corinto), unem-se ao grupo.
- » Percurso: travessia da Ásia Menor por terra (foram inspirados a não evangelizarem na Ásia Menor), Síria, Cilícia, Derbe, Listra (onde Timóteo uniu-se ao grupo), Icônio, Antioquia da Psídia, Frígia, Galácia do Norte, Trôade (onde Paulo tem visão mediúnica de um macedônio que lhe pede auxílio. Lucas integra-se ao grupo nesta cidade), Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas, Corinto, Éfeso, Cesareia da Palestina, Jerusalém, Antioquia da Síria.

#### TERCEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA

- » Data: 53 a 57/58 d.C.
- » Equipe: Lucas, Timóteo, Erasto, Sópatro (de Bereia), Aristarco e Segundo (de Tessalônica), Gaio e Timóteo (de Derbe), Tíquico e Trófimo (da Ásia).
- » Percurso: Antioquia da Síria, Centros romanos da Ásia Menor (Psídia, Galácia e Frígia), Éfeso, Trôade, Macedônia e Acaia (na Europa), Mileto, Patara, Tiro, Ptolemaica, Cesareia da Palestina, Jerusalém. No percurso de retorno, passou pelas cidades da Macedônia (Bereia, Tessalônica e Filipos), seguindo para Trôade, Assos, Mitilene, Mileto, Rodes e Pátara, Tiro, Cesareia e Jerusalém.

Há uma quarta viagem, mas que não chega a ser considerada missionária, propriamente dita, porque Paulo é aprisionado e levado a Roma, onde viria a morrer, posteriormente. Todas as viagens foram marcadas por inumeráveis e indescritíveis sacrifícios, decorrentes das perseguições que Paulo e demais integrantes da equipe missionária foram submetidos em

nome do Cristo, perseguições essas vindas principalmente por parte dos judeus. Contudo o imenso amor devotado à Causa do Evangelho se destaca como inesquecível trabalho evangelizador:

A vida missionária é espinhosa, e aqueles que a exercem precisam precaver-se contra a emboscada dos interesses terrenos que têm prejudicado a muitos.

De fato, o trabalho material não é incompatível com o trabalho espiritual, como julgam os sacerdotes das religiões. Há tempo para tudo, e assim como há tempo para o trabalho espiritual, também o há para o trabalho material. Aquele mantém o espírito, mas este é indispensável para manter o corpo. [...].<sup>1</sup>

## 28.1 FUNDAÇÃO DA IGREJA DE CORINTO (AT 18:1 A 11)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Depois disso, Paulo afastou-se de Atenas e foi para Corinto. <sup>2</sup>Lá encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, recém-chegado da Itália com Priscila, sua mulher, em vista de Cláudio ter decretado que todos os judeus se afastassem de Roma. Foi, pois, ter com eles. <sup>3</sup>Como exercesse a mesma atividade artesanal, ficou ali hospedado e trabalhando: eram, de profissão, fabricantes de tendas. <sup>4</sup>Cada sábado, ele discorria na sinagoga, esforçando-se por persuadir a judeus e a gregos. <sup>5</sup>Quando, porém, Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo começou a dedicar-se inteiramente à Palavra, atestando aos judeus que Jesus é o Cristo. <sup>6</sup>Contudo, diante da oposição e das blasfêmias deles, Paulo sacudiu suas vestes e disse-lhes: “Vosso sangue recaia sobre a vossa cabeça! Quanto a mim, estou puro, e de agora em diante dirijo-me aos gentios”. <sup>7</sup>Então, retirando-se dali, dirigiu-se à casa de um certo Justo, adorador de Deus, cuja casa era contígua à sinagoga. <sup>8</sup>Mas Crispo, o chefe da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa. Também muitos dos coríntios, ouvindo a Paulo, abraçavam a fé e eram batizados. <sup>9</sup>Uma noite, disse o Senhor a Paulo, em visão: “Não temas. Continua a falar e não te cales”. <sup>10</sup>Eu estou contigo, e ninguém porá a mão em ti para fazer-te mal, pois tenho um povo numeroso nesta cidade”. <sup>11</sup>Assim, permaneceu ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.

A decisão de Paulo em viajar para Corinto foi motivada pelas boas notícias que Timóteo lhe transmitiu: a) conseguira instalar adequadamente na cidade a sua avó Loide e a mãe Eunice, ambas viúvas; b) descreveu o progresso do Cristianismo na localidade e relatou o encontro que tivera com o casal Áquila e Priscila/Prisca, amigos queridos ao coração de Paulo, que o amparou quando ele vivia no deserto, nos três primeiros anos de sua conversão ao Cristianismo:

O neto de Loide trazia ao ex-rabino muitas novidades confortadoras. Já havia instalado as duas senhoras na cidade, era portador de alguns recursos e falou-lhe do desenvolvimento da doutrina cristã, na velha capital da Acaia [Corinto].

Uma notícia lhe foi, sobretudo, particularmente grata. É que Timóteo mencionava o encontro de Áquila e Prisca. Aquelas duas criaturas, que se lhe fizeram solidárias nas dificuldades extremas do deserto, trabalhavam agora em Corinto pela glória do Senhor. Alegrou-se íntima, profundamente. Além das muitas razões pessoais que o chamavam a Acaia, isto é – às recordações indeléveis de Jeziel e Abigail, o desejo de abraçar esse casal amigo foi também uma circunstância decisiva da sua partida imediata.<sup>3</sup>

A chegada de Paulo e Timóteo em Corinto coincidiu com o período de expulsão dos judeus de Roma pelo imperador Claudio César Augusto Germânico (10 a.C., Lugduno/Lyon – 54 d.C., Roma), o primeiro imperador nascido fora da Itália. Segundo historiadores da Antiguidade, entre eles o famoso escritor Caio Suetônio Tranquilo (69 d.C.–141 d.C.), o imperador Claudio “[...] expulsou os judeus de Roma devido às perturbações que causavam com suas disputas religiosas; grande número deles desembarcou em Corinto; entre eles estavam Áquila e Priscilla/Prisca, que já eram cristãos e trabalhavam na seara do Senhor”.<sup>4</sup> Áquila, nascido no *Ponto* – faixa costeira ao norte da Ásia Menor, uma região complexa formada pela mistura de repúblicas gregas e propriedades, baronatos e templos iranianos<sup>5</sup> – e sua esposa conheceram Paulo durante o período em que viveu no deserto, estabelecendo sincera amizade entre eles.

O reencontro em Corinto foi marcado por alegrias de ambas as partes. Os três amigos decidiram permanecer juntos, inclusive dividindo o trabalho de fabricação de tendas com Áquila (At 18:1 a 3): “Enlevado pelas recordações cariciosas de Abigail, atravessou o istmo e penetrou na cidade, movimentada e rumorosa. Abraçou Loide e Eunice numa casinha do porto de Cencreia e logo procurou avistar-se com os velhos amigos do oásis de Dan.”<sup>6</sup> – localizado a 50 milhas (ou 1.609344 Km) de Palmira, cidade incrustada no deserto da Síria.

Emmanuel fornece maiores detalhes a respeito desse feliz encontro, atualizando o Apóstolo dos Gentios a respeito do panorama político e religioso dos últimos tempos:

Os três abraçaram-se, tomados de infinito júbilo. Áquila e a companheira falaram longamente dos serviços evangélicos, aos quais haviam sido chamados pela misericórdia de Jesus. De olhos brilhantes, como se houvessem vencido grande batalha, contaram ao Apóstolo haverem realizado o ideal de permanecer em Roma, algum tempo. Como tecelões humildes, habitaram um velho casarão em ruínas, no *Trastevere*, fazendo as primeiras pregações do Evangelho no ambiente mesmo das pompas cesarianas. Os judeus haviam declarado guerra franca aos novos princípios. Desde o primeiro rebate da Boa-Nova,

iniciaram-se grandes tormentas no gueto do bairro pobre e desprotegido. Prisca relatou como um grupo de israelitas apaixonados lhe assaltara o aposento, à noite, com instrumentos de flagelação e castigo. O marido demorava-se na oficina, e assim não pôde ela esquivar-se aos impiedosos açoites. Só muito tarde, fora socorrida por Áquila, que a encontrou banhada em sangue. O Apóstolo tarsense exultava. Contou aos amigos, por sua vez, as dores experimentadas em toda parte, pelo nome de Jesus Cristo. Aqueles martírios em comum eram apresentados como favores de Jesus, como títulos eternos da sua glória. Quem ama inquieta-se por dar alguma coisa, e os que amavam o Mestre sentiam-se extremamente venturosos em sofrerem algo por devotamento ao seu nome.<sup>6</sup>

Cessadas as reminiscências, Paulo declara-lhes a vontade de reintegrar-se às atividades de divulgação do Evangelho, esquecendo a rejeição ocorrida em Atenas contra as ideias cristãs. Entretanto, comunica-lhes que anelava “[...] o projeto da fundação de uma igreja em Corinto, ao que Áquila e sua mulher se prontificaram para todos os serviços. Aceitando-lhes o oferecimento generoso, o ex-rabino passou a residir em sua companhia, ocupando-se diariamente do seu ofício [artesão de tendas]”.<sup>6</sup> Após ouvir os amigos com atenção, o Apóstolo dos Gentios reflete que precisaria, contudo, dar um tempo para que ele e os demais companheiros, ora em viagem pelos arredores, organizassem as atividades com mais serenidade, antes de iniciar as pregações na sinagoga:

Paulo entregou-se, de corpo e alma, ao serviço rude. O labor ativo das mãos proporcionara-lhe brando esquecimento de Atenas. Compreendendo a necessidade de um período de calma, induzira Lucas a descansar em Trôade, já que Timóteo e Silas haviam encontrado trabalho como caravaneiros.

Antes, porém, de retomar as pregações, começaram a chegar a Corinto emissários de Tessalônica, de Bereia e outros pontos da Macedônia, onde fundara suas bem-amadas igrejas. As comunidades tinham assuntos urgentes, que requeriam delicadas intervenções da sua parte. Sentindo-se em dificuldades para tudo atender com a presteza devida, chamou novamente Silas e Timóteo para a cooperação indispensável. Ambos, valendo-se das oportunidades da profissão, poderiam contribuir de maneira eficaz na solução dos problemas imprevistos.<sup>6</sup>

Tempos depois, Paulo inicia as explanações na sinagoga, sempre enfatizando que Jesus era o Cristo aguardado pelos israelitas, cujas palavras são endossadas por Silas e Timóteo que já se encontravam na cidade (At 18:4 e 5), após viagem à Macedônia.

[...] Sua palavra vibrante logrou êxito extraordinário. Judeus e gregos falaram de Jesus com entusiasmo. O tecelão foi convidado a prosseguir nos comentários religiosos, semanalmente [...].<sup>6</sup>



Contudo não tardou surgissem atritos entre judeus ortodoxos que repudiaram a ideia de Jesus ser o Messias de Deus:

[...] Os israelitas não toleravam a superioridade de Jesus sobre Moisés, e, se consideravam o Cristo como profeta da raça, não o suportavam como Salvador. Paulo aceitou os desafios, mas não conseguiu demover corações tão endurecidos; as discussões prolongaram-se por vários sábados, seguidamente, até que, um dia, quando o verbo inflamado e sincero do apóstolo zurzia os erros farisaicos com veemência, um dos chefes principais da sinagoga intima-o com aspereza:

– Cala-te, palrador impudente! A sinagoga tem tolerado teus embustes por verdadeiros prodígios de paciência; mas, em nome da maioria, ordeno que te retires para sempre! Não queremos saber do teu Salvador, exterminado como os cães da cruz!...<sup>6</sup>

Ante à declarada rejeição manifestada na sinagoga por parte de judeus radicais, Paulo toma a seguinte iniciativa (At 18:6): “[...] sacudiu suas vestes e disse-lhes: ‘Vosso sangue recaia sobre a vossa cabeça! Quanto a mim, estou puro, e de agora em diante dirijo-me aos gentios’”.

Com esse pronunciamento, percebe-se que Paulo mudou a estratégia do trabalho de evangelização que vinha realizando, possivelmente em decorrência do histórico de perseguição que ele e os companheiros vinham sofrendo, sistematicamente, sobretudo por parte de judeus, antes mesmo da primeira viagem missionária: ele sai da sinagoga e, de imediato, se dirige a casa de um certo *Justo*, como consta em *Atos* (18:7): *Então, retirando-se dali, dirigiu-se à casa de um certo Justo, adorador de Deus, cuja casa era contígua à sinagoga*. Justo, também conhecido como *Tito Justo* ou *Tício Justo*, esclarece nota da *Bíblia de Jerusalém*<sup>7</sup> era, segundo informação de Norman Russell Champlin, integrante da famosa família *Titti* de Corinto, muito conhecida pelos produtos de cerâmica, comercializados em diferentes regiões.<sup>8</sup>

Algo surpreendente acontece, porém, com a retirada de Paulo da igreja judaica (At 18:8): *Mas Crispo, o chefe da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa. Também muitos dos coríntios, ouvindo a Paulo, abraçavam a fé e eram batizados*. Emmanuel complementa estas informações:

Ouvindo expressões tão desrespeitosas ao Cristo, o apóstolo sentiu os olhos úmidos. Refletiu maduramente na situação e replicou:

– Até agora, em Corinto, procurei dizer a verdade ao povo escolhido por Deus para o sagrado depósito da unidade divina; mas, se não a aceitais desde hoje, procurarei os gentios!... Caíam sobre vós mesmos as injustas maldições lançadas sobre o nome de Jesus Cristo!...

Alguns israelitas mais exaltados quiseram agredi-lo; provocando tumulto. Mas um romano de nome Tito Justo, presente à assembleia, e que, desde a primeira pregação, sentira-se fortemente atraído pela poderosa personalidade do apóstolo, aproximou-se e estendeu-lhe os braços de amigo. Paulo pôde sair incólume do recinto, encaminhando-se para a residência do benfeitor, que pôs à sua disposição todos os elementos imprescindíveis à organização de uma igreja ativa.

O tecelão estava jubiloso. Era a primeira conquista para uma fundação definitiva.<sup>9</sup>

Tais acontecimentos desencadearam a fundação da igreja cristã de Corinto, ideia anelada por Paulo, como esclareceu Emmanuel, anteriormente.<sup>9</sup> Na verdade, foi estratégica a fundação da igreja cristã de Corinto naquele momento, que contou com o apoio direto do chefe da sinagoga (Crispo), de Tito Justo – personalidade importante da sociedade – e, sobretudo de Jesus, como está registrado nesta passagem de *Atos* (18:9 e 10): “Uma noite, disse o Senhor a Paulo, em visão: ‘Não temas. Continua a falar e não te cales. Eu estou contigo, e ninguém porá a mão em ti para fazer-te mal, pois tenho um povo numeroso nesta cidade’”.

- » Corinto: cidade natal de Jeziel/Estêvão e de Abigail, é nome da antiquíssima cidade grega, está situada na região do Peloponeso, sendo fundada cerca de 6000 anos a.C. Devido à sua localização geográfica e o fato de possuir dois portos (um no golfo de Corinto, outro no mar Egeu), havia uma grande movimentação comercial, destacando-se que a cidade era famosa pela produção artística (sobretudo vasos de cerâmica) e cultural. Possuía templos dedicados a Vênus (Afrodite) e a Apolo, cujas atividades valorizavam muito a beleza física, incentivando à liberalidade sexual. Daí ser a cidade também conhecida pela luxúria.<sup>10,11</sup>

A liberdade cultural dos habitantes de Corinto representou ponto positivo para o surgimento da igreja cristã, mas, por outro lado, a devassidão moral, entre outros fatores, imprimiu dificuldades que não foram pequenas:

[...] Com base na correspondência paulina com os crentes coríntios, encontramos preservadas, nas páginas de nosso NT, as discussões acerca de muitos problemas práticos inerentes à vida cristã. Isso nos capacita a perceber que até mesmo as perversões humanas têm dado em resultado algum benefício para as igrejas de Cristo, através de toda esta nossa era ou dispersão da igreja, porquanto o mau exemplo de certos indivíduos e as admoestações que o apóstolo Paulo lhes dirigiu têm servido de alicerce para milhares de sermões e lições, que continuam extremamente valiosos para nós, até os dias presentes.<sup>12</sup>

Emmanuel também destaca a importância da fundação dessa igreja cristã, transmitindo-nos outros esclarecimentos:

Tito Justo, com auxílio de todos os simpatizantes do Evangelho, adquiriu uma casa para início dos serviços religiosos. Áquila e Prisca foram os principais colaboradores, além de Loide e Eunice, para que se executassem os programas traçados por Paulo, de acordo com a querida organização de Antioquia.

A igreja de Corinto começou, então, a produzir os frutos mais ricos de espiritualidade. A cidade era famosa por sua devassidão, mas o apóstolo costumava dizer que dos pântanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos; e como onde há muito pecado há muito remorso e sofrimento, em identidade de circunstâncias, a comunidade cresceu, dia a dia, reunindo os crentes mais diversos, que chegavam ansiosos por abandonar aquela Babilônia incendiada pelos vícios.<sup>13</sup>

Paulo permaneceu na cidade “[...] um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (At 18:11):

Com a presença de Paulo, a igreja de Corinto adquiria singular importância e quase diariamente chegavam emissários das regiões mais afastadas. Eram portadores da Galácia a pedirem providências para as igrejas de Pisídia; companheiros de Icônio, de Listra, de Tessalônica, de Chipre, de Jerusalém. Em torno do apóstolo formou-se um pequeno colégio de seguidores, de companheiros permanentes, que com ele cooperavam nos mínimos trabalhos. Paulo, entretanto, preocupava-se intensamente. Os assuntos eram urgentes quanto variados. Não podia olvidar o trabalho de sua manutenção: assumira compromissos pesados com os irmãos de Corinto; devia estar atento à coleta destinada a Jerusalém; não podia desprezar as comunidades anteriormente fundadas. Aos poucos, compreendeu que não bastava enviar emissários. Os pedidos choviam de todos os sítios por onde perambulava, levando as alvissaras da Boa-Nova. Os irmãos, carinhosos e confiantes, contavam com a sua sinceridade e dedicação, compelindo-o a lutar intensamente.

Sentindo-se incapaz de atender a todas as necessidades ao mesmo tempo, o abnegado discípulo do Evangelho, valendo-se, um dia, do silêncio da noite, quando a igreja se encontrava deserta, rogou a Jesus, com lágrimas nos olhos, não lhe faltasse com os socorros necessários ao cumprimento integral da tarefa.

Terminada a oração, sentiu-se envolvido em branda claridade. Teve a impressão nítida de que recebia a visita do Senhor. Genuflexo, experimentando indizível comoção, ouviu uma advertência serena e carinhosa:

– Não temas – dizia a voz –, prossegue ensinando a verdade e não te cales, porque estou contigo.<sup>13</sup>

Importa destacar que, em razão do desdobramento das atividades em Corinto somadas às contínuas solicitações das igrejas cristãs de outras cidades, Paulo recebeu a inspiração de escrever aos irmãos de fé, orientando-os

a distância por meio de cartas/epístolas que representam verdadeiro tesouro espiritual, além do tempo e do espaço:

Assim começou o movimento dessas cartas imortais, cuja essência espiritual provinha da Esfera do Cristo, através da contribuição amorosa de Estêvão – companheiro abnegado e fiel daquele que se havia arvorado, na mocidade, em primeiro perseguidor do Cristianismo.

Percebendo o elevado espírito de cooperação de todas as obras divinas, Paulo de Tarso nunca procurava escrever só; buscava cercar-se, no momento, dos companheiros mais dignos, socorria-se de suas inspirações, consciente de que o mensageiro de Jesus, quando não encontrasse no seu tono sentimental as possibilidades precisas para transmitir os desejos do Senhor, teria nos amigos instrumentos adequados.

Desde então, as cartas amadas e célebres, tesouro de vibrações de um mundo superior, eram copiadas e sentidas em toda parte. E Paulo continuou a escrever sempre, ignorando, contudo, que aqueles documentos sublimes, escritos muitas vezes em hora de angústias extremas, não se destinavam a uma igreja particular, mas à cristandade universal. [...].<sup>13</sup>

## 28.2 PAULO ENTREGUE À JUSTIÇA PELOS JUDEUS (AT 18:12 A 17)<sup>14</sup>

<sup>12</sup>Sendo Galião procônsul da Acaia, os judeus levantaram-se unanimemente contra Paulo e conduziram-no ao tribunal, <sup>13</sup>dizendo: “Este indivíduo procura persuadir os outros a adorarem a Deus de maneira contrária à Lei”. <sup>14</sup>Paulo ia abrir a boca, quando Galião retrucou aos judeus: “Se se tratasse de um delito ou ato perverso, ó judeus, com razão eu vos atenderia. <sup>15</sup>Mas se são questões de palavras, de nomes, e da vossa própria Lei, tratai vós mesmos disso! Juiz dessas coisas eu não quero ser”. <sup>16</sup>E despediu-os do tribunal. <sup>17</sup>Todos então se apoderaram de Sóstenes, o chefe da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal, sem que Galião absolutamente intervisse.

As perseguições dos judeus prosseguiram sem tréguas, possivelmente porque a igreja cristã de Corinto era muito procurada. Sendo assim, Paulo foi denunciado sob a alegação de que estaria induzindo os indivíduos adorarem a Deus de forma contrária à lei judaica (At 18:13):

Irritados com o êxito inexcedível do empreendimento de Paulo de Tarso, que se demorava na cidade já por um ano e seis meses, tendo fundado um verdadeiro e perfeito abrigo para os “filhos do Calvário”, os judeus de Corinto tramaram um movimento terrível de perseguição ao apóstolo. A sinagoga esvaziava-se. Era necessário extinguir a causa do seu desprestígio social. O ex-rabino de Jerusalém pagaria muito caro a audácia da propaganda do Messias Nazareno em detrimento de Moisés.<sup>15</sup>

Conduzido ao tribunal e à presença do procônsul de Acaia (região do Peloponeso, dominada pelos romanos, onde Corinto estava situada), de nome Galião (ou Junius Gallio em latim), este liberou Paulo, após ouvir as acusações dos judeus, repudiando-as incisivamente, por não considerar as atividades do acusado de delitos ou atos perversos (At 14 a 16):

Era procônsul da Acaia, com residência em Corinto, um romano generoso e ilustre, que costumava agir sempre de acordo com a justiça, em sua vida pública. Irmão de Sêneca, Júnio Gálio era homem de grande bondade e fina educação. O processo iniciado contra o ex-rabino foi às suas mãos, sem que Paulo tivesse a mínima notícia e era tão grande a bagagem de acusações levantadas pelos israelitas, que o administrador foi compelido a determinar a prisão do apóstolo para o inquérito inicial. A sinagoga pediu, com particular empenho, que lhe fosse delegada a tarefa de conduzir o acusado ao tribunal. Longe de conhecer o móvel do pedido, o procônsul concedeu a permissão necessária, determinando o comparecimento dos interessados à audiência pública do dia seguinte.<sup>15</sup>

Era costume que o presidente do tribunal ouvisse, primeiro, as acusações e, depois, o acusado, antes da emissão da sentença:

Pelos judeusalaria um dos maiores da sinagoga, de nome Sóstenes; mas, como não aparecesse o representante da igreja de Corinto para a defesa do apóstolo, a autoridade reclamou o cumprimento da medida sem perda de tempo. Paulo de Tarso, muito surpreendido, rogava intimamente a Jesus fosse o patrono de sua causa, quando se destacou um homem que se prontificava a depor em nome da igreja. Era Tito Justo, o romano generoso, que não desprezava o ensejo do testemunho. Verificou-se, então, um fato inesperado. Os gregos da assembleia prorromperam em frenéticos aplausos.<sup>15</sup>

Sóstenes, autoridade da sinagoga, acusou “[...] Paulo de blasfemo, desertor da Lei, feiticeiro. Referiu ao seu passado acrimoniosamente. Contou que os próprios parentes o haviam abandonado. O procônsul ouvia atento, mas não deixou de manter uma atitude curiosa. [...]”.<sup>15</sup> Em defesa de Paulo falou Tito Justo que doara um imóvel ao Apóstolo Paulo para o funcionamento da igreja cristã de Corinto:

[...] Tito Justo aproximou-se e falou sucintamente da missão do apóstolo. Suas palavras obedeciam a largo sopro de inspiração e beleza espiritual. Junius Gallio ouvindo a história do convertido de Damasco, dos lábios de um compatriótico, mostrou-se muito impressionado e comovido. [...].

Ao fim dos trabalhos, o chefe político da Acaia tomou a palavra para concluir que não via crime algum no discípulo do Evangelho; que os judeus deviam, antes de qualquer acusação injusta, examinar a obra generosa da igreja de Corinto, porquanto, na sua opinião, não havia agravo dos princípios israelitas;

que a só controvérsia de palavras não justificava violências, concluindo pela frivolidade das acusações e declarando não desejar a função de juiz em assunto daquela natureza.

Cada conclusão formulada era ruidosamente aplaudida pelos coríntios.<sup>15</sup>

Enraivecidos, os judeus “[...] se apoderaram de Sóstenes, o chefe da sinagoga, e o espancaram diante do tribunal, sem que Galião absolutamente intervisse” (At 18:17).

### 28.3 VOLTA A ANTIOQUIA E PARTIDA PARA A TERCEIRA VIAGEM. APOLO (AT 18:18 A 28)<sup>16</sup>

<sup>18</sup>Paulo, porém, permaneceu ali ainda muitos dias. Depois, despediu-se dos irmãos e embarcou para a Síria. Priscila e Áquila o acompanhavam. Ele havia raspado a cabeça em Cencreia, por causa de uma promessa. <sup>19</sup>Chegados a Éfeso, deixou os companheiros ali. Ele próprio dirigiu-se à sinagoga, onde se entreteve com os judeus. <sup>20</sup>Estes lhe pediram que prolongasse a sua estada, mas Paulo não concordou. <sup>21</sup>Despedindo-se deles, porém, disse: “Virei ter convosco novamente, se Deus quiser!” E de Éfeso ganhou o alto-mar. <sup>22</sup>Tendo desembarcado em Cesareia, subiu para saudar a Igreja descendo depois para Antioquia. <sup>23</sup>Passado algum tempo, partiu de novo e percorreu sucessivamente o território da Galácia e da Frígia, confirmando todos os discípulos.

<sup>24</sup>Um judeu, chamado Apolo, natural de Alexandria, havia chegado a Éfeso. Era um homem eloquente e versado nas Escrituras. <sup>25</sup>Tinha sido instruído no caminho do Senhor e, no fervor do espírito, falava e ensinava com exatidão o que se refere a Jesus, embora só conhecesse o batismo de João. <sup>26</sup>Começou, pois, a falar com intrepidez na sinagoga. Tendo-o ouvido, Priscila e Áquila tomaram-no consigo e, com mais exatidão, expuseram-lhe o Caminho. <sup>27</sup>Como ele quisesse partir para a Acaia, animaram-no os irmãos e escreveram aos discípulos para que o acolhessem. Tendo lá chegado, muito ajudou, por efeito da graça, aos que tinham abraçado a fé. <sup>28</sup>Pois refutava vigorosamente os judeus em público, demonstrando pelas Escrituras que Jesus é o Cristo.

Nessa passagem de *Atos dos apóstolos* (18:1 e 2), consta o retorno de Paulo à Antioquia da Síria, em companhia do casal amigo, Áquila e Priscila, mais este acréscimo: *Ele havia raspado a cabeça em Cencreia, por causa de uma promessa* (At 18:2). Cencreia era um porto oriental de Corinto, distante 14 Km da cidade. Ali havia uma igreja, que Paulo visitou, e conheceu *Febe*, que ali atuava como diaconisa (At 18:18; Rm16:1).<sup>17</sup>

Prosseguindo viagem, viajam para Éfeso, onde Priscila e Áquila permanecem (At 18:19). Paulo visita a sinagoga local, faz algumas preleções

(At 18:20 e 21), mas, logo em seguida, prossegue viagem por mar, alcançando Cesareia, onde faz breve parada, sobe até Jerusalém para visitar os irmãos de fé na Casa do Caminho, e, finalmente, retorna a Antioquia da Síria (At 18:22).

Em Éfeso, Áquila e Priscila passam a frequentar a igreja local e conhecem o judeu Apolo, natural de Alexandria, convertido ao Cristianismo, uma pessoa muito eloquente e versado nas Escrituras, que pregava com fervor e correção a respeito de Jesus, assim como sobre o batismo realizado por João Batista (At 18:24 e 25). Os dois devotados cristãos, transmitem a Apolo maiores esclarecimentos sobre Jesus, seus ensinamentos e obra (At 18:26). Apolo manifestou o desejo de ir para Acaia; então o devotado casal o encaminhou à igreja cristã de Corinto (At 18:27), onde se tornou dedicado colaborador (At 18:28).

A segunda viagem missionária de Paulo se encerra com o seu retorno a Antioquia da Síria (At 18:22), cidade considerada ponto de referência para o início e o final das suas viagens evangelizadoras. Tempos depois, o dedicado missionário viaja para a Galácia e Frígia, chegando a Éfeso, onde inicia, propriamente dita, a sua terceira viagem missionária (At 18:23).

O seguinte mapa, acompanhado de breve resumo, ilustra a segunda viagem missionária de Paulo:



Disponível em: [https://blog.cancaonova.com/hpv/files/2012/05/segunda\\_viagem.jpg](https://blog.cancaonova.com/hpv/files/2012/05/segunda_viagem.jpg)

A segunda viagem missionária de Paulo, tendo ele cerca de 50 anos, inicia-se junto com Silas. Atravessam a Síria, depois a Cilícia e chegam em Listra, onde Timóteo incorpora-se à dupla; e, por todas as igrejas cristãs que passam, entregam e explicam aos cristãos o documento *Carta Apostolar*, produzida no Primeiro Concílio ou Assembleia de Jerusalém. Em Trôade encontram Lucas que passa a integrar a equipe. Os quatro nem sempre viajam juntos, a partir de Filipos, dividindo a tarefa de evangelização nas localidades próximas. Viajam para a Tessalônica – Bereia – Atenas – Corinto – Éfeso – Cesareia da Palestina – Jerusalém – Antioquia da Síria. Por volta de 50 a 52, Paulo passou dezoito meses em Corinto, onde reencontrou Timóteo e Silas. Lá ele trabalhou com Silas e Timóteo, Priscila e Áquila. Finalmente, Paulo alcança Éfeso, onde o casal Áquila e Priscila, permanecem. A cidade se transformaria em um dos mais importantes centros da cristandade a partir do ano 50. Em 52, os missionários viajaram para Cesareia para cumprimentar a igreja que ali se formara, viajando em seguida para o sul até Antioquia da Síria. Permaneceram ali por um ano, antes de iniciarem uma terceira viagem missionária.

## REFERÊNCIAS

- 1 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *Paulo em Corinto*, p. 153 e 154.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 18:1-11, p. 1935 e 1936.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 46, p. 306.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Ponto, p. 1080.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 18:7. Nota de rodapé “f”, p. 1936.



- 8 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 18, it. 18.7, p. 470.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Corinto, p. 272 e 273.
- 11 CORINTO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Corinto> Acesso em: 18 jun. 2023.
- 12 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 18, it. Introdução, p. 462.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 14 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 18:12-17, p. 1936.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 18:18-28, p. 1936 e 1937.
- 17 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cencreia, p. 246.

## DISCÍPULOS DE JESUS EM ÉFESO. FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ÉFESO. OS EXORCISTAS JUDEUS (AT 19:1 A 20)

Vimos no estudo anterior que, no final da segunda viagem missionária, Paulo passa por Éfeso, vindo de Corinto, acompanhado do casal amigo, Átila e Priscila, que permanece na cidade, auxiliando na igreja cristã que fora fundada pelo Apóstolo João, que ali vivia em companhia de Maria, mãe de Jesus. Paulo fez algumas preleções, observando, contudo, que

A igreja de Éfeso enfrentava problemas torturantes. João lutava seriamente para que o esforço evangélico não degenerasse em polêmicas estereis. No entanto, os tecelões chegados de Corinto [Paulo e Átila] deram-lhe mão forte na cooperação imprescindível.<sup>1</sup>

Emmanuel esclarece que, nesta sua primeira passagem por Éfeso, Paulo visita Maria de Nazaré:

[...] Com delicadeza extrema, visitou a mãe de Jesus na sua casinha singela, que dava para o mar. Impressionou-se fortemente com a humildade daquela criatura simples e amorosa, que mais se assemelhava a um anjo vestido de mulher. Paulo de Tarso interessou-se pelas suas narrativas cariciosas, a respeito da noite do nascimento do Mestre, gravou no íntimo suas divinas impressões e prometeu voltar na primeira oportunidade, a fim de recolher os dados indispensáveis ao Evangelho que pretendia escrever para os cristãos do futuro. Maria colocou-se à sua disposição, com grande alegria.<sup>1</sup>

Passado algum tempo, viaja por mar para Cesareia. Daí, vai a Jerusalém em breve visita à Casa do Caminho, para

[...] levar a Simão Pedro o fruto da coleta de anos consecutivos nos lugares que percorrera. [...].

Como já se encontrassem novamente a seu lado, Silas e Timóteo fizeram-lhe companhia nessa nova excursão.

[...] Chegados à capital do Judaísmo, o ex-pescador de Cafarnaum recebeu-os com júbilos inextinguíveis. Simão Pedro apresentava grande abatimento físico, em virtude das lutas terríveis e incessantes para que a igreja suportasse, sem maiores abalos, as tempestades primitivas; seus olhos, porém, guardavam a mesma serenidade característica dos discípulos fiéis.

Paulo entregou-lhe, alegremente, a pequena fortuna, cuja aplicação iria assegurar maior independência à instituição de Jerusalém, para o desenvolvimento justo da obra do Cristo. Pedro agradeceu comovido e abraçou-o com lágrimas. Os pobres, os órfãos, os velhos desamparados e os convalescentes teriam doravante uma escola abençoada de trabalho santificante.

Pedro notou que o ex-rabino também estava alquebrado de corpo. Muito magro, muito pálido, cabelos já grisalhos, tudo nele denunciava a intensidade das lutas empenhadas. As mãos e o rosto estavam cheios de cicatrizes.<sup>1</sup>

### Paulo retorna, finalmente, à Antioquia da Síria com os dois discípulos

[...] Descansou algum tempo junto dos companheiros bem-amados, mas sua poderosa capacidade de trabalho não permitia maiores intermitências de repouso.

Nessa época, não passava semana que não recebesse representações de diversas igrejas, dos pontos mais distantes. Antioquia de Pisídia sumariava dificuldades; Icônio reclamava novas visitas; Bereia rogava providências. Corinto carecia esclarecimentos. Colossos insistia por sua presença breve. Paulo de Tarso, valendo-se dos companheiros da ocasião, enviava-lhes letras novas, a todos atendendo com o maior carinho. Em tais circunstâncias, nunca mais o Apóstolo dos Gentios esteve só na tarefa evangelizadora. Sempre assistido por discípulos numerosos, suas epístolas, que ficariam para os cristãos do futuro, estão, em sua maioria, repletas de referências pessoais, suaves e doces.<sup>1</sup>

Em 53 d.C., Paulo parte de Antioquia da Síria, iniciando a sua terceira viagem missionária que seria concluída no ano 57 (talvez 58). Dirige-se a Éfeso, onde coopera no fortalecimento da igreja cristã, ali permanecendo cerca de dois anos: “[...] Vencidas as lutas indefessas, deliberou regressar a Éfeso interessado na feitura do Evangelho decalcado nas recordações de Maria”.<sup>1</sup>

## 29.1 DISCÍPULOS DE JESUS EM ÉFESO (AT 19:1 A 7)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, depois de ter atravessado o planalto, chegou a Éfeso. Ali encontrou alguns discípulos <sup>2</sup>e perguntou-lhes “Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé?” Eles responderam: “Mas nem ouvimos dizer que haja um Espírito Santo”. <sup>3</sup>E ele: “Em que batismo fostes então batizados?” E responderam: “No batismo de João”. <sup>4</sup>Paulo então explicou: “João batizou com um batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que viria após ele, a saber, em Jesus”. <sup>5</sup>Tendo ouvido isto,

receberam o batismo em nome do Senhor Jesus. <sup>6</sup>E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles: puseram-se então a falar em línguas e a profetizar. <sup>7</sup>Eram, ao todo, cerca de doze homens.

As principais fontes neotestamentárias que trazem informações das atividades de Paulo em Éfeso são: *Atos dos apóstolos*, objeto deste e dos próximos estudos; *Epístola aos romanos*, capítulo 16; *Epístola aos efésios* e as duas *Epístolas aos coríntios*:<sup>3</sup>

[...] As epístolas de Paulo aos Coríntios adicionam boa dose de informações concernentes às atividades desse apóstolo em Éfeso.

Durante a permanência de Paulo em Éfeso, ele descreve ter feito uma ou mais viagens a Corinto [2 Co, 2:1; 2:4; 2:7 e 8; 7:5 a 7; 12:13 e 14]. [...] Muitos acontecimentos em Corinto, enquanto Paulo estava em Éfeso, foram-lhe extremamente desagradáveis; e as próprias epístolas aos Coríntios nos dão uma ideia geral sobre essas dificuldades. [...] Lucas, entretanto, não deixa transparecer coisa alguma acerca desse drama em Corinto, desenrolado enquanto Paulo permanecia em Éfeso. Foi somente quando Paulo deixou Éfeso, três anos mais tarde, que ele finalmente recebeu algumas notícias animadoras provenientes de Corinto (ver 2 *Coríntios*, 2:12-13 e 7:5-7). [...].<sup>4</sup>

Éfeso foi uma famosa cidade do passado, a “mais importante da província romana da Ásia, na costa ocidental do território que atualmente é a Turquia asiática. [...] A cidade, atualmente desabitada, continua sendo escavada e é provavelmente a maior e mais impressionante ruína da Ásia Menor [...]”<sup>5</sup>

A importância tanto religiosa como comercial da cidade, aumentou sob o domínio romano. O culto ao imperador, encorajado pelos Júlios-Claudios, não era negligenciado em Éfeso, e templos foram erguidos em honra a Claudio, Adriano e Severo. Moedas e inscrições demonstram que a cidade se orgulhava em ser uma *nerokaros* ou santuário, tanto de Artemisa (At 19:35) como dos imperadores [...].

[...] Havia uma numerosa colônia judaica em Éfeso e os judeus desfrutavam ali privilegiada posição durante o início do império. [...].<sup>6</sup>

A terceira viagem missionária de Paulo tem Éfeso como alvo, percebe-se claramente. Ele ali estivera anteriormente (final da segunda viagem missionária), em breve visita, deixando os amigos Áquila e Priscila para auxiliar o Apóstolo João na igreja cristã. Ali havia, igualmente, um judeu convertido ao Cristianismo, de nome Apolo. Era pessoa conhecedora profunda das Escrituras, que pregava com eloquência e fervor em relação a Jesus, informando ser Ele o Messias aguardado pelo povo judeu, contudo Apolo pregava a conversão por meio do batismo ensinado por João Batista

(At 18:24 e 25). O casal Áquila e Priscila afeiçãoou-se ao pregador, ensinou-lhe a respeito do batismo pelo Espírito Santo (como Jesus passou a ser denominado) e forneceu-lhe outros ensinamentos a respeito de Jesus, aprendidos com Paulo. Apolo viaja para Corinto (At 18:27; 19:1), tornando-se um dos dedicados discípulos da igreja cristã da cidade (At 18:28). Posteriormente, o casal retorna também a Corinto:

Em Éfeso, Paulo encontra um círculo cristão já formado. A cidade tinha sido trabalhada por Áquila, Priscila e Apolo. Faltava-lhe apenas o batismo do Espírito Santo, pois só conheciam o de João [Batista] e Paulo batizava-os no Espírito Santo, impondo-lhes as mãos (At 19:2 a 5). A imposição de mãos lhes conferia o dom da mediunidade. Esse dom que em nossos dias se tornou comum é desenvolvido nos Centros Espíritas, onde o futuro médium se batiza no Espírito Santo, ou seja, aprende a usar a sua mediunidade. Hoje, como no tempo de Paulo, nem todos desenvolvem sua mediunidade; entretanto, para o aprendiz sincero, sempre há serviço na seara de Jesus.<sup>7</sup>

Recordemos que o batismo realizado por João Batista, então denominado *batismo do arrependimento*, como bem recorda Paulo (At 19:4), era bem diferente do simbolismo utilizado, àquela época, na conversão do Cristianismo:

João Batista foi precursor de Jesus Cristo, sua tarefa consistia em preparar o caminho do Senhor que estava por vir (Mt 3:1-11) [...].

Sua pregação era uma chamada ao arrependimento, uma exortação para que os homens abandonassem seus pecados para esperar a manifestação do Reino de Deus [...]. [João] seu ministério no deserto, onde multidões iam ouvi-lo e muitos se arrependiam dos pecados eram batizados no rio Jordão (Mt 3:1-6). A prática do batismo por imersão já era usada pelos judeus quando um gentio convertia-se ao Judaísmo. [...].<sup>8</sup>

Quanto ao *batismo do Espírito Santo*, citado em Atos (19:2 a 6), foi prática iniciada após a Ascensão de Jesus (At 1:1 a 11). Consistia na descida de Jesus (então denominado Espírito Santo) sobre o indivíduo que assumia o compromisso de ser cristão e seguir os ensinamentos do Evangelho (At 19:4). A descida do Espírito Santo, manifestada pela primeira vez na reunião de *Pentecostes* (At 2), traz o simbolismo do surgimento de um novo tempo, em que Jesus Cristo estaria presente na vida dos cristãos. O batismo cristão, empregado pelos apóstolos, por Paulo e demais discípulos consistia na simples imposição das mãos, ocasião em que o Espírito Santo se manifestava, fazendo com que os batizados falassem em diferentes línguas e profetizassem (At 19:6). Conclui-se, pois: “[...] O resultado do batismo na vida do crente é torná-lo mais capacitado para desempenhar e viver o Evangelho [...]”<sup>9</sup>

João Batista pregava *arrependimento* e, também, o *batismo do fogo*, assim registrado por *Mateus* (3:11): “E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alpacas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo”. Em outras palavras, significa dizer que é importante nos libertarmos das paixões inferiores, levando uma vida que prioriza a prática do bem. Os atentados contra a Lei de Deus resultam em provações, algumas das quais dolorosas, que produzem muito sofrimento. O poder educativo de tais provações equivale ao batismo pelo fogo.

O batismo é ainda praticado em diferentes igrejas cristãs. É perfeitamente compreensível o uso do batismo no Cristianismo primitivo e nas religiões que priorizam rituais, cultos externos e interpretações dogmáticas que pouco ou nenhum sentido faz aos adeptos mais esclarecidos a respeito dos ensinamentos espirituais do Evangelho. O Espiritismo não adota nem indica o batismo, ou quaisquer outras manifestações de culto externo, consideradas simples formalidades destituídas de esclarecimentos espirituais ou de significado moral. Respeita, porém, os que pensam de forma diferente e as utilizam nas igrejas cristãs. O espírita, na verdade, deve se esforçar para desenvolver a fé raciocinada, como muito oportunamente esclarece Allan Kardec:

[...] A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, compreender. [...] Ora, é justamente o dogma da fé cega que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode dizer, com verdade, que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá origem à dúvida. A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade; a criatura acredita porque tem certeza, e tem certeza porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.*<sup>10</sup>

## 29.2 FUNDAÇÃO DA IGREJA DE ÉFESO (AT 19:8 A 10)<sup>11</sup>

<sup>8</sup>Paulo foi à sinagoga onde, durante três meses, falou com intrepidez, discutindo e tentando persuadir sobre o Reino de Deus. <sup>9</sup>Alguns, porém, empedernidos e incrédulos, falavam mal do Caminho diante da assembleia. Afastou-se, então, deles e tomou à parte os discípulos, com os quais entretinha-se diariamente na escola de Tiranos. <sup>10</sup>Isto prolongou-se pelo espaço de

dois anos, de sorte que todos os habitantes da Ásia, judeus e gregos, puderam ouvir a palavra do Senhor.

Por essa passagem, acredita-se que não havia uma igreja cristã propriamente em Éfeso, quando se considera a parte formal. Havia cristãos, sim, que circulavam em torno do Apóstolo João, pois este residia na cidade com Maria de Nazaré, sua mãe adotiva. Dessa forma, as pregações a respeito de Jesus e da sua mensagem ocorriam usualmente na sinagoga local, onde Paulo pregou durante três meses, tentando persuadir os frequentadores sobre o Reino de Deus, anunciado por Jesus (At 19:8). E, como seria de esperar, surgiram os opositores, os quais se posicionaram contra Paulo (At 19:9). Tal como aconteceu em Corinto, Paulo não perdeu tempo com os intrigantes, retirou-se da sinagoga e foi pregar em outro local, na *escola de tiranos*, permitindo que judeus e gregos pudessem se beneficiar com os ensinamentos (At 19:9 e 10):

Tirano (no grego é *Turannos*, “tirano”) – nome de um homem de Éfeso, mestre de filosofia ou de retórica, que dava instruções sobre a lei. Na sua escola, Paulo discursava com o fim de tornar conhecido o Cristianismo ali, depois do mau êxito que teve na sinagoga dos judeus.<sup>12</sup>

No texto de *Atos dos apóstolos* (19:10), ora sob estudo, consta que Paulo teria permanecido em Éfeso por dois anos. Há, porém, uma contradição com a citação de *Atos* (20:31) que “diz três anos. Durante esta permanência, Paulo escreveu a primeira carta aos Coríntios, a carta aos Gálatas e, com certa probabilidade, a carta aos Filipenses”.<sup>13</sup>

A eloquência natural das pregações de Paulo, somada ao seu devotamento a Jesus e ao notável conhecimento das Escrituras provocavam as mais sinceras admirações por parte de judeus e gregos que se convertiam ao Cristianismo:

Em Éfeso não se falava de outra coisa. O ex-rabino fora elevado ao apogeu da consideração, de um dia para outro. Os israelitas perdiam terreno em toda a linha. O tecelão valeu-se do ensejo para lançar raízes evangélicas mais fundas nos corações. Secundando o esforço de João, procurou instalar na igreja os serviços de assistência aos mais desfavorecidos da fortuna. A instituição enriquecia-se de valores espirituais. Compreendendo a importância da organização de Éfeso para toda a Ásia, Paulo de Tarso deliberou prolongar, ali, a sua permanência. Vieram discípulos de Macedônia. Áquila e a esposa tinham regressado de Corinto; Timóteo, Silas e Tito cooperavam ativamente visitando as fundações cristãs já estabelecidas. Assim vigorosamente auxiliado, o generoso apóstolo multiplicava as curas e os benefícios em nome do Senhor. Trabalhando pela vitória dos princípios do Mestre, fez que muitos abandonassem credices e superstições perigosas, para se entregarem aos braços amorosos do Cristo.<sup>14</sup>

## 29.3 OS EXORCISTAS JUDEUS (AT 19:11 A 20)<sup>15</sup>

<sup>11</sup>Entretanto, pelas mãos de Paulo, Deus operava milagres não comuns.

<sup>12</sup>Bastava, por exemplo, que sobre os enfermos se aplicassem lenços e aventais que houvessem tocado seu corpo: afastavam-se deles as doenças, e os espíritos maus saíam. <sup>13</sup>Então, alguns dos exorcistas judeus ambulantes começaram a pronunciar, eles também, o nome do Senhor Jesus, sobre os que tinham espíritos maus. E diziam: “Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo proclama!” <sup>14</sup>Quem fazia isto eram os sete filhos de certo Ceva, um sumo sacerdote judeu. <sup>15</sup>Mas o espírito mau replicou-lhes: “A Jesus eu conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?” <sup>16</sup>E, investindo contra eles, o homem, no qual estava o espírito mau, dominou a uns e outros, e de tal modo os maltratou que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa. <sup>17</sup>O fato chegou ao conhecimento de todos os judeus e gregos que moram em Éfeso. A todos sobreveio o temor, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. <sup>18</sup>Muitos dos que haviam abraçado a fé começaram a confessar e a declarar suas práticas. <sup>19</sup>E grande número dos que haviam exercido a magia traziam seus livros e os queimavam à vista de todos. Calculando-se o seu preço, acharam que seu valor chegava a cinquenta mil peças de prata. <sup>20</sup>Assim, a palavra do Senhor crescia e se firmava poderosamente.

O trabalho no bem, incansavelmente desenvolvido por Paulo e demais dedicados discípulos do Cristo, espalhava as inumeráveis bênçãos dos Espíritos benfeitores que, do Plano Espiritual, envolviam os encarnados, operando prodígios de curas e de desobsessão (At 19:11 e 12). No entanto, nem todos os indivíduos da cidade mantinham sintonia com essas vibrações superiores, interessados mais no recebimento de benefícios passageiros. Assim, tentam imitar Paulo, impõem as mãos sobre os obsidiados, dizendo: “[...] ‘Eu vos conjuro por Jesus, a quem Paulo proclama!’” (At 19:13). Tais indivíduos são descritos no texto como sete exorcistas judeus ambulantes, filhos de um certo Ceva, sumo sacerdote do Judaísmo (At 19:14): “Exorcistas (em grego, ‘o que administra um juramento’; ‘expelir por desconjuro’) – nome que se dá aos que pretendem expelir as influências malignas, por meio de palavras e cerimônias. [...]”.<sup>16</sup>

É evidente que os exorcistas aqui citados eram médiuns mercenários. Espíritos malignos são os obsessores que perseguem os encarnados, quer por vingança, quer para explorar-lhes as fraquezas e os vícios. Hoje, mais do que nunca, são muito comuns. E nos Centros Espíritas se curam os obsidiados, ensinando-lhes a seguir uma vida moralizada, o que afasta os obsessores, os quais, ao abandonar suas vítimas se convertem à luz do Evangelho. Ora, quem mercadeja com a mediunidade não tem força moral para se fazer ouvir pelos Espíritos ignorantes e não é obedecido por eles [...].<sup>17</sup>



Em consequência, o obsessor não atendeu a ação dos exorcistas e os atacou, como registra este texto de *Atos dos apóstolos* (19:15 e 16):

Mas o espírito mau replicou-lhes: “A Jesus eu conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?” E, investindo contra eles, o homem, no qual estava o espírito mau, dominou a uns e outros, e de tal modo os maltratou que, desnudos e feridos, tiveram de fugir daquela casa.

A despeito da reação negativa provocada pelo Espírito obsessor contra os exorcistas – condição que revela a sua declarada inferioridade moral –, “[...] é como se ele dissesse: Jesus e Paulo têm autoridade sobre mim pela alta moralidade que possuem; a eles eu obedeceria; mas não a vocês que valem tanto quanto eu [...]”.<sup>17</sup> Os Espíritos obsessores são perseguidores que agem, por vezes, de forma implacável, movidos pelo desejo de vingança em reação ao mal que os obsidiados lhes provocaram, geralmente em reencarnações anteriores:

Dentre todas as manifestações espirituais, os casos de obsessão são os que mais chamam a atenção dos homens, dado a espetaculosidade de que se revestem. Esses casos geralmente têm duplo objetivo: podem ser uma expiação para o obsidiado, o qual defronta com o inimigo de outras eras e que agora se aproveita de sua condição de desencarnado para vingar-se; cumpre então ao encarnado reajustar-se com ele, por meio do esclarecimento e do perdão recíprocos [...].<sup>18</sup>

A situação toda provocou temor generalizado; as pessoas louvavam o nome de Jesus, e, entre os que utilizavam práticas mágicas, muitos queimaram os livros que continham as fórmulas e sentenças, utilizadas em situações semelhantes, informa *Atos* (19:18 e 19). Tais livros, então conhecidos “[...] como *Ēphesia Grammata*, ou seja, tratados de magia, cuja prática se serviam indivíduos sem escrúpulos para embair criaturas ignorantes que, na ânsia de realizar desejos, nem sempre possíveis ou dignos, recorriam a tais exploradores. [...]”.<sup>18</sup>

A magia e a feitiçaria são tentativas de influenciar indivíduos e acontecimentos por meios sobrenaturais ou ocultos. Podem ser associados a alguma forma de adivinhação, embora a adivinhação por si mesma seja a tentativa de usar meios sobrenaturais para descobrir acontecimentos, sem procurar influenciá-los.

A magia é universal e pode ser “negra” ou “branca”. A magia “negra” tenta produzir resultados maus por intermédio de métodos tais como: maldições, fascínios, destruição de bonecos representando o inimigo alvejado, e a aliança com maus espíritos. Frequentemente toma a forma de feitiçaria. A magia “branca” desfaz maldições e fascínios e emprega forças ocultas para o bem-estar próprio ou dos outros. [...].<sup>19</sup>

São práticas anímicas ancestrais que, no devido tempo serão abandonadas, com o desenvolvimento da fé raciocinada e pela aquisição de conhecimentos. O que ressalta do estudo, porém, é que o fato de alguém se converter ou se tornar adepto de uma filosofia ou religião não implica mudanças imediatas de hábitos ou melhoria moral. Permanece, porém, a lição para a nossa reflexão mais aprofundada:

Mas como não basta ter Jesus nos lábios, para que o resultado, nesse como em outros casos, seja satisfatório, é preciso também tê-lo no coração, os moços de Sceva saíram-se mal com a experiência. [...].

O dom espiritual de curar, para produzir resultado satisfatório, precisa estar aliado ao desinteresse e à humildade, e estas virtudes no seu mais alto grau só podemos conquistá-las aliando-nos de coração, de entendimento, de alma, e com todas as nossas forças a Jesus Cristo.

Nessa passagem dos Atos se aprende que como disse Jesus, nada vale dizer – “Senhor, Senhor!” É preciso que, de fato, estejamos aliados ao Senhor, guardando a unidade de espírito pelo amor, que é o vínculo da perfeição.<sup>20</sup>

E a igreja cristã de Éfeso prosperava continuamente: “Assim, a palavra do Senhor crescia e se firmava poderosamente” (At 19:20).

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:1-7, p. 1937.
- 3 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. III, p. 487.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19, it. III-4/a, p. 487.
- 5 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Éfeso, p. 379.
- 6 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Éfeso, p. 379 e 380.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 47, p. 309.

- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Batismo de João Batista, p. 161 e 162.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Batismo do Espírito Santo, p. 163.
- 10 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 19, it. 7.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:8-10, p. 1937 e 1938.
- 12 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Tirano, p. 1224.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:10. Nota de rodapé “a”, p. 1938.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:11-20, p. 1938.
- 16 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Exorcistas, p. 458.
- 17 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 47, p. 312.
- 18 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 47, p. 312 e 313.
- 19 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Magia e Feitiçaria, p. 813.
- 20 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *Os judeus exorcistas – os filhos de Sceva*, p. 168.

## PROJETOS DE PAULO. EM ÉFESO – O MOTIM DOS OURIVES (AT 19:21 A 40)

Prosseguindo na análise dos acontecimentos que marcaram a terceira viagem missionária de Paulo, estudamos que o Apóstolo dos Gentios permaneceu em Éfeso entre dois e três anos – *Atos* (19:10 e 20:31). É provável que, durante esse período, ele teria viajado para outras localidades, como Corinto, atendendo às inúmeras demandas das outras igrejas, nem sempre possíveis de serem resolvidas por correspondência. A propósito, sabe-se que, durante a sua permanência em Éfeso, Paulo escreveu a primeira carta aos Coríntios, a carta aos Gálatas e, possivelmente, a carta aos Filipenses.<sup>1</sup>

A igreja cristã de Éfeso prosperava dia a dia, incorporando diferentes atividades de evangelização e de auxílio aos necessitados: “[...] A instituição enriquecia-se de valores espirituais. Compreendendo a importância da organização de Éfeso para toda a Ásia, Paulo de Tarso deliberou prolongar, ali, a sua permanência. [...]”.<sup>2</sup> O trabalho ali era intenso, requisitando mãos operosas:

[...] Vieram discípulos de Macedônia. Áquila e a esposa tinham regressado de Corinto; Timóteo, Silas e Tito cooperavam ativamente visitando as fundações cristãs já estabelecidas. Assim vigorosamente auxiliado, o generoso apóstolo multiplicava as curas e os benefícios em nome do Senhor. Trabalhando pela vitória dos princípios do Mestre, fez com que muitos abandonassem credices e superstições perigosas, para se entregarem aos braços amorosos do Cristo.<sup>2</sup>

Satisfeito com os resultados obtidos, Paulo cogita de prosseguir em sua viagem missionária, retornando a Jerusalém, Macedônia e Acaia (At 19:21) e, quem sabe, poderia viajar até Roma (At 19:22). Além do mais, a presença do Apóstolo João, residente da cidade, representava o ponto de equilíbrio para todos os trabalhadores do Cristo. Contudo, antes de seus planos de viagem se concretizarem, ocorreu um movimento revolucionário em Éfeso, denominado *Motim dos Ourives* (At 19:23 a 40), encabeçado

por um certo Demétrio que acusava Paulo de modificar a rotina pacífica que havia na cidade, após a introdução das ideias cristãs na comunidade. Emmanuel esclarece a respeito dos verdadeiros motivos do acontecimento que redundou em significativa repercussão entre os efésios:

A cidade votava um culto especial à deusa Diana. Pequenas estátuas, imagens fragmentárias da divindade mitológica surgiam em todos os cantos, bem como nos adornos da população. A pregação de Paulo, entretanto, modificara as preferências do povo. Quase ninguém se interessava mais pela aquisição das imagens da deusa. Esse culto, porém, era tão lucrativo que os ourives da época, chefiados por um artífice de nome Demétrio, iniciaram veemente protesto perante as autoridades competentes.

Os prejudicados alegavam que a campanha do apóstolo aniquilava as melhores tradições populares da cidade notável e florescente. O culto a Diana vinha dos antepassados e merecia mais respeito; além disso, toda uma classe de homens válidos ficava sem trabalho.<sup>2</sup>

Os planos de viagem de Paulo e a revolta dos ourives serão analisados com mais detalhes em seguida.

### 30.1 PROJETOS DE PAULO (AT 19:21 E 22)<sup>3</sup>

<sup>21</sup>Quando se completaram essas coisas, Paulo tomou a resolução de dirigir-se a Jerusalém, passando antes pela Macedônia e Acaia. E dizia: “Depois de lá chegar, é preciso igualmente que eu veja Roma”. <sup>22</sup>Enviou, então, à Macedônia dois de seus auxiliares, Timóteo e Erasto, enquanto ele próprio permanecia ainda algum tempo na Ásia.

Em suas viagens missionárias, Paulo sempre teve o cuidado de retornar às cidades onde anteriormente pregara o Evangelho. Realizava, dessa forma, não só uma espécie de avaliação das condições de funcionamento da igreja cristã local, como transmitia o apoio direto aos irmãos de fé, envolvendo-os em vibrações de bom ânimo, favorecidas que eram pelas sinceras alegrias do reencontro. Decorreu daí o seu desejo de viajar à Macedônia e Acaia (At 19:21). Ao mesmo tempo, acalentava também o sonho de ir até Roma para pregar o Evangelho de Jesus na cidade dos céares. Não sabia ele, que esta viagem iria acontecer, efetivamente, mas ele viajaria na condição de prisioneiro dos romanos:

No momento ele não tinha o menor conhecimento dos fatos; mas o seu próprio desejo de visitar Jerusalém era a garantia de que realmente iria a Roma, às expensas do governo romano, porquanto haveria de seguir para ali como mero prisioneiro. Não obstante, isso estava dentro do plano divino, porque desde o princípio lhe fora revelado o quanto teria de sofrer

pelo nome do Cristo, e como seria ele uma testemunha especial diante dos próprios reis. (Veja *Atos*, 9:15).<sup>4</sup>

As viagens a Jerusalém faziam parte do roteiro missionário de Paulo, sobretudo porque, em suas andanças, ele recolhia donativos para a Casa do Caminho, também denominada Igreja-mãe, que sempre vivia sob a escassez de recursos pecuniários. Era também a oportunidade de relatar não só as atividades desenvolvidas entre os povos gentios, como também as lutas enfrentadas e os êxitos obtidos na propagação do Evangelho. Dessa forma, procura deixar tudo em ordem em Éfeso antes da sua partida, inclusive enviando à sua frente, previamente, à *Macedônia*, *dois de seus auxiliares*, *Timóteo e Erasto*, enquanto ele próprio permanecia ainda algum tempo na *Ásia*, como relata *Atos*, 19:22.

Nessa citação de *Atos dos apóstolos*, aparece, pela primeira vez, o nome de Erasto, como um dos auxiliares de Paulo:

Erasto (no grego *erastos* “amado”) – nome de um cristão que, com Timóteo, ministrava com o apóstolo Paulo. Eles foram enviados à Macedônia antes do tumulto em Éfeso, At 19:22. É provavelmente, o mesmo de que fala a segunda epístola a *Timóteo*, 4:20, que se deixou ficar em Corinto, talvez por ser o tesoureiro da cidade, que, com Paulo, enviaram saudações aos irmãos em Roma, Rm 16:23.<sup>5</sup>

Erasto é um dos Espíritos orientadores da Codificação Espírita que teria sido, também, um dos 70 discípulos (ou 72, segundo algumas traduções neotestamentárias) que Jesus enviou diante de si, dois a dois, às cidades e lugares onde Ele estava prestes a ir, a fim de anunciar o Evangelho (Lc 10:1). Acredita-se que entre os 70 ou 72 discípulos constava um certo *Erasto* que, no dizer de Allan Kardec, é um “[...] Espírito Superior, que se revelou mediante comunicação de ordem elevadíssima [...]”<sup>6</sup> e muito colaborou na edificação do Espiritismo pela transmissão de belas e sábias mensagens encontradas em alguns livros da Codificação e na *Revista Espírita*.

Cumprida a missão junto aos demais 70 ou 72 discípulos, localizamos Erasto, naquela mesma reencarnação, atuando como seguidor próximo a Paulo de Tarso. No final da *Epístola aos romanos*, Paulo insere dois pós-escritos: o primeiro que é um alerta contra os provocadores de dissensões e escândalos. Orienta-os assim: “[...] Evitai-os. Porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, mas ao próprio ventre, e com palavras melífluas e lisonjeiras seduzem os corações simples. [...]. Mas desejo que sejais sábios para o bem e sem malícia para o mal” (Rm 16:17 a 19). No segundo pós-escrito, o apóstolo da gentilidade dirige saudações a queridos e

leais amigos: “Saúda-vos Timóteo, meu colaborador, e também Lúcio, Jasão e Sosípatro/Sópratos, meus parentes. [...]. Saúda-vos Gaio, que hospeda a mim e a toda a igreja. Saúda-vos Erasto, administrador da cidade, e o irmão Quarto (Rm 16:21, 23 e 24). O versículo 23 anota a saudação de Erasto que deveria estar por perto no momento da redação da epístola: “*Erasto* tinha um posto de influência como importante oficial municipal. O seu nome foi encontrado em uma calçada que ele doou à cidade de Corinto. [...]”<sup>7</sup>

Nessa terceira viagem, Paulo percorreu várias localidades situadas ao longo do mar Mediterrâneo, em companhia de Timóteo, membro da igreja da Licaônia, de Erasto e por outros discípulos (Sópratos, Aristarco, Segundo, Gaio, Tíquico e Trófimo): saindo de Antioquia da Síria, passam por Éfeso, Filipos, Tessalônica, e retornam a Jerusalém no ano de 58, percorrendo Acaia, Tiro, Mileto e Cesareia (At 19:21 a 40; 20:1 a 6). Erasto não os acompanham de volta a Jerusalém, contudo permanece em Corinto, visto ser ele o tesoureiro da cidade, como Paulo informa na *Segunda epístola a Timóteo* (4:19): “Saúda Prisca e Áquila, e a família de Onesíforo. Erasto ficou em Corinto. Deixei Trófimo doente em Mileto”.

Entre os lúcidos escritos do Espírito Erasto inseridos nas obras publicadas por Allan Kardec, destacamos três ponderadas orientações: a) “[...] É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea. [...]”<sup>8</sup> b) o que é necessário para o espírita cumprir a sua missão: “Arme-se vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra o espera; é preciso que trabalheis”<sup>9</sup> c) Os sinais que indicam se o espírita está no bom caminho:

Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles professarão e ensinarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo da sua Lei; os que seguem a sua Lei são os seus eleitos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa Lei e fazem dela um degrau para satisfazer à sua vaidade e à sua ambição. – *Erasto*, anjo da guarda do médium (Paris, 1863).<sup>9</sup>

## 30.2 EM ÉFESO – O MOTIM DOS OURIVES (AT 19:23 A 40)<sup>10</sup>

<sup>23</sup>Por essa ocasião, houve um tumulto bastante grave a respeito do Caminho.

<sup>24</sup>Certo Demétrio, que era ourives e fabricante de nichos de Ártemis, em prata, proporcionando aos artesãos não pouco lucro. <sup>25</sup>Tendo-os reunidos, bem como a outros que trabalhavam no mesmo ramo, disse: “Amigos, sabeis que é deste

ganho que provém o nosso bem-estar. <sup>26</sup>Entretanto, vedes e ouvis que não somente em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem desencaminhado, com suas persuasões, uma multidão considerável: pois diz que não são deuses os que são feitos por mãos humanas. <sup>27</sup>Isto não só traz o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, mas também o próprio templo da grande deusa Ártemis perderá todo o seu prestígio, sendo logo despojada de sua majestade aquela que toda a Ásia e o mundo veneram”. <sup>28</sup>Ouvindo isto, ficaram cheios de furor e puseram-se a gritar: “Grande é a Ártemis dos efésios!” <sup>29</sup>A cidade foi tomada de confusão, e todos um a um se precipitaram para o teatro, arrastando consigo os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo. <sup>30</sup>Este queria enfrentar o povo, mas os discípulos não lho permitiram. <sup>31</sup>Também alguns dos asiarcas, seus amigos, mandaram rogar-lhe que não se expusesse, indo ao teatro. <sup>32</sup>Uns gritavam uma coisa, outros outra. A assembleia estava totalmente confusa, e a maior parte nem sabia por que motivo estavam reunidos. <sup>33</sup>Alguns da multidão persuadiram a Alexandre, e os judeus fizeram-no ir para a frente. De fato, fazendo sinal com a mão, Alexandre quis dar uma explicação ao povo. <sup>34</sup>Quando, porém, reconheceram que era judeu, uma voz fez-se ouvir da parte de todos, gritando por quase duas horas: “É grande a Ártemis dos efésios!” <sup>35</sup>Acalmando, afinal, a multidão o chanceler da cidade assim falou: “Cidadãos de Éfeso! Quem há, dentre os homens, que não saiba que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Ártemis e de sua estátua caída do céu? <sup>36</sup>Sendo indubitáveis estas coisas, é preciso que vos porteis calmamente e nada façais de precipitado. <sup>37</sup>Trouxestes aqui estes homens: não são culpados de sacrilégio, nem de blasfêmia, contra a nossa deusa. <sup>38</sup>Se, pois, Demétrio e os artesãos que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há pro-cônsules: que apresentem queixa! <sup>39</sup>E se tiverdes ainda outras questões além desta, serão resolvidas em uma assembleia legal <sup>40</sup>De mais a mais, estamos correndo o risco de sermos acusados de sedição pelo que hoje aconteceu, não havendo causa alguma que possamos alegar, para justificar esta aglomeração”. Com estas palavras, pois, dissolveu a assembleia.

Neste registro do capítulo 19 de *Atos dos apóstolos* (v. 23 a 40), Lucas descreve o alvoroço provocado pelos ouvires de Éfeso, sob a liderança de um certo Demétrio (v. 24), os quais, insatisfeitos com a baixa comercialização dos produtos por eles fabricados, culpavam Paulo, sob a alegação de que, com as suas pregações sobre o Caminho (v. 23), o povo teria sido induzido a não mais comprar as manufaturas que reproduziam a cultura grega, sobretudo as referentes à deusa Artemisa/Ártemis/Diana, que os efésios adoravam, a ponto de erguer um templo de devoção à divindade (v. 24 a 28).

Importa recordar o significado das seguintes palavras: a) *Caminho*, usada como sinônimo do nome de Jesus ou também como Doutrina ou Fé Cristã); b) *Homens do Caminho*: cristãos ou os que seguem Jesus, o Caminho. Esses vocábulo são citados pela primeira vez em *Atos dos*



*apóstolos* (9:1), quando é relatado o aparecimento de Jesus a Saulo de Tarso, na estrada de Damasco:

Além do sentido literal de “caminho”, o Novo Testamento encerra os seguintes sentidos metafóricos: *i.* Acerca da conduta moral (Mt 7:13, 14 e 21:32; At 14:16; Rm 3:16, 17; Tg 5:20; 2 Pe 2:15, 21). *ii.* Acerca da vontade, dos propósitos e da veracidade de Deus (Mt 22:16; Mc 12:14; At 13:10; 18: 25, 26; Rm 11:33; 1Co 4:17; Hb 3:10 e Ap 15:3). *iii.* No livro de Atos, a expressão “o Caminho” refere-se à fé cristã e à maneira de viver seguida pelos discípulos do Senhor, tudo o que era desprezado e até caluniado por seus adversários gratuitos (At 9:2; 19:9; 22:4, 14; 24:22). *iv.* Jesus Cristo, o último perfeito revelador, é o “Caminho” por excelência, em face do exemplo soberbo dado por sua própria pessoa e pela sua morte sacrificial. Ele é o Caminho vivo e pessoal até Deus. [...].<sup>11</sup>

O presente estudo nos informa também que uma multidão confusa constituída de pessoas enfurecidas se arrastou pela cidade, gritando frases desconexas (At 19:32) após ser instigada pelos falsos argumentos de Demétrio, o ourives, levando consigo ao teatro local, os macedônios Gaio e Aristarco (At 19:29), amigos e companheiros de viagem de Paulo. O Apóstolo dos Gentios pensou em acompanhar a multidão, mas os seus discípulos e os amigos *asiarcas* recomendaram-lhe não ir ao teatro (At 19:30 e 31). Os *asiarcas* eram chefes ou governantes da Ásia representados por um grupo de dez magistrados que presidiam aos ritos religiosos e públicos, combates e espetáculos, exercendo significativa influência política nas cidades.<sup>12</sup>

No meio do povo se encontravam também judeus, que convenceram um certo Alexandre – possivelmente algum chefe da sinagoga – a dar uma explicação ao povo (At 19:33). Na verdade, eles não queriam ser confundidos com os cristãos. Acontece que, quando o povo viu que Alexandre era judeu, ele foi impedido de falar, e, por cerca de duas horas, a multidão esbravejava, dizendo: “É grande a Ártemis dos efésios!” (At 19:34).

Finalmente, o chanceler da cidade conseguiu acalmar a multidão, lembrando-a que ninguém desconhecia que Ártemis era guardiã da cidade de Éfeso, onde havia um templo e uma estátua que (supostamente) teria caído do céu (At 19:35). Pediu aos habitantes calma, orientando-os agir sem precipitação (At 19:36), esclarecendo que os homens do Caminho, como Gaio e Aristarco, não eram culpados de sacrilégio nem de blasfêmias contra a deusa que o povo adorava (At 19:37), concluindo que não cometeram nenhum crime. Finalmente, falando como autoridade constituída, recomendou que, se Demétrio e os demais ourives tinham alguma queixa, que eles procurassem

o cônsul no tribunal de audiência e registrassem a reclamação (At 19:38) ou se as questões fossem outras, deveriam convocar a Assembleia legal que decidiria a respeito (At 19:39). Ao término de seus esclarecimentos, pediu ao povo cuidado na forma de agir, fazendo-o refletir, intimamente, que os efésios se encontravam sob o domínio romano, e agitações ou motins semelhantes ao ocorrido, poderiam levar a sociedade ser acusada de crime de sedição (At 19:40) – ou seja, de sublevação contra qualquer autoridade constituída; revolta, motim. Perturbação da ordem pública; desordem, rebulição.

Emmanuel nos transmite outros detalhes desse motim que nos auxiliam compreender o contexto dos desafios da implantação do Cristianismo no primeiro século da Era Cristã, sobretudo a respeito da fundação da igreja cristã de Éfeso:

A cidade votava um culto especial à deusa Diana. Pequenas estátuas, imagens fragmentárias da divindade mitológica surgiam em todos os cantos, bem como nos adornos da população. A pregação de Paulo, entretanto, modificara as preferências do povo. Quase ninguém se interessava mais pela aquisição das imagens da deusa. Esse culto, porém, era tão lucrativo que os ourives da época, chefiados por um artífice de nome Demétrio, iniciaram veemente protesto perante as autoridades competentes.

Os prejudicados alegavam que a campanha do apóstolo aniquilava as melhores tradições populares da cidade notável e florescente. O culto a Diana vinha dos antepassados e merecia mais respeito; além disso, toda uma classe de homens válidos ficava sem trabalho.

Demétrio movimentou-se. Os ourives reuniram-se e pagaram amotinadores. Sabiam que Pauloalaria no teatro, naquela mesma noite que sucedeu às combinações definitivas. Pagos pelos artífices, os maliciosos começaram a espalhar boatos entre os mais crédulos. Insinuavam que o ex-rabino preparava-se para arrombar o templo de Diana, a fim de queimar os objetos do culto. [...].<sup>13</sup>

Alimentada por ideias tão perniciosas, a multidão foi envolvida em vibrações extremamente negativas e perigosas:

[...] Irritaram-se os ânimos. O plano de Demétrio calava fundo na imaginação dos mais simplórios. Ao entardecer, grande massa popular postou-se na vasta praça, em atitude expectante. A noite fechou, a multidão crescia sempre. Ao acenderem-se no teatro as primeiras luzes, os ourives acreditaram que o apóstolo lá estivesse. Com imprecações e gestos ameaçadores, a multidão avançou em furiosa grita, mas somente Gaio e Aristarco, irmãos da Macedônia, ali se encontravam, preparando o ambiente das pregações da noite. Ambos foram presos pelos exaltados. Verificando a ausência do ex-rabino, a massa inconsciente encaminhou-se para a tenda de Áquila e Prisca. Paulo, no entanto, lá não estava. A oficina singela do casal cristão foi totalmente desmantelada a golpes

impiedosos. Teares quebrados, peças de couro atiradas à rua, furiosamente. Por fim, o casal foi preso, sob os apupos da turba exacerbada.<sup>13</sup>

Felizmente Paulo fora contido pelos amigos; caso contrário, outras tragédias poderiam ter acontecido:

[...] Essa noite dolorosa ficaria inesquecível em sua vida. Ao longe, ouvia-se a gritaria estentóica: “Grande é a Diana de Éfeso! Grande é a Diana de Éfeso!” Mas o apóstolo, constrangido à força, pelos companheiros, houve que desistir de esclarecer a massa popular, na praça pública.

Só muito tarde, o escrivão da cidade conseguiu falar ao povo, concitando-o a levar a causa a juízo, abandonando o louco propósito de fazer justiça pelas próprias mãos.

A assembleia dispersou-se, pouco antes da meia-noite, mas só atendeu à autoridade depois de ver Gaio, Aristarco e o casal de tecelões trancafiados na enxovia.<sup>13</sup>

Só muito mais tarde, o povo pôde ser acalmado pelo chanceler (ou escrivão da cidade, como é citado em outras traduções do Novo Testamento), quando informou que poderia levar

[...] a causa a juízo, abandonando o louco propósito de fazer justiça pelas próprias mãos.

A assembleia dispersou-se, pouco antes da meia-noite, mas só atendeu à autoridade depois de ver Gaio, Aristarco e o casal de tecelões trancafiados na enxovia.

No dia seguinte, o generoso Apóstolo dos Gentios foi, em companhia de João, observar os destroços da tenda de Áquila. Tudo em frangalhos na via pública. Paulo refletiu com imensa mágoa nos amigos presos e falou ao filho de Zebedeu, com os olhos mareados de lágrimas.

– Como tudo isto me contrista! Áquila e Prisca têm sido meus companheiros de luta, desde as primeiras horas da minha conversão a Jesus. Por eles devia eu sofrer tudo, pelo muito amor que lhes devo; assim, não julgo razoável que sofram por minha causa.

– A causa é do Cristo! – respondeu João com acerto.

O ex-rabino pareceu conformar-se com a observação e sentenciou:

– Sim, o Mestre nos consolará.<sup>13</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:10. Nota de rodapé “a”, p. 1938.

- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:21-22, p. 1938.
- 4 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 19.21, p. 501.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Erasto, p. 413.
- 6 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 19, it. 225.
- 7 BRUCE, F. F. *Comentário bíblico NVI: antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Romanos, p. 1280.
- 8 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 9. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 20, it. 230.
- 9 KARDEC, Allan *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 20, it. 4.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 19:23-40, p. 1938 e 1939.
- 11 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Caminho. 2 Palavras gregas, p. 257.
- 12 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2018. verbete: Asiarcas, p. 122.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.



## PARTE V

### **Fim das missões: o prisioneiro do Cristo**

“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.  
[...]” PAULO (*Gálatas*, 2:20.)

## PAULO DEIXA ÉFESO. EM TRÔADE, PAULO RESSUSCITA UM MORTO. DE TRÔADE A MILETO. ADEUS AOS ANCIÃOS DE ÉFESO (AT 20:1 A 38)

Paulo prossegue na sua terceira viagem missionária, após aproximadamente três anos de estada em Éfeso (At 19:10; 20:31), onde esteve envolvido na fundação e organização da igreja cristã da cidade, juntamente com o Apóstolo João e outros dedicados discípulos de Jesus. Paulo planeja sair de Éfeso em direção a Jerusalém, e, dali viajar para Roma na esperança de pregar o Evangelho na cidade imperial dos césores. Antes, porém, percorreria as cidades da Ásia Menor e da Grécia, onde, anteriormente, fundara uma igreja cristã, com o intuito de rever os irmãos de fé e exortá-los a prosseguirem firmes e dedicados à Causa do Cristo (At 19:21 e 22). Deixou todas as coisas acertadas em Éfeso, inclusive conseguindo junto às autoridades que os amigos Gaio, Aristarco e o casal de tecelões (Áquila e Priscila) fossem libertados da prisão,<sup>1</sup> ocorrida por ocasião do motim dos ourives (At 19:23 a 40):

Demorou-se ainda em Éfeso, movimentando os melhores empenhos a favor dos prisioneiros. Conseguida a liberdade dos detentos, resolveu deixar a Jônia dentro do menor prazo possível. Estava, porém, profundamente abatido. [...].<sup>1</sup>

A atual passagem neotestamentária está impregnada do sentimento de adeus e de saudade, como se percebe claramente em dois momentos específicos de despedidas: a) quando ele procurou o Apóstolo João e demais amigos da comunidade cristã de Éfeso (At 20:1); b) quando reuniu os anciãos de Éfeso em Mileto (At 20:17 a 38). No íntimo, Paulo sabia que não mais encontraria, naquela existência física, os amigos que lhe eram tão caros ao coração. Assim, em sua última conversa com João, o apóstolo

da gentildade revela-se saudoso e um tanto melancólico, recordando ao devotado apóstolo, filho de Zebedeu, a necessidade fervorosa que movia a sua existência de levar a mensagem do Cristo ao maior número de pessoas. Eis algumas informações do colóquio que se estabeleceu entre ambos, pontuado pela tristeza do adeus:

E, depois de concentrar-se longamente, murmurou:

– Estamos em lutas incessantes na Ásia, há mais de vinte anos... Agora, preciso retirar-me da Jônia, sem demora. Os golpes vieram de todos os lados. Pelo bem que desejamos, fazem-nos todo o mal que podem. Ai de nós se não trouxéssemos as marcas do Cristo Jesus!

O pregador valoroso, tão desassombrado e resistente, chorava! João percebeu, contemplou-lhe os cabelos prematuramente encanecidos e procurou desviar o assunto:

– Não te vás por enquanto – disse solícito –, ainda és necessário aqui.<sup>1</sup>

O diálogo fraterno entre ambos prosseguia. João insiste para Paulo fixar residência em Éfeso, como membro ativo da comunidade cristã, compartilhando a alegria da presença de Maria de Nazaré. Paulo pondera, e, humilde, responde-lhe:

[...] Nasci para uma luta sem tréguas, que deverá prevalecer até o fim dos meus dias. Antes de encontrar as luzes do Evangelho, errei criminosamente, embora com o sincero desejo de servir a Deus. Fracassei, muito cedo, na esperança de um lar. Tornei-me odiado de todos, até que o Senhor se compadecesse de minha situação miserável, chamando-me às portas de Damasco. Então, estabeleceu-se um abismo entre minha alma e o passado. Abandonado pelos amigos da infância, tive de procurar o deserto e recomeçar a vida. Da tribuna do Sinédrio, regressei ao tear pesado e rústico. Quando voltei a Jerusalém, o Judaísmo considerou-me doente e mentiroso. Em Tarso experimentei o abandono dos parentes mais caros. Em seguida, recomecei em Antioquia a tarefa que me conduzia ao serviço de Deus. Desde então, trabalhei sem descanso, porque muitos séculos de serviço não dariam para pagar quanto devo ao Cristianismo. E saí às pregações. Peregrinei por diversas cidades, visitei centenas de aldeias, mas de nenhum lugar me retirei sem luta áspera. Sempre saí pela porta do cárcere, pelo apedrejamento, pelo golpe dos açoites. Nas viagens por mar, já experimentei o naufrágio mais de uma vez; nem mesmo no bojo estreito de uma embarcação, tenho podido evitar a luta, mas Jesus me tem ensinado a sabedoria da paz interior, em perfeita comunhão de seu amor.<sup>1</sup>

Emocionado, João compreende que chegara o momento de Paulo partir. Admirado pela sincera e humilde atitude do fiel servidor do Cristo, o filho de Zebedeu diz-lhe:

– És feliz, Paulo – disse ele convicto –, porque entendeste o programa de Jesus a teu respeito. Não te doa a recordação dos martírios sofridos, porque o Mestre foi compelido a retirar-se do mundo pelos tormentos da cruz. Regozijemo-nos com as prisões e sofrimentos. Se o Cristo partiu sangrando em feridas tão dolorosas, não temos o direito de acompanhá-lo sem cicatrizes...<sup>1</sup>

Importa destacar que, em *Atos* (20:5 e 6), Lucas volta a empregar a primeira pessoa do plural, que é sinal indicativo de que ele se encontrava junto com Paulo e os demais discípulos:

Estes seguiram à frente, e nos aguardaram em Trôade. Quanto a nós, deixamos Filipos por mar após os dias dos Pães sem fermento. Cinco dias depois, fomos encontrá-los em Trôade, onde permanecemos uma semana.

### 31.1 PAULO DEIXA ÉFESO (AT 20:1 A 6)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Depois que cessou o tumulto, Paulo convocou os discípulos, exortou-os e despediu-se, partindo em direção à Macedônia. <sup>2</sup>Atravessando aquelas regiões, proferiu muitas palavras de exortação, e assim chegou à Grécia. <sup>3</sup>Tendo aí passado três meses, houve uma conspiração dos judeus contra ele, pouco antes do seu embarque para a Síria. Tomou então a decisão de voltar pela Macedônia. <sup>4</sup>Foram seus companheiros de viagem: Sópatro, filho de Pirro, de Bereia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio, de Doberes, e Timóteo; e ainda Tíquico e Trófimo, da Ásia. <sup>5</sup>Estes seguiram à frente, e nos aguardaram em Trôade. <sup>6</sup>Quanto a nós, deixamos Filipos por mar após os dias dos Pães sem fermento. Cinco dias depois, fomos encontrá-los em Trôade, onde permanecemos uma semana.

Paulo parte para a Macedônia – antiga região europeia dos Balcãs, cujo território era dividido entre a Grécia, Bulgária Albânia e Sérvia, usualmente denominada *Macedônia do Norte* – onde já se encontravam Timóteo e Erasto, aguardando por ele. De passagem por Filipos, tem a grata alegria de encontrar Lucas que, novamente, se une ao grupo, viajando com eles para Corinto.<sup>3</sup> Permaneceram cerca de três meses na Grécia, mas, antes de embarcarem para Síria, ocorreu outra conspiração dos judeus contra eles (At 20:3). Paulo decide, então, retornar à Macedônia em companhia dos discípulos da Ásia Menor: Sópatro, filho de Pirro, de Bereia; Aristarco e Segundo, de Tessalônica; Gaio, de Doberes, e Timóteo, já que Tíquico e Trófimo seguiram à frente, aguardando-os em Trôade (At 20:4 e 5) – cidade da Turquia, a noroeste da Anatólia (região banhada pelo mar Negro, mar Mediterrâneo e mar Egeu). Recordemos que Paulo estivera anteriormente nessa cidade portuária de Trôade, durante a sua segunda viagem missionária, quando, por meio de visão mediúnica, um macedônio lhe pediu auxílio (At 16:8 a 10; 2 Co 2:12).



O tumulto ocorrido em Éfeso, decorrente do motim dos ourives (At 20:1), deixou cicatrizes no coração de Paulo. Ele e os demais discípulos do Cristo procuravam agir com serenidade e prudência, sem se deixarem abater pelas perseguições, prosseguindo no trabalho da evangelização. Ao longo do percurso, visitaram os irmãos de fé da Ásia Menor, começando por Trôade, na Turquia, seguindo por outras cidades da Grécia. Por onde passavam, exortavam os discípulos de Jesus a permanecerem firmes na divulgação do Evangelho (At 20:2):

[...] Acompanhado de alguns amigos dirigiu-se para Trôade, onde se demorou alguns dias, edificando os irmãos na fé. A fadiga, entretanto, acentuava-se cada vez mais. As preocupações enervaram-no. Experimentava no íntimo profunda desolação, que a insônia agravava dia a dia. Paulo, que nunca esquecera a ternura dos irmãos de Filipos deliberou, então, procurar ali um abrigo, ansioso de repousar alguns momentos. O apóstolo foi acolhido com inequívocas provas de carinho e consideração. As crianças da instituição desdobraram-se em demonstrações de afetuosa ternura. [...].<sup>3</sup>

Em Filipos Paulo foi abençoado com a agradável surpresa de encontrar Lucas que estava

[...] acidentalmente na cidade e foi abraçá-lo. Esse encontro reanimou-lhe o ânimo abatido. Avistando-se com o amigo, o médico alarmou-se. Paulo pareceu-lhe extremamente debilitado, triste, não obstante a fé inabalável que lhe nutria o coração e transbordava dos lábios. Explicou que estivera doente, que muito sofrera nas últimas pregações de Éfeso, que estava sozinho em Filipos, depois do regresso de alguns amigos que o haviam acompanhado, que os colaboradores mais fiéis haviam partido para Corinto, onde o aguardavam.

Muito surpreendido, Lucas ouviu silencioso e perguntou:

– Quando partirás?

– Pretendo aqui ficar duas semanas.

E depois de vaguear os olhos na paisagem, concluiu em tom quase amargo:

– Aliás, meu caro Lucas, julgo ser esta a última vez que descanso em Filipos...

– Por quê? Não há motivos para pressentimentos tão tristes.

Paulo notou a preocupação do amigo e apressou-se a desfazer-lhe as primeiras impressões:

– Suponho que terei de partir para o Ocidente – esclareceu com um sorriso.

– Muito bem! – respondeu Lucas reanimado. – Vou ultimar os assuntos que aqui me trouxeram e irei contigo a Corinto.<sup>3</sup>

A decisão de Lucas de acompanhar o amigo até Corinto foi a mais acertada, trazendo júbilos ao coração aquebrantado do Apóstolo dos Gentios que, naquele momento, muito necessitava de apoio fraterno:

O apóstolo alegrou-se. Rejubilava-se com a presença de um companheiro dos mais dedicados. Lucas também estava satisfeito com a possibilidade de assisti-lo na viagem. Com grande esforço procurava dissimular a penosa impressão que a saúde do apóstolo lhe causara. Magríssimo, rosto pálido, olhos encovados, o ex-rabino dava a impressão de profunda miséria orgânica. O médico, no entanto, fez o possível por ocultar suas dolorosas conjecturas.<sup>3</sup>

Durante a viagem, Paulo compartilha com Lucas os planos de pregar o Evangelho em Roma, mas, primeiramente, pretendia ir a Jerusalém para se encontrar com os amigos da Casa do Caminho:

[...] A companhia de Lucas e a mudança das paisagens revigoravam-lhe as forças físicas. O próprio médico estava surpreso com a reação natural daquele homem de vontade poderosa. Novamente em Corinto, o ex-rabino ratificou as suas epístolas, reorganizou amorosamente os quadros de serviços da igreja e, no círculo dos mais íntimos, não falava de outra coisa senão do grandioso projeto de visitar Roma, no intuito de auxiliar os cristãos, já existentes na cidade dos Césares, a estabelecerem instituições semelhantes às de Jerusalém, de Antioquia, de Corinto e outros pontos mais importantes do Oriente. Nesse meio tempo, readquiriu as energias latentes do organismo debilitado. Desdobrava-se no plano, coordenando ideias e mais ideias do programa colimado, na imperial metrópole. Aventou numerosas providências. Pensou em preparar sua chegada, fazendo-a preceder de carta na qual recapitulasse a doutrina consoladora do Evangelho e nomeasse, com saudações afetuosas, todos os irmãos do seu conhecimento no ambiente romano. Áquila e Prisca tinham voltado de Éfeso para a capital do império, no intuito de recomeçar a vida. Seriam auxiliares diletos. Para esse fim, Paulo empregou alguns dias na redação do célebre documento [*Epístola aos romanos*], concluindo-o com uma carga de saudações particulares e extensas. [...].<sup>3</sup>

A Carta aos Romanos foi levada aos cristãos da cidade imperial por *Febe*, grande cooperadora do apóstolo em Cencreia que, naquele momento, estava de viagem para Roma em visita a parentes.<sup>3</sup> Cencreia era um porto oriental de Corinto, distante 14 Km da cidade. Ali havia uma igreja, que Paulo visitou, conheceu Febe, que atuava como diaconisa (At 18:18; Rm 16:1).

Animado com as providências exitosas, assim que Febe partiu, “[...] o ex-rabino reuniu a pequena comunidade dos discípulos diletos para assentar as bases definitivas da grande excursão. [...] Depois de justificar a excelência do plano [...], pediu aos amigos íntimos lhe dissessem como e até que ponto lhes seria possível auxiliá-lo. [...]”<sup>33</sup> Infelizmente, nem todos poderiam acompanhá-lo no empreendimento: Timóteo alegou que precisava assistir a genitora Eunice que se encontrava sozinha, com o falecimento de Loide,

sua mãe, e avó de Timóteo. Os demais discípulos da Ásia Menor, Segundo, Aristarco, Sópatro, Gaio, Tíquico e Trófimo (At 20:4) tinham assumido compromissos nas diferentes comunidades cristãs da região.<sup>3</sup>

[...] Apenas Silas afirmou que poderia fazê-lo, fosse como fosse. Chegada, porém, a vez de Lucas, que se mantivera até então calado, disse ele estar pronto e resolvido a compartilhar dos trabalhos e alegrias da missão de Roma. De toda a assembleia, dois apenas poderiam acompanhá-lo. Paulo, todavia, mostrou-se conformado e satisfeitíssimo. Bastavam-lhe Silas e Lucas, habituados aos seus métodos de propaganda e com os mais belos títulos de trabalho e dedicação à causa de Jesus.<sup>3</sup>

Na tentativa de conciliar as informações transmitidas por Lucas e por Emmanuel sobre fatos ocorridos durante o percurso histórico da terceira viagem missionária de Paulo, faz-se necessário abriremos, aqui, um parêntese para destacarmos um episódio muito significativo que ocorreu em Trôade, na Ásia Menor, às vésperas da partida de Paulo para Mileto (At 20:7 a 12).

## 31.2 EM TRÔADE, PAULO RESSUSCITA UM MORTO. DE TRÔADE A MILETO (AT 20:7 A 16)<sup>4</sup>

<sup>7</sup>No primeiro dia da semana, estando nós reunidos para a fração do pão, Paulo entretinha-se com eles. Estando para partir no dia seguinte, prolongou suas palavras até a meia-noite. <sup>8</sup>Havia muitas lamparinas na sala de cima, onde estávamos reunidos. <sup>9</sup>Um adolescente, chamado Êutico, que estava sentado no peitoril da janela, adormeceu profundamente enquanto Paulo alongava sua exposição. Vencido pelo sono, caiu do terceiro andar abaixo. Quando foram levantá-lo, estava morto. <sup>10</sup>Paulo desceu, debruçou-se sobre ele, tomou-o nos braços e disse: “Não vos perturbeis: a sua alma está nele!” Depois subiu novamente, partiu o pão e comeu; e discorreu por muito tempo ainda, até o amanhecer. Então partiu. <sup>12</sup>Quanto ao rapaz, reconduziram-no vivo, o que os reconfortou sem medida.

<sup>13</sup>Nós, porém, seguindo à frente, entramos em alto-mar num navio rumo a Assos, onde devíamos recolher Paulo. Assim havia ele determinado, devendo ele mesmo vir por terra. <sup>14</sup>Quando nos alcançou em Assos, recolhemo-lo a bordo e prosseguimos para Mitilene. <sup>15</sup>De lá zarpando no dia seguinte, chegamos à frente de Quio [Quios]. Um dia depois, aportamos em Samos. Ainda um dia e, depois de nos termos detido em Trogílio, chegamos a Mileto. <sup>16</sup>Efetivamente, Paulo decidira passar ao largo de Éfeso, para não lhe acontecer de prolongar demais sua estada na Ásia. Ele apressava-se a fim de passar o dia de Pentecostes em Jerusalém, se lhe fosse possível.

O presente texto inicia o relato, informando que os cristãos adotaram o primeiro domingo como o dia em que se reuniam (At 20:7), segundo este

esclarecimento da *Bíblia de Jerusalém*: “O primeiro dia da semana judaica, que se tornou o dia da reunião dos cristãos (cf. Mt 28:1 +; 1 Cor 16:2), o “dia do Senhor” (ou domingo. Veja Ap. 1:10). A reunião dominical realizava-se no começo desse dia, mas contado à maneira judaica, portanto no sábado à noite”.<sup>5</sup> Os cristãos da igreja primitiva adotaram também o hábito de partir o pão em frações durante a reunião, ou culto:

Partir o pão era uma cerimônia que os discípulos celebravam em memória da última ceia de Jesus. Depois da leitura do Evangelho e das pregações que se seguiam, quem presidia a reunião tomava o pão, abençoava-o e os distribuía em pedacinhos para todos. Mais tarde, com a oficialização do Cristianismo pelo imperador Constantino, com o edito de Milão no ano 313, o Cristianismo se transforma em Catolicismo e essa prática foi abolida.<sup>6</sup>

O local utilizado pelos cristãos daquela época para se reunirem era o mesmo onde faziam as refeições, sendo denominado *cenáculo*. Essa sala de refeições era localizada no espaço mais elevado de uma residência (no caso, o texto afirma que era no terceiro andar do edifício em que ficava o cenáculo). Paulo prolonga a sua exposição e esclarecimentos a respeito do Evangelho de Jesus até meia-noite. Havia ali um adolescente de nome Êutico que ouvia a preleção. Ele estava sentado no peitoril da janela, mas, pelo avançar das horas, adormece, vindo a cair no solo, sendo declarado morto (At 20:7 a 9). Paulo também desceu, tomou o jovem nos braços para, em seguida, declarar: “[...] ‘Não vos perturbeis: a sua alma está nele!’” (At 20:10). Continuou com a sua preleção até o amanhecer, quando partiu da cidade (At 20:11), despreocupado, pois o rapaz, efetivamente estava vivo (At 20:12). Cairbar Schutel analisa o texto de Lucas, considerando outro tipo de sono que pode nos atingir, sempre que não guardemos a devida vigilância espiritual:

A estada de Paulo em Trôade se tornou memorável na história. Lucas não quis deixar de lembrar a quanto chegava o fervor do apóstolo. No cenáculo onde se reuniu com os discípulos, falou até meia-noite, parando para fazer uma ligeira refeição, e continuando depois até o romper do dia.

Paulo tinha pouco tempo para se demorar nessa cidade e precisava aproveitá-lo e também a boa vontade daqueles que queriam melhor conhecer a Doutrina de Jesus. Embora fizesse trabalho estafante, ele não vacilava em passar a noite em vigília para levar aos homens a luz que deveria extinguir neles a noite da alma. E assim aconteceu.

Infelizmente, dentre os que Deus envia para receber a palavra, diversos existem que, em vez de vigiar, adormecem; adormecem e caem, a ponto de se julgá-los mortos.<sup>7</sup>

E conclui, reflexivamente:

Foi o que sucedeu ao moço Êutico. Sentado ao batente da janela, em vez de ficar alerta, ouvir e se esforçar para estar de atenção viva, a fim de ser esclarecido pela palavra, no caminho da Vida, adormeceu, adormeceu e caiu, sendo preciso depois o auxílio de seus companheiros para ser transportado para a sua casa. Mas, o interessante é que o Apóstolo não perdeu a flegma – examinou o paciente: “sua alma está nele”. Não se incomodou mais porque precisava transmitir aos circunstantes o ensino recebido; e o fez com alegria, como o bom servo que faz a vontade de seu Senhor.<sup>7</sup>

Em *Atos* (20:13 a 16), consta que Paulo e demais discípulos partem de Trôade (Turquia) para Mileto, na Grécia: Paulo viaja por terra, vindo alcançar Lucas e os demais amigos no porto de Assos/Assôs, prosseguindo a viagem por mar:

Tendo deliberado estar em Jerusalém no dia de Pentecostes, Paulo pôs-se a caminho passando por várias cidades, onde diria algo aos discípulos. Os seus discípulos foram também, mas em vez de empreenderem a viagem por terra, alguns seguiram por mar até Assôs, onde Paulo tomou a embarcação em que iam alguns deles, como Lucas e outros.<sup>8</sup>

No percurso para Mileto, vindo de Trôade (At 20:4 a 16), os evangelizadores visitam rapidamente algumas cidades, pregando o Evangelho (At 20:13 a 15):

- » Assos ou Assôs (At 20:13): cidade da Turquia do Sul, da costa da Mísia, atualmente conhecida como *Beirã* ou *Behramkale*, situada não muito distante de Trôade.<sup>9</sup>
- » Mitilene (At 20:14): cidade do mar Egeu, situada entre Assos e Quios, na costa da Anatólia, capital da ilha grega de *Lesbos*. É conhecida por ser o local de nascimento do político e poeta lírico *Alceu* (630 a 580 a.C.), de *Pítaco* (640 a 568 a.C.), estadista e legislador da Grécia Antiga, considerado um dos Sete Sábios da Grécia, e da poetisa *Safo* (630–604 a.C.), cujas poesias eram compostas para serem cantadas ao som da lira.<sup>10</sup>
- » Quio/Quios/Cio (At 20:15): ilha (e promontório) situada na costa ocidental da Ásia Menor, fronteira à ilha de Samos, na entrada do golfo de Esmirna, na Grécia. Fica ao sul de Lesbos e ao norte de Samos.<sup>11</sup>
- » Samos/Sámos (At 20:15): ilha grega situada na costa da Ásia Menor, a sudoeste de Éfeso, cujos habitantes se distinguiam pela elevada capacidade de negócios que realizavam.<sup>12</sup>

- » Trogílio/Trógilo/Trogília (At 20:15): trata-se de um promontório (cabo situado em montanha elevada) na costa oriental da Ásia Menor, entre Éfeso e Mileto, há alguns quilômetros de Samos.<sup>13</sup>
- » Mileto/Abdera (At 20:15): cidade grega situada nas costas da Jônia, cerca de 66 Km de Éfeso, onde Paulo reuniu-se com os anciãos da igreja de Éfeso. Na Antiguidade, possuía um templo consagrado a Apolo e foi terra natal de *Anaximandro* (610 a 546 a.C.) – filósofo, astrônomo e geógrafo grego da Escola Jônica, discípulo de *Tales de Mileto*. É possível que *Demócrito* (460 a 370 a.C.) famoso filósofo pré-socrático, atomista, matemático e astrônomo também tenha nascido em Mileto.<sup>14</sup>

Em Mileto, Paulo organiza uma reunião, enviando convite aos anciãos da igreja cristã de Éfeso. O discurso proferido pelo apóstolo é emocionante, nascido das profundezas da sua alma. Naquele momento, ele se despede dos amigos, após fazer breve retrospectiva da sua vida, demonstrando o quanto o amor pelo Cristo enobreceu a sua vida, cicatrizando-lhe as dores, remorsos, sofrimentos e amarguras. Trata-se de uma peça literária de rara beleza espiritual, um legado para todas as gerações do passado, presente e futuro, registrado por Lucas em *Atos dos apóstolos* (20:17 a 38), em seguida analisado.

### 31.3 ADEUS AOS ANCIÃOS DE ÉFESO (AT 20:17 A 38)<sup>15</sup>

<sup>17</sup>De Mileto, mandou emissários a Éfeso para chamarem os anciãos daquela igreja. <sup>18</sup>Quando chegaram, assim lhes falou: “Vós bem sabeis como procedi para convosco todo o tempo, desde o primeiro dia em que cheguei à Ásia. <sup>19</sup>Eu servi ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas, e no meio das provações que me sobrevieram pelas ciladas dos judeus. <sup>20</sup>E nada do que vos pudesse ser útil eu negligenciei de anunciar-vos e ensinar-vos, em público e pelas casas, <sup>21</sup>conjurando judeus e gregos ao arrependimento diante de Deus e à fé em Jesus, nosso Senhor. <sup>22</sup>Agora, acorrentado pelo Espírito, dirijo-me a Jerusalém, sem saber o que lá me sucederá. <sup>23</sup>Senão que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me adverte dizendo que me aguardam cadeias e tribulações. <sup>24</sup>Mas de forma alguma considero minha vida preciosa a mim mesmo, contanto que leve a bom termo a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus: dar testemunho do Evangelho da graça de Deus. <sup>25</sup>Agora, porém, estou certo de que não mais vereis minha face, vós todos entre os quais passei proclamando o Reino. <sup>26</sup>Eis por que eu o atesto, hoje, diante de vós: estou puro do sangue de todos, <sup>27</sup>pois não me esquivei de vos anunciar todo o desígnio de Deus para vós. <sup>28</sup>Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho: nele o Espírito

Santo vos constituiu guardiães, para apascentardes a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu próprio Filho. <sup>29</sup>Bem sei que, depois de minha partida, introduzir-se-ão entre vós lobos vorazes que não pouparão o rebanho. <sup>30</sup>Mesmo do meio de vós surgirão alguns falando coisas pervertidas, para arrastarem atrás de si os discípulos. <sup>31</sup>Vigiai, portanto, lembrados de que, durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós. <sup>32</sup>Agora, pois, recomendo-vos a Deus e à palavra de sua graça, que tem o poder de edificar e de vos dar a herança entre todos os santificados.

<sup>33</sup>De resto, não cobicei prata, ouro, ou vestes de ninguém: <sup>34</sup>vós mesmos sabeis que, às minhas precisões e às de meus companheiros, proveram estas mãos. <sup>35</sup>Em tudo vos mostrei que é afadigando-nos assim que devemos ajudar os fracos, tendo presentes as palavras do Senhor Jesus, que disse: ‘Há mais felicidade em dar que em receber’”. <sup>36</sup>Após estas palavras, ajoelhou-se, e orou com todos eles. <sup>37</sup>Todos, então, prorromperam num choro convulsivo. E, lançando-se ao pescoço de Paulo, beijavam-no, <sup>38</sup>veementemente aflitos, sobretudo pela palavra que dissera: que não mais haveriam de ver a sua face. E acompanharam-no até o navio.

No discurso de despedida pronunciado à comunidade cristã de Mileto e aos anciãos de Éfeso, Paulo não se limita a lhes apresentar um resumo da sua existência (At 20:17 a 21). Desde que conhecera o Cristo na estrada de Damasco (At 9:1 a 18), procurou servi-lo incondicionalmente com humildade e fé (At 20:19). Lembra aos amigos como e por que ele se transformou em *prisioneiro do Cristo* (At 20:22), por livre e espontânea vontade, expressão assim esclarecida por nota da *Bíblia de Jerusalém*:

Deixando-se conduzir pelo Espírito numa viagem que terminará em seu cativeiro, Paulo se considera prisioneiro do Espírito Santo [Jesus]. – Outra tradução: *preso em espírito*, moralmente prisioneiro.<sup>16</sup>

Prosseguindo, Paulo orienta a todos os presentes estarem sempre atentos ao cumprimento da mensagem do Messias de Deus, cuidando com zelo do rebanho do Senhor, pois todos eles, os cristãos, seriam considerados os seus guardiães (At 20:28). Também os alerta contra as ciladas dos mentirosos, perseguidores e mistificadores os quais, como lobos vorazes, não pouparão o rebanho (At 20:29 a 31). Ao final, suplica as bênçãos de Deus para todos os servidores sinceros (At 20:32), pede-lhes para levarem uma vida modesta como ele próprio procurou viver (At 20:33 e 34), buscando sempre auxiliar os fracos, “[...] tendo presente as palavras do Senhor Jesus: ‘Há mais felicidade em dar que em receber’” (At 20:35).

Concluído o emocionante discurso, Paulo ajoelhou e orou em conjunto com os presentes (At 20:36), os quais choravam profusamente para, em

seguida, abraçá-lo e beijá-lo (At 20:37). Todos estavam tristes por compreenderem que não mais lhe veriam a face do apóstolo naquela existência (At 20:25 e 38). No mesmo dia, acompanharam-no até o porto de Mileto, onde o venerável apóstolo pegaria um navio que o conduziria a Jerusalém, que, segundo suas próprias palavras, não sabia dizer o que lhe aconteceria ali (At 20:22):

Todo o comentário que fizéssemos desta cena tocante não teria o colorido preciso para deixar ver a humildade, o desapego que ela encerra, e o espírito do dever que ressalta como uma luz cintilante neste magnífico quadro que retrata o puro Cristianismo do Nazareno.

É de notar que Paulo, apresentando-se como o exemplo vivo da Fé e do Amor cristãos, fazia muita questão de salientar a seus discípulos a sua vida, absolutamente livre das injunções do ouro.

Nessa bela exposição, que ele fez aos presbíteros de Éfeso e de Mileto, não esqueceu de dizer que o seu ministério esteve sempre isento das influências monetárias, que tanto prejudicam a Palavra de Deus [...].<sup>17</sup>

A História nos revela que Paulo concluiria a sua terceira viagem missionária em Jerusalém, de onde planejara viajar para Roma. De fato, ele vai até Roma, não como evangelizador, mas como prisioneiro dos romanos. Merece o registro de que as tocantes despedidas de Paulo, primeiramente junto a João e discípulos de Éfeso, depois em Mileto, são indícios de que, intuitivamente, ele sabia que algo terrível lhe aconteceria em Jerusalém.

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 20:1-6, p. 1939.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 4 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 20:7-16, p. 1940.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.



- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 20:7. Nota de rodapé “a”, p. 1940.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 48, p. 317.
- 7 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *Paulo vai de novo à Macedônia e à Grécia – o sono de Êutico*, p. 173.
- 8 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *A viagem de Paulo a Mileto*, p. 174.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Assós, p. 127.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Mitilene, p. 829.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Quios, p. 1030.
- 12 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Samos, p. 1100 e 1101.
- 13 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Trógilo, p. 1359.
- 14 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Mileto, p. 819 e 820.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 20:17 a 38, p. 1940 e 1941.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 20:22. Nota de rodapé “d”, p. 1940.
- 17 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim, 2006. cap. *A viagem de Paulo a Mileto*, p. 176.

# SUBIDA A JERUSALÉM. CHEGADA DE PAULO A JERUSALÉM. PRISÃO DE PAULO (AT 21:1 A 40)

Paulo tinha urgência de chegar à capital dos judeus não só para encontrar os amigos da Casa do Caminho e prestar-lhes contas das suas ações, mas também para informar-lhes sobre os seus planos de viajar a Roma para pregar o Evangelho. Na verdade, durante a última estadia em Corinto, Paulo escrevera uma missiva aos cristãos de Roma (*Epístola aos romanos*) informando-os a respeito da sua viagem. Nessa ocasião, o ex-rabino reuniu-se os discípulos com a finalidade de organizar uma equipe para viajarem juntos à Cidade dos Césares. Entretanto, só contou com o apoio de Silas e Lucas, uma vez que os demais estavam comprometidos com as inúmeras atividades das comunidades cristãs da Ásia Menor e da Grécia:

[...] De toda a assembleia, dois apenas poderiam acompanhá-lo. Paulo, todavia, mostrou-se conformado e satisfeitíssimo. Bastavam-lhe Silas e Lucas, habituados aos seus métodos de propaganda e com os mais belos títulos de trabalho e dedicação à causa de Jesus.<sup>1</sup>

É importante destacar que havia outro motivo para a urgência de Paulo viajar a Jerusalém, manifestada logo após a planificação da viagem a Roma e a escolha dos discípulos que viajariam com ele: tratava-se de um apelo que o Apóstolo Tiago, filho de Alfeu, lhe enviara em uma carta entregue por um mensageiro. Emmanuel esclarece a respeito:

Tudo corria às maravilhas, o plano combinado auspiciava grandes esperanças, quando, no dia imediato, um peregrino, pobre e triste, surgia em Corinto, desembarcado de uma das últimas embarcações chegadas ao Peloponeso para a ancoragem longa do inverno. Vinha de Jerusalém, bateu às portas da igreja e procurou insistentemente Paulo, a fim de entregar-lhe uma carta confidencial. Defrontando o singular mensageiro, o apóstolo surpreendeu-se. Tratava-se do irmão Abdias, a quem Tiago incumbira de entregar a carta ao ex-rabino. Este, tomou-a e desdobrou-a um tanto nervoso.

À medida que ia lendo, mais pálido se fazia.<sup>1</sup>

A carta trazia informações preocupantes decorrentes das persistentes perseguições desencadeadas pelas autoridades religiosas, torturando e perseguindo cristãos, a ponto de Simão Pedro ter fugido:

[...] Tiago avisava que a igreja sofria nova e violentíssima perseguição do Sinédrio. Os rabinos haviam decidido reatar o fio das torturas infligidas aos cristãos. Simão Pedro fora banido da cidade. Grande número de confrades era alvo de novas perseguições e martírios. A igreja fora assaltada por fariseus sem consciência e só não sofrera depredações de maior vulto em virtude do respeito que o povo lhe consagrava. Dentro de suas atitudes conciliatórias, conseguira aplacar os ânimos mais exaltados, mas o Sinédrio alegava a necessidade de um entendimento com Paulo, a fim de conceder tréguas. A ação do Apóstolo dos Gentios, incessante e ativa, conseguira lançar as sementes de Jesus em toda parte. De todos os lados, o Sinédrio recebia consultas, reclamações, notícias alarmantes. As sinagogas iam ficando desertas. Tal situação requeria esclarecimentos. Baseado nesses pretextos, o maior Tribunal dos israelitas desfechava tremendos ataques contra a organização cristã em Jerusalém. Tiago relatava os acontecimentos com grande serenidade e rogava a Paulo de Tarso não abandonasse a igreja naquela hora de lutas acerbadas. Ele, Tiago, estava envelhecido e cansado. Sem a colaboração de Pedro, temia sucumbir. Pedia, então, ao convertido de Damasco fosse a Jerusalém, afrontasse as perseguições por amor a Jesus, para que os doutores do Sinédrio e do Templo ficassem bastante esclarecidos. Acreditava que lhe não poderia advir nenhum mal, porquanto o ex-rabino saberia melhor dirigir-se às autoridades religiosas para que a causa lograsse justo êxito. A viagem a Jerusalém teria somente um objetivo: esclarecer o Sinédrio como se fazia indispensável. Depois disso, que Tiago considerava de suma importância para salvar a igreja da capital do Judaísmo, Paulo voltaria tranquilo e feliz para onde lhe aprouvesse.<sup>1</sup>

Paulo decide, então, que o seu retorno a Jerusalém deveria ser prioritário. Sendo assim, parte de Corinto para Mileto e, daí, acelerar a viagem até capital do Judaísmo (At 20:17 a 38), onde encerrará a sua terceira viagem missionária porque, logo em seguida, ele é preso, como consta em *Atos dos apóstolos* (21:15 a 26), objeto deste estudo.

## 32.1 SUBIDA A JERUSALÉM (AT 21:1 A 14)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Então, tendo-nos como que arrancado de seus braços, embarcamos e navegamos em linha reta à ilha de Cós. No dia seguinte chegamos a Rodes e, de lá, a Pátara [Mira]. <sup>2</sup>Encontrando aí um navio que fazia a travessia para a Fenícia, embarcamos e nos fizemos ao mar. <sup>3</sup>Chegando à vista de Chipre, deixamo-la à esquerda e continuamos a vogar rumo à Síria, aportando em Tiro: aí devia o navio descarregar. <sup>4</sup>Encontrando os discípulos, ficamos lá sete dias. Movidos pelo Espírito, eles diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. <sup>5</sup>Completados

os dias da nossa permanência, partimos. Todos quiseram acompanhar-nos, com suas mulheres e crianças, até fora da cidade. Na praia pusemo-nos de joelhos, para orar. <sup>6</sup>Depois, despedimo-nos mutuamente e embarcamos. Eles voltaram para suas casas. <sup>7</sup>Quanto a nós, concluindo nossa viagem, de Tiro chegamos a Ptolemaida. Ali, tendo saudado os irmãos, ficamos um dia com eles. <sup>8</sup>Partindo no dia seguinte, dirigimo-nos a Cesareia. Lá dirigimo-nos à casa de Filipe, o Evangelista, que era um dos Sete, com quem nos hospedamos. <sup>9</sup>Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam. <sup>10</sup>Enquanto passávamos aí vários dias, desceu da Judeia um profeta, chamado Ágabo. <sup>11</sup>Vindo ter conosco, ele tomou o cinto de Paulo e, amarrando-se de pés e mãos, declarou: “Isto diz o Espírito Santo: assim os judeus prenderão, em Jerusalém, o homem a quem pertence este cinto, e o entregarão às mãos dos gentios”. <sup>12</sup>Ao ouvirmos essas palavras, nós e os do lugar começamos a suplicar a Paulo que não subisse a Jerusalém. <sup>13</sup>Mas ele respondeu: “Que estais fazendo, chorando e afligindo o meu coração? Pois estou pronto, não somente a ser preso, mas até a morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus”. <sup>14</sup>Como não se deixasse persuadir, aquietamo-nos, dizendo: “Seja feita a vontade do Senhor!”

O atual relato de *Atos dos apóstolos* indica a viagem marítima de Paulo, de Mileto para Jerusalém, em companhia de alguns companheiros, iniciada logo após a reunião que o apóstolo tivera com os cristãos da cidade e com os anciãos de Éfeso, especialmente convidados na ocasião (At 20:17 a 38). Apresentamos, em seguida, breves informações do roteiro das cidades percorridas (At 21:1 a 8; 15) antes de Paulo chegar a Jerusalém, onde seria preso:

- » Cós: nome de uma ilha da Ásia Menor, atualmente denominada *Stanko* ou *Atanchi*, situada dentro de um golfo, próxima de Rodes, local de frequentes terremotos. Cós é famosa pelas suas vinhas, produção de óleo de azeite e púrpuras.<sup>3</sup>
- » Rodes: ilha da costa da *Cária*, Ásia Menor, cuja capital tem o mesmo nome. É notável pelas plantações de laranjas e cidras. Esta ilha fazia parte do percurso dos grandes navios costeiros voltados para o comércio, de importância semelhante aos navios de Alexandria e de Cartago. *Rodes* ficou muito conhecida pela enorme estátua, de 105 pés de altura, denominada *Colossos*, que existia na entrada do seu porto, erguida em 300 ou 288 a.C. Rodes está atualmente sob a jurisdição turca.<sup>4</sup>
- » Pátara/Mira: cidade marítima situada a sudeste de *Lícia* (Anatólia-Ásia Menor). As ruínas existentes conservam o mesmo nome antigo, e tendem a desaparecer sob as areias movediças das dunas que lhes cercam.<sup>5</sup>

- » Fenícia (no grego, *Terra das tamareiras, da púrpura* ou *de gente de pele escura*): é uma faixa de terra localizada entre o mar Mediterrâneo, a cordilheira do Líbano e outras montanhas, tendo como principais cidades *Tiro* e *Sidom*. Os fenícios ali se estabeleceram desde a Antiguidade, vindos da região setentrional do deserto da Arábia. Os hebreus também se estabeleceram na região, nomeando Fenícia de *Canaã* e os seus habitantes de *cananeus*. Os fenícios eram navegadores e, sobretudo, hábeis comerciantes. Jesus visitou as costas de Tiro e Sidom (Mt 15:21; Mc 7:24, 31). Com o martírio de Estêvão, muitos cristãos fugiram para a Fenícia (At 11:19). Na sua primeira viagem missionária, Paulo e Barnabé passaram pela localidade, indo de Antioquia para Jerusalém (At 15:3).<sup>6</sup>
- » Chipre: famosa ilha grega, situada em ponto geograficamente estratégico, na parte setentrional do Mediterrâneo, cerca de 65 Km da costa da Cilícia, 96 Km da Síria e 383 do Porto de Saíde no Egito. É uma ilha montanhosa, cortada de vales, onde existiam minas de cobre muito cobiçadas no passado. *Chipre* tinha como capital a cidade de *Kition*, também conhecida como *Citium*. Era governada por um procônsul romano. É local de nascimento de Barnabé, uns dos diáconos da Casa do Caminho (ou Igreja Cristã de Jerusalém), tio do Evangelista *João Marcos*, amigo de Paulo, que o acompanhou na sua primeira viagem missionária (At 11:19 e 20; 13:4; 15:39). Desde 1571 a ilha foi incorporada à Turquia.<sup>7</sup>
- » Síria (abreviatura da palavra *Assíria*): país situado ao longo da costa oriental do Mediterrâneo. Compreendia a maior parte das regiões designadas no *Antigo Testamento* pelos nomes de *Canaã* e *Arã*. A Síria era a mais importante das províncias do reino dos Selêucidas, cuja capital era *Babilônia*. Mais tarde, sob influência grega, fundou-se a cidade de Antioquia da Síria (onde nasceu o Evangelista Lucas), também conhecida *Antioquia-nos-Orontes*, mantendo-se independente das demais províncias.<sup>8</sup> É domínio turco.
- » Tiro (do hebraico *Çôr*, relativo a *Çur = a rocha*): importante cidade fenícia, de remota Antiguidade, depois de Sidom. Acredita-se que a cidade teria sido fundada há mais de 2750 anos a.C. Inicialmente, o seu nome era *Tera*, uma cidade situada no continente, conhecida como *Palatiros* ou *Velha Tiro*; mas, para fugir dos frequentes ataques, foi transferida para uma ilha, tornando-se uma cidade

marítima e portuária que recebeu o nome de Tiro. A sua localização geográfica a fazia mais próxima dos hebreus, sendo que no século XV a.C. foi dominada pelo Egito. No ano 638 a cidade caiu sob o domínio islâmico, criando muitos embaraços aos cristãos e judeus que ali viviam. Em 1124 a cidade foi tomada dos mulçumanos pelos cruzados, mas em 1291 os maometanos a recuperaram, encontrando-a reduzida a um monte de ruínas. Permanece até hoje sob o domínio islâmico. Em razão da conhecida prática comercial, os seus comerciantes representavam a elite, recebendo o título de príncipes. Foram os habitantes de Tiro, denominados *tiros*, que fundaram Cartago, conhecida rival de Roma.<sup>9</sup>

- » Ptolemaida: Porto de *Acre* (ou *Aco*, como era mais conhecida no *Antigo Testamento*) situado ao norte do monte Carmelo, ao sul da Fenícia, assim nomeada por Ptolomeu I ou II (não se sabe com certeza), faraó egípcio, no final do século terceiro ou no início de segundo século a.C. Este porto fazia várias ligações com a Galileia e o seu lago no vale do Jordão. Ptolemaida foi local de muitas lutas. Uma delas exerceu papel preponderante na libertação dos judeus contra os macabeus. Quando Paulo passou por ali, quase ao final da sua terceira viagem missionária, a cidade era domínio romano. Após a saída dos romanos, a cidade voltou a ser denominada Aco, nome que permanece atualmente, mantendo concorrência com a cidade de *Haifa*, situada do outro lado da baía.<sup>10</sup>
- » Cesareia (do grego, *pertencente a César*): também conhecida como Cesareia da Palestina ou Cesareia Marítima, é cidade localizada na costa da Palestina, construída por Herodes, o Grande, ao longo de doze anos, entre 25 e 13 a.C. Ali foi erguido um imenso porto, tão grande quanto o de Atenas; um teatro e um anfiteatro. O nome da cidade foi uma homenagem de Herodes ao imperador romano, à época Augusto César, transformando-a em capital romana da Palestina. À época do rei Agripa II da Palestina, a cidade foi toda embelezada e mudou o nome para *Nerônias*, em homenagem ao imperador romano Nero. Mas com a morte de Nero, a cidade voltou a ser denominada Cesareia. A igreja cristã que ali se ergueu, deveu-se a Filipe, um dos diáconos da Igreja do Caminho (ou Igreja Cristã de Jerusalém), que ali fixou residência. Foi em Cesareia que Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, morreu. Jesus esteve em Cesareia pelo menos uma vez, assinalando a passagem

evangélica em que ele pergunta aos apóstolos: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” (Mt 16:13; Mc 8:27). Paulo passou pela cidade sempre que subia a Jerusalém e, também, ali ficou preso por dois anos, após a terceira viagem missionária, antes de ser levado a Roma. Atualmente, a cidade foi reduzida a uma simples aldeia com o nome de *Banias*, perdendo toda a opulência do passado.<sup>11</sup> É cidade do Estado de Israel.

Lucas registra neste texto a urgência de Paulo quanto ao seu retorno a Jerusalém, ainda que ambos pressentissem que algo ruim estava por acontecer. Este sentimento foi reforçado pelos confrades de Tiro, conforme consta em *Atos* (21:4): *Encontrando os discípulos, ficamos lá sete dias. Movidos pelo Espírito, eles diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém.* Posteriormente, o pressentimento foi substituído por informações vindas diretamente do Plano Espiritual, como um alerta, na seguinte mensagem mediúnica captada pelo médium Ágabo, quando o grupo já se encontrava em Cesareia, hospedado na residência de Filipe, um dos sete diáconos da Casa do Caminho (At 21:7 a 12):

Quanto a nós, concluindo nossa viagem, de Tiro chegamos a Ptolemaida. Ali, tendo saudado os irmãos, ficamos um dia com eles. Partindo no dia seguinte, dirigimo-nos a Cesareia. Lá dirigimo-nos à casa de Filipe, o Evangelista, que era um dos Sete, com quem nos hospedamos. Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam. Enquanto passávamos aí vários dias, desceu da Judeia um profeta, chamado Ágabo. Vindo ter conosco, ele tomou o cinto de Paulo e, amarrando-se de pés e mãos, declarou: “Isto diz o Espírito Santo: assim os judeus prenderão, em Jerusalém, o homem a quem pertence este cinto, e o entregarão às mãos dos gentios”. Ao ouvirmos essas palavras, nós e os do lugar começamos a suplicar a Paulo que não subisse a Jerusalém.

Mensagem mais clara é impossível. Entretanto, a despeito da preocupação dos discípulos, Paulo armou-se de coragem, fé e resignação, respondendo-lhes: *Que estais fazendo, chorando e afligindo o meu coração? Pois estou pronto, não somente a ser preso, mas até a morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus* (At 21:13). Conformados, os seus amigos acalmaram, informa *Atos* (21:14): *Como não se deixasse persuadir, aquietamo-nos, dizendo: Seja feita a vontade do Senhor!*

É importante refletirmos a respeito da persistente decisão de Paulo de viajar para Jerusalém, especialmente quando se considera que não apenas os amigos, mas ele próprio também estava envolvido por maus pressentimentos, como comprovam as despedidas que, sistematicamente, ele vinha

realizando desde Éfeso. A pergunta que se faz é: por que Paulo agia dessa forma? Sabemos que o seu comportamento não era resultante da imprudência ou insensatez. Pensando a respeito, vamos encontrar a resposta a essa indagação quando nos reportamos ao momento em que Paulo se encontrava em Corinto e, após ter planejado a viagem a Roma (idealizada desde a sua estadia em Éfeso) com Lucas e Silas, recebeu um mensageiro que lhe trazia uma carta de Tiago, filho de Alfeu (reveja o Tema 31). Na verdade, a carta não produziu boa impressão a Paulo no primeiro momento, como esclarece Emmanuel:

Paulo de Tarso terminou a leitura e lembrou o passado. Com que direito lhe fazia o apóstolo galileu semelhante pedido? Tiago sempre se colocara em posição antagônica. Em que pesasse à sua índole impetuosa, franca, inquebrantável, não podia odiá-lo; entretanto, não se sentia perfeitamente afim com o filho de Alfeu, a ponto de se tornar seu companheiro adequado em lance tão difícil. Procurou um recanto solitário da igreja, sentou-se e meditou. Experimentando certas relutâncias íntimas em renunciar à partida para Roma, não obstante o projeto formulado em Éfeso nas vésperas da revolução dos ourives, de só visitar a capital do império depois de nova excursão a Jerusalém, procurou consultar o Evangelho, por desfazer tão grande perplexidade. Desenrolou os pergaminhos e, abrindo-os ao acaso, leu a advertência das anotações de Levi: *“Concilia-te depressa com o teu adversário”*.<sup>12</sup>

O versículo de *Mateus*, fez Paulo compreender que lhe chegara ao entendimento, “[...] um alvitre divino para que não desprezasse a oportunidade de estabelecer com o apóstolo galileu os laços sacrossantos da mais pura fraternidade. Não era justo alimentar caprichos pessoais na obra do Cristo. [...]”.<sup>12</sup> Em seguida, recordou com tristeza as perseguições que ele realizara contra os cristãos da Casa do Caminho. Lembrou também que

[...] Jesus o chamara para o divino serviço, às portas de Damasco; que, desde então, sofrera e pregara, sacrificando a si mesmo e ensinando as verdades eternas, organizando igrejas amorosas e acolhedoras, onde os “filhos do Calvário” tivessem consolo e abrigo [...].<sup>12</sup>

Envolvido por essas e outra lembranças, o valoroso Apóstolo dos Gentios decide que deve, sim, retornar a Jerusalém, e enfrentar frente a frente todos os desafios que ali surgiriam em seu caminho:

[...] mas não conseguia furtar-se de certas preocupações imperiosas e aparentemente insolúveis. Como proceder em Jerusalém? Que espécie de esclarecimentos deveria prestar aos rabinos do Sinédrio? Qual o testemunho que competia dar?



Grandemente apreensivo, adormeceu aquela noite, depois de pensamentos torturantes e exaustivos. Sonhou, porém, que se encontrava em longa e clara estrada tonalizada de maravilhosos clarões opalinos. Não dera muitos passos, quando foi abraçado por duas entidades carinhosas e amigas. Eram Jeziel e Abigail, que o enlaçavam com indizível carinho. Extasiado, não pôde murmurar uma palavra. Abigail agradeceu-lhe a ternura das lembranças comovidas em Corinto, falou-lhe dos júbilos do seu coração e rematou com alegria:

– Não te inquietes, Paulo. É preciso ir a Jerusalém para o testemunho imprescindível.

No íntimo, o apóstolo reconsiderava o plano de excursão a Roma, no seu nobre intuito de ensinar as verdades cristãs na sede do império. Bastou pensá-lo, para que a voz querida se fizesse ouvir novamente, em timbre familiar:

– Tranquiliza-te, porque irás a Roma cumprir um sublime dever; não, porém, como queres, mas de acordo com os desígnios do Altíssimo...

E logo esboçando angelical sorriso:

– Depois, então, será a nossa união eternal em Jesus Cristo, para a divina tarefa do amor e da verdade à luz do Evangelho.<sup>12</sup>

## 32.2 CHEGADA DE PAULO A JERUSALÉM (AT 21:15 A 26)<sup>13</sup>

<sup>15</sup>Depois desses dias, tendo-nos preparado, começamos a subir a Jerusalém.

<sup>16</sup>Acompanharam-nos alguns dos discípulos de Cesareia, e nos levaram à casa de certo Mnason, de Chipre, antigo discípulo, com quem nos deveríamos hospedar. <sup>17</sup>Ao chegarmos a Jerusalém, receberam-nos os irmãos com alegria.

<sup>18</sup>No dia seguinte, Paulo foi conosco à casa de Tiago, onde todos os anciãos se reuniram. <sup>19</sup>Depois de havê-los saudado, começou a expor minuciosamente o que Deus fizera entre os gentios por seu ministério.

<sup>20</sup>Eles, ouvindo-o, glorificavam a Deus. Mas depois disseram-lhe: “Tu vês, irmão, quantos milhares de judeus há que abraçaram a fé, e todos são zeladores da Lei! <sup>21</sup>Ora, foram informados, a teu respeito, que ensinas todos os judeus, que vivem no meio dos gentios, a apostatarem de Moisés, dizendo-lhes que não circuncidem mais seus filhos nem continuem a seguir suas tradições. <sup>22</sup>Que fazer? Certamente há de aglomerar-se a multidão, ao saberem que chegaste. <sup>23</sup>Faze, pois, o que te vamos dizer. Estão aqui quatro homens que têm a sua promessa a cumprir.

<sup>24</sup>Leva-os contigo, purifica-te com eles, e encarrega-te das despesas para que possam mandar raspar a cabeça. Assim todos saberão que nada existe do que se propala a teu respeito, mas que andas firmes, tu também na observância da Lei. <sup>25</sup>Quanto aos gentios que abraçaram a fé, já lhes escrevemos sobre nossas decisões: que se abstenham das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas e das uniões ilegítimas”. <sup>26</sup>Paulo, então, levou os homens consigo. No dia seguinte purificou-se com eles e entrou no Templo,

comunicando o prazo em que, terminados os dias da purificação, devia ser oferecido o sacrifício na intenção de cada um deles.

Enquanto se preparavam para a viagem (At 21:15), chega em Cesareia um emissário de Jerusalém, de nome *Mnason*, um judeu de Chipre convertido ao Cristianismo, que apresenta a Paulo e demais discípulos (At 21:16), alguns alertas e orientações:

A impressão dos vaticínios de Ágabo ainda não havia desaparecido, quando a casa de Filipe recebeu nova surpresa, no dia imediato. Os cristãos de Cesareia levaram à presença do ex-rabino um emissário de Tiago, de nome Mnason. O apóstolo galileu [Tiago] soubera da chegada do convertido de Damasco ao porto palestinese e dera-se pressa em se comunicar com ele, mediante um portador devotado à causa comum. Mnason explicou ao ex-rabino o motivo de sua presença, advertindo-o dos perigos que arrostaría em Jerusalém, onde o ódio sectarista esfervilhava e atingia as mais atrozes perseguições. Dadas a exaltação e a vigilância do Judaísmo, Paulo não deveria procurar imediatamente a igreja, mas, hospedar-se em casa dele, mensageiro, onde Tiago iria falar-lhe em particular e assim resolverem o que melhor conviesse aos sagrados interesses do Cristianismo. Isto posto, o Apóstolo dos Gentios seria recebido na instituição de Jerusalém, para discutir com os atuais diretores os destinos da casa.

Paulo achou muito razoáveis os cuidados e sugestões de Tiago, mas preferiu seguir os alvitre verbais do portador.<sup>14</sup>

Finalmente Paulo, Lucas e Silas, acompanhados de alguns discípulos de Cesareia, viajam para Jerusalém, dirigindo-se para a casa de *Mnason*, discípulo de Chipre (At 21:17), onde ficam hospedados:

Angustiosas sombras pairavam no espírito dos companheiros do grande apóstolo, quando a caravana, seguida de Mnason, se deslocou de Cesareia para a capital do Judaísmo. Como sempre, Paulo de Tarso anunciou a Boa-Nova nos burgos mais humildes.

Após alguns dias de marcha vagarosa, para que todos os trabalhos apostólicos fossem suficientemente atendidos, os discípulos do Evangelho transpuseram as portas da cidade dos rabinos, assomados de graves preocupações.

Envelhecido e alquebrado, o Apóstolo dos Gentios contemplou os edifícios de Jerusalém, demorando o olhar na paisagem árida e triste que lhe recordava os anos da mocidade tumultuosa e morta para sempre. Elevou o pensamento a Jesus e pediu-lhe que o inspirasse no cumprimento do sagrado ministério.<sup>14</sup>

No dia seguinte procuraram Tiago na Casa do Caminho, onde fizeram uma reunião na presença dos anciãos (At 21:18). Tiago faz uma breve retrospectiva do ministério de Paulo entre os povos gentílicos, glorificando a Deus pela quantidade de gentios que se converteram à fé cristã, assim como

também judeus, que se tornaram zeladores da Lei (At 21:19 e 20). Contudo, destaca Tiago, chegara notícias às autoridades do Judaísmo que, em razão das pregações de Paulo, os judeus estavam convivendo com gentios, fazendo apostasia contra Moisés, por dizer-lhes para não mais circuncidarem os seus filhos (At 21:21). Tiago admite que, assim que o povo soubesse da presença de Paulo em Jerusalém, ocorreriam aglomerações (At 21:22). Na tentativa de evitar maiores desentendimentos, o filho de Alfeu propõe sejam tomadas as seguintes medidas, enfatizando (At 21:22 a 24):

Que fazer? Certamente há de aglomerar-se a multidão, ao saberem que chegaste. Faze, pois, o que te vamos dizer. Estão aqui quatro homens que têm a sua promessa a cumprir. Leva-os contigo, purifica-te com eles, e encarrega-te das despesas para que possam mandar raspar a cabeça. Assim todos saberão que nada existe do que se propala a teu respeito, mas que andas firme, tu também na observância da Lei.

Paulo assim procedeu, fez a purificação indicada por Tiago e, passados os sete dias prescritos após a purificação, foi ao Templo com os quatro homens para fazer os sacrifícios prescritos pela norma judaica (At 21:26).

### 32.3 PRISÃO DE PAULO (AT 21:27 A 40)<sup>15</sup>

<sup>27</sup>Os sete dias estavam chegando ao fim, quando os judeus da Ásia, tendo-o percebido no Templo, amotinaram toda a multidão e o agarraram, <sup>28</sup>gritando: “Homens de Israel, socorro! Este é o indivíduo que fala a todos e por toda parte contra o nosso povo, a Lei e este Lugar! Além disso, trouxe gregos para dentro do Templo, assim profanando este santo Lugar”. <sup>29</sup>De fato, viram antes a Trófilo, o efésio, com ele na cidade, e julgavam que Paulo o houvesse introduzido no Templo. <sup>30</sup>A cidade toda agitou-se e houve aglomeração do povo. Apoderaram-se de Paulo e arrastaram-no para fora do Templo, fechando-se imediatamente as portas. <sup>31</sup>Já procuravam matá-lo, quando chegou ao tribuno da coorte a notícia: “Toda Jerusalém está amotinada!” <sup>32</sup>Ele imediatamente destacou soldados e centuriões e arremeteu contra os manifestantes. Estes, à vista do tribuno e dos soldados, cessaram de bater em Paulo. <sup>33</sup>Aproximou-se então o tribuno, deteve-o e mandou que o prendessem com duas correntes; depois perguntou quem era e o que havia feito. <sup>34</sup>Uns gritavam uma coisa, outros outra, na multidão. Não podendo, pois, obter uma informação segura, por causa do tumulto, ordenou que o conduzissem para a fortaleza. <sup>35</sup>Quando chegou aos degraus, Paulo teve de ser carregado pelos soldados, por causa da violência da multidão. <sup>36</sup>Pois a massa do povo o seguia, gritando: “À morte com ele!” <sup>37</sup>Estando para ser recolhido à fortaleza, disse Paulo ao tribuno: “É-me permitido dizer-te uma palavra?” Repliquou o tribuno: “Sabes o grego? <sup>38</sup>Não és tu,

acaso, o egípcio que, dias atrás, sublevou e arrastou ao deserto quatro bandidos?” <sup>39</sup>Respondeu-lhe Paulo: “Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne. Agora, porém, peço-te: permite-me falar ao povo”. <sup>40</sup>Dando-lhe ele a permissão, Paulo, de pé sobre os degraus, fez sinal com a mão ao povo. Fazendo-se grande silêncio, dirigiu-lhes a palavra em língua hebraica.

A entrada de Paulo no Templo acompanhado de gregos convertidos ao Cristianismo foi considerada uma profanação pelos intransigentes religiosos, provocando alardes pela cidade e aglomeração do povo (At 21:28 a 30). Apoderam-se de Paulo, procurando matá-lo (At 21:30 e 31), que só não aconteceu porque um destacamento de soldados e centuriões romanos impediram, retirando Paulo das garras da multidão insana que não cessavam de agredi-lo (At 21:32). Paulo foi detido e conduzido à prisão na Fortaleza de Antônia, local da guarda de César, pelo tribuno romano que procurava ganhar tempo para entender o motim da multidão, que os seguiam gritando: *À morte com ele* (At 21:33 a 35). Prisioneiro dos romanos, ainda que muito ferido, Paulo declara-se ao tribuno como judeu de Tarso e lhe pede para falar ao povo (At 21:37 a 39). Recebendo a permissão, fez-se um grande silêncio e Paulo fala à multidão na tentativa de esclarecê-la (At 21:40).

Emmanuel transmite detalhes desses momentos dolorosos que Paulo foi submetido, ocorridos no Templo de Jerusalém, após a purificação imposta pela lei judaica, à qual ele se submeteu.

O comparecimento de Paulo de Tarso no Templo, acompanhando quatro irmãos de raça, em mísero estado de pobreza, a fim de com eles purificar-se e pagar-lhes as despesas do voto, causou enorme sensação em todos os círculos do farisaísmo. Acenderam-se discussões violentas e rudes. Assim que viu o ex-rabino humilhado, o Sinédrio pretendia impor sentenças novas. Já não lhe bastavam as imposições anteriores. No segundo dia da santificação, o movimento popular crescera no Templo em proporções assustadoras. Todos queriam ver o célebre doutor que enlouquecera às portas de Damasco, devido ao sortilégio dos galileus. Paulo observava a efervescência do cenário em torno da sua personalidade e pedia a Jesus não lhe faltasse com as energias suficientes. No terceiro dia, à falta de outro pretexto para condenação maior, alguns doutores alegaram que Paulo tinha o atrevimento de se fazer acompanhar aos lugares sagrados por um homem de origem grega, estranho às tradições israelitas. Trófilo nascera em Antioquia, de pais gregos, tendo vivido muitos anos em Éfeso; entretanto, apesar do sangue que lhe corria nas veias, conhecia os preceitos do Judaísmo e portava-se, nos recintos consagrados ao culto, com inexcusável respeito. As autoridades, contudo, não quiseram ponderar tais particularidades. Era preciso condenar Paulo de Tarso novamente, haviam de fazê-lo a qualquer preço.<sup>16</sup>

Paulo percebeu, de imediato, que nada agradaria as autoridades do Judaísmo, sobretudo aos fariseus que eram alimentados por um ódio implacável. Independentemente do que fizesse, ele já estaria condenado, mesmo se submetesse a qualquer sacrifício ou ato pacificador:

Na véspera do último dia da purificação judaica, o convertido de Damasco compareceu às cerimônias com a mesma humildade. Logo, porém, que se colocou em posição de orar ao lado dos companheiros, alguns exaltados o cercaram com expressões e atitudes ameaçadoras.

– Morte ao desertor!... Pedras à traição! – gritou uma voz estentóric, abalando o recinto.

Paulo teve a impressão de que esses brados eram a senha para maiores violências, porque, imediatamente, estourou uma gritaria infernal. Alguns judeus frementes agarram-no pela gola da túnica outros travaram-lhe os braços, violentamente, arrastando-o para o grande pátio reservado aos movimentos do grande público.

– Pagarás teu crime!... diziam uns.

– É necessário que morras! Israel se envergonha de tua presença no mundo!

– bradavam outros mais furiosos.

O Apóstolo dos Gentios entregou-se sem a mínima resistência. [...].<sup>16</sup>

Paulo caiu prisioneiro, primeiro da massa popular insana, depois dos romanos. Não perdeu, contudo, a lucidez que lhe era característica. Naqueles momentos angustiosos, ele analisou e entendeu a profundidade dos objetivos de

[...] sua vinda a Jerusalém, concluindo que não fora convocado tão só para a obrigação pueril de acompanhar ao Templo quatro irmãos de raça, desolados na sua indigência. Cumpria-lhe afirmar, na cidade dos rabinos, a firmeza de suas convicções. Entendia, agora, a sutileza das circunstâncias que o conduziam ao testemunho. Primeiramente, a reconciliação e o melhor conhecimento de um companheiro como Tiago, obedecendo a uma determinação que lhe parecera quase infantil; em seguida, o grande ensejo de provar a fé e a consagração de sua alma a Jesus Cristo. Com enorme surpresa, tomado de profundas e dolorosas reminiscências, notou que os israelitas exaltados deixavam-no à mercê da multidão furiosa, justamente no pátio onde Estêvão havia sido apedrejado vinte anos atrás. Alguns populares desvairados arrebatarem-no à força, prendendo-o ao tronco dos suplícios. Engolfado nas suas lembranças, o grande apóstolo mal sentia os bofetões que lhe aplicavam. Rápido, arregimentou as mais singulares reflexões. Em Jerusalém, o Mestre Divino padecera os martírios mais dolorosos; ali mesmo, o generoso Jeziel se imolara por amor ao Evangelho, sob os golpes e chufas da população. Sentiu-se então envergonhado pelo suplício infligido ao irmão de Abigail, oriundo de suas próprias iniciativas. Somente agora, atado ao poste do sacrifício, compreendia a extensão do

sofrimento que o fanatismo e a ignorância causavam ao mundo. E refletiu: – O Mestre é o Salvador dos homens e aqui padeceu pela redenção das criaturas. Estêvão era seu discípulo, devotado e amoroso, e aqui experimentou, igualmente, os suplícios da morte. Jesus era o Filho de Deus. Jeziel era seu apóstolo. E ele? Não estava ali o passado a reclamar resgates dolorosos? Não seria justo padecer muito, pelo muito que martirizara os outros? Era razoável que sentisse alegria naqueles instantes amargos, não só por tomar a cruz e seguir o Mestre bem-amado, como por ter tido o ensejo de sofrer o que Jeziel havia experimentado com grande amargura.

Essas reflexões proporcionavam-lhe algum consolo. A consciência sentia-se mais leve. [...].<sup>16</sup>

O seguinte mapa, acompanhado de breve resumo, ilustra a terceira viagem missionária de Paulo:



Disponível em: <https://www.respostas.com.br/apostolo-paulo/>

Na terceira viagem (do ano 53 ao 57/58), Paulo partiu de Antioquia da Síria e foi, novamente, à Galácia e à Frígia. Daí foi para Éfeso onde permaneceu cerca de três anos. Manteve contato próximo com o Apóstolo João Boanerges, irmão de Tiago Maior, conheceu Maria de Nazaré, e, nesta cidade escreveu as cartas aos *Gálatas* e a *Primeira epístola aos coríntios*. De Éfeso partiu para o Norte (Trôade), depois foi para a Macedônia onde ficou alguns meses, de onde escreveu a segunda carta aos *Coríntios*. Da Macedônia foi novamente para Corinto, onde escreveu a *Epístola aos romanos*. Posteriormente, Paulo retorna à Macedônia, passando o dia de Páscoa em Filipos. Inicia a viagem de regresso, por mar, fazendo escala em diversos portos, como os de Miletos, Rodes, Pátara, Tiro, Ptolemaida até, finalmente, aportar em Cesareia. Sobe a

Jerusalém onde se encontra com Tiago, filho de Alfeu, que o aconselha realizar a cerimônia de purificação no Templo, com a finalidade de silenciar aqueles que o acusavam de ser um temível adversário da lei de Moisés. Paulo é atacado gravemente pela multidão, insuflada pelo ódio dos sacerdotes judeus, e, em seguida, é aprisionado por um tribuno romano, que o livra de ser morto pelo povo. Conclui, assim, a sua terceira viagem missionária.

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 21:1-14, p. 1941 e 1942.
- 3 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cós, p. 275.
- 4 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Rodes, p.106.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Pátara, p. 933.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Fenícia, p. 478 e 479.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Chipre, p. 253.
- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Síria, p. 1168.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Tiro, p. 1224 e 1227.
- 10 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Ptoleimada, p. 1115 e 1116.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cesareia, p. 250 e 251.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 21:15-26, p. 1942.

- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 7 – *As Epístolas*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 21:27-40, p. 1942 e 1943.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.



# DISCURSO DE PAULO AOS JUDEUS DE JERUSALÉM. PAULO, CIDADÃO ROMANO. COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 1ª PARTE (AT 22:1 A 30)

Vimos no estudo anterior que a terceira viagem missionária de Paulo é concluída com a sua prisão em Jerusalém. Vimos também que, quando chegou à cidade, ele se reuniu com Tiago, filho de Alfeu, que dirigia a Casa do Caminho, naquele momento, pois Simão Pedro tinha sido banido pelo Sinédrio. Na tentativa de acalmar os ânimos das autoridades do Judaísmo a respeito das notícias que chegavam sobre as conversões dos gentios ao Cristianismo por intermédio de Paulo, Tiago sugeriu que Paulo e quatro outros discípulos, de origem gentílica, que o acompanhavam se submetessem ao rito de purificação prescrita pela tradição do Judaísmo, antes de se dirigirem ao Templo para orar. Este rito da purificação consistia: “[...] os cabelos eram raspados, e então se permitia um período para que os cabelos voltassem a crescer; e, durante esse período, aquele que fizera o voto não bebia qualquer bebida alcoólica, não aparava os cabelos, nem tocava em qualquer cadáver. [...]”<sup>1</sup>. Havia outros detalhes do ritual de purificação:

[...] Toda a sua atenção, além disso, se voltava para Deus, em completa dedicação de sua vida. Então cortava novamente os seus cabelos; os que haviam crescido e os punha sobre o altar, a fim de serem queimados, tudo o que servia de símbolo de que dedicava sua força viril ao Senhor. Os cabelos também fazem parte do corpo físico, e o ato de queimar os próprios cabelos significava que o adorador entregava todo o seu ser a Deus, já que o corpo físico é o veículo da alma, o instrumento usado no serviço de Deus. [...]”<sup>1</sup>

Existiam outras cerimônias complementares ao ritual de purificação, tais como oferendas de sacrifícios de animais e doações financeiras ao Templo, o que exigia certo dispêndio financeiro. Além do mais, Paulo viveria por uma semana “[...] em companhia de quatro indivíduos paupérrimos, na câmara do Templo separada para este propósito; e então teria de pagar as despesas por dezesseis animais que seriam abatidos em sacrifício, bem como as ofertas de manjares que os acompanhariam. [...]”<sup>1</sup>

Geralmente, utilizava-se o período de trinta dias para cumprir formalmente o ritual, estando a pessoa fisicamente presente.<sup>1</sup> Paulo, entretanto, não tinha esse tempo disponível, “[...] embora a sua participação pelo espaço de uma semana e o pagamento subsequente das despesas fossem considerados como se ele mesmo tivesse cumprido o voto”<sup>1</sup>.

Paulo seguiu todas as normas do ritual. Entretanto, assim que ele entrou no Templo para orar, acompanhado de gregos convertidos ao Cristianismo, os religiosos fanáticos consideraram aquele ato terrível afronta, uma inaceitável profanação. Desencadeou-se, então, uma onda de protestos inflamados que, rapidamente, se espalhou pela cidade, atraindo significativa aglomeração de pessoas do povo (At 21:28 a 30). Paulo foi arrastado pela multidão, impiedosamente agredido, com a clara intenção de matá-lo (At 21:30 e 31).

Ele só não foi morto porque um destacamento de soldados romanos, sob o comando de um centurião, vendo que ninguém dizia coisa com coisa, resgatou o apóstolo das garras da multidão e o conduziu à prisão na Fortaleza de Antônia, espaço reservado à guarda de César (At 21:32). A ensandecida multidão os acompanhava gritando: *À morte com ele* (At 21:33 a 36). Na prisão, Paulo se identifica ao centurião e lhe pede permissão para falar ao povo, esclarecendo-o, como consta nestas citações de *Atos dos apóstolos* (22:1 a 21; 22 a 30), em seguida analisadas.

### 33.1 DISCURSO DE PAULO AOS JUDEUS DE JERUSALÉM (AT 22:1 A 21)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>“Irmãos e pais, escutai a minha defesa, que tenho agora a vos apresentar.”

<sup>2</sup>Tendo ouvido que lhes dirigia a palavra em língua hebraica, fizeram mais silêncio ainda. Ele prosseguiu: <sup>3</sup>“Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós todos no dia de hoje.

<sup>4</sup>Persegui de morte este Caminho, prendendo e lançando à prisão homens e mulheres, <sup>5</sup>como o podem testemunhar o sumo sacerdote e todos os anciãos.

Deles cheguei a receber cartas de recomendação para os irmãos em Damasco e para lá me dirigi, a fim de trazer algemados para Jerusalém os que lá estivessem, para serem aqui punidos. <sup>6</sup>Aconteceu que, estando eu a caminho e aproximando-me de Damasco, de repente, por volta do meio-dia, uma grande luz vinda do céu brilhou ao redor de mim. <sup>7</sup>Caí ao chão e ouvi uma voz que me dizia: ‘Saul, Saul, por que me persegues?’ <sup>8</sup>Respondi: ‘Quem és, Senhor?’ Ele me disse: ‘Eu sou Jesus, o Nazareu, a quem tu persegues.’ <sup>9</sup>Os que estavam comigo viram a luz, mas não escutaram a voz de quem falava comigo. <sup>10</sup>Eu prossegui: ‘Que devo fazer, Senhor?’ E o Senhor me disse: ‘Levanta-te e entra em Damasco: lá te dirão tudo o que te é ordenado fazer.’ <sup>11</sup>Como eu não enxergasse mais por causa do fulgor daquela luz, cheguei a Damasco levado pela mão dos que estavam comigo. <sup>12</sup>Certo Ananias, homem piedoso segundo a Lei, de quem davam bom testemunho todos os judeus da cidade, <sup>13</sup>veio ter comigo. De pé, diante de mim, disse-me: ‘Saul, meu irmão, recobra a vista.’ E eu, na mesma hora, pude vê-lo. <sup>14</sup>Ele disse então: ‘O Deus de nossos pais te destinou para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires a voz saída de sua boca. <sup>15</sup>Pois tu hás de ser sua testemunha, diante de todos os homens, do que viste e ouviste. <sup>16</sup>E agora, que esperas? Recebe o batismo e lava-te dos teus pecados, invocando o seu nome!’ <sup>17</sup>Depois, tendo eu voltado a Jerusalém, e orando no Templo, sucedeu-me entrar em êxtase. <sup>18</sup>E vi o Senhor, que me dizia: ‘Apressa-te, sai logo de Jerusalém, porque não acolherão o teu testemunho a meu respeito.’ <sup>19</sup>Retruquei então: ‘Mas, Senhor, eles sabem que era eu quem andava prendendo e vergastando, de sinagoga em sinagoga, os que criam em ti. <sup>20</sup>E quando derramavam o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu próprio estava presente, apoiando aqueles que o matavam, e guardando suas vestes.’ <sup>21</sup>Ele, contudo, me disse: ‘Vai, porque é para os gentios, para longe, que eu quero enviar-te’”.

Antes de analisarmos este registro do discurso de Paulo em Jerusalém, importa destacar que Lucas registrou anteriormente três grandes discursos representativos da pregação de Paulo, encontrados em *Atos dos apóstolos*:

- » 13:16 a 43 (discurso inaugural de Paulo aos judeus de Antioquia da Pisídia – primeira viagem missionária);
- » 17:22 a 34 (discurso no proferido Areópago de Atenas – segunda viagem missionária);
- » 20:17 a 38 (discurso de despedidas em Mileto, dirigido aos discípulos da Ásia Menor e Grécia, e aos anciãos de Éfeso – terceira viagem missionária).

Por outro lado, vamos ver que Lucas não deixou de também registrar três grandes defesas de Paulo, manifestadas na forma discursiva: a primeira, que é estudada aqui, em *Atos dos apóstolos*:

- » 22:1 a 21 (discurso-defesa dirigido aos judeus de Jerusalém);
- » 24:10 a 21 (discurso-defesa pronunciado perante o procurador Félix, governador romano de Cesareia); e
- » 26:1 a 23 (discurso-defesa de Paulo dirigido ao rei Agripa II em Cesareia, na presença do novo governador Pórcio Festo).

Tais fatos demonstram a envergadura moral do apóstolo que, a despeito de passar por todo tipo de desafios, manifestados na forma de dolorosas provações, ele jamais se abateu ou se deixou derrotar pelas forças contrárias ao bem. Como uma poderosa fênix mitológica, renascia das cinzas com ânimo forte. Daí aconselhar: *Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos* (2 Co 4:8 e 9).

A oportunidade de falar ao povo, ocorreu fortuitamente pela proteção do destacamento de soldados romanos. Ao ouvi-lo, a multidão silencia, submetida à força do seu verbo e do seu magnetismo pessoal. No primeiro momento, Paulo se identifica, afirmando que era judeu, nascido em Tarso, fariseu que estudou em Jerusalém tendo como mestre o honrado e respeitável Gamaliel (At 22:1 a 3) – aliás, sabemos que Paulo substituiu Gamaliel no Sinédrio, quando ele se afastou do tribunal judaico. Em seguida, relata aos ouvintes toda a trajetória de sua vida, assim resumida: perseguição e prisão de homens e mulheres do Caminho ou Igreja Cristã de Jerusalém (At 22:4); a sua viagem para fora de Jerusalém para continuar no mesmo propósito de perseguição aos cristãos, sob autorização do Sinédrio (At 22:5 e 6); o aparecimento de Jesus às portas de Damasco, que lhe pergunta: *Saul, Saul, por que me persegues?* (At 22:7); confuso, mas sob impacto da aparição luminosa, ele pergunta: *Quem és, Senhor? Ele me disse: Eu sou Jesus, o Nazareu, a quem tu persegues* (At 22:8 e 9); relata que ficou cego com o fulgor da luminosidade no momento do encontro com Jesus, sendo conduzido pela mãos pelos companheiros de viagem até Damasco (At 22:10 e 11); na cidade foi procurado por um certo Ananias, homem piedoso que, sob orientação de Jesus, o curou da cegueira (At 22:12 e 13), afirmando que ele, Saulo, seria testemunha de Jesus diante de todos os homens, a partir daquele momento, sendo então batizado (At 22:14 a 16).

Emmanuel relata com riqueza de detalhes os bastidores da fala de Paulo à multidão, informando como as suas palavras alcançaram de forma positiva o tribuno romano, Claudio Lísias, que o prendera e lhe concedera autorização para falar à multidão:

Sentindo-se num dos seus grandes momentos de testemunho, Paulo de Tarso subiu alguns degraus da escadaria enorme e começou a falar em hebraico, impressionando a multidão com a profunda serenidade e elegância do discurso. Começou explicando suas primeiras lutas, seus remorsos por haver perseguido os discípulos do Mestre Divino; historiou a viagem a Damasco, a infinita bondade de Jesus que lhe permitira a visão gloriosa, dirigindo-lhe palavras de advertência e perdão. Rico das reminiscências de Estêvão, falou do erro que havia cometido em consentir na sua morte.

Ouvindo-lhe a palavra cinzelada de misteriosa beleza, Cláudio Lísias, tribuno romano que efetuara a prisão, experimentou sensações indefiníveis. Por sua vez, havia recebido certos benefícios daquele Cristo incompreendido a que se referia o orador em circunstâncias tão amargas. Tomado de escrúpulos, mandou chamar o tribuno Zelfos, de origem egípcia, que adquirira certos títulos romanos, pela expressão de sua enorme fortuna, e solicitou:

– Amigo – disse com voz quase imperceptível –, não desejo tomar aqui certas decisões, relativamente ao caso deste homem. A multidão está exaltada e é possível que ocorram acontecimentos muito graves. Desejaria tua cooperação imediata.

– Sem dúvida – respondeu o outro, resolutos.<sup>3</sup>

Zelfos, por sua vez, “[...] desdobrava-se em providências oportunas. Reforçou a guarnição dos soldados, iniciou a formatura de um cordão de isolamento, buscando resguardar o orador de um ataque imprevisto”.<sup>3</sup> Enquanto isso, Paulo prossegue em seus esclarecimentos, afirmando que, passados os eventos em Damasco, retorna tempos depois, a Jerusalém, e, quando se encontrava no Templo para orar, ele foi envolvido espiritualmente por um êxtase, durante o qual viu o Senhor que lhe afirmou: [...] Apressa-te, sai logo de Jerusalém, porque não acolherão o teu testemunho a meu respeito” (At 22:18). Surpreendido, Paulo argumenta ao Senhor Jesus:

Retruquei então: “Mas, Senhor, eles sabem que era eu quem andava prendendo e vergastando, de sinagoga em sinagoga, os que criam em ti. E quando deram o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu próprio estava presente, apoiando aqueles que o matavam, e guardando suas vestes”. Ele, contudo, me disse: “Vai, porque é para os gentios, para longe, que eu quero enviar-te”. (At 22:19 a 21).

Até esse momento, a multidão se manteve silenciosa, escutando atentamente todo o relato. Contudo, o comportamento violento foi retomado quando, após Paulo de Tarso ter concluído o relatório de sua conversão ao Cristianismo, passou a falar da

[...] grandeza do Cristo, das promessas do Evangelho, e quando se detinha a comentar suas relações com o Mundo Espiritual, de onde recebia as mensagens

confortantes do Mestre, a massa inconsciente, furiosa, agitou-se em ânsias mesquinhas. Grande número de israelitas despia o manto, arrojando poeira no ar, num impulso característico de ignorância e maldade. O momento era gravíssimo. Os mais exaltados tentaram romper o cordão dos guardas para trucidar o prisioneiro. A ação de Zelfos foi rápida. Mandou recolher o apóstolo ao interior da Torre Antônio. E, enquanto Cláudio Lísias se recolhia à residência, a fim de meditar um pouco na sublimidade dos conceitos ouvidos, o companheiro de milícia tomou providências enérgicas para dispersar a multidão. Não eram poucos os que teimavam em vociferar na via pública, mas o chefe militar mandou dispersar os recalcitrantes à pata de cavalo.<sup>3</sup>

Paulo é, portanto, recolhido à prisão. Entretanto, ele deu às lideranças religiosas e aos demais judeus intransigentes a oportunidade de agirem de acordo com o nome de Deus, que eles tanto evocam. Paulo sabia que o seu destino estava assinalado: fora avisado anteriormente dos riscos de viagem a Jerusalém, por intuição própria e de amigos, pelo médium Ágabo, assim como pelo sonho que tivera com Estêvão e Abigail (veja Tema 32, estudado anteriormente). O momento do seu testemunho chegara e, mesmo tendo consciência de tudo, não vacilava, aproveitando todas as oportunidades para esclarecer, pregar, evangelizar. Esse episódio demonstra como o processo evolutivo moralizador do ser humano ainda é demasiadamente lento:

As grandes ideias só se difundem e se erguem ao influxo das perseguições e após receberem os idealistas o batismo de sangue. Mas a perseguição passa, e os perseguidores de hoje serão os perseguidos de amanhã, e as ideias nobres triunfarão sempre como têm triunfado para fazerem progredir a Humanidade.<sup>4</sup>

O relato de Paulo não sensibilizou os chamados “donos da verdade”. Guardaram silêncio enquanto acompanhavam a história da conversão do apóstolo. Mas, assim que o nome de Jesus foi pronunciado e os seus feitos foram relatados, sentiram-se enormemente incomodados. Afinal Jesus pregou e exemplificou o Evangelho, orientações voltadas para a prática do bem, totalmente distanciadas dos interesses mundanos, políticos e de poder, defendidos pelas autoridades do Judaísmo, os quais estavam mais interessados na exaltação do próprio ego, em desfrutarem uma vida material plena de satisfações dos sentidos, alimentadora da vaidade e do egoísmo:

A defesa de Paulo não produziu efeito naquela gente amotinada por paixões subalternas.

O espírito turbulento não quer o bem e a justiça; a razão para ele nada vale, a humildade é covardia, a luz ofusca, e o amor não palpita no seu coração. Está sempre pronto a libertar Barrabás e a crucificar o Cristo.

[...]

Por isso as razões de Paulo não foram ouvidas pelo povo devoto de Jerusalém. Quando ele disse que havia recebido ordens de Jesus para sair de Jerusalém e acrescentou que o Senhor lhe havia dito que o enviaria aos gentios, vozes de todos os lados se fizeram ouvir: “Tira este homem do mundo, pois não convém que ele viva!”

E, alucinados, arrojavam de si suas capas e lançando pó para o ar, fizeram com que o tribuno mandasse recolher Paulo à cidadela, e fosse interrogado debaixo de acoites, a fim de verificar o motivo daquele clamor. [...] <sup>5</sup>

### 33.2 PAULO, CIDADÃO ROMANO. COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 1ª PARTE (AT 22:22 A 30)<sup>6</sup>

<sup>22</sup>Escutaram-no até este ponto. A estas palavras, porém, começaram a gritar: “Tira da terra este indivíduo! Não convém que ele viva!” <sup>23</sup>E vociferavam, arremessavam os mantos e atiravam poeira aos ares. <sup>24</sup>O tribuno mandou então recolhê-lo à fortaleza, ordenando também que o interrogassem sob os acoites, a fim de averiguar o motivo por que gritavam tanto contra ele. <sup>25</sup>Quando o amarrarem com as correias, Paulo observou ao centurião presente: “Ser-vos-á lícito açoitar um cidadão romano, ainda mais sem ter sido condenado?” <sup>26</sup>A estas palavras, o centurião foi ter com o tribuno para preveni-lo: “Que vais fazer? Este homem é cidadão romano!” <sup>27</sup>Vindo então o tribuno, perguntou a Paulo: “Dize-me: tu és cidadão romano?” “Sim”, respondeu ele. <sup>28</sup>O tribuno retomou: “Precisei de um vultoso capital para adquirir esta cidadania”. <sup>29</sup>“Pois eu, disse Paulo, a tenho de nascença”. Imediatamente se afastaram dele os que iam torturá-lo. O próprio tribuno teve receio, ao reconhecer que era um cidadão romano, e que mesmo assim o havia acorrentado.

<sup>30</sup>No dia seguinte, querendo saber com segurança por que motivo estava ele sendo acusado pelos judeus, o tribuno soltou-o e ordenou que se reunissem os chefes dos sacerdotes e todo o sinédrio. Fez então descer Paulo e apresentou-o perante eles.

Paulo retorna à prisão e é interrogado, sendo açoitado pelos soldados por ordem do tribuno, o qual, por sua vez não conseguia entender o motivo da fúria da multidão (At 22:24):

Conduzido a uma cela úmida, Paulo sentiu que os soldados o tratavam com a maior desconsideração. As feridas doíam-lhe penosamente. Tinha as pernas doloridas e trôpegas. A túnica estava empapada de sangue. Os guardas impiedosos e irônicos amarraram-no a grossa coluna, conferindo-lhe o tratamento destinado aos criminosos comuns. O apóstolo, sentindo-se exausto e febril, chegou à conclusão de que não lhe seria fácil resistir à nova provação de martírio. Refletiu que não era justo entregar-se de todo às disposições perversas dos soldados que o guardavam. Lembrou que o Mestre se imolara na cruz, sem resistir à crueldade das criaturas, mas também afirmara que o Pai não deseja

a morte do pecador. Não podia alimentar a presunção de entregar-se como Jesus, porque somente Ele possuía bastante amor para constituir-se Enviado do Todo-Poderoso; e como se reconhecia pecador convertido ao Evangelho, era justo o desejo de trabalhar até ao último dia de suas possibilidades na Terra, em favor dos irmãos em humanidade e em benefício da própria iluminação espiritual. Recordou a prudência que Pedro e Tiago sempre testemunharam para que as tarefas a eles confiadas não sofressem prejuízos injustificáveis e, verificando as suas escassas probabilidades de resistência física, naquela hora inesquecível, gritou aos soldados:

– Prendestes-me à coluna reservada aos criminosos, quando não podeis imputar-me falta alguma!... Vejo, agora, que preparais açoites para a flagelação, quando já me encontro banhado em sangue, no suplício imposto pela turba inconsciente...<sup>7</sup>

Os guardas permaneceram indiferentes ao sofrimento de Paulo e zombavam quando, um deles, cortou a palavra e disse:

– Ora e esta!... Não sois um Apóstolo do Cristo? Consta que teu Mestre morreu na cruz caladinho e, por fim, ainda pediu perdão para os algozes, alegando que ignoravam o que faziam.

Os companheiros do engraçado romperam em gargalhadas estrídulas. Paulo de Tarso, entretanto, evidenciando toda a nobreza do coração, no fulgor do olhar, replicou sem hesitação:

– Sim, rodeado pelo povo ignorante e inconsciente, no dia do Calvário, Jesus pediu a Deus perdoasse as trevas de espírito em que se submergia a multidão que lhe levantara o madeiro de ignomínia; mas os agentes do governo imperial não podem ser a turba que desconhece os próprios atos. Os soldados de César devem saber o que fazem, porque, se ignorais as leis, para cuja execução recebeis soldo, seria mais justo abandonardes o posto.

Os guardas ficaram imóveis, tomados de assombro.

Paulo, entretanto, continuou em voz firme:

– Quanto a mim, pergunto-vos: Será lícito açoitardes um cidadão romano, antes de condenado?<sup>7</sup>

Assustado, o centurião que ali se encontrava, suspendeu a tortura:

[...] Zelfos foi chamado com espanto. Ciente do ocorrido, o tribuno interrogou o apóstolo, sumamente admirado:

– Dize-me. És de fato romano?

– Sim.

Ante a firmeza da resposta, Zelfos achou razoável modificar o tratamento dado ao prisioneiro. Receoso de complicações, ordenou que o ex-rabino fosse retirado do tronco, permitindo-lhe ficar à vontade no acanhado âmbito da cela. Somente então, Paulo de Tarso conseguiu algum repouso



num leito duro, recebendo uma bilha de água trazida com mais respeito e consideração. Saciou a sede intensa e dormiu, apesar das feridas sangrentas e dolorosas.

Zelfos, contudo, não estava tranquilo. Desconhecia, por completo, a condição do acusado. Temendo complicações prejudiciais para a sua posição, aliás invejável do ponto de vista político, procurou avistar-se com o tribuno Cláudio Lísias. Esclarecendo o motivo de sua preocupação, o outro murmurou:

– Isso me surpreende, porque a mim afirmou que era judeu, natural de Tarso da Cilícia.

Zelfos explicou, então, que tinha dificuldade para discernir a causa, concluindo:

– Pelo que dizes, ele parece-me antes um mentiroso vulgar.

– Isso não – exclamou Lísias –, naturalmente possuirá títulos de cidadania do império e agiu por motivos que não estamos habilitados a apreciar.<sup>7</sup>

Sem saberem exatamente como agir e por temerem o rigor da lei romana quanto ao que se referia à condenação de um cidadão romano (At 22:25), como Paulo afirmava ser desde o seu nascimento (At 22:29), os tribunos decidiram que iriam conduzir Paulo ao julgamento do Sinédrio no dia seguinte, pois ele era acusado pelos judeus (At 22:30). Emmanuel complementa estas informações:

Zelfos pensou um instante e ponderou:

– Considerando tudo isso, proponho seja apresentado, amanhã, ao Sinédrio. Julgo que somente assim poderemos encontrar uma fórmula capaz de resolver o assunto.

Cláudio Lísias recebeu o alvitre com displicência. No íntimo, sentia-se mais propenso a patronear a defesa do apóstolo. Sua palavra, inflamada de fé, impressionara-o vivamente. Em breves, rápidos momentos de meditação, analisou todos os lances pró e contra uma atuação dessa natureza. Subtrair o acusado à perseguição dos mais exaltados era uma ação justa; mas disputar com o Sinédrio era uma atitude que reclamava mais prudência. Conhecia os judeus, muito de perto, e, por mais de uma vez, experimentara o grau de suas paixões e caprichos. Compreendendo, igualmente, que não deveria despertar qualquer suspeita do colega, com relação às suas crenças religiosas, fez um gesto afirmativo e declarou:

– Concordo com o alvitre. Amanhã, entregá-lo-emos aos juízes competentes em matéria de fé. Poderás deixar isso a meu cargo, porque o prisioneiro será acompanhado de escolta que o garanta contra qualquer violência.

E assim foi. Na manhã seguinte, o mais alto Tribunal dos israelitas foi notificado pelo tribuno Cláudio Lísias de que o pregador do Evangelho compareceria perante os juízes para os inquéritos necessários, às primeiras horas da tarde. As autoridades do Sinédrio experimentaram enorme regozijo. Iam, enfim, rever o desertor da Lei, face a face. A notícia foi espalhada com invulgar rapidez.<sup>7</sup>

Paulo livrou-se, dessa forma, das agressões físicas e preparou-se para ter uma noite mais tranquila, a despeito de trazer o corpo ferido pelos maus-tratos dos soldados, porém, dois visitantes o procuram na prisão, trazendo um pouco de paz e alegria ao seu Espírito:

Paulo, por sua vez, na solidão do cárcere, sentiu-se felicitado com uma grande surpresa, naquela manhã de sombrias perspectivas. É que, com permissão do tribuno, velha senhora e seu filho, ainda jovem, penetravam na cela a fim de visitá-lo.

Era sua irmã Dalila com o sobrinho Estefânio, que conseguiram, depois de muito esforço, permissão para uma entrevista ligeira. O apóstolo abraçou a nobre senhora, com lágrimas de emoção. Ela estava alquebrada, envelhecida. O jovem Estefânio tomou as mãos do tio e beijou-as com veneração e ternura.

Dalila falou das saudades longas, recordou episódios familiares com a poesia do coração feminino, e o ex-doutor de Jerusalém recebia todas as notícias, boas e más, com imperturbável serenidade, como se procedessem de um mundo muito diferente do seu. Buscou, entretanto, confortar a irmã, que, a uma reminiscência mais dolorosa, se desfazia em prantos. Paulo historiou sucintamente as suas viagens, lutas, obstáculos dos caminhos palmilhados por amor de Jesus. A venerável senhora, embora alheia às verdades do Cristianismo, muito delicadamente não quis tocar nos assuntos religiosos, detendo-se nos motivos afetuosos de sua visita fraternal e chorando copiosamente ao despedir-se. Não podia compreender a resignação do apóstolo, nem apreciava devidamente a sua renúncia. Lastimava-lhe, intimamente, a sorte e, no fundo, tal como a maioria dos compatriotas, desdenhava aquele Jesus que não oferecia aos discípulos senão cruzes e sofrimentos.

Paulo de Tarso, todavia, experimentara grande conforto com a sua presença; sobretudo, a inteligência e a vivacidade de Estefânio, na ligeira palestra mantida, proporcionavam-lhe enormes esperanças no futuro espiritual do sobrinho.

Ainda repassava na mente essa grata impressão quando numerosa escolta se postava junto à cela, para acompanhá-lo ao Sinédrio, no momento oportuno.<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 21, it. 21:24, p. 552.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 22:1-21, p. 1943 e 1944.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

- 4 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *Paulo arrastado do Templo e preso*, p. 184.
- 5 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. cap. *A oração de Paulo e sua defesa*, p. 186 e 187.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 22:22-30, p. 1944.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

## COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 2ª PARTE. CONJURAÇÃO DOS JUDEUS CONTRA PAULO. TRANSFERÊNCIA DE PAULO PARA CESAREIA (AT 23:1 A 35)

O presente estudo tem como foco: a defesa de Paulo perante o Sinédrio (At 23:1 a 11); a conspiração dos judeus para matá-lo (At 23:12 a 22); a transferência de Paulo da prisão de Jerusalém para a de Cesareia (At 23:23 a 35). Tais assuntos são continuação dos anteriormente analisados no Tema 33. Assim, com o intuito de manter coerência entre o estudo anterior e o atual, apresentamos, em seguida, um breve resumo dos acontecimentos registrados no capítulo 22 de *Atos dos apóstolos*, a partir do momento em que Paulo se torna prisioneiro em Jerusalém:

Paulo foi preso pelos romanos, quando se encontrava no Templo para orar, após ser atacado por uma multidão amotinada, incentivada pelas autoridades religiosas do Judaísmo. Na prisão, Paulo pediu permissão para falar ao povo, pedido que foi atendido pelo tribuno romano, Cláudio Lísias, que comandava a guarda romana. O apóstolo da gentilidade fez um relato de sua vida, afirmando ser judeu nascido em Tarso, fariseu, doutor da lei e ex-membro do Sinédrio, posto por ele ocupado quando o seu mentor Gamaliel se aposentou das atividades no tribunal judaico (v. 1 a 3). Informa que, nessa condição, perseguiu e aprisionou homens e mulheres da Casa do Caminho em Jerusalém (v. 4) e recebeu do Sinédrio autorização para proceder da mesma forma em outros locais (v. 5 e 6). Contudo, Jesus lhe aparece na estrada de Damasco, convocando-o ao seu ministério; ele fica cego, é curado por Ananias, vindo a se converter ao Cristianismo (v. 7 a 13), pois ele seria testemunha de

Jesus diante de todos os homens, a partir daquele momento (v. 14 a 16). A multidão ouvia tudo em silêncio, porém, quando Paulo começou a falar de Jesus, da grandeza do seu Espírito, afirmando ser Ele o Messias aguardado, reiniciaram os clamores que atingiram a sua culminância quando o ex-rabino transmitiu a seguinte ordenação de Jesus, registrada em *Atos* (v. 21): *Ele, contudo, me disse: Vai, porque é para os gentios, para longe, que eu quero enviar-te*. A fúria do povo, estimulado pelas palavras de ordem proferidas pelos religiosos, voltou-se contra Paulo que só não foi morto porque se encontrava sob a proteção dos soldados romanos (v. 21 a 24).

O apóstolo foi recolhido à prisão e açoitado por ordens de outro tribuno romano (Felix). No entanto, quando Paulo se declara cidadão romano desde o nascimento, a tortura foi suspensa (v. 25 a 29). Os dois tribunos, Lísias e Félix, trocam ideias entre si, preocupados de estarem condenando indevidamente um cidadão de Roma. Contudo, por não compreenderem efetivamente a razão da perseguição dos religiosos, decidem encaminhá-lo a uma audiência no Sinédrio, com a finalidade de tomarem ciência da acusação e decidirem como proceder (v. 30) em relação ao prisioneiro. E assim foi feito.

### 34.1 COMPARECIMENTO DIANTE DO SINÉDRIO – 2ª PARTE (AT 23:1 A 11)<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Fixando os olhos no Sinédrio, Paulo assim falou: “Irmãos, é inteiramente em boa consciência que eu me tenho conduzido perante Deus, até o dia de hoje”. <sup>2</sup>Foi quando o sumo sacerdote Ananias mandou a seus assistentes que lhe batessem na boca. <sup>3</sup>Então lhe disse Paulo: “Deus vai ferir-te a ti, parede caiada! Tu te sentas para julgar-me segundo a Lei, e violando a Lei ordenas que me batam?” <sup>4</sup>Os que estavam a seu lado observaram-lhe: “Tu insultas o sumo sacerdote de Deus?” <sup>5</sup>Paulo respondeu: “Não sabia, irmãos, que este é o sumo sacerdote. Pois está escrito: *Não amaldiçoarás o chefe do teu povo*”. <sup>6</sup>A seguir, tendo conhecimento de que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus, exclamou no Sinédrio: “Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado”. <sup>7</sup>Apenas disse isto, formou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia se dividiu. <sup>8</sup>Pois os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo nem espírito, enquanto os fariseus sustentam uma e outra coisa. <sup>9</sup>Levantou-se um vozerio enorme. Então, alguns escribas do partido dos fariseus puseram-se a protestar, dizendo: “Nenhum mal encontramos neste homem. E se lhe tivesse falado um espírito ou um anjo?” <sup>10</sup>Crescia em proporções o conflito. Receando o tribuno que Paulo viesse a ser estraçalhado por eles, ordenou que o destacamento descesse e o subtraísse ao meio deles, reconduzindo-o à fortaleza. <sup>11</sup>Na noite seguinte, aproximou-se dele o Senhor

e lhe disse: “Tem confiança! Assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, é preciso que testemunhes também em Roma!”

A defesa de Paulo foi brilhante e sincera, mas, a rigor, ele já estava previamente condenado, independentemente do que falasse ou explicasse, pois era considerado um traidor do Judaísmo, que não soube honrar a lei de Moisés ao se converter ao Cristianismo:

Logo após o meio-dia, compareceu à barra do Tribunal e percebeu, de pronto, que o cenáculo dos grandes doutores de Jerusalém vivia um dos seus grandes dias, repleto de compacta massa popular. Sua presença provocava uma aluvião de comentários. Todos queriam ver, conhecer o trãnsfuga da Lei, o doutor que repudiara e deprimira os títulos sagrados. Sobremaneira comovido, o apóstolo lembrou ainda uma vez a figura de Estêvão. Competia-lhe, agora, dar igualmente o testemunho do Evangelho de verdade e redenção. A agitação do Sinédrio dava-lhe a mesma tonalidade dos tempos ali vividos. Ali, precisamente, infligira as mais duras humilhações ao irmão de Abigail e aos prosélitos de Jesus. Era justo, portanto, esperar, agora, acerbos e remissores sofrimentos. Depois, para cúmulo de amargura, a singular coincidência: o sumo sacerdote que presidia o feito chamava-se também Ananias! Acaso? Ironia do destino? Tal como se verificou com Jeziel, lido o libelo acusatório, deram a palavra ao apóstolo para defender-se, em atenção às prerrogativas de nascimento.

Paulo entrou a justificar-se, sumamente respeitoso. Risos abafados, não raro, quebravam o silêncio ambiente, a indiciarem a termometria sarcasticamente hostil do auditório.<sup>2</sup>

No início da sua defesa, Paulo afirma que trazia a consciência tranquila perante Deus sobre o seu comportamento (At 23:1). Tal afirmativa desagradou o sumo sacerdote Ananias que ordenou a um dos seus assistentes batesse na boca de Paulo (At 23:2). Importa considerar que esse Ananias não era o genro de Caifás, que presidia o Sinédrio à época da condenação de Jesus. Era outro:

Ananias, filho de Nebedeu, nomeado sumo sacerdote cerca do ano 47; foi preso, enviado a Roma e provavelmente destituído em 51 ou 52, depois recuperando as boas graças. Em 66, no começo da guerra judaica, foi assassinado.<sup>3</sup>

Perante a ação agressiva e despropositada do sumo sacerdote, Paulo replica à altura, repreendendo-o com autoridade moral e conhecimento das Escrituras (At 23:3 e 4):

O apóstolo endereçou-lhe um olhar de serenidade indizível e replicou:

– Sacerdote, vigiai o coração para não incidirdes em repressões injustas. Os homens, como vós, são como as paredes branqueadas dos sepulcros, mas não deveis ignorar que também sereis ferido pela Justiça de Deus. Conheço de

sobra as leis de que vos tornastes executor. Se aqui permaneceis para julgar, como e por que mandais ferir?<sup>4</sup>

Mesmo assim, alguns dos presentes reagem com agressividade por julgarem que o sumo sacerdote fora ofendido pelo condenado (At 23:5):

Antes, porém, que pudesse prosseguir, um pequeno grupo de prepostos de Ananias avançou com acoites minúsculos, ferindo-o nos lábios.

– Ousas injuriar o sumo sacerdote? – exclamavam fúlos de cólera. – Pagarás os insultos!...

As lambadas riscavam o rosto rugoso e venerando do ex-rabino, sob os aplausos gerais. Vozes irônicas elevavam-se, incessantes, do seio da turba refece. Uns pediam mais rigor, outros, estentóricos, reclamavam o apedrejamento. A serenidade do apóstolo dava pleno testemunho e mais acirrava os ânimos impulsivos e criminosos. Destacaram-se certos grupos de israelitas mais soezes e, cooperando com os verdugos, cuspinharam-lhe o rosto. Generalizou-se o tumulto. Paulo tentou falar, explicar-se mais detalhadamente, mas a confusão era tal que nada se ouvia e ninguém se entendia.<sup>4</sup>

A forma como o julgamento foi conduzido reflete insensatez, falta de controle e escrúpulo, pessoal e coletivo, na aplicação da justiça, condições que revelam as precárias limitações dos dirigentes do tribunal judaico que não souberam julgar com isenção de ânimo:

O sumo-sacerdote permitira a desordem deliberadamente. Os elementos principais do Sinédrio desejavam exterminar o ex-doutor a qualquer preço. O Tribunal só se prestara ao julgamento de entremez, porque havia percebido o interesse pessoal de Cláudio Lísias pelo prisioneiro. Não fora isso, Paulo de Tarso teria sido assassinado em Jerusalém, para satisfazer aos sentimentos odiosos dos inimigos gratuitos da sua abençoada tarefa apostólica. Solicitado pelo tribuno, presente à reunião memorável, Ananias conseguiu restabelecer a calma no ambiente. Depois de apelos desesperados, a assembleia emudeceu, expectante.<sup>4</sup>

O comportamento de Ananias revela que ele estava muito aquém do cargo que ocupava: destituído de diplomacia, de habilidade política e, até, de um certo grau de compaixão, como se espera de um religioso:

Paulo tinha o rosto a sangrar, a túnica em frangalhos; mas, com surpresa e pasmo gerais, revelava no olhar, ao contrário de outros tempos, em circunstâncias dessa natureza, grande tranquilidade fraternal, dando a entender que compreendia e perdoava os agravos da ignorância.

Supondo-se em posição vantajosa, o sumo sacerdote acentuou em tom arrogante:

– Devias morrer como teu Mestre, numa cruz desprezível! Desertor das tradições sagradas da pátria e blasfemo criminoso, não te bastam, por justo

castigo, os sofrimentos que começa a experimentar entre os legítimos filhos de Israel!...<sup>4</sup>

O acusado, porém, não se abala minimamente, expondo com coerência a fragilidade espiritual da maior autoridade do tribunal judaico:

– Juízo apressado o vosso... Não mereço a cruz do Redentor, porque a sua auréola é gloriosa demais para mim; entretanto, os martírios todos do mundo seriam justos, aplicados ao pecador que sou. Temeis os sofrimentos porque não conheceis a vida eterna, considerais as provações como quem nada vê além destes efêmeros dias da existência humana. A política mesquinha vos distanciou o espírito das visões sagradas dos profetas!... Os cristãos, sabeis, conhecem outra vida espiritual, suas esperanças não repousam em triunfos mendazes que vão apodrecer com o corpo no sepulcro! A vida não é isto que vemos na banalidade de todos os dias terrestres; é antes afirmação de imortalidade gloriosa com Jesus Cristo!<sup>4</sup>

Em seguida, quando Paulo percebe que no tribunal encontrava-se número significativo de saduceus e fariseus, as duas maiores ceitas do Judaísmo, habilmente muda o foco do seu discurso, centralizando-se na defesa da ideia da ressurreição, exclamando aos membros do Sinédrio (At 23:6): “[...] ‘Irmãos, eu sou fariseu, e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado’”. A partir deste momento, estabeleceu-se o conflito no tribunal, dividindo a opinião da assembleia, pois os saduceus não acreditavam na ressurreição, nem em anjo ou espírito, enquanto os fariseus defendiam firmemente a existência das três ideias (At 23:7 e 8). Estabelecida a discussão, os escribas presentes se posicionaram do lado dos fariseus e defenderam Paulo, ao afirmarem (At 23:9): “[...] ‘Nenhum mal encontramos neste homem. E se lhe tivesse falado um espírito ou um anjo?’”

A discussão entre os fariseus e saduceus a respeito desses três assuntos é histórica, representando ponto de sérias discórdias entre eles quanto à interpretação das Escrituras e da lei de Moisés:

Os fariseus acreditavam que o indivíduo teria parte na vida do mundo futuro medianamente, ou seja, um corpo glorificado, como um anjo (cf. At 22:30; At 12:15; 1Co 15:42 a 44), ou uma alma imortal (“espírito”; cf. Lc 24:39). Os saduceus, ao contrário, rejeitavam uma ou outra crença, e, portanto, qualquer forma de ressurreição. Sobre esse ponto Paulo encontra, nos fariseus, aliados (cf. At 4:1 s+).<sup>5</sup>

Em termos de contextualização histórica, é importante destacar algumas características dos três grupos de religiosos citados no texto de *Atos dos apóstolos*, ora sob estudo, considerando que os religiosos judeus



tinham como norma geral manter, de forma dogmática, a *Tradição*, também conhecida como Escrituras Sagradas ou *fundamentos da constituição do Judaísmo*. Os estudiosos das Escrituras eram denominados doutores da lei, cujas interpretações variavam entre si, como é natural acontecer. Entretanto, entre os “[...] doutores, constituía assunto de discussões intermináveis, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas [...]”. Daí nasceram diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade [...]”<sup>6</sup>. À época de Jesus, dos apóstolos e de Paulo de Tarso, a seita dos fariseus era a mais influente, possivelmente por ser a mais culta. Mas como existiam outras divisões da religião judaica, a convivência entre os adeptos não era pacífica. Destacamos aqui as citadas na passagem de *Atos*, por estarem diretamente relacionadas ao atual estudo, tendo como base as orientações de Allan Kardec:

» *Fariseus* – [...] que teve por chefe *Hillel* [ou *Hilel*], doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo. [...]. [Com a dispersão dos judeus nos anos 70 da Era Cristã (após a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos), a seita deixou de existir.]

Os fariseus tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios, mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Para eles, a religião era mais um meio de chegarem a seus fins, do que objeto de fé sincera. Da virtude só guardavam a ostentação e as exterioridades, embora exercessem, com isso, grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Essa a razão por que eram muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. Jesus, que prezava sobretudo a simplicidade e as qualidades do coração, que, na lei, preferia o *espírito que vivifica, à letra, que mata*, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a hipocrisia, transformando-os, em consequência disso, em seus inimigos obstinados. É por isso que eles se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar o povo contra Jesus e eliminá-lo.<sup>6</sup>

- » *Escribas* – Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentos dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Por isso Jesus os confundia na mesma reprovação.<sup>7</sup>
- » *Saduceus* – Seita judia que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo, assim chamada por causa de *Sadoque*, seu fundador. Os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, acreditavam em Deus, mas, nada esperando após a morte, só o serviam, tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a sua providência. Assim, a satisfação dos sentidos constituía para eles o objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga, não admitindo nem a tradição, nem qualquer interpretação. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Essa seita era pouco numerosa, embora contasse em seu seio importantes personagens; tornou-se um partido político oposto constantemente aos fariseus.<sup>8</sup>

A desordem estabelecida no tribunal judaico decorrente de conflito e discussões entre os representantes das diferentes seitas tomou grandes proporções, a ponto de o tribuno romano ordenar o encerramento da reunião, convocando um destacamento de soldados para retirar Paulo do Sinédrio, temendo que ele pudesse ser esfaqueado pelos membros da assembleia (At 23:10). Paulo retorna à prisão na Fortaleza Antônia, o espaço da segurança romana em Jerusalém:

Nesse ínterim, não obstante a estupefação de muitos, estabeleceu-se nova balbúrdia. Os saduceus atiraram-se contra os fariseus, com gestos e apóstrofes delirantes. Em vão, o sumo sacerdote procurava acalmar os ânimos. Um grupo mais exaltado tentava aproximar-se do ex-rabino, disposto a estrangulá-lo.

Foi aí que Cláudio Lísias, apelando para os soldados, fez-se ouvir na assembleia, ameaçando os contendores. Surpreendidos com o fato insólito, porquanto os romanos jamais procuravam intervir em assuntos religiosos da raça, os trêfegos israelitas submeteram-se imediatamente. O tribuno dirigiu-se, então, a Ananias e reclamou o encerramento dos trabalhos, declarando que o prisioneiro voltaria

ao cárcere da Torre Antônio, até que os judeus resolvessem ventilar o caso com mais critério e serenidade.

As autoridades do Sinédrio não disfarçaram seu enorme espanto; mas, como o governador da província continuava em Cesareia, não seria razoável desatender ao seu preposto em Jerusalém.<sup>9</sup>

O Senhor aparece a Paulo na prisão para confortá-lo e informá-lo de que seria encaminhado a Roma, onde a sua fé seria testada (At 23:11): *Na noite seguinte, aproximou-se dele o Senhor e lhe disse: Tem confiança! Assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, é preciso que testemunhes também em Roma!*

## 34.2 CONJURAÇÃO DOS JUDEUS CONTRA PAULO (AT 23:12 A 22)<sup>10</sup>

<sup>12</sup>Quando se fez dia, os judeus se reuniram e se comprometeram, sob anátema, a não comer nem beber enquanto não matassem Paulo. <sup>13</sup>Eram mais de quarenta os que fizeram esta conjuração. <sup>14</sup>Foram então procurar os chefes dos sacerdotes e os anciãos e lhes disseram: “Acabamos de jurar solenemente, sob anátema, que não tomaremos alimento algum enquanto não matarmos Paulo. <sup>15</sup>Agora, pois, vós com o Sinédrio, notificai ao tribuno que ele vo-lo traga, sob pretexto de examinar com mais exatidão a sua causa. Quanto a nós, estaremos prontos para matá-lo antes que chegue aqui. <sup>16</sup>Mas o filho da irmã de Paulo, tendo sabido da trama, foi à fortaleza, entrou e preveniu a Paulo. <sup>17</sup>Então este, chamando um dos centuriões, disse-lhe: “Leva o rapaz ao tribuno, porque tem algo a lhe comunicar”. <sup>18</sup>O centurião o conduziu, pois, ao tribuno, e disse a este: “O prisioneiro Paulo chamou-me e pediu que te trouxesse este jovem, o qual tem algo a te dizer”. <sup>19</sup>Tomando-o pela mão, o tribuno o levou à parte e perguntou-lhe: “Que é que tens a comunicar-me?” <sup>20</sup>Ele respondeu: “Os judeus combinaram pedir-te que amanhã faças descer Paulo ao Sinédrio, a pretexto de mais acuradamente examinarem a sua causa. <sup>21</sup>Tu, porém, não lhes dês crédito. Mais de quarenta dentre eles estão de emboscada contra ele, depois de terem jurado, sob anátema, não comer nem beber enquanto não o matarem. E agora estão de prontidão, apenas esperando a tua anuência”. <sup>22</sup>O tribuno despediu então o rapaz, tendo antes recomendado: “Não digas a ninguém que me trouxeste estas informações”.

Os judeus que queriam a condenação e morte de Paulo não se conformaram com os resultados da reunião do Sinédrio. Assim, decidiram que, sob anátema, não comeriam ou beberiam nada até que Paulo fosse morto (At 23:12). *Anátema* era prática do Judaísmo no qual o crente evocava a maldição de Deus sobre si mesmo, se faltasse a um compromisso ou juramento firmado.<sup>11</sup> Segundo o registro de Lucas, os israelitas que fizeram juramento

consistiam em um grupo de 40 indivíduos, os quais procuraram os chefes dos judeus, notificando-o que ficariam sem ingerir alimentos ou líquidos, enquanto Paulo não fosse morto (At 23:13 e 14). Combinaram, então, a seguinte armadilha para assassinar o apóstolo (At 23:15): “Agora, pois, vós com o Sinédrio, notificai ao tribuno que ele vo-lo traga, sob pretexto de examinar com mais exatidão a sua causa. Quanto a nós, estaremos prontos para matá-lo antes que chegue aqui”.

A trama urdida pelos 40 judeus para assassinar Paulo chegou aos ouvidos de Estefânio, sobrinho do apóstolo, que o procurou na prisão para alertá-lo (At 23:16). Ao ser informado a respeito, Paulo chamou um dos centuriões e disse-lhe: “[...] ‘Leva o rapaz ao tribuno, porque tem algo a lhe comunicar’” (At 23:17). Tomando ciência da trama dos judeus (At 23:18 a 21), o tribuno pediu ao jovem para manter silêncio a respeito das informações prestadas (At 23:22), e passou a raciocinar como proceder. Emmanuel transmite outros detalhes a respeito:

A claridade da manhã surpreendeu-o quase bem-disposto. Nas primeiras horas do dia, Estefânio procurava-o com certa ansiedade. Recebido com afetuoso interesse, o rapaz informou o tio dos graves projetos que se tramavam na sombra. Os judeus haviam jurado exterminar o convertido de Damasco, ainda que para isso houvessem de assassinar o próprio Cláudio Lísias. O ambiente no Sinédrio era de atividades odiosas. Projetava-se matar o pregador da gentilidade, à plena luz do dia, na próxima sessão do tribunal. Mais de quarenta comparsas, dos mais fanáticos, haviam prometido, solenemente, a consecução do sinistro desígnio. Paulo tudo ouviu e, calmamente chamando o guarda, disse-lhe:

– Peço-te conduzir este moço à presença do chefe dos tribunos para que o ouça sobre um assunto urgente.

Assim, Estefânio foi levado a Cláudio Lísias, apresentando-lhe a denúncia. O arguto e nobre patrício, com o tato político que lhe caracterizava as decisões, prometeu examinar devidamente a questão, sem deixar presumir a adoção de providências definitivas para burlar a conjura. Agradecendo a comunicação, recomendou ao jovem o máximo cuidado nos comentários da situação, a fim de não exacerbar maiormente os ânimos partidários.<sup>12</sup>

### 34.3 TRANSFERÊNCIA DE PAULO PARA CESAREIA (AT 23:23 A 35)<sup>13</sup>

<sup>23</sup>Chamou, depois, dois dos centuriões e ordenou-lhes: “Tende de prontidão, desde a terceira hora da noite, duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos lanceiros, para irem até Cesareia. <sup>24</sup>E também montarias, para que Paulo possa viajar e ser conduzido são e salvo ao governador Félix”. <sup>25</sup>E escreveu uma carta do

seguinte teor: <sup>26</sup>“Cláudio Lísias, ao excelentíssimo governador Félix, saudações! <sup>27</sup>Este homem, caído em poder dos judeus, estava prestes a ser morto por eles, quando acorri com a tropa e lho arranquei das mãos, ao saber que era cidadão romano. <sup>28</sup>Querendo averiguar o motivo por que o acusavam, fi-lo conduzir ao Sinédrio deles. <sup>29</sup>Verifiquei que era inculminado por questões referentes à Lei que os rege, nenhum crime havendo que justificasse morte ou prisão. <sup>30</sup>Tendo-me sido denunciada uma emboscada contra a sua vida, tratei de enviá-lo prontamente a ti, comunicando, porém, a seus acusadores que exponham diante de ti o que haja contra ele”. <sup>31</sup>Os soldados, conforme lhes fora ordenado, tomaram Paulo e o conduziram de noite até Antipátrida. <sup>32</sup>No dia seguinte, deixando os cavaleiros seguirem viagem com ele, voltaram para a fortaleza. <sup>33</sup>Chegando a Cesareia, os cavaleiros entregaram a carta ao governador e apresentaram-lhe Paulo. <sup>34</sup>Lida acarta, o governador quis saber da sua província de origem. Informado que era da Cilícia, disse-lhe: <sup>35</sup>“Ouvir-te-ei quando também teus acusadores tiverem chegado”. E mandou que ficasse detido no pretório de Herodes.

Após a retirada do sobrinho de Paulo, o tribuno Lísias, passou a refletir a respeito da informação que recebera, antes de agir com segurança:

Na solidão do seu gabinete, o tribuno romano pensou seriamente naquelas perspectivas sombrias. O Sinédrio, na sua capacidade de intrigar, poderia promover manifestações do povo sempre versátil e agressivo. Rabinos apaixonados podiam mobilizar facínoras e quiçá assassiná-lo em condições espetaculares. Mas, a denúncia partia de um jovem, quase criança. Além disso, tratava-se de um sobrinho do prisioneiro. Teria dito a verdade ou seria mero instrumento de possível mistificação afetiva, nascida de justas preocupações da família? [...] <sup>14</sup>

Achava-se ainda envolvido nessas conjecturas, quando foi informado da presença de um visitante que necessitava conversar com ele:

[...] um velhinho de semblante calmo apareceu sorridente. Cláudio Lísias alegrou-se. Conhecia-o de perto. Devia-lhe favores. O visitante inesperado era Tiago, que vinha interpor sua generosa influência em favor do grande amigo de suas edificações evangélica. O filho de Alfeu repetiu o plano já denunciado por Estefânio, minutos antes. E foi mais longe. Contou a história comovedora de Paulo de Tarso, revelando-se como testemunha imparcial de toda a sua vida e esclarecendo que o apóstolo viera à cidade, por insistência de sua parte, a fim de combinarem momentosas providências atinentes à propaganda. Concluía a exposição atenciosa pedindo ao amigo ilustre medidas eficazes, para evitar o monstruoso atentado.

Maiormente apreensivo agora, o tribuno ponderou:

– Vossas considerações são justas; entretanto, sinto dificuldades para coordenar providências imediatas. Não será melhor aguardar que os fatos se apresentem e reagir, então, à força com a força?

Tiago esboçou um sorriso de dúvidas e sentenciou:

– Sou de parecer que vossa autoridade encontre recursos urgentes. Conheço as paixões judaicas e o furor de suas manifestações. Nunca poderei esquecer o odioso fermento dos fariseus, no dia do Calvário. Se receio pela sorte de Paulo, temo igualmente por vós mesmo. A multidão de Jerusalém é criminosa muitas vezes.<sup>14</sup>

Os argumentos de Tiago caíram fundo na alma do tribuno que, ponderado, buscava encontrar uma forma inteligente de agir, livrando Paulo, e ele próprio, de um atendado de morte, planejado por um grupo de judeus intransigentes. Ao mesmo tempo, refletia a respeito da necessidade de preservar a sua autoridade como representante de César na Palestina. A resposta às suas indagações veio de Tiago, possivelmente inspirado por Jesus:

Lísias franziu a testa e refletiu longo tempo, mas arrancando-o de sua indecisão, o velho galileu apresentou-lhe a ideia de transferir o prisioneiro para Cesareia, tendo em vista um julgamento mais justo. A medida teria a virtude de subtrair o apóstolo do ambiente irritado de Jerusalém e faria abortar de início o plano de homicídio; além disso, o tribuno permaneceria a salvo de suspeitas injustas, mantendo íntegras as tradições de respeito em torno do seu nome, por parte dos judeus malevolentes e ingratos. O feito seria conhecido apenas dos mais íntimos e o patrício designaria uma escolta de soldados corajosos para acompanhar o prisioneiro, devendo sair de Jerusalém depois de meia-noite. Cláudio Lísias considerou a excelência das sugestões e prometeu pô-las em prática nessa mesma noite.<sup>14</sup>

Ato contínuo, convocou dois centuriões, ordenando-lhes que colocassem em prontidão 200 soldados, 70 lanceiros e 200 cavaleiros para irem a Cesareia antes de o dia amanhecer (At 23:23). Ordenou igualmente que preparassem montarias para transferir Paulo da prisão em Jerusalém, para que pudesse viajar em segurança e ser entregue a salvo ao governador Félix (At 23:24). Paralelamente a estas providências, Lísias escreveu detalhada carta ao governador, na qual relatou todos os acontecimentos desde a prisão de Paulo, inclusive a emboscada que um grupo de judeus estava organizando (At 23:25 a 30):

Alta noite, Paulo de Tarso foi chamado com grande surpresa. Cláudio Lísias explicou-lhe, em poucas palavras, o objetivo de sua decisão e a extensa caravana partiu em silêncio, rumo a Cesareia.

Dado o caráter secreto das providências tomadas, a viagem correu sem incidentes dignos de menção. Apenas muitas horas depois partiam da Torre Antônia os respectivos informes, convencendo-se os judeus, com grande desapontamento, da inutilidade de quaisquer represálias.<sup>14</sup>

A viagem transcorreu conforme fora planejada, já que Paulo foi mantido sob cuidadosa segurança até a cidade de Antipátrida/Antipátripe

– “cidade fundada por Herodes, o Grande, localizada nas férteis planícies de Cafar [...], circundada por um rio [...], à beira da estrada militar entre Jerusalém e Cesareia [...]”<sup>15</sup> –, como relata *Atos* (23:31 e 32): *Os soldados, conforme lhes fora ordenado, tomaram Paulo e o conduziram de noite até Antipátrida. No dia seguinte, deixando os cavaleiros seguirem viagem com ele, voltaram para a fortaleza.*

A comitiva chega sã e salva a Cesareia, os cavaleiros procuram imediatamente o governador, entregam-lhe a carta do tribuno Lísias e lhe apresentam Paulo (At 23:33). Após a leitura da carta, o governador argui Paulo, procurando obter informações a seu respeito (At 23:34), informando-o que, oportunamente, ouvi-lo-ia e também aos acusadores. Em seguida, ordenou que o prisioneiro ficasse detido no pretório de Herodes (At 23:35):

Em Cesareia o governador recebeu a expedição com enorme espanto. Conhecia o renome de Paulo e não era estranho às lutas que sustentava com os irmãos de raça, mas aquela caravana de quatrocentos homens armados, para proteger um preso, era de causar admiração.

Depois do primeiro interrogatório, o preposto máximo do império, na província, sentenciou:

– Atento à origem judaica do acusado, nada posso julgar sem ouvir o órgão competente de Jerusalém.

E mandou que o Sinédrio se fizesse representar na sede do Governo, com a maior urgência.

Os israelitas estavam sumamente satisfeitos com a ordem.<sup>16</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:1-11, p. 1944 e 1945.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:2. Nota de rodapé “h”, p. 1944.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:8. Nota de rodapé “a”, p. 1945.
- 6 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. *Introdução*, it. III – Notícias históricas, subit. Fariseus.
- 7 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. *Introdução*, it. III – Notícias históricas, subit. Escribas.
- 8 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 13. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. *Introdução*, it. III – Notícias históricas, subit. Saduceus.
- 9 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 10 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:12-22, p. 1945.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:12. Nota de Rodapé “c”, p. 1945.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 23:23-35, p. 1945 e 1946.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 15 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Antipátripe, p. 90.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 20212. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.



# PROCESSO DIANTE DE FÉLIX. DISCURSO DE PAULO PERANTE O GOVERNADOR ROMANO. DETENÇÃO DE PAULO EM CESAREIA (AT 24:1 A 27)

Como se não bastasse a prisão de Paulo em Jerusalém, ele teve que ser transferido para Cesareia porque cerca de 40 judeus juraram, por meio da prática religiosa do anátema, não ingerir alimentos ou líquidos enquanto não o matassem. A conspiração aumenta quando outros israelitas se unem a esse grupo e planejam, sordidamente, assassinar o apóstolo. Entretanto, quando Estefânio, sobrinho de Paulo, e Tiago, filho de Alfeu, têm conhecimento do plano sinistro, procuram discretamente Cláudio Lísias, tribuno romano que governava as forças romanas militares de Jerusalém, informando-o a respeito. Diante desses fatos, Paulo é transferido para Cesareia, a capital do Império Romano na Palestina, e entregue ao governador Félix. Depois de ouvir o prisioneiro, e por considerar sua origem judaica, o governador toma a decisão de, antes de realizar qualquer julgamento, ouviria o Sinédrio, convocando-o a se reunir em Cesareia (At 23:35):

[...] Todavia, o julgamento que temos aqui ainda não foi o julgamento final, pelo que não se deve esperar qualquer veredicto emanado do mesmo. Foi, antes, uma investigação preliminar, em que Félix teria a oportunidade de recolher todas as provas possíveis [...].<sup>1</sup>

Menos de uma semana depois, ocorre o julgamento preliminar de Paulo perante o governador romano, estando presente as lideranças do Sinédrio, como o sumo sacerdote e outros chefes judeus (At 24:1 a 21). Félix ouviu as acusações e a defesa de Paulo, declarando que convocaria também o tribuno Lísias para depor (At 24:22 a 27). Foram decisões ponderadas, ainda que a personalidade do governador Félix fosse tida como controversa. Contudo,

considerando que Paulo de Tarso era judeu e cidadão romano, como ele afirmava ser desde o nascimento (At 22:25 a 29), a situação era muito delicada, exigindo-se cautela de julgamento e de emissão de sentenças. O fato é que, de um lado, os religiosos judeus acusavam o ex-rabino de traidor das leis e tradições do Judaísmo quando se converteu ao Cristianismo, e, também de ter profanado o Templo; do outro, sendo o prisioneiro cidadão romano tinha o direito de ser tratado como tal, mesmo que ele seguisse a doutrina do Nazareno:

Para o sinédrio, zelador da lei de Moisés, a seita nazarena, isto é, o Cristianismo nascente, estava fora da lei e como tal devia ser perseguida e aniquilada. As pregações de Paulo eram tidas como sediciosas, pelo que o condenavam. Quanto a profanar o Templo, bem vimos que é uma acusação falsa.

Roma, em suas relações com os povos subjugados, respeitava-lhes as instituições e os costumes, até onde não ameaçassem sua segurança; assim, os judeus gozavam de plena liberdade religiosa e quase completa nos assuntos judiciais. Fiel a essa política, nunca se imiscuia nas questões do Templo, permitindo que o sinédrio agisse como quisesse. Interferindo o tribuno Lísias, culpam-no de favorecer Paulo, e, portanto, a seita nazarena, impedindo que o julgassem segundo a lei deles [...].<sup>2</sup>

### 35.1 PROCESSO DIANTE DE FÉLIX. DISCURSO DE PAULO PERANTE O GOVERNADOR ROMANO (AT 24:1 A 21)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Cinco dias depois, desceu o sumo sacerdote Ananias com alguns anciãos e um advogado, certo Tertulo, os quais, diante do governador, se constituíram acusadores de Paulo. <sup>2</sup>Tendo sido este chamado, Tertulo iniciou a acusação nestes termos: “Gozando de paz profunda por teu intermédio, e tendo-se processado melhorias para este povo por tua providência, <sup>3</sup>tudo isto reconhecemos, ó excelentíssimo Félix, sempre e em toda parte, com toda a gratidão. <sup>4</sup>Mas, para que eu não te detenha por muito tempo, peço-te nos escutes por um instante, com a tua reconhecida benevolência. <sup>5</sup>Verificamos que este homem é uma peste: ele suscita conflitos entre todos os judeus do mundo inteiro, e é um dos da linha-de-frente da seita dos nazareus. <sup>6</sup>Tentou mesmo profanar o Templo, e por isso o detivemos. <sup>8</sup>É de sua boca que poderás, tu mesmo, interrogando-o, certificar-te de todas as coisas de que nós o estamos acusando”. <sup>9</sup>Apoiavam-no também os judeus, sustentando que as coisas eram mesmo assim. <sup>10</sup>Então, tendo o governador feito sinal para que falasse, Paulo respondeu:

“Ciente de que há muitos anos és o juiz desta nação, de bom ânimo passo a defender a minha causa. <sup>11</sup>Tu podes assegurar-te do seguinte: não há mais de doze dias que subi a Jerusalém em peregrinação. <sup>12</sup>Ora, nem no Templo, nem nas sinagogas, nem pela cidade, viu-me alguém discutindo com outrem ou provocando motins entre a multidão. <sup>13</sup>Eles não podem provar-te aquilo de

que agora me acusam. <sup>14</sup>Isto, porém, confesso-te: é segundo o Caminho, a que chamam de seita, que eu sirvo ao Deus de meus pais, crendo em tudo o que está conforme a Lei e se encontra escrito nos Profetas. <sup>15</sup>E tenho em Deus a esperança, que também eles acalentam, de que há de acontecer a ressurreição, tanto de justos como de injustos. <sup>16</sup>Eis por que também eu me esforço por manter uma consciência irrepreensível constantemente, diante de Deus e diante dos homens. <sup>17</sup>Depois de muitos anos, vim trazer esmolas para o meu povo e também apresentar ofertas. <sup>18</sup>Foi ao fazê-las que me encontraram no Templo, já purificado, sem ajuntamento e sem tumulto. <sup>19</sup>Alguns judeus da Ásia, porém são eles que deveriam apresentar-se a ti e acusar-me, caso tivessem algo contra mim. <sup>20</sup>Ou digam estes, que aqui estão, se encontraram algum delito em mim ao comparecer eu perante o Sinédrio. <sup>21</sup>A não ser que se trate desta única palavra que bradei, de pé, no meio deles: ‘É por causa da ressurreição dos mortos que estou sendo julgado, hoje, diante de vós!’”

Em *Atos dos apóstolos* (24:1 a 9), ora sob análise, fica evidente que os judeus queriam, eles próprios, julgar a Paulo, mas foram impedidos pelo tribuno Lísias (At 23:10), como indiretamente o acusa Tertulo o advogado dos judeus (At 24:2 a 9). Emmanuel transmite estas informações:

Consequentemente, cinco dias depois da remoção do apóstolo, o próprio Ananias fizera questão de chefiar o conjunto de autoridades do Sinédrio e do Templo, que acorreram a Cesareia com os projetos mais estranhos, relativamente à situação do adversário. Os velhos rabinos, conhecendo o poder da lógica e a formosura da palavra do ex-doutor de Tarso, fizeram-se acompanhar de Tertulo, uma das mais notáveis mentalidades que cooperavam no colendo sodalício.

Improvizado o Tribunal para decidir o feito, o orador do Sinédrio teve a prioridade da palavra, usando-a em tremendas acusações contra o indiciado réu, desenhando a cores negras todas as atividades do Cristianismo, e terminando por pedir ao governador a entrega do acusado aos seus irmãos de raça, a fim de ser por eles devidamente julgado.<sup>4</sup>

O governador Félix passa a palavra a Paulo que apresenta a sua defesa, conforme registro de Lucas em *Atos dos apóstolos* (24:10 a 21). Paulo repete resumidamente a defesa, que é a mesma apresentada em Jerusalém, demonstrando que a questão fundamental não se prendia ao fato dele ter se convertido ao Cristianismo e levar muitos judeus e gentios à conversão, como alegara o advogado do Sinédrio, esclarecendo também que em momento algum provocou, direta ou indiretamente, motim, discussão pública ou particular, e muito menos profanação ao Templo, como estava sendo acusado (v. 12 e 13). Na verdade, declara tranquilamente, que a acusação e perseguição imposta pelos judeus a ele se restringia ao fato dele crer e ser testemunha da ressurreição. Este, sim, era o ponto de discórdia (v. 21),

fato que, quando ele declarou na reunião do Sinédrio em Jerusalém, estabeleceu-se grande conflito entre os fariseus, saduceus e escribas presentes, a ponto de o tribuno Cláudio Lísias ser obrigado a suspender a assembleia, em razão do nível de agressividade e descontrole reinantes (At 23:10):

Concedido ao ex-rabino o ensejo de explicar-se, Paulo começou a falar com grande serenidade. Félix lhe observou logo os elevados dotes intelectuais, os primores dialéticos e ouvia-lhe a argumentação com invulgar interesse. Os anciãos de Jerusalém não sabiam ocultar a própria ira. Se possível, teriam espostejado o apóstolo ali mesmo, tal a irritação que os assomava, a contrastar com a tranquilidade transparente da oratória e da pessoa do orador adverso.

O governador teve grande embaraço para pronunciar o veredicto. De um lado, via os anciãos de Israel em atitude quase colérica, reclamando direitos de raça; do outro, contemplava o Apóstolo do Evangelho, calmo, imperturbável, senhor espiritual do assunto, a esclarecer todos os pontos obscuros do processo singular, com a sua palavra elegante e refletida.<sup>4</sup>

O governador Félix ficou impressionado com a defesa do apóstolo e, ponderando a respeito, resolveu adiar a emissão da sentença, a fim de obter maiores informações:

Reconhecendo o extremo valor daquele homem franzino e envelhecido, cujos cabelos pareciam encanecidos por dolorosas e sagradas experiências, o governador Félix modificou, apressadamente, suas primeiras impressões e encerrou os trabalhos nestes termos:

– Senhores, reconheço que o processo é mais grave do que julguei à primeira vista. Neste caso, resolvo adiar a sentença definitiva até que o tribuno Cláudio Lísias seja convenientemente ouvido.

Os anciãos morderam os lábios. Debalde o sumo sacerdote solicitou a continuação dos trabalhos. O mandatário de Roma não modificou o ponto de vista e a grande assembleia dissolveu-se, com imenso pesar dos israelitas constringidos a regressar, extremamente desapontados.<sup>4</sup>

Importa destacar este outro registro da defesa de Paulo que fornece mais um motivo para a perseguição contra ele (At 24:14): “Isto, porém, confesso-te: é segundo o Caminho, a que chamam de seita, que eu sirvo ao Deus de meus pais, crendo em tudo o que está conforme a Lei e se encontra escrito nos Profetas”:

De fato, o Evangelho não veio para destruir a lei ou invalidá-la, mas dar-lhe cumprimento, segundo declarou o próprio Jesus. Do mesmo modo, o Espiritismo não veio combater ou destruir religiões, e sim trazer novos ensinamentos que as completam e espiritualizam.

Sendo Deus nosso Pai, nele devemos depositar todas as nossas esperanças e, como somos Espíritos imortais, ressurgiremos cheios de vida no mundo

espiritual, depois de passar pelo fenômeno da morte. E para que não tenhamos decepções do lado de lá, precisamos não cometer atos que manchem a nossa consciência.<sup>5</sup>

Paulo prossegue em suas explicações, assinalando os motivos por que se encontrava em Jerusalém (At 24:17 e 18), durante a Festa da Páscoa: *Depois de muitos anos, vim trazer esmolas para o meu povo e também apresentar ofertas. Foi ao fazê-las que me encontraram no Templo, já purificado, sem ajuntamento e sem tumulto:*

A esmola a que Paulo se refere era a coleta que ele fazia regularmente entre os irmãos dos núcleos que fundara nas cidades onde estivera e se destinava a auxiliar a obra dos Apóstolos em Jerusalém. Foi esse hábito que ele conservou por toda a vida [...]. E as oferendas e votos, as despesas que pagou pela purificação dos quatro nazireus, que o acompanhou ao Templo, segundo o ritual de purificação.<sup>5</sup>

Paulo esclarece perante o tribunal de Cesareia, então presidido pelo governador Félix e contando com a participação do sumo sacerdote e outros integrantes do Sinédrio, que a acusação de tumulto no Templo não deveria ser direcionada a ele, mas aos judeus da Ásia, os quais efetivamente iniciaram o conflito e o motim em Jerusalém (At 21:28 a 30) – (estudado no Tema 33). Em seguida, volta a reafirmar qual seria o verdadeiro motivo dele estar sendo julgado (At 24:21): “A não ser que se trate desta única palavra que bradei, de pé, no meio deles: É por causa da ressurreição dos mortos que estou sendo julgado, hoje, diante de vós!”:

Na realidade, Paulo não tumultuara o Templo, foram os judeus da Ásia que o reconheceram entre os quatro nazireus; se algo houvesse contra ele, seriam eles que o deveriam acusar; e mesmo os que ali estavam nenhuma culpa lhe poderiam imputar. Paulo habilmente desloca a questão para o terreno controverso entre fariseus e os saduceus: o da ressurreição dos mortos.

O Espiritismo prega a ressurreição dos mortos; não, porém, a do corpo de carne, que se desfaz na sepultura, onde passa a integrar o grande reservatório da natureza; a ressurreição é do Espírito, nossa alma imortal, que ressurge no Plano Espiritual. Aliás, é o que o próprio Paulo nos ensina em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, nos versículos [42 e 44]: *Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se o corpo em corrupção, ressuscitará em incorrupção. E semeado o corpo animal, ressuscitará o corpo espiritual.*<sup>6</sup>

O certo é que o discurso de Paulo impressionou o governador romano, que passou a ver o apóstolo sob outra perspectiva, assim como acontecera anteriormente ao tribuno Cláudio Lísias:

Félix, entretanto, passou a considerar o prisioneiro com maior deferência. No dia seguinte, foi visitá-lo, concedendo-lhe permissão para receber os amigos na sala do expediente. Depreendendo que Paulo gozava de grande prestígio entre e perante todos os seguidores da doutrina do Profeta nazareno, imaginou, desde logo, tirar algum proveito da situação. Cada vez que o visitava, surpreendia-lhe a maior acuidade mental, a interessá-lo pela sua palestra viva e palpitante de observações sábias, no conceito e na experiência da vida.<sup>7</sup>

A decisão de adiar o julgamento, ouvindo o tribuno de Jerusalém, foi a mais acertada:

Félix conhecia muito bem as intermináveis e estéreis discursões dos judeus, ao interpretarem a lei de Moisés. E, para certificar-se dos fatos concretos que levaram Paulo à prisão, julgou de bom alvitre, antes de pronunciar-se, ouvir o depoimento do tribuno Lísias.<sup>8</sup>

## 35.2 DETENÇÃO DE PAULO EM CESAREIA (AT 24:22 A 27)<sup>9</sup>

<sup>22</sup>Félix, que era muito bem-informado no que concerne ao Caminho, reenviou-os para outra audiência, dizendo: “Quando o tribuno Lísias descer, julgarei a vossa questão”. <sup>23</sup>E ordenou ao centurião que o mantivesse detido, mas lhe desse bom tratamento, e a nenhum dos seus impedisse de prestar-lhe assistência. <sup>24</sup>Alguns dias depois, veio Félix com sua mulher Drusila, que era judia. Mandou chamar Paulo e ouviu-o falar sobre a fé em Cristo Jesus. <sup>25</sup>Mas, como Paulo se pusesse a discorrer sobre a justiça, a continência e o julgamento futuro, Félix ficou amedrontado e interrompeu: “Por agora, retira-te. Quando tiver mais tempo, mandarei chamar-te”. <sup>26</sup>Ele esperava, além disso, que Paulo lhe desse dinheiro; por isso, mandava chamá-lo frequentemente e conversava com ele. <sup>27</sup>Passados dois anos, Félix teve como sucessor Pórcio Festo. Entretanto, querendo agradar aos judeus, Félix mantivera Paulo encarcerado.

Lucas nos faz perceber, nesta passagem de *Atos dos apóstolos*, o verdadeiro caráter do governador Félix, cujas ações estavam sempre voltadas para os próprios interesses ou benefício próprio (At 24:23; 25 e 26). O certo é que Paulo ficou detido por dois anos em Cesareia “[...] sob custódia, isto é, livre dentro do pretório, porém com sentinela à vista; e podia receber amigos e colaboradores, o que foi altamente benéfico à causa do Evangelho. [...]”<sup>10</sup>

Durante este período, “Paulo não ficou inativo; recebia os emissários dos núcleos distantes, solucionava-lhes os problemas e enviava-lhes mensagens e epístolas, das quais nos restam algumas. Um dos seus colaboradores constantes foi Lucas, ‘o muito amado Lucas’, como Paulo o chamava (Col 4:14), o qual tinha entrada livre no pretório. Lucas não perdeu a

oportunidade incomparável, que se lhe deparava em Cesareia, de colher informações de Filipe [um dos presbíteros da Casa do Caminho], que morava na cidade, e de outras pessoas que estiveram bem próximas de Jesus; com elas escreveu o Evangelho que traz o seu nome, e julga-se que também nesse tempo começou a compor o *Atos dos apóstolos*, terminando-o em Roma”.<sup>10</sup>

Durante o período da detenção sob custódia em Cesareia, Paulo foi, por mais de uma vez, procurado por Félix e, inclusive, por sua esposa Drusila (At 24:24). O objetivo das conversas era, por parte do governador, obter alguma vantagem, como consta claramente em *Atos*, 24:26, considerando a fama de Paulo. Emmanuel fala a respeito de um desses encontros, em que Félix tenta comprar a libertação do apóstolo:

Certo dia, o governador abordou jeitosamente o prisma dos interesses pessoais, insinuando-lhe a vantagem da sua libertação, de maneira a atender às aspirações da comunidade cristã, a que emprestava tanto relevo.

Paulo, porém, observou resolutivo:

– Não sou tanto de vossa opinião. Sempre considerei que a primeira virtude do cristão é estar pronto para obedecer à vontade de Deus, em qualquer parte. Certo, não estou detido à revelia de sua assistência e proteção, e desta forma acredito que Jesus julga melhor conservar-me prisioneiro, nos dias que correm. Servi-lo-ei, pois, como se estivesse em plena liberdade de corpo.

– Entretanto – continuou Félix, sem coragem para ferir diretamente o ponto –, vossa independência não seria coisa muito difícil.

– Como assim?

– Não tendes amigos ricos e influentes em todos os recantos provinciais? – interrogou o preposto governamental, de maneira ambígua.

– Que desejais dizer com isso? – perguntou o apóstolo por sua vez.

– Creio que se conseguísseis o dinheiro suficiente para atender aos interesses pessoais de quantos hajam de funcionar no processo, estaríeis completamente livre da ação da justiça, dentro de poucos dias.<sup>11</sup>

Ao perceber as insinuações do governador, Paulo revida-lhe com bom ânimo, mas com a franqueza de sempre:

– Percebo agora. Falais de uma justiça condicionada ao capricho criminoso dos homens. Essa justiça não me interessa. Ser-me-á preferível conhecer a morte no cárcere, a servir de obstáculo à redenção espiritual do mais humilde dos funcionários de Cesareia. Dar-lhes dinheiro em troca de uma independência ilícita seria habituá-los ao apego dos bens que lhes não pertencem. Minha atividade seria, então, um esforço reconhecidamente perverso. Além do mais, quando temos a consciência pura, ninguém nos pode tolher a liberdade e eu me sinto aqui tão livre como lá fora, na praça pública.<sup>11</sup>

Com essa resposta, Félix compreende, finalmente, a honradez do caráter de Paulo:

[...] A lição humilhava-o duramente e, desde então, desinteressou-se da causa. Já havia, porém, comentado, entre amigos mais íntimos, a privilegiada inteligência do prisioneiro de Cesareia e, daí a dias, sua jovem esposa Drusila manifestava-lhe o desejo de conhecer e ouvir o apóstolo. A seu mau grado, não podendo esquivar-se, acabou por levá-la à presença do ex-rabino.

Judia de origem, Drusila não se contentou, qual fizera o marido, com simples indagações superficiais. Desejosa de sondar-lhe as ideias mais profundas, pediu-lhe um comentário geral da nova doutrina que esposara e procurava difundir.<sup>11</sup>

Como informação histórica, Drusila era irmã do rei dos judeus, Herodes Agripa II, neto de Herodes, o Grande.

Paulo falou a Drusila e aos demais integrantes da corte romana, esclarecendo e impressionando-os:

Perante destacadas figuras da Corte provincial, o valoroso Apóstolo dos Gentios fez brilhante panegírico do Evangelho, ressaltando a inolvidável exemplificação do Cristo e os deveres do proselitismo que repontava de todos os recantos do mundo. A maioria dos ouvintes escutava-o com evidentes mostras de interesse, mas, quando ele começou a falar da ressurreição e dos deveres do homem em face das responsabilidades no Mundo Espiritual, o governador fez-se pálido e interrompeu a pregação.

– Por hoje basta! – disse com autoridade. – Meus familiares poderão ouvir-vos de outra feita, se lhes aprouver, pois quanto a mim não creio na existência de Deus.

Paulo de Tarso recebeu a observação com serenidade e respondeu com benevolência:

– Agradeço a delicadeza da vossa declaração e, todavia, senhor governador, ousou encarecer-vos a necessidade de ponderar o assunto, porque, quando um homem afirma não aceitar a paternidade do Todo-Poderoso, é que, em regra, se arreceia do julgamento de Deus.

Félix lançou-lhe um olhar raivoso e retirou-se com os seus, prometendo a si próprio deixar o prisioneiro entregue à sua sorte.<sup>11</sup>

Enquanto aguardava o desenrolar do processo, Paulo mantinha-se em permanente atividade: “Não obstante a condição de prisioneiro, o convertido de Damasco não relaxou o trabalho um só dia, valendo-se de todos os recursos ao seu alcance, em favor da difusão da Boa-Nova”.<sup>19</sup> Neste sentido, o valoroso apóstolo lembrou a Lucas antigo projeto de escrever a biografia de Jesus:



A esse tempo, o ex-doutor de Jerusalém chamou a atenção de Lucas para o velho projeto de escrever uma biografia de Jesus, valendo-se das informações de Maria; lamentou não poder ir a Éfeso, incumbindo-o desse trabalho, que reputava de capital importância para os adeptos do Cristianismo. O médico amigo satisfaz-lhe integralmente o desejo, legando à posteridade o precioso relato da vida do Mestre, rico de luzes e esperanças divinas. Terminadas as anotações evangélicas, o espírito dinâmico do apóstolo da gentilidade encarou a necessidade de um trabalho que fixasse as atividades apostólicas logo após a partida do Cristo, para que o mundo conhecesse as gloriosas revelações do Pentecostes, e assim se originou o magnífico relatório de Lucas, que é *Atos dos apóstolos*.<sup>11</sup>

As atividades no bem prosseguiram intensas nas diferentes comunidades cristãs e, mesmo detido, Paulo recebia costumeiramente muitas visitas. Por outro lado, os seus acusadores nunca deixaram de pressionar o governador Félix:

O tempo corria célere. Os israelitas, no entanto, nunca desistiram do primitivo plano de eliminar o valeroso campeão das verdades do Céu. O governador foi abordado, várias vezes, sobre a oportunidade de reenviar o encarcerado a Jerusalém; entretanto, ao lembrar-se de Paulo, a consciência lhe vacilava. Além do que por si mesmo observara, ouvira o tribuno Cláudio Lísias que lhe falara do ex-rabino com indisfarçável respeito. Mais por medo dos poderes sobrenaturais atribuídos ao apóstolo, que por dedicação aos seus deveres de administrador, resistiu a todas as investidas dos judeus, mantendo-se firme no propósito de custodiar o acusado até que surgisse o ensejo de um julgamento mais ponderado.<sup>11</sup>

Félix manteve Paulo custodiado na prisão por dois anos, quando é substituído no cargo por *Pórcio Festo*, o novo governador de Cesareia (At 24:27), “nomeado, provavelmente em 59 ou 60, falecido em 62”.<sup>12</sup>

À vista disso, embora respeitado pela franqueza e lealdade, Paulo houve de amargar dois anos de reclusão em Cesareia, tempo esse aproveitado em relações constantes com as suas igrejas bem-amadas. Inumeráveis mensagens iam e vinham trazendo consultas e levando pareceres e instruções.<sup>13</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 24, it. III. 7-d (24:1 a 26; 32), p. 588.
- 2 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 52, p. 338.

- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 24:1-21, p. 1946 e 1947.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 5 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 52, p. 339.
- 6 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 52, p. 340.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 8 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 52, p. 341.
- 9 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 24:22-7, p. 1947.
- 10 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 52, p. 341.
- 11 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 12 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 24:27. Nota de rodapé “h”, p. 1947.
- 13 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

## PAULO APELA PARA CÉSAR. PAULO COMPARECE PERANTE O REI AGRIPA (AT 25:1 A 27)

Por ordem de Félix, governador da província romana na Palestina, Paulo foi mantido prisioneiro, sob custódia, em Cesareia por dois anos. Nessas condições, ele ficou retido no espaço da governadoria denominado Pretório de Herodes, mas era bem tratado, tinha permissão de receber amigos, discípulos, escrever cartas e transmitir recomendações aos irmãos de fé que viviam nas diferentes comunidades cristãs. Contudo, com a chegada do novo governador, Pórcio Festo, o processo contra o apóstolo foi retomado:

Dois anos de prisão contava a folha corrida do grande amigo dos gentios. Uma ordem imperial transferira Félix para a administração de outra província. Sem esquecer a mágoa que a franqueza de Paulo lhe causara, fez questão de o abandonar à própria sorte.

O novo governador, Porcius Festus, chegou a Cesareia em meio a ruidosas manifestações populares. Jerusalém não poderia esquivar-se às homenagens políticas e, tão logo assumira o poder, o ilustre patricio foi visitar a grande cidade dos rabinos. O Sinédrio aproveitou o ensejo para requisitar, instantaneamente o velho inimigo de tantos anos. Um grupo de doutores da Lei Antiga buscou avistar-se, cerimoniosamente, com o generoso romano, solicitando a restituição do prisioneiro para julgamento do Tribunal religioso. Festus recebeu a comissão, cavalheirescamente, e mostrou-se inclinado a atender, mas, prudente por índole e por dever do cargo, declarou que preferia solucionar a questão em Cesareia, onde se lhe facultava conhecer o assunto com os detalhes imprescindíveis. Para esse fim, convidava os rabinos a acompanhá-lo no seu regresso. Os israelitas exultaram de contentamento. Espalharam-se os mais sinistros projetos, para a recepção do apóstolo em Jerusalém.<sup>1</sup>

A persistência das autoridades religiosas do sinédrio em condenar a Paulo à morte é realmente algo constrangedor e incompreensível, mesmo quando se considera o contexto histórico-cultural, uma vez que evocavam o nome de Deus em suas argumentações. Dessa forma, apresentaram as

suas petições quando do julgamento de Paulo, tão logo o novo governador toma posse do cargo (At 25:1). Estando em Jerusalém, Lucas fica sabendo desta nova trama dos chefes judeus, viajando de imediato para a Cesareia com o intuito de informar Paulo a respeito. O admirável evangelista trazia a alma compungida, temendo acontecimentos funestos com a nova investida dos religiosos judeus:

O governador ali ficou dez dias [em Jerusalém], mas, antes que regressasse, alguém se encaminhava a Cesareia, de coração oprimido e ansioso. Era Lucas, que, esforçado e solícito, propunha-se informar o prisioneiro de todas as singulares ocorrências. Paulo de Tarso ouvia-o com atenção e serenidade; mas, quando o companheiro passou a relatar os planos do Sinédrio, o amigo do gentilismo fez-se pálido. Estava definitivamente assentado que o tráfuga [desertor] de César seria crucificado, como o Divino Mestre, no mesmo local da Caveira. Havia preparativos para encenar fielmente o drama do Calvário. O acusado carregaria a cruz até lá, arrostando os sarcasmos da população e havia até quem falasse no sacrifício de dois ladrões, para que se repetissem todos os detalhes característicos do martírio do Carpinteiro.<sup>1</sup>

Paulo se deixa surpreender com as novas artimanhas do clero judaico. Não se abate, porém, acalmando a si próprio e também a alma generosa de Lucas, ao responder-lhe:

– Temos de evitar isso, por todos os meios ao nosso alcance. Como encarar essa deliberação extravagante de repetir a cena do Calvário? Qual o discípulo que teria a coragem de submeter-se a essa falsa paródia com a ideia mesquinha de atingir o plano do Mestre, no testemunho aos homens? O Sinédrio está enganado. Ninguém no mundo logrará um Calvário igual ao do Cristo. [...] <sup>1</sup>

Pórcio Festo finalmente chega a Cesareia:

Três dias depois dessa entrevista, o governador regressava à sede do Governo provincial, acompanhado de numeroso séquito de israelitas dispostos a conseguir a entrega do famoso prisioneiro.<sup>1</sup>

Paulo será convocado a novo julgamento e, sob a influência dos chefes religiosos, o governador oferece a Paulo a alternativa dele ser julgado pelos seus compatriotas em Jerusalém (At 25:9). De imediato, Paulo percebe a armadilha construída pelos judeus e, após repetir que não fizera nada do que o acusavam, apelou pelo julgamento de César, tendo em vista a sua cidadania romana (At 25:11 e 12).

Antes, porém, do apóstolo da gentilidade ser encaminhado ao julgamento de César, ele foi conduzido à presença do rei Agripa, governador dos judeus, que viera a Cesareia para visita ao novo governador (At 25:13 a 27).

A intenção de Festo era ganhar tempo para melhor se inteirar a respeito das acusações movidas contra o prisioneiro e também ouvir uma autoridade israelita não religiosa, pois Paulo reafirmava que não cometera crime contra a lei dos judeus nem contra César (At 25:8).

### 36.1 PAULO APELA PARA CÉSAR (AT 25:1 A 12)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Três dias depois de sua chegada à província, Festo subiu de Cesareia a Jerusalém. <sup>2</sup>Logo os chefes dos sacerdotes e os mais notáveis dentre os judeus se constituíram, diante dele, acusadores de Paulo. E ao mesmo tempo solicitaram-lhe, <sup>3</sup>pedindo como especial favor, mas em detrimento de Paulo, que o transferisse para Jerusalém: é que preparavam uma emboscada para matarem-no durante o trajeto. <sup>4</sup>Mas Festo respondeu que Paulo encontrava-se preso em Cesareia, e que ele mesmo partiria muito em breve para lá. <sup>5</sup>E completou: “Aqueles dentre vós que detêm o poder desçam comigo. E se há algo de irregular nesse homem, apresentem acusação contra ele”. <sup>6</sup>Tendo, pois, passado entre eles não mais de oito ou dez dias, desceu a Cesareia. No dia seguinte, sentando-se no tribunal, mandou trazer Paulo. <sup>7</sup>Quando este compareceu, os judeus que haviam descido de Jerusalém o rodearam, aduzindo muitas e graves acusações, as quais, porém, não podiam provar. <sup>8</sup>Paulo, defendendo-se, dizia: “Não cometi falta alguma contra a Lei dos judeus, nem contra o Templo, nem contra César”. <sup>9</sup>Então Festo, querendo agradar aos judeus, dirigiu-se a Paulo: “Queres subir a Jerusalém, para lá, em minha presença, seres julgado a respeito destas coisas?” <sup>10</sup>Paulo, porém, replicou: “Estou perante o tribunal de César, e é aqui que devo ser julgado. Nenhum crime pratiquei contra os judeus, como tu perfeitamente reconheces. <sup>11</sup>Mas, se de fato cometi injustiça, ou pratiquei algo que mereça a morte, não recuso morrer. Se, ao contrário, não há nada daquilo de que me acusam, ninguém pode entregar-me a eles. Apelo para César!” <sup>12</sup>Então Festo, depois de ter conferenciado com o seu conselho, respondeu: “Para César apelaste, a César irás!”

Passados alguns dias, o governador viaja em companhia dos chefes do Sinédrio, de Jerusalém para Cesareia, onde procura se informar a respeito do prisioneiro e das acusações que lhe eram impostas:

Porcius Festus, com a serenidade que lhe marcava as atitudes políticas, procurou conhecer imediatamente a situação. Reviu o processo meticulosamente, inteirando-se dos títulos de cidadania romana do acusado, de acordo com a legislação em vigor. E, notando a insistência dos rabinos que denotavam enorme ansiedade pela solução do assunto, convocou uma reunião para novo exame das declarações do acusado, no intuito de satisfazer a política regional de Jerusalém.<sup>3</sup>

Inicia-se nova assembleia:

O convertido de Damasco, alquebrado de corpo, mas sempre revigorado de espírito, compareceu à assembleia sob os olhares rancorosos dos irmãos de raça, que pleiteavam sua remoção a todo custo. O tribunal de Cesareia atraía grande multidão [...].

Abertos os trabalhos da assembleia singular, o governador interrogou o acusado, com energia cheia de nobreza.

Paulo de Tarso, entretanto, respondeu a todas as arguições com a serenidade que lhe era peculiar. Não obstante a manifesta animosidade dos judeus, declarou que em nada os havia ofendido e não se recordava de qualquer ato de sua vida no qual houvesse atacado o Templo de Jerusalém ou as leis de César.

Festus percebeu que tratava com um espírito culto e eminente, e que não seria tão fácil entregá-lo ao Sinédrio, conforme julgara a princípio. Alguns rabinos haviam insistido para que ordenasse a remoção para Jerusalém, pura e simplesmente, à revelia de quaisquer preceitos legais. O governador não hesitaria, nesse particular, fazendo valer sua influência política; mas, não quis praticar um ato arbitrário antes de conhecer as qualidades morais do homem focalizado pelas intrigas judaicas. No íntimo, considerava que, se se tratasse de uma personagem vulgar, poderia entregá-lo sem receio à autoridade tirânica do Sinédrio que, certo, o liquidaria; mas outro tanto não aconteceria, caso verificasse nobreza e inteligência no prisioneiro, porquanto, com o seu acusado senso político, não desejava adquirir um inimigo capaz de prejudicá-lo a qualquer tempo. Tendo reconhecido os altos dotes intelectuais e morais do apóstolo, modificou inteiramente a sua atitude. Passou logo a considerar com mais severidade o interlocutor, chegando à conclusão de que seria crime agir com parcialidade no feito. Além da cultura que o acusado exibiu, tratava-se de um cidadão romano por títulos legitimamente adquiridos. [...].<sup>3</sup>

A mudança de atitude do governador surpreendeu os chefes religiosos judeus que, acreditavam, sairiam de Cesareia levando Paulo consigo para ser submetido ao martírio e à morte. Antes, porém, oferece ao prisioneiro uma alternativa, como consta em *Atos (25:9)*: *Então Festo, querendo agradar aos judeus, dirigiu-se a Paulo: Queres subir a Jerusalém, para lá, em minha presença, seres julgado a respeito destas coisas?* Portador de ágil inteligência, Paulo percebeu, de imediato, a armadilha que a proposta encerrava. Respondeu, então, ao governador (At 25:10 e 11):

[...] Estou perante o tribunal de César, e é aqui que devo ser julgado. Nenhum crime pratiquei contra os judeus, como tu perfeitamente reconheces. Mas, se de fato cometi injustiça, ou pratiquei algo que mereça a morte, não recuso morrer. Se, ao contrário, não há nada daquilo de que me acusam, ninguém pode entregar-me a eles. Apelo para César!

A surpreendente resposta provocou significativo impacto na assembleia:

A atitude inesperada do Apóstolo dos Gentios provocou geral espanto. Porcius Festus, muito pálido, engolfou-se em sérias cogitações. De sua cátedra de juiz ensinara, generosamente, o caminho da vida a muitos acusados e malfeitores; entretanto, naquela hora inolvidável de sua existência, encontrava um réu que lhe falava ao coração. A resposta de Paulo valia um programa de justiça e de ordem. Com imensa dificuldade pedia o restabelecimento da calma, no recinto. Os representantes do Judaísmo discutiam acaloradamente entre si; alguns cristãos, mais apressados, comentavam desfavoravelmente a atitude do apóstolo, apreciando-a superficialmente, como se constituísse uma negação do testemunho. O governador reuniu, à pressa, o pequeno conselho dos rabinos mais influentes. Os doutores da Lei Antiga insistiram pela adoção de medidas mais enérgicas, no pressuposto de que Paulo se modificaria com algumas bastonadas. Entretanto, sem desprezar a oportunidade de mais uma prestigiosa lição para sua vida pública, o governador cerrou ouvidos às intrigas de Jerusalém, afirmando que de modo algum podia transigir no cumprimento do dever, naquele significativo instante de sua vida. Desculpou-se, desapontado, com os velhos políticos do Sinédrio e do Templo, que o fixavam com olhos rancorosos e pronunciou as célebres palavras.

– Apelaste para César? Irás a César!<sup>3</sup>

O novo julgamento com a presença do Sinédrio foi encerrado a partir do momento em que, enquanto “[...] cidadão romano, Paulo pronuncia a fórmula consagrada: *Caesarem pelo (Apelo para César)*”.<sup>4</sup> Surpreso e admirado ao mesmo tempo, o governador emite a sentença final do julgamento, respondendo-lhe: “[...] de acordo com lei: *Caesarem appellasti? Ad Caesarem ibis (Para César apelaste? A César irás)*”.<sup>4</sup>

[...] Estava aberto a Paulo o caminho para Roma, para onde desejava ardentemente ir; como o fizera em Jerusalém, daria lá também o testemunho de Jesus. Em qualquer parte do Império Romano, por mais longínqua que fosse, que estivesse um cidadão romano, uma vez que apelasse para César, tinha o direito de ser conduzido a Roma e por ele ser julgado. O apelo a César, o imperador, colocava o apelante fora da jurisdição dos governadores provinciais.<sup>4</sup>

## 36.2 PAULO COMPARECE PERANTE O REI AGRIPA (AT 25:13 A 27)<sup>5</sup>

<sup>13</sup>Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesareia e foram saudar Festo. <sup>14</sup>Como se demorassem ali por mais tempo, Festo expôs ao rei o caso de Paulo: “Há um homem aqui, disse ele, a quem Félix deixou detido.

<sup>15</sup>Estando eu em Jerusalém, os chefes dos sacerdotes e anciãos dos judeus representaram contra ele, pedindo a sua condenação. <sup>16</sup>Respondi-lhes, porém, que não é costume dos romanos entregar um homem antes que ele, quando acusado, possa confrontar seus acusadores e tenha meios de defender-se da

acusação.<sup>17</sup>Vindo eles junto comigo para cá, já no dia seguinte sentei-me no tribunal, sem dilação alguma, e mandei trazer o homem.<sup>18</sup>Comparecendo perante ele, seus acusadores não aduziram nenhuma acusação de crimes de que eu pudesse suspeitar.<sup>19</sup>Tinham somente certas questões sobre sua própria religião e a respeito de um certo Jesus, já morto, e que Paulo afirmava estar vivo.<sup>20</sup>Estando eu perplexo quanto à investigação dessas coisas, perguntei-lhe se preferia ir a Jerusalém, para lá ser julgado.<sup>21</sup>Mas Paulo interpôs apelação, para que sua causa fosse reservada ao juízo de Augusto. Ordenei, pois, que ficasse detido, até que eu possa enviá-lo a César”.<sup>22</sup>Disse então Agripa a Festo: “Eu também quisera ouvir este homem”. E Festo: “Amanhã o ouvirás”.<sup>23</sup>De fato, no dia seguinte, Agripa e Berenice vieram com grande pompa e foram à sala de audiências, junto com os tribunos e as personalidades importantes da cidade. A uma ordem de Festo, trouxeram Paulo.<sup>24</sup>Festo disse então: “Rei Agripa, e vós todos conosco aqui presentes, estais vendo este homem, por causa do qual toda a comunidade dos judeus recorreu a mim tanto em Jerusalém como aqui, clamando que ele não deve continuar a viver.”<sup>25</sup>Eu, porém, averigui que nada fez que mereça a morte. Contudo, como ele mesmo apelou para Augusto, decidi enviá-lo.<sup>26</sup>Acontece que nada tenho de concreto, sobre ele, para escrever ao Soberano. Por isso, faço-o comparecer diante de vós, sobretudo diante de ti, rei Agripa, a fim de que, feita a arguição, eu tenha o que escrever.<sup>27</sup>Pois me parece absurdo enviar um detido sem também indicar as acusações movidas contra ele”.

Encerrado o julgamento, seguiram-se as normas processuais rotineiras. No entanto, Pórcio sentia necessidade de entender os detalhes do processo para encaminhá-lo adequadamente ao julgamento na capital do império:

O governador, sem perder tempo, determinou se anotasse a petição do réu, para prosseguimento do feito. No dia seguinte demorou-se a estudar o caso e sentiu-se presa de grande indecisão. Não podia enviar o acusado à capital do império, sem justificar os motivos da prisão, por tanto tempo, nos cárceres de Cesareia. [...].<sup>6</sup>

Enquanto se encontrava envolvido por essas considerações, o governador recebe uma visita protocolar, de dois dos três filhos do rei Herodes Agripa I – aquele que ordenara a morte de Tiago Boanerges, irmão de João Evangelista (At 12:2) e a prisão de Pedro (At 12:3 e 4): Herodes Agripa II e Berenice vieram a Cesareia para saudá-lo no novo cargo (At 25:13). Drusila era a outra filha do rei Herodes Agripa I, que era esposa de Félix (At 24:24), o anterior governador de Cesareia:

Agripa [Agripa II], Berenice e Drusila (cf. At 24:24) eram três filhos de Agripa I (cf. At 12:1+). Agripa II, o mais velho nascera em 27. Sua irmã Berenice vivia então com ele; o que era causa de comentários; ela se encontrará mais tarde ao lado de Tipo [imperador romano]. [...].<sup>7</sup>



O governador Pórcio Festo decidiu compartilhar com os visitantes as suas impressões a respeito do processo de acusação movido pelo Sinédrio contra Paulo (At 25:14); informa-lhes a respeito do pedido feito pelos chefes dos judeus para lhes entregar o prisioneiro (At 25:15) e, também, a resposta que ele deu aos membros do Sinédrio, isto é, de que primeiramente iria se informar do assunto (At 25:16); em seguida, esclarece que as autoridades do Judaísmo viajaram com ele até Cesareia, onde foi estabelecida a sessão de julgamento (At 25:17 e 18); entretanto, ele não encontrou nada que merecesse condenação do prisioneiro, entendendo que tudo se restringia a questões de interpretações religiosas, especialmente relacionadas a um certo Jesus, já morto (At 25:19); finalmente, informa que, quando ofereceu a Paulo a alternativa de ser entregue aos representantes do Sinédrio para ser por eles julgados (At 25:20), o prisioneiro apelou para o julgamento de César, por ser, também, cidadão romano, o que foi atendido imediatamente (At 25:21). Os dois irmãos ouvem atentos o relato do governador e, em seguida, Agripa II, curioso, pede-lhe para também conhecer o acusado (At 25:22), o que é prontamente atendido, como consta em *Atos* (25:23):

[...] O rei palestinese, que conhecia a fama do ex-rabino, manifestou desejo de observá-lo de perto, ao que Festus anuiu satisfeitíssimo, não somente pela possibilidade de proporcionar um prazer ao hóspede generoso, senão também por esperar das impressões do mesmo algo de útil para ilustrar o processo do apóstolo, que lhe incumbia enviar para Roma.

Porcius deu a esse ato um caráter festivo. Convidou as personalidades mais eminentes de Cesareia, reunindo luzida assembleia em torno do rei, no melhor e mais vasto auditório da Corte provincial. Primeiramente houve bailados e música; em seguida, o convertido de Damasco, devidamente escoltado, foi apresentado pelo próprio governador, em termos discretos, mas cordiais e sinceros.

Herodes Agripa impressionou-se logo, vivamente, com a figura alquebrada e franzina do apóstolo, cujos olhos serenos traduziam a energia inquebrantável da raça. Curioso por conhecê-lo melhor, mandou que se defendesse de viva voz.<sup>8</sup>

Perante a nova assembleia constituída, “Paulo compreendeu a profunda significação daquele minuto e passou a historiar os transe da sua existência com grande erudição e sinceridade. O rei ouvia assombrado. [...]”<sup>8</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 25:1-12, p. 1947 e 1948.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 53, p. 344.
- 5 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 25:13-27, p. 1948.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 7 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 25:13. Nota de rodapé “b”, p. 1948.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

## DISCURSO DE PAULO PERANTE O REI AGRIPA. REAÇÕES DO AUDITÓRIO (AT 26:1 A 32)

Em nova audiência constituída em Cesareia, Paulo não se limita a indicar a improcedência das acusações que lhe são impostas pelo Sinédrio aos convidados ilustres, entre eles Agripa II, rei dos judeus, sua irmã Berenice e Pórcio Festo, o novo governador de Cesareia. Por meio de brilhante e culta exposição, o ex-rabino relata episódios significativos da sua vida, desde a infância e parte da juventude vivida em Tarso, sua cidade natal, onde foi educado nos princípios do Judaísmo, cujos pais e ascendentes eram da tribo de Benjamim; a mudança de residência para Jerusalém e o intenso aprendizado ali desenvolvido como fariseu, sob os cuidados do sábio mestre Gamaliel, vindo obter titulação de doutor da lei que o capacitou tornar-se membro do Sinédrio. Esclarece também onde, quando, como e por que se converteu ao Cristianismo (At 9:1 a 25), assinalando, ao final, o trabalho de evangelização realizado junto aos judeus e aos gentios, em especial. Além das informações prestadas por Lucas no atual estudo (At 26:1 a 32), Emmanuel fornece estes outros detalhes:

[...] O ex-rabino evocou a infância, deteve-se nas reminiscências da mocidade, explicou sua aversão aos seguidores do Cristo Jesus e, exuberante de inspiração, traçou o quadro do seu encontro com o Mestre Redivivo, às portas de Damasco, à viva luz do sol. Em seguida, passou a enumerar os feitos da obra de gentilidade, as perseguições sofridas em toda parte por amor ao Evangelho, concluindo, com veemência, que, sem embargo, suas pregações não contrariavam, antes corroboravam as profecias da Lei Antiga, desde Moisés.

Dando curso à imaginação ardente e fácil, o orador tinha os olhos jubilosos e brilhantes. A assembleia aristocrática estava eminentemente impressionada com os fatos narrados, denotando entusiasmo e alegria. Herodes Agripa, muito pálido, tinha a impressão de haver encontrado uma das mais profundas vozes da revelação divina. [...].<sup>1</sup>

O discurso de Paulo produz significativo impacto positivo aos membros da assembleia, os quais foram envolvidos pelo elevado magnetismo do verbo ardoroso do apóstolo, sua erudição e os assertivos esclarecimentos, demonstrando que os ensinamentos do Evangelho de Jesus complementam a lei de Moisés e as orientações das Escrituras Sagradas:

[...] Ouvindo o apóstolo descrever as cenas mais belas do seu apostolado com os olhos repletos de alegria e de luz, transmitindo ao auditório atento e comovido ideias imprevistas e singulares, o governador considerou que se trataria de um louco sublime e disse-lhe, em alta voz, na intercorrência de uma pausa mais prolongada:

– Paulo, és um desvairado! As muitas letras fazem-te delirar!...

O ex-rabino, longe de se atemorizar, respondeu nobremente:

– Enganais-vos! Não sou um louco! Diante da vossa autoridade de romano ilustre, eu não me atreveria a falar desta maneira, pois reconheço que não estais devidamente preparado para ouvir-me. Os patrícios de Augusto são também de Jesus Cristo, mas ainda não conhecem plenamente o Salvador. A cada qual, devemos falar de acordo com sua capacidade espiritual. Aqui, porém, senhor governador, se falo com ousadia é porque me dirijo a um rei que não ignora o sentido de minhas palavras. Herodes Agripa terá ouvido Moisés, desde a infância. É romano pela cultura, mas alimentou-se da revelação de Deus aos seus antepassados. Nenhuma de minhas afirmações lhe pode ser desconhecida. De outro modo, ele trairia sua origem sagrada, pois todos os filhos da nação que aceitou o Deus único devem conhecer a revelação de Moisés e dos profetas. Credes assim, rei Agripa?<sup>1</sup>

Surpreendido com a pergunta tão direta, Agripa II revela-se momentaneamente confuso, mas, antes de tomar qualquer iniciativa, “[...] Paulo de Tarso completou a poderosa argumentação, acrescentando: “– Sei que credes!...”<sup>1</sup>.

Concluída a defesa, pairava no ambiente uma única certeza: não havia qualquer motivo para a condenação, prisão e morte de Paulo de Tarso, a ponto do próprio rei Agripa declarar a Festo: “[...] ‘Este homem bem poderia ser solto, se não tivesse apelado para César.’” (At 26:32).

### 37.1 DISCURSO DE PAULO PERANTE O REI AGRIPA (AT 26:1 A 23)<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Dirigindo-se a Paulo, disse Agripa: “Tens permissão de falar em teu favor”. Então, estendendo a mão, começou Paulo a sua defesa:

<sup>2</sup>“Considero-me feliz, ó rei Agripa, por poder hoje, diante de ti, defender-me de todas as coisas de que pelos judeus sou acusado. <sup>3</sup>Tanto mais porque estás ao corrente de todos os costumes e controvérsias dos judeus, razão também pela

qual te peço que me escutes com paciência. <sup>4</sup>O que foi o meu modo de viver, desde a mocidade, como transcorreu desde o início, no meio do meu povo e em Jerusalém, sabem-no todos os judeus. <sup>5</sup>Eles me conhecem de longa data e podem atestar, se quiserem, que tenho vivido segundo a seita mais severa de nossa religião, como fariseu. <sup>6</sup>E agora, estou sendo aqui julgado por causa da esperança na promessa feita por Deus aos nossos pais, <sup>7</sup>à qual esperam chegar as nossas doze tribos, que servem a Deus noite e dia, com todo ardor. É por causa dessa esperança, ó rei, que pelos judeus sou acusado. <sup>8</sup>Entretanto, por que se julga incrível, entre vós, que Deus ressuscite os mortos? <sup>9</sup>Quanto a mim, parecia-me necessário fazer muitas coisas contra o nome de Jesus, o Nazareu. <sup>10</sup>Foi o que fiz em Jerusalém: a muitos dentre os santos eu mesmo encerrei nas prisões, recebida a autorização dos chefes dos sacerdotes; e, quando eram mortos, eu contribuía com o meu voto. <sup>11</sup>Muitas vezes, percorrendo todas as sinagogas, por meio de torturas quis forçá-los a blasfemar; e, no excesso do meu furor, cheguei a persegui-los até em cidades estrangeiras. <sup>12</sup>Com este intuito encaminhei-me a Damasco, com a autoridade e a permissão dos chefes dos sacerdotes. <sup>13</sup>No caminho, pelo meio-dia, eu vi, ó rei, vinda do céu e mais brilhante que o sol, uma luz que circundou a mim e aos que me acompanhavam. <sup>14</sup>Caímos todos por terra, e ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: ‘Saul, Saul, por que me persegues? É duro para ti recalcitrar contra o aguilhão.’ <sup>15</sup>Perguntei: ‘Quem és, Senhor?’ E o Senhor respondeu: ‘Eu sou Jesus, a quem tu persegues.’ <sup>16</sup>Mas levanta-te e fica firme em pé, pois este é o motivo por que te apareci: para constituir-te servo e testemunha da visão na qual me viste e daquelas nas quais ainda te aparecerei. <sup>17</sup>*Eu te livrarei do povo e das nações gentias, às quais te envio* <sup>18</sup>*para lhes abrires os olhos* e assim se converterem *das trevas à luz*, e da autoridade de Satanás para Deus. De tal modo receberão, pela fé em mim, a remissão dos pecados e a herança entre os santificados.’ <sup>19</sup>Quanto a mim, rei Agripa, não me mostrei rebelde à visão celeste. <sup>20</sup>Ao contrário, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e em toda a região da Judeia e depois aos gentios, anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, com a prática de obras dignas desse arrependimento. <sup>21</sup>É por causa disso que os judeus, tendo-se apoderado de mim no Templo, tentaram matar-me. <sup>22</sup>Tendo alcançado, porém, o auxílio que vem de Deus, até o presente dia continuo a dar o meu testemunho diante de pequenos e de grandes, nada mais dizendo senão o que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer: <sup>23</sup>que o Cristo devia sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos”.

Como foi enfatizado anteriormente, “Herodes Agripa impressionou-se logo, vivamente, com a figura alquebrada e franzina do apóstolo, cujos olhos serenos traduziam a energia inquebrantável da raça. Curioso por conhecê-lo melhor, mandou que se defendesse de viva voz”.<sup>3</sup> Passadas as impressões iniciais, Agripa e demais membros da assembleia acompanham fascinados a preleção do discípulo sincero de Cristo que, de forma coerente,

transmite-lhes as ações desenvolvidas em sua jornada reencarnatória, apresentando-se perante o rei Agripa “[...] como fariseu em sua mocidade, tendo observado fielmente a lei de Moisés, o que mesmo seus acusadores poderiam testemunhar. Não era, por conseguinte, um qualquer, mas sim conhecedor profundo da religião na qual fora criado”<sup>4</sup> (cf. At 26:4 e 5).

Em seguida, Paulo faz referência à promessa da vinda do Messias, ardentemente aguardada pelo povo judeu, representado em suas doze tribos (At 26:6 e 7): “Politicamente, a nação judaica se compunha de doze tribos, cada uma delas descendentes de um dos filhos de Jacó (Êx 1:1 a 5). A promessa feita era vinda do Salvador, sempre anunciada pelos profetas, especialmente Isaías. [...]”<sup>4</sup> Ao recordar este ensinamento, Paulo declara que uma das acusações que lhe era imposta pelo Sinédrio era o fato de acreditar nas profecias, como consta neste registro de *Atos* (26:6 e 7):

E agora, estou sendo aqui julgado por causa da esperança na promessa feita por Deus aos nossos pais, à qual esperam chegar as nossas doze tribos, que servem a Deus noite e dia, com todo ardor. É por causa dessa esperança, ó rei, que pelos judeus sou acusado.

O admirável apóstolo fala de outra acusação que lhe foi imposta pelas autoridades do Judaísmo: a crença na ressurreição dos mortos (At 26:8), crença aliás, que fazia parte da sua educação e formação religiosa, ressalta: “Vimos que os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos. O que haveria então de mais que Paulo pregasse a ressurreição de Jesus. É a pergunta velada que ele faz a Agripa, que também era fariseu”.<sup>4</sup> Em sua lúcida defesa, Paulo apresenta todas as acusações do clero judaico contra a sua pessoa, apresentando, com coerência e sensatez, a invalidade de tais denúncias.

Na segunda parte do seu discurso, o ex-rabino descreve a sua conversão ao Cristianismo, por compreender ser Jesus o Messias que ressuscitou dos mortos (At 26:13 a 18), como assim previra as Escrituras. No relato honesto de sua conversão, não deixa de destacar que, antes de adquirir tal compreensão, ele fora um implacável perseguidor de Jesus e dos seus discípulos, informa *Atos* (26:9 a 12). Na verdade, sempre “[...] que oportuno, Paulo relata a sua conversão na estrada de Damasco, vindo Jesus abrir-lhe os olhos para a luz e traçar-lhe um plano de trabalho, ao qual ele obedeceu fielmente”<sup>5</sup> (At 26:12 a 18).

Paulo conclui a sua defesa, revelando-se inocente de qualquer denúncia que lhe fora imposta pelo Sinédrio. Emocionado, dirige ao rei Agripa estas palavras finais (At 26:19 a 23):

Quanto a mim, rei Agripa, não me mostrei rebelde à visão celeste. Ao contrário, primeiro aos habitantes de Damasco, aos de Jerusalém e em toda a região da Judeia e depois aos gentios, anunciei o arrependimento e a conversão a Deus, com a prática de obras dignas desse arrependimento. É por causa disso que os judeus, tendo-se apoderado de mim no Templo, tentaram matar-me. Tendo alcançado, porém, o auxílio que vem de Deus, até o presente dia continuo a dar o meu testemunho diante de pequenos e de grandes, nada mais dizendo senão o que os Profetas e Moisés disseram que havia de acontecer: que o Cristo devia sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos.

## 37.2 REAÇÕES DO AUDITÓRIO (AT 26:24 A 32)<sup>6</sup>

<sup>24</sup>Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: “Estás louco, Paulo: teu enorme saber te levou à loucura”. <sup>25</sup>Paulo, porém, retrucou: “Não estou louco, excelentíssimo Festo, mas são palavras de verdade e de bom senso que profiro”. <sup>26</sup>Pois destas coisas tem conhecimento o rei, ao qual me dirijo com toda a audácia, persuadido de que nada disto lhe é estranho. Aliás, não foi num recanto remoto que isto aconteceu. <sup>27</sup>Crês nos profetas, rei Agripa? Eu sei que tu crês”. <sup>28</sup>Agripa então retorquiu a Paulo: “Ainda um pouco e, por teus raciocínios, fazes de mim um cristão!” <sup>29</sup>E Paulo: “Eu pediria a Deus que, por pouco ou por muito, não só tu, mas todos os que me escutam hoje vos tornásseis tais como eu sou, com exceção destas correntes!” <sup>30</sup>Levantou-se o rei, assim como o governador, Berenice e os que estavam sentados com eles. <sup>31</sup>Ao se retirarem, falavam entre si: “Um homem como este nada pode ter feito que mereça a morte ou a prisão”. <sup>32</sup>E Agripa concluiu, dizendo a Festo: “Este homem bem poderia ser solto, se não tivesse apelado para César”.

A defesa de Paulo foi magnífica, impressionando a todos, sem exceção. A verdade foi expressa de forma transparente, não suscitando a menor dúvida: “O discurso de Paulo, aqui reproduzido, deve ser uma pálida ideia do que realmente foi; tanto que Festo, de cultura romana, julgou que o muito estudar atrapalhara-lhe a mente. [...]”,<sup>7</sup> como indica o registro de *Atos* (26:24). Mas a declaração do governador de Cesareia não ficou sem resposta:

Paulo replica que falava a verdade, uma vez que o próprio rei Agripa sabia de tudo, pois os profetas não profetizaram às escondidas; e se ele assim falava com toda a liberdade era porque estava sendo ouvido por quem o compreendia; daí sua pergunta ao rei. O rei bem viu que, segundo as profecias, Paulo estava certo e brinca com ele, dizendo-lhe que, diante da lógica de sua exposição, quase vira um cristão; ao que Paulo responde no mesmo tom que oxalá todos se fizessem iguais a ele, isto é, cristãos, mas sem as correntes que o prendiam, porque Paulo, como prisioneiro, fora levado acorrentado à audiência.<sup>7</sup> [cf. At 26:25 a 29].

Somada à emoção reinante, pairava no ar a certeza das acusações injustas proferidas pelo Sinédrio contra o acusado, a ponto de o próprio rei Agripa, sua irmã e alguns dos presentes pedirem ao governador a libertação do apóstolo:

Porcius Festus compreendeu que o rei estava muito mais impressionado do que se supunha e, desejoso de modificar o ambiente, propôs que as altas personalidades se retirassem para a refeição da tarde, em palácio. O ex-rabino foi reconduzido ao cárcere, deixando nos ouvintes imorredoura impressão. Berenice, sensibilizada, foi a primeira a manifestar-se, reclamando clemência para o prisioneiro. Os demais seguiram a mesma corrente de benévola simpatia. Herodes Agripa tentou uma fórmula digna para que o apóstolo fosse restituído à liberdade. O governador, porém, explicou que, conhecendo a fibra moral de Paulo, tomara a sério o seu recurso para César, estando já pergaminhadas as primeiras instruções a respeito. Cioso das leis romanas, pôs embargos ao alvitre, embora pedisse o socorro intelectual do rei para a carta de justificação, com que o acusado deveria apresentar-se à autoridade competente, na capital do império. Desejoso de conservar sua tranquilidade política, o descendente dos Herodes não aventou qualquer nova sugestão, lamentando apenas que o prisioneiro já houvesse recorrido em derradeira instância. Procurou então cooperar na redação do documento, mostrando-se contrário ao pregador do Evangelho tão só pela circunstância de haver suscitado muitas lutas religiosas na camada popular, em desacordo com a unidade de fé colimada pelo Sinédrio como baluarte defensivo das tradições do Judaísmo. Para isso, o próprio rei assinara como testemunha, emprestando maior importância às alegações do preposto imperial. Porcius Festus registrou o auxílio, extremamente satisfeito. Estava resolvido o problema, e Paulo de Tarso poderia partir com a primeira leva de sentenciados, para Roma.<sup>8</sup>

E assim aconteceu! Passados alguns dias Paulo foi notificado a respeito:

Escusado dizer que recebeu a notícia com serenidade. Depois de um entendimento com Lucas, pediu que a igreja de Jerusalém fosse avisada, bem como a de Sidon, onde o navio, certo, haveria de receber carga e passageiros. Todos os amigos de Cesareia foram mobilizados no serviço das comovedoras mensagens que o ex-rabino dirigiu às amadas igrejas, menos Timóteo, Lucas e Aristarco, que se propunham acompanhá-lo à capital do império.<sup>8</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1.



- ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 26:1-23, p. 1948 e 1950.
- 3 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. Ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 54, p. 347.
- 5 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 54, p. 348.
- 6 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 26:24-32, p. 1950.
- 7 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 54, p. 349.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

## PARTIDA PARA ROMA. A TEMPESTADE E O NAUFRÁGIO (AT 27:1 A 44)

A decisão de Pórcio Festo, governador de Cesareia, de enviar Paulo à Roma para ser submetido ao julgamento de César, resultou da apelação que lhe foi dirigida pelo acusado (confere *Atos dos apóstolos*, 25:10 a 12) que, além de ser judeu, possuía também a cidadania romana. A apelação ao supremo tribunal romano ocorreu quando o recém-empossado governador manifestou a vontade de entregar o apóstolo às decisões do Sinédrio, envolvido pelas artimanhas dos chefes do Judaísmo. Recordemos que quando um cidadão romano apelava para o julgamento de César, as autoridades do império eram obrigadas a acatar, pois tal recurso era considerado sagrado pelo Direito Romano. A fórmula da apelação era pronunciada, assim, em latim: *Caesarem apello* (*Apelo a César*). E a autoridade romana, independentemente da hierarquia em que se encontrava, deveria responder também de acordo com a lei: *Caesarem appellasti? Ad Caesarem ibis* (*Para César ape-laste? A César irás*).<sup>1</sup> Em outras palavras, apelar a César significava buscar o julgamento supremo, o de última instância.

A despeito de Paulo encontrar-se na condição de prisioneiro, o caminho para Roma, o qual tanto desejava, estava aberto. Tendo isso como base, alguns estudiosos consideram a transferência para Roma como *a quarta viagem missionária do apóstolo*. Contudo, não há consenso a respeito, considerando-se que nas três viagens anteriores, Paulo estava livre, agindo por conta própria e cumprindo um plano de evangelização previamente definido por ele e demais discípulos. Entretanto, argumentam alguns historiadores que, mesmo como prisioneiro, o devotado discípulo do Senhor jamais deixou de pregar o Evangelho, demonstrando fé inabalável em Jesus, manifestada, especialmente, nos momentos mais desafiantes e sacrificiais, como os acontecidos e registrados em *Atos dos apóstolos* (27:9 a 44), analisados neste estudo.

Os discípulos Timóteo, Lucas e Aristarco da Macedônia, amigos fiéis ao ex-rabino, acompanharam Paulo durante a viagem, representando no plano físico o devotado apoio espiritual, o que lhe amenizaria as dores da alma:

Os dias correram céleres, até que chegou o momento em que o centurião Júlio com a sua escolta foi buscar os prisioneiros para a viagem tormentosa. O centurião tinha plenos poderes para determinar todas as providências e, logo, evidenciando simpatia pelo apóstolo, ordenou fosse ele conduzido à embarcação desalgemado, em contraste com os demais prisioneiros.<sup>2</sup>

No porto de Cesareia, o devotado servidor do Evangelho lança um olhar à cidade e aos transeuntes, à guisa de despedida: “O tecelão de Tarso, apoiado ao braço de Lucas, reviu, placidamente, a tela clara e barulhenta das ruas, afagando a esperança de uma vida mais alta, em que os homens pudessem gozar fraternidade em nome do Senhor Jesus. [...]”<sup>2</sup> Emmanuel transmite-nos outras emocionantes informações daquele momento específico da vida de Paulo:

[...] Seu coração mergulhava em doces reflexões e preces ardentes, quando foi surpreendido com a compacta multidão que se premia e agitava na extensa praça à beira-mar.

Filas de velhos, de jovens e crianças aglomeraram-se junto dele, a poucos metros da praia. À frente, Tiago, alquebrado e velhinho, vindo de Jerusalém com grande sacrifício, por trazer-lhe o ósculo fraternal. O ardente defensor da gentilidade não conseguiu dominar a emoção. Bandos de crianças atiraram-lhe flores. O filho de Alfeu, reconhecendo a nobreza daquele Espírito heroico, tomou-lhe a destra e beijou-a com efusão. Ali estava com todos os cristãos de Jerusalém, em condições de fazer a viagem. Ali estavam confrades de Jope, de Lida, de Antipátride, de todos os quadrantes provinciais. As crianças da gentilidade uniam-se aos pequeninos judeus, que saudavam carinhosamente o apóstolo prisioneiro. Velhos aleijados aproximavam-se respeitosos e exclamavam:

– Não deveríeis partir!...

Mulheres humildes agradeciam os benefícios recebidos de suas mãos. Doentes curados comentavam a colônia de trabalho que ele sugerira e ajudara a fundar na igreja de Jerusalém e proclamavam sua gratidão em altas vozes. Os gentios, convertidos ao Evangelho, beijavam-lhe as mãos, murmurando:

– Quem nos ensinará doravante, a sermos filhos do Altíssimo?

Meninos amorosos apegavam-se-lhe à túnica, sob os olhares de mães consternadas. Todos lhe pediam que ficasse, que não partisse, que voltasse breve para os serviços abençoados de Jesus.<sup>2</sup>

## 38.1 PARTIDA PARA ROMA (AT 27:1 A 8)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Ao ser decidido o nosso embarque para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião chamado Júlio, da coorte Augusta. <sup>2</sup>Subimos a bordo de um navio de Adramítio que ia partir para as costas da Ásia, e zarparamos. Estava conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. <sup>3</sup>No dia seguinte, aportamos em Sidônia. Tratando Paulo com humanidade, Júlio permitiu-lhe ver os amigos e receber deles assistência. <sup>4</sup>Partindo dali, navegamos rente à ilha de Chipre, por serem contrários os ventos. <sup>5</sup>A seguir, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e da Panfília, desembarcamos em Mira, na Lícia, ao fim de quinze dias. <sup>6</sup>Ali encontrou o centurião um navio alexandrino de partida para a Itália, e para ele nos transferiu. <sup>7</sup>Durante vários dias navegamos lentamente, chegando com dificuldade à altura de Cnido. O vento, porém, não nos permitiu aportar. Velejamos rente a Creta, junto ao cabo Salmone <sup>8</sup>e, costeando-a com dificuldade, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual está a cidade de Lasaia.

Observem que Lucas volta a empregar a primeira pessoa do plural nesses registros de *Atos dos apóstolos*, indicando que ele estava presente, acompanhando o ex-rabino na viagem para Roma.

A carinhosa despedida de amigos e discípulos no cais do porto de Cesareia muito emocionou a Paulo, fazendo-o perceber que já não era mais considerado o temido inimigo e perseguidor dos cristãos:

Subitamente, recordou a velha cena da prisão de Pedro, quando, ele, Paulo, arvorado em verdugo dos discípulos do Evangelho, visitara a igreja de Jerusalém, chefiando uma expedição punitiva. Aqueles carinhos do povo lhe falavam brandamente à alma. Significavam que já não era o algoz implacável que, até então, não pudera compreender a Misericórdia Divina; traduziam a quitação do seu débito com a alma do povo. De consciência um tanto aliviada, recordou-se de Abigail e começou a chorar. Sentia-se, ali, como no seio dos “filhos do Calvário” que o abraçavam, reconhecidos. Aqueles mendigos, aqueles aleijados, aquelas criancinhas eram a sua família. Naquele inesquecível minuto da sua vida, sentia-se plenamente identificado no ritmo da harmonia universal. Brisas suaves de mundos diferentes balsamizavam-lhe a alma, como se houvesse atingido uma região divina, depois de vencer grande batalha. Pela primeira vez, alguns pequeninos chamaram-lhe “pai”. Inclinou-se, com mais ternura, para as criancinhas que o rodeavam. Interpretava todos os episódios daquela hora inolvidável como uma bênção de Jesus que o ligava a todos os seres. À sua frente, o oceano em calma assemelhava-se a um caminho infinito e promissor de misteriosas e inefáveis belezas.<sup>4</sup>

O centurião Júlio, encarregado da segurança do apóstolo, ao observar sensibilizado as calorosas manifestações de despedidas que Paulo recebeu

no cais de Cesareia antes do embarque, levou-o à compreensão de “[...] que aquele homem, dedicado ao bem de todas as criaturas, não cometera falta alguma. Por isso mesmo, conservou-se ao seu lado, como querendo compartilhar dos transportes afetuosos do povo, como a demonstrar a consideração que lhe merecia”.<sup>4</sup>

O deslocamento para Roma foi realizado por via marítima em duas etapas: na primeira, foi utilizado um navio vindo do Adramítio ou Adramitino (At 27:2) – nome do porto de antiga cidade marítima da Província de Mísia, na Ásia Menor, situada defronte da ilha de Lesbos; hoje, a cidade tem o nome de *Karatahs*<sup>5</sup> – que atracou em Mira/Mirra: uma das principais cidades da Lícia, na Turquia, atualmente conhecida como *Dembra*.<sup>6</sup> No segundo e último estágio da viagem, ocorreu baldeação para um navio alexandrino, que conduziu os passageiros diretamente para Roma (At 27:6). Os navios alexandrinos, construídos em Alexandria, no Egito, eram de grande porte, possuindo um reservatório de água bem maior que os demais navios e podia transportar cargas pesadas, como grãos, equipamentos etc.: “[...] O versículo 38 deste mesmo capítulo mostra-nos que esse navio carregava grãos, provavelmente trigo. Todavia esse navio teve sua preciosa carga baldeada para o mar, antes do término da viagem, devido ao tremendo temporal [...]”<sup>7</sup>

[...] Provavelmente era um navio pertencente ao governo romano, que tinha por missão transportar suprimentos e cereais do Egito para a cidade de Roma. Portanto, deve ter sido fácil para o centurião Júlio, um oficial romano, obter nele passagem, para si mesmo e para os prisioneiros que transportava. A bordo havia nada menos de duzentos e setenta e seis pessoas (ver versículo 37 deste capítulo). [...].<sup>7</sup>

O roteiro programado para a viagem de Cesareia a Roma foi o seguinte:

- » Cesareia às costas da Ásia Menor, aportando em Sidônia/Sidom (At 27:2 e 3), após um dia navegação. A localidade era antiga e importante cidade marítima cananeia, situada 14 Km de Tiro, outra importante cidade. Sidom/Sidônia é citada por Homero com o nome de *Fenícia* e os sidônios como *fenícios*. Ao longo da sua história, os seus habitantes passaram por sucessivas vicissitudes, decorrentes de invasões, domínios e destruições de povos estrangeiros (egípcios, judeus persas, romanos). A moderna cidade tem o nome de *Saïda* e faz parte do Líbano.<sup>8</sup>
- » Chipre – Cilícia – Panfília, desembarcando em Mira, na Lícia (At 27:4 e 5), após 15 dias de viagem, e, como foi dito anteriormente,

mudaram de transporte marítimo nesta cidade, embarcando em um navio alexandrino que os conduziria à Itália (At 27:6). Eis algumas informações básicas sobre outras cidades deste percurso:

Chipre é ilha grega, famosa desde a Antiguidade, situada na parte setentrional do mar Mediterrâneo, a 65 Km das costas da Cilícia, 96 Km da Síria e 383 do porto de Saíde no Egito. Paulo esteve em Chipre em companhia de Barnabé, tio de João Marcos, em sua primeira viagem missionária (At 11:19 e 20); por duas vezes passou pela ilha, sem desembarcar (At 21:3; 16; 27:4).<sup>9</sup>

Cilícia é antiga região na costa sul da Ásia Menor, localizada próxima da região central da Anatólia no território da moderna Turquia: “Antigamente era dividida em duas partes: a ocidental montanhosa [...] denominada *Áspera*; e a parte oriental, que era plana, chamada *Cilícia Plana*. A cidade principal era Tarso, onde o Apóstolo Paulo nasceu (At 21:39). [...]”<sup>10</sup> O Evangelho chegou à região por intermédio de Paulo (At 9:30; 15:41; Gl 1:21).

Panfília, nome de uma faixa de terra que se estende da costa da Ásia Menor (na Anatólia), até o sul do mar Mediterrâneo, situada entre Lícia e Cilícia. A região foi visitada pelo Apóstolo Paulo em sua primeira viagem missionária, que visitou as cidades de Perge e Atalia (At 13:13; 14:25 e 15:38). Atualmente a região é denominada *Antalya* e pertence à Turquia.<sup>11</sup>

- » Cnido – Creta–Bons Portos (At 27:7 e 8). Neste terceiro percurso, a viagem foi marcada pelo surgimento de fortes ventos, a partir de Cnido, tornando a navegação muito lenta. Eis algumas informações básicas das localidades deste percurso:

Cnido, pequena e antiga cidade grega, situada na Ásia Menor, famosa pelo centro de arte e cultura no século IV a.C. Ligada por dois portos (um do mar Egeu, outro do mar Mediterrâneo), unidos entre si por um istmo. Atualmente pertencente à Turquia.<sup>12</sup>

Creta, nome de grande ilha do mar Mediterrâneo, situada à sudoeste da Grécia, cujo nome atual é *Cândia* – até os dias atuais os turcos referem-se à cidade como *Kiridi*, nome que lhe foi imposto quando eles a dominaram. No entanto, Creta foi sucessivamente dominada: pelos romanos em 68–66 a.C.; pelos sarracenos/turcos em 823 d.C.; os gregos a subjugam em 961 d.C.; os venezianos entre 1204 e 1665 d.C.; retorna novamente ao domínio turco até 1897, quando se tornou independente. Muitos judeus se estabeleceram na ilha (At 2:11; cf. 1 Mac 15:19 a 23). O Cristianismo chegou cedo em Creta, por meio de Tito, discípulo de Paulo (Tt 1:5 e 10:14). Os cretenses eram conhecidos por possuírem muitas habilidades, como o hábil manejo do arco e flexa, mas, moralmente tinham muito a desejar, a ponto de Paulo referir-se a eles como mentirosos e preguiçosos (Tt 1:12).<sup>13</sup>

Bons Portos é um porto de Creta, situado próximo à cidade de Laseia/Lasaia, ao sul das praias de Cândia.<sup>14</sup>

Lasaia/Laseia é cidade portuária da ilha de Creta, onde aportou o navio que conduzia o Apóstolo Paulo a Roma (At 27:8). Atualmente, se desconhece a sua localização exata, atribuindo a algumas ruínas existentes a 9 km de Bons Portos, como sendo essa cidade portuária do passado.<sup>15</sup>

A intenção inicial era aportar em *Cnido* (At 27:7), mas, devido à forte ventania, tiveram que contornar Creta, costeando a ilha com muita dificuldade, até que, finalmente, o navio foi atracado em Bons Portos, próximo à cidade de Lasaia (At 27:8).

Nesta passagem de *Atos dos apóstolos* (27:1 a 8), as anotações de Lucas são sucintas, restringindo-se, basicamente, à descrição do roteiro da viagem, e assim procedendo em atendimento a um pedido do próprio Paulo, manifestado logo após as despedidas no porto de Cesareia. Segundo Emmanuel, naquela ocasião, Lucas teria sido especialmente tocado pelas sinceras demonstrações de amizade e de gratidão dirigidas a Paulo pelos seus amigos e discípulos – muitos dos quais viajaram de diferentes localidades para se despedirem do apóstolo em Cesareia. Lucas teria manifestado a Paulo o desejo de fazer um registro escrito, a ser enviado às diferentes comunidades cristãs, informando como Paulo era amado por todos os que receberam os benefícios de Jesus por seu intermédio. Consta que o apóstolo se opôs à ideia, lembrando ao querido e leal amigo:

– Não, Lucas. Não escrevas sobre virtudes que não tenho. Se me amas não deves expor meu nome a falsos julgamentos. Deves falar, isso sim, das perseguições por mim movidas aos seguidores do santo Evangelho; do favor que o Mestre me dispensou às portas de Damasco, para que os homens mais empedernidos não desesperem da salvação e aguardem a sua misericórdia no momento justo; citarás os combates que temos travado desde o primeiro instante, em face das imposições do farisaísmo e das hipocrisias do nosso tempo; comentarás os obstáculos vencidos, as humilhações dolorosas, as dificuldades sem conta, para que os futuros discípulos não esperem a redenção espiritual com o repouso falso do mundo, confiantes no favor incompreensível dos deuses e sim com trabalhos ásperezos, com sacrifícios abençoados pelo aperfeiçoamento de si mesmos; falarás de nossos recontros com os homens poderosos e cultos; de nossos serviços junto dos desfavorecidos da sorte, para que os seguidores do Evangelho no futuro, não se arreiem das situações mais difíceis e escabrosas, conscientes de que os mensageiros do Mestre os assistirão, sempre que se tornem instrumentos legítimos da fraternidade e do amor, ao longo dos caminhos que se desdobram à evolução da Humanidade.<sup>16</sup>

Em seguida, percebendo que Lucas acompanhava atentamente as suas sinceras argumentações, concluiu:

– Cala sempre, porém, as considerações, os favores que tenhamos recolhido na tarefa, porque esse galardão só pertence a Jesus. Foi Ele quem removeu nossas misérias angustiosas, enchendo o nosso vácuo; foi sua mão que nos tomou caridosamente e nos reconduziu ao caminho santo. Não me contaste tuas lutas amargurosas no passado distante? Não te contei como fui perverso e ignorante, em outros tempos? Assim como iluminou minhas veredas sombrias, às portas de Damasco, levou-te Ele à igreja de Antioquia, para que lhe ouvisses as verdades eternas. Por mais que tenhamos estudado, sentimos um abismo entre nós e a sabedoria eterna; por mais que tenhamos trabalhado, não nos encontramos dignos daquele que nos assiste e guia desde o primeiro instante da nossa vida. Nada possuímos de nós mesmos!... O Senhor enche o vácuo de nossa alma e opera o bem que não possuímos. Esses velhinhos trêmulos que nos abraçaram em lágrimas, as crianças que nos beijaram com ternura, fizeram-no ao Cristo. Tiago e os companheiros não vieram de Jerusalém tão só para manifestar-nos sua fraternidade afetuosa, vieram trazer testemunhos de amor ao Mestre que nos reuniu na mesma vibração de solidariedade sacrossanta, embora não saibam traduzir o mecanismo oculto dessas emoções grandiosas e sublimes. No meio de tudo isso, Lucas, fomos apenas míseros servos que se aproveitaram dos bens do Senhor para pagar as próprias dívidas. Ele nos deu a misericórdia para que a justiça se cumprisse. Esses júbilos e essas emoções divinas lhe pertencem... Não tenhamos, portanto, a mínima preocupação de relatar episódios que deixariam uma porta aberta para a vaidade incompreensível. Que nos baste a profunda convicção de havermos liquidado nossos débitos clamorosos...<sup>16</sup>

## 38.2 A TEMPESTADE E O NAUFRÁGIO (AT 27:9 A 44)<sup>17</sup>

<sup>9</sup>Tendo transcorrido muito tempo, a navegação já se tornava perigosa, também porque já tinha passado o Jejum. Paulo, então, tentou adverti-los: <sup>10</sup> “Amigos, vejo que a viagem está em vias de consumir-se com muito dano e prejuízo, não só da carga e do navio, mas também de nossas vidas”. <sup>11</sup>O centurião, porém, deu mais crédito ao piloto e ao armador do que ao que Paulo dizia. <sup>12</sup>O porto, aliás, não era próprio para se invernar. A maioria, pois, foi de opinião que se devia zarpar dali, para ver se poderiam chegar à Fênix. Este é um porto de Creta, ao abrigo dos ventos sudoeste e noroeste. Ali poderiam passar o inverno. <sup>13</sup>Tendo soprado brandamente o vento sul, pensaram ter alcançado o que pretendiam: levantaram âncora e puseram-se a costear Creta mais de perto. <sup>14</sup>Não muito depois, desencadeou-se do lado da ilha um vento em turbilhão, chamado Euroaquilão. <sup>15</sup>O navio foi arrastado violentamente, incapaz de resistir ao vento: deixamo-nos, então, derivar. <sup>16</sup>Passando rente a uma ilhota, chamada Cauda, com dificuldade conseguimos recolher o escaler. <sup>17</sup>Após tê-lo içado, os



tripulantes usaram de recursos de emergência, cingindo o navio com cabos. Contudo, temendo encalhar na Sirte, soltaram a âncora flutuante, e assim deixaram-se derivar.<sup>18</sup>No dia seguinte, como fôssemos furiosamente batidos pela tempestade, começaram a alijar a carga.<sup>19</sup>No terceiro dia, com as próprias mãos, lançaram ao mar até os apetrechos do navio.<sup>20</sup>Nem sol nem estrelas haviam aparecido por vários dias, e a tempestade mantinha sua violência não pequena: afinal, dissipava-se toda a esperança de nos salvarmos.<sup>21</sup>Havia muito tempo não tomávamos alimento. Então Paulo, de pé, no meio deles, assim falou: “Amigos, teria sido melhor ter-me escutado e não sair de Creta, para sermos poupados deste perigo e prejuízo.<sup>22</sup>Apesar de tudo, porém, exorto-vos a que tenhais ânimo: não haverá perda de vida alguma dentre vós, a não ser a perda do navio.<sup>23</sup>Pois esta noite apareceu-me um anjo do Deus ao qual pertenço e a quem adoro,<sup>24</sup>o qual me disse: ‘Não temas, Paulo. Tu deves comparecer perante César, e Deus te concede a vida de todos os que navegam contigo’.<sup>25</sup>Por isso, reanimai-vos, amigos! Confio em Deus que as coisas ocorrerão segundo me foi dito.<sup>26</sup>É preciso, porém, que sejamos arremessados a uma ilha’.<sup>27</sup>Quando chegou a décima quarta noite, continuando nós a sermos batidos de um lado para outro no Adriático, pela meia-noite os marinheiros perceberam que se aproximava alguma terra.<sup>28</sup>Lançaram então a sonda e deu vinte braças; avançando mais um pouco, lançaram novamente a sonda e deu quinze braças.<sup>29</sup>Receosos de que fôssemos dar em escolhos, soltaram da popa quatro âncoras, anelando que rompesse o dia.<sup>30</sup>Entretanto, os marinheiros tentaram fugir do navio: desceram, pois, o escaler ao mar, a pretexto de irem largar as âncoras da proa.<sup>31</sup>Mas Paulo disse ao centurião e aos soldados: “Se eles não permanecerem a bordo, não podereis salvar-vos!”<sup>32</sup>Então os soldados cortaram as cordas do escaler e deixaram-no cair.<sup>33</sup>À espera de que o dia raiasse, Paulo insistia com todos para que tomassem alimento. E dizia: “Hoje é o décimo quarto dia em que, na expectativa, ficais em jejum, sem nada comer.<sup>34</sup>Por isso, peço que vos alimenteis, pois é necessário para a vossa saúde. Ora, não se perderá um só cabelo da cabeça de nenhum de vós!”<sup>35</sup>Tendo dito isto, tomou o pão, deu graças a Deus diante de todos, partiu-o e pôs-se a comer.<sup>36</sup>Então, reanimando-se todos, também eles tomaram alimento.<sup>37</sup>Éramos no navio, ao todo, duzentas e setenta e seis pessoas.<sup>38</sup>Tendo-se alimentado fartamente, puseram-se a aliviar o navio, atirando o trigo ao mar.<sup>39</sup>Quando amanheceu, os tripulantes não reconheceram a terra. Divisando, porém, uma enseada com uma praia, consultaram entre si, a ver se poderiam impelir o navio para lá.<sup>40</sup>Desprenderam então as âncoras, abandonando-as ao mar. Ao mesmo tempo soltaram as amarras dos lemes e, içando ao vento a vela da proa, dirigiram o navio para a praia.<sup>41</sup>Mas, tendo-se embatido num banco, entre duas correntes de água, o navio encalhou. A proa, encravada, ficou imóvel, enquanto a popa começou a desconjuntar-se pela violência das ondas.<sup>42</sup>Veio, então, aos soldados o pensamento de matar os prisioneiros, para evitar que algum deles, a nado, escapasse.<sup>43</sup>Mas o centurião, querendo preservar a Paulo, opôs-se a este desígnio. E mandou, aos que sabiam nadar, que saltassem primeiro e alcançassem terra.<sup>44</sup>Quanto aos outros, que os

seguissem agarrados a pranchas, ou sobre quaisquer destroços do navio. Foi assim que todos chegaram, sãos e salvos, em terra.

A segunda etapa da viagem foi marcada por forte tempestade, iniciada antes mesmo dos viajantes chegarem em Lasaia (At 27:8), causando o naufrágio do navio. O certo é que eles deveriam permanecer por ali até que o bom tempo retornasse, mas os condutores do navio tomaram a equivocada decisão de prosseguir com a viagem. Intuitivamente, Paulo percebeu que a navegação se tornaria cada vez mais perigosa e que poderia resultar em muitos danos e prejuízos (At 27:9 e 10). Alerta os amigos e o centurião a respeito, mas este não lhe deu crédito, confiando mais no piloto e no armador do navio (At 27:11). Em *Atos*, 27:9 consta que Paulo proferiu a advertência logo após o *período do Jejum* (escrito assim mesmo, com a letra “J” em maiúsculo), que é uma tradição do Judaísmo:

É outro nome da festa da Expição, único dia de jejum prescrito pela lei (Lv 16:29 a 31). Celebrava-se em setembro, perto do equinócio do outono europeu. A estação aberta para a navegação mediterrânea durava do fim de maio até metade de setembro; da metade de setembro até a metade de novembro, a navegação era possível, mas perigosa.<sup>18</sup>

O comandante e armador seguiram o roteiro previsto inicialmente, supondo que aquela tempestade não iria causar-lhes maiores danos. Programaram atracar em *Fênix*, um porto de Creta onde permaneceriam algum tempo, considerando que o inverno se aproximava (At 27:12), ainda que o outono não tivesse encerrado. De certa forma, havia uma razão para os condutores do navio seguirem a navegação por Creta:

[...] os comerciantes alexandrinos, em regra, evitavam tomar o curso ao longo da costa da África, por temerem os baixios arenosos da grande Sirte [conjunto de ilhotas, recifes e bancos de areias], preferindo velejar entre a ilha de Creta e o Peloponeso.<sup>19</sup>

Há outro ponto que favoreceu a decisão de manter o percurso marítimo original, assim registrado em *Atos*, 27:13: *Tendo soprado brandamente o vento sul, pensaram ter alcançado o que pretendiam: levantaram âncora e puseram-se a costear Creta mais de perto*. Logo em seguida, porém, os tripulantes foram surpreendidos pela súbita mudança climática (27:14 e 15): *Não muito depois, desencadeou-se do lado da ilha um vento em turbilhão, chamado Euroaquilão. O navio foi arrastado violentamente, incapaz de resistir ao vento: deixamo-nos, então, derivar*.

Euroaquilão (no grego *euroklydon* = *onda do Oriente*) é “[...] um vento tempestuoso que sopra sobre o Mediterrâneo [...], geralmente

no princípio da primavera: é o mais violento de quantos sopram sobre aquele mar. Às vezes, recebe o nome de *levante*. Atualmente o denominam *Gregali*”.<sup>20</sup> Percebe-se que o naufrágio se deu em decorrência de um fenômeno atmosférico extemporâneo, usual na primavera, não no outono. O texto Lucano prossegue em suas detalhadas informações, revelando as enormes dificuldades que os tripulantes vivenciaram (At 27:16 e 17), a ponto de terem de atirar ao mar a carga e apetrechos do navio (At 27:18 e 19). Durante vários dias o navio seguia à deriva sob o impacto da forte tempestade que o açoitava impiedosamente. O céu fora coberto por espessa escuridão, não se enxergando a mínima luz, solar ou a das estrelas (At 27:20). Os tripulantes perderam a esperança de sobreviverem à tempestade, até porque todos estavam enfraquecidos pela fome, pois não se alimentavam há dias (At 27:21).

A situação era, realmente, trágica e desesperançosa. Paulo, porém, mantinha-se firme, transmitindo bom ânimo a todos, informando-lhes que um Espírito do Senhor lhe aparecera em sonho e afirmara que ninguém iria perecer, conforme este registro de Lucas (At 27:22 a 26):

Apesar de tudo, porém, exorto-vos a que tenhais ânimo: não haverá perda de vida alguma dentre vós, a não ser a perda do navio. Pois esta noite apareceu-me um anjo do Deus ao qual pertenço e a quem adoro, o qual me disse: “Não temas, Paulo. Tu deves comparecer perante César, e Deus te concede a vida de todos os que navegam contigo”. Por isso, reanimai-vos, amigos! Confio em Deus que as coisas ocorrerão segundo me foi dito. É preciso, porém, que sejamos arremessados a uma ilha.

As palavras de Paulo tiveram o poder de acalmar os tripulantes, transmitindo-lhes força e esperança; passaram a admirá-lo e a respeitá-lo, esclarece Emmanuel a respeito:

A figura de Paulo foi encarada com veneração. A tripulação do navio não podia esquecer o seu alvitre. O piloto e o comandante estavam confundidos e o prisioneiro tornara-se alvo de respeito e consideração unânimes. O centurião, principalmente, permanecia constantemente junto dele, crente de que o ex-rabino dispunha de poderes sobrenaturais e salvadores. O abatimento moral e o enjoo espalharam o desânimo e o terror. O apóstolo generoso, no entanto, acudia a todos, um por um, obrigando-os a se alimentarem e confortando-os moralmente. [...].<sup>21</sup>

Atento ao estado de ânimo de todos,

[...] De quando a quando, soltava o verbo eloquente e, com a devida permissão de Júlio, falava aos companheiros da hora amarga, procurando identificar as questões espirituais com o espetáculo convulsivo da Natureza:

Irmãos! – dizia em voz alta para a assembleia estranha, que o ouvia transida de angústia – creio que tocaremos breve a terra firme! Entretanto, assumamos o compromisso de jamais olvidar a lição terrível desta hora. Procuraremos caminhar no mundo qual marinheiro vigilante, que, ignorando o momento da tempestade, guarda a certeza da sua vinda. A passagem da existência humana para a vida espiritual assemelha-se ao instante amarguroso que estamos vivendo neste barco, há muitos dias. Não ignorais que fomos avisados de todos os perigos, no último porto que nos convidava a estagiar, livres de acidentes destruidores. Buscamos o mar alto, de própria conta. Também Cristo Jesus nos concede os celestes avisos no seu Evangelho de Luz, mas, frequentemente optamos pelo abismo das experiências dolorosas e trágicas. A ilusão, como o vento sul, parece desmentir as advertências do Salvador, e nós continuamos pelo caminho da nossa imaginação viciada; entretanto, a tempestade chega de repente. É preciso passar de uma vida para outra, a fim de retificarmos o rumo iniludível. Começamos por alijar o carregamento pesado dos nossos enganos cruéis, abandonamos os caprichos criminosos para aceitar plenamente a vontade augusta de Deus. Reconhecemos nossa insignificância e miséria, alcança-nos um tédio imenso dos erros que nos alimentavam o coração tal como sentimos o nada que representamos neste arcabouço de madeiras frágeis, flutuante no abismo, tomados de singular enjoo, que nos provoca náuseas extremas! O fim da existência humana é sempre uma tormenta como esta, nas regiões desconhecidas do mundo interior, porque nunca estamos apercebidos para ouvir as advertências divinas e procuramos a tempestade angustiosa e destruidora, pelo roteiro de nossa própria autoria.<sup>21</sup>

À meia-noite do décimo quarto dia em que se encontravam à deriva no mar Adriático, alguns marinheiros viram uma terra, conseguindo com grande esforço direcionar o navio para o local, agindo de forma cautelosa, por temerem não ser uma terra firme, mas escolhos marítimos (At 27:27 e 28). Quando chegaram ao local, os marinheiros tentaram fugir do navio descendo o escaler – pequena embarcação, geralmente de remos, que serve de transbordo (At 27:29). Atento, Paulo pondera junto ao centurião e aos soldados romanos quanto a inconveniência da retirada dos marinheiros, deixando-os isolados no navio: “[...] ‘Se eles não permanecerem a bordo, não podereis salvar-vos!’ Então os soldados cortaram as cordas do escaler e deixaram-no cair” (At 27:31 e 32).

Enquanto aguardavam o nascer do novo dia, Paulo se desvela em cuidados, insistindo para que todos ingerissem algum alimento (At 27:33 a 36):

[...] “Hoje é o décimo quarto dia em que, na expectativa, ficais em jejum, sem nada comer. Por isso, peço que vos alimenteis, pois é necessário para a vossa saúde. Ora, não se perderá um só cabelo da cabeça de nenhum de vós!” Tendo

dito isto, tomou o pão, deu graças a Deus diante de todos, partiu-o e pôs-se a comer. Então, reanimando-se todos, também eles tomaram alimento.

O raciocínio do apóstolo estava absolutamente correto, pois os 276 tripulantes (At 27:37) precisavam estar fortalecidos fisicamente para poderem alcançar a terra firme. Já fortalecidos, a primeira providência tomada foi diminuir o peso do navio, atirando a carga de trigo ao mar (At 27:38). Quando amanheceu, os tripulantes não identificaram a terra em que se encontravam, mas, ao verem uma enseada com praia (At 27:39) assim procederam, cuidadosamente: *Desprenderam então as âncoras, abandonando-as ao mar. Ao mesmo tempo soltaram as amarras dos lemes e, içando ao vento a vela da proa, dirigiram o navio para a praia* (At 27:40). Contudo, o navio encalhou porque bateu em um banco de areia, situado entre duas correntes de água, fazendo com que a proa encravasse na areia e desmoronasse a popa, em razão da força das ondas que se abatia sobre ela (At 27:41).

Ocorreu aos soldados romanos que, em razão da destruição do navio pelo acidente ocorrido, seria propício para os prisioneiros fugirem, sugerindo ao centurião que os matassem (At 27:42). Contudo, o centurião Júlio foi contra tal ideia, até porque queria preservar a vida de Paulo (At 27:43 e 44): “[...] E mandou, aos que sabiam nadar, que saltassem primeiro e alcançassem terra. Quanto aos outros, que os seguissem agarrados a pranchas, ou sobre quaisquer destroços do navio. Foi assim que todos chegaram, são e salvos, em terra”.

O relato do naufrágio faz-nos refletir sobre o valor da liderança positiva, sobretudo nos momentos de crise: primeiro, vemos as ações ponderadas de Paulo, transmitindo apoio e conforto espiritual quando a desesperança tomou conta de todos; depois a suas palavras de fé e confiança em Deus, que caíram como um bálsamo de tranquilidade na alma dos presentes, independentemente da maioria não acreditar na intervenção divina; mais adiante estimula os tripulantes a ingerir alimentos necessários ao fortalecimento orgânico; por meio de ponderações impede a fuga dos marinheiros, que, se tal acontecesse, os demais ficariam presos no navio sem saberem como se salvar. Da mesma forma, o centurião soube agir com equilíbrio, não só acatando as benéficas sugestões de Paulo, como também negando matar os prisioneiros.

Emmanuel nos transmite instrutiva mensagem relacionada à liderança, muito importante para as nossas reflexões e aprendizado, indicando,

a exemplo de Paulo de Tarso, como deve agir o verdadeiro líder: “Nas horas atormentadas da vida, age com paciência e tolerância. Deus nos sustente de pé, aguardando a nossa cooperação destinada a reerguer os irmãos caídos”.<sup>22</sup>

### **Liderança<sup>22</sup>**

Não raro, ouvimos respeitáveis representantes das comunidades terrestres, reclamando líderes capazes de conduzi-las à concórdia e ao progresso, sem ódio e destruição. Justo, no entanto, não esquecer que a Terra conhece o Líder de todos os líderes humanos, habilitados a guiar a coletividade para o Reino do Bem.

Importante refletir que Ele transportava consigo a própria grandeza sem mostrar consciência disso.

Não colheu da vida mais que o necessário à própria sustentação.

Associou-se a companheiros tão pobres e tão anônimos quanto Ele o era no início da revelação de que se fazia mensageiro, a fim de realizar o apostolado que trazia.

Aconselhou o respeito aos condutores do poder humano, mas nunca indicou a desordem e a crueldade para a solução dos problemas do mundo.

Conviveu com a multidão, compadecendo-se de suas aflições e necessidades. Chamava a si os pequeninos, de modo a ouvi-los atentamente. Amou aos enfermos, aliviando-lhes as enfermidades, com a força do amor, nascida na oração.

Amparou aos irmãos obsessos e dialogou com os desencarnados sofredores, endereçando-lhes expressões de esclarecimento e reconforto.

Alimentou os famintos, antes de ministrar-lhes a verdade. Ensinou o perdão e a tolerância.

Não possuía ouro nem prata que lhe garantisse a influência.

Acusado sem culpa, aceitou agravos e injúrias, sem defender-se.

Executado por alguns de seus contemporâneos que se lhe faziam adversários gratuitos, portou-se com humildade e grandeza de espírito, rogando a benevolência dos Céus para os seus próprios inimigos.

Entretanto, desde que desapareceu do cenário dos homens, passou a viver mais intensamente na Terra, conquistando corações para a sua causa.

Em quase vinte séculos, famosos condutores de povos foram esquecidos.

No entanto a influência do Líder dos líderes do mundo, sem ameaças e sem armas, cresce com os dias.

\*

Quem estiver procurando liderança na Terra, saiba que Ele, Jesus Cristo, até hoje tem o nome de Senhor Jesus e, no limiar do terceiro milênio dos tempos novos, temo-lo sempre por esperança das criaturas e luz das nações.

## REFERÊNCIAS

- 1 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 53, p. 344.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 27:1-8, p. 1950.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Adramitino, p. 37.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Mirra/Mira, p. 826 e 827.
- 7 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 27.6, p. 628.
- 8 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Sidom/Sidônia, p. 1150 e 1151.
- 9 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Chipre, p. 253.
- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Cilícia, p. 255 e 256.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Panfília p. 923 e 924.
- 12 CNIDO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cnido> Acesso em: 7 ago. 2023.
- 13 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Creta, p. 276 e 277.
- 14 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Bons Portos, p. 196.
- 15 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Laséia, p. 732.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 8 – *O martírio em Jerusalém*.

- 17 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 27:9-44, p. 1950 e 1952.
- 18 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 27:9. Nota de rodapé “g”, p. 1950.
- 19 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 27.6, p. 628.
- 20 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Euroaquilão, p. 441.
- 21 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 22 XAVIER, Francisco Cândido. *Paciência*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. Brasília, DF: FEB; São Paulo: CEU, 2021. cap. 1 – *Liderança*.



# PERMANÊNCIA EM MALTA. DE MALTA A ROMA. TOMADA DE CONTATO COM OS JUDEUS DE ROMA. DECLARAÇÃO DE PAULO AOS JUDEUS DE ROMA. EPÍLOGO (AT 28:1 A 31)

Com o naufrágio e perda total do navio, em razão de a proa e popa encalharem e se desmoroarem em um banco de areia, os passageiros que sabiam nadar atiraram-se ao mar, enquanto os demais, agarrados em pranchas ou outros destroços, seguiram-nos, conseguindo todos chegar a terra firme, são e salvos (At 27:43 e 44). Nenhuma vida se perdeu, a despeito da imensa tragédia, conforme anunciara o Senhor a Paulo, em sonho. Tal mensagem teve o poder de acalmar os tripulantes, que passaram a agir com prudência e com presteza (At 27:22 a 26).

Quando, finalmente, os náufragos conseguiram alcançar terra firme, não sabiam onde se encontravam. Posteriormente, foram informados de que se encontravam em *Malta*: uma ilha situada no centro do mar Mediterrâneo, a 96 Km do sul da Sicília.

[...] Depois do naufrágio, Paulo passou três meses nessa ilha, juntamente com todos os outros náufragos, antes de prosseguir viagem para Roma [...]. Paulo realizou obras de curas, e os náufragos foram tratados com grande respeito pelos naturais da ilha.<sup>1</sup>

Os naturais da ilha, bem como os poucos romanos que lá residiam a serviço da administração, acolheram os náufragos com simpatia; mas, por numerosos, não havia acomodação para todos. Frio intenso enregelava os mais resistentes. Paulo, todavia, dando mostras do seu valor e experiência no afrontar intempéries, tratou de dar o exemplo aos mais abatidos, para que se fizesse fogo, sem demora. Grandes fogueiras foram acesas rapidamente para aquecimento

dos desabrigados; mas, quando o apóstolo atirava um feixe de ramos secos à labareda crepitante, uma víbora cravou-lhe na mão os dentes venenosos. O ex-rabino susteve-a no ar com um gesto sereno, até que ela caísse nas chamas, com estupefação geral. Lucas e Timóteo aproximaram-se aflitos. O chefe da coorte e alguns amigos estavam desolados. É que os naturais da ilha, observando o fato, davam alarme, asseverando que o réptil era dos mais venenosos da região, e que as vítimas não sobreviviam mais que horas. [...].<sup>2</sup>

Paulo não morreu, como sabemos. Mais uma vez, a intervenção divina se manifestou, e a vida de Paulo foi poupada, pois a sua missão ainda não havia se completado naquela reencarnação. Após três meses, já recuperados do naufrágio, embarcaram para Roma a bordo de outro navio alexandrino que havia passado o inverno na ilha (At 28:11), como veremos em seguida.

Na verdade, o atual estudo, que encerra o livro de Lucas, *Atos dos apóstolos*, faz também referência a estes outros assuntos: os sinais que Paulo realizou na ilha, em nome do Cristo, sobretudo curas de doenças (At 28:8 e 9); o percurso marítimo de Malta a Roma (v. 11 a 14), após o inverno; a chegada do apóstolo a Roma, onde residiu por dois anos em uma casa particular, e, ainda que mantido sob vigilância de um soldado romano sempre realizava encontros com os irmãos cristãos (v. 15 e 16); reuniões com a comunidade judaica da cidade e com quem mais quisesse visitá-lo, sempre proclamando o Reino de Deus, ensinado por Jesus, com intrepidez e sem impedimentos (v. 17 a 31).

### 39.1 PERMANÊNCIA EM MALTA. DE MALTA A ROMA (AT 28:1 A 16)<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estando já a salvo, soubemos que a ilha se chamava Malta. <sup>2</sup>Os nativos trataram-nos com extraordinária humanidade, acolhendo a todos nós junto a uma fogueira que tinham acendido. Isto, por causa da chuva que caía e do frio. <sup>3</sup>Tendo Paulo ajuntado uma braçada de gravetos e atirando-os à fogueira, uma víbora, fugindo ao calor, prendeu-se à sua mão. <sup>4</sup>Quando os nativos viram o animal pendente de sua mão, disseram uns aos outros: “Certamente este homem é um assassino; pois acaba de escapar ao mar, mas a vingança divina não o deixa viver”. <sup>5</sup>Ele, porém, sacudindo o animal ao fogo, não sofreu mal algum. <sup>6</sup>Quanto a eles, esperavam que Paulo viesse a inchar, ou caísse morto de repente. Mas, depois de muito esperar, ao verem que não lhe acontecia nada de anormal, mudando de parecer puseram-se a dizer que ele era um deus. <sup>7</sup>Nas vizinhanças daquele local estava a propriedade do Primeiro da ilha, chamado Públio. Este nos recebeu e nos hospedou benignamente durante três dias. <sup>8</sup>Acontece que o pai de Públio estava acamado, ardendo em febre e com

disenteria. Paulo foi vê-lo, orou e impôs-lhe as mãos, e o curou.<sup>9</sup> Diante disso, também os outros doentes que se encontravam na ilha vieram ter com Paulo e foram curados.<sup>10</sup> Cumularam-nos, então, com muitos sinais de estima; e, quando estávamos para partir, levaram a bordo tudo o que nos era necessário.

<sup>11</sup>Ao fim de três meses, embarcamos num navio que havia passado o inverno na ilha; era de Alexandria, e tinha como insígnia os Dióscuros.<sup>12</sup> Tendo aportado em Siracusa, aí ficamos três dias.<sup>13</sup> De lá, seguindo a costa, chegamos a Régio. No dia seguinte, soprou o vento do Sul, e em dois dias chegamos a Putéoli.

<sup>14</sup>Encontrando ali alguns irmãos, tivemos o consolo de ficar com eles sete dias. E assim foi que chegamos a Roma.<sup>15</sup> Os irmãos desta cidade, tendo ouvido falar a nosso respeito, vieram ao nosso encontro até o Foro de Ápio e Três Tabernas. Ao vê-los, Paulo deu graças a Deus e sentiu-se encorajado.<sup>16</sup> Depois de chegarmos a Roma, foi permitido a Paulo morar em casa particular, junto com o soldado que o vigiava.

Nesse registro de *Atos dos apóstolos*, consta que, após a chegada em Malta (28:1), os nativos trataram os náufragos com extraordinária humanidade, acolhendo a todos junto a uma fogueira, pois chovia torrencialmente, incessantemente, e eles sentiam muito frio (v. 2). Acontece, então, um incidente com Paulo: ele é picado por uma cobra venenosa, que cravou os dentes em sua mão, quando pegava uma braçada de gravetos para alimentar o fogo (v. 3). Ao verem a cobra pendurada na mão de Paulo, os supersticiosos nativos afirmaram: *Certamente este homem é um assassino; pois acaba de escapar ao mar, mas a vingança divina não o deixa viver* (v. 4). O apóstolo, porém, não se deixa abater e, calmamente, balança a mão sobre as chamas da fogueira fazendo o réptil se soltar, sem que nada lhe houvesse acontecido, nem mesmo simples inchaço (v. 5 e 6). Os nativos passaram, então, a venerá-lo como se ele fosse um deus (v. 7):

Não eram poucos os que aguardavam a morte do apóstolo, contando os minutos; Paulo, no entanto, aquecendo-se como lhe era possível, observava a expressão fisionômica de cada um e orava com fervor. Diante do prognóstico dos nativos da ilha, Timóteo aproximou-se mais intimamente e buscou cientificá-lo do que diziam a seu respeito.

O ex-rabino sorriu e murmurou:

– Não te impressiones. As opiniões do vulgo são muito inconstantes, tenho disso experiência própria. Estejamos atentos aos nossos deveres, porque a ignorância sempre está pronta a transitar da maldição ao elogio e vice-versa. É bem possível que daqui a algumas horas me considerem um deus.

Com efeito, quando viram que ele não acusara nem mesmo a mais leve impressão de dor, os indígenas passaram a observá-lo como entidade sobrenatural. Já que se mantivera indene ao veneno da víbora, não poderia ser um homem comum, antes algum enviado do Olimpo, a que todos deveriam obedecer.<sup>4</sup>

A ilha de Malta era domínio romano, à época, sendo governada por *Públio Apiano*, que também recebeu e hospedou gentilmente os náufragos (At 28:7).

A esse tempo, o mais alto funcionário de Malta, Púlio Apiano, chegara ao local e ordenava as primeiras providências para socorrer os náufragos, sendo eles conduzidos a vastos galpões desabitados, próximo de sua residência, lá recebendo caldos quentes, remédio e roupas. O preposto imperial reservou os melhores cômodos da própria moradia para o comandante do navio e o centurião Júlio, atento ao prestígio dos respectivos cargos, até que pudessem obter novas acomodações na ilha. O chefe da coorte, no entanto, sentindo-se agora extremamente ligado ao Apóstolo dos Gentios, solicitou ao generoso funcionário romano acolhesse o ex-rabino com a deferência a que fazia jus, ao mesmo tempo que elogiava as suas virtudes heroicas.<sup>4</sup>

O centurião romano, Júlio, informou a Paulo que o pai de Púlio ali se encontrava e estava acamado, com febre e disenteria. “[...] Paulo foi vê-lo, orou e impôs-lhe as mãos, e o curou” (At 28:8), assim como outros doentes que se encontravam na ilha também foram curados pelo apóstolo (At 28:9):

Convidado por Júlio, Paulo aquiesceu desassombrado e assim compareceu em casa de Púlio. Levado à presença do ancião enfermo, impôs-lhe as mãos calosas e enrugadas, em prece comovedora e ardente. O velhinho que ardia e se consumia em febre letal, experimentou imediato alívio e rendeu graças aos deuses de sua crença. Tomado de surpresa, Púlio Apiano viu-o levantar-se procurando a destra do benfeitor para um ósculo santo. O ex-rabino, no entanto, valeu-se da situação e, ali mesmo, exaltou o Divino Mestre, pregando as verdades eternas e esclarecendo que todos os bens provinham do seu coração misericordioso e justo e não de criaturas pobres e frágeis, quanto ele.<sup>4</sup>

Paulo não perdia a mínima oportunidade de falar sobre os ensinamentos e exemplos de Jesus, assim procedendo em relação ao preposto de César que administrava a ilha de Malta:

O preposto do império quis conhecer o Evangelho imediatamente. Arrancando das dobras da túnica, em frangalhos, os pergaminhos da Boa-Nova, único patrimônio que lhe ficara nas mãos, depois da tempestade, Paulo de Tarso passou a exhibir os pensamentos e ensinamentos de Jesus, quase com orgulho. Púlio ordenou que o documento fosse copiado e prometeu interessar-se pela situação do apóstolo, utilizando suas relações em Roma, a fim de lhe conseguir a liberdade. A notícia do feito espalhou-se em poucas horas. Não se falava de outra coisa, senão do homem providencial que os deuses haviam mandado à Ilha, para que os doentes fossem curados e o povo recebesse novas revelações.<sup>4</sup>

Durante o período que permaneceu na ilha, enquanto aguardava o término do inverno, Paulo pregava o Evangelho:

Com a complacência de Júlio, o ex-rabino e os companheiros obtiveram um velho salão do administrador, onde os serviços evangélicos funcionaram regularmente, durante os meses do inverno rigoroso. Multidões de enfermos foram curados. Velhos misérrimos, na claridade dos tesouros do Cristo, alcançaram novas esperanças. Quando voltou a época da navegação, Paulo já havia criado em toda a Ilha uma vasta família cristã, cheia de paz e nobres realizações para o futuro.

Atento aos imperativos da sua comissão, Júlio resolveu partir com os prisioneiros no navio “Castor e Pólux”, que ali invernara e se destinava à Itália.<sup>4</sup>

Embarcam finalmente para Roma no navio alexandrino de grande porte que trazia como insígnia os Dióscuros (At 28:11), palavra grega que significa os filhos “de Zeus.” O percurso traçado foi o seguinte, segundo relato de *Atos* (28:11 a 14):

- » Malta – Siracusa (At 28:11 e 12): permanecem por três dias em Siracusa, cidade famosa da Província da *Sicília*, na Itália, fundada no ano 735 a.C., por um grupo de coríntios e dóricos, liderados por *Arquias de Corinto*. A partir de 212 a.C., tornou-se domínio romano.<sup>5</sup>
- » Siracusa – Régio – Puteoli/Pozzuoli (At 28:13): prosseguido a viagem, desembarcam em *Régio*, permanecendo por um dia nessa cidade que, originalmente, era domínio grego, e “[...] situada na costa da Itália, defronte de Messina na Sicília. [...] É atualmente capital da *Província da Calábria* [Itália]. É cidade considerável, exportadora de laranjas, limões, azeite etc.”<sup>6</sup> *Puteoli/Potéoli* é cidade portuária da Itália, localizada próxima à baía de Nápoles, na região da *Campania/Campanha*. O antigo nome *Potéoli/Puteoli* foi alterado para *Pozzuoli*.<sup>7</sup> Os viajantes permaneceram nesta cidade por sete dias, reunindo-se com alguns cristãos da região, o que, segundo Emmanuel, ocorreu por iniciativa do idoso “[...] Sexto Flácus, cuja fisionomia transbordava a mais viva alegria. Logo à entrada, aproximou-se do velho apóstolo e osculou-lhe as mãos, regou-as de lágrimas, em transportes de espontâneo carinho [...]”<sup>8</sup>

Estabeleceu-se, imediatamente, consoladora palestra de que Paulo de Tarso participava comovido. Flácus informou que a cidade tinha há muito a sua igreja; que o Evangelho ganhava terreno nos corações; que as cartas do ex-rabino eram tema de meditação e estudo em todos os lares cristãos, que reconheciam em suas atividades a missão de um mensageiro do Messias salvador. Tomando a velha bolsa arrancou, ali mesmo, a cópia da *Epístola aos romanos*, guardada pelos confrades de Pozzuoli com especial carinho.

[...]

[...] E, dando largas ao seu entusiasmo natural, Sexto Flácus expediu recados aos companheiros. Aos poucos, a modesta estalagem enchia-se de caras novas. Eram padeiros, negociantes e artífices que vinham, ansiosos, apertar a mão do amigo da gentilidade. Todos queriam beber os conceitos do apóstolo, vê-lo de perto, beijar-lhe as mãos. Paulo e companheiros foram convidados a falar na igreja àquela mesma noite e, cientes de que o centurião pretendia partir para Roma no dia imediato, os sinceros discípulos do Evangelho, em Pozzuoli, rogaram a Júlio permitisse a demora de Paulo entre eles, ao menos por sete dias, ao que o chefe da coorte atendeu de bom grado.

A comunidade viveu horas de júbilo imenso. Sexto Flácus e os companheiros expediram dois emissários a Roma, para que os amigos da cidade imperial tivessem conhecimento da vinda do Apóstolo dos Gentios. E, cantando louvores no coração, os crentes passaram dias de ilimitada ventura.<sup>8</sup>

- » Puteoli/Pozzuoli – Roma (At 28:15 e 16): antes de a comitiva chegar à capital romana, Paulo foi recepcionado pelos cristãos em duas localidades italianas, situadas no caminho: 1) *Foro de Apio* – “[...] cidade-mercado que distava quarenta e três quilômetros de Roma [...]. Era o término norte do canal que atravessava os pantanais *Pontinos*. Recebeu seu nome de *Ápio Claudio Caecus*, construtor da famosa via Ápia”<sup>9</sup> 2) *Três Tabernas* ou *Três Vendas* – “[...] uma estação que ficava a cerca de quarenta e oito quilômetros da cidade de Roma, sobre a via Ápia, que partia da cidade na direção sudoeste [...]. Extensas seções da via Ápia (construída em 312 a.C.) ainda existem até os nossos dias [...]”<sup>9</sup>

Quaisquer informações a respeito da capital romana são sempre reduzidas, considerando sua extensa história e cultura. Em termos didáticos e por considerar a natureza do atual estudo, apresentamos o seguinte resumo:

Roma teria sido fundada por Rômulo, em 753 a.C., sendo considerado o seu primeiro rei. O pequeno reinado cresceu, vindo a se transformar em uma república, por ação popular, após governos de tiranias. Inicialmente, a república romana ficou sob a direção de algumas famílias patrícias que os plebeus aprovavam e a que se submetiam. Roma cresceu em importância, expandido seu domínio sobre toda a península romana, a princípio, e, finalmente, sobre todo o mundo conhecido da Antiguidade, vindo a se constituir o Império Romano. A república romana dominou várias regiões da Ásia Menor em 190 a.C., quando subjugou a Síria. No ano 63 a.C., a Judeia foi formalmente declarada possessão romana, após invasão comandada pelo general romano Pompeu (*Cneu Pompeu Magno*: 106–48 a.C.). A república

de Roma transforma-se em Império Romano sob o domínio de Otávio/Otaviano Augusto (*Gaius Lulius Cæsar Octavianus Augustus*: 63 a.C.–14 d.C.), sendo ele o seu primeiro imperador. Jesus nasceu durante o reinado de Augusto (Mt 2:1 a 12; Lc 2:1 a 20) e foi crucificado (Mt 27:32 a 38; 45 a 56; Mc 15:23 a 27; 33 a 39; Lc 23:33 a 35; 44 a 46; Jo 19:17 a 37) no reinado de Tibério (*Tiberius Claudius Nero Cæsar*: 42 a.C.–37 d.C.). Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, foi torturado e morto em Jerusalém (At 11:28; 12:1 e 2), quando Claudio (*Tiberius Claudius Cæsar Augustus Germanicus*: 10 a.C.–54 d.C.) era imperador. A apelação de Paulo para ser julgado pelo supremo tribunal romano (At 25:11) ocorreu durante o governo do imperador Nero (*Nero Claudius Cæsar Augustus Germanicus*: 37–68 d.C.). A destruição do Templo de Jerusalém, profetizada pelo Senhor (Mt 24; Mc 13; Lc 19:41 a 44; 21:5 a 36), ocorreu no ano 70, sob comando do general Tito (*Titus Flavius Cæsar Vespasianus Augustus*: 39–81 d.C.) que se tornou imperador no ano 59 d.C. O declínio do Império Romano começou no ano 395 d.C., com as sucessivas batalhas com os povos dominados, vindo a desaparecer definitivamente em 476 d.C., com a tomada de Roma por Odoacro, rei dos godos<sup>10</sup>:

Durante o declínio do poder civil [dos romanos], os cristãos foram crescendo em poder e influência. Apesar da tolerância política do império em respeitar a religião dos povos conquistados, os cristãos sofreram perseguições desde o princípio da Igreja, devido, principalmente, a duas causas: a atitude agressiva contra os ritos do paganismo e o esforço para fazer prosélitos. As mais severas perseguições ocorreram no reinado de Nero, que atribuiu aos cristãos a prática de seus crimes nefandos. Outras perseguições cruéis aconteceram no tempo de Domiciano. Não obstante, as prisões e as mortes, os cristãos continuaram a crescer em número e influência, a ponto de a igreja de Roma e seu bispo constituírem um fator considerável no progresso geral do Cristianismo, que chegou a ser a religião do Estado no princípio do século sob o governo de Constantino, o Grande.<sup>11</sup>

A viagem para Roma contou com companhia “[...] de mais de cinquenta cristãos de Pozzuoli, que seguiram o ex-rabino até *Fórum de Ápio*, em cavalos resistentes, montando carinhosa guarda aos carros dos guardas e prisioneiros. [...]”<sup>12</sup>

[...] Nessa localidade, distante de Roma quarenta e poucas milhas, aguardava o Apóstolo dos gentios a primeira representação dos discípulos do Evangelho na cidade imperial. Eram anciães comovidos, cercados por alguns companheiros generosos, que, por pouco, carregavam o ex-rabino nos braços. Júlio [centurião responsável pela segurança de Paulo] não sabia como disfarçar a surpresa que lhe ia na alma. Jamais viajara com um prisioneiro de tamanho prestígio.

De *Fórum de Ápio* a caravana demandou o sítio denominado “As Três Tavernas”, acrescida agora do grande veículo que levava os anciãos romanos, e sempre rodeada de cavaleiros fortes e bem-dispostos. Nessa região, singularmente nomeada, em vista do grande conforto de suas hospedarias, outros carros e novos amigos esperavam Paulo de Tarso com sublimes demonstrações de alegria. O Apóstolo, agora, contemplava as regiões do Lácio empolgado por emoções suaves e doces. Tinha a impressão de haver aportado a um mundo diferente da sua Ásia cheia de combates acerbos.<sup>12</sup>

## 39.2 TOMADA DE CONTATO COM OS JUDEUS DE ROMA (AT 28:17 A 22)<sup>13</sup>

<sup>17</sup>Três dias após, convocou os principais dentre os judeus. Tendo eles comparecido, assim falou-lhes: “Meus irmãos, embora nada tenha feito contra nosso povo, nem contra os costumes dos nossos pais, desde Jerusalém vim preso e como tal fui entregue às mãos dos romanos. <sup>18</sup>Tendo-me interrogado judicialmente, eles quiseram soltar-me, porque nada havia em mim que merecesse a morte. <sup>19</sup>Como, porém, os judeus se opunham, fui constrangido a apelar para César, não porém como se tivesse algo de que acusar minha nação. <sup>20</sup>Por esse motivo é que pedi para ver-vos e falar-vos, pois é por causa da esperança de Israel que carrego com esta corrente”. <sup>21</sup>Eles então disseram-lhe: “Quanto a nós, não recebemos a teu respeito carta alguma da Judeia, e nenhum dos irmãos que aqui chegaram comunicou ou relatou algo de mal acerca de ti. <sup>22</sup>Desejamos, porém, ouvir de tua boca o que pensas; porque, relativamente a esta seita, é de nosso conhecimento que ela encontra em toda parte oposição”.

Antes do encontro com os judeus, Paulo foi devidamente esclarecido por um certo Apolodoro, um dos companheiros que o acompanhavam no percurso até a cidade imperial, a respeito da real situação dos cristãos em Roma:

- Vindes a Roma em boa época – acentuava o velhinho em tom resignado –; temos a impressão de que nossos sofrimentos por Jesus vão ser multiplicados. Estamos em 61, mas há três anos que os discípulos do Evangelho começaram a morrer nas arenas do circo pelo nome augusto do Salvador.
- Sim – disse Paulo de Tarso solicitamente. – Eu ainda não havia sido preso em Jerusalém, quando ouvi referências às perseguições indiretas, movidas aos adeptos do Cristianismo pelas autoridades romanas.
- Não são poucos – acrescentou o ancião – os que têm dado seu sangue nos espetáculos homicidas. Nossos companheiros têm caído às centenas, aos apupos do povo inconsciente, estraçalhados pelas feras ou nos postes do martírio...<sup>14</sup>

Ao ouvir essas informações, até mesmo Júlio, o centurião romano, surpreendeu-se e se revelou indignado. Apolodoro explicou que tudo estava



relacionado ao entendimento de justiça aplicado pelo governo do imperador, acrescentando que ele mesmo, Apolodoro, havia perdido recentemente um filho em terrível carnificina<sup>22</sup>, prosseguindo em seus esclarecimentos no diálogo com o centurião:

[...] Os cristãos são conduzidos aos circos do martírio e da morte, como escravos faltosos e misérrimos. Como ainda não existe um fundamento legal que justifique semelhantes condenações, as vítimas são designadas como cativos que mereceram os suplícios extremos.

– Não existe um político, ao menos, que possa desmascarar o torpe sofisma?

– Quase todos os estadistas honestos e justos estão exilados, para não falar dos muitos induzidos ao suicídio pelos prepostos diretos do imperador. Acreditamos que a perseguição declarada aos discípulos do Evangelho não tardará muito. A medida tem sido retardada somente pela intervenção de algumas senhoras convertidas a Jesus, que tudo têm feito pela defesa de nossos ideais. Não fora isso, talvez a situação se revelasse mais dolorosa.

– Precisamos negar a nós mesmos e tomar a cruz – exclamou Paulo de Tarso, compreendendo o rigor dos tempos.<sup>14</sup>

O centurião Júlio ficou realmente surpreendido, estranhando o rumo tirano que impregnava o governo romano. Apolodoro conclui suas explicações, acrescentando:

Acusam-nos de inimigos do Estado, a solapar-lhe as bases políticas com ideias subversivas e destruidoras. A concepção de bondade, no Cristianismo, dá azo a que muitos interpretem mal os ensinamentos de Jesus. Os romanos abastados, os ilustres, não toleram a ideia de fraternidade humana. Para eles o inimigo é inimigo, o escravo é escravo, o miserável é miserável. Não lhes ocorre abandonar, por um momento sequer, o festim dos prazeres fáceis e criminosos, para cogitar da elevação do nível social. Raríssimos os que se preocupam com os problemas da plebe. Um patrício caridoso é apontado com ironias. Num tal ambiente, os desfavorecidos da sorte encontraram no Cristo Jesus um Salvador bem-amado, e os avaros um adversário a eliminar, para que o povo não alimente esperanças. Examinada essa circunstância, podemos imaginar o progresso da doutrina cristã, entre os aflitos e pobres, tendo-se em vista que Roma sempre foi um enorme carro de triunfo mundano, que segue com os verdugos autoritários e tirânicos na boleia, cercado de multidões famintas, que vão apanhando as migalhas de sobejo. As primeiras pregações cristãs passaram despercebidas, mas quando a massa popular demonstrou entender o elevado alcance da nova doutrina, começaram as lutas acerbadas. De culto livre em suas manifestações, o Cristianismo passou a ser rigorosamente fiscalizado. Dizia-se que nossas células eram originárias de feitiçarias e sortilégios. Em seguida, como se verificaram pequenas rebeliões de escravos, nos palácios nobres da cidade, nossas reuniões de preces e benefícios espirituais foram proibidas.

As agremiações foram dissolvidas à força. Em vista, porém, das garantias de que gozam as cooperativas funerárias, passamos a nos reunir alta noite no âmago das catacumbas. Ainda assim, descobertos pelos sequazes do imperador, nossos núcleos de oração têm experimentado pesadas torturas.<sup>14</sup>

Em Roma, *foi permitido a Paulo morar em casa particular, junto com o soldado que o vigiava*, relata *Atos dos apóstolos*, 28:16. Passados três dias de sua estadia na cidade, convocou ele os principais judeus que ali viviam e havendo reunido com eles, disse-lhes que nada tinha feito contra o povo judeu, ao qual estava vinculado por descendência direta (a família de Paulo era da tribo de Benjamim) ou contra as suas tradições e costumes, mas que, mesmo assim, encontrava-se preso desde Jerusalém e, como tal, entregue aos romanos (v. 17). Estes, por sua vez, o interrogaram judicialmente, nada encontrando que justificasse a condenação à morte (v. 18). Mas como as autoridades do Sinédrio insistiam em condená-lo, ele apelou para julgamento de César, uma vez que era também cidadão romano, ali se encontrando como prisioneiro (v. 19 e 20). Os judeus que viviam em Roma responderam-lhe, por sua vez (v. 21 e 22):

[...] “Quanto a nós, não recebemos a teu respeito carta alguma da Judeia, e nenhum dos irmãos que aqui chegaram comunicou ou relatou algo de mal acerca de ti. Desejamos, porém, ouvir de tua boca o que pensas; porque, relativamente a esta seita, é de nosso conhecimento que ela encontra em toda parte oposição”.

Combinaram, assim, uma data para se encontrarem, oportunidade em que Paulo lhes explicaria a respeito de Jesus e de sua conversão ao Cristianismo.

### 39.3 DECLARAÇÃO DE PAULO AOS JUDEUS DE ROMA. EPÍLOGO (AT 28:23 A 31)<sup>15</sup>

<sup>23</sup>Marcaram um dia, pois, com ele, e vieram em maior número encontrá-lo em seu alojamento. Ele lhes fez uma exposição, dando testemunho do Reino de Deus e procurando persuadi-los a respeito de Jesus, tanto pela Lei de Moisés como pelos Profetas. Isto, desde a manhã até a tarde. <sup>24</sup>Uns se deixaram persuadir pelo que ele dizia; outros, porém, recusavam-se a crer. <sup>25</sup>Estando assim discordantes entre si, eles se foram, enquanto Paulo dizia uma só palavra: “Bem falou o Espírito Santo a vossos pais, por meio do profeta Isaías, quando disse: <sup>26</sup>*Vai ter com este povo e dize-lhe: em vão escutareis, pois não compreendereis; em vão olhareis, pois não vereis.* <sup>27</sup>*É que o coração deste povo se endureceu: eles tamparam os ouvidos e vendaram os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam, e eu não os cure!*”

<sup>28</sup>Ficai, pois, cientes: aos gentios é enviada esta salvação de Deus. E eles a ouvirão”.

<sup>30</sup>Paulo ficou dois anos inteiros na moradia que havia alugado. Recebia todos aqueles que vinham visitá-lo, <sup>31</sup>proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda a intrepidez e sem impedimento.

Antes de analisarmos os encontros de Paulo com a liderança do Judaísmo em Roma, é importante acompanhar as condições de vida do apóstolo em Roma, sobretudo nos dois primeiros anos, conforme relata o texto final de *Atos dos apóstolos*. Sabemos que Paulo foi instalado em Roma em uma residência privativa, ainda que mantido sob a vigilância de um soldado. Possuía relativa liberdade, podendo receber visitas e fazer reuniões com os discípulos, amigos e irmãos cristãos, da cidade imperial ou de outros lugares, pois a ele foi aplicada a norma jurídica denominada *custodia libera*, diligência obtida por intermédio do centurião Júlio que fez questão de procurar a autoridade romana que pudesse compreender a situação do apóstolo, a quem ele devotava irrestrita simpatia: “[...] Considerando que Paulo precisava de repouso, o centurião resolveu passar a noite numa hospedaria e apresentar-se com os prisioneiros no dia imediato, ao Quartel dos Pretorianos, depois de refeitos da longa e exaustiva viagem”.<sup>16</sup> E assim foi feito, informa Emmanuel:

O centurião de Cesareia encontrou no Quartel da Via Nomentana altos funcionários que podiam perfeitamente atendê-lo, com referência ao assunto que o trazia à capital do império, mas fez questão de esperar o general Búrrus, amigo pessoal do imperador e conhecido por suas tradições de honestidade, no intuito de esclarecer o caso do apóstolo.

O general o atendeu com presteza e solicitude e ficou suficientemente informado da causa do ex-rabino, tanto quanto dos seus antecedentes pessoais e das lutas e sacrifícios que vinha amargurando. Prometeu estudar o caso com o maior interesse, depois de guardar, solícito, os pergaminhos remetidos pela justiça de Cesareia. Na presença do apóstolo, afirmou ao centurião que, caso os documentos provassem a cidadania romana do acusado, ele poderia gozar das vantagens da *custodia libera*, passando a viver fora do cárcere, apenas acompanhado por um guarda, até que a magnanimidade de César decidisse o seu recurso.<sup>16</sup>

Em paralelo a essas ações, os fiéis amigos de Paulo que o acompanharam desde Cesareia, despedem-se dele, com a promessa de revê-lo logo que encontrem local que lhes servisse de moradia:

[...] Na véspera, Lucas, Timóteo e Aristarco separaram-se dele, a fim de se instalarem na companhia dos irmãos de ideal, até poderem fixar a sua posição.  
[...]

Paulo foi recolhido à prisão com os demais companheiros, como medida preliminar ao exame da documentação trazida. Júlio despediu-se comovido, os guardas abraçaram o ex-rabino, contristados e respeitosos. Os altos funcionários do Quartel acompanharam a cena com indisfarçável surpresa. Prisioneiro algum havia ali entrado até então, com tamanhas manifestações de carinho e apreço.

Depois de uma semana, em que lhe fora permitido o contato permanente com Lucas, Aristarco e Timóteo, o apóstolo recebia ordem para fixar residência nas proximidades da prisão – privilégio conferido pelos seus títulos, embora obrigado a permanecer sob as vistas de um guarda policial, até que o seu recurso fosse definitivamente julgado.

Auxiliado pelos confrades da cidade, Lucas alugou um aposento humilde na Via Nomentana, para lá se transferindo o valoroso pregador do Evangelho, cheio de coragem e confiança em Deus.<sup>16</sup>

Após três dias de permanência em Roma, Paulo teve o primeiro contato com os judeus de Roma, ocasião em que lhes explicou a sua condição de prisioneiro dos romanos, conforme relato de *Atos* (28:17 a 22). Na ocasião, combinaram entre si um novo encontro, a fim de explicar-lhes por que, sendo fariseu, rabino e membro atuante do Sinédrio, converteu-se ao Cristianismo, transformando-se em ardoroso defensor de Jesus, por compreender ser Ele o Messias anunciado pelos profetas. No dia acertado, Paulo traça breve histórico das profecias sobre a vinda do Messias (v. 23 e 24). Cita Isaías, um dos mais respeitáveis profetas da história e cultura do Judaísmo (v. 25) ao perceber que nem todos os ouvintes acataram as suas explicações (v. 26 e 27), pois ainda traziam os ouvidos moucos, os olhos cegos e o coração endurecido para as verdades espirituais imortais:

*Vai ter com este povo e dize-lhe: em vão escutareis, pois não compreendereis; em vão olhareis, pois não vereis. É que o coração deste povo se endureceu: eles tamparam os ouvidos e vendaram os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, e não entendam com o coração, para que não se convertam, e eu não os cure!*

Paulo conclui a sua veemente exposição, recordando-lhes: “Ficai, pois, cientes: aos gentios é enviada esta salvação de Deus. E eles a ouvirão” (At 28:28). Situações semelhantes repetem-se continuamente. Nem todos os crentes estão, verdadeiramente, preparados para a vivência da mensagem do amor imortal, ainda que convertidos a uma religião ou seita e, intrinsecamente, sejam pessoas de bem. A vivência do Evangelho representa, sem dúvida, o maior desafio da humanidade terrestre, como nos faz refletir Emmanuel nesta mensagem de sua autoria:

### **Guardemos o ensino<sup>17</sup>**

*Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos.*

JESUS (*Lucas, 9:44.*)

Muitos escutam a palavra do Cristo, entretanto, muito poucos são os que colocam a lição nos ouvidos.

Não se trata de registar meros vocábulos e sim fixar apontamentos que devem palpitir no livro do coração.

Não se reportava Jesus à letra morta, mas ao verbo criador.

Os círculos doutrinários do Cristianismo estão repletos de aprendizes que não sabem atender a esse apelo. Comparecem às atividades espirituais, sintonizando a mente com todas as inquietações inferiores, menos com o Espírito do Cristo. Dobram joelhos, repetem fórmulas verbalistas, concentram-se em si mesmos, todavia, no fundo, atuam em esfera distante do serviço justo.

A maioria não pretende ouvir o Senhor e, sim, falar ao Senhor, qual se Jesus desempenhasse simples função de pajem subordinado aos caprichos de cada um.

São alunos que procuram subverter a ordem escolar.

Pronunciam longas orações, gritam protestos, alinhavam promessas que não podem cumprir.

Não estimam ensinamentos. Formulam imposições.

E, à maneira de loucos, buscam agir em nome do Cristo.

Os resultados não se fazem esperar. O fracasso e a desilusão, a esterilidade e a dor vão chegando devagarinho, acordando a alma dormente para as realidades eternas.

Não poucos se revoltam, desencantados...

Não se queixem, contudo, senão de si mesmos.

“Ponde minhas palavras em vossos ouvidos”, disse Jesus.

O próprio vento possui uma direção. Teria, pois, o Divino Mestre transmitido alguma lição, ao acaso?

Paulo prosseguiu ininterruptamente na propagação do Evangelho de Jesus, enquanto aguardava o julgamento de César. Permaneceu prisioneiro por dois anos, sem jamais se deixar abater, como consta em *Atos (28:31): proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda a intrepidez e sem impedimento.*

Com esse versículo, Lucas encerra o livro *Atos dos apóstolos*, nada acrescentando a respeito da libertação, destino e morte do apóstolo. No entanto temos muito a agradecer, pois tivemos a feliz e abençoada oportunidade de acompanharmos trinta anos da vida e ações do inesquecível Paulo de Tarso, cuidadosamente registradas pelo admirável Evangelista Lucas:

[...] Foi no ano 33 que ele, doutor da lei e membro influente do sinédrio, consentiu na morte de Estêvão e desencadeou a onda de perseguições contra o Cristianismo nascente. E agora, no ano 63, vemo-lo em Roma, prisioneiro com sentinela à vista, num quarto que alugara. Quão longo foi o seu caminho para a conquista da humildade! Depois que rolou do alto do seu orgulho no pó da estrada de Damasco e resolutamente buscou humildade no Evangelho e no devotamento à causa de Jesus, quanta luta, quanto sofrimento! [...].<sup>18</sup>

**Observação:** O benfeitor Emmanuel complementa as anotações de Lucas, transmitindo-nos informações a respeito da vida e morte de Paulo, o Apóstolo dos Gentios, após a sua libertação da prisão, em Roma. Tais esclarecimentos integram os dois últimos capítulos da memorável obra de sua autoria, *Paulo e Estêvão*, psicografado pela abençoada mediunidade de Chico Xavier, os quais, serão estudados na forma de *Apêndice – Tema 40* deste livro VI – *Estudo Interpretativo dos Atos dos Apóstolos* –, que integra a coletânea do Programa “O Evangelho Redivivo”.

## REFERÊNCIAS

- 1 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário da bíblia*. Trad. João Bentes. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2006. verbete: Marta, p. 824.
- 2 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 3 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 28:1-16, p. 1952.
- 4 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 5 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Siracusa, p. 1166.
- 6 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Régio, p. 1148.
- 7 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Putéoli, p. 1022.
- 8 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*. v. 3 (Atos/Romanos). Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. cap. 20:15, p. 648.

- 10 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Roma, p. 1062 e 1063.
- 11 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampl. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. verbete: Roma, p. 1063 e 1064.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 13 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 28:17-22, p. 1952 e 1953.
- 14 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 15 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 28:23-31, p. 1953.
- 16 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 28. ed. 11. imp. Brasília, DF: FEB, 2022. cap. 70 – *Guardemos o ensino*.
- 18 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 56, p. 359.







## APÊNDICE AO LIVRO ATOS DOS APÓSTOLOS<sup>1</sup>

“Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil: devo conduzi-las também; elas ouvirão minha voz; então haverá um só rebanho, um só pastor.” JESUS (*João*, 10:16.)

---

<sup>1</sup> Fonte: XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo* e cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*. FEB Editora.

# A ABSOLVIÇÃO DE PAULO. O ENCONTRO COM SIMÃO PEDRO E JOÃO. A VIAGEM DE PAULO À ESPANHA. A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS E A PRISÃO DE JOÃO. O INCÊNDIO EM ROMA E O MARTÍRIO DOS CRISTÃOS. A MORTE DE PEDRO E DE PAULO. O RETORNO DE PAULO AO PLANO ESPIRITUAL

## EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Este *Apêndice* tem como propósito resgatar informações dos momentos finais da existência de Paulo e Pedro que, no ano 64 d.C., residiam em Roma, considerando que os textos neotestamentários não trazem informações complementares a respeito do assunto, como claramente se constata no epílogo do livro *Atos dos apóstolos*, no qual Lucas inseriu este registro conciso: *Paulo ficou dois anos inteiros na moradia que havia alugado [em Roma]. Recebia todos aqueles que vinham visitá-lo, proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda a intrepidez e sem impedimento* (At 28:30 e 31). Nada mais foi acrescentado. Não há nenhuma outra informação relacionada aos acontecimentos posteriores daquela existência de ambos os apóstolos. Também desconhecemos as razões que fizeram o evangelista proceder assim. A respeito, há hipóteses que tentam justificar a forma de agir do escritor dos *Atos dos apóstolos*, como duas notas que constam na *Bíblia de Jerusalém*.

A primeira nota considera que a conclusão ou epílogo de *Atos dos apóstolos* seria um estilo literário característico de Lucas que, em seus escritos, tinha por hábito não fazer um encerramento ou fechamento do assunto, como usualmente entendemos, mas deixando em aberto possibilidades de a história prosseguir:

Assim, a chegada de Paulo a Roma, que consumia um programa de Evangelização (cf. Lc 24:47; At 1:8+), revela-se como um ponto de partida de uma nova expansão do Cristianismo. Lucas terminara seu evangelho abrindo-o para a perspectiva da missão dos apóstolos; termina igualmente o livro Atos, abrindo-o para o futuro.<sup>1</sup>

A segunda nota comenta o que poderia ter acontecido a Paulo, passados os dois anos em que ele se encontrava em Roma (At 28:30):

O NT não indica de modo claro o que aconteceu depois deste período. É geralmente suposto que Paulo foi libertado, talvez devido a um dos atos de clemência, aos quais Nero não era estranho. Neste caso, ele teria podido realizar seu desejo de ir até a Espanha (cf. Rm 15:24). Uma boa tradição afirma que teve o seu martírio em Roma sob Nero, em 64 ou 67.<sup>2</sup>

Os registros de *Atos dos apóstolos* representam um legado inestimável para a História da Civilização humana, em geral, e do Cristianismo, em particular. Mais do que um conjunto de informações histórico-culturais, traduz-se como um precioso legado de amor, desvelo e dedicação oferecido por Lucas a todas as gerações do passado, presente e futuro. É certo que o livro *Atos dos apóstolos* está mais focado na ação evangelizadora de Pedro e Paulo, mas também revela, como pano de fundo, nobres realizações dos demais apóstolos e discípulos sinceros de Jesus, o Cristo de Deus:

A Vida dos Apóstolos foi uma vida de trabalhos, de incessante luta pela difusão do Evangelho; foi uma vida de abnegação e ingentes sacrifícios; de verdadeiro desapego às coisas do mundo; de dores, de sofrimentos, mas também de glória que não se extingue, de aquisição de tesouros que não perecem, de luzes que não se apagam, de verdades que nos conduzem às alturas, onde melhor compreendemos a Deus e a sua infinita sabedoria.<sup>3</sup>

Utilizamos no Apêndice uma ou outra referência não espírita, mas a essência das informações foi retirada do livro *Paulo e Estêvão*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, publicado pela FEB Editora. Percebe-se, a propósito, o cuidado de Emmanuel ao resgatar dos arquivos do Plano Espiritual acontecimentos posteriores aos dois anos em que o admirável Apóstolo dos Gentios foi mantido prisioneiro em Roma (At 28:30), de onde extraímos os fatos mais relevantes para compor o atual estudo.

Os exemplos de Paulo de Tarso são atemporais e nos fazem compreender como deve agir o verdadeiro cristão: “Não desanima, contudo, de seu labor evangélico em Roma, aguardando o julgamento de César, diante do qual dará testemunho de Jesus, não esmorece: prega o Evangelho sem receio algum a quantos o procuram [...]”.<sup>4</sup> Vemos, assim, que, em todas as situações, o apóstolo revela uma tenacidade extraordinária, prosseguindo em seu labor evangélico, ininterruptamente, sempre pregando ou trabalhando pela Causa do Evangelho e de Jesus:

Longe de esmorecer diante dos obstáculos, Paulo continuou redigindo epístolas consoladoras e sábias às comunidades distantes. [...].

[...] Aproveitava, então, essas horas de convivência com os celerados ou com as vítimas da maldade humana para pregar as verdades confortadoras do Reino, ainda que algemados. Todos o ouviam em deslumbramento espiritual, jubilosos com a notícia de que não se encontravam desamparados pelo Salvador. [...].

A palavra de Paulo de Tarso atuava como bálsamo de santas consolações. Os prisioneiros ganhavam novas esperanças e muitos se converteram ao Evangelho, como Onésimo, o escravo regenerado, que passou à história do Cristianismo na carinhosa *Epístola a Filemom*.<sup>5</sup>

Realizada a conferência e aprovação dos documentos que comprovavam a sua cidadania romana, Paulo continua prisioneiro, mas em condições melhores:

Depois de uma semana, em que lhe fora permitido o contato permanente com Lucas, Aristarco e Timóteo, o apóstolo recebia ordem de fixar residência nas proximidades da prisão – privilégio conferido pelos seus títulos, embora obrigado a permanecer sob as vistas de um guarda policial, até que o seu recurso fosse definitivamente julgado.

Auxiliado pelos confrades da cidade, Lucas alugou um aposento humilde na Via Nomentana, para lá se transferindo o valoroso pregador do Evangelho, cheio de coragem e confiança em Deus.<sup>5</sup>

**Observação:** Como este Apêndice é um pouco mais extenso que os temas anteriores, sugerimos que seja estudado em duas reuniões de estudo; na forma de um seminário ou uma palestra, permitindo-se, em qualquer das possibilidades, interação com os ouvintes.

## 40.1 A ABSOLVIÇÃO DE PAULO

Paulo não perdia tempo, independentemente de como e onde vivia. Quando não estava evangelizando ou trocando ideias com amigos e discípulos, recebia visitas dos irmãos de fé e de membros do Judaísmo,

emitia orientações ou escrevia cartas aos irmãos das diferentes comunidades cristãs. Essas epístolas se destacam em especial, pois seus conteúdos são permanentemente estudados, ante a riqueza de ensinamentos que encerram:

[...] aproveitando as últimas horas de cada dia, os companheiros de Paulo viram que ele escrevia um documento a que dedicava profunda atenção. Às vezes, era visto a escrever com lágrimas [...]. Em dois meses entregava o trabalho a Aristarco para copiá-lo, dizendo:

– Esta é a *Epístola aos hebreus*. Fiz questão de grafá-la, valendo-me dos próprios recursos, pois que a dedico aos meus irmãos de raça e procurei escrevê-la com o coração.

O amigo compreendeu o seu intuito e, antes de começar as cópias, destacou o estilo singular e as ideias grandiosas e incomuns.

E Paulo continuou trabalhando incessantemente a benefício de todos. A situação, como prisioneiro, era a mais confortadora possível. Fizera-se benfeitor desvelado de todos os guardas que lhe testemunhavam o esforço apostólico. A uns, aliviara o coração com as alegrias da Boa-Nova; a outros, curara moléstias crônicas e dolorosas. Frequentemente, o benefício não se restringia ao interessado, porque os legionários romanos lhe traziam os parentes, os afeiçoados e os amigos, para se beneficiarem ao contato daquele homem dedicado aos interesses de Deus. [...].<sup>6</sup>

Perto de completar dois anos de prisão, localizamos Paulo aguardando o seu julgamento, pois o processo jazia esquecido na mesa dos juízes,

[...] quando sobreveio um acontecimento de magna importância. Certo dia, um legionário amigo levou ao convertido de Damasco um homem de feições másculas e enérgicas, aparentando 40 anos mais ou menos. Tratava-se de Acacius Domitius, personalidade de grande influência política, e que de algum tempo tinha cegado em misteriosas circunstâncias.

Paulo de Tarso o acolheu com bondade e, depois de impor-lhe as mãos, esclarecendo-o sobre o que Jesus desejava de quantos lhe aproveitavam a munificência, exclamou comovidamente:

– Irmão, agora, convido-te a ver, em nome do Senhor Jesus Cristo!

– Vejo! Vejo! – gritou o romano tomado de júbilo infinito; e logo, num movimento instintivo, ajoelhou-se em pranto e murmurou:

– Vosso Deus é verdadeiro!...

Profundamente reconhecido a Jesus, o apóstolo deu-lhe o braço para que se levantasse e, ali mesmo, Domitius procurou conhecer o conteúdo espiritual da nova doutrina, a fim de reformar-se e mudar de vida. Solícito, anotou logo as informações relativas ao processo do ex-rabino, acentuando ao despedir-se:

– Deus me ajudará para que possa retribuir o bem que me fizestes! Quanto à vossa situação, não duvideis do desfecho merecido, porque, na próxima semana, teremos resolvido o processo com a absolvição de César!<sup>6</sup>

O fato nos faz perceber que tudo tem um momento certo para acontecer, segundo a vontade de Deus, como ensina *Eclesiastes* (3:1): “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”.

De fato, decorridos quatro dias, o velho servidor do Evangelho foi chamado a depor. De conformidade com as ordens legais, compareceu sozinho perante os juízes, respondendo com admirável presença de espírito às menores arguições que lhe foram desfechadas. Os magistrados patrícios verificaram a inconsistência do libelo, a infantilidade dos argumentos apresentados pelo Sinédrio e, não só atendendo à situação política de Acácio, que empenhara no feito os bons ofícios de que podia dispor, como pela profunda simpatia que a figura do apóstolo despertava, instruíram o processo com os mais nobres pareceres, restituindo-o, por intermédio de Domitius, para o veredicto do imperador.

O generoso amigo de Paulo regozijou-se com a vitória inicial, convencido da próxima liberdade do seu benfeitor. Sem perda de tempo, mobilizou as melhores amizades, entre as quais contava Popeia Sabina, conseguindo, afinal, a absolvição imperial.<sup>6</sup>

A libertação do apóstolo foi imediatamente divulgada: “Paulo de Tarso recebeu a notícia com votos de reconhecimento a Jesus. Mais que ele próprio, rejubilavam-se os amigos, que celebraram o acontecimento com expansões memoráveis”. Paulo, contudo,

[...] não viu nisso tão só um motivo para regozijo pessoal, mas a obrigação de intensificar a difusão do Evangelho de Jesus.

Durante um mês, no princípio do ano 63, visitou as comunidades cristãs de todos os bairros da capital do império. Sua presença era disputada por todos os círculos, que o recebiam entre carinhosas manifestações de respeito e de amor pela sua autoridade moral. Organizando planos de serviço para todas as igrejas domésticas que funcionavam na cidade, e depois de inúmeras prédicas gerais nas catacumbas silenciosas, o incansável trabalhador resolveu partir para a Espanha. Debalde intervieram os colaboradores, rogando-lhe que desistisse. Nada o moveu. De há muito, alimentava o desejo de visitar o extremo do Ocidente e, se fosse possível, desejaria morrer convicto de haver levado o Evangelho aos confins do mundo.<sup>6</sup>

## 40.2 O ENCONTRO COM SIMÃO PEDRO E JOÃO. A VIAGEM DE PAULO À ESPANHA

Paulo recebe uma carta de Simão Pedro nos momentos finais dos preparativos para sua viagem à Espanha:

[...] O ex-pescador de Cafarnaum escrevia-lhe de Corinto, avisando de sua próxima chegada à cidade imperial. A missiva era afetuosa e enternecedora, cheia de confidências amargas e tristes. [...]. Ignorando que o ex-rabino fora restituído à liberdade, procurava confortá-lo fraternalmente. Também ele, Simão, deliberara exilar-se junto dos irmãos da metrópole imperial, esperando ser útil ao amigo, em quaisquer circunstâncias. Ainda no mesmo documento íntimo, rogava aproveitasse o portador para comunicar aos confrades romanos o propósito de se demorar algum tempo entre eles.

O convertido de Damasco leu e releu a mensagem amiga, altamente sensibilizado.

Pelo emissário, irmão da igreja de Corinto, foi avisado de que o venerando Apóstolo de Jerusalém chegaria ao porto de Óstia dentro de dez dias, mais ou menos.<sup>7</sup>

Após a leitura da carta, Paulo e amigos se unem para organizar uma moradia que pudesse abrigar Pedro e familiares:

[...] Criou o melhor ambiente para a recepção do respeitável companheiro. Valendo-se dos argumentos de sua próxima excursão à Espanha, dispensava as dádivas dos amigos, indicando-lhes as necessidades de Simão, para que nada lhe faltasse. Transportou quanto possuía, em objetos de uso doméstico, do singelo aposento que alugara junto à Porta Lavernal para a casinha destinada a Simão, próximo dos cemitérios israelitas da Via Ápia. Esse exemplo de cooperação foi altamente apreciado por todos. Os irmãos mais humildes fizeram questão de oferecer pequeninas utilidades ao apóstolo venerando que chegaria desprovido.

Informado de que a embarcação entrava no porto, o ex-rabino largou-se pressurosamente para Óstia. Lucas e Timóteo, sempre em sua companhia, junto de outros cooperadores devotados, o amparavam nos pequenos acidentes do caminho, dando-lhe o braço, aqui e ali.<sup>7</sup>

A intenção de Paulo e dos demais cristãos de Roma, assim como das cidades ao redor, era promover uma efusiva recepção a Pedro e a João, que viajou junto com o idoso apóstolo. Entretanto, à época da chegada dos membros do colégio apostolar a Roma, havia recrudescido intensa perseguição aos cristãos, fazendo-os agir com discrição onde quer que se encontrassem. A cidade passava por um período ruim, em que a criminalidade campeava:

[...] Os últimos conselheiros honestos do imperador estavam desaparecendo. Roma assombrava-se com a enormidade e quantidade de crimes que se repetiam diariamente. Nobres figuras do patriciado e do povo eram vítimas de atentados cruéis. [...].<sup>7</sup>

Os cristãos, em especial, eram os alvos mais utilizados para ataques e acusações:

[...] Atmosfera de terror dominava todas as atividades políticas e, no cômputo dessas calamidades, os cristãos eram os mais rudemente castigados, em vista da atitude hostil de quantos se acomodavam com os velhos deuses e se regalias com os prazeres de uma existência dissoluta e fácil. Os seguidores de Jesus eram acusados e responsabilizados por quaisquer dificuldades que sobrevinham. Se caía uma tempestade mais forte, devia-se o fenômeno aos adeptos da nova doutrina. Se o inverno era mais rigoroso, a acusação pesava sobre eles, porquanto ninguém como os discípulos do Crucificado havia desprezado tanto os santuários da crença antiga, abominando os favores e os sacrifícios aos numes tutelares. [...].<sup>7</sup>

Desde o reinado do imperador Cláudio (10 a.C.–54 d.C.), foi iniciada perseguição sistemática aos cristãos: “[...] Por isso mesmo, desde o ano 58, os cristãos imbeles [não belicosos] eram levados ao circo como escravos revolucionários ou rebeldes que deveriam desaparecer. A opressão agravava-se dia a dia. [...]”<sup>7</sup> É sob esse clima sombrio que Simão Pedro, seus familiares e João transferem de residência para Roma. Tal como acontecera a Paulo, Simão era encaminhado para o testemunho final e conclusão de sua missão naquela reencarnação, segundo os propósitos de Deus. Passados os momentos de alegria e efusões, e sendo inteirado da delicada e trágica situação dos cristãos na capital imperial, o idoso apóstolo relata que a situação em Jerusalém e na Palestina também estava péssima, notificando-os a respeito da “[...] morte de Tiago [filho de Alfeu] e das novas torturas infligidas pelo Sinédrio à igreja de Jerusalém. [...] Comentava os testemunhos mais pesados com um sorriso nos lábios e intercalava toda a narrativa com louvores a Deus. [...]”<sup>7</sup>

Prossegue em sua narrativa, reportando-se “[...] às lutas que empenhara em muitas e repetidas peregrinações, contara ao ex-rabino que se refugiara alguns dias em Éfeso, junto de João, sendo acompanhado pelo filho de Zebedeu até Corinto, onde resolveram demandar a capital do império. [...]”<sup>7</sup>

O ex-pescador, sentindo a excelência da acolhida carinhosa, não encontrava palavras para traduzir os júbilos d'alma. Como Paulo quando chegou a Pozzuoli, tinha a impressão de estar num mundo diferente daquele em que vivera até então.

Com a sua chegada, recrudesceram os serviços apostólicos: mas o pregador do gentilismo não abandonou a ideia de ir à Espanha. Alegando que Pedro o substituiria com vantagem, deliberou embarcar no dia prefixado, num pequeno navio que se destinava à costa gaulesa. Não valeram amistosos protestos, nem mesmo a insistência de Simão para que adiasse a viagem. [...].<sup>7</sup>



Paulo partiu para a viagem “aos confins do mundo”, como os antigos que viviam no Oriente Médio e Ásia Menor se referiam à Espanha, por considerar a sua localização geográfica muito longínqua:

[...] Acompanhado de Lucas, Timóteo e Demas, o velho advogado dos gentios partiu ao amanhecer de um dia lindo, cheio de projetos generosos.

A missão visitou parte das Gálias, dirigindo-se ao território espanhol, demorando-se mais na região de Tortosa [Catalunha]. Em toda parte, a palavra e feitos do apóstolo ganhavam novos corações para o Cristo, multiplicando os serviços do Evangelho e renovando as esperanças populares, à luz do Reino de Deus.<sup>7</sup>

Os textos neotestamentários não fazem referência direta a respeito da pregação de Paulo na Espanha. As informações que chegaram até nós são transmitidas pela *Tradição*, tendo como referência alguns documentos históricos, como *Cânone de Muratori*:

O Cânone Muratori, também conhecido por *fragmento muratoriano* ou *fragmento de Muratori*, é uma cópia da lista mais antiga que se conhece dos livros do Novo Testamento. Foi descoberta na Biblioteca Ambrosiana de Milão, por Ludovico Antônio Muratori e publicada em 1740. [...] A lista está escrita em latim e encontra-se incompleta, daí ser chamada de *fragmento*.<sup>8</sup>

### 40.3 A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS E A PRISÃO DE JOÃO

Enquanto Paulo, Lucas, Timóteo e Demas prosseguiram na evangelização em terras espanholas, plantando esperança e júbilos no coração de muitos, agravava a situação dos cristãos em Roma, decorrente da sistemática perseguição de Tigelino, um comandante romano: *Caio Ofonius Tigelinus* (10 a 69 d.C.), também conhecido como Sofônio Tigelino ou, simplesmente, Tigelino, foi um político romano, provavelmente de origem grega, prefeito do pretório romano e comandante da guarda pretoriana de Nero.<sup>9</sup>

[...] Com a perversidade de Tigelinus à frente da Prefeitura dos Pretorianos, acentuara-se o terror entre os discípulos de Jesus. Faltava somente um édito em que os cidadãos romanos, simpatizantes do Evangelho, fossem condenados publicamente, porque os libertos, os descendentes de outros povos e os filhos da plebe já enchiam as prisões.

[...]

Tigelinus, grande inimigo dos prosélitos do Nazareno, buscava agravar a situação por todos os meios aos alcances da sua autoridade odiosa e perversa.<sup>10</sup>

As prisões estavam repletas, medo e desespero tomavam conta de todos os cristãos:

Simão Pedro, como figura de relevo do movimento, não tinha descanso. Não obstante a fadiga natural da senectude, procurava atender a todas as necessidades emergentes. Seu espírito poderoso sobrepunha-se a todas as vicissitudes e desempenhava os mínimos deveres com devotamento máximo à causa da Verdade. Assistia os doentes, pregava nas catacumbas, percorria longas distâncias, sempre animoso e satisfeito. Os cristãos do mundo inteiro jamais poderão esquecer aquela falange de abnegados que os precedeu nos primeiros testemunhos da fé, afrontando situações dolorosas e injustas, regando com sangue e lágrimas a sementeira do Cristo, abraçando-se mutuamente confortados nas horas mais negras da história do Evangelho, nos espetáculos hediondos do circo, nas preces de aflição que se elevavam dos cemitérios abandonados.<sup>10</sup>

Ante tão trágicos acontecimentos, eis que João foi aprisionado: “O filho de Zebedeu preparava-se para regressar à Ásia, quando um grupo de esbirros dos perseguidores o colheu em pregação carinhosa e inspirada, na qual se despedia dos confrades de Roma, com exortações de tocante reconhecimento a Jesus [...]”.<sup>10</sup> Por mais que gentilmente tentasse explicar que estava de partida, que não morava na cidade, “[...] João foi preso e esbordado impiedosamente. E, com ele, dezenas de irmãos foram trancafiados nos cárceres imundos do Esquilino”.<sup>10</sup>

Pedro recebeu a notícia dolorosamente surpreendido. Conhecia a extensão dos trabalhos que aguardavam na Ásia o companheiro generoso e rogou ao Senhor não o abandonasse, a fim de obter absolvição justa. Como proceder em tão difíceis circunstâncias? Recorreu às relações prestigiosas que a cidade lhe oferecia. Entretanto, seus afeiçoados eram igualmente pobres de influência política nos gabinetes administrativos da época. Os cristãos de posição financeira mais destacada não ousavam enfrentar a onda avassaladora, de perseguição e tirania. O antigo chefe da igreja de Jerusalém não desanimou. Precisava libertar o amigo, concorrendo, para isso, com todo o potencial de energia, na esfera de suas possibilidades. Compreendendo a timidez natural dos romanos simpatizantes do Cristo, buscou reunir apressadamente uma assembleia de amigos íntimos, para examinar o caso.<sup>10</sup>

A situação era, efetivamente, muito desafiante. Mas, na reunião, alguém lembrou de Paulo:

[...] O Apóstolo dos Gentios dispunha na capital do império de grande número de afeiçoados eminentes. No caso da sua absolvição, a providência partira do círculo dileto de Popeia Sabina. Muitos militares colaboradores de Afranius Burrus eram seus admiradores. Acacius Domitius, que dispunha de valiosos empenhos junto dos pretorianos, era seu amigo dedicado e incondicional.

Ninguém melhor que o ex-tecelão de Tarso poderia incumbir-se da delicada missão de salvar o prisioneiro. Não seria razoável pedir sua ajuda? [...].<sup>10</sup>

Pedro aprova a ideia, pois “[...] Aquele ano de 64 começara com terríveis perspectivas. Não se podia dispensar um homem enérgico e resoluto à frente dos interesses da Causa”.<sup>17</sup> A assembleia delibera a favor, dando início às providências para localizar Paulo na Espanha, solicitando a sua presença urgente em Roma, a fim de interceder pelos irmãos cristãos e tentar libertar João Boanerges da prisão: “[...] Um irmão que se tornara devotado cooperador de Paulo, em Roma, foi mandado à Espanha, com urgência. Esse emissário era Crescente, que saiu de Óstia, com enorme ansiedade, levando a missiva de Simão”.<sup>10</sup>

Quando planejava novas viagens na companhia de Lucas, eis que surge em Tortosa o mensageiro de Simão.

O ex-rabino lê a carta e resolve regressar à cidade imperial, imediatamente. Através das linhas afetuosas do velho amigo, entreviu a gravidade dos acontecimentos. Além disso, João necessitava voltar à Ásia. Não ignorava a influência benéfica que ele exercia em Jerusalém. Em Éfeso, onde a igreja se compunha de elementos judaicos e gentios, o filho de Zebedeu fora sempre um vulto nobre e exemplar, indene de espírito sectarista. Paulo de Tarso passou em revista as necessidades do serviço evangélico entre as comunidades orientais, e concluiu pela urgência do regresso de João, deliberando intervir no assunto sem perda de tempo.<sup>10</sup>

Transcorria o ano 64, mês de junho, quando Paulo retorna a Roma:

O ex-rabino desdobrou-se em atividades intensas, procurou Acacius Domitius, solicitando a sua intervenção e valimento. Mais ainda: considerando que as providências morosas poderiam redundar num fracasso, auxiliado por amigos eminentes procurou avistar-se com numerosos áulicos da Corte Imperial, chegando à presença de Popeia Sabina, a fim de rogar seus bons ofícios, no caso do filho de Zebedeu. A célebre favorita ouviu-lhe a confiança com enorme surpresa. Aquelas revelações de uma vida eterna, aquela concepção da Divindade assustavam-na. Embora inimiga declarada dos cristãos, dada a simpatia que mantinha pelo Judaísmo, Popeia impressionou-se com a figura ascética do apóstolo e com os argumentos de reforço ao seu pedido. Sem ocultar sua admiração, prometeu atendê-lo, apontando desde logo as providências imediatas.<sup>10</sup>

Nem todos os membros da comunidade cristã aprovaram a intercessão de Popeia, visto que ela era amplamente conhecida pela conduta dissoluta de cortesã de Nero. Paulo pondera, então:

– Respeito e acato a vossa opinião, mas, antes de tudo, considero necessário libertar João. Fosse eu o prisioneiro e não haveria de julgar o caso tão urgente

e tão grave. Estou velho, alquebrado, e, portanto, melhor me fora, e mais útil quicá, meditar na misericórdia de Jesus, através das grades do cárcere. Mas João está relativamente moço, é forte e dedicado; o Cristianismo da Ásia não pode dispensar-lhe a atividade construtiva, até que outros trabalhadores sejam chamados à sementeira divina. Com referência às vossas dúvidas, porém, cumpre-me aduzir um argumento que requer ponderação. Por que considerais imprópria uma solicitação a Popeia Sabina? Teríeis a mesma ideia, se me dirigisse a Tigelinus ou ao próprio imperador? Não serão eles vítimas da mesma prostituição que estigmatiza as favoritas de sua Corte? Se combinasse com um militar embriagado, do Palatino, as providências imprescindíveis à libertação do companheiro, talvez aplaudísseis meu gesto, sem restrições. Irmãos, é indispensável compreender que a derrocada moral da mulher, quase sempre, vem da prostituição do homem [...].<sup>10</sup>

A intercessão de Popeia Sabina produziu bons resultados:

[...] Em três dias o filho de Zebedeu era restituído à liberdade. João estava abatidíssimo. Os maus-tratos, a contemplação dos quadros terríveis do cárcere, a expectação angustiosa haviam-lhe mergulhado o espírito em perplexidades dolorosas.

Pedro regozijava-se, mas o ex-rabino, atento à tensão ambiente, sugeriu o regresso do apóstolo galileu à Ásia, sem perda de tempo. A igreja de Éfeso esperava-o. Jerusalém devia contar com a sua colaboração desinteressada e amiga. João não teve tempo para muitas considerações, porque Paulo, como que possuído de amargos pressentimentos, foi ao porto de Óstia para predispor o seu embarque, aproveitando um navio napolitano prestes a largar para Mileto. Colhido pelas providências e impossibilitado de resistir ao resolutivo ex-rabino, o filho de Zebedeu embarcou em fins de junho de 64, enquanto os demais amigos permaneceriam em Roma para a boa batalha em prol do Evangelho.<sup>10</sup>

## 40.4 O INCÊNDIO EM ROMA E O MARTÍRIO DOS CRISTÃOS

O martírio e morte de inúmeros cristãos, inclusive de Simão Pedro e Paulo teria ocorrido após o terrível e devastador incêndio que atingiu Roma em julho de 64, cuja ação criminosa foi injustamente atribuída aos cristãos, como registrou Tácito, famoso historiador romano:

Uma lua cheia de verão pairava no céu de Roma antes do alvorecer de 19 de julho de 64. Subitamente, chamas envolveram uma fileira de lojas na vizinhança do Circo Máximo, a grandiosa arena próxima do Monte Palatino. Atiçado pelos ventos, o fogo rapidamente se espalhou para as lojas vizinhas, se alastrando por todo o Circo, em pouco tempo transformando-se num incêndio incontrolável. O historiador Tácito recorda a cena: “Primeiro, o fogo

varreu violentamente os espaços baixos. Depois, subiu as colinas – voltando a devastar novamente as zonas inferiores e ultrapassando todas as medidas tomadas... Mulheres aterrorizadas aos gritos, novos e velhos impotentes, pessoas preocupadas com a sua própria salvação, pessoas que abnegadamente ajudavam os inválidos ou por eles esperavam, pessoas que fugiam e pessoas que ficavam – tudo aumentava a confusão.<sup>11</sup>

A descrição do incêndio por Emmanuel apresenta informações semelhantes às do historiador romano, exceto quanto ao dia da ocorrência, que Tácito afirmou ter sido em 19 de julho: “[...] Na manhã de 16 de julho de 64 irrompeu violento incêndio nas proximidades do Grande Circo, abrangendo toda a região do bairro localizado entre o Célio e o Palatino. [...]”<sup>12</sup>

A natureza criminosa do incêndio, proveniente de ordenação do próprio imperador romano, foi assim registrada por Tácito: “[...] Quando alguns cidadãos tentavam combater as chamas, outros impediam-no. O historiador Tácito frisa que estes incendiários afirmavam: “agir em cumprimento de ordens. Talvez assim fosse... ou talvez quisessem apenas pilhar sem ser incomodados”.<sup>13</sup> Nero estava ausente, fora de Roma, mas chegou a tempo de ver a destruição do Palácio Palatino (hoje Anzio) e da *Domus Transitoria*, recém-construída. O incêndio durou nove dias, atingiu 10 das 14 circunscrições/bairros da cidade. Milhares de vidas pereceram, ainda que o imperador tenha sido rápido para promover o combate ao incêndio e fornecer alimentos e abrigo aos desalojados. No entanto, “[...] circulou um boato, pelas ruas incendiadas, que o acusava de ter sido quem mandou atear o fogo. E o boato crescera a ponto de se dizer que Nero irrompera a cantar, olhando da torre do palácio, o incêndio que envolvia a cidade. [...]”<sup>14</sup>

No livro *Paulo e Estêvão*, Emmanuel afirma, categoricamente, que o incêndio ocorreu por ordem direta de Nero, um imperador espiritual e moralmente enfermo, vaidoso e ególatra, que teria planejado construir uma nova e formosa capital romana sob a sua administração, a qual passaria à história como um grandioso e inesquecível feito da sua administração:

O imperador estava em *Antium* [Anzio], quando irrompeu a fogueira por ele mesmo idealizada pois a verdade é que, desejoso de edificar uma cidade nova com os imensos recursos financeiros que chegavam das províncias tributárias, projetara o incêndio famoso, assim vencendo a oposição do povo, que não desejava a transferência dos santuários.

Além dessa medida de ordem urbanística, o filho de Agripina caracterizava-se, em tudo, pela sua originalidade satânica. Presumindo-se genial artista não passava de monstruoso histrião, assinalando a sua passagem pela vida pública com crimes indelévels e odiosos. Não seria interessante apresentar ao mundo

uma Roma em chamas? Nenhum espetáculo, a seus olhos, seria inesquecível como esse. Depois das cinzas mortas, reedificaria os bairros destruídos. Seria generoso para com as vítimas da imensa catástrofe. Passaria à história do império como administrador magnânimo e amigo dos súditos sofredores.

Alimentando tais propósitos, combinou o atentado com os áulicos de sua maior confiança e intimidade, ausentando-se da cidade para não despertar suspeitas no espírito dos políticos mais honestos.<sup>15</sup>

O historiador Tácito prossegue em suas anotações, informando como e por que o imperador atribuiu aos cristãos a responsabilidade pelo incêndio: “[...] para acabar com esses boatos, Nero inventou bodes expiatórios – e puniu com todos os requintes os depravados cristãos (como eram conhecidos)”.<sup>16</sup>

Prenderam-se os cristãos. [...] Nero deleitou-se em persegui-los e ofereceu os seus jardins para palco de macabro espetáculo. Uma das bárbaras torturas era vestir as vítimas com peles de animais e deixar que fossem esfaceladas pelos cães, enquanto a multidão zombava. Alguns eram crucificados e ateava-se fogo a outros, usando-os como archotes no meio das noites de terror. Enquanto isso, Nero misturava-se exultante, com a multidão, montado em sua carruagem, vestido de cocheiro. [...].<sup>16</sup>

Culpar os cristãos foi o argumento utilizado por Nero que, mesmo na sua insanidade, não supôs “[...] a extensão da espantosa calamidade. O incêndio tomara proporções indesejáveis. Seus conselheiros menos dignos, não puderam pressentir a amplitude do desastre. [...]”.<sup>17</sup>

[...] Reconhecendo a irritação justa do povo, Nero procurou falar em público, esboçando algumas lágrimas na sua profunda capacidade de dissimulação. Prometeu auxiliar a restauração das casas particulares, declarou que compartilhava do sofrimento geral e que Roma se levantaria novamente sobre os escombros fumegantes, mais imponente e mais bela. Imensa multidão ouvia-lhe a palavra, atenta aos seus mínimos gestos. O imperador na sua mímica teatral, assumia atitudes comovedoras. Referia-se aos santuários perdidos, debilhado em pranto. Invocava a proteção dos deuses a cada frase de maior efeito. A turba sensibilizara-se. Jamais o César se mostrara tão paternalmente comovido. [...].<sup>17</sup>

O ardiloso imperador percebeu que a multidão estava altamente sensibilizada com o seu discurso, quando “[...] notou-se que a massa popular se agitava estranhamente. Maioria esmagadora irmanava-se, agora, num grito terrível: – Cristãos às feras! Às feras!”<sup>17</sup> Nero encontrou, assim, a forma ideal de justificar o criminoso incêndio, saindo ileso da situação:

[...] Ele que procurava, em vão, no espírito superexcitado, as novas vítimas das suas maquinações execrandas, às quais pudesse atribuir a culpa dos sucessos lamentáveis, viu no brado ameaçador da turba uma resposta às próprias cogitações sinistras. Nero conhecia o ódio que o vulgo votava aos seguidores

humildes do Nazareno. Os discípulos do Evangelho mantinham-se alheios e superiores aos costumes dissolutos e brutais da época. Não frequentavam os circos, afastavam-se dos templos pagãos, não se prosternavam diante dos ídolos nem aplaudiam as tradições políticas do império. Além disso, pregavam ensinamentos estranhos e pareciam aguardar um novo reino. O grande histrião do Palatino sentiu uma onda de alegria invadir-lhe os olhos míopes e congestos. A escolha do povo romano não poderia ser melhor. Os cristãos deviam ser mesmo os criminosos. Sobre eles deveria cair o gládio vingador. Trocou um olhar inteligente com Tigelinus, como a exprimir que haviam apanhado, ao acaso, a solução imprevista e logo afirmou à massa enfurecida que tomaria providências imediatas para reprimir os abusos e castigar os culpados da catástrofe; finalmente, que o incêndio seria considerado crime de lesa-majestade e sacrilégio, para que os castigos também fossem excepcionais.<sup>17</sup>

Inúmeros cristãos foram aprisionados, martirizados e mortos. A perseguição foi cruel, desumana e sem tréguas: “As primeiras prisões realizaram-se como flagelo maldito. Numerosas famílias refugiaram-se nos cemitérios e nos arredores da cidade meio destruída, receosas dos algozes implacáveis. Praticava-se toda espécie de abusos. [...]”<sup>17</sup> A chacina dos cristãos transformou-se em festejos populares que ocupou todo o mês de agosto de 64:

De nada valeram, para Nero, as ponderações dos patrícios ilustres, que ainda cultivavam as tradições de prudência e honestidade. Quantos se aproximavam da autoridade imperial, com a valiosa contribuição de alvitres justos, eram declarados suspeitos, agravando a situação.

[...]

A primeira carnificina, destinada a distrair o ânimo popular, foi levada a efeito em jardins imensos, na parte que permanecera imune da destruição, por entre orgias indecorosas, de que participaram a plebe e a grande fração do patriciado que se entregara à dissolução e ao desregramento. A festividade prolongou-se por noites sucessivas, sob a claridade de esplêndida iluminação e o ritmo harmonioso de numerosas orquestras, que inundavam o ar de melodias enternecedoras. [...] Ao lado das expressões festivas, enfileiravam-se as do martírio dos pobres condenados. Os cristãos eram entregues ao povo para o castigo que ele julgasse mais justo. Para isso, com intervalos regulares, os jardins estavam cheios de cruces, de postes, de açoites e numerosos instrumentos outros de flagelação. [...]

Os gemidos e soluços dos desgraçados casavam-se ironicamente com as notas harmoniosas dos alaúdes [...].<sup>17</sup>

O poder do mal é, efetivamente, devastador, e se repetiria em diferentes outras oportunidades da nossa história planetária. Permanecem, porém, os exemplos dos bons Espíritos, como os daqueles heroicos cristãos, transformados pelo poder do Evangelho:

A linguagem mais forte será pobre para traduzir as dores imensas da grei cristã, naqueles dias angustiosos. Não obstante os tormentos inenarráveis, os seguidores fiéis de Jesus revelaram o poder da fé àquela sociedade perversa e decadente, afrontando as torturas que lhes cabiam. Interrogados nos tribunais, em momento tão trágico, declaravam abertamente sua confiança em Cristo Jesus, aceitando os sofrimentos com humildade, por amor ao seu nome. [...] A paciência invencível, a fé poderosa, a capacidade moral de resistência, assombravam os mais afoitos. Não foram poucos os que se entregaram ao sacrifício, cantando. [...].<sup>17</sup>

## 40.5 A MORTE DE PEDRO E DE PAULO

As notícias que temos a respeito da morte de Simão Pedro e de Paulo de Tarso se originam da tradição cristã, de livros apócrifos e da literatura extra bíblica. A única morte de um apóstolo de Jesus que está textualmente descrita no Novo Testamento, precisamente em *Atos dos apóstolos*, 12:2, é a de Tiago Boanerges, irmão de João Evangelista, morto por ordem de Herodes Agripa I (neto de Herodes, o Grande) que, à época, era rei da Judeia, nomeado pelo imperador Cláudio no ano de 41 d.C.

Entre os estudiosos, há o entendimento de que a morte de Pedro (estando ele em idade avançada, e por ação externa e criminoso) foi profetizada por Jesus, como consta neste registro de *João* (21:19): “Em verdade, em verdade te digo: quando eras mais moço, cingias-te e andavas onde querias. Mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres”. Acredita-se também que Pedro teria sido crucificado de cabeça para baixo, por não se achar digno de morrer como Cristo, em Roma, durante o reinado de Nero, no ano 64, com base em livros apócrifos – *Evangelho de Pedro*, *Pregação de Pedro*, *Atos de Pedro*, *Atos de Pedro e André*, *Atos de Pedro e dos Doze*, *Atos de Pedro e Paulo*, *Carta de Pedro a Filipe*, *Carta de Pedro a Tiago Maior*, *Apocalipse de Pedro* – e escritos de alguns pais da Igreja Católica Romana, como Jerônimo, Tertuliano e Eusébio.

Quanto a Paulo de Tarso, ele teria sido morto por decapitação também no ano de 64, após o incêndio de Roma, merecendo uma morte “mais honrosa”, como afirmaram os seus executores, porque ele era portador de cidadania romana.

Com a detenção de Paulo, possivelmente ele tenha percebido que não seria absolvido como acontecera no seu primeiro julgamento em Roma, sobretudo quando refletimos neste escrito que ele dirigiu a Timóteo, o seu



filho espiritual: *Quanto a mim, já fui oferecido à libação e chegou o tempo da minha partida* (2 Tm 4:6). E Ele estava certo, pois foi condenado à morte.

Emmanuel nos transmite os momentos finais do valoroso apóstolo, antes, durante e depois de ser preso:

Diante das torturas e da carnificina, o coração de Paulo de Tarso sangrava de dor. [...] Os cristãos do Oriente, em sua maioria, trabalhavam por desertar do campo da luta, forçados por circunstâncias imperiosas da vida particular. [...] À exceção de Lucas, todos os cooperadores diretos, conhecidos desde a Ásia, haviam regressado. O ex-tecelão, todavia, fazendo causa comum com os desamparados, fez questão de assisti-los no transe inaudito. As igrejas domésticas estavam silenciosas. [...] Restava aos seguidores do Mestre apenas um meio de se entreverem e se reconfortarem na prece e nas lágrimas comuns: era as reuniões nas catacumbas abandonadas. [...] Era nesses cemitérios esquecidos que encontravam o conforto fraternal para o momento trágico que os visitava. Ali oravam, comentavam as luminosas lições do Mestre e hauriam novas forças para os testemunhos impendentes.<sup>18</sup>

Cerca de dois meses após o início da carnificina desencadeada por Nero contra os cristãos, Paulo e outros irmãos de fé foram presos nas catacumbas de Roma por grupo de soldados chefiado por um certo Volúmnio que, aos berros, deu-lhes ordem de prisão:

– Em nome de César! – bradava o preposto imperial, exultando de contentamento. E ordenando aos soldados que fechassem o círculo em torno dos cristãos indefesos, continuava gritando de modo espetacular. – E que ninguém fuja! Quem o tentar, morre como um cão!

Apoiando-se a forte cajado, pois, nessa noite não tivera a companhia de Lucas, Paulo, ereto, evidenciando sua energia moral, exclamou firmemente:

– E quem vos disse que fugiríamos? Ignorais, porventura, que os cristãos conhecem o Mestre a quem servem? Sois emissário de um príncipe do mundo, que estes sepulcros esperam; mas nós somos trabalhadores do Salvador magnânimo e imortal!...<sup>18</sup>

Surpreendido com a resposta, Volúmnio, demonstrou o seu desagrado com insolência e ironia, zombando daquele idoso que lhe falara com tanta energia:

– Como ousas afrontar a autoridade de Augusto? Devem existir, de fato, diferenças singulares entre o imperador e o crucificado de Jerusalém. Não sei onde estaria seu poder de salvação para deixar suas vítimas ao abandono, no fundo dos cárceres ou nos postes do martírio...

Essas palavras eram pontilhadas de mordaz ironia, mas o apóstolo respondeu com a mesma nobreza de convicção:

– Enganai-vos, centurião! As diferenças são apreciáveis!... É que vós obedecéis a um infeliz e odioso perseguidor e nós trabalhamos por um salvador que ama e perdoa. Os administradores romanos, impensadamente, poderão inventar crueldades; mas Jesus nunca cessará de nutrir a fonte das bênçãos!...<sup>18</sup>

A resposta de Paulo causou impacto positivo, transmitindo calma e confiança a todos. Em seguida, os prisioneiros foram encaminhados à Prisão Mamertina. Lá chegando, Paulo “[...] solicitou audiência com o administrador da prisão, prerrogativa conferida ao seu título de cidadania romana, sendo prestes atendido. [...]”.<sup>18</sup>

[...] Expôs sua doutrina sem rebuscos e, impressionando a autoridade com seu verbo fluente e sedutor, encareceu as providências atinentes ao seu caso, pedindo a presença de vários amigos como Acacius Domitius e outros, para deporem no concernente à sua conduta e antecedentes honestos. O administrador vacilava na resolução a tomar. Tinha ordens terminantes de recolher ao cárcere todos os componentes de assembleias que se filiassem à crença perseguida e execrada. [...] Examinando os títulos de Paulo e conhecendo, através de seus informes verbais, as prestigiosas relações de que podia dispor nos círculos romanos, o chefe da Prisão Mamertina resolveu consultar Acacius Domitius, sobre as providências cabíveis no caso.

Chamado ao estudo da questão, o amigo do apóstolo compareceu solícito, procurando falar com o prisioneiro, depois de longa entrevista com o diretor da prisão.

Domitius explicou ao benfeitor que a situação era muito grave; que o Prefeito dos Pretorianos estava investido de plenos poderes para dirigir a campanha como melhor entendesse; que toda a prudência era indispensável e que, como último recurso, só restava um apelo à magnanimidade do imperador, perante quem o apóstolo devia comparecer para defender-se pessoalmente, caso fosse deferida a petição apresentada a César naquele mesmo dia.<sup>18</sup>

Paulo foi, então, levado à presença de Nero, que se encontrava ladeado por Tigelino e outros conselheiros. Dada a permissão para se manifestar, “[...] o inspirado pregador do Evangelho levantou a fronte cheia de nobreza, fitou César e os companheiros do seu séquito leviano e começou, resoluto”<sup>18</sup>:

– Imperador dos romanos, compreendo a grandeza desta hora em que vos falo, apelando para os vossos sentimentos de generosidade e justiça. Não me dirijo, aqui, a um homem falível, a uma personalidade humana, simplesmente, mas ao administrador que deve ser consciencioso e justo, ao maior dos príncipes do mundo e que, antes de tomar o cetro e a coroa de um império imenso, deve considerar-se o pai magnânimo de milhões de criaturas!...

[...] O imperador fixava-o, admirado e enternecido. Seu temperamento caprichoso era sensível às referências pessoais, onde predominassem as imagens

brilhantes. Percebendo que se impunha ao reduzido auditório, o convertido de Damasco prosseguiu mais corajoso:

– Confiando em vossa longanimidade, pleiteei esta hora inesquecível, a fim de apelar para o vosso coração, não somente por mim, mas por milhares de homens, mulheres e crianças, que padecem nos cárceres ou sucumbem nos circos do martírio. Falo, aqui, em nome dessa multidão incontável de sofredores, perseguida com requintes de crueldade por favoritos de vossa Corte, que deveria ser constituída de homens íntegros e humanitários. [...].<sup>18</sup>

O discurso inflamado e sincero de Paulo prolongou-se por mais algum tempo, surpreendendo a todos pelas verdades proferidas, que ninguém ousava dizer ao imperador:

[...] Nero estava lívido. Tigelinus, profundamente irritado, procurava um recurso para insinuar-se com alguma observação menos digna, a respeito do postulante. As raras cortesãs presentes não disfarçavam a indizível comoção que lhes abalara o sistema nervoso. Os amigos do Prefeito dos Pretorianos mostravam-se indignados, rubros de cólera. Depois de ouvir um áulico, o imperador ordenou que o apelante se conservasse em silêncio, até que tomasse as primeiras deliberações.

Estavam todos surpreendidos. [...].

O filho de Agripina parecia abalado. [...].<sup>18</sup>

Nero reconheceu que Paulo era um adversário que deveria ser tratado com prudência. Em conjunto com Tigelino organizaram o seguinte plano, por eles considerado sagaz e magnânimo: daria ao postulante o perdão, naquele momento, mas com ordem de que ele não se afastasse da cidade. Enquanto isto, iria apurar a responsabilidade dos cristãos. No entanto, junto com o chefe dos pretorianos, combinaram que o apóstolo fosse seguido de perto e, no momento oportuno, quando da festividade da reconstrução do Circo Romano, ele, Nero, despachá-lo-ia para um local distante, fazendo-o desaparecer para sempre. A sentença foi lavrada em um pergaminho.<sup>18</sup>

Livre, o “[...] Apóstolo dos Gentios instalou-se no lar pobre, com a obrigação de comparecer à Prisão Mamertina, de três em três dias, até que se aclarasse a situação, de modo definitivo”.<sup>18</sup> No íntimo, porém, estava intranquilo:

Não obstante o consolo de que se sentia possuído, o venerável amigo do gentilismo experimentava singulares presságios. Surpreendia-se a refletir no coroamento da carreira apostólica como se nada mais lhe restasse senão morrer por Jesus. [...]. Não mais pôde encaminhar-se à pregação das catacumbas, dada a prostração física, mas, valia-se da colaboração afetuosa e dedicada de Lucas para as epístolas que julgava necessárias. Nessas, inclui-se a derradeira carta

que escreveu a Timóteo, aproveitando dois amigos que partiam para a Ásia. Paulo escreve esse último documento ao discípulo muito amado, tomando-se de singulares emoções que lhe encham os olhos de lágrimas abundantes. Sua alma generosa deseja confiar ao filho de Eunice as últimas disposições, mas luta consigo mesmo, de modo a não se dar por vencido. O ex-rabino, ao traçar conceitos afetuosos, sente-se qual discípulo chamado a esferas mais altas, sem poder furtar-se à condição de homem que não deseja capitular na luta. Ao mesmo tempo em que confia a Timóteo a convicção de haver terminado a carreira [...]. Enquanto lhe envia as últimas impressões cheias de prudência e carinho, roga os seus bons ofícios para que João venha à sede do império, a fim de auxiliá-lo no serviço apostólico. Quando a mão trêmula e rugosa escreve melancolicamente: “Só Lucas está comigo” [...].<sup>18</sup>

## 40.6 O RETORNO DE PAULO AO PLANO ESPIRITUAL

Por trazer consigo pressentimentos apreensivos, mergulhava em contínuas meditações. No entanto, sempre que possível, prosseguia em seu labor de pregar o Evangelho. Um terrível acontecimento abateu-se sobre o apóstolo: na véspera da festividade que marcaria a reconstrução do Circo Romano, encontrava-se ele em visita à residência dos amigos Lino e esposa, quando foram surpreendidos com uma ordem de prisão. Encaminhados ao cárcere situado no Monte Esquilino, Paulo foi isolado em uma prisão que mais parecia uma cova, por ordem expressa de Tigelinus. Quando o dia amanheceu, Paulo foi retirado da prisão, colocado em um veículo, vigiado por seis homens armados e partiram:

Os cavalos trotaram lépidos como se quisessem atenuar a viagem úmida da manhã. Chegados aos cemitérios que se enfileiravam ao longo da Via Ápia, as sombras noturnas se desfaziam quase completamente, auspiando um dia de sol radioso.<sup>19</sup>

O militar que chefiava a escolta mandou parar o carro e, fazendo descer o prisioneiro, disse-lhe hesitante:

– O Prefeito dos Pretorianos, por sentença de César, ordenou que fôsseis sacrificado no dia imediato ao da morte dos cristãos votados às comemorações do circo, realizadas ontem. Deveis saber, portanto, que estais vivendo os últimos minutos.

Calmo, olhos brilhantes e mãos amarradas, Paulo de Tarso, mudo até então, exclamou, surpreendendo os verdugos com a sua majestosa serenidade:

– Ciente da tarefa criminosa que vos incumbe desempenhar... Os discípulos de Jesus não temem os algozes que só lhes podem aniquilar o corpo. Não julgues que vossa espada possa eliminar-me a vida, de vez que, vivendo estes fugazes

minutos em corpo carnal, isso significa que vou penetrar, sem mais demora, nos tabernáculos da vida eterna, com o meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que vos tomará contas, tanto quanto a Nero e Tigelino!...<sup>19</sup>

A patrulha foi tocada pela envergadura moral de Paulo de Tarso. O chefe da escolta, ordenança de Tigelino, desembainhou a espada, trêmulo, lamentando pelo que deveria fazer. Valoroso, Paulo replica-lhe com energia:

– Não tremais!... Cumpri vosso dever até o fim!

Um golpe violento fendeu-lhe a garganta, seccionando quase inteiramente a velha cabeça que se nevara aos sofrimentos do mundo.

Paulo de Tarso caiu redondamente, sem articular uma palavra. O corpo alquebrado embolou-se no solo, como um despojo horrendo e inútil. O sangue jorrava em golfões nas últimas contrações da agonia rápida, enquanto a expedição regressava penosamente, muda, dentro da luz matinal e triunfante.

O valoroso discípulo do Evangelho sentia a angústia das derradeiras repercussões físicas; mas, aos poucos, experimentava uma sensação branda de alívio reparador. [...].<sup>19</sup>

Paulo sentiu que “[...] Mãos carinhosas e solícitas pareciam tocá-lo de leve, como se arrancassem, tão só nesse contato divino, as terríveis impressões dos seus amargurosos padecimentos. Tomado de surpresa, verificou que o transportavam a local distante [...]”.<sup>19</sup> Realmente, Paulo encontrava-se nos planos do Espírito, entre queridos amigos que vieram recepcioná-lo: “[...] Depois de alguns minutos as dores haviam desaparecido por completo. Guardando a impressão de permanecer à sombra de alguma árvore frondosa e amiga, experimentava a carícia das brisas matinais que passavam em lufadas frescas. [...]”.<sup>19</sup> Paulo sentia-se fraco, mas por esforço próprio, procurou se refazer, suplicando auxílio a Jesus. Neste momento, “[...] ouviu passos de alguém que se aproximava de leve. Ocorreu-lhe subitamente o dia inesquecível em que fora visitado pelo emissário do Cristo, na pensão de Judas [Damasco]: – Quem sois? – perguntou como o fizera outrora, naquele lance inolvidável”.<sup>19</sup> E a resposta à pergunta não tardou:

– Irmão Paulo... – começou a dizer o recém-chegado.

O Apóstolo dos Gentios, porém, identificando aquela voz bem-amada, interrompeu-lhe a palavra, bradando com júbilo inexprimível:

– Ananias!... Ananias!...

E caiu de joelhos, em pranto convulsivo.

– Sim, sou eu – disse a veneranda entidade pousando a mão luminosa na sua frente –, um dia Jesus mandou que te restituísse a visão, para que pudesses conhecer o caminho áspero dos seus discípulos e hoje, Paulo, concedeu-me a dita de abrir-te os olhos para a contemplação da vida eterna. Levanta-te!

Já venceste os últimos inimigos, alcançaste a coroa da vida, atingiste novos planos da Redenção!...<sup>19</sup>

À medida em que foi se recompondo, viu as catacumbas da Via Ápia ao longe, absorvendo as belezas e vibrações da realidade extrafísica, sendo envolvido por uma túnica de alvura resplandecente:

[...] Mal despertava do seu deslumbramento, quando alguém lhe bateu levemente no ombro. Era Gamaliel que lhe trazia um ósculo fraternal. Paulo de Tarso sentiu-se o mais ditoso dos seres. Abraçando-se ao velho mestre e a Ananias, num só gesto de ternura, exclamava entre lágrimas:

– Só Jesus me poderia conceder alegria igual a esta!

Mal não acabara de o dizer, começaram a chegar velhos companheiros de lutas terrenas, amigos de outros tempos, irmãos desvelados que lhe vinham trazer as boas-vindas, ao transpor os umbrais da eternidade. Os deslumbramentos do apóstolo sucediam-se ininterruptos. Como se ficassem em Roma, à sua espera, todos os mártires das festividades da véspera chegaram cantando, nas proximidades das catacumbas. Todos queriam abraçar o generoso discípulo, oscular-lhe as mãos. Nesse ínterim, dando a impressão de nascer em maravilhosas fontes do mais além, ouviu-se uma cariciosa melodia acompanhada de vozes argentinas, que deviam ser angélicas. Surpreendido com a beleza da composição, intraduzível na linguagem humana, Paulo ouvia o venerando amigo de Damasco, que explicava solícito:

– Este é o hino dos prisioneiros libertados!...<sup>19</sup>

Paulo passa a remorar os acontecimentos da sua última reencarnação, ora encerrada. Junto com a caravana de sinceros amigos, retorna feliz, voltando, aos lugares em que evangelizou:

Paulo desejava imprimir à divina excursão o sabor de suas reminiscências. Para esse fim, o grupo seguiu ao longo da Via Ápia até Arícia, de onde se desviou em direção a Pozzuoli, em cuja igreja se deteve em preces, por alguns minutos de ventura inigualável. Daí a caravana espiritual demandou a ilha de Malta, transportando-se em seguida para o Peloponeso, onde Paulo se extasiou na contemplação de Corinto, dando curso a recordações carinhosas e doces. Inflamados de entusiasmo fraternal, os componentes da caravana acompanhavam o valoroso discípulo no caminho das sagradas lembranças que lhe vibravam no coração. Atenas, Tessalônica, Filipos, Neápolis, Trôade e Éfeso foram pontos nos quais o apóstolo estacionara, demoradamente, orando com lágrimas de gratidão ao Altíssimo. Atravessadas as zonas da Panfília e da Cilícia, entraram na Palestina, tomados de júbilo e sagrado respeito. Em todos os caminhos incorporavam-se emissários e trabalhadores do Cristo. Paulo não conseguia avaliar a alegria da chegada a Jerusalém, sob o prodigioso azul do crepúsculo.

Obedecendo ao alvitre de Ananias, reuniram-se no cimo do Calvário e ali cantaram hinos de esperanças e de luz.<sup>19</sup>

Ali, no alto do Calvário, Paulo de Tarso elevou, em prantos, fervorosa prece de gratidão a Jesus:

[...] Desenhou-se então, na tela do Infinito, um quadro de beleza singular. Como se houvesse rasgado a imensurável umbela azul, surgiu na amplidão do espaço uma senda luminosa e três vultos que se aproximavam radiantes. O Mestre estava no centro, conservando Estêvão à direita e Abigail ao lado do coração. Deslumbrado, arrebatado, o apóstolo apenas pôde estender os braços, porque a voz lhe fugia no auge da comoção. Lágrimas abundantes perolavam-lhe o rosto também transfigurado. Abigail e Estêvão adiantaram-se. Ela tomou-lhe delicadamente as mãos num assomo de ternura, enquanto Estêvão o abraçava com efusão.

Paulo quis lançar-se nos braços dos dois irmãos de Corinto, beijar-lhes as mãos no seu arroubo de ventura, mas, qual a criança dócil que tudo devesse ao Mestre dedicado e bom, procurou o olhar de Jesus, para sentir-lhe a aprovação.

O Mestre sorriu, indulgente e carinhoso, e falou:

– Sim, Paulo, sê feliz! Vem, agora, a meus braços, pois é da vontade de meu Pai que os verdugos e os mártires se reúnam, para sempre, no meu Reino!...

E assim unidos, ditosos, os fiéis trabalhadores do Evangelho da Redenção seguiram as pegadas do Cristo, em demanda às Esferas da Verdade e da Luz...

Lá embaixo, Jerusalém contemplava, embevecida, o dilúculo vespertino, esperando o luar que não tardaria com os primeiros clarões...<sup>19</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 28:30-31 (Epílogo). Nota de rodapé “f”, p. 1953.
- 2 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coord. da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed., rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. *Atos dos apóstolos*, 28:30. Nota de rodapé “g”, p. 1953.
- 3 SCHUTEL, Cairbar. *Vida e atos dos apóstolos*. 10. ed. Matão, SP: Casa Editora O Clarim. 2006. *Conclusão*, p. 245.
- 4 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: o evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 56, p. 360.
- 5 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.

- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 9 – *O prisioneiro do Cristo*.
- 7 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 8 MURATORI. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cânone\\_Muratori](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cânone_Muratori). Acesso em: 22 ago. 2023.
- 9 TIGELINO. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ofônio\\_Tigelino](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ofônio_Tigelino). Acesso em: 18 ago. 2023.
- 10 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 11 READERS DIGEST LIVROS. *Depois de Jesus: o triunfo do cristianismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999. cap. 2 – *Uma história de três cidades (40–70 d.C.)*, it. Roma arde e Nero castiga os cristãos por isso, subit. Enquanto Roma ardia, p. 67.
- 12 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 13 READERS DIGEST LIVROS. *Depois de Jesus: o triunfo do cristianismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999. cap. 2 – *Uma história de três cidades (40–70 d.C.)*, it. Roma arde e Nero castiga os cristãos por isso, subit. Enquanto Roma ardia, p. 67.
- 14 READERS DIGEST LIVROS. *Depois de Jesus: o triunfo do cristianismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999. cap. 2 – *Uma história de três cidades (40–70 d.C.)*, it. Roma arde e Nero castiga os cristãos por isso, subit. Bodes expiatórios, p. 67 e 68.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 16 READERS DIGEST LIVROS. *Depois de Jesus: o triunfo do cristianismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999. cap. 2 – *Uma história de três cidades (40–70 d.C.)*, it. Roma arde e Nero castiga os cristãos por isso, subit. Bodes expiatórios, p. 68.
- 17 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 18 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.
- 19 XAVIER, Francisco Cândido. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45. ed. 19. imp. Brasília, DF: FEB, 2021. 2ª pt., cap. 10 – *Ao encontro do Mestre*.



---

## O QUE É ESPIRITISMO?

---

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compiliou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por não se perceber essa associação. O

Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.

## O EVANGELHO NO LAR

*Quando o ensinamento do Mestre vibra entre quatro paredes de um templo doméstico, os pequeninos sacrifícios tecem a felicidade comum.\**

Quando entendemos a importância do estudo do Evangelho de Jesus, como diretriz ao aprimoramento moral, compreendemos que o primeiro local para esse estudo e vivência de seus ensinamentos é o próprio lar.

É no reduto doméstico, assim como fazia Jesus, no lar que o acolhia, a casa de Pedro, que as primeiras lições do Evangelho devem ser lidas, sentidas e vivenciadas.

O espírita compreende que sua missão no mundo principia no reduto doméstico, em sua casa, por meio do estudo do Evangelho de Jesus no Lar.

Então, como fazer?

Converse com todos que residem com você sobre a importância desse estudo, para que, em família, possam compreender melhor os ensinamentos cristãos, a partir de um momento de união fraterna, que se desenvolverá de maneira harmônica e respeitosa. Explique que as reflexões conjuntas acerca do Evangelho permitirão manter o ambiente da casa espiritualmente saneado, por meio de sentimentos e pensamentos elevados, favorecendo a presença e a influência de Mensageiros do Bem; explique, também, que esse momento facilitará, em sua residência, a recepção do amparo espiritual, já que auxilia na manutenção de elevado padrão vibratório no ambiente e em cada um que ali vive.

Convide sua família, quem mora com você, para participar. Se mora sozinho, defina para você esse momento precioso de estudo e reflexões. Lembre-se de que, espiritualmente, sempre estamos acompanhados.

Escolha, na semana, um dia e horário em que todos possam estar presentes.

O tempo médio para a realização do Evangelho no Lar costuma ser de trinta minutos.

As crianças são bem-vindas e, se houver visitantes em casa, eles também podem ser convidados a participar. Se não forem espíritas, apenas explique a eles a finalidade e importância daquele momento.

O seguinte roteiro pode ser utilizado como sugestão:

Preparação: leitura de mensagem breve, sem comentários;

Início: prece simples e espontânea;

Leitura: *O evangelho segundo o espiritismo* (um ou dois itens, por estudo, desde o prefácio);

Comentários: breves, com a participação dos presentes, evidenciando o ensino moral aplicado às situações do dia a dia;

Vibrações: pela fraternidade, paz e pelo equilíbrio entre os povos; pelos governantes; pela vivência do Evangelho de Jesus em todos os lares; pelo próprio lar...

Pedidos: por amigos, parentes, pessoas que estão necessitando de ajuda...

Encerramento: prece simples, sincera, agradecendo a Deus, a Jesus, aos amigos espirituais.

As seguintes obras podem ser utilizadas nesse momento tão especial:

*O evangelho segundo o espiritismo, como obra básica;*

*Caminho, verdade e vida; Pão nosso; Vinha de luz; Fonte viva; Agenda cristã.*

Esse momento no lar não se trata de reunião mediúnica e, portanto, qualquer ideia advinda pela via da intuição deve permanecer como comentário geral, a ser dito de maneira simples, no momento oportuno.

No estudo do Evangelho de Jesus no Lar, a fé e a perseverança são diretrizes ao aprimoramento moral de todos os envolvidos.

## CARIDADE: AMOR EM AÇÃO

SEDE BONS E CARIDOSOS: essa a chave que tendes em vossas mãos. Toda a eterna felicidade se contém nesse preceito: “Amai-vos uns aos outros”. KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*, cap. 13, it. 12.

A Federação Espírita Brasileira (FEB), em 20 de abril de 1890, iniciou sua *Assistência aos Necessitados* após sugestão de Polidoro Olavo de S. Thiago ao então presidente Francisco Dias da Cruz. Durante oitenta e sete anos, esse atendimento representava o trabalho de auxílio espiritual e material às pessoas que o buscavam na Instituição. Em 1977, esse serviço passou a chamar-se Departamento de Assistência Social (DAS), cujas atividades assistenciais nunca se interromperam.

Desde então, a FEB, por seu DAS, desenvolve ações socioassistenciais de proteção básica às famílias em situação de vulnerabilidade e risco socioeconômico. Fortalece os vínculos familiares por meio de auxílio material e orientação moral-doutrinária com vistas à promoção social e crescimento espiritual de crianças, jovens, adultos e idosos.

Seu trabalho alcança centenas de famílias. Doa enxovais para recém-nascidos, oferece refeições, cestas de alimentos, cursos para jovens, serviços de convivência e fortalecimento de vínculos para idosos e organiza doações de itens que são recebidos na Instituição e repassados a quem necessitar.

Essas atividades são organizadas pelas equipes do DAS e apoiadas com recursos financeiros da Instituição, dos frequentadores da Casa e por meio de doações recebidas, num grande exemplo de união e solidariedade.

Seja sócio-contribuinte da FEB, adquira suas obras e estará colaborando com o seu Departamento de Assistência Social.

# LITERATURA ESPÍRITA

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, é comum encontrar pessoas que se interessem por assuntos como imortalidade, comunicação com Espíritos, vida após a morte e reencarnação. A crescente popularidade desses temas pode ser avaliada com o sucesso de vários filmes, seriados, novelas e peças teatrais que incluem em seus roteiros conceitos ligados à Espiritualidade e à alma.

Cada vez mais, a imprensa evidencia a literatura espírita, cujas obras impressionam até mesmo grandes veículos de comunicação devido ao seu grande número de vendas. O principal motivo pela busca dos filmes e livros do gênero é simples: o Espiritismo consegue responder, de forma clara, perguntas que pairam sobre a Humanidade desde o princípio dos tempos. Quem somos nós? De onde viemos? Para onde vamos?

A literatura espírita apresenta argumentos fundamentados na razão, que acabam atraindo leitores de todas as idades. Os textos são trabalhados com afinco, apresentam boas histórias e informações coerentes, pois se baseiam em fatos reais.

Os ensinamentos espíritas trazem a mensagem consoladora de que existe vida após a morte, e essa é uma das melhores notícias que podemos receber quando temos entes queridos que já não habitam mais a Terra. As conquistas e os aprendizados adquiridos em vida sempre farão parte do nosso futuro e prosseguirão de forma ininterrupta por toda a jornada pessoal de cada um.

Divulgar o Espiritismo por meio da literatura é a principal missão da FEB, que, há mais de cem anos, seleciona conteúdos doutrinários de qualidade para espalhar a palavra e o ideal do Cristo por todo o mundo, rumo ao caminho da felicidade e plenitude.

## O LIVRO ESPÍRITA

CADA LIVRO EDIFICANTE é porta libertadora.

O livro espírita, entretanto, emancipa a alma nos fundamentos da vida.

O livro científico livra da incultura; o livro espírita livra da crueldade, para que os louros intelectuais não se desregrem na delinquência.

O livro filosófico livra do preconceito; o livro espírita livra da divagação delirante, a fim de que a elucidação não se converta em palavras inúteis.

O livro piedoso livra do desespero; o livro espírita livra da superstição, para que a fé não se abastarde em fanatismo.

O livro jurídico livra da injustiça; o livro espírita livra da parcialidade, a fim de que o direito não se faça instrumento da opressão.

O livro técnico livra da insipiência; o livro espírita livra da vaidade, para que a especialização não seja manejada em prejuízo dos outros.

O livro de agricultura livra do primitivismo; o livro espírita livra da ambição desvairada, a fim de que o trabalho da gleba não se envileça.

O livro de regras sociais livra da rudeza de trato; o livro espírita livra da irresponsabilidade que, muitas vezes, transfigura o lar em atormentado reduto de sofrimento.

O livro de consolo livra da aflição; o livro espírita livra do êxtase inerte, para que o reconforto não se acomode em preguiça.

O livro de informações livra do atraso; o livro espírita livra do tempo perdido, a fim de que a hora vazia não nos arraste à queda em dívidas escabrosas.

Amparemos o livro respeitável, que é luz de hoje; no entanto, auxiliemos e divulguemos, quanto nos seja possível, o livro espírita, que é luz de hoje, amanhã e sempre.

O livro nobre livra da ignorância, mas o livro espírita livra da ignorância e livra do mal.

EMMANUEL\*

## O QUE É ESPIRITISMO?

O ESPIRITISMO É UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS E LEIS revelados por Espíritos Superiores ao educador francês Allan Kardec, que compilou o material em cinco obras que ficariam conhecidas posteriormente como a Codificação: *O livro dos espíritos*, *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O céu e o inferno* e *A gênese*.

Como uma nova ciência, o Espiritismo veio apresentar à Humanidade, com provas indiscutíveis, a existência e a natureza do Mundo Espiritual, além de suas relações com o mundo físico. A partir dessas evidências, o Mundo Espiritual deixa de ser algo sobrenatural e passa a ser considerado como inesgotável força da Natureza, fonte viva de inúmeros fenômenos até hoje incompreendidos e, por esse motivo, são tidos como fantasiosos e extraordinários.

Jesus Cristo ressaltou a relação entre homem e Espírito por várias vezes durante sua jornada na Terra, e talvez alguns de seus ensinamentos pareçam incompreensíveis ou sejam erroneamente interpretados por

não se perceber essa associação. O Espiritismo surge então como uma chave, que esclarece e explica as palavras do Mestre.

A Doutrina Espírita revela novos e profundos conceitos sobre Deus, o Universo, a Humanidade, os Espíritos e as leis que regem a vida. Ela merece ser estudada, analisada e praticada todos os dias de nossa existência, pois o seu valioso conteúdo servirá de grande impulso à nossa evolução.



Conselho Editorial:

*Carlos Roberto Campetti*

*Cirne Ferreira de Araújo*

*Evandro Noletto Bezerra*

*Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial*

*Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente*

*Maria de Lourdes Pereira de Oliveira*

*Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi*

Produção Editorial:

*Elizabete de Jesus Moreira*

Revisão:

*Mônica Santos*

Capa:

*Thiago Pereira Campos*

Projeto gráfico e diagramação:

*Rones José Silvano de Lima – [instagram.com/bookebooks\\_designer](https://www.instagram.com/bookebooks_designer)*

Normalização técnica

*Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro*

Esta edição foi impressa pela Viena Gráfica e Editora Ltda., Santa Cruz do Rio Pardo, SP, com tiragem de 1 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 124x204 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 63 g/m<sup>2</sup> para o miolo e o Cartão 250 g/m<sup>2</sup> para a capa. O texto principal foi composto em Minion Pro 12/15 e os títulos em Zurich Lt BT Light 22/26,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*



## LIVRO VI

# ESTUDO INTERPRETATIVO DE ATOS DOS APÓSTOLOS

A Federação Espírita Brasileira apresenta o programa *O Evangelho Redivivo*, uma proposta de estudo sistematizado e sequencial dos 27 textos que compõem o Novo Testamento – do *Evangelho segundo Mateus* ao *Apocalipse de João* –, à luz dos ensinamentos da Doutrina Espírita. Organizado em 9 livros, o curso visa à interpretação da mensagem cristã em seu sentido verdadeiro, extraíndo-se o espírito da letra, de modo que Jesus possa ser conhecido, meditado, sentido e vivido.



Escrito pelo Evangelista Lucas, *Atos dos apóstolos* narra os acontecimentos mais importantes da Era Apostólica e apresenta, com riqueza de detalhes, a pureza e a cristalinidade das ações e ensinamentos protagonizados pelos primeiros cristãos. Registro de suma importância para o conhecimento das raízes históricas do Cristianismo, o livro representa os rastros de luzes concedidos por Jesus através de seus intrépidos e dedicados seguidores, nos trinta anos iniciais após a crucificação, ressurreição e ascensão do Cristo.

Recorrendo à história e geografia dos locais onde os fatos se deram, às contribuições dos principais pesquisadores e às revelações da literatura espírita, a epopeia apostólica ressurgue diante de nossos olhos admirados. Participaremos das reuniões dos discípulos na simplicidade gloriosa do Cenáculo, em Jerusalém. Assistiremos ao esplendor mediúnico do Pentecostes e à criação da primeira comunidade cristã. Acompanharemos as primeiras missões. O primeiro mártir. A transformação de Saulo, perseguidor, em Paulo, perseguido. As viagens e a divulgação evangélica pelo mundo então conhecido. O martírio e triunfo dos cristãos primitivos.

No sexto livro da série *O Evangelho Redivivo*, você é convidado a vivenciar a jornada transformadora da Boa-Nova no recinto sagrado do próprio coração.



Livro espírita para um novo mundo



@febeditora



@febeditoraoficial

[www.febeditora.com.br](http://www.febeditora.com.br)

ISBN 978-65-5570-641-3



9 786555 706413

Adquirindo esta obra, você está colaborando com as ações de assistência e promoção social da FEB e com o Movimento Espírita na divulgação do Evangelho de Jesus à luz do Espiritismo.

## O Evangelho Redivivo

LIVRO I

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE  
O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO II

ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

LIVRO III

ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

LIVRO IV

ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

LIVRO V

ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

LIVRO VI

ESTUDO INTERPRETATIVO DE  
ATOS DOS APÓSTOLOS

LIVRO VII

ESTUDO INTERPRETATIVO DAS  
EPÍSTOLAS DE PAULO DE TARSO

LIVRO VIII

ESTUDO INTERPRETATIVO DAS  
EPÍSTOLAS DE TIAGO, PEDRO,  
JOÃO E JUDAS TADEU

LIVRO IX

ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
APOCALIPSE DE JOÃO